

Antoinette de Brito Madureira

**VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES:
MÉDIUNS E EMOÇÕES
NO CAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA DE NATAL (RN)**

Recife, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES:
MÉDIUNS E EMOÇÕES
NO CAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA DE NATAL (RN)**

ANTOINETTE DE BRITO MADUREIRA

RECIFE

2010

ANTOINETTE DE BRITO MADUREIRA

**VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES:
MÉDIUNS E EMOÇÕES
NO CAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA DE NATAL (RN)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Felipe Rios e do Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte para obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

ORIENTADOR: PROF. DR. LUÍS FELIPE RIOS

Co-ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE

RECIFE

2010

Madureira, Antoinette de Brito

Vassouras, ciganas e extraterrestres : médiuns e emoções no campo religioso espírita de Natal (RN) / Antoinette de Brito Madureira. - Recife : O Autor, 2010.

386 folhas: il. imagens.

**Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Antropologia, 2010.**

Inclui: bibliografia, apêndices e anexos.

1. Antropologia. 2. Espiritismo. 3. Mediunidade. 4. Emoções. 5. Desobsessão. 6. Espíritas – Natal (RN). I. Título.

39
390

CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
BCFCH2010/29

ANTOINETTE DE BRITO MADUREIRA

**“VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES: MÉDIUNS E EMOÇÕES NO
CAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA DE NATAL (RN)”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 23/02/ 2010.

BANCA EXAMINADORA

Luís Felipe Rios do Nascimento
Profº Drº Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Luiz Fernando Dias Duarte
Profº Drº Luiz Fernando Dias Duarte (Co-Orientador)
PPGAS/Museu Nacional/UFRJ

Maria do Carmo Brandão de Aguiar Machado
Profª Drª Maria do Carmo Brandão de Aguiar Machado (Examinadora Titular Interna) Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Lady Selma Ferreira Albernaz
Profº Drº Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Zuleica Dantas Pereira Luyas
Profª Drª. Zuleica Dantas Pereira (Examinadora Titular Externa)
UNICAP/PPCR

Pedro de Oliveira Filho
Profº Drº Pedro Oliveira (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro, para os devidos fins, que **ANTOINETTE DE BRITO MADUREIRA**, foi Aprovada por unanimidade na defesa de sua Tese para obtenção de Grau de Doutora em Antropologia, no dia 23 de fevereiro de 2010, às 14:00 (quatorze horas), no Auditório da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, com o título: **“VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES: MÉDIUNS E EMOÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA DE NATAL (RN)”**. A sua banca Examinadora foi composta pelos seguintes membros Professores Doutores: Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador-UFPE), Luiz Fernando Dias Duarte (Co-Orientador – UFRJ), Maria do Carmo Brandão de Aguiar Machado (Examinadora Titular Interna – UFPE), Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinadora Titular Interna – UFPE), Zuleica Dantas Pereira (Examinadora Titular Externa – UNICAP) e Pedro Oliveira (Examinador Titular Externo – PPGPsi/UFPE).

Recife, 23 de fevereiro de 2010.

Jonas Cabral de Barros Júnior
Secretário
Matricula SIAPE 1114304
Pós-Graduação em Antropologia
UFPE

Programa de Pós-Graduação em Antropologia - CFCH - UFPE
Cidade Universitária - Recife -PE - Av. Prof. Moraes Rêgo, 1235
CEP-50670-901 - Fax(081)2126-8282 Fone:(081)2126-8286

Dedico este trabalho à minha mãe, Ionete,
minha espírita preferida.

Comecei a bordar ainda na Iugoslávia, com linha hidrocor de crochê, cobrindo a bolsa de figuras surrealistas em pontos gigantescos e tudo emaranhado atrás. Pegava um fio e ia vindo, virando a bolsa pra dar forma às imagens de sonho na tentativa de sempre concretizar. Entre um devaneio e outro, olhava pela janela.

Silvia Escorel, "Um telefone é muito pouco"

AGRADECIMENTOS

À Inteligência Suprema, Causa Primeira de Todas as Coisas.

Aos espíritas dos grupos estudados, por partilharem comigo suas vivências. Obrigada pelo carinho e pela solicitude com que sempre fui recebida. A eles gostaria de dizer que o profundo respeito pelo espiritismo permeou toda a escritura deste trabalho. Porém, sei que perceberão, aqui, inúmeras falhas e lacunas. Peço, antecipadamente, desculpas por minha limitada e imperfeita interpretação.

A Luís Felipe Rios, meu "treinador", que em certa tarde de janeiro me ofertou o ponto da pomba-gira cigana, e a quem devo não só este "ponto", mas tantos outros que todas as palavras não caberiam aqui para expressar. A Felipe agradeço por examinar – e recolher! – as potências mais escondidas da minha escrita, em seus insights fantásticos, compartilhando comigo saberes e alegrias, sem, contudo, ignorar o meu trilhar, por vezes solitário. Agradeço, sobretudo, por acreditar em mim.

A Luiz Fernando Dias Duarte, meu co-orientador, que mesmo tão ocupado, achou sempre um tempo para partilhar comigo seu saber, sua paz de espírito, seu amor pela antropologia e sua incrível humildade, me ajudando a ter fé em mim mesma.

À CAPES, pelo incentivo financeiro, sem o qual eu não poderia ter realizado este curso de pós-graduação.

Aos/às professores/as Maria do Carmo Brandão, Lady Selma Albernaz, Zuleica Dantas Pereira, Pedro Oliveira, assim como aos/às professores/as Roberto Motta, Marion Quadros, Jailelia de Araújo Meneses Santos e Rosineide Cordeiro por muito gentilmente aceitarem participar da banca de defesa de tese.

Aos/às queridos/as professores/as do PPGA/UFPE, sobretudo Roberto Motta, Maria do Carmo Brandão, Parry Scott e Judith Hoffnagel, por aliarem saber e leveza.

Um agradecimento especial à professora Roberta Bivar Campos, por tão carinhosamente me acompanhar em meus primeiros passos no doutorado.

Aos/às professores/as Hulda Helena Stadtler, Roberto Motta, Bartolomeu Tito e Maria do Carmo Brandão, que compuseram as bancas de projeto e qualificação, pelas sugestões que auxiliaram a melhor enquadrar o trabalho em seu início.

Aos/às professores/as do PPGAS/UFRN, em especial a Elisete Shwade, Luiz Assunção, Lisabete Coradini, Julie Antoinette Cavignac, Ana Laudelina Gomes, Anita Monteiro e Alípio de

Souza, por terem iniciado a minha formação de antropóloga no II Curso de Especialização em Antropologia Urbana do PPGAS.

Um agradecimento especialmente carinhoso aos professores Luiz Carvalho de Assunção e João Dantas Pereira, pela ajuda absolutamente fundamental na escritura do projeto de doutorado.

Ao Departamento de Serviço Social da UFRN, por me conceder o afastamento das atividades acadêmicas, para que eu pudesse cursar com mais tranquilidade o doutorado. Agradeço especialmente aos/as professores/as Rita de Lourdes, Dalva Horácio, Íris, Silvana Mara, Fernando, Mônica, João Dantas, Eliana Andrade, Márcia Sá, Severina Garcia, Odília, Erlane, Neuza, Carla Montefusco, Agripina, Domício, Da Paz, Francisca Bernardo, Denise Câmara, Célia Nicolau e tantos outros, por apostarem em minha qualificação.

Ao meu querido professor Eliezer, o primeiro herege que conheci.

À minha querida e eterna professora Carminha, a minha primeira cigana, com infinitas saudades.

Às/ao funcionárias/o do PPGA/UFPE: Regina, Ana Maria, Mírian, Ademilda e Jonas, e à querida Priscila, do DESSO/UFRN, pela presteza, simpatia e carinho, sempre, sempre.

Aos companheiros de quatro anos de sala de aula, alunos do PPGA/UFPE, em suas várias gerações: Cristiany, Bia Leão, Emanuelle, Rosana, Danieli, Gilson, Kelly, Adjair, Eduardo, Wanda, Graça, Mônica, Fátima, Cecília, Georgia, Silvana, Sávio e tantos outros. Valeu pela alegria!

A Martín, com admiração.

Aos amados João Bosco Araújo e Rosineide Cordeiro, por me apresentarem à antropologia. A culpa é de vocês!

Às amigas queridas Isabella e Daniella, pela cumplicidade.

Às amigas lindas Juliana e Márcia, unha e carne, e já são vinte anos!

À amiga admirável e amada antropo/psi Cinthia "salobra", minha irmãzinha no Recife, sempre ao meu lado, em todos os momentos.

À minha amiga e personal stylist Geísa, pelos crepes na douce france, glamour mesmo sem grana...

Aos queridos Barbara e Vito, pelo coração aberto e as risadas.

Às amigas distantes, mas não esquecidas: Ailta, Francineide, Anésia, Denise, Rita Andrade. Trago vocês no coração.

À gloriosa Eliane, pelos dois anos em que me ajudou a "focar no essencial", e, corajosamente, aguentou a barra.

A Etinha, Cida, Neide e Lourdes, pelo essencial apoio nas tarefas domésticas, sem o qual eu jamais teria escrito este trabalho.

A Evelyne e Fábio, que proporcionaram a que eu me sentisse em família, no Recife.

Ao meu pai Antoine, minha mãe Ionete e meus irmãos Antoine Jr., André e Adriano, que antes mesmo que eu escreva qualquer coisa, já estão se orgulhando de mim.

Aos meus queridos sogros, Ivanise e Roberto, pelo pouso seguro em minhas muitas vindas para Natal, pelo afeto a mim dedicado e pelo respeito com que sempre trataram o espiritismo, a minha querida tia Neta, e por fim, a Jonas, com saudade.

Aos meus filhos Antonio de Odilon e Maria de Lourdes, meus tesouros maiores, por fazerem tudo valer a pena.

Às minhas outras crianças: Brunão, Rafinha, Gaby, Lulu, Cacá e Samita, por adoçarem a minha vida.

Finalmente, a Wendell, meu marido, amigo, companheiro, que acompanhou cada minuto destes cinco anos, e que, comigo, foi ao campo de pesquisa, tomando também contato com meus informantes, assistindo palestras em centros espíritas até muito tarde da noite ao meu lado, e me levando e trazendo de Recife para Natal, para que eu pudesse manter a presença no campo, mesmo morando longe; sei que muitas vezes folheava os meus livros, como a me procurar por dentro deles, já que frequentemente eu estava tão distante, trancada no escritório, escrevendo, escrevendo. Obrigada por ter me suportado por dias e dias em que a única música possível no laptop eram as entrevistas intermináveis sobre coisas do outro mundo, e pelos longos tempos onde todos os assuntos findavam na tese. Jamais me esquecerei de ter contado com o seu sorriso e sua paciência infinda ao me ver tagarelar sem parar sobre "as últimas novidades do campo". Sua presença imprimiu paz de espírito a um processo que, em geral, é intensamente desgastante. Obrigada por tudo; aliás, obrigada pelo seu amor.

RESUMO

Esta tese discute a constituição de emoções em grupos e indivíduos identificados com a prática da mediunidade no campo religioso espírita de Natal – Rio Grande do Norte. Ela se origina de um trabalho de pesquisa empírica de cunho etnográfico que objetivou identificar como o espiritismo se diz e se faz, a partir dos elementos mediunidade e emoção. Buscou compreender o que emoção pode dizer sobre a adesão de grupos e pessoas ao modelo de ser espírita veiculado e valorizado pelo órgão que regula as práticas espíritas no Brasil, a Federação Espírita Brasileira – FEB. Em adição, explorou os mecanismos que contribuem para constituir emoções vistas como corretas nos indivíduos, conforme modelos idealizados apresentados pela FEB e por grupos dela aliados ou desregulados. Adotou-se, neste trabalho, uma perspectiva pragmática dentro do campo da Antropologia das Emoções. A pesquisa realizou-se em três grupos: o mediúnico do centro espírita Irmãos Unidos, o Grupo Ramatís do centro espírita Bezerra de Menezes e o Grupo Atlan. Foram utilizadas as técnicas de observação participante, entrevista e análise documental. Foi evidenciado um contexto de disputas pelo verdadeiro espiritismo e pelo legítimo combate ao Mal, com variações na construção mitológica e nos ritos mediúnicos, sugerindo diferentes modelos de pessoa espírita em atuação. Nesse contexto, o ritual da desobsessão, nos moldes como executado em cada grupo, foi pensado como um dispositivo capaz de engendrar sentidos sobre os seres e o mundo, no momento mesmo em que constitui um discurso racializado para falar das emoções e sobre a salvação. Em suas performances discursivas, os médiuns entrevistados se identificam e se diferenciam na adesão ao grupo e ao rito desobsessivo, e nestas adesões, ancoram situacionalmente seus discursos emotivos, conferindo um lugar ao seu espiritismo ante a disputa pela legitimidade de sua guerra contra o Mal.

Palavras-chave: 1. Antropologia. 2. Espiritismo. 3. Mediunidade. 4. Emoções. 5. Desobsessão. 6. Espíritas.

ABSTRACT

This thesis discusses the constitution of emotions in groups and individuals identified with the practice of mediumship in the spiritualist religious field of Natal – Rio Grande do Norte. It has its origins in an empirical research work of ethnographic basis whose objective was to identify what the Spiritualism says about itself and how it does itself, from the elements of mediumship and emotion. It looked forward to understand what emotion can say about the adherence of groups and people to the being-a-spiritualist-model diffused and praised by the organization that directs the spiritualist practices in Brazil, the Federação Espírita Brasileira, FEB. In addition, it explored the mechanisms that contribute to establish emotions seen as correct in individuals, according to idealized models presented by FEB and/or by groups that were deregulated from it. In this work a pragmatic perspective was adopted inside the Anthropology of Emotions field. The research was carried out in three groups: the mediumistic of the spiritualist center Irmãos Unidos, the Ramatis Group of the spiritualist center Bezerra de Menezes and the Atlan Group. Technics of participant observation, interview and documental analysis were employed. A context of struggles for the true spiritualism and for the true combat to Evil became evident, with variations in the mythological construction and in the mediumistic rites, suggesting different models of a spiritualist person in performance. In this context the disobsession rite, in the patterns as performed in each group, was thought as a device able to produce senses about the beings and the world, and at the same time it constitutes a racialized speech to talk about emotions and about salvation. In their discursive performances, the mediums that were interviewed identify and distinguish themselves in the adherence to the group and to the disobsession rite, and in these adherences, they situationally anchor their emotive speeches, granting a place to their spiritualism before the quarrel for the legitimacy of their war against Evil.

Key words: 1. Anthropology. 2. Spiritualism. 3. Mediumship. 4. Emotions. 5. Disobsession. 6. Spiritualists.

SIGLAS

1. ACEABM: Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes
2. CCABM: Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes
3. CEEL - Centro Espírita Evangelho no Lar
4. FEB: Federação Espírita Brasileira
5. FERN: Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Norte.
6. GEIU: Grupo Espírita Irmãos Unidos
7. TEDCC: Templo Espírita Deus, Cristo e Caridade.
8. USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Duas imagens psicopictografadas de Ramatís (página 123);
- Os sete corpos humanos (página 186);
- Ambientes extrafísicos de proteção na apometria (página 191);

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - Documento "Orientação para a realização das reuniões mediúnicas" do GEIU;

ANEXO 2 - Carta contendo a resposta do Grupo Ramatís à solicitação da Diretoria do Centro Espírita Bezerra de Menezes acerca do "teor de suas reuniões";

ANEXO 3 - Manifesto divulgado em forma de panfletos no mês de novembro de 2008 entre trabalhadores e público atendido pelo centro espírita Bezerra de Menezes. Texto idealizado pelo grupo descontente com a proposta de adesão do centro espírita Bezerra de Menezes à FERN;

ANEXO 4 - Carta da FERN a Gerson Simões Monteiro, presidente da USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Natal, 30 de junho de 2003;

ANEXO 5 - Carta de Rogério de Freitas à FERN. Natal, 22 de outubro de 2003;

ANEXO 6 - Carta de Manoel Pereira Junior, presidente do Grupo Atlan, a Gerson Simões Monteiro, presidente da USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Sem data;

ANEXO 7 - Cartaz de palestras de Rogério de Freitas (Jan Val Ellam);

ANEXO 8 - Rogério de Freitas (Jan Val Ellam) na Revista UFO;

ANEXO 9 - Cerimonial do Grupo Ramatís de Natal;

ANEXO 10 – Figuras psicopictografadas dos chamados Mestres Ascensos;

ANEXO 11 - Emblemas de identificação do Comando Galáctico Interestelar/Armadas Celestiais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, OU OS DOIS LADOS DA TAPEÇARIA.....	21
ESPIRITISMO, EMOÇÃO, CORPO.....	24
▪ Emoções como objeto antropológico: notas introdutórias	31
▪ EUA – Europa – Brasil: do espiritualismo moderno aos espiritismos brasileiros	32
▪ Corpo e emoção nos espiritismos.....	37
▪ O trabalho de campo	40
O AVESSO	41
▪ O centro espírita e a <i>aflição</i> , ou o episódio das <i>vassouras</i>	41
▪ "Estávamos varrendo sua casa para você encontrar o seu caminho": da obsessão à cura.....	43
▪ Entre bruxas e discos voadores: Ramatís, Jan Val Ellam e a Wicca	48
▪ Os primeiros fios.....	52
▪ Da tessitura, ou sobre os próximos capítulos	54

PARTE I UM TECIDO EM TONS SÓBRIOS: ESPIRITISMOS DA "PUREZA DOUTRINÁRIA"

CAPÍTULO 1 SOBRE A HIGIENE CÓSMICA: RAÇA, EVOLUÇÃO E EMOÇÕES NA LETRA DO ESPIRITISMO.....	56
1.1 ORBES, MUNDOS E CORPOS EM EVOLUÇÃO	60
1.2 DE SELVAGENS A CIVILIZADAS: O APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS HUMANAS.....	62
1.3 DO "NECESSÁRIO DEGREDO": A EXPULSÃO DOS INADEQUADOS	67
1.3.1 Da queda angélica – os capelinos	69
1.4 O MITO E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	71
1.5 EMOÇÕES	76
CAPÍTULO 2 MEDIUNIDADE, INCLINAÇÕES CARNAIS E VIRTUDES NO ESPIRITISMO ADESO	78
2.1 IRMÃOS UNIDOS	79
2.2 O COTIDIANO DO CENTRO	83
2.2.1 Palestra.....	84
2.2.2 Reunião de estudo do "mediúnico".....	87
2.2.3 Diálogo fraterno.....	91

2.2.4 Reunião de desobsessão.....	94
2.2.5 Sobre o tornar-se espírita	100
2.3 A DESOBSSESSÃO COMO UM DISPOSITIVO.....	101
2.4 EDUCANDO OS AFETOS ATRAVÉS DO PASTORADO	105
 PARTE II DOS FIOS PARTIDOS: ESPIRITISMOS HETERODOXOS	
CAPÍTULO 3 DESATANDO UM NÓ: OS RAMATISIANOS.....	110
3.1 A ASSOCIAÇÃO CENTRO ESPÍRITA ADOLFO BEZERRA DE MENEZES	112
3.2 OS GRUPOS INTERNOS	115
3.2.1 O Grupo de Estudos Ramatís de Natal.....	116
3.2.1.1 O espírito Ramatís e o movimento espírita.....	117
3.2.1.2 As críticas a Ramatís.....	122
3.2.2 A "Sociedade Beneficente e Filantrópica Atlan", ou Grupo Atlan	125
3.3 "ONDE ESTÁ O QUADRO?" OU O GRUPO INEXISTENTE	130
3.4 MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO, CRISE E DISSIDÊNCIAS	135
CAPÍTULO 4 UMA TRAMA GALÁCTICA.....	137
4.1 JAN VAL ELLAM: "OS TEMPOS CÓSMICOS SÃO CHEGADOS"	140
4.2 ESPIRITISMO E EXTRATERRESTRES	152
4.3 "ESQUINA DA GALÁXIA".....	156
4.3.1 Natal, a base e os estrangeiros	158
4.3.2 "Nós somos os rebelados"	162
4.4 AINDA SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO MITO	163
CAPÍTULO 5 ESTREITANDO LAÇOS CÓSMICOS, ROMPENDO AMARRAS CARNAIS: RITOS DE ASCENSÃO NO GRUPO RAMATÍS	169
5.1 RITUAIS DO GRUPO RAMATÍS	169
5.1.1 O "cerimonial"	169
5.1.2 Apometria	178
5.1.2.1 A reunião de desobsessão apométrica	184
5.1.2.2 Desobsessão apométrica e "desobsessão simples": o debate.....	189
5.2 O GRUPO RAMATÍS NO BEZERRA.....	191
5.3 ALINHAVANDO	194
5.4 DADO O NÓ, PUXO MAIS UM FIO.....	198

PARTE III CARREIRAS ENREDADAS: OS MÉDIUNS

CAPÍTULO 6 ARABELA	201
6.1 O ASSÉDIO DOS MORTOS	202
6.2 DA FREIRA TUBERCULOSA A MARIA NÃO-SEI-DO-QUÊ.....	204
6.3 O MEDO	207
6.4 DO EXCESSO À BRANDURA: "ACERTANDO O TOM"	209
6.5 EU JÁ ERA UMA PESSOA EQUILIBRADA, SÓ NÃO TINHA ENCONTRADO O MEU CAMINHO	215
6.6 "TÃO FELIZ": CRESCIMENTO, CONFIANÇA E ALEGRIA	217
CAPÍTULO 7 MIRIAM	223
7.1 SOBRE OS LAÇOS, OU "ABRIGANDO ENERGIAS"	225
7.1.1 O "amor completo": de Jesus a Ramatís	230
7.1.2 Do poder: o Caboclo das Sete Encruzilhadas	235
7.1.3 O apômetra: João Machado, a heresia e a calma	236
7.1.4 Com o "médico de Moscou": Vulpiano e a bravura.....	241
7.2 Os QUATRO CAVALEIROS E A GUERRA DE MIRIAM.....	244
CAPÍTULO 8 ROGÉRIO	249
8.1 SEGUINDO OS PASSOS DO "MALDITO"	252
8.1.1 Sobre o calvário: a revelação	254
8.1.2 "Batalhas nas trevas": o treinamento	257
8.1.3 "Quem está lhe pedindo é o crucificado do meio": a tarefa.....	259
8.2 ENTRE KARDEC E FLAMMARION	261
8.3 O "MUNDANO" E A MORAL ESPÍRITA	263
8.4 A VOLTA DE JESUS EM UM DISCO VOADOR	266
8.5 "SÃO TODOS UNS CRETINOS": ANTE JAVÉ E OS ESPÍRITAS, O DESTEMOR.....	272
8.6 MAGO E PROFETA.....	276

CAPÍTULO 9 ARREMATANDO O BORDADO: A PESSOA ESPÍRITA.....	280
9.1 A NOÇÃO DE EU: A PESSOA	281
9.2 O EU ESPÍRITA.....	284
9.3 FRATURAS E SÍNTESSES.....	286
9.4 DAS ADESÕES.....	290
9.5 MODELOS DO EU: BRANDURA, CORAGEM E DESOBEDIÊNCIA	291
9.6 ÚLTIMOS FIOS: EMOÇÕES NOS ESPIRITISMOS	294
VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES.....	298
10.1 MAIS UM CARREIRA MEDIÚNICA, OU "ERA UMA VEZ UMA CIGANA..."	299
10.2 SOBRE A OVELHA DESGARRADA: ESPÍRITOS E RECONVERSÃO.....	301
10.3 EXUS, CABOCLOS E BEDUÍNOS DO DESERTO: NO GRUPO RAMATÍS	305
10.4 DO "DEIXAR-SE AFETAR"	308
10.5 A GUERRA ESPÍRITA OU O "MARTÍRIO DAS ALMAS": DE VOLTA ÀS VASSOURAS	311
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	315
APÊNDICE I CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES CITADOS	336
APÊNDICE II GLOSSÁRIO.....	338
ANEXOS	345

INTRODUÇÃO, OU OS DOIS LADOS DA TAPEÇARIA

Esta tese se origina de um trabalho de pesquisa empírica de cunho etnográfico¹ e tem como objetivo discutir a constituição de emoções em grupos e indivíduos identificados com a prática da mediunidade no campo religioso espírita de Natal, Rio Grande do Norte.

São examinados três grupos espíritas: o primeiro deles é o "Grupo de Estudos e Desenvolvimento da Mediunidade e Desobsessão", chamado pelos nativos de *mediúnico*; ele faz parte do GEIU, Grupo Espírita Irmãos Unidos, centro espírita *adeso*² à FERN³. O segundo é o "Grupo de Estudos Ramatís de Natal", chamado pelos nativos de *Grupo Ramatís*; ele faz parte da ACEABM, Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes⁴, centro espírita não-adeso à FERN e em processo de discussão desta adesão. O Grupo Ramatís traz como especificidade uma peculiar aliança entre o pensamento de Kardec⁵ e elementos retirados de literaturas umbandísticas, neoesotéricas e ufológicas, e tem uma ligação umbilical com o terceiro grupo, a "Sociedade Beneficente e Filantrópica Atlan", chamado pelos adeptos de *Grupo Atlan*. O Grupo Atlan é coordenado pelo médium Rogério de Freitas, conhecido pelo pseudônimo de Jan Val Ellam e tido por alguns componentes dos grupos Atlan e Ramatís como a reencarnação de Allan Kardec; hostilizado por parte do meio espírita potiguar, Freitas publicou vários livros tratando do retorno do planeta Terra ao que chama de "cidadania interplanetária", articulando nesse processo um mito de origem intitulado Rebelião de Lúcifer, que culmina na volta de Jesus Cristo ao planeta Terra, a bordo de um disco voador.

¹ O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE –, cumprindo as exigências da Lei n.196 de 1996, do Ministério da Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

² Um centro espírita se torna, em termos nativos, "adeso" ao campo federativo espírita brasileiro quando se associa a uma das federações espíritas estaduais, que por sua vez são associadas à FEB (Federação Espírita Brasileira). Para a história da FEB, cf. Giumbelli (1997a).

³ FERN: Federação Espírita do Rio Grande do Norte. Fundada a 29 de abril de 1926; adesa à Federação Espírita Brasileira (FEB). Tem sede na avenida Rodrigues Alves, 779, bairro do Tirol, Natal.

⁴ A ACEABM situa-se na Rua dos Tororós, 382, bairro do Alecrim, Natal (RN).

⁵ Allan Kardec: Pedagogo francês (1804-1869), criador da doutrina espírita, ou espiritismo.

Tomando a emoção como linguagem, esta tese busca compreender o seu manejo pelos médiuns dos grupos assinalados acima, de maneira a entender sua adesão ao modelo de ser espírita veiculado e enaltecido pelo órgão que busca regular as práticas espíritas no Brasil, a Federação Espírita Brasileira – FEB. Explora, também, os mecanismos que contribuem para constituir as emoções vistas como corretas nestes indivíduos, conforme modelos idealizados apresentados pela FEB e pelos grupos examinados – tanto o a ela vinculado como os dela desregulados.

Na procura por examinar o acionamento de emoções em rituais mediúnicos de caráter desobsessivo, são analisados os discursos emocionais de médiuns dos três coletivos acima, considerando os contextos nos quais se inserem os seus grupos espíritas, onde adquire relevância a busca pela legitimidade de seus peculiares modelos de espiritismo. É interesse deste trabalho assinalar algumas das maneiras como, através do recurso a diferentes emoções, os médiuns atualizam a nunca completamente resolvida guerra espírita contra o Mal, dando conta, assim, de alguns dos específicos dilemas de seus grupos.

Em síntese, afirmo que os *médiuns*, atores da pesquisa, em seus rituais de *desobsessão*, a partir da referência ao modelo de pessoa espírita clássica no Brasil – a figura de Chico Xavier – e manejando as noções sempre presentes de *carne* e de *ascensão*, acionam de diferentes maneiras as *emoções*, e assim fazendo, atribuem lugares aos seus modelos de espiritismo. Essa assertiva perpassa o conjunto do trabalho, e nesse sentido é que todas as discussões seguintes poderão ser percebidas como desdobramentos desta tese.

Há alguns elementos que configuram o ineditismo do objeto tratado por esta tese, no que concerne aos estudos sobre espiritismo. Em primeiro lugar, devo dizer que este trabalho se debruça sobre um campo religioso ainda não etnografado, e esta novidade etnográfica pode ser apontada nos elementos de crença e nos ritos examinados. Neste sentido, é possível afirmar que os grupos Ramatís e Atlan, sem abandonar a fidelidade a Kardec e a alguns dos pressupostos mais caros ao kardecismo que se faz no Brasil⁶, constituem um novo mito fundador, a partir daquele escrito por Chico Xavier/Emmanuel, e também sob elementos de crença tomados de empréstimo à umbanda, à ufologia e à ficção científica.

⁶ Como demonstrarei no decorrer do trabalho, um dos exemplos é o do padrão de moralidade abraçado pelos grupos, fundado na noção de caridade.

Importa também acrescentar que nos grupos Ramatís e Atlan é reelaborada a figura de Allan Kardec, agora reencarnado como Jan Val Ellam⁷, assim como é reinstituída a figura de Lúcifer no seio do espiritismo, pois que esta entidade é tida como fundadora espiritual do próprio grupo Atlan. Por fim, é dada uma nova visibilidade à figura de Satã, enfrentado e vencido em rituais desobsessivos pelo próprio Jan Val Ellam, em evento assinalado como o marco final para o retorno de Jesus na nave espacial.

É importante atentar, ademais, para o tratamento que é dado nesta tese à apometria, rito manejado pelo Grupo Ramatís: com a apometria – que, aliás, é um rito publicamente rejeitado pela FEB – os espíritas estudados buscam incrementar o já clássico ritual de desobsessão inaugurado por Bezerra de Menezes e seguido pelo movimento espírita brasileiro. Neste ritual, fazem referência a entidades ordinariamente cultuadas no seio da umbanda, como os caboclos, os ciganos e os pretos-velhos. Além disso, na apometria adquire centralidade o espírito Ramatís, que junto com Saint-Germain e outras entidades, compõe um panteão de *mestres ascensos*, do qual também faz parte o extraterrestre Ashtar Sheran, comandante das armadas celestiais. Nesse sentido, encontramos na apometria elementos de crença que assinalam de um modo peculiar a presença, já apontada pela literatura antropológica, de certa ideologia militarista no seio do espiritismo brasileiro⁸, assim como assinalam para o culto, no campo espírita, de seres extraterrestres, elemento combatido pelo espiritismo das federações⁹.

O presente trabalho examina também um rito ainda não etnografado no espiritismo; trata-se do "processo de entrega das duplas de médicos e médiuns à casa espírita", espécie de *assento* de médicos-espíritos nos corpos dos médiuns, um rito que em muito se assemelha ao assentamento de orixás, no candomblé. Este "processo de entrega", é realizado no centro espírita Bezerra de Menezes uma vez a cada ano, como veremos.

Finalmente, mais um elemento etnográfico que sublinho a originalidade, tem lugar no GEIU, e diz respeito à compreensão nativa de *desobsessão* como um *conjunto de ritos*, e não apenas como uma reunião de doutrinação de espíritos. Neste sentido é que, no caso do GEIU,

⁷ Assim como reinstituem a figura do espírita e astrônomo Camille Flammarion, como demonstrarei.

⁸ Para a presença da ideologia militarista no espiritismo que se faz no Brasil, cf. Lewgoy (2000) e Miguel (2009).

⁹ O rito da apometria já foi examinado por Greenfield; contudo, não a partir dos elementos que aqui aponto, a saber, a centralidade do espírito de Ramatís e dos extraterrestres, assim como da Grande Fraternidade Branca.

compreendo que a desobsessão pode ser descrita como um *dispositivo*, e em particular neste contexto, assim a examino.

Efetuados estes apontamentos, devo oferecer os balizamentos que orientaram o trabalho de campo e a sua escrita. Ofereço-os em dois caminhos que se articulam e interligam na configuração de problemáticas da pesquisa, percursos metodológicos e interpretações: I - a discussão sobre espiritismo, emoção e corpo, onde assinalo o campo de discussão teórica onde me situo, a antropologia das emoções, logo após o universo espírita e como a literatura sobre espiritismo tem tratado das emoções e finalmente o campo empírico e as escolhas de técnicas de investigação; II - A minha própria trajetória neste universo, antes e durante a pesquisa.

Espiritismo, emoção, corpo

■ EMOÇÕES COMO OBJETO ANTROPOLÓGICO: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Tematizar emoção nas Ciências Sociais não é algo novo¹⁰; Durkheim (1971) Simmel (1964, 1993) e Mauss (1981), já o fizeram ao tratar de diferentes temáticas. Durkheim, ao analisar o fenômeno religioso, dizia que, ao lado de representações coletivas que infligem os indivíduos, as sociedades também produzem sentimentos coletivos, fundamentais para sustentar o consenso social; nesse sentido, atribui estatuto sociológico às emoções. Também abordando a dimensão social das emoções, mas tratando da interação entre os indivíduos, Simmel argumentava que são estas específicas interações que produzem, sempre situacionalmente, sentimentos como amor (1983), gratidão e fidelidade (1964).

Tanto Durkheim quanto Simmel enfatizaram o caráter social dos sentimentos. Porém, é Mauss (1981) quem aprofunda o estabelecimento de emoção como fato social. Ele trata do controle social das emoções, sustentando a existência de critérios de expressão, de forma que em algumas circunstâncias, se exige, das emoções, manifestação obrigatória (Mauss 1981). Mauss cria o alicerce dos estudos atuais que compreendem as emoções enquanto uma linguagem,

¹⁰ Nas páginas seguintes, baseio-me explicitamente no mapeamento efetuado por Koury (2005), onde este autor expõe de forma sintética a produção sobre emoção no campo da sociologia e da antropologia, desde o início do século XX até a atualidade, no Brasil.

privilegiando o discurso. Ele fala das emoções como elementos de comunicação, como "signos de expressões compreendidas" (Mauss 1981:62).

No primeiro quartel do século XX, no Brasil, há estudos importantes, tratando de emoção. Este é o caso de Gilberto Freyre (1966, 1990, 1990a), ao tratar de família e relações sociais no processo de colonização no Brasil. Deve-se também salientar os estudos de Sérgio Buarque de Holanda (1994) e seu conceito de homem cordial, assim como as análises de Oracy Nogueira (1942 e 1945) sobre doença e raça em São Paulo.

Não obstante as contribuições destes autores para a área das ciências sociais, a emoção segue tangenciando outras preocupações, não se constituindo em campo específico de análise. Além disso, a hegemonia da psicologia e da filosofia nos estudos sobre emoções se mantém até a década de 1980, quando então surgem várias etnografias tratando da construção cultural das categorias emotivas em diferentes sociedades. É desta época o aparecimento de diversos estudos no Brasil, que apontam, se não para a emergência de uma antropologia das emoções como campo específico de análise em nosso país, para uma preocupação com temas caros à análise de emoção.

Vários desses estudos abordam a emoção em diferentes segmentos sociais como contraponto para observar variações do conceito de pessoa. Em relação às camadas médias urbanas e à emoção como componente na constituição dos indivíduos, são importantes os trabalhos de Velho (1981; 1986) e Dauster (1986). Deve-se referenciar também os escritos de Viveiros de Castro e Araújo (1977) sobre a noção de *amor* e sua relação com o surgimento do Estado e do indivíduo modernos.

Abordando a emergência do indivíduo no ocidente, notadamente no Brasil, os estudos de Duarte (1981, 1983, 1986 e 1987) partem das noções de pessoa e modernidade (1983) para analisar a centralidade da emoção na conformação da identidade social e de sistemas de representação. Estudando classes trabalhadoras urbanas, o autor discute indivíduo e pessoa, e privilegia o exame de emoções como *agressividade* (1981) e *vergonha* (1987). Assim também, a partir da categoria *nervoso* (1986), discute o sofrimento psíquico neste mesmo segmento social. Mais recentemente, aprofundando sua análise, Duarte tem efetuado uma discussão sobre o que propôs como *dispositivo de sensibilidade* (1999) na sociedade ocidental.

Emoção está presente também nos estudos de Barros (1987 e 1989), Eckert (2003), Peixoto (1993 e 1994) e Alda Motta (1996 e 2002) que têm discutido gênero e envelhecimento, privilegiando a memória, a identidade e a afetividade. Examinando a relação entre dádiva e emoção, há o trabalho de Coelho (2003). Devo também mencionar como fundamentais para a atualidade das discussões sobre emoção no Brasil, os estudos de Rezende (2002, 2002a, 2003), examinando a *amizade* entre cariocas e londrinos, a partir de uma perspectiva pragmática, e adotando a linha específica de pesquisa da antropologia das emoções.

Deve-se salientar também a discussão empreendida por Campos (2000, 2002, 2004, 2007 e 2008), onde, a partir de um debate sobre racionalidade, a autora aborda os temas do *sofrimento* e da *caridade* no catolicismo popular. É igualmente importante o seu estudo sobre *amor materno* e práticas corporais (2005).

Outro pesquisador que vem se dedicando ao estudo das emoções no Brasil é Koury. Detendo um grupo de estudos na Universidade Federal da Paraíba e uma revista sobre esta temática, Koury discute o sentimento de *luto* e a constituição do indivíduo no Brasil (Koury 1993, 1996, 2002, 2003), assim como a relação entre *medo* e cidade (Koury 1986, 1988, 1994, 2005a, 2005b, 2005c), um tema também desenvolvido por Eckert (2002, 2003), Ana Luiza Rocha (2000, 2000a, 2000b, 2000c, 2001 e 2002) e Giacomazzi (1997). A emoção da *indiferença* e o sofrimento social, articulados a narrativas sobre violência no urbano também são temas discutidos por Koury (1999, 2003b, 2004) e Barreto (2001, 2002).

Nos Estados Unidos, surgem a partir dos anos 1980 diversas etnografias versando sobre a constituição cultural das categorias emotivas em diferentes sociedades. Destaca-se o estudo de Lutz (1988) sobre os Ifaluk, na Micronésia, ressaltando a categoria nativa de *raiva justificável*, e de Abu-Lughod (1986), entre os beduínos da tribo de Awlad 'Ali, no Egito, onde esta autora estuda, a partir da poesia nativa, os sentimentos de *amor* e *vulnerabilidade* da pessoa e seu significado em termos de uma rejeição aos sentimentos de *honra* e *modéstia*, que caracterizam a ideologia dominante neste contexto.

A busca por elaborar programaticamente as preocupações centrais do campo da antropologia das emoções tem o texto de Rosaldo (1984) entre os de maior relevância. Também se destaca a publicação, em 1983, de um número especial da revista Ethos com o tema self e

emoção (Lewy e Rosaldo 1983); também a coletânea organizada por Lutz e Abu-Lughod (1990), onde estas autoras efetuam um mapeamento de estudos sobre esta temática.

Pode-se dizer que é na década de 1980 que se constitui o campo da antropologia das emoções, como o delineiam Lutz e White (1986). São trabalhos que partem das contribuições da antropologia interpretativa, mais precisamente da noção de cultura como *teias de significados* (Geertz 1989), retomam a discussão inaugurada por Durkheim, Mauss e Simmel sobre construção social das emoções e imprimem centralidade às noções de *discurso* e de *relações de poder* de Foucault, elevando o estudo das emoções a um patamar bastante importante na antropologia.

Vale destacar que este campo de estudos questiona concepções fisicalistas que localizam afetos e emoções como realidades psicobiológicas internas ao indivíduo¹¹. Em uma perspectiva fisicalista, a emoção, quando inscrita nos quadros científicos que exploram o corpo e a psique é o leitmotiv, o *tom* com que os acontecimentos são experimentados, algo universal que persiste independentemente de contexto. Nesse paradigma, emoções como medo, raiva, felicidade, satisfação, amor, amizade *são o que são*, onde quer que apareçam. As noções sobre o que move o humano para a ação se localizam num quadro mais amplo que entende corpo como o aparato fisiológico para o espírito humano se realizar, associando a emoção ao difuso e nebuloso conceito de instinto: aquela parte que faz o corpo agir em sua animalidade, antes e/ou independentemente, ou ainda contrariamente às constrições sociais. Neste caso, sociedade e cultura serviriam simplesmente para expurgar o “mal”, o destrutivo, tudo aquilo que pode por em risco o bem comum e a vida de indivíduos e coletividades. Nesse processo, alimenta-se as *boas emoções*, ou canalizam-se as *máis* de modo a deixar bem longe a anomia, na criação, assim, de mecanismos que manteriam a sociedade operando de forma positiva (Rios, 2008).

Vance (1995, 1998) e Gagnon (2006), pensando o modo como as ciências sociais, ao longo de suas histórias, vinham abordando o sexual – que, lembro, é campo carregado de discussões sobre desejos, prazeres e emoções – assinalam que por muito tempo, mesmo em abordagens antropológicas que entendiam a cultura como algo constitutivo de sujeitos e coletividades, e não como mero modo de canalizar a vida instintiva – universal para todo e qualquer humano – o desejo sexual ficou intocado pelo princípio epistemológico da construção, permanecendo

¹¹ Para uma crítica ao fisicalismo, cf. Lacqueur 2001 e Duarte 1999.

essencializado. De certo modo, pode-se dizer que também as emoções não propriamente sexuais ou sexualizáveis passaram muito tempo sem a problematização construcionista, sendo essencializadas em explicações psicobiológicas, psicanalíticas, evolucionistas e/ou etológicas.

De modo a *não jogar o corpo fora*, quando se quer assinalar a importância da cultura na formação das emoções, pode-se fazer uma distinção didática, pensando em sensações como da ordem do organismo físico – o caso da fome e da sede "simples", por exemplo: aquelas que não são resultados do anseio por algum alimento ou bebida específicos – e as emoções como experiências constituídas culturalmente (Jaggar 1988). Assinalo, a distinção entre sensação e emoção é puramente didática, pois no caso humano, e quando se vai analisar qualquer evento desta ordem, é realmente muito difícil discernir comportamentos que não se inscrevam, e se constituam, a partir da vivência societal e mediada por sistemas de significação, verbais e não verbais. Nos moldes de Sahlins (1990) podemos dizer que, do mesmo modo que qualquer outro acontecimento do mundo, aquilo que emerge do organismo humano só pode ser expresso quando apreendido pelas estruturas de significação que possibilitam os eventos. Assim, a piscadela involuntária do exemplo de Geertz (1989) só pode ser assim interpretada e distinguida daquela que expressa um interesse afetivo sexual, porque o senso comum (ou a ciência) concebem a possibilidade de o corpo agir independentemente da vontade individual consciente.

Na verdade, a grande virada teórica do campo da Antropologia das Emoções é o fato de afinar o olhar, inquirindo para o modo como as práticas sociais situadas em contextos e em relações de poder constituem os espécimes humanos, não apenas no plano cognitivo-verbal, mas também nessa outra dimensão comunicativa, mais próxima ao organismo – a linguagem dos afetos e das emoções. Vai-se um pouco mais além do que propunha Mauss (1981), situando então as emoções como constituídas de modos distintos em distintas coletividades (Geertz 2001 e Lutz 1988). Isso significa também dizer que os humanos podem constituir e/ou interpretar sensações corporais a partir de códigos emocionais diferentes, dependendo do contexto de sua experimentação, assim como constituir emoções (e sensações) não reconhecidas em outros contextos; significa também dizer que se pode *valorar* as emoções, a partir do lugar e das relações no interior das quais elas são constituídas.

Considerando isso, Le Breton (2009) aponta como, mesmo no caso de crianças criadas por feras, na falta de um sistema de significação propriamente humano, os padrões de

comportamento animal servirão de guia para a organização de condutas e emoções do ser humano em processo de desenvolvimento. De certa forma, estes casos apontam para a plasticidade dos espécimes humanos, e, ao mesmo tempo, para a importância dos sistemas de significação para a sobrevivência da espécie (Geertz 1989). Assim, na falta de uma organização desta ordem, o humano, em condições precárias de desenvolvimento, humaniza os padrões animais, transformando-os em cultura.

O caso das crianças criadas por feras é singular, porque permite, na ausência ou restrição de códigos linguísticos verbais, prestar mais atenção para as inscrições e capacidades corporais, seja a das sensações (tato, olfato, visão etc.) seja a constituição, experiencião e demonstração de emoções. Através de tais exemplos, Le Breton (2009) chama atenção para o fato de que as emoções são parte dos sistemas de significação através das quais se é capaz de engajar no mundo. Nessa mesma linha, propõe Jaggar:

A culpa ou a raiva, a alegria ou o triunfo de qualquer indivíduo pressupõem a existência de um grupo social capaz de sentir culpa, raiva, alegria ou triunfo. Isso não quer dizer que as emoções do grupo precedem historicamente ou são logicamente anteriores às emoções dos indivíduos; quer dizer que a experiência individual é simultaneamente experiência social (Jaggar 1988: 182).

Vale nesse ponto destacar que essa experiencião individual, que também é social, apontada por Jaggar (1988), se realiza matizada pelas categorizações sociais (de sexo-gênero, raça, etnia, classe, etc.). Na interação social os sujeitos, categorizados (e categorizadores) aprendem o que devem sentir e como devem expressar e/ou dissimular as emoções compartilhadas pelo grupo; do mesmo modo, quando, onde e frente a quem podem fazê-lo, o que é correto e o que é incorreto sentir e expressar.

Assim, para além de relativizar as categorias de emoções entre as culturas, as produções mais recentes deste campo tomam o caminho de perceber os discursos emotivos enquanto práticas localizadas em jogos de relações sociais e negociações de poder. Nesta tendência, é importante a preocupação de Abu-Lughod (1993 e 2006) acerca do perigo de que os estudos sobre emoção na antropologia criem novos essencialismos, tal como os estudos sobre cultura teriam criado. Examinando criticamente este último conceito, ela argumenta que a noção de cultura como um código de significados vivido da mesma maneira por todos os membros de um grupo social constrói uma coesão fictícia, e nesse sentido é que, para esta autora, não há como se

falar em, por exemplo, cultura dos trobriandeses ou dos japoneses, já que os membros de um grupo elaboram diferentemente os mesmos códigos, dependendo de sua posição nas relações de poder e do contexto social.

A estratégia encontrada por Abu-Lughod e Lutz (1990) é entender o discurso emotivo como um idioma usado pragmaticamente. Elas dizem que é necessário olhar os contextos onde os discursos emotivos são acionados e agenciados, localizando-os no interior de relações de poder. Nesse movimento, emoção passa a ser vista como prática discursiva e seus efeitos ultrapassam o domínio do privado, se colocando no âmbito das relações sociais, e os discursos emotivos são vistos como atos pragmáticos: eles não apenas dizem, mas também *fazem* coisas. Em suas *performances* comunicativas, os indivíduos acionam os discursos emotivos, que funcionam como um idioma (Lutz e White 1986) e servem para definir e negociar os seus lugares nas relações de poder.

Nesta perspectiva, é fundamental o *contexto* de acionamento destes discursos, pois eles são sempre proferidos por alguém, em dada circunstância e sob certas intenções. Isso não quer dizer que as emoções sejam respostas as quais se escolhe conscientemente; por outro lado, não são experiências que esmagam o sujeito. Elas devem ser vistas como *trajetórias* através das quais se é capaz de *engajar* no mundo (Jaggar 1988, p. 181/185).

Sem querer entrar neste espinhoso debate, importa que eu saliente: ainda que não esteja segura sobre jogar o conceito de cultura fora, considero fecunda a proposta de Abu-Lughod e Lutz (1990) de entender emoção como um idioma usado pragmaticamente. Assim, e já trazendo a discussão para o meu específico universo de investigação, penso que as religiões, enquanto sistemas de/para condutas (Geertz 1989), constituiriam ethos, ou *sistemas prescritivos* (Sahlins 1990), ou *formas de codificações morais* (Foucault 1984), que incidiriam fortemente sobre a constituição, demonstração pública e interpretação das emoções. Ainda assim, é importante lembrar que, considerando uma mesma doutrina religiosa, existem diferentes formas de se fazer religioso. Geertz (2004) nos mostra como uma religião da letra, como o Islamismo, pode se fazer variada, dependendo de sua história nos diferentes países onde se implantou, engendrando, por conseguinte, variadas formas de vivenciar o sagrado, todas elas islâmicas. Do mesmo modo,

mesmo em um mesmo local e numa mesma denominação religiosa é possível encontrar diferentes *modos de sujeições* individuais a um mesmo código moral (Foucault 1984)¹².

Sobre os processos de sujeição, Foucault (2005) sugere que cada grupo possui e oferece aos seus membros um conjunto de práticas que estes utilizam para compreenderem aquilo que são. No contexto dessa reflexão, ele as coloca divididas em quatro grandes grupos, onde cada qual representa uma matriz da razão prática:

“1) as técnicas de produção graças as quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; 2) as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; 3) as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito; 4) **as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.**” (Foucault 1994)

Assim, encontro nessa noção de “técnicas de si” de Foucault (1994) um caminho para operacionalizar a tarefa de interpretar o processo de constituição coletiva e pessoal das emoções. Também entendo como importante perceber que as emoções são práticas socialmente situadas, que elas mediam relações sociais e interesses, que são experienciadas e produzidas em determinados contextos e atravessadas por relações de poder e ideologias, sendo fundamental situar o discurso emotivo nas situações em que é performado, acionado e negociado. (cf. Lutz 1988, Lutz e White 1986 e Lutz e Abu-Lughod 1990).

Essa discussão teórica já permite pensar em algumas linhas de indagação que foram exploradas na pesquisa que deu origem a este trabalho. Como o espiritismo, uma religião da letra, pensa e categoriza emoções? Como os médiuns – individual e coletivamente – lidando com

¹² Miriam Rabelo, examinando a experiência religiosa feminina no pentecostalismo, aponta para dois tipos de práticas, que podem ser entendidas, como modos de sujeição ou performances comunicativas: o "batismo de fogo" e a "glossolalia". A primeira é interpretada pela autora como uma prática de poder, "um poder que 'solta' o corpo, rompendo com os controles cotidianos que operam sobre ele". Já a glossolalia, se apresenta como "revelação" que traz "um poder que vigia e disciplina, que força a confissão e que constrói tanto o corpo quanto a alma segundo a ordem divina" (Rabelo 2006, p. 219/220). A autora chama atenção, entretanto, para a importância de se densificar – e mesmo reavaliar – a aparente oposição entre a esfera do controle, sujeição e subordinação e a da espontaneidade, liberdade e agência (cf. Rabelo 2006, p. 223).

o mundo invisível¹³ espírita, atualizam esse pensar, e como estes atores são valorados a partir do que expressam emotivamente? Quais mecanismos são utilizados para forjar atores consoantes às normas emocionais propaladas?

Para seguir adiante na apresentação de como configurei essas indagações mais abrangentes, matizando-as em objetivos de pesquisa, é preciso que introduza o leitor no espiritismo brasileiro; para isso recorrerei à literatura especializada, buscando pela sua história, organização e modo como trata com aquilo que aqui defino como emoção.

- **EUA – EUROPA – BRASIL: DO ESPIRITUALISMO MODERNO AOS ESPIRITISMOS BRASILEIROS**

É comentário corrente entre os autores que se propõem a examinar o espiritismo no Brasil, o pouco interesse pelo tema em âmbito acadêmico, ainda que a partir da década de 1960 tenham surgido vários estudos versando sobre este tema. Ainda assim, sua “particularidade” é pouco apontada (cf. Cavalcanti 1983, p. 9), e só recentemente a influência basilar do catolicismo neste sistema de crenças foi desenvolvida com ênfase (cf. Stoll, 2003 e Lewgoy 2000). Assim, os escritos sobre o espiritismo não trazem

Nem a densidade da literatura que versa sobre o que se convencionou chamar de ‘religiões afro-brasileiras’, nem a abundância que a preocupação com grupos pentecostais tem gerado, nem a continuidade das abordagens sobre a história e a atualidade das instituições católicas (Giumbelli 1997, p.16).

No entanto, este é um sistema de crenças importante na sociedade brasileira. Em primeiro lugar, isto é atestado numericamente. O Censo Demográfico referente ao ano de 1980 e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1988 apontam a existência no Brasil de entre três a quatro milhões de pessoas que se dizem *espíritas kardecistas*. Estes dados asseveram que esta seria a terceira religião brasileira, em número de adeptos, atrás do catolicismo e do protestantismo. Mas não só os números nos falam da importância do espiritismo no Brasil, pois nos parece claro que a sua cosmologia, assim como suas práticas, já fazem parte do cenário

¹³ Para a categoria nativa espírita "mundo invisível", significando o mundo dos mortos, ver Cavalcanti 1983.

religioso brasileiro, e de tal forma que “em muitos aspectos a cosmovisão espírita se tornou constitutiva do *ethos* nacional, tanto quanto o catolicismo, e, mais recentemente, o protestantismo” (Carvalho 1994a, p.74). Resta lembrar Gilberto Velho, e sua observação de que, afinal,

O fundamental não é saber quantas pessoas se identificam publicamente como umbandistas, espíritas, etc., mas ser capaz de perceber o significado desse conjunto de crenças e sua importância para *construções sociais da realidade* em nossa cultura (Velho 1991, p.124).

A história do espiritismo se inicia com o chamado *fenômeno de Hydesville*¹⁴, um conhecido caso de *poltergeist*¹⁵ ocorrido em meados do séc. XIX nos Estados Unidos. A discussão sobre este fenômeno toma vulto nacional, e a partir dele é criada uma sociedade religiosa, o *espiritualismo moderno*¹⁶, que cresce em número de adeptos em poucos anos. (Aubrée e Laplantine 1990, p.16). Visando a expansão do movimento, em 1852 chegam os primeiros missionários americanos do espiritualismo moderno na Europa, no mesmo caminho empreendido pelas recém-criadas religiões americanas Cristadelphes (surgida em 1848), Adventistas (1874), Testemunhas de Jeová (1879) e Christian Science (1879).

Tratado como divertimento de salão, o fenômeno das *mesas girantes*¹⁷ se espalhou rapidamente neste continente e, na França, chamou a atenção de Hippolyte Leon Denizard Rivail, pedagogo francês que algum tempo depois adotaria o nome de Allan Kardec, acreditando ser este um nome utilizado por ele mesmo em uma vida passada, quando teria sido druida (Aubrée e Laplantine 1990, Stoll 1999). Kardec passa a frequentar assiduamente as sessões das mesas, e por fim as transforma em trabalho de pesquisa, levando, para as sessões, perguntas que preparava com antecedência, e anotando as respostas dadas. Após algum tempo, acreditava-se já preparado para organizar e publicar as informações coletadas, que foram acrescidas por registros

¹⁴ Fenômeno mediúnico ocorrido ao final do século XIX nos Estados Unidos. Para mais sobre o fenômeno de Hydesville, cf. Doyle 1990, Wantuil 1994, Aubrée e Laplantine 1990.

¹⁵ Do alemão polter, "ruído", e geist, "espírito": espécie de evento sobrenatural que se caracteriza pelo deslocamento de objetos e estabelecimento de diversos tipos de ruídos.

¹⁶ Movimento religioso surgido entre as décadas de 1840 a 1920, inicialmente em países de língua inglesa. Destacam-se como precursores as figuras de Emanuel Swedenborg (1688-1772), Franz Mesmer (1734-1815) e Andrew Jackson Davis (1826-1910). Para mais detalhes sobre este movimento, cf. Brandon (1983), Braude (2001), Britten (1884) e Buescher (2003), dentre outros.

¹⁷ Mesas girantes: fenômeno de natureza mediúnica difundido na Europa e nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX, e que consistia no movimento, sem causa física aparente, de mesas e outros objetos, em torno dos quais reuniam-se pessoas de diferentes segmentos sociais. Para mais detalhes deste fenômeno, cf. Wantuil (1994).

trazidos por outros frequentadores de reuniões do mesmo teor. Estes dados foram compilados no que chamou de *Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, e que, segundo os adeptos, contém os chamados "princípios básicos" da Doutrina Espírita¹⁸.

É Kardec que transforma o que se chamou de espiritualismo moderno dos Estados Unidos em uma doutrina de caráter dito científico, detendo "reflexões filosóficas" e "implicações religiosas"¹⁹. Isso é possível, dado o contexto francês da segunda metade do séc. XIX, sob recente influência do iluminismo, onde viceja uma crise do que comumente se entende por religião. Neste contexto, surge e cresce o espiritismo, apresentando-se como uma religião que critica veementemente a ideia clássica de religião (Lewgoy 2000).

O espiritismo chega ao Brasil quando Allan Kardec ainda escrevia os primeiros de seus cinco livros. Ele é inicialmente apresentado como brincadeira de salão, mais uma moda de corte, importada da França (Aubrée e Laplantine 1990; Machado 1997; Damasio 1994). Porém, é logo adotado por uma elite letrada, não mais católica, mas que também se afastava do ateísmo. São funcionários públicos, militares, jornalistas, pensadores que identificam no espiritismo os códigos modernos do progresso, da razão e da ordem. Foram estes grupos que transformaram o espiritismo em movimento religioso organizado neste país (Lewgoy 2006b), o que significou também o deslocamento da ênfase no experimentalismo em favor do aspecto moral.

Olhando para o caráter religioso do espiritismo que se faz no Brasil, Ubiratan Machado (1997) vê em nossa cultura, impregnada de religiosidade, a raiz para o entendimento deste modelo de espiritismo. Aliás, os primeiros autores a se debruçarem sobre o espiritismo brasileiro (Camargo 1961 e Bastide 1971), assinalam que o diferencial do espiritismo que se constrói em nosso país, em relação ao original francês, teria sido que no Brasil se desenvolveu muito mais o caráter místico, religioso, enquanto que na França teria prevalecido a dimensão experimental, supostamente científica. Assim é que Aubrée e Laplantine (1990:174) assinalam que a especificidade do espiritismo brasileiro adviria do fato de que a doutrina de Allan Kardec ter aqui sido reduzida a uma religião, sendo os seus procedimentos rituais tipicamente cristãos. Além da ênfase na religiosidade, a presença da prática terapêutica, também presente nas outras

¹⁸ Os livros escritos por Kardec são "O livro dos espíritos", "O evangelho segundo o espiritismo", "O livro dos médiuns", "O céu e o inferno", "A gênese", "O que é o espiritismo", e "Obras póstumas". Deve-se salientar ainda a presença da "Revista Espírita", editada por Kardec.

¹⁹ Para a atuação de Kardec na constituição do caráter dito científico do espiritismo, ver Stoll (2003, p. 48).

religiões que cultuam espíritos, também é apontada como algo característico da versão brasileira do espiritismo²⁰ (cf. Bastide, 1971, Ortiz 1999 e Damasio 1994).

Mas esta tendência mais religiosa convive, durante algum tempo, no Brasil, com uma outra tendência, que se dizia científica, numa relação que de alguma forma reproduz o que ocorria na França, onde também coexistiam duas tendências assim caracterizadas, como aponta Lewgoy:

A curiosidade científica e a elaboração religiosa foram aliadas nos primeiros tempos do espiritismo (...). Nesses primeiros tempos, a participação pioneira de cientistas em experimentos espíritas, como Camille Flammarion, Paul Gibier, Ernesto Bozzano, Charles Richet, Cesar Lombroso e William Crookes firmou referências científicas que o tempo foi convertendo em referências emblemáticas a chancelar a autoridade das crenças espíritas. A evocação de espíritos era tida como prova experimental do espiritismo e tinha o seu ponto alto nas chamadas materializações, onde manifestações de ectoplasmas luminosos ultrapassavam a divisão entre espírito e matéria, espíritos movimentavam objetos etc. Mas este foi também o campo das acusações de fraude e dos escândalos envolvendo médiuns, sendo posteriormente relegado ao segundo plano. (Lewgoy 2006a, p. 159).

No Brasil, haverá, como eu já mencionei, uma tendência chamada de *científica* pelos adeptos, mais centrada na experimentação, buscando "seguir os métodos de Kardec" se contrapondo a uma outra, a dos chamados *místicos*, que têm Bezerra de Menezes²¹ como um de seus defensores e que se caracteriza como um espiritismo de influência católica, baseado em leituras de Roustaing²² (Santos 1997, Lewgoy 2006a). Estas duas tendências irão se defrontar, no que se chama hoje de "querela entre os místicos e os científicos" no movimento espírita

²⁰ Na trajetória de adaptação do espiritismo às realidades brasileiras, vários elementos podem ser listados, dentre eles sua apropriação da noção católica de caridade, sua centralidade na conformação da umbanda enquanto religião eminentemente brasileira, além de sua participação – junto com outras religiões - na instauração no Brasil de uma mentalidade espiritualista (Lewgoy 2000, Stoll 2003, Ortiz 1999, Cavalcanti 1983).

²¹ Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900). Médico, militar, escritor, jornalista, político e expoente do movimento espírita no Brasil. Eleito presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889, vice-presidente entre 1890 e 1891 e novamente presidente em 1895. Bezerra de Menezes é o criador da chamada "desobsessão".

²² Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), advogado e espírita francês. Entre 1858 e 1861 período travou contato com o fenômeno das mesas girantes e das comunicações com os espíritos, estudados à época por Allan Kardec, envolvendo-se com o movimento espírita francês. Publicou "Os Quatro Evangelhos".

brasileiro²³. Nesta querela, os científicos foram derrotados, "suspeitos de ateísmo, ou seja, da ausência de princípios morais que a ideia de ciência inspirava" (Lewgoy 2006a, p. 156).

Na verdade, e além da querela acima mencionada, uma análise mais detida dos primeiros tempos do espiritismo no Brasil demonstra que houve períodos de relativa aceitação de suas práticas pelo Estado e Sociedade Civil, ao lado de períodos de efetiva criminalização destas práticas, o que fez com que a legitimidade do espiritismo tenha sido intensamente negociada, em um processo no qual participaram representantes religiosos, jornalistas, médicos, autoridades policiais e grupos espíritas (cf. Giumbelli 1997). É importante salientar, neste processo de descriminalização das práticas espíritas, o papel da Federação Espírita Brasileira – FEB, fundada em 1884, no Rio de Janeiro. A atual legitimidade da FEB como representante do espiritismo no Brasil só foi assegurada através de um processo de embate com diferentes forças políticas. Neste processo, comparece a estratégia de paulatina substituição da prática “receitista” pela da “caridade”, adequando as práticas identificadas como espíritas ao discurso da “saúde pública” (Giumbelli 1997, p. 231/232).

A hegemonia da matriz religiosa na direção da FEB, então, conforma uma “*tradição*” espírita brasileira, cuja marca consiste na síntese com o catolicismo” (Stoll 2002), e onde o médium Chico Xavier²⁴ aparece como o modelo exemplar (Stoll 1999 e 2002). Contudo, olhando-se mais detidamente para o campo espírita brasileiro, vê-se que há outras propostas em debate além da “tradição”; isto se mostra desde os anos 1980, quando o processo de esfacelamento do movimento espírita se mostra de forma mais patente, em muito decorrente de sua incapacidade em atender demandas de segmentos sociais críticos em relação ao “excessivo tradicionalismo e intelectualismo dogmático das instituições kardecistas oficiais” (D’Andrea, 2000: 139).

Frente a esta crise, estratégias de “inovação da doutrina” surgem, através de interlocuções estabelecidas com outros campos, religiosos ou não, e assim é que aparecem iniciativas de “resistência” face ao modelo tradicional de expressão religiosa espírita. Meu entendimento é de

²³ Até hoje no Brasil, há traços deste antigo debate, em relação às práticas mediúnicas e de estudo que têm lugar nos centros espíritas. É frequente a associação de curiosidade científica e experimentação a um distanciamento da caridade, a um *cientificismo*. Para o aprofundamento histórico desta querela, ver Giumbelli (1997).

²⁴ Francisco Cândido Xavier, ou Chico Xavier: médium espírita mineiro (1910-2002). Psicografou centenas de livros atribuídos a numerosos espíritos e se tornou um dos maiores expoentes e divulgadores do espiritismo no Brasil. Para a carreira de Chico Xavier, cf. Lewgoy (2000) e Stoll (1999 e 2003).

que há, no Brasil, internamente ao movimento espírita, diversas linhas discordantes da ortodoxia kardecista. Stoll (1999, 2003, 2004) nos mostra uma delas, assinalada pela carreira religiosa de Luiz Gasparetto²⁵. Há ainda a trajetória de Waldo Vieira, médium que trabalhou durante vários anos como parceiro de Chico Xavier, e que depois abandona o kardecismo de base ortodoxa para fundar o que chamou de projeciologia (depois renomeando-a de conscienciologia) (D'Andrea 1997).

Sob um contexto onde os termos *crise, fragmentação, resistência e inovação* dão o tom do debate é que afirmo me deter, neste trabalho, ao *espiritismo*, considerando-o como um campo religioso *fraturado*; nesse sentido é que os três grupos que estudei – o primeiro, ligado a um centro espírita adeso²⁶, o segundo, vinculado a um centro espírita não adeso e o terceiro, desvinculado de centros espíritas, podem ser circunscritos ao campo das “crenças e práticas que se constituíram por referência aos escritos de Allan Kardec” (Giumbelli, 1995:7), mas não se identificam, como um todo, à chamada "tradição" espírita²⁷.

■ CORPO E EMOÇÃO NOS ESPIRITISMOS

Como já apontei acima, uma das principais faces da cultura religiosa espírita diz respeito às *práticas mediúnicas*; em relação a estas, já temos um considerável material etnográfico²⁸, todavia, este material ainda não revela a sua densidade, e esta lacuna é ainda mais evidente se considerarmos a centralidade dada à mediunidade no sistema ritual espírita. Junto com o estudo e a caridade (cf. Cavalcanti 2003), ela é uma prática definidora deste campo; nesse sentido, a maneira como é praticada, sentida e representada pelos espíritas pode mesmo nos falar não apenas do espiritismo, mas de sua relação com o campo religioso mais amplo.

²⁵ Luiz Antonio Alencastro Gasparetto, médium, psicólogo, escritor e locutor paulista brasileiro. Para a carreira de Gasparetto, cf. Stoll (1999 e 2003).

²⁶ Adeso: termo nativo espírita que significa "associado ao campo federativo espírita", este último significando a FEB (Federação Espírita Brasileira) e as diferentes federações espíritas estaduais. Cabe salientar que o termo adesão também se refere à conversão, no espiritismo brasileiro. A esse respeito, ver Cavalcanti 1983.

²⁷ Para a "tradição espírita", cf. Stoll (2002)

²⁸ Vale salientar a já clássica etnografia de Cavalcanti (1983), realizada em centros espíritas do Rio de Janeiro, além do trabalho de Lewgoy (2000 e 2003), abordando as estruturas narrativas da desobsessão. Também é importante lembrar os trabalhos de Greenfield (1999 e 1992) sobre cirurgias espirituais e os de Luís Eduardo Soares (1979) e de Stoll (2008), sobre psicografia.

O trânsito entre os mundos visível e invisível, uma das características do campo religioso brasileiro (cf. Camargo, 1960 e Machado 1983), se opera tanto sob linguagens rituais "dionisíacas", ligadas à festa, quanto sob linguagens mais "ascéticas" (cf. Birman (1982, p.07); nesta última expressão, temos o espiritismo kardecista. A literatura aponta que, enquanto no transe afro-brasileiro há uma ênfase em coreografias corporais, que expressam, junto com as cantigas e as falas das entidades incorporadas as vontades e conselhos dos seres de outro mundo, o transe espírita "benigno" é um transe com ênfase na palavra. Sublinha Motta (1997):

Embora a personalidade ordinária do médium seja substituída pela de um espírito, de um deus ou de um demônio, esta última raciocina e se comunica de modo bastante corriqueiro, através de discursos verbais consequentes e coordenados (Motta, 1977:97-114).

No mesmo sentido é que Aubrée (1996) diferencia “transe de possessão” de “transe de inspiração”. Na primeira forma de transe “o possuído muda de personalidade, no sentido de que ele se transforma na divindade”, o modelo paradigmático neste caso seria o transe no candomblé. Já no transe “de inspiração”, o indivíduo “conserva sua personalidade, mas é cercado pela divindade, que ao dominá-lo, faz dele seu porta-voz” (Aubrée 1996, p. 175), forma que descreveria com propriedade o transe espírita benigno.

Ora, se no espiritismo, todos os indivíduos são concebidos como potencialmente capazes, em menor ou maior grau, de serem inspirados pelos espíritos, a qualidade desse transe será condicionada pelo próprio grau evolutivo no qual o indivíduo se encontra. É nesse contexto que se articulam transe e emoções, pois, para os espíritas, “emoções inferiores” atraem espíritos “atrasados” ou “sofredores” e emoções “superiores”, ou “virtudes”²⁹, possibilitam a inspiração dos “bons” espíritos.

Do mesmo modo, os médiuns devem seguir um padrão de transe fundado em *sobriedade, discrição, austeridade e simplicidade* (Cavalcanti 1983, p. 18, 69, 130), e evitar, em seu cotidiano, emoções não adequadas a este padrão de transe. Ora, os espíritas assinalam a existência de “sentimentos reprováveis, traduzíveis como sinais de inferioridade moral/espiritual”; dentre outros, assinala-se “inveja, ciúmes, mesquinhez, egoísmo” (Cavalcanti

²⁹ Um padrão de virtudes que se atualiza a partir do mito Chico Xavier e é caracterizado por comportamentos de “discrição, seriedade, controle, solicitude, paciência, austeridade” (Cavalcanti 1983, p. 56/59), aos quais eu acrescentaria ainda a gentileza, a pacificação, o pudor e a vergonha.

2003, p. 58/59). Parece-me claro que há, no kardecismo, *emoções boas e ruins*, assinalando a necessidade de se empreender uma *educação dos afetos*. Uma importante discussão sobre controle do corpo e dos afetos no espiritismo é efetivada por Cavalcanti (1983). Para esta autora, neste sistema de crenças está presente a ideia de que

O corpo como matéria é para o homem o símbolo vivo de sua imperfeição, de sua provação, da encarnação em suma. Como tal, ele é tentação no sentido em que a encarnação é a atualização do livre-arbítrio, da escolha reafirmada a todo o momento entre o Bem e o Mal. O corpo é fonte de vícios - tabagismo, alcoolismo, uso de drogas, comportamento sexual desregrado etc. - que devem ser combatidos (Cavalcanti, 1983, p. 130).

É em relação a imperfeição que, no momento do transe, o domínio do corpo do médium é enfatizado: "Não importa qual seja a vontade do espírito comunicante, o corpo deve ser controlado, seus impulsos regrados, domados" (Cavalcanti 1983, p. 130). Assim, o controle do corpo no transe coaduna-se com o ethos espírita de discrição, sobriedade, disciplina (idem,130). Na verdade, o controle do corpo no transe, ou dito de outra forma, a educação da mediunidade é parte do aprendizado do espírita, parte da reforma íntima.

Pode-se dizer que o caminho para se começar a reforma íntima são exatamente os processos obsessivos, já que eles sinalizam, no caso do médium, para a necessidade de estudos que levem a um controle da mediunidade e à prática da caridade, para assim desenvolver virtudes que farão com que este se aproxime dos espíritos superiores e se afaste dos inferiores. Neste caminho, grande parte da humanidade está ou estará em processo de obsessão, o que faz com que a obsessão seja, para os espíritas, a causa primeira ou o agravante da grande maioria dos problemas que acompanham a humanidade, desde divórcios até guerras (Lewgoy 2000).

A partir dessa revisão da literatura é possível melhor qualificar o rol de questões a serem exploradas nas próximas páginas deste trabalho, questionando pela existência de modelos emocionais alternativos em relação ao modelo adeso. Do mesmo modo, e identificando, através da literatura, o lugar das emoções *ruins* e das *boas* emoções naquilo que é a reforma íntima, questiono sobre o lugar da desobsessão, como empreendida nos diferentes grupos estudados, na educação dos afetos.

■ O TRABALHO DE CAMPO

Como já assinalei, a pesquisa se deu em três grupos espíritas: o primeiro foi o *mediúnico* do GEIU, Grupo Espírita Irmãos Unidos, centro espírita adeso à FERN. Neste grupo, a pesquisa se desenvolveu entre agosto de 2003 a dezembro de 2007. O segundo e o terceiro são, respectivamente, o *Grupo Ramatís* do centro espírita Bezerra de Menezes (centro não adeso à FERN) e o grupo de estudos e pesquisas Atlan, ou *Grupo Atlan*. Nestes dois grupos (*Ramatís* e *Atlan*) a pesquisa foi empreendida entre abril de 2007 e novembro de 2009.

É importante dizer que a Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes é formada pelos centros espíritas Bezerra de Menezes e Humberto de Campos; o Bezerra de Menezes é proprietário do prédio onde se dão as atividades dos dois centros, e o Humberto de Campos aluga um andar deste prédio no horário da noite, três vezes por semana. Há também dois *grupos internos*, relativamente independentes: o grupo Ramatís – onde se deu minha pesquisa – e o Grupo Ana Madalena. Ainda que sejam coletivos independentes, o Centro Humberto de Campos, o Grupo Ramatís e o Grupo Ana Madalena realizam suas atividades no espaço físico do centro espírita Bezerra de Menezes e seus membros fazem parte da vida deste, que é o maior coletivo. Já o GEIU não detém centros espíritas ou grupos internos.

Para responder às perguntas de pesquisa, eu examinei, através da observação participante e também de entrevistas, o rito da desobsessão, em duas vertentes: a "desobsessão simples", efetuada no Grupo Espírita Irmãos Unidos e a "desobsessão apométrica", desenvolvida no Grupo de Estudos Ramatís de Natal. Também fiz observações etnográficas de palestras públicas e reuniões de estudo da mediunidade no GEIU, durante dois anos; reuniões do Grupo Ramatís durante dois anos; encontros do Grupo Atlan durante dois anos; cabines de atendimento de médicos espirituais no Bezerra de Menezes, durante seis meses e de palestras públicas no Bezerra de Menezes, durante seis meses. Examinei também as carreiras mediúnicas de três médiuns, ligados aos grupos estudados: Arabela, Miriam e Rogério. O relato de Arabela está alinhavado à *desobsessão simples*; o de Miriam, à *desobsessão apométrica* e o de Rogério ao que ele chama de *desobsessão profunda*. Fiz também uma série de entrevistas abertas com médiuns e frequentadores do GEIU e do Bezerra de Menezes, exame da literatura nativa (livros, revistas, biografias) e de literatura antropológica sobre o tema.

Esclareço que, dos três grupos estudados, o primeiro – o *mediúnico* do GEIU – identifica-se à "tradição" espírita brasileira (Stoll 2002). Já os dois outros grupos (Ramatís e Atlan) não rompem com essa tradição, mas introduzem no campo espírita elementos dissonantes, advindos do universo neoesotérico, da ufologia e das religiões de matriz africana, mais precisamente a umbanda.

Porém, talvez eu esteja contando a história ao contrário. Até aqui, e seguindo um roteiro mais formal de construir teses, apresentei marco teórico, revisão bibliográfica e metodologia, mas os movimentos que me possibilitaram construir a problemática e muitos *insights* aqui apresentados não se deram na linearidade apresentada. Omitir a parte mais vivencial, que se iniciou quando ainda era nativa, obscureceria parte da dinâmica que me possibilita os recortes que constituíram este trabalho, impedindo inclusive melhor dimensionar minhas posições ao olhar, interpretar e escrever, que constituem a tarefa etnográfica (Willis 1997; Rios 2004). De outro modo, como a constituição da problemática das emoções no espiritismo como objeto de investigação está intrinsecamente ligada a minha própria trajetória de vida, é por ela que vou arrematar esta parte introdutória do trabalho.

O avesso

■ O CENTRO ESPÍRITA E A AFLIÇÃO, OU O EPISÓDIO DAS VASSOURAS

Não me lembro desde quando passei a ser simpatizante do espiritismo, mas li *O Livro dos Espíritos* no final dos anos 1980, e nesta época fui à Federação Espírita do Rio Grande do Norte em busca de entendimento para os fenômenos supostamente mediúnicos que ocorriam com uma amiga da universidade, Juliana. Ela "ouvía" e "sentia" coisas estranhas, à noite, antes de dormir: uma mulher a abanava com um grande leque, e ela ouvia uma algazarra de pessoas, invisíveis, a varrerem o seu quarto e conversarem a altos brados. Não "aderi" à doutrina espírita, porém, neste período. Isto só veio a acontecer em decorrência de outro fenômeno mediúnico, desta vez, acontecido comigo.

No início do ano de 1997, já professora da UFRN, eu morava num apartamento em Natal, e passei a ouvir, várias vezes durante à noite, barulhos de passos – que me pareciam ser de tamancos - no apartamento de cima, último andar. Além disso, havia o ruído de uma vassoura, varrendo e batendo nos móveis. Móveis que eram, segundo eu ouvia, provavelmente arrastados durante parte da noite. Seria tudo talvez compreensível, não fosse o fato de o dito apartamento estar desocupado já há alguns meses. Em algumas madrugadas em que o barulho dos tamancos se tornava muito alto, eu olhava da minha varanda para a varanda de cima, na ilusão de encontrar algum fiapo de luz. Ninguém varre a casa no escuro, pensava. Mas só havia a escuridão.

O porteiro do prédio e o síndico me juravam não morar ninguém ali. Mas o alarido continuava. Com o tempo, me lembrei das leituras espíritas e pensei: "são entidades. Vou entregar os pontos e dormir". E assim, fui me acostumando com meus vizinhos invisíveis e barulhentos. Até o dia em que recebi um bilhete da vizinha de baixo: "pare com as arrumações da madrugada". Ela também ouvia.

Tomei coragem e bati em sua porta para relatar que "não era eu, e sim um espírito, não sei se você acredita". A mulher acreditou. Era umbandista. Mostrou-me seu altar, no quarto, com imagens de São Jorge Guerreiro, Cosme e Damião, dentre outros, e eu fiquei tranquila. Mas logo ela se mudou, e o novo vizinho, que se mudara para o apartamento dela, não acompanhava das mesmas crenças. Acordei numa madrugada sendo xingada de desordeira, pois o homem não conseguia dormir "com essa música alta e essas risadas. Isso lá é hora de dar uma festa?". Os "espíritos" estavam fazendo uma farra. Aterrorizada, procurei minha mãe, que era espírita, e ela me levou ao Grupo Espírita Irmãos Unidos.

Assim, numa noite de terça-feira do mês de abril de 1997, eu e minha mãe fomos à casa de Inácia, médium do **Grupo Espírita Irmãos Unidos**, para que ela nos levasse até este centro espírita e eu então tirasse uma ficha de atendimento para a cabine de "diálogo fraternal"³⁰ de **Arabela**, a médium mais importante do centro. Nessa noite eu não consegui uma ficha para Arabela; quem me atendeu foi João Antonio, doutrinador. Entrei na sala à meia-luz: uma mesa entre ele e eu, duas cadeiras do lado de cá, duas do lado de lá. Contei rapidamente a minha

³⁰ O diálogo fraternal, também chamado de *atendimento fraternal*, é uma das portas de entrada de novos fiéis ao centro espírita; caracteriza-se por ser uma entrevista individual, e é realizada em ambiente privado da casa espírita. Neste momento, o indivíduo *fala* sobre seus *problemas* e é *aconselhado*. Para uma suficiente caracterização do diálogo fraternal realizado em centros espíritas, cf. Cavalcanti (1983, pp. 65), que também o diferencia do ritual da consulta, na umbanda.

estória. Ele parecia não me ouvir; de olhos semicerrados, concordava com as respostas antecipadas que eu dava às minhas próprias indagações: "devem ser de espíritos, né, aqueles sons que ouço?"... "eu devo estar obsidiada³¹, não é mesmo?"... "o senhor acha que devo tomar passes?"... ele não me respondeu nada, só balançava afirmativamente a cabeça, e eu saí da cabine achando tudo ótimo: "deve ser assim mesmo, esse tal diálogo".

Saí desta sala e circulei pelo salão. Logo, uma moça, Sonia, veio falar comigo: "gostou do diálogo? Você deve tomar o passe", e me entregou uma ficha de papel plastificado com um número inscrito. Conversamos, e ela me explicou que o diálogo era o "primeiro momento da desobsessão". O passe também fazia parte do *tratamento* que eu iria fazer. Eu nada havia dito a ela sobre meus problemas, mas, pensei, talvez Inácia houvesse comentado. Sonia me enviou para a biblioteca, onde encontrei outras pessoas, muito simpáticas, que, ao saber que eu havia ido para o diálogo, se prontificaram a me esclarecer que eu deveria ler "alguma coisa da doutrina". Uma das pessoas me falou do médium Divaldo Franco³²: "Arabela e José Morais gostam muito dos livros de Divaldo, leve alguns de empréstimo". Eu não sabia quem era José Morais, só havia ouvido falar de Arabela, mas deixei que fizessem minha ficha na biblioteca e nós conversamos até a palestra iniciar. Após a palestra, eu tomei *passe* e ao término da noite fui para casa com dois livros de Divaldo embaixo do braço.

- **"ESTÁVAMOS VARRENDO SUA CASA PARA VOCÊ ENCONTRAR O SEU CAMINHO": DA OBSESSÃO À CURA**

Assim, nos Irmãos Unidos eu fiquei para fazer um *tratamento*, já que estava, como supunha, *obsidiada*. Porém, o tratamento ia além do que eu imaginava. Antes de ir ao GEIU, minha mãe havia me dito que nos centros espíritas havia uma reunião, onde os médiuns recebiam

³¹ Obsidiada: refere-se à categoria nativa "obsessão". Tratarei da obsessão no decorrer deste trabalho.

³² Divaldo Pereira Franco, nascido em Feira de Santana, na Bahia, em 1927, é professor, médium e orador espírita. Fundou em 1952, em Salvador, a instituição assistencial espírita Mansão do Caminho. Publicou até este momento, 240 títulos psicografados em português. Dentre estes, há 80 versões para outros idiomas. Diz escrever sob a inspiração de 211 espíritos. Dentre eles, destacam-se os nomes de Joanna de Ângelis (sua mentora), e também Manoel Philomeno de Miranda, Victor Hugo, Amélia Rodrigues, Ignatus, Vianna de Carvalho, Carlos Torres Pastorino, Bezerra de Menezes, Rabindranath Tagore, João Clóofas, Eros e Simbá, dentre outros.

os espíritos que incomodavam as pessoas, e então estes eram convencidos a não lhes fazer mais o mal. Esta era a *sessão de desobsessão*.

No GEIU, porém, me contaram que meu tratamento ia além desta conversa a portas fechadas e envolvia dois movimentos: o primeiro deles era "o que o centro espírita poderia fazer por mim, para me ajudar a me curar da obsessão". Sob este primeiro sentido é que meu nome foi escrito num papelzinho e levado para a tal sala onde fariam, mais tarde, a reunião de desobsessão (da qual eu não poderia participar). Acrescentaram que, nesta reunião, "talvez" o "meu" obsessor fosse atendido; porém, "talvez não". De qualquer forma, ele "certamente não estava mais do meu lado": havia sido "retirado de meu campo"³³, durante o diálogo fraternal, que, como sempre sublinhavam, já era "o começo da desobsessão"³⁴. Além do diálogo fraternal e da reunião de desobsessão, os trabalhadores do GEIU me contaram que outras atividades desenvolvidas pelo centro me ajudariam na minha "libertação"; estas eram a *fluidoterapia* (que envolvia tomar *passe*³⁵ e água *fluidificada*), a *palestra* e o *ESDE*³⁶.

Um ponto crucial, para mim, foi ouvir que, afinal, mesmo que o meu obsessor³⁷ se regenerasse, isso não significava necessariamente o fim de minha obsessão. Na verdade, me diziam, após a doutrinação do obsessor, nada o prende ao centro espírita. Ele tem o livre-arbítrio para ir embora de lá na hora em que quiser. Assim, existia a possibilidade de que, após o seu atendimento na reunião, o tal obsessor voltasse à minha casa, para o meu lado. Eu deveria estar preparada para isto; neste sentido é que era importante, no caso deste, ou de qualquer outro obsessor se aproximar de mim, que ele encontrasse "a casa diferente" (a minha "casa interna"). Isso "talvez" até o convencesse a desistir de me perseguir.

³³ "Campo magnético" ou "aura": segundo os espíritas, é o "fluído animalizado" que recobre o "perispírito" do ser humano encarnado. Tratarei de perispírito e de fluido animalizado no decorrer desta tese.

³⁴ Desobsessão: termo nativo que significa o tratamento dado ao mal da obsessão.

³⁵ Passe: Prática amplamente difundida entre os espíritas, que consiste, na imposição das mãos feita por um indivíduo, que recebe o nome de passista, sobre outro, que se acha geralmente sentado à sua frente, num ambiente à meia-luz. Segundo os espíritas, o ato teria o poder de canalizar "fluidos" ou "energias" benéficos, oriundos do próprio passista, de bons espíritos, ou ainda de ambas as fontes somadas. Para a caracterização do passe, cf. Cavalcanti (1983).

³⁶ ESDE – Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

³⁷ Obsessor: o indivíduo (vivo ou morto) que obsedia outro indivíduo, por variadas razões, impingindo sofrimento a este último. Para os espíritas, a obsessão pode ser de morto para vivo, de vivo para morto, de morto para morto, de vivo para vivo e também pode se constituir em auto-obsessão, quando o indivíduo torna-se o alvo de si mesmo, levado por culpa, ódio, inveja ou outros sentimentos perturbadores.

O que levava ao segundo movimento: "o que eu poderia fazer, para ajudar a mim mesma": isto se chamava "autodesobsessão", ou "desobsessão natural", como definiam Eurípedes Barsanulfo, pela mão de Divaldo Franco, e também Suely Caldas Schubert, autores que aos poucos eu teria contato, em minha frequência ao centro espírita:

Aquele que encontrou Jesus já começou o processo de libertação interior e de *desobsessão natural* (Eurípedes Barsanulfo, in "Sementes de Vida Eterna", psicografia de Divaldo Franco, cap. 50, grifo meu).

A nossa regeneração é, pois, a nossa desobsessão (*autodesobsessão*), que poderá ser *levada a efeito por nós mesmos de maneira natural*, isto é, aceitando Jesus de maneira plena – o que equivale a dizer: evangelizando-se, ou ainda, nos casos de obsessão declarada, *aliando-se a autodesobsessão aos recursos espíritas* (Schubert 1994, p. 126, grifo meu).

Para fazer a *autodesobsessão* ou *desobsessão natural*, fui orientada ao *habito da prece*, a fazer uma vez por semana o *evangelho no lar*, à prática da *caridade* e à busca pelo *autoconhecimento*, desvendando em mim mesma os meus vícios mais profundos, para poder combatê-los: isto eu conseguia estudando os livros da codificação espírita, além de os de André Luiz e Emmanuel, psicografados por Chico Xavier, e também os de Divaldo Franco, além de muitos outros que me foram apresentados.

A literatura nativa explicava sobre a urgência da tarefa: se eu não me *autoeducasse, jamais deixaria de me sentir obsidiada*, e, aliás, eu teria de *convencer* também o meu antigo alagoz, *caso ele voltasse à minha casa*, assim como, no futuro, a outros, acerca de minha *mudança*:

O obsidiado, se não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de autodomínio ou autoeducação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que seu primitivo obsessor se regenere (Yvonne Pereira, espírito, Divaldo Franco, médium, "Recordações da Mediunidade").

O obsidiado, quando do início de seu tratamento, deve ser inteirado de que o labor da caridade, em nome de Jesus, é fator primordial para a sua melhoria interior. Através da disposição que o paciente apresente para esse serviço, de sua perseverança e boavontade, conseguirá ele, aos poucos, ir convencendo o seu obsessor de sua renovação moral (Schubert 1994, p. 107).

Aliás, Joanna de Ângelis, espírito, muito lida pelos meus colegas do GEIU, sintetizava os dois movimentos que acima mencionei: ela dizia que a desobsessão envolvia a parte do indivíduo, ou seja, "prece, reforma interior (moralização íntima), mudança de pensamentos, vontade, caridade" e também o que chamava de "recursos espíritas (fluidoterapia - terapia do passe e água fluidificada, diálogo fraterno, evangelho no lar, palestras, ESDE, trabalho na casa

espírita e reunião de desobsessão). Além disso, orientação à família do obsidiado". (Divaldo Franco/Joanna de Ângelis, "florações evangélicas", cap 51).

Assim, eu fiquei sabendo que quem faria minha desobsessão era eu mesma, obviamente, com a ajuda do centro espírita. Mais uma vez, Suely Caldas Schubert fazia eco às palavras de meus colegas de centro: **não era uma reunião que me libertaria dos obsessores.**

Ninguém se engane: o obsidiado só se libertará quando ele mesmo se dispuser a promover a sua autodesobsessão. O espiritismo não poderá fazer por ele o que ele não fizer por si mesmo. Muito menos os médiuns, ou alguém que lhe queira operar a cura. Entretanto, muitos pensam, erroneamente, que no centro espírita se verão livres de todos os males (...). A primeira coisa a ser feita, portanto, é esclarecer ao paciente o quanto a sua participação é fundamental para o tratamento. E nisso reside quase toda a possibilidade de êxito (Schubert 1994, p. 90).

Fiquei, afinal, sabendo que a desobsessão era, "em sentido amplo", "o processo de regeneração da humanidade". (Schubert 1994, p. 125).

Assim, recebendo já neste primeiro dia, os pré-requisitos para meu tratamento (que ao longo do tempo eu aprofundaria), no final da noite, após tomar o *passe* e beber da *água fluidificada*, eu peguei emprestado, como já disse, os dois livros de Divaldo Franco, entre os que me indicaram.

Também me acerquei das atividades do centro – reunião pública, estudo da mediunidade, estudo da doutrina espírita: eu participaria de todos. Durante seis anos só faltei às reuniões espíritas em caso de extrema doença. Os barulhos estranhos que eu ouvia, vindas do *outro mundo* cessaram por completo, e então fez sentido a mensagem recebida por intermédio de Inácia: "estávamos varrendo sua casa, para que você encontrasse o seu caminho". E o espiritismo foi o meu caminho, até que outro fato me obrigasse a olhar a tapeçaria pelo avesso: fui fazer o curso de especialização em antropologia, sob o objetivo de me preparar para o doutorado, já que tenho mestrado em outra área, serviço social.

Porém, minha chegada aos Irmãos Unidos em 1997 e meu profundo engajamento na tão importante *autodesobsessão* significou o despojamento de variados elementos que eu havia cuidadosamente cultivado durante muitos anos. Eu encaixotei os meus livros de poesia concreta. Também sumiram da vista os discos de bolero, herdados de minha mãe, e que eu ouvia na infância, e os de rock-pop, que alimentaram a adolescência. Comprei então – e li – o pentateuco

de Kardec, a coleção de André Luiz, vários livros de Zíbia Gasparetto e outros tantos de Divaldo Franco e de outros autores. Meus filhos foram matriculados na evangelização infanto-juvenil da FERN, e eu passei a fazer o evangelho no lar, todas as quartas-feiras às 21hs, na sala de casa. Também passei a frequentar a reunião pública da terça-feira, o estudo da mediunidade na quinta-feira e o estudo sistematizado da doutrina espírita na sexta-feira, sempre à noite, além da reunião pública do domingo à tarde na FERN, enquanto meus filhos eram evangelizados.

Logo na segunda semana fui apresentada a Arabela. Uma moça realmente muito bonita; alta, bem-vestida, e, além disso, sorridente, carismática. Quando ela chegava ao centro, uma pequena multidão a seguia, à procura de dois dedos de conversa. Havia os quatro felizardos que tinham conseguido as tão disputadas fichas de atendimento, mas porque não conversar um pouco com os excluídos do diálogo da noite? E Arabela guardava sempre uma palavrinha para cada um. Após algumas semanas admirando sua figura quase esvoaçante a passar por mim, certo dia ela me abordou: "Você está bem? Sabe que tem um espírito muito bonito do seu lado? É uma moça muito jovem, de olhos apertadinhos". Eu respondi que estava bem, "me tratando de uma obsessão". Ela me disse que se eu quisesse qualquer dia tirar uma ficha para o atendimento, não havia problemas.

Arabela me pareceu ser, por assim dizer, a bondade em pessoa; ela detinha as múltiplas virtudes que eu gostaria de ter. Ela era sempre muito amável, paciente, sorridente, dedicada. Não havia como ninguém tirá-la do sério, e era assim que eu seria. Portanto, em meu ofício de professora, eu passei a me mostrar mais *caridosa* e menos *estressada*, procurando compreender mais os alunos, seus problemas, suas necessidades. Em casa, tentei tratar com mais carinho os familiares, ralhar menos com as crianças, conversar mais com o marido, que observava tudo e vez por outra me dizia: "só espero que você não exagere nessa estória de religião. Estou cansado de fanáticos". E eu imaginava: "coitado, deve estar obsidiado, vou pôr o nome dele no centro".

E já que era para mudar, eu cortei o meu cabelo na nuca, doeи as roupas justas e curtas e investi em blusas de seda com mangas *três quartos* e em ternos de linho, de cores sóbrias. Joguei no lixo as fotos, cartas e bilhetinhos de ex-namorados, e antes de dormir me condicionei a pedir para sonhar só com coisas elevadas. Mas eu sabia que minha reforma íntima ainda não estava terminada: os meus colegas do centro espírita me diziam isso. Foi muito doloroso, mas entendi como necessário ser lembrada por Eduardo, nos estudos da sexta-feira à noite, que as teorias

sociológicas das quais tanto gostava careciam de fundamento moral, e que a história dos homens e das mulheres e do mundo contada por Hobsbawm e Michelle Perrault só me ofereciam uma face do real, a menor e mais desimportante: a história da matéria. Passageira, fugaz, efêmera. Nada daquilo permaneceria após o desencarne de todos. Passei a ler a história do mundo contada por Emmanuel.

Certa noite de reunião pública, faltou alguém para fazer o exórdio³⁸, e me chamaram para que eu ocupasse esta função. Eu não sabia bem o que fazer, então Sandro, um de meus colegas no centro, me levou até a biblioteca e abriu o livro *Nosso Lar*, de Chico Xavier, na epígrafe, e eu li: "Quando o servidor está pronto, o serviço aparece". As lágrimas vieram aos meus olhos, eu me senti confiante para fazer o exórdio e a partir deste dia minha inserção no grupo se estreitou: atuei como oradora³⁹, passista⁴⁰, médium em desenvolvimento e cheguei ao cargo de vice-presidente do centro. Na mesa de desobsessão, perdia os sentidos algumas vezes, mas tinha *medo*, não me *entregava*.

- **ENTRE BRUXAS E DISCOS VOADORES: RAMATÍS, JAN VAL ELLAM E A WICCA**

No final do ano 2000, após três anos me dedicando aos Irmãos Unidos, fui chamada para ministrar uma aula para o grupo de estudo sistematizado da doutrina espírita da sexta-feira, neste mesmo centro. O assunto era "raças adâmicas", e na apostila da FEB, a leitura básica, constavam como referências bibliográficas o livro de Emmanuel, "A Caminho da Luz", além d'O Livro dos Espíritos, de Kardec. Pensei que poderia ampliar esta referência e fui à livraria da FERN, da qual já era cliente assídua, para pesquisar. Após uma tarde inteira folheando vários livros, levei para

³⁸ Leitura preparatória para a palestra, efetuada antes da "prece inicial".

³⁹ Orador: termo nativo que designa o indivíduo que efetua palestras em centros espíritas.

⁴⁰ Passista: função de quem *aplica passes* em centros espíritas.

casa dois que me chamaram muito a atenção: "Exilados de Capela", de Edgard Armond⁴¹, e "Mensagens do Astral", do espírito **Ramatís**⁴², psicografia de Hercílio Maes⁴³.

Exilados de Capela partia do mote colocado por Emmanuel, de que as populações que formaram a humanidade terrena (as raças chamadas por Emmanuel de *adâmicas*), eram extraterrestres, já que se originavam do sistema estelar de Capela, e teriam vindo para a Terra há milhares de anos atrás. Porém, Armond arrematava esta história com uma notícia bombástica, para mim: ele sinalizava um momento para o chamado fim dos tempos; por volta do final do segundo milênio, quando um astro intruso 3.200 vezes maior que a Terra ocasionaria a verticalização do eixo de nosso planeta e grande parte da humanidade pereceria. Na mesma linha catastrófica, Ramatís explicava, com bem mais riqueza de detalhes, como se daria este apocalipse. E eu apresentei o estudo, passando por Emmanuel, e ao final pincelando cuidadosamente Armond; não toquei no nome de Ramatís, pois já havia ouvido falar, pelos corredores do centro, que este era um espírito "polêmico demais".

Esta foi uma época onde fiz diversas leituras paralelas à linha que me parecia "mais clássica" do espiritismo. Encontrei na livraria da FEB outros livros de Ramatís, e na livraria da Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes⁴⁴ o livro "Reintegração Cósmica", de um tal **Jan Val Ellam**. Este último incrementava, para mim, as ideias de Ramatís, articulando os personagens de Jesus Cristo, Lúcifer e Jeová em uma história de guerras galácticas e de viagens espaciais a bordo de discos voadores.

Porém, as leituras que mais me atraíram neste período enveredavam por outra linha: ocorre que, fuçando em uma livraria de supermercado, encontrei o livro "Autobiografia de uma

⁴¹ Edgard Pereira Armond (1894/1982), médium espírita brasileiro.

⁴² Ramatis, Ramatís, Rama-tys ou Swami Sri Rama-tys é o nome atribuído pelos espíritas a um espírito hindu, encarnado pela última vez na Indochina do século X D.C. Os médiuns Hercílio Maes, América Paoliello Marques, Maria Margarida Liguori, Wagner Borges, Jan Val Ellam, Norberto Peixoto, Dalton Roque e Hur-Than de Shidha são alguns dos que afirmam comunicar-se ou terem se comunicado com Ramatís. Para seus discípulos e admiradores, Ramatís coordena a "Fraternidade da Cruz e do Triângulo", equipe extrafísica de espíritos oriundos do cristianismo e de tradições religiosas do Oriente, comprometida em difundir uma espécie de síntese de conhecimentos religiosos ocidentais e orientais. Sigo aqui a forma como Hercílio Maes, o primeiro médium a escrever por Ramatís, escreveu o seu nome: com a última vogal acentuada ("í").

⁴³ Hercílio Maes (1913-1993), contador e advogado em Curitiba (PR), foi o primeiro médium que psicografou pelo espírito de Ramatís.

⁴⁴ CCABM, Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, um centro espírita não adeso situado na Avenida Amintas Barros, 2305, bairro de Lagoa Nova, em Natal.

Feiticeira", de Lois Bourne. Gostei da "orelha", levei para casa e o li em uma noite. Eu não sabia, mas Bourne foi uma das mais fiéis seguidoras de Gerald Gardner, que, segundo os wiccanos⁴⁵, foi o criador da Wicca. Bourne me fascinou, e eu passei a pesquisar sobre ela, e depois sobre Gardner, e sobre as linhas da wicca – gardneriana, diântica, alexandrina⁴⁶, e uma infinidade de outras – e comprar tudo o que encontrava sobre bruxaria.

Isso me "preenchia" muito mais do que o espiritismo, ainda que eu lesse os escritos wiccanos efetuando variados ajustes, de modo a caber com alguma folga aquilo que me diziam Kardec, Chico Xavier, Divaldo Franco. Mas a bruxaria me parecia mais prazerosa. Ela me falava de poder pessoal, de que as bruxas e bruxos eram aqueles que sabiam girar, moldar e dobrar a natureza e os planos da vida e da morte. Por muitas vezes pensei em escrever cartas explicando as mudanças do meu ponto de vista a respeito do espiritismo para Eduardo, meu colega do centro, a quem eu admirava, por estudar com afinco, mas nenhuma destas cartas sequer passou do terceiro parágrafo. Assim, eu não me sentia à vontade para dizer o que me fazia falta nos estudos do GEIU.

No início do ano de 2003, eu iniciei o curso de especialização em antropologia urbana da UFRN, pensando em me capacitar para o doutorado nesta área, e como as aulas eram à noite, não pude conciliá-las com o trabalho no centro, e passei a ir menos às reuniões. Nesse momento, já bastante cansada com o que eu identificava vagamente como sendo a linha ortodoxa do espiritismo, isto é, a parelha Kardec-Chico Xavier, percebia que meu desejo era realmente pesquisar Wicca.

Busquei, então, me aproximar de algumas bruxas de um grupo em Natal, que conheci através de uma aluna do mestrado em antropologia da UFRN. Comprei livros de bruxaria, me cadastrei em listas virtuais, pensei em ir a um encontro de bruxos e bruxas que acontece em Brasília, anualmente. Correspondi-me com Mavesper Ceridwen⁴⁷, sacerdotisa wiccana, por

⁴⁵ Wiccanos: seguidores da Wicca, ou "bruxaria moderna", uma religião neopagã, que, segundo seus adeptos, é fundamentada em cultos da fertilidade que se originaram na Europa Antiga. Gerald B. Gardner é considerado, pelos nativos da Wicca, aquele que "impulsionou" o renascimento do culto, entre as décadas de 1940 e 1950. Para o pensamento nativo wicciano, cf. Cunningham (2002), Gardner (2003) e Prietto (2001).

⁴⁶ Sobre as diversas linhas da Wicca, ver Prietto (2001).

⁴⁷ Mavesper Cy Ceridwen: Bruxa e sacerdotisa wiccana brasileira; dedica-se à pesquisa de teologia comparada (estudo da Deusa) e organiza eventos neopagãos pelo país. É presidente da Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca).

algum tempo. Ela foi muito amável comigo, me incentivou a dar continuidade à pesquisa sobre bruxaria. Nesse período, fui convidada a ir a encontros deste coven⁴⁸, abertos a simpatizantes.

Porém, tinha medo. Nas rodas de conversas com as bruxas, sentia uma forte dor no peito e dificuldade para respirar. À noite, sonhava em voar sobre vassouras, e em viagens intraterrenas, onde eu me metia em túneis apertados e escuros, e me sujava de barro, ou com festas barulhentas à luz da lua cheia e de fogueiras, onde eu dançava junto a outras mulheres tão descabeladas quanto eu.

Porém, eu levei o livro de Lois Bourne para o centro e o partilhei com Eduardo e Arabela, e para minha surpresa ele foi muito bem aceito, principalmente em relação aos elementos que enfatizavam a capacidade da bruxa – entendida pelos meus interlocutores espíritas como médium – para influenciar e modificar o mundo material e espiritual à sua volta, algo infelizmente não usual no espiritismo, segundo estes meus dois colegas de centro. Conversei na época com Arabela sobre a ideia de pesquisar bruxas, que tomava corpo, e sobre os sonhos frequentes; porém, mesmo tendo lido e se identificado com o livro de Lois Bourne, Arabela me advertiu do perigo que seria *me vincular a energia tão pesada*, já que eu era médium e tentava desenvolver trabalho de cunho desobsessivo. E me lembrou do meu passado milenar, atravessado por desrgramentos vários, eu deveria saber. Esse passado era, sem dúvida, conhecido também pelas entidades das trevas que me acompanhavam, meus algozes, e eles não teriam dificuldade em mais uma vez me desvirtuar; logo agora, que eu havia encontrado o caminho do equilíbrio.

Alguns dias antes desta conversa, Arabela havia me contado que em certa noite, ao chegar ao centro, eu levei um espírito feminino comigo. Alta, bonita, de vestido branco, cabelos compridos, tinha a intenção de passar uma imagem de espírito evoluído, mas não conseguia, por causa da energia pesada que emanava, sentida imediatamente pela médium, em termos de uma forte dor no estômago. Essa mulher passeou pela nossa sala de reuniões e abraçou o marido de Arabela, sedutoramente. Disse-me Arabela: "Eu fiz uma prece e ela ficou no centro para tratamento, mas tome cuidado, foi você quem trouxe. E tem a ver com o seu interesse em bruxaria". Tive medo: "logo eu", pensei, "que frequentemente era – segundo a mesma Arabela – acompanhada pelo espírito de um hindu, meu provável protetor?".

⁴⁸ Coven: Também chamado de coventículo ou conciliáculo, é um termo nativo wiccano, significando "coletivo de bruxos e bruxas".

Não fazia sentido, mas eu enfim escrevi uma carta a Mavesper, contando um pouco da minha angústia, e, ao final, me despedindo dela e da Wicca. Hoje, contudo, maturando as ideias, após a escritura da tese, avalio que esta talvez não tenha sido uma real despedida, já que eu parti para estudar a mediunidade no espiritismo, identificando vagamente nesta prática, ecos daquilo que muito havia me encantado na Wicca: o girar, moldar e dobrar os planos da vida e da morte.

Em um primeiro momento, pensei em estudar apenas o GEIU, mas dois fenômenos me levaram a ampliar o recorte metodológico e incluir grupos não adesos:

A circulação de imagens, ideias e médiuns entre os vários centros e/ou grupos pertencentes ao espiritismo (adesos e não adesos à federação);

A minha familiaridade com o kardecismo adeso, o que poderia fazer como que não vislumbrasse processos aos quais eu própria estava submetida;

Considerando estas linhas reflexivas, optei pela comparação: pesquisar o/no GEIU, mas incorporar na pesquisa outros modelos de espiritismo que me possibilitassem tornar exótico o familiar (DaMatta 1987). Lembrei-me, estão, das leituras que havia efetuado sobre Ramatís. Há alguns anos eu sabia da existência do Grupo Ramatís do Bezerra de Menezes, criticado na FERN por seus estudos não-convencionais e por trazer rituais onde tinham lugar entidades não muito bem aceitas no meio espírita tradicional. Já a inclusão do grupo Atlan, de certa forma se impôs como condição para melhor compreender as práticas e crenças que encontrei no Ramatís.

■ OS PRIMEIROS FIOS

Como se pode notar, eu conhecia o campo espírita enquanto nativa. A literatura antropológica sobre espiritismo me falava de disputas no campo espírita, que apontavam para uma inflexibilidade do modelo adeso, e para uma multiplicidade de outros modos religiosos coletivos, todos se dizendo espíritas. E eu observava elementos desta disputa: as pessoas no centro espírita liam e ao mesmo tempo criticavam a literatura apócrifa, mais precisamente Ramatís e Jan Val Ellam, não no sentido de afirmar uma irreabilidade do que estava sendo lido, mas sim de que "um espírita não deve se ater a certas coisas", como profecias e extraterrestres,

que remetiam a involução e trevas. Falavam também em pureza doutrinária, mas ao mesmo tempo recorriam a centros "misturados" para a busca de "consumo de bens espirituais", em especial a cura. Foi a partir dessa primeira leitura do campo, ainda não sistematizada, mas onde algumas conexões empíricas e teóricas já podiam ser efetuadas (Weber, 1989), que eu resolvi constituir como objetivo da pesquisa o modo como **os espiritismos** lidam com as emoções, me perguntando sobre suas relações com os modos de fazer mediúnico, e os seus desdobramentos com a polêmica da adesão à federação.

Lembro que para os espíritas, salvação é, como para os protestantes (Weber 2004), algo que se consegue intramudanamente. Isto, na perspectiva kardecista, como eu já apontei, é significado como “reforma íntima”, e se consegue através da caridade, envolvendo a construção de emoções que a sinalizem publicamente, como a paciência, a modéstia, o recato, etc. Dessa experiência no espiritismo, e à luz da antropologia das emoções pude notar que há, no espiritismo, um conjunto de emoções claramente proscritas – o ciúme, a inveja, o orgulho, a vaidade, a cobiça, a luxúria, o egoísmo. Há também emoções muito valorizadas – a alegria, a bondade, a modéstia, a compaixão. Os médiuns de meu campo, dos três grupos espíritas, estão de acordo na rejeição e na valorização destas emoções.

Contudo, há em seus relatos outras emoções, desta vez registradas diferentemente. Elas traduzem proteção/cuidado, desamparo/abandono, e falam do contexto de disputa por legitimidade onde se inserem seus grupos. Relatadas a partir do contato com os espíritos, estas são as emoções do medo, da coragem/destemor, da vergonha, da confiança, da alegria e da raiva. Em meu trabalho, quero sugerir que nas maneiras como os médiuns agenciam estas últimas emoções, eles sinalizam sua busca por instituir e reinstituir o lugar de seu grupo e a legitimidade de seus espiritismos na guerra espírita contra o Mal.

No percurso da pesquisa, busquei entender os diferentes mitos de origem espírita e os também diferentes ritos mediúnicos, em sua contribuição para forjar *emoções apropriadas*. Em outras palavras, compreender como o ideário espírita de reforma íntima, matizado nos três grupos, se faz técnica de si (Foucault 2006). Busquei nessa noção de Foucault um caminho para retornar às indagações de Mauss (2003) sobre a construção da noção de Eu, especificamente no espiritismo, mergulhando etnograficamente neste campo, que, não é demais afirmar, olha para o modelo das federações para afirmar sua legitimidade. Nesse bojo, considerando o trajeto

histórico do espiritismo no Brasil, busquei pelas marcações dos fluxos e articulações (Appadurai 1990) de imagens, ideias e crenças advindas de diferentes outros campos, como ciência, mídia, militarismo etc. na lida com as emoções.

■ DA TESSITURA, OU SOBRE OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Tendo situado brevemente os enquadramentos da pesquisa que originou este trabalho, vale apontar em linhas gerais o que o leitor encontrará nas próximas páginas. A tese está dividida em três partes.

Na parte um, intitulada Espiritismos da "Pureza Doutrinária", abordo o centro *adeso*, o Grupo Espírita Irmãos Unidos. No capítulo 1, ("Raça, evolução e emoções na letra do espiritismo"), apresento a cosmogonia espírita como contada pela literatura aprovada e recomendada pela Federação Espírita, explorando as condições de produção do mito e no que ele fala sobre emoções. Este capítulo também permite situar o leitor sobre conceitos e noções nativas. No capítulo 2 ("Mediunidade, inclinações carnais e virtudes no espiritismo adeso"), apresento o GEIU na sua organização; do mesmo modo, situo o leitor em relações às práticas que concorrem no centro para promover a tão almejada reforma íntima, caminho de salvação espírita. Neste âmbito, aponto para o fato de que se a reunião de desobsessão é pilar para a existência do centro, ela caminha de modo articulado com um conjunto de outros rituais, conformando o que chamo de *dispositivo da desobsessão*.

Apresentado o espiritismo adeso, passo, na parte dois (um espiritismo fraturado), a apresentar crenças e práticas presentes nos dois grupos não adesos, eleitos para investigação etnográfica. Nessa linha, no Capítulo 3, apresento uma breve discussão sobre os processos de desregulação no campo religioso espírita. Esta servirá de recurso para pensar nos processos que vêm ocorrendo na Associação Espírita Bezerra de Menezes, onde, como apresentarei no capítulo, vários grupos com certa autonomia convivem, mobilizados na atualidade por uma intenção por adesão. Nesse ínterim, apresento os dois grupos que serão objeto de discussão, o Ramatís e o Atlan. O capítulo 4 (Reintegração cósmica: a grande transição) é dedicado à apresentação do ideário que sustenta os dois grupos, na perspectiva de mapear como o discurso desregulado

rematiza o mito de criação espírita, e como nele, uma pragmática das emoções diferenciada emerge. No capítulo 5 (Ritos de ascensão planetária) apresento os ritos mediúnicos do Grupo Ramatís, enfocando na *apometria*, enquanto um modelo alternativo à desobsessão desenvolvida no grupo adeso, e no que este rito têm a nos dizer sobre emoção.

Na parte três, enfocarei as carreiras exemplares dos médiuns Arabela (do grupo *mediúnico* do GEIU), Miriam (do Grupo Ramatís) e Rogério (do Grupo Atlan), respectivamente nos capítulos 6, 7 e 8. Na análise destas carreiras, no capítulo 9, buscarei pelas marcas dos diferentes mitos de fundação do espiritismo na significação de suas histórias de vida, e do mesmo modo, pela maneira como o aquele aparato institucional se atualiza, a partir de suas próprias narrativas, para fazê-los o que são, apontando para como os dispositivos constituem emoções relacionadas às posições que estes atores ocupam nos grupos e no campo religioso espírita mais amplo.

As conclusões estão organizadas em duas partes; na primeira, retomo minha própria trajetória de vida no espiritismo e ao longo da pesquisa, analisando a constituição e apreensão de minhas próprias emoções ao longo do processo e reinserindo minhas vivências afetivas como argumento para o que quero neste trabalho sustentar. O segundo caminho conclusivo retoma as trajetórias dos três médiuns, situadas etnograficamente nos dispositivos institucionais de seus grupos e no campo mais amplo das religiões espíritas de Natal, de modo a que o processo comparativo permita destacar o que a linguagem emocional performada pelos três tem a dizer sobre as *noções de eu* possíveis de ser encampadas pelos espíritas e como são lidas pelo campo.

PARTE I UM TECIDO EM TONS SÓBRIOS: ESPIRITISMOS DA "PUREZA DOUTRINÁRIA"



Livraria do centro espírita Bezerra de Menezes. Natal, 2007.
Foto: Antoinette Madureira

CAPÍTULO 1 SOBRE A HIGIENE CÓSMICA: RAÇA, EVOLUÇÃO E EMOÇÕES NA LETRA DO ESPIRITISMO

Quando o sol
Se derramar em toda sua essência
Desafiando o poder da ciência
Pra combater o mal

E o mar
Com suas águas bravias
Levar consigo o pó dos nossos dias
Vai ser um bom sinal

Os palácios vão desabar
Sob a força de um temporal
E os ventos vão sufocar
O barulho infernal

Os homens vão se rebelar
Dessa farsa descomunal
Vai voltar tudo ao seu lugar
Afinal

Vai resplandecer!
Um chuva de prata do céu vai descer
O esplendor da mata vai renascer
E o ar de novo vai ser natural

Vai florir
Cada grande cidade o mato vai cobrir
Das ruínas um novo povo vai surgir
E vai cantar afinal

As pragas e as ervas daninhas
As armas e os homens do mal
Vão desaparecer
Nas cinzas de um carnaval

AS FORÇAS DA NATUREZA
João Nogueira / Paulo César Pinheiro

Início minha etnografia sobre o campo espírita de Natal, explorando a letra que orienta o pensamento espírita adeso. Entendo que, no campo do espiritismo adeso, são os escritos⁴⁹ com o carimbo positivo da federação espírita que situam a visão de mundo e a noção de Eu espíritas, servindo de matéria para a constituição dos centros e grupos e dos seus modos de operar, na composição do ethos que lhes é próprio.

Assim, conhecer e analisar a literatura espírita permitirá ao leitor não apenas uma primeira aproximação de um glossário e de uma semântica próprios ao espiritismo brasileiro, mas também – e essa é minha preocupação neste trabalho – identificar e compreender como é conformado,

⁴⁹ Lembro, junto com Lewgoy (2000), que numa religião letrada – como é o caso do espiritismo – o que os fiéis leem tanto é fundacional na conformação de um ethos, quanto também sinaliza as diferenças internas, neste caso, no que se chama de movimento espírita (Lewgoy 2000).

desde o campo discursivo oficial, certo *modelo emotivo*, acionado pelos espíritas para instrumentalizar suas estratégias de combate ao Mal.

Neste capítulo exponho alguns elementos da versão mais clássica da cosmogonia espírita. Ela nos fala de como mundos e entes foram criados e como se dá a dinâmica entre estes. Alimentando o objetivo espírita da reforma íntima, o relato mitológico de Chico Xavier destaca a atuação efetiva de Jesus no surgimento do planeta Terra e dos entes que o habitam, e, recuperando elementos do apocalipse de João, trata da segunda vinda de Cristo e, além disso, do destino que aguarda os bons e maus na transformação futura da Terra num mundo de regeneração.

Face à grande ramificação do movimento espírita brasileiro, a narrativa inaugurada por Chico Xavier se desdobrará de diferentes formas. Em meu campo, observo dois modelos em atuação. No caso do centro espírita Irmãos Unidos, esta narrativa se nutre dos escritos de Xavier. Já no caso do Grupo Ramatís, esta referência clássica é acrescida de outras mais, a saber, os escritos de Edgard Armond, as psicografias ditadas pelo espírito Ramatís⁵⁰ a vários médiuns, os livros de Jan Val Ellam⁵¹ e ainda os escritos de Rodrigo Romo⁵² e de Robson Pinheiro⁵³ sobre a Grande Fraternidade Branca e o Comando Galáctico Interestelar. Assinalo que os escritos de Allan Kardec oferecem um *suporte ideológico* ao mito, pois nele encontramos primeiramente delineadas as noções espíritas de aperfeiçoamento racial e de evolução entre os mundos, base para toda a construção mitológica posterior.

Como todo esquema mitológico, trata-se aqui de uma história de origem; ela tem seu início em um sistema solar distante e em um tempo já esquecido. A depender da versão contada, este tempo varia entre milhares e bilhões de anos. Alguns personagens centrais se mantêm: este é o caso de Jesus. Outros são adicionados conforme mudam os autores espirituais ou encarnados: é o caso de Lúcifer, central na versão adotada pelo Grupo Ramatís. Também é o caso dos membros do próprio grupo, que descobrem-se tomando parte dos acontecimentos originários. O esquema

⁵⁰ Tratarei do espírito Ramatís no capítulo três desta tese.

⁵¹ Jan Val Ellam é o pseudônimo do médium espírita potiguar Rogério de Almeida Freitas. Tratarei da carreira mediúnica de Rogério no capítulo oito desta tese.

⁵² Rodrigo Romo, Carmen Romo e Dario Romo são médiuns do campo espírita brasileiro e psicografam livros que tratam do tema da "ascensão cósmica da Terra". Ver Romo 2002.

⁵³ Robson Pinheiro, médium do campo espírita brasileiro, autor de diversos livros onde articula umbanda e kardecismo. Ver Pinheiro 2006 e 2008.

mítico opera no sentido de proporcionar a que acontecimentos atuais sejam lidos como desdobramentos destes episódios fundadores, num tempo, que, afinal, é eternamente presente, pois que o passado, isto é, o presente anterior, é sempre atual, sendo o hoje, sempre consequência deste tempo fundador.

As estórias desenvolvem a ideia de origem espiritual da humanidade, assim como delineiam o seu destino, fundado em uma progressiva *evolução* – um *aperfeiçoamento moral* – dos humanos; terminam assinalando um tempo vindouro, quando se dará a expulsão dos *renitentes no mal* e a constituição de um *mundo de regeneração* na Terra. No centro Irmãos Unidos, a história dos exilados de Capela, que tem sua resolução no futuro mundo de regeneração na Terra é o fundamento mítico que dá sentido à batalha da desobsessão clássica. Já no Grupo Ramatís, a história da Rebelião de Lúcifer, que tem sua resolução na futura volta de Jesus num disco voador é o fundamento mítico para a batalha da desobsessão apométrica. Sustento que os dois grupos acionam diferentes emoções para tratar de seus particulares dilemas, e nisto, atualizam o nunca completamente resolvido embate dos espíritas com o que chamam de trevas interiores.

Em primeiro lugar, lembro, junto com Stoll (2003), que nos escritos de Allan Kardec não há o delineamento de um mito de origem, assim como não há o relato de uma revelação divina a algum messias ou profeta (Stoll 2003, p. 40). Buscando conciliar a crença espírita com as descobertas científicas do final do século XIX, especialmente ante a discussão entre monogenismo e poligenismo (cf. Stoll 2003), Kardec, entre as décadas de 1850 e 1870 institui as *bases doutrinárias* para que a cosmogonia seja, afinal, formulada por Chico Xavier, a partir dos anos 1930 no Brasil, especialmente nos livros "A Caminho da Luz" e "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho".

A meu ver, estas estórias, lidas e contadas pelos dois grupos, ajudam a que elaborem seus principais problemas e dilemas. Meu intento aqui é perceber, a partir destas duas versões, dois diferentes modelos de regulação e instrumentalização das emoções para o enfrentamento do Mal no espiritismo.

1.1 ORBES, MUNDOS E CORPOS EM EVOLUÇÃO

Kardec oferece o contexto cósmico onde a queda, contada por Emmanuel/Chico Xavier se opera. Este contexto está em "O Livro dos Espíritos", no "Evangelho Segundo o Espiritismo" e em "A Gênese"⁵⁴. Nestes livros, lemos que Deus, a "inteligência suprema", ao criar o universo, criou dois mundos: um mundo visível e palpável, o mundo material, onde habitam os seres encarnados, e um mundo invisível e impalpável, o mundo dos espíritos, morada dos seres desencarnados. O mundo dos espíritos *não é absolutamente imaterial*; ao contrário, ele é também feito de matéria, contudo, uma matéria mais *sutil* que aquela formadora do mundo dos encarnados. E ele não é também absolutamente invisível e impalpável: o é para a maioria dos humanos, mas não para os médiuns, aqueles que conseguem se comunicar através de seus sentidos físicos com este outro mundo.

Kardec também diz que todos os *orbes*⁵⁵ existentes no espaço são habitados: planetas, sóis, asteroides, estando a humanidade – os seres dotados de razão – espalhada por todo o espaço. É importante situar que, nesta cosmologia, todos os humanos encarnados nos vários orbes são formados por três corpos: primeiramente, o corpo físico, feito de *matéria densa*⁵⁶ de acordo com o planeta habitado e que sofre toda a influência deste planeta. O corpo físico é o instrumento para manifestação, experimentação e aprendizagem no mundo físico. Corpo e meio físico pertencem à mesma dimensão eletromagnética. Os espíritas chamam o corpo *de carne*, e é com

⁵⁴ Os livros de Kardec são chamados de pentateuco kardequiano pelos espíritas: cinco livros, que segundo os espíritas, contêm ensinamentos dos Espíritos Superiores compilados por Allan Kardec, ao lado de comentários deste próprio, a saber, "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "Céu e Inferno" e "A Gênese". Também são acrescentados a estes "O Que É O Espiritismo" e "Obras Póstumas". Vale aqui assinalar, junto com Stoll, que "a participação de Kardec na constituição da doutrina é muito mais extensa do que ele próprio sugere" (Stoll 2003 p. 48); nesse sentido, pode-se dizer que ele não apenas organiza as mensagens dos espíritos, como é dito pelos adeptos da doutrina, mas também imprime sua marca pessoal nas interpretações que faz sobre um conjunto de temas de ordem religiosa, buscando harmonizá-los com as descobertas científicas de sua época, sendo, assim, mais que apenas um codificador. (Stoll 2003, p. 48).

⁵⁵ Orbe: termo nativo espírita, significando os planetas com sua população de espíritos encarnados e desencarnados.

⁵⁶ A noção espírita de evolução é acompanhada pela categoria nativa *densidade*. Para os espíritas, quanto mais *denso*, mais *atrasado*, e quanto menos denso, mais adiantado no processo de evolução que é universal. À categoria densidade corresponde também a noção de materialidade: uma maior densidade significa mais peso material, assim, quanto mais um elemento é denso em termos de agrupamento molecular, mais perto ele está da materialidade, e também do atraso espiritual. Os planetas como a Terra, feitos de matéria rochosa, são assim mais atrasados do que planetas como Júpiter ou Saturno, de composição gasosa. Da mesma forma, os corpos dos humanos da Terra são menos evoluídos do que os corpos dos humanos habitantes dos planetas gasosos. Para a relação entre evolução e densidade no espiritismo, cf. Greenfield (1999).

ele que o encarnado entra em contato com os outros encarnados. Em segundo lugar, existe o *perispírito*⁵⁷, feito de matéria *quintessenciada*, uma matéria *mais sutil*; o perispírito liga o corpo físico ao espírito e é a sede das emoções, sentimentos, raciocínio, memória e demais atributos conquistados através das experiências já vividas.

É o perispírito que permite que o encarnado permaneça vivendo e se locomovendo mesmo na ausência do corpo de carne, nos períodos de sono, por exemplo, quando o corpo de carne repousa e o espírito, de posse de seu *perispírito* – seu *corpo sutil* – vai aonde quer. A diferença do perispírito do encarnado para o perispírito do desencarnado é que o perispírito do primeiro se acha embebido por *fluido animalizado*, o que não acontece com o do desencarnado.

Por último, existe o espírito, fonte de luz e energia. O espírito é a essência do ser, a única parte realmente imaterial do humano. Para o espírito existir no *mundo material*, ele precisa obrigatoriamente dos outros dois corpos. Ora, na ocasião da morte do corpo de carne, o espírito continua a viver com o seu perispírito, agora não mais cheio de fluido animalizado. Passará a viver em um outro mundo, o mundo dos espíritos, sua morada original, sua pátria, para a qual retorna após a encarnação.

Assim, dizem os espíritas que os humanos *não têm um espírito*: eles são *espíritos que têm corpos*. Dizem também que não há como o espírito, a essência, existir sem usar o perispírito. Mesmo os espíritos bastante superiores, habitantes de orbes de densidade muito mais sutil do que a Terra, mesmo esses vestem perispíritos, adequados em densidade ao orbe que habitam, e mudam de perispírito, ou de *vestimenta perispirítica* quando mergulham em um outro orbe, de densidade diferente. De tal forma que o único que não precisa de perispírito é Deus, único ser absolutamente imaterial.

Existem, porém, diferentes categorias evolutivas, entre os orbes: no extremo inferior, encontram-se os orbes *primitivos*, os mais *densos*, reservados para as primeiras encarnações dos humanos; são sucedidos pelos orbes de *expiações e de provas*, onde predomina a *maldade*; mais adiante os orbes de *regeneração* e enfim os *superiores, celestes ou divinos*, os *menos densos*, onde só existe o *Bem*.

⁵⁷ Os espíritas dizem que *perispírito* é o *corpo espiritual* de todos os seres vivos. Ele é composto do que chamam de *matéria sutil*, em oposição ao corpo propriamente material, feito de *carne, matéria densa*. Para o perispírito, cf. Cavalcanti (1983) e Greenfield (1992 e 1999).

Todos os orbes trazem os dois mundos⁵⁸ já mencionados – espiritual e material – em constante relação e intercâmbio. No entanto, as duas matérias – dos dois mundos – serão mais densas ou mais sutis conforme o grau de evolução de cada orbe. Se um orbe se encontra em um nível primitivo (é o caso da Terra quando de sua formação geológica), tanto o mundo material quanto o mundo espiritual terão conformação mais densa, mais pesada. De outro lado, em um orbe evolutivamente superior, como é o caso do planeta Saturno, seus dois mundos – o material e o espiritual – serão constituídos por matéria também sutil. O nosso orbe, a Terra, está, segundo dizem os espíritas, entre os mais atrasados, por isso os seus dois mundos são bastante densos, em comparação aos orbes superiores.

Marte está evolutivamente abaixo da Terra, Vênus acima e Júpiter é o superior dentre todos deste sistema. Sendo todos os orbes habitados, o Sol não é morada, mas lugar de reunião dos espíritos muito superiores, que de lá enviam vibrações de luz aos respectivos dirigentes de cada planeta. Todos os sóis têm esta função.

Nessa graduação evolutiva, a Terra, em relação ao nosso sistema solar, é um dos orbes mais atrasados, estando no patamar das "provas e expiações". A Terra não é, contudo, um planeta primitivo, pelo fato de seus habitantes já trazerem *paixões*⁵⁹. As paixões são, segundo se depreende no Livro dos Espíritos, sinal de algum desenvolvimento, porque denotam *consciência do eu*, ainda que não denotem sinal de *perfeição* (Kardec 1997).

1.2 DE SELVAGENS A CIVILIZADAS: O APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS HUMANAS

Kardec também diz que Deus criou todos os seres do universo na condição de "simples e ignorantes", mas trazendo o destino de aperfeiçoar-se indefinidamente. Assim, estando tudo no universo em processo de evolução, o indivíduo também está. Em suas primeiras encarnações,

⁵⁸ Ou "planos", como os espíritas também denominam.

⁵⁹ Na evolução dos seres da Terra, Léon Denis (1985) diz, em passagem muito conhecida no meio espírita, que "o Espírito dorme no mineral, sonha no vegetal, agita-se no animal e desperta no Homem"; isto quer dizer que o princípio inteligente, que Kardec define como sendo aquilo que identifica o ser humano, e que encontra-se desenvolvido de forma básica no homo sapiens, existe de forma latente em todos os elementos físicos deste planeta, abrangendo os elementos geológicos, vegetais e animais, e que há uma evolução neste princípio inteligente.

mais *ignorante*, habita orbes inferiores em densidade e recebe corpos também mais pesados. Conforme evolui e se purifica, passa a habitar orbes mais *sutis* e *etéreos*, de forma que sempre progride através da vivência em orbes diversos, necessitando sempre adequar-se a um orbe apropriado ao seu estado de densidade. Passam-se décadas, séculos, milênios em sucessivas encarnações até que os indivíduos passem finalmente a morar em um orbe chamado de *superior*, onde não precisarão mais usar corpos materiais, apenas o envoltório perispirítico. (Kardec 1997, p. 122/123).

Mas Kardec fala também do que chama de "diversidade das raças humanas". Diz ele que "o homem" surgiu em "muitos pontos do globo" e "em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram". (Kardec, 1997, p. 68). Também fala de "sucessão e aperfeiçoamento das raças", que ocorre em todo o universo, e, assim,

"As raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras" (Kardec 1997, p. 127).

Em relação às raças atuais no planeta terra, lemos em Kardec (1997, p. 179): "Será possível que um homem de raça civilizada reencarne, por exemplo, numa raça de selvagens?" Ao que, segundo Kardec, os espíritos superiores respondem:

"É; mas depende do gênero da expiação. Um senhor, que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos, poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. Ser-lhe-á isso uma expiação, que Deus lhe imponha, se ele abusou do seu poder."

"Há, neste momento, raças humanas que evidentemente decrescem. Virá momento em que terão desaparecido da Terra?". Resposta: "Assim acontecerá, de fato. É que outras lhes terão tomado o lugar, como outras um dia tomarão o da vossa". (Kardec 1997, p. 179).

A evolução racial do indivíduo, que é o que o capacita a habitar paulatinamente orbes cada vez mais superiores, se dá através de seu *aprendizado intelectual e moral*. Em termos intelectuais, através do acúmulo dos vários conhecimentos disponíveis na cultura (Kardec 1997 p. 414); em termos morais, através da interiorização de um dispositivo emocional pautado na

busca pela superação das *necessidades físicas mais grosseiras*, isto é, vencendo o *gozo dos bens terrenos*. Segundo Kardec, os espíritos superiores explicam que Deus põe *atrativos* nestes bens, para *experimentar* os homens, por meio da *tentação*. No processo de superação do gozo dos bens terrenos, pelo indivíduo, há uma correspondente *eterização* de seu perispírito, sendo isto que o oportuniza a viver em orbes de *natureza* cada vez mais *sutil*.

Porém, caindo nos *excessos* (Kardec 1997, p. 417), nos *requintes do gozo*, os homens são invariavelmente punidos através das *doenças*, que são *castigos* à transgressão da lei divina da *conservação* e também sinalizam a preponderância da *natureza animal* sobre a *natureza espiritual* (Kardec 1997, p. 341). A preponderância da animalidade é determinante na encarnação de um espírito no seio de raças inferiores, como sinaliza Kardec.

Aliada a ideia de *atraso racial* está a categoria nativa *animalidade*, fundamental para a discussão que desejo oferecer acerca do aprimoramento afetivo espírita. Apontada por Kardec, a relação entre animalidade, carne e vícios é desenvolvida na literatura situada no campo espírita ainda no século XIX: este é o caso, só para citar um exemplo, dos vários livros da médium Wera Krijanowskaia⁶⁰, ditados pelo espírito de Rochester. No espiritismo brasileiro, esta discussão aparece não apenas nos livros de Chico Xavier, mas em vasta literatura, que, independentemente do aval da FEB, é lida pelos espíritas⁶¹, e ajuda a conformar, segundo penso, a riqueza imagética espírita sobre o mundo espiritual, exaustivamente relatada por aqueles que afirmam – e são assim tidos no grupo – como capazes de comunicar-se com os planos invisíveis, os médiuns.

Tomando contato com o mundo espiritual através de seus sentidos – visão, audição, ou através de viagens de desdobramento astral, em sonhos ou mesmo em vigília – quando saem de seus corpos para visitar o *outro mundo*, os médiuns contam que os diversos planos do além e a forma física de seus habitantes demonstram o lugar evolutivo onde os humanos desencarnados estão. Suas recorrentes descrições se aproximam daquelas constantes na literatura mediúnica espírita. O espírito André Luiz, por exemplo, através da mediunidade de Rafael Ranieri, descreve no livro "O Abismo", a vida que existe nos subterrâneos de nosso planeta. Vejamos a descrição

⁶⁰ Wera Krijanowskaia (1861-1924), médium que ao final do século XIX, dizia psicografar romances do espírito de John Wilmot Rochester. Para a obra de Wera/Rochester, cf. Chinellatto (1989).

⁶¹ A lista é grande e eu não pretendo exauri-la aqui. Cito aqueles que percebo serem mais lidos nos centros espíritas que frequentei: os livros do médium Ranieri, em especial "O abismo" e "A segunda morte", os livros de Ramatis e os de Robson Pinheiro, mais precisamente "Legião" e "Senhores da escuridão".

do portal de acesso às "entranhas da terra": "À nossa frente, numa espécie de furna, um verdadeiro gigante completamente nu obstruía-nos o caminho. Tamanho descomunal, espáduas nuas, corpo de uma cor semelhante à prata, cabelos encaracolados (...). Parecia um deus antigo. "Quem sois"? perguntou-nos ele. "Somos humildes viajores em busca de consolo ao nosso sofrimento". "Não sabeis que estais nos infernos e que aqui não há consolo nem esperança"?" (Ranieri 1997, p. 11/12).

Mais à frente, André Luiz, amparado pelo espírito superior Orcus, divisa alguns seres, hoje serpentes, mas que "já foram humanos": "Fomos surpreendidos por enorme serpente de cor escura, que se atravessou em nosso caminho (...). Contudo, de repente, voltou-se para nos ver e então eu soltei um horroroso grito de espanto e terror. A serpente possuía cara de homem e nos olhava com os olhos chamejantes. A cara presa à casca deixava entrever um ser "humano" escravizado a terrível prisão. O olhar do "ofício" era de tristeza e dor. Duas lágrimas rolavam-lhe dos olhos tristes... "Piedade, piedade!" suplicou-nos com acento tristonho". (...) "Porque vives assim escravizado à roupagem de uma serpente"? [a "serpente" responde]: "Egoísta e mau, reduzi meu corpo espiritual à forma rastejante que agora vês. Jamais tive um pensamento de amor para quem quer que seja e nunca estendi a mão ao pobre e ao sofredor. Como castigo, perdi as mãos e rolo nos abismos". (Ranieri 1997, P. 13/14). Orcus, então, explica a situação: "Aquela serpente apenas retornou a formas inferiores por que já passara na escala evolutiva dos seres. Assim, todos aqueles que se desviaram da Lei precipitam-se a si mesmos na degradação das formas inferiores". (Ranieri 1997, P. 14).

Em relação ao mundo espiritual evoluído, veja-se a descrição do espírito superior Orcus, ainda no livro *O Abismo*: "A meu lado estava Orcus que me contemplava afetuosamente. Longos cabelos brancos, ligeiramente enrolados como se fossem cordas desciam-lhe pelos ombros. Rosto enorme, redondo "aquadradado" sobre um pescoço taurino e peito descomunal. A túnica aberta ao peito dava-lhe ao conjunto a expressão de um dos antigos profetas, talvez Isaías ou Pedro, o apóstolo". (Ranieri, 1997, p. 07). Também é descrito outro anjo, Atafon: "Abriu-se uma porta. E um anjo de porte majestoso e fisionomia impressionantemente bela estendeu-nos a mão. Era um jovem de augusta beleza. Túnica simples e diáfana e pele lirial. Seu rosto também não demonstrava sexo. Parecia um jovem de idade eterna e parecia ao mesmo tempo um ser do sexo feminino. "Eu sou Atafon", falou-nos ele com voz profundamente doce (...). Contemplei as linhas perfeitas de Atafon. Era como se eu visse uma figura irreal que tornara o ambiente já tão

fantástico mais irreal ainda. Perfeição absoluta para os meus olhos de espírito mortal". (Ranieri 1997, P. 24).

De forma geral, os mundos inferiores são descritos como moradas caracterizadas por construções rústicas, de tons acinzentados, casas feitas de taipa e de palha, ou ainda de alvenaria, porém sempre envelhecidas, de paredes sujas, descascadas, denunciando decadência. Os ambientes escuros, por causa da névoa constante, tornam a luminosidade do sol muito tenua. Pelo chão, lama, lodo, charco. Sente-se a todo o momento a pestilência e os odores nauseabundos do apodrecimento. A música que se ouve, vindo do interior das casas e do ambiente em geral é ruidosa, de batida tribal. A literatura encontrada nas bibliotecas é em geral pornográfica. Os filmes passados nos cinemas destas cidades são pornográficos também. Também são apresentadas as entidades que lá habitam: anões, gigantes e seres de corpos animalizados. Os espíritas dizem que "o espírito não retrograda, mas a forma se degrada". E a forma degradada é a que se aproxima das formas animais e dos modelos corporais humanos esteticamente desaprovados.

Meus informantes contam que um espírito atrasado pode *apresentar-se bonito* para *aparentar elevação*, mas em geral ele *erra* em algum detalhe: em um dente quebrado, uma pele sem viço, ou seja, em alguma *marca corporal suja*. Isto o denuncia. Outro elemento que o denuncia é a "vibração" que emite, e que mexe com a emoção do médium que a sente: "vibrações" inferiores – vale dizer, impregnadas de desejo sexual ou de ódio – denunciam o espírito inferior que quer "se passar por elevado". Há, assim, uma articulação entre feitura – enquanto forma física degradada – e inferioridade espiritual. Já entre os encarnados, isto não se efetiva: frequentemente aqueles que querem *melhorar* e realmente efetuar um trabalho de peso na esfera do bem, solicitam receber um "corpo não muito bonito", como forma de se resguardar dos perigos da beleza física, que ordinariamente põe a perder encarnações inteiras. Na mesma linha, outros, também buscando melhorar, pedem um corpo bonito como um desafio a que serão submetidos, um teste, já que, dizem, ao lado da riqueza material e da inteligência, a beleza é uma prova muito difícil de ser vencida, porque desencadeadora dos desequilíbrios sexuais.

André Luiz, que em seus livros, ordinariamente apresenta personagens em sofrimento, "desequilibrados do sexo", em situações de "extrema loucura" em virtude de suas práticas "aberrantes", compondo "quadros extremamente dolorosos" (Xavier 1997, p.37 e 168). Estas

imagens recordam aos espíritas sua busca, sempre lembrada, em *desvencilharem-se* dos *apelos animais* existentes em si mesmos, superando o primitivismo contido nos convites da carne, nas paixões do mundo, no *excesso*.

Já o mundo espiritual evoluído é relatado pelos médiuns espíritas como o "mais difícil de visitar", em suas viagens astrais, pois ele estaria "ainda distante" do nível evolutivo dos humanos comuns, e mesmo dos espíritas "mais preparados psiquicamente". Os que conseguem, após muito esforço, visualizar as paisagens angélicas onde moram os espíritos evoluídos dizem que estes são altos, magros, geralmente trazem a pele muito clara e os cabelos compridos; alguns usam túnicas, como as dos profetas hebreus. Outros, também *bons*, são indianos, trazem o torso nu e turbantes na cabeça, e outros ainda se parecem com tribunos romanos, próximos a como Chico Xavier descreve Emmanuel.

Sobre as cidades, suas construções físicas são claras, altas e envidraçadas; é recorrente o relato sobre a existência de torres majestosas nestes lugares, assim como jardins limpos e bem cuidados, rios e lagos cristalinos. Há uma espécie de música ambiente a permear os lugares públicos, em geral música clássica e corais de anjos, trazendo "registros sonoros ininteligíveis aos humanos encarnados". A literatura existente nas bibliotecas das colônias é aquela que trata de temas evangélicos, mesmo tema das peças de teatro e dos filmes passados nos cinemas deste plano.

Para se chegar a morar nestes lugares, é preciso muito esforço na prática do Bem. Contudo, dizem os espíritas, não se faz o Bem espontaneamente; é preciso empenho para se cultivar sentimentos puros e transformá-los em hábitos (Kardec 1997, p. 411). É também muito citada a máxima de Allan Kardec "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más" (Kardec, 1996, p. 276), que são aquelas ligadas aos "apelos animais".

1.3 DO "NECESSÁRIO DEGREDO": A EXPULSÃO DOS INADEQUADOS

Se não há progresso de alguns indivíduos, e, contudo, o planeta onde residem progride muito, estes indivíduos podem dele ser retirados e enviados a outro, menos evoluído, adequado a

elas. Nesse sentido é que é mencionada, no Livro dos Espíritos, a possibilidade de *decredo planetário* de indivíduos inadequados (Kardec 1997, p. 123 e 125). Isto aconteceu com a Terra, quando há muito recebeu espíritos adiantados para nosso planeta, porém atrasados em seu planeta de origem, do qual foram expulsos por sua *obstinação no mal* e por *perturbarem os bons*. O objetivo deste decredo foi também o ajudar a própria Terra a avançar (Kardec, 1996, P. 78). Kardec diz que nesse sentido a Terra é uma prisão, assim como um manicômio (Kardec, 1996, p. 74).

Sendo a evolução um processo ininterrupto é que, a exemplo do que já aconteceu em outros orbes, a Terra, algum dia, também deixará de ser um *planeta de provas e expiações*, de *predominância do mal*. Isto acontecerá quando dela forem retirados os indivíduos afeitos à prática da maldade e dependentes das paixões materiais; passará a ser um *planeta de regeneração*, onde predominará a prática do *Bem* e dos sentimentos elevados. Na nova Terra regenerada, só terão lugar indivíduos que, pelos seus *esforços*, busquem *vencer as suas más inclinações* (Kardec 1997 p. 418), praticando a *abnegação* (idem); isto acontecerá em um futuro próximo. (Kardec 1997, p. 127 e 128).

Relacionando a prática do bem na Terra ao exílio planetário a ocorrer no futuro, os espíritas em seus estudos citam com ênfase a questão que faz Kardec em O Livro dos Espíritos (Kardec 1997 p. 475): "Poderá jamais implantar-se na Terra o reinado do bem?" para a qual há a resposta, que, segundo Kardec, é dada pelo espírito de São Luís:

Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos mais atrasados. (...) Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozaram de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias. São Luís. (Kardec 1997, p. 475/476).

1.3.1 Da queda angélica – os capelinos

A articulação da *educação emocional* a uma *limpeza planetária*, mencionada n'O Livro dos Espíritos, é retomada no ano de 1943, quando da publicação de "A Caminho da Luz", psicografia de Chico Xavier, autoria espiritual de Emmanuel.

Os romances espíritas já traziam, desde Wera Krijanowskaia e Zilda Gama⁶², uma reapropriação mítica da história, como salienta Aubrée (1994) e analisa Lewgoy (2000). Destacando períodos como o antigo Egito, o império romano e a revolução francesa, nestes romances diferentes conjunturas são lidas à luz da doutrina espírita. Além disso, esses escritos articulam mito e nacionalidade, em uma tendência que persiste nos romances de Chico Xavier e também nos mais atuais, como os de Marilusa Vasconcelos⁶³, Zíbia Gasparetto e Yvonne Pereira.

Chico Xavier é, porém, um divisor de águas, pois não encontramos em sua obra apenas uma reapropriação mítica da história; ele nos oferece uma cosmogonia. A partir de "A Caminho da Luz", os espíritas vão passar a citar "Capela" como o lugar de origem da humanidade, o "paraíso perdido". Xavier apresenta aos espíritas um mito de origem, que até então sua religião não detinha.

Neste romance, lemos que os humanos da Terra tiveram sua origem num planeta distante, em um tempo já esquecido, e que Jesus faz parte da "Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo", detendo em suas mãos as "rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias". É dito que foi também Jesus, junto a essa "comunidade de seres angélicos e perfeitos" o responsável pela criação de nosso planeta.

É ele quem opera, há bilhões de anos, o desprendimento da então "bola de fogo" que será um dia a Terra, do interior da nebulosa solar (Xavier 1999, p. 18). Jesus é também o responsável por semear todas as formas de vida neste planeta, em especial as "raças" dos primeiros "humanoides".

⁶² Zilda Gama (1878-1969), médium espírita mineira, dizia psicografar livros do espírito de Victor Hugo.

⁶³ Em seu "Confidências de uma inconfidente", Marilusa Vasconcelos, escrevendo, segundo diz, pelo espírito de Tomás Antonio Gonzaga, produz uma mitohistória da inconfidência mineira, sendo ela própria uma inconfidente.

Mais à frente, neste mesmo livro, é apresentado o paraíso perdido. Ele é o sistema estelar de Capela, na constelação do Cocheiro. Chico Xavier conta que um dos mundos deste sistema solar havia chegado a um alto desenvolvimento, trazendo como obstáculo, contudo, a presença de "alguns milhões de espíritos rebeldes". Sendo necessário o *saneamento* do planeta, são esses espíritos encaminhados à Terra, não sem antes se reunirem com Jesus Cristo, o coordenador *desta parte do universo* (Xavier 1999, p. 35).

Jesus recebe esta "turba de seres sofredores e infelizes" e explica-lhes seu destino: que eles não têm mais lugar em seu planeta de origem em virtude de sua pertinácia no *crime do orgulho*; que deixarão todo um "mundo de afetos" para trás; que serão exilados sem data de retorno na Terra, mundo primitivo, encarnando junto a raças ignorantes e atrasadas (os tais "primeiros humanoides" criados por Jesus). Embora *desprezados, saudosos e amargurados*, seriam os mais evoluídos deste planeta, e trabalhariam em seu adiantamento. Que jamais esqueceriam o "paraíso perdido" nos firmamentos distantes, porém, diz Jesus, que sentiriam a sua presença e o seu apoio cotidianos, e, além disso, promete-lhes, teriam a sua vinda, no porvir. Abençoa suas lágrimas e os remete à Terra. Em A Caminho da Luz, é dito que as lendas sobre anjos decaídos e também sobre a expulsão de Adão e Eva do paraíso dizem respeito a essa história, a dos *capelinos*, já que são esses seres, vindos de Capela, que fundam as chamadas *raças adâmicas* (Xavier 1999, p. 35/36).

Os capelinos vão impulsionar o surgimento das grandes civilizações antigas, no Egito, na Índia, na China, assim como vão fundar a lendária civilização atlante; muitos deles, após milênios, retornam a Capela; outros ainda vivem na Terra, e presenciarão o momento de transição deste planeta, no "crepúsculo de civilização" que Emmanuel, pela mão de Chico Xavier, situa no século XX (Xavier 1999).

No livro "Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho" (Xavier 1938), Humberto de Campos, também pela mediunidade de Chico Xavier apresenta mais uma faceta do mito: vários espíritos missionários encarnam em um país atrasado tecnologicamente, distante dos grandes centros, porém habitado por um povo pacífico formado por três raças que convivem harmoniosamente; neste país, o Brasil, repousa a humanidade do futuro. Sob um discurso que enfatiza a nação, a colonização brasileira é narrada como caracterizada pela miscigenação, conformando um povo religioso, bondoso e ordeiro. Mas é também necessário aprimorar os

humanos nesta terra, que será a terra da felicidade. A história que começa em Capela e termina no Brasil é uma construção mitológica fortemente presente no imaginário kardecista brasileiro, e alimenta o ethos do Grupo Espírita Irmãos Unidos.

1.4 O MITO E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Apresentado o mito de criação nos moldes como propõe o espiritismo brasileiro, falando-nos de mundos e populações humanas a migrarem por orbes em processos evolutivos, para se desfazerem da animalidade primitiva, cabe investir agora sobre suas condições de produção, buscando pelas marcas ideológicas que possibilitaram os enunciados se articularem nos modos como os vimos em Kardec e em Chico Xavier (Pêcheux, 1990, Bakhtin, 1997).

A visão espírita sobre animalidade se nutre de algumas noções sobre o mundo natural forjadas na modernidade. Em uma destas noções, surgida entre os séculos XVI e XVIII, é conferido preeminência ao humano; tomando como base os filósofos clássicos e a Bíblia, esta concepção define a especificidade do humano através da polaridade com o animal: este último, invariavelmente inferior. Além disso, entendem-se as espécies não humanas como destinadas a servir aos propósitos práticos, morais e estéticos da humanidade. Sob esta, que é uma visão predatória da natureza, civilizar significa contemplar, mas também conquistar e submeter, no sentido de aperfeiçoar o mundo natural. Moldando-o, pode-se melhorá-lo em benefício dos humanos, de sua satisfação e prazer (Thomas 1988).

Neste caminho, a razão e a religião são consideradas características exclusivas da espécie humana, e responsáveis por sua superioridade ante os animais, sendo a religião a mais essencial, pois assinala que apenas aos humanos foi conferida uma alma imortal, diferentemente dos animais, não aptos a outra vida. Já a responsável pela superioridade de intelecto dos humanos seria a razão, de onde derivam a memória, a imaginação, a curiosidade, a ideia de tempo, o senso de beleza e, como elemento fundamental, a capacidade de progredir indefinidamente, coroando todos estes atributos com a ideia de perfectibilidade: a espécie humana é provida de uma habilidade inata para se aprimorar (Thomas 1988, Duarte 1999).

É importante dizer que estas definições revelam a procura por constituir um padrão moral de comportamento, no refinamento das maneiras dos humanos e na associação de seus impulsos

físicos – fisiológicos – à bestialidade, identificando-os, assim, aos animais (Elias 1990). Neste sentido, confirma-se a natural elevação da humanidade, acima do mundo natural; nesta visão polarizada, estão mais próximos do estado animal as crianças, os loucos, os pobres⁶⁴, as mulheres, os povos primitivos, isto é, aqueles que necessitam ser domesticados, por não se encaixarem de imediato nos moldes comportamentais ditos civilizados (Thomas 1988, Douglas 1976)⁶⁵.

O espiritismo toma parte do ideário que associa selvageria, atraso e natureza e os opõe a civilidade, progresso e humano, o que também significa contrapor, em termos nativos, animalidade e angelitude, ou carne e espírito, dois polos na evolução dos seres. Os relatos sombrios do astral inferior como lugar do humano/animal, da casa de taipa, da música tribal, do pântano e da mulher fatal, são sinalizadores, para os espíritas, do que chamam de "animalidade que ainda existe no humano" e que "se deve extirpar". Sob o mesmo movimento é relatado o astral superior, onde prédios majestosos são adornados por jardins floridos, chafarizes, música clássica ambiente e aeróbus singrando os céus⁶⁶, sinalizadores da felicidade – e do progresso – que aguarda os bons, após a morte do corpo físico.

A oposição animalidade/angelitude, presente nos escritos de Kardec, onde também se inscrevem as ideias de evolução e de aprimoramento moral e racial, se ancora em certo contexto social e ideológico vivido pelo ocidente. Com Kardec, estamos na segunda metade do século XIX, e temos Londres e Paris tomadas pelas repercussões sociais da revolução industrial: por um lado, a pobreza das classes trabalhadoras, a viver em condições insalubres a e reivindicar melhorias através dos nascentes sindicatos; por outro lado, a política de higienismo estatal e o

⁶⁴ No caso dos pobres, isto é evidenciado por Cavalcanti (1983), ao descrever uma atividade assistencial do centro espírita que estuda e que envolve uma palestra, na qual se busca ensinar aos pobres para que "*aprendam a lidar com suas dificuldades*", para que entendam que sua condição não é em última análise injusta, mas sim provação, e como tal, merecida, correspondendo aos desígnios divinos, e à possibilidade de outra vida melhor. A doutrinação [às mulheres pobres] é simples, 'quando falo a elas, falo como a crianças. Tem que ser, qualquer coisa mais elaborada elas bloqueiam e não conseguem pensar em mais nada'. Os pobres são assim pensados como espíritos inferiores, quando mais não seja por uma questão de 'misericórdia divina', pois 'Deus coloca nessa situação espíritos que têm como que uma casca grossa, que os protege do sofrimento. Ele não têm sentimentos elaborados, conseguem suportar o que não suportaríamos' (Cavalcanti 1983, p. 68).

⁶⁵ A ideia de preeminência do homem sobre todas as outras espécies só é superada com o estudo científico dos animais e das plantas, que buscou observar e classificar o mundo natural enquanto objeto autônomo e não mais a partir de analogias e comparações valorativas com o ser humano (cf. Thomas 1988).

⁶⁶ Os espíritas dizem que o aeróbus é um veículo público de transporte, existente nas colônias espirituais. Híbrido de avião e ônibus, ele aparece em romances espíritas como "Nosso Lar", psicografado por Chico Xavier (espírito André Luiz) e Violetas na Janela, da médium Vera Marinzeck (espírito Patrícia).

movimento sanitário, que dão seus primeiros passos. Há, ainda, na ciência da época uma importante solicitação para responder a um impasse surgido ante a ideologia do individualismo: ora, os ideais igualitários e de liberdade das revoluções democrático-burguesas haviam criado um problema para as elites, e para um de seus principais instrumentos, a ciência: como explicar as desigualdades em termos de classe, sexo e raça-etnia, ao mesmo tempo em que se afirmava a igualdade entre os humanos?

A resposta científica foi essencializar as desigualdades, conferindo distintas moralidades às diferenças corporais percebidas: surgem dois sexos filogenética e naturalmente diferentes e complementares (Laqueur 2001; Costa, 1995), e surgem as *raças* em suas capacidades físicas e morais (Schwarcz 2001).

Kardec incorpora em seus escritos, que queriam se dizer científicos, estas ideias. Ampliando a noção de evolução para todo o universo, tematiza o caminhar dos entes, vida após vida, no processo de humanização. Nos fala de uma evolução moral condicionada pelas raças, das mais simples, próximas à animalidade, às mais superiores. Um modelo afeito à ciência e às elites burguesas francesas, inteiramente afinadas às formações ideológicas dominantes que sustentavam e legitimavam as desigualdades naquele contexto.

Mas há ainda a categoria *reencarnação*, a balizar este determinismo racial, o que faz com que os humanos evoluídos reencarnem frequentemente junto a raças inferiores para lhes impulsionar o desenvolvimento (Kardec 1997, p. 332).

A "lei da reencarnação" traz um segundo determinismo: o indivíduo, além de encarnar em corpos racializados, ainda traz um karma, adquirido em outras vidas, a lhe constranger as ações, o que faz com que a atualidade seja uma "resultante diacrônica de uma sequencia narrativa de pagamentos de dívidas e provações escolhidas" (Lewgoy 2000), aquilo que Lewgoy denomina de "sistema da dívida". Nível evolutivo racial e karma a ser cumprido são, assim, amarras que pouco lugar deixam à liberdade individual, já que há, constrangendo-lhe a ação, um conjunto de "leis, regulamentos, estatutos e graus de evolução" (Lewgoy 2000).

A noção espírita de livre-arbítrio parece, a uma primeira vista, relativizar a rigidez das "leis evolutivas" raciais e do karma. Neste sentido é que Cavalcanti (1983) define a *composição entre*

determinismo e livre-arbítrio como base da pessoa espírita⁶⁷. É o livre-arbítrio que aciona a categoria nativa *reforma íntima*⁶⁸ (ou reforma interior, reforma de si, reforma moral etc.). Ora, no espiritismo há, desde Kardec, como demonstra Cavalcanti (1983), esta convivência contraditória entre determinismo e livre-arbítrio.

No espiritismo brasileiro, a contradição se mantém, e a discussão sobre raças também: neste caso, a questão é como sustentar uma evolução espiritual, onde a melhoria das raças é uma das condições, num país híbrido, ou mesmo degenerado racialmente, como o Brasil. Será que os espíritos encarnados neste Novo Mundo teriam possibilidade de vencer a animalidade do corpo-carne e desenvolver as emoções necessárias para galgarem novos orbes?

No entanto, se já na Europa os desdobramentos das teorias raciais em técnicas de melhoramento das capacidades humanas através de intervenções raciais – a eugenio – foram variados, no Novo Mundo isso também o foi. É interessante notar que no Brasil, a eugenio surge na esteira dos esforços da saúde pública em lidar com os males que assolavam o país, no bojo daquilo que Foucault (1988) denominou de biopoder, o recurso às biociências como estratégia para a governabilidade populacional (cf. também Caliman, 2006; Costa, 1999; Menezes, 2002)⁶⁹.

No primeiro quartel do século vinte, nosso país queria se modernizar, ingressar com propriedade na economia global, mas havia, por um lado, o estigma da mistura racial e por outro, os portos e as grandes cidades marcados por epidemias as mais diversas. É evidente que na

⁶⁷ No entanto, esta ainda é uma concepção "minimalista" de indivíduo (Lewgoy 2000). Acompanhando as sugestões de Lewgoy é que buscarei, no capítulo nove desta tese, discorrer sobre uma noção ampliada de pessoa espírita.

⁶⁸ Para a análise da *reforma íntima* espírita, *culto interno* que objetiva a *transformação da pessoa moral*, cf. Cavalcanti 1983, p.50/51.

⁶⁹ Conforme Foucault (1988) o biopoder, ou poder sobre a vida, desenvolveu-se com a ascensão da burguesia, a partir do século XVII. Este se opõe ao poder soberano, marcado pelo direito de vida e morte como privilégio absoluto, exercido como mecanismo de confisco, de subtração, a partir do qual se tinha o direito de apropriar-se das riquezas (bens, produtos, trabalho), do tempo, dos corpos, enfim, da vida dos súditos. A partir das transformações sociopolíticas do Estado burguês, o direito soberano de causar a morte deslocou-se, tornando-se um poder que utiliza a vida como metáfora para o controle populacional, sob o argumento de garantir a segurança dos indivíduos (cf. também Caliman, 2006; Costa, 1999; Menezes, 2002; Rios, Paiva et ali, 2008 e Rios, Parker e Terto Jr, no prelo). O biopoder se difundiu e fortaleceu, sendo predominante em todo o contexto social ocidental a partir do século XIX, forjado a partir da relação entre as tecnologias biopolítica e disciplinar, respectivamente voltadas à população e aos indivíduos. Neste âmbito, a ciência médica destaca-se como elemento indispensável na constituição das subjetividades modernas, informando acerca da vida em todas as suas possibilidades. Com base no arcabouço de conhecimentos da medicina, incluindo-se os saberes *psi* (psicologias, psiquiatria e psicanálise), o corpo e a saúde são ressaltados como aspectos fundamentais na construção da identidade e das condições e espaços de vida do indivíduo moderno (Caliman, 2006; Menezes, 2002; Santana, 2009).

mentalidade europeia, as duas marcas se remetiam reciprocamente – afinal, doença e raça estavam apreendidas a partir de uma mesma matriz (Costa, 1999).

É nesse contexto que surge, no Brasil, a discussão eugênica, aparecendo nas legislações sobre direito de família, controle de doenças infecciosas, imigração e bem-estar infantil (Leys 2004, p. 333). Como sugere Stepan (2005), entretanto, na bricolagem teórica necessária para que se continuasse (ao menos os que no Brasil habitavam) acreditando numa possibilidade para o país, o discurso mendeliano, que sustentava as teorias raciais na Europa, foi balizado, ou mesmo preterido, por um discurso neolamarckista, que fundava no meio os caracteres adquiridos e passados de geração a geração. Mesmo entre aqueles que se fundaram na perspectiva mendeliana/cromossômica, como Octavio Domingues, uma inflexão diferente à usual foi dada, assinalando a variabilidade genética possibilitada pelas misturas raciais como uma forma de melhorar a população brasileira (Stefano, 2004). O que vale assinalar, sobretudo, são os esforços dos cientistas brasileiros em construir uma imagem positiva brasileira, ainda que pesasse sua composição racial.

Assim, de certo modo se tirou o acento da raça, ela mesma balizando com as condições sociais brasileiras, possibilitando uma científicidade frouxa, mas que permitiria afirmar uma identidade nacional positiva (ainda que num futuro distante), através de intervenções sanitárias que expurgassem os males do Brasil – remodelação dos centros urbanos, importação de brancos, desassistência aos negros e mulatos, campanhas sanitárias, manuais sexuais (cf. Stepan, 2005 e Souza, 2008). Uma perspectiva que, no meu olhar, não positiva completamente a mistura das raças, mas reforça o racismo à brasileira, onde, se cada uma permanece em "seu lugar", o Brasil tem condições de chegar à Ordem e ao Progresso.

A saída do espiritismo, mais uma vez às voltas com o determinismo racial, que, se aceito *in totum* impossibilitaria a evolução no Brasil⁷⁰, foi novamente focar na reforma íntima, como uma espécie de técnica de si, uma disciplina que, se bem internalizada, poderia neutralizar ou subjugar a força da carne, deixando as virtudes aparecerem e demonstrarem o grau de evolução do espírita.

⁷⁰ Lembremos que faz parte do mito espírita o *degredo*, tema mítico que também faz parte do mito de formação do País: a ideia de que os que aqui vieram colonizar eram a escória de marginais do velho mundo português; sem contar com a diáspora africana, que se em determinado momento foi a força braçal para enriquecer a elite portuguesa, naquele momento se tornava o principal problema para a identidade nacional.

Aqui, a reforma interior de Kardec é incrementada com o discurso eugenista em voga no Brasil da década de 1930. Neste bojo, está presente o ideário positivista das elites brasileiras do início do século XX, ligadas a um ethos estatista, nacionalista e militarista (cf. Lewgoy 2000). É sob este contexto ideológico que é conformada a chamada "austeridade iconoclasta kardecista" (Lewgoy 2000) no Brasil, austera tanto em termos rituais quanto em termos estéticos⁷¹, e, para o que me interessa neste trabalho, uma austeridade também emocional.

1.5 EMOÇÕES

Devo apontar que no espiritismo brasileiro, tanto quanto no francês, os discursos se desdobram na oposição entre *raças primitivas/carne/animalidade/excesso/emoções viciosas* e *raças evoluídas/espírito/angelitude/contenção/emoções virtuosas*. Nessa teoria nativa, as emoções estão diretamente relacionadas à categoria densidade. Na evolução de mundos e pessoas, quanto mais densos são os corpos, mais próximos à animalidade eles estão, e por conseguinte, mais pesadas são as emoções que estão inclinados a desenvolver.

A evolução se dá no processo do espírito migrar em diferentes corpos, racializados, atobalizado, contudo, pela reencarnação, que permite a permuta de corpos "evoluídos" e "primitivos" entre espíritos de diferentes níveis de aprimoramento.

Porém, não obstante a reencarnação, a ideia de raças adiantadas e atrasadas é um fato no kardecismo. Esse ideário, quando chega ao Brasil, parece se confrontar ao problema nacional: como um país de mestiços pode dar certo? De algum modo, várias possibilidades teórico/práticas já estavam em andamento no país; quanto aos espíritas, eles se afinam mais facilmente ao eugenismo neolamarckista, enfatizando intervenções externas e “pouco genéticas” no processo

⁷¹ Diz Lewgoy: "O modelo de relação do espiritismo com o público externo inspira-se numa certa concepção estatista de sociedade ou de “público” no Brasil, daí a semelhança estética de centros espíritas com repartições públicas, com a austeridade de suas cadeiras, suas fichas de papelão, mas também com a noção fortemente moralizada de *trabalho* vigente nesses espaços, que lembra o ideário populista, certamente diferenciada que a conotação deste termo ganha no misticismo neoindividualista da Nova Era", e também: "O centro, austero na aparência dos tons cinza e no despojamento de sua aparência – quadros de avisos, alguns cartazes, uma estante envidraçada com edições antigas de livros de Allan Kardec, Gabriel Dellane, Camille Flammarion e Rochester – em tudo enfatiza a simplicidade do ambiente. Tudo se passa como se o rico imaginário kardecista sobre a vida no mundo espiritual fosse um contraponto a essa constante ostentação de austeridade nos espaços dos centros espíritas" (Lewgoy 2000).

de evoluir, a partir de sua ideia de reforma íntima. Já presente em Kardec, a categoria se mantém, a despeito do “círculo de intercessão e graça”⁷² que também tem lugar nesta religião, em sua vertente brasileira.

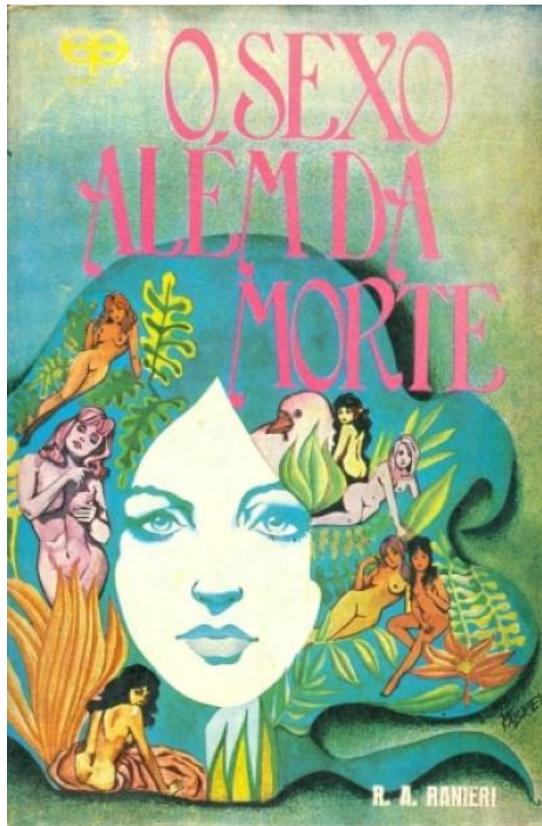
Também se mantém a composição entre livre-arbítrio e determinismo, que para o que nos interessa aqui, também é racial. Acionada pelo livre-arbítrio, a reforma íntima foca no indivíduo e em seus esforços para superar as inscrições kármicas, ainda que isso não apague as inscrições raciais.

O que eu gostaria de apontar é que no espiritismo brasileiro o perigo racial não é tratado no corpo dos médiuns: ele é localizado no plano espiritual. Assim é que a apreensão racializada da ideia de evolução no espiritismo é mais bem percebida quando se examina a rejeição feita à umbanda e aos tipos de entidades que ela cultua (Giumbelli, 2002). Afastam-se os espíritos racializados das casas espíritas – que vão "descer" na umbanda. Vale destacar, ainda, que os espíritos-guias de maior visibilidade são brancos europeus ou, no mínimo, orientais. O esforço de combate às emoções inferiores e de mostrar as virtudes permanece racializado.

Resta saber como a reforma íntima, central no espiritismo como caminho para a salvação, se atualiza em técnicas e práticas de cuidado de si; portanto, já é o momento de examinar mais de perto o centro espírita adeso e os rituais como vividos no cotidiano por seus adeptos.

⁷² É Lewgoy (2000) quem ressalta o que chama de "círculo de intercessão e graça", absorvido do catolicismo popular e presente nas obras de Chico Xavier. Ora, a reforma íntima em Chico Xavier difere da de Kardec. Neste, opera o *sistema da dívida*: a reforma íntima é efetuada através de sacrifícios do indivíduo, que em cada momento de sua vida, ao defrontar-se com suas imperfeições e primitivismos, percebe o quanto de "débitos" ainda detém. O pagamento dos débitos corresponde ao "burilamento". Resgata-se as faltas do passado praticando-se a caridade, polindo os comportamentos, aperfeiçoando-se. Porém, o indivíduo deve ter claro que, neste processo evolutivo, de educação dos afetos, ele tem inteira responsabilidade, o que quer dizer que deve responder inexoravelmente por cada um de seus erros: aqui, a lógica meritocrática é clara. Já em Chico Xavier, o sistema da dívida se mantém, o "caráter cívico e racionalista, erudito e científico, letrado e meritocrático" (Lewgoy 2000) do kardecismo mais ortodoxo persiste. Contudo, o espiritismo de Xavier é uma construção composta, e, aqui, ele efetua uma síntese entre o sistema da dívida, do kardecismo mais ortodoxo, com o sistema da graça, oriundo do catolicismo popular. Na reforma íntima em Chico Xavier, o indivíduo em evolução pode ser *ajudado* por outrem – terceiros, amigos, benfeiteiros espirituais, todos hierarquicamente superiores – que intervêm e aliviam as suas provas. Há, assim, favores e apadrinhamentos que levam a uma abreviação das dívidas contraídas pelo indivíduo e o ajudam a subir mais rápido aos patamares superiores da evolução. É o que Lewgoy chama de "círculo de intercessão e graça". Na verdade, em Chico Xavier, o sistema da dívida convive com o sistema da dádiva, e em diferentes situações este último engloba o primeiro (cf. Lewgoy 2000).

CAPÍTULO 2 MEDIUNIDADE, INCLINAÇÕES CARNAIS E VIRTUDES NO ESPIRITISMO ADESO



Capa do livro de R. A. RANIERI, "O Sexo Além da Morte"
(Obra Mediúnica - Orientada pelo Espírito André Luiz) Editora
da Fraternidade. Guaratinguetá (SP), 1988.

No capítulo anterior, apresentei a literatura adotada pelo espiritismo adeso enquanto um mito cosmogônico que orientaria o pensamento espírita sobre salvação. Interpretei este mito buscando por suas condições de produção, na França do século XIX, e no Brasil do primeiro quartel do século XX. Em linhas gerais, posso dizer que o mito rearticula concepções cristãs de virtudes e pecados da carne, apresentando-as como parte de um plano evolutivo divino, que vê

espíritos progredindo vida após vida, e onde as inscrições corporais, lidas a partir de um ideário científico oitocentista racial, é elemento chave no processo de salvação.

A partir dessa leitura, propus que a categoria reforma íntima é uma chave para operar, no olhar do Espiritismo, a evolução. Neste capítulo, buscarei no grupo adeso estudado os processos que concorrem para a atualização do mito, processos esses que garantem que o espiritismo se faça em sua missão, dando corpo à categoria reforma íntima.

O capítulo se divide em três partes: em primeiro lugar, apresento o Grupo Espírita Irmãos Unidos em sua organização, descrevendo algumas práticas e ritos que de diferentes maneiras, concorrem para que a reforma íntima se efetue. Em seguida, trato da desobsessão enquanto um dispositivo que atualiza em ato aquilo que o mito diz em termos das emoções (virtuosas e animalizadas), na sinu da evolução espírita. Por fim, analiso o diálogo fraterno e a doutrinação dos espíritos, partindo da noção de pastorado para compreender como se dá a educação dos afetos nestas instâncias rituais.

A apresentação desse conjunto de práticas permitirá a que, no capítulo seis, eu tenha condições de interpretar os caminhos da reforma íntima de Arabela, uma das principais médiuns do centro estudado.

2.1 IRMÃOS UNIDOS

O Grupo Espírita Irmãos Unidos⁷³, do qual faz parte o grupo mediúnico que pesquisei, é um centro espírita da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Fundado nos anos de 1960 pelo falecido médium e doutrinador João Ferreira, funcionava inicialmente na Praça Augusto Leite, bairro de Lagoa Nova, onde dividia o prédio com a Cruzada dos Militares Espíritas, e nos anos oitenta passou a funcionar em prédio próprio, doado por seu fundador, na Rua Nelson Matos, bairro de Nova Descoberta.

Este prédio é composto de dois pavimentos. No térreo existe um auditório para reuniões públicas com capacidade para comportar até 200 pessoas, com cerca de 150 cadeiras de plástico

⁷³ Chamado pelos adeptos de "Os Irmãos Unidos" ou por sua sigla, GEIU.

branco; em um dos cantos do auditório, ao lado das janelas, num elevado de alvenaria, há uma mesa coberta com uma toalha branca, onde são dispostos alguns livros de Allan Kardec, um copo d'água e um microfone. Por trás dessa mesa encontram-se três cadeiras também de plástico branco. Ao lado da mesa, uma caixa de som de tamanho médio, ligada ao microfone. Ainda no térreo, há uma biblioteca, com uma escrivaninha e vários livros dispostos em duas estantes de ferro; há também uma cozinha com fogão industrial, armários, pia e uma grande mesa; ao lado há um banheiro e ainda no térreo uma sala destinada à aplicação de passes. Subindo a escada chega-se ao primeiro andar, onde se encontram a sala da evangelização infanto-juvenil e a sala da desobsessão, que também serve para o diálogo fraternal.

Nova Descoberta é um bairro eminentemente residencial, dividido em duas áreas: aquela utilizada por segmentos médios, que em sua maioria ocupa blocos de apartamento e casas de até 100 m², e outra, a do "Conjunto Nova Descoberta", utilizada prioritariamente por segmentos populares, que conformam a maioria dos moradores deste bairro. Há ainda, entrecortando as ruas do Conjunto, as assim chamadas "vilas", ocupações que têm lugar nos terrenos vazios que separam algumas casas do conjunto. Acompanhando os Irmãos Unidos desde 1997, percebo que há alguns anos atrás, nos meses entre dezembro e março, havia uma queda na frequência dos adeptos. Talvez isto se devesse ao fato de que grande parte dos frequentadores era, nesse período, oriunda dos segmentos médios, e estes, no período de férias escolares se deslocam para as praias próximas a Natal. Porém, após a inauguração do serviço de "sopão"⁷⁴, no ano de 2003, a clientela dos Irmãos Unidos passou a ter expressiva presença dos membros da comunidade de Nova Descoberta, oriundos em sua maioria das camadas populares, o que manteve relativamente estável a frequência ao centro, durante todo o ano.

O GEIU é um centro *adeso*, o que em termos nativos significa dizer que ele é *associado* à Federação Espírita do Rio Grande do Norte (FERN). Um centro adeso deve se fundamentar na chamada "diretriz doutrinária" adotada pela FERN, segundo o que preconiza a Federação Espírita Brasileira (FEB). O texto abaixo, com ligeiras modificações, é adotado nos estatutos de federações espíritas em todo o Brasil:

A FERN, interpretando os postulados básicos da Doutrina dos Espíritos – para a qual o verdadeiro culto é o interior, esclarece que no Espiritismo não se adota a prática de atos, uso de objetos e cultos exteriores, tais como: a) Exorcismos; b) Esoterismo; c)

⁷⁴ Distribuição de sopa aos mais pobres da comunidade onde o centro se insere.

Sacrifícios de animais e muito menos de seres humanos; d) Rituais de iniciação de qualquer espécie ou natureza; e) Promessas, despachos, riscaduras de cruzes, pontos ou hábitos materiais oriundos de quaisquer concepções religiosas ou filosóficas; f) Rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público; g) Talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhas, escapulários, breves ou quaisquer objetos semelhantes; h) Confecções de horóscopos, exercícios de cartomancia e astrologia, jogo de búzios ou práticas similares; i) Administrações de sacramentos como batizados e casamentos, concessões de indulgências, sessões fúnebres ou reuniões especiais para preces particulares, seja a encarnados ou desencarnados, nas chamadas *reuniões da saudade*, ou seja, a Doutrina não se coaduna a nenhum tipo de exclusividade, nem comporta atavismos; j) Pagamentos e ou contribuições de quaisquer naturezas por benefícios prestados; l) Atendimentos de interesses materiais para “abrir caminhos”; m) Danças, procissões e atos análogos; n) Hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas; o) Atribuições de Títulos Convencionais, como Presidente de Honra ou Honorário, assim também cargos vitalícios; p) Paramentos, uniformes, ou roupas especiais; q) Altares, imagens, andores, ou objetos materiais; r) Incenso, mirra, fumo, velas, bebidas ou substâncias alucinógenas; s) Terapias alternativas ou convencionais, desde que descaracterizem o aspecto doutrinário das atividades dos Centros Espíritas, posto que os Centros Espíritas são os locais de divulgação e prática do Espiritismo, do Conhecimento Espírita, da Cultura Espírita e da Terapia Espírita, consagrada pelo Estudo Doutrinário, pelo Atendimento Fraterno Através do Diálogo, do Passe Espírita, da Água Fluidificada, da Prece e das Atividades de Desobsessão⁷⁵.

Não obstante, nunca é demais lembrar que se deve fazer a distinção entre a doutrina espírita tal como aparece na codificação de Kardec e na literatura nativa e tal como é vivida nos centros e grupos espíritas (cf. Cavalcanti 1984, P. 20). No caso dos Irmãos Unidos, as diretrizes da FERN se atualizam em algumas práticas, como no fato de que não se encontram, nas paredes deste centro, retratos de Espíritos famosos, ou mesmo de Jesus, uma prática bastante comum a outros centros espíritas de Natal; também aparecem na desimportância dada ao trato mais íntimo com os mentores da casa, o que significa não perguntar-lhes os nomes, não pedir-lhes conselhos ou mensagens psicográficas, não marcar dias e horários para suas comunicações, e, aliás, não procurar evocá-los, a não ser nos momentos de prece, onde lhes é pedido proteção e amparo⁷⁶.

Seguir os esclarecimentos da FERN também significa, no caso dos Irmãos Unidos, a orientação geral sobre a importância da leitura⁷⁷ dos livros de Kardec, Chico Xavier, Divaldo Franco e dos livros e apostilas editados pela FEB; não são proibidos, porém, romances espíritas da autoria de Zíbia Gasparetto, ou da médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, assim como uma ampla lista de livros que, segundo os adeptos, *não contrariam a doutrina*, e livros de

⁷⁵ Texto constante no folheto "Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade", distribuído aos frequentadores de reuniões públicas da FERN e do GEIU.

⁷⁶ Ver o documento "Orientação para a realização das reuniões mediúnicas" do GEIU, em anexo, neste trabalho.

⁷⁷ Pode-se encontrar um exame aprofundado da característica do espiritismo enquanto *religião letreada* em Lewgoy 2000.

autoajuda. Porém, *não são recomendados* conteúdos como os dos livros de Rodrigo Romo, de *linha umbandística*, ou *esotéricos e espiritualistas*, como os de *projeciologia* escritos por Waldo Vieira ou aqueles que tratem de *Saint-Germain* e da *Chama Violeta*, considerados como próprios a correntes da *nova era*, porém, isto não significa que não sejam lidos pelos adeptos.

Ainda que, segundo as lideranças com quem conversei, nenhuma leitura seja proibida, há as enfaticamente desaconselhadas. São os livros que trazem conteúdos *expressamente não doutrinários*, como a temática *fim do mundo*, tratada por Ramatis e Jan Val Ellam. Este último é um escritor norte-rio-grandense, figura no mínimo polêmica no movimento espírita do RN. Seus livros jamais foram vendidos na livraria da FERN⁷⁸, e mesmo ele não é bem-vindo em grande parte dos centros espíritas ligados de alguma forma à Federação, mesmo em alguns não adesos⁷⁹.

Os dados de campo me mostram, que, no caso de Natal, é mais frequente a presença dos livros de interpretações ditas "extravagantes ou polêmicas" (cf. Lewgoy 2000) nas bibliotecas e livrarias de centros não-adesos à FERN. Também nestes centros, a citação dos conteúdos destes livros nos momentos de estudo e nas palestras é menos coibida. Esse é o caso da ACEABM, Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes, e dela falarei mais à frente, neste trabalho.

Por hora, importa lembrar que os Irmãos Unidos seguem as bases ritualísticas da FERN: diálogo fraterno, reunião pública, passes magnéticos, estudo sistematizado da doutrina espírita (ESDE), estudo da mediunidade, evangelização de crianças e jovens, serviço assistencial (sopão) e reunião de desobsessão. Estas atividades são mantidas pelo contato permanente de membros da FERN com este centro, já que são constantemente convidados para fazer palestras, assim como através da frequência de membros dos Irmãos Unidos às atividades da FERN.

⁷⁸ Por um breve período, há alguns anos, os livros de Jan Val Ellam foram vendidos na CCABM, Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, um centro espírita não adeso situado na Avenida Amintas Barros, 2305, bairro de Lagoa Nova, em Natal.

⁷⁹ A respeito das leituras recomendadas ou não, atenta Lewgoy: Há uma imensa literatura religiosa espírita publicada por diversas editoras no Brasil (como a FEB, a Lake e a Petit, algumas das mais importantes), fornecendo um praticamente inesgotável manancial de textos para os leitores, viabilizando a constituição de itinerários individualizados de leitura, mas também de perspectivas díspares, onde um contínuo universo de debates é alimentado. A oferta de leituras vai desde a rede de livros "legítimos", ou seja, reconhecidos e recomendados pelas federações espíritas (paradigmaticamente Kardec e Chico Xavier, mas muitos outros também), até os que desfrutam de um status ambíguo, mas ainda assim lidos pelos espíritas (como os "ditados" por Ramatis e, mais recentemente, os psicografados por Zíbia Gasparetto, autora dissidente do espiritismo). (Lewgoy, 2000). Assim, diz ele, na leitura de "interpretações tidas como extravagantes", há uma "apropriação reflexiva da doutrina", entre os espíritas, à margem das preocupações das federações (Lewgoy, 2000).

2.2 O COTIDIANO DO CENTRO

Defendendo que a desobsessão é a chave na produção do espírita, alinhavo que esta só é inteligível quando articulada por diferentes instâncias de fazer, cotidiano e ritual, que se desdobram no espaço de um centro. O que quero propor é que a desobsessão é mais do que uma reunião, se constituindo em um complexo maior de ritos – um *dispositivo*, que tem na reunião de desobsessão o seu momento dramático mais eloquente. Nesse contexto, reunião de desobsessão, diálogo fraterno, palestra e estudo doutrinário são faces de uma mesma moeda, pois fazem parte de um *dispositivo institucional* que leva para os sujeitos, desencarnados e encarnados, as técnicas de si necessárias para o engajamento positivo no processo evolutivo – a salvação.

Além de ocupar o mesmo espaço físico da reunião de desobsessão, como mostrarei, o diálogo fraterno é a porta de entrada de novos indivíduos encarnados (muito frequentemente, obsediados) no centro; no diálogo, o novato, além de acolhido, é informado das diretrizes para que minimize seus sofrimentos, que, em geral, são relatados por ele neste momento. Do mesmo modo, o *diálogo* é muitas vezes, segundo os espíritas, a porta de entrada das entidades, que, retiradas de perto daqueles que as trouxeram, poderão ser protagonistas na reunião de desobsessão, que se inicia tão logo se encerram as consultas da noite.

Já a palestra é um momento crucial para a doutrinação dos encarnados – e desencarnados, incluindo os obsessores dos primeiros. O mesmo sentido reveste o estudo doutrinário – seja o ESDE, seja a evangelização infanto-juvenil, seja o estudo mediúnico. Há, ainda, fazendo parte deste dispositivo, o que os espíritas chamam de fluidoterapia (o beber a água fluidificada e a terapia de passes), a realização do evangelho no lar e a já mencionada reforma íntima.

Ressalto, reunião de desobsessão, diálogo fraterno, estudo e palestra estão diretamente relacionados à missão que dá sentido ao espiritismo brasileiro: a atualização dos três princípios-base mencionados no capítulo introdutório deste trabalho: caridade, mediunidade, estudo⁸⁰. Por isso, precisarei, ainda que brevemente, caracterizar, além do diálogo fraterno e da reunião de desobsessão, pelo menos mais dois desses rituais públicos, para que a cena mediúnica privada

⁸⁰ Cavalcanti aponta com propriedade que a caridade alia-se à mediunidade e ao estudo para conformar os três principais "meios de salvação" no espiritismo (Cavalcanti 2003, p.64).

propriamente dita, na lida com os desencarnados, possa acontecer: estes rituais públicos são a palestra e a reunião de estudos do grupo mediúnico.

2.2.1 Palestra

No caso do GEIU, ainda que a reunião pública da terça-feira (composta de diálogo, palestra⁸¹, evangelização e desobsessão) comece às 19h30, desde as 17h já há, invariavelmente, alguém na porta do centro, em busca de tirar uma das quatro fichas para o diálogo fraternal, que começa no mesmo horário. Maristela, a responsável pela biblioteca, chega entre as 18h30 e as 18h40min, cumprimenta todos os que estão na calçada, abre a porta do centro, acende as luzes, distribui as quatro fichas de papelão plastificado para o diálogo, com um número impresso. “Vai tomar passe também?”, e em caso afirmativo, uma ficha de passes é também entregue ao indivíduo, que agora aproveitará para comer qualquer coisa na mercearia ao lado, e depois se sentará no auditório, para aguardar o início da reunião. O chão está varrido, as cadeiras limpas, e sobre a mesa de palestras a toalha branca está arrumada; há, sobre ela, uma taça d’água coberta com um paninho rendado branco, e livros de Allan Kardec. A limpeza é obra de Inácia, que além de médium é também zeladora do centro, e na manhã da terça feira faz a faxina costumeira.

Enquanto se dão as arrumações para os outros trabalhos da noite, pessoas chegam e aguardam, sentadas nas cadeiras do auditório, outras conversam em pequenos grupos, ou folheiam livros na biblioteca. Às 19h25, os componentes da mesa sentam-se nas três cadeiras por trás da mesa em frente ao auditório. A pessoa que ocupa a cadeira no meio da mesa coordena os trabalhos. As duas outras se dividirão: uma fará o *exórdio*, leitura preparatória, trecho de algum dos livros de textos curtos do espírito André Luiz, psicografia de Chico Xavier, como Pão Nosso ou Vinha de Luz⁸². O trecho a ser lido por vezes é definido previamente e outras vezes aleatoriamente. A outra pessoa fará a palestra da noite. A título de ilustração, trarei a seguir notas do meu diário de campo que retratam uma palestra:

⁸¹ No GEIU, a palestra é proferida a cada quinze dias por um orador da casa ou um convidado, e também quinzenalmente através de vídeos, reproduzidos via *data show*, onde são apresentadas, em geral, comunicações do médium e orador Divaldo Franco. Este momento pode ser substituído por uma "dinâmica" realizada por José Moraes, versando sobre temas espíritas.

⁸² Esta fase do ritual espírita de estudo, a da *leitura preparatória* ou *exórdio*, é compreendida por Cavalcanti como correspondendo ao momento da *separação*, conforme a terminologia utilizada por Van Gennep (1969). Cf. Cavalcanti 1983, pp. 73.

Hélidon, o palestrante, senta-se na primeira cadeira, na esquerda da mesa. Pinheiro aguarda o relógio afixado na parede de entrada do centro apontar 19h30, e pede a Rita para que ela faça o exórdio. Ela então toma o microfone e diz: "amados irmãos, que a paz esteja em nossos corações". Lembrando a "alegria de estarem todos ali reunidos mais uma vez", lê as duas páginas do trecho escolhido e depois tece um breve comentário, que dura por volta de cinco minutos.

Após este momento, Pinheiro fica em pé e faz a *prece de abertura dos trabalhos da noite*, agradecendo a "presença do mestre Jesus e dos irmãos superiores, coordenadores das atividades". No momento da prece de Pinheiro, todos os presentes no salão, na biblioteca e na cozinha fecham os olhos, em *posição de prece*, mesmo os que estavam em pé, encostados às paredes ou conversando: um dos braços é dobrado sobre o estômago; a outra mão serve para cobrir os olhos; alguns põem os dois braços para frente do corpo, uma mão segurando a outra. Os que estão sentados podem também pôr as duas mãos abertas sobre as coxas, palmas voltadas para cima. Silenciosamente aguardam a prece terminar.

É então que Pinheiro anuncia a fala de Hélidon, que se levanta e toma o microfone. Sorri. Elogia as *belezas naturais* presentes ali: alguns que já o conhecem sabem que o termo "belezas naturais" se refere às pessoas bonitas, mas que faz especial alusão às moças e jovens senhoras. Alguns na plateia sorriem também. Hélidon, que faz parte da TEDCC (Templo Espírita Deus, Cristo e Caridade, centro adeso localizado no bairro de Parque dos Coqueiros, zona norte de Natal), e é convidado do GEIU, diz que "este centro também é sua casa", e então começa a contar uma história, já conhecida dos frequentadores mais antigos, presente em algumas palestras de Divaldo Franco. A fala de Hélidon é permeada por arcaísmos, frequentes nas palestras espíritas.

As pessoas riem com as piadinhas de tom ameno que sempre faz, e com a brincadeira sobre o nome *espírita*: "a gente sabe: existe espírita e existe ispríita", sendo os *isprítas* aqueles que não seguem a doutrina seriamente. A assistência em geral ri com as referências de Hélidon à sua própria vida, proferidas no plural *majestático*, também chamado *plural da modéstia*, e recorrente no *espiritismo*, como bem aponta Lewgoy (2000), mas que Hélidon utiliza em certos momentos para brincar: "nossa esposa, nossas filhas, nosso emprego".

Nesse momento, narra o episódio contado por Divaldo Franco, quando de seu encontro com um antigo desafeto, já desencarnado, apelidado de "Máscara de ferro". Este espírito se pôs a perseguir Divaldo, onde este estivesse. E, conta Hélidon, durante dez anos "máscara de ferro" atormentou Divaldo. Após esses anos, o espírito afastou-se de Divaldo, pois foi levado a retroceder em sua sina de vingança, convencido pelas orações e pela prática de caridade do médium baiano. Arrependido, reencarnou e foi recebido, como órfão, para ser criado pelo mesmo Divaldo na "mansão do caminho".

De voz embargada, ele conclui a palestra, que já vai em quarenta minutos, lembrando de tantos *irmãozinhos* que andam pelas trevas e que precisam de *nossa ajuda*. Fala ainda da *recompensa* que teremos no *mundo espiritual* quando *desencarnarmos*, recebendo o *abraço gostoso* dos amigos que lá estão e que muito nos amam.

Na conclusão da palestra de Hélidon, algumas pessoas da plateia enxugam os olhos. Pinheiro então retoma o microfone, elogia o orador por seu *brilhantismo*, agradece “à espiritualidade por esta oportunidade de aprendermos mais um pouco”, e faz a *prece de encerramento desta parte dos trabalhos da noite*. Então convida a todos para tomarem o passe, que é administrado na sala à direta do banheiro, lembrando que gestantes, idosos, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais têm prioridade, e que o passe não é obrigatório.

A mesa desfaz-se. Várias pessoas querem *dar uma palavrinha* com Hélidon. Alguns para saber que livro é aquele que ele citou, outros para contar: “teve um momento, sabe, parecia que você estava falando para mim”. Hélidon sorri e distribui abraços, aperta muitas mãos. Diz a Pinheiro que também vai tomar um passe⁸³, ao final. Nesse momento, Sonia já organiza a fila com as primeiras fichas, por prioridade. (Diário de Campo, setembro de 2007)

A palestra é, segundo meus informantes me dizem, uma *oportunidade* para que o público – os *assistidos*, encarnados e desencarnados – ouçam, por parte de oradores treinados para esta tarefa, ensinamentos⁸⁴ advindos das obras de Kardec e de livros publicados pela FEB, além de outras leituras aceitas e recomendadas por esta. Ela pode ter caráter *evangélico*, *científico* ou *filosófico*. Há, em certas casas espíritas, a definição do caráter da palestra segundo as atividades: por exemplo, na FERN, as palestras das quartas-feiras à tarde são científicas e as do domingo à tarde, evangélicas⁸⁵.

A palestra é também um momento de atendimento: dizem os adeptos que no auditório onde é realizada, há, ao lado dos encarnados, um número muito superior de desencarnados, em especial os obsessores dos encarnados, ouvindo os ensinamentos e aprendendo. Dizem que

⁸³ O passe é considerado, no GEIU, um elemento do que chamam de "fluidoterapia". Juntamente com a água fluidificada, o passe ajuda na desobsessão dos pacientes, pois "higieniza" os chakras dos encarnados e desencarnados, ajudando no desligamento da simbiose em que estão envolvidos. Passe e água fluidificada são, assim, a etapa fluidoterápica da desobsessão.

⁸⁴ Segundo Lewgoy (2000, p. 254), "A categoria ensinamento, de amplas repercussões na tradição cristã, remete ao conhecimento revelado que toma por modelo a relação mestre/discípulo instaurada nos exemplos dos Evangelhos". (...). "Ensinamento, ou sentido espiritual do texto lido, significa que o conhecimento não se limita ao texto mas é por ele oportunizado, cumprindo o papel de mediador, como numa epifania". No espiritismo, "um efeito esperado da concepção de ensinamento, que funde o conhecimento com implicações morais e espirituais, é a regeneração ou reforma íntima do indivíduo. A mera aquisição de conhecimento, isolada da moralização da conduta, é muito criticada, de onde se pode compreender as repetidas críticas aos "cientistas" e aos "intelectuais" no grupo de estudos, reprovados por não associarem o seu conhecimento a uma moralidade cristã cuja expressão máxima é fornecida pela revelação espírita".

⁸⁵ Sobre a palestra no espiritismo, ver Lewgoy 2000 e Cavalcanti 1984. Sobre sua variação conforme a atividade, ver Lewgoy 2000.

algumas vezes estes espíritos, finalmente conscientes de que estão necessitados, são levados pelos irmãos superiores a lugares de tratamento, de acordo com a perturbação que cada um apresenta. Por vezes, vão para a sessão de desobsessão, para serem doutrinados. Em outras vezes, são encaminhados diretamente para hospitais espirituais. Não apenas o público em geral é incentivado a assistir à palestra: os próprios médiuns e doutrinadores da casa também o são, pois, da mesma forma que o estudo, é dito que a palestra é uma etapa preparatória para a reunião de desobsessão, a ser realizada mais tarde, nesta mesma noite.

2.2.2 Reunião de estudo do "mediúnico"

Mediúnico é como é chamado o grupo responsável por trabalhar com a parte mais *ostensiva* da mediunidade nos Irmãos Unidos: a psicofonia, a psicografia, a vidência e a audiência, faculdades que são colocadas à serviço da caridade no *diálogo fraternal* e na *reunião de desobsessão*. Mas para um espírita, não basta ter a faculdade ou dom da mediunidade, é preciso desenvolve-la em consonância à caridade, e isso se faz através de estudos sistemáticos. Cabe aos médiuns orar e vigiar seus pensamentos e atitudes cotidianas,

Em primeiro lugar, porque, como vimos, cabe ao médium imprimir à sua mediunidade o conteúdo moral adequado. Em segundo lugar porque a mediunidade permanece sempre potencialmente perigosa (Cavalcanti, op.cit., p. 97).

Destaco que ser adeso à FERN também significa observar certas normas para o estudo⁸⁶. Ainda que isto não esteja escrito claramente em lugar algum do estatuto, os espíritas dos Irmãos Unidos asseveraram com ênfase a necessidade de se evitar o "estudo de conteúdo não doutrinário", ou, dito de outra forma, conteúdo que fuja, segundo dizem, à *pureza doutrinária*.

José Morais é o diretor mediúnico do GEIU; cabe a ele a organização de todas as atividades mediúnicas do centro, e aí se inclui também o estudo, apontado – assim como a palestra - como etapa preparatória para a reunião de desobsessão. A importância do estudo é que, em primeiro lugar, neste momento, os trabalhadores que participarão da sessão se *preparam*

⁸⁶ Para uma análise do ritual de estudo da mediunidade no espiritismo, cf. Aubrée e Laplantine 1990, Cavalcanti 1984, Lewgoy 2000.

intimamente para esta, e nesse sentido devem tranquilizar os sentimentos, abrandar a agitação vivida durante todo o dia e organizar os pensamentos, direcionando-os para que ajudem na consecução do trabalho mediúnico.

Em geral, todos os membros do mediúnico participam do estudo, e, no caso dos Irmãos Unidos, pelo fato de ser um centro pequeno, só há uma turma de estudo mediúnico; sendo assim, nela podemos encontrar tanto os dirigentes mais antigos, quanto os diversos tipos de trabalhadores – oradores, passistas, evangelizadores, doutrinadores, médiuns – assim como parte da clientela atendida pelo centro, para a qual o estudo também serve como *tratamento*.

O estudo acontece nas noites de quinta-feira, que, como comporta evento semiprivado, é menos palpitante do que a da terça, noite da reunião pública. Comparecem os médiuns Olavo, Arabela, Núbia, Claudiana, Inácia, Tércia, Doralice; os doutrinadores Pinheiro, José Morais, Márcia, Edmilson, Eduardo; os médiuns em desenvolvimento Swami, Maristela, Madalena, Goreth. Também estão alguns "irmãos em tratamento", e outros que vieram "para conhecer o estudo", configurando uma assistência mais flutuante. Neste dia, há uma ligeira modificação espacial no auditório: parte das cadeiras é arrumada em círculo, e é neste círculo onde se sentam os participantes da atividade. Há, a cada semana, uma pessoa responsável por coordenar o estudo, lendo e comentando capítulos de uma apostila da FEB sobre mediunidade ou outro texto de referência neste âmbito.

Como nas reuniões públicas, o estudo se inicia às 19h30, com uma leitura preparatória, o exórdio. Feita esta primeira leitura, pede-se que os presentes *comentem* a passagem. Faz-se, então, a *prece de abertura dos trabalhos da noite*. Após a prece, é lido e comentado o texto da noite⁸⁷. Esta atividade é concluída às 20h20min. Entre as 20h20 e as 20h30min, os trabalhadores

⁸⁷ Em algumas quintas-feiras, o horário da desobsessão não é precedido pelo estudo, e sim pela *meditação*. Para realizá-la, José Morais traz um disco com *mentalizações*, em geral da autoria de Divaldo Franco, o põe em um som portátil que ele também trouxe e reproduz algumas faixas deste disco, enquanto os trabalhadores presentes fecham seus olhos e *relaxam*, buscando *tranquilizarem-se* para a desobsessão que ocorrerá após este momento; além disso, a meditação serve, segundo os adeptos me contaram, para *ajudar os irmãos encarnados e desencarnados* que estão em hospitais, asilos, prisões, orfanatos, levando para eles os *bons fluidos* emanados pelos médiuns e demais trabalhadores presentes, o que ajuda a abrandar o seu sofrimento, inclusive *transportando* para o centro espírita os irmãos sofredores que lá estejam, para que sejam *atendidos*. Após a meditação, cada pessoa pode comentar o que *sentiu* na tarefa, porém, são desaconselhados relatos pormenorizados do *fenômeno em si*, ou seja, os pormenores mediúnicos: citações de nomes de indivíduos e de lugares e detalhes *físicos* do plano espiritual porventura visitado, sobretudo se este for um plano dos menos evoluídos, como *faixas do umbral*. Porém, mesmo que o relato seja sobre um plano elevado – uma colônia, por exemplo - não são bem-vistas exposições minuciosas (particularidades dos prédios e de seus habitantes etc.), já que são *dados acessórios*, não essenciais na execução da tarefa. Bem mais

que ficarão para a reunião de desobsessão, também chamada de *segunda parte da reunião*, se encaminham para o pavimento superior. Antes disso, podem beber água fluidificada, ir ao banheiro, cumprimentar aqueles que haviam chegado atrasados ao estudo e que por isso ainda não cumprimentaram ninguém. Os que não farão parte da reunião de desobsessão podem ir embora ou aguardar o término dos trabalhos no pavimento térreo da casa espírita.

A reunião de estudo é um dos momentos rituais do GEIU onde mais explicitamente é experienciada a máxima “trabalho sério”, que, aliás, permeia todas as atividades neste centro. A *seriedade*, afirmada como essencial, deve alicerçar-se em uma atitude de sobriedade. Gestos comedidos, semblantes circunspectos, sorrisos moderados dão o tom dos momentos de trabalho. Da mesma forma, nem toda atitude de humor é permitida. Isto aparece em todos os momentos, porém, é nas atividades semiprivadas e privadas, onde há uma maior presença dos trabalhadores da casa, que este padrão de afetos é mais detidamente situado, apontado, experimentado. Este é o caso do estudo da mediunidade das quintas-feiras e do ritual privado de desobsessão das terças e quintas-feiras.

É necessário que nesse momento, o comportamento dos indivíduos se aproxime o mais possível da *disciplina*, *seriedade* e *sobriedade* espíritas: deve-se ser pontual e assíduo; ao chegar ao centro, dirigir-se sem demoras para o assento, cumprimentando amavelmente, porém sem grandes alongamentos os companheiros. Durante a reunião – mesmo antes e depois dela, desde que no interior do centro – as conversas devem se dar em um tom de voz ameno, sem grandes elevações; o vocabulário utilizado não deve aludir a conteúdos de sentido sexual, a não ser que este seja o assunto tratado no estudo da noite, e, mesmo assim, no tratamento deste tema devem ser usados termos *respeitosos*. Os palavrões são banidos e aqueles que os proferem são vistos como relativamente perturbados (talvez até obsediados, ou no caminho para uma obsessão) e de alguma forma avisados disso. As falas não devem resvalar para assuntos estranhos aos tratados. Há, por outro lado, um humor permitido, caracterizado pela amenidade. Também – e isto é fundamental – atitudes que aludam a conflitos (descontentamento ante a ordem dos trabalhos, confronto, oposição ou irritação aos modelos instituídos) são profundamente rejeitadas.

aceitos são os relatos que enfatizam as *vibrações positivas* dos locais visitados na meditação. Maria Laura Cavalcanti expõe este ritual com o nome de irradiação. (Cf. Cavalcanti 1993, p.99 e 125).

É emblemático desta atitude de neutralização dos conflitos um fato que ocorreu há alguns anos no GEIU. Alguns membros do centro se dispuseram a "modernizar" o diálogo fraterno, e, para tanto, trouxeram, de outra casa espírita, a proposta do que chamaram de T.E, "tratamento espiritual". Este consistia em um sistema de estudo e prática visando o treinamento de novos "dialogadores". Também propunham a ampliação do número de cabines de diálogo, e, obviamente, do número de trabalhadores a se envolverem nesta atividade. Ora, aqueles que propuseram esta mudança foram prontamente diagnosticados como obsidiados, e a proposta compreendida como "mais uma ofensiva das forças das trevas para destruir o GEIU". Porém, nada disto foi salientado nas inúmeras reuniões ocorridas para "debater o novo diálogo": esta avaliação era murmurada "pelos corredores" do centro. O fato é que em nenhum momento a proposta foi concreta e abertamente avaliada, pois os dirigentes da casa se punham em silêncio ou "em prece", durante boa parte das reuniões cuja pauta era o diálogo. E as reuniões foram minguando, e, sem discussão, a proposta foi se esvaindo, e mesmo os cochichos pelos corredores foram silenciando, até que em algumas semanas, não se falava mais no assunto. Os propositores do novo diálogo então se afastaram do centro, e de seus nomes, hoje em dia, nem se fala mais.

Tratando deste aspecto, é fundamental a análise de Maria Laura Cavalcanti, em uma passagem que vale a pena registrar. Relatando um conflito que ocorreu em um dos centros espíritas que pesquisava, ela avalia:

O próprio fato da manifestação de descontentamento, oposição, irritação por parte de quem abre a discussão tende a ser lido como indício de "inferioridade", de "imperfeição". A reação do superior, idealmente paciente e firme, reafirma sempre a sua *superioridade moral* e consequentemente as posições estabelecidas. Todo desvio ou diferença pode ser lido como sintoma de inveja, ciúmes, mesquinhez, egoísmo, em suma, sentimentos reprováveis traduzíveis como sinais de inferioridade moral/espiritual: todo conflito potencial é assim neutralizado, subjazendo a esse movimento o reconhecimento e reafirmação do lugar que cabe a cada um, segundo o mérito individual, na hierarquia do centro que reproduz em escala reduzida o universo (Cavalcanti 1983, p. 58/59, grifos da autora).

Em relação ao humor, há outro fato ocorrido em meu campo, que devo relatar, concluindo esta sessão: em março de 2007, houve uma reunião administrativa para se tratar das atividades mediúnicas do GEIU, e nesta reunião foram tomadas algumas deliberações. Em suma, as resoluções trataram de recrudescer o controle sobre o humor nas reuniões de estudo da

mediunidade. No *documento escrito*⁸⁸, fruto da reunião, comportamentos baseados na informalidade foram fortemente combatidos. Manifestações de riso, conversas informais, assuntos triviais foram elementos denunciados como pertencendo a condutas pouco elevadas, devendo ser banidos, tanto do momento do estudo, quanto da prática mediúnica. Assim, nada mais de conversas paralelas, nada mais de risinhos, nem de cumprimentos muito efusivos dentro do centro. A observância do padrão para o humor, no GEIU, é tarefa do diretor mediúnico em especial. Para isto, José Morais está ordinariamente atento a cada risada não contida, a cada conversa paralela, a cada desvio do assunto tratado.

Neste mesmo sentido é que Cavalcanti (2003) dá o exemplo de Pedro, jovem trabalhador do centro espírita por ela estudado, e que era afeito a brincadeiras, e, além disso, conversava e ria junto aos assistidos pela casa, oriundos de segmentos populares. Tal atitude foi sutilmente repreendida pelo dirigente do centro, e Pedro, aconselhado a que se pusesse em seu lugar superior, pois este tipo de manifestação de humor não se adequava mais ao seu nível evolutivo (Cavalcanti 1983, p. 69).

2.2.3 Diálogo fraternal

Muito se tem escrito sobre o a presença dos centros espíritas nos itinerários terapêuticos de brasileiros e brasileiras em busca de resposta a suas aflições. Como em outras instâncias de socorro instituídos, deve haver uma porta de entrada para o acolhimento da pessoa em sofrimento: no espiritismo, essa instância é o *diálogo fraternal*, também chamado de *atendimento fraternal*⁸⁹. Através de *entrevista individual*, marcada previamente, quem chega ao centro espírita pode ser atendido pelos trabalhadores, que lhes *ouvem os problemas sem julgar* e lhes dão *conselhos*, em geral enfatizando-lhes o comportamento moral – a fé, esperança, a paciência (Cavalcanti 1983, p.65). Resume Arabela, médium dos Irmãos Unidos:

O diálogo fraternal é assim: de um modo geral as pessoas chegam, falam de seus problemas, a gente ouve, e depois aconselha, orienta. Eu

⁸⁸ Cf. Documento "Orientação para a realização das reuniões mediúnicas" do GEIU. Natal, 05 de março de 2007 (em anexo).

⁸⁹ Para uma suficiente caracterização do diálogo fraternal realizado em centros espíritas, cf. Cavalcanti (1983, pp. 65), que também o diferencia do ritual da *consulta*, na umbanda.

percebo que as pessoas chegam aqui com muita carência de poderem falar delas mesmas sem serem julgadas; elas necessitam de se apaziguar, se acalmar, melhorar a autoestima, precisam disso pra melhorar o padrão mental, e consequentemente a sintonia que isso provoca, com os espíritos. Porque melhorando a autoestima, eles se livram dos espíritos que estão incomodando (Arabela).

No GEIU, essa espécie de aconselhamento pastoral acontece no mesmo momento que a palestra pública das terças feiras, em outro cômodo do centro. Os casos que chegam podem ser compreendidos como *problemas obsessivos* ou como *crises existenciais*. O que se faz no diálogo fraterno é *conversar* com a pessoa, a partir do *problema* que ela traz. O teor dessa conversa versa em geral sobre a necessidade de o indivíduo se *equilibrar*, através da observância ao ideal de moralidade espírita.

Em adição, e em caso de obsessão, é feito, no diálogo, um primeiro momento de *afastamento* dos "irmãozinhos"⁹⁰ do *campo vibratório* dos encarnados atendidos. Na reunião de desobsessão, estes espíritos são realmente atendidos; é quando se dá *voz* a eles. Porém, no *diálogo* há a possibilidade de serem ao menos parcialmente desvinculados dos encarnados. Para isto, o encarnado deve ser *ajudado*, através de uma conversa de teor elevado, a libertar-se psiquicamente do *problema* que lhe aflige, *acalmando-se, relaxando, sentindo-se feliz*, mesmo que momentaneamente. Nessa ocasião, o médium busca lembrar ao atendido aquilo que existe "de bom" em sua vida: seus familiares, a saúde do corpo, o trabalho, e enfatizar a importância desses elementos.

Paralelamente, o médium conversa *em pensamento* com a entidade vinculada à pessoa atendida, intervindo, com seu magnetismo, através da *prece*, para desenredá-la do *campo* do encarnado. É relatado que este procedimento costuma levar a entidade ao sono. Isto então permite que os espíritos de luz, *mentores* do diálogo a removam para uma sala próxima, onde poderá aguardar o atendimento desobsessivo a ocorrer mais tarde. Alguns espíritos, contudo, já são encaminhados para hospitais espirituais, sem a necessidade de irem para a sessão de desobsessão.

⁹⁰ Os *irmãozinhos* são as várias entidades que, conscientemente ou não, estariam perturbando os encarnados que chegam ao centro espírita. Normalmente se diz *irmãozinhos* para definir tanto os espíritos que ainda não sabem que "morreram" e se encontram vinculados pelo afeto aos encarnados, e nesse envolvimento causam-lhes sensações de sofrimento, assim como espíritos que sabem, sim, que morreram, contudo, permanecem ao lado dos vivos. Também são desse modo denominadas as entidades que buscam realmente "fazer o mal" aos encarnados, por razões várias, que muitas vezes atravessam múltiplas encarnações.

Nos Irmãos Unidos, o recém-chegado é incentivado a buscar o diálogo fraterno sempre que sentir necessidade, pois os espíritas entendem que um processo obsessivo é algo *difícil* e *demorado* de ser resolvido, e que os encarnados necessitam deste *apoio* constante. Assim é que o diálogo fraterno faz parte do processo de desobsessão.

Arabela e José Moraes são dois dos membros mais importantes da equipe do *mediúnico*, e são eles que realizam o diálogo fraterno no GEIU. Na ausência de um deles, o outro faz o *diálogo*, sozinho. Definido pelos espíritas como *uma conversa permeada pelo amor*, o diálogo fraterno é, em geral, uma atividade de destaque nos centros espíritas, pois através dele o indivíduo recebe atenção especial, particular, geralmente dos médiuns da casa, e pode expor os eventuais problemas pelos quais passa no momento, receber respostas a estes dilemas e fazer um *tratamento para se reequilibrar*.

A dupla do diálogo, durante uma hora, atende em torno de quatro pessoas, às portas fechadas. Na salinha na penumbra, uma mesa onde estão a médium e o doutrinador. As pessoas são recebidas na porta por um deles, que pede para que se sentem e que falem sobre o que os aflige. Problemas dos mais variados teores são expostos, desde conflitos familiares e conjugais até problemas financeiros, e mesmo distúrbios emocionais, depressão profunda, doenças psíquicas. Também são relatadas doenças graves *de ordem material*, ou *do corpo físico*. São também apresentados problemas *espirituais*, advindos da presença de espíritos desencarnados junto aos atendidos, e ao conjunto de perturbações que esta presença pode causar.

Os dois trabalhadores ouvem atentamente os problemas, porém, como o tempo é curto, de quinze a vinte minutos para cada atendimento, e a pessoa não poderá sair dali sem alguma resposta, é dito, de forma geral, para os atendidos, da necessidade de compreenderem os seus problemas em contexto, buscando *enxergar o seu significado em termos da vida e não apenas daquele momento*. Além disso, é asseverada a *necessidade da fé e da confiança em Deus e em si próprio*, e aconselhada a *leitura de livros espíritas*, além da *terapia do passe*. Assim que o diálogo fraterno é concluído, a mesma sala é ocupada pelos trabalhadores da desobsessão, durante os próximos trinta minutos.

2.2.4 Reunião de desobsessão

A reunião de desobsessão é um ritual de caráter privado, onde comparecem os médiuns e doutrinadores da casa. Neste momento, espíritos *obsessores* – também chamados de *necessitados* ou *sofredores* – incorporam nos médiuns e são doutrinados – ou evangelizados – pelos doutrinadores. No GEIU, ela acontece às terças e quintas feiras (após respectivamente a reunião pública e o estudo mediúnico), das 20h30min às 21hs, na mesma sala onde ocorre o diálogo fraternal. É uma sala de dois metros quadrados e meio, aproximadamente, e comporta uma mesa de madeira e oito cadeiras, onde se sentam os médiuns e doutrinadores. Encostadas às paredes, mais três ou quatro cadeiras, para aqueles que estejam há pouco tempo neste trabalho e *ainda não receberam permissão para sentar na mesa*, ou para quem desempenhará a tarefa de *vibrar positivamente* apenas, não incorporando nem doutrinando. Há também uma cadeira para a colocação das bolsas dos trabalhadores, um ventilador de chão e um relógio na parede. Sobre a mesa, papéis para psicografia e um copo metálico com canetas e lápis. Há duas lâmpadas no teto; uma, de luz branca, outra de luz azul. No momento da sessão, só a luz azul ficará acesa.

A abertura deste rito é feito com uma prece, em geral proferida por José Morais, o coordenador, ou por alguém que ele sugere. Nesta, agradece-se por aquela *oportunidade de trabalho* e pede-se aos *irmãos espirituais, coordenadores do trabalho, equilíbrio, discernimento, humildade*, para que o trabalho se desenvolva com *muita paz e alegria*. Após, o coordenador declara aberta *esta parte dos trabalhos da noite*. Nesse momento, os médiuns estão liberados para *dar passividade* aos espíritos – *incorporá-los*; assim é que, entre as 20h30 e as 21hs, são doutrinados aproximadamente quatro espíritos por médium. Isto acontece simultaneamente, isto é, todos os médiuns incorporam e são doutrinados ao mesmo tempo, o que pode significar, dependendo do número de pessoas envolvidas, numa babel de vozes.

É importante salientar que, neste grupo⁹¹, o diretor mediúnico⁹² não indica uma ordem para a incorporação; ele não estabelece quais médiuns darão passividade primeiro do que outros. Dessa forma, é mantida uma *organização natural*, sem a *diretividade* dos encarnados:

⁹¹ Não é difícil encontrar centros espíritas onde nas reuniões de desobsessão os médiuns incorporam de acordo com a ordem estabelecida pelo diretor mediúnico, nisto que é chamado no GEIU de "diretividade". Observei, em Natal,

Então, como é que as coisas aconteceram sempre, neste grupo que eu participo? Sempre foram muito espontâneas. Quer dizer, não havia uma diretividade. Começava a seção mediúnica e então sucediam as comunicações. Naturalmente. Inclusive, comunicações simultâneas; sempre foi assim. Alguns grupos trabalham com comunicações individualizadas: mesmo que haja dez médiuns, cada médium só comunica quando o outro termina. O nosso grupo sempre trabalhou com comunicações simultâneas. Essa é uma grande discussão, mas eu sou partidário dessa organização natural. (José Moraes)

Há um par fixo, que é o de Arabela e José Moraes. Os outros são relativamente aleatórios; porém, quando comparecem Pinheiro, doutrinador, e Inácia, médium, antigos na casa, eles costumam formar um par. Edmilson, marido de Tércia, se está presente, em geral doutrina os espíritos que ela incorpora. Todos os demais – Márcia, Eduardo, Claudiana, Núbia, Olavo, Doralice, se organizam entre si. José Moraes considera que ter uma dupla de médium e doutrinador se mantendo no tempo,

Tem a vantagem de ser um casamento, da identidade, de energia, de facilitar todo o processo, de você já conhecer as sutilezas da comunicação, isso é bom. Cria uma afinidade fluídica que facilita muito o processo. A desvantagem é perder um pouco da criticidade, pois você se condiciona àquele tipo de médium, àquele tipo de comunicação, e tem dificuldade de fazer trabalho com outra pessoa. Pode até impossibilitar o trabalho (José Moraes).

José Moraes me diz que a desobsessão nos Irmãos Unidos tem ação *terapêutica*; isto significa que através desta prática se consegue levar alguém que está em *desequilíbrio psíquico* para um nível de *equilíbrio*, possibilitando a *retomada da vida* em outros parâmetros. A raiz desta atuação está na *caridade*, mas também encontra ecos fora da esfera religiosa:

Este estilo doutrinário corresponde ao que ensinam algumas correntes da *psicologia humanista*. Significa primeiramente atender às necessidades básicas do outro, e depois ouvir o outro de verdade, enxergando-o na realidade dele, e não na sua. Só desse jeito a gente cria empatia e pode entendê-lo, mesmo que não aceite os seus atos. (José Moraes)

alguns grupos de desobsessão que seguem esta diretividade, assim como outros que seguem a dita "organização natural", que é a forma como se dá a sessão no GEIU.

⁹² O diretor mediúnico é o indivíduo responsável por aquele grupo de trabalho, tanto na hora do estudo quanto na mesa de desobsessão. Neste último momento, a tarefa dele consiste em ouvir as metaconversas entre os mundos e intervir de modo a manter o texto nos parâmetros definidos como normais, aceitáveis. Para as estruturas narrativas da desobsessão espírita, cf. Lewgoy, 2000.

Seguindo esta "linha humanista", José Morais divide a doutrinação em três momentos: *acolhimento, entendimento e prognóstico*. Efetuando-se dessa forma, diz, os *resultados* são mais *consistentes*.

Acolhimento é fazer a pessoa se sentir ali, e se ele tá ferido, perceber que tá sendo acolhido. Depois o entendimento. Você vai identificar qual é a problemática. E fazer o outro entender também. E o prognóstico é o como as coisas vão acontecer daqui pra frente. Exemplo: ele percebeu que já morreu. E agora? (José Morais)

No acolhimento, supre-se a necessidade fisiológica do outro. Se o espírito sente sede ou fome, diz ele, deve-se oferecer água e comida fluídicas.

Nós dizemos: 'veja, há um copo d'água na sua frente'. E o espírito vê aquele copo d'água fluídico e bebe. Ou algum remédio para dores, e por aí vai. Esse é o momento de acolhimento. (José Morais)

Depois, deve-se "ouvir o que o outro tem a dizer, sem julgar". É o segundo momento, o entendimento. Nesse momento, a *empatia* é fundamental, e ele exemplifica:

Se você é preconceituoso, você só vê o preconceito. Então, por exemplo, digamos que você não admite a homossexualidade. Quando você vê uma pessoa que tenha uns trejeitos, você já bloqueou tudinho, então você não admite uma aproximação, uma relação qualquer que seja, você nega aquilo. Então, observe: ali pode ter uma experiência humana fantástica, para você mesmo, mas você não percebe, porque não concebe. Deve-se estar aberto ao outro, não se deve julgar o outro, e sim entendê-lo (José Morais).

Nesse sentido é que ele rejeita o estilo de doutrinação onde só o doutrinador fala:

É aquela doutrinação onde o espírito não consegue se colocar, porque o doutrinador não deixa. Ele fala sem parar. Nesse caso, não se cria um vínculo afetivo, que é uma coisa fundamental e que é o ponto em comum entre espiritismo e o processo terapêutico, dentro da psicologia, qualquer que seja a corrente, mesmo dentro da visão psicanalítica. (José Morais)

No momento do entendimento, é importante que o doutrinador organize seu próprio mundo interno para não se contaminar com as emoções desequilibradas dos espíritos:

Eu devo separar as coisas, o que é meu e o que é do espírito atendido, para ajudá-lo com qualidade. Porque muitas vezes, na doutrinação, o espírito vai querer tirar você do sério; se frente a isso você tem um sentimento de raiva, deve pensar: porque eu estou com raiva? Esse problema é dele, não meu. Eu estou aqui para ajudá-lo

a resolver o problema dele. Eu não posso transformar o problema dele em meu. (José Moraes)

Ele então me relata um episódio que muito o marcou, e que diz respeito a este problema, o de "contaminar-se com as emoções desequilibradas":

José Moraes: Teve um episódio, foi uma coisa interessante. Foi logo quando eu comecei a doutrinar, o centro ainda era na Praça Augusto Leite. Nesse dia, João Ferreira não estava, ele já tava num processo de afastamento. Mas continuava da mesma forma de quando ele estava lá, o procedimento. E não foi nem com o médium que eu estava doutrinando. Bem, incorporou uma entidade que teria desencarnado num incêndio e que o filho ou a filha, não lembro bem, tem um filho no meio dessa estória, que estava do lado. A comunicação foi extremamente viva, sabe? Então foi como se todo mundo tivesse visualizando o incêndio. Foi uma confusão. Todo mundo da mesa mergulhou no incêndio, tava se queimando. Eu não fiz isso. Eu percebi, deixei a pessoa que eu estava doutrinando, sem ninguém nunca ter me dito como é que era, pois eu deixei a outra ali e fui lá interferir (risos). Eu interferi.

Antoinette: o que é que você fez?

José Moraes: a outra pessoa que eu estava doutrinando, estava chorando, tava todo mundo chorando, em prantos! Os outros médiuns, os outros doutrinadores, todos. Aí eu fui lá conversar, conversar.

Antoinette: o próprio doutrinador que estava doutrinando estava chorando?

José Moraes: Ele chorou. Ficou bem clara na minha cabeça essa imagem, não saiu mais, exatamente essa questão. Ele chorou. Porque você veja: a mobilização é no sentido de você ajudar o outro. Não é de chorar com o outro. Não é de sofrer junto. Sofrer junto não é solidariedade. Solidariedade, ela se expressa na superação. "ah, eu tou muito solidário, eu tou lá chorando". Não! Isso não constrói. O que constrói é: "eu tou aqui do seu lado. Eu vou ser apoio seu. Você vai encontrar em mim, força. Não vai encontrar fraqueza". Porque solidariedade não é viver o problema do outro, e sim potencializar o outro a sair do problema. Então, a pessoa se afogando, você não sabe nadar e mergulha lá. Isso não vai ajudar, vai atrapalhar. Houve solidariedade, mas a pessoa foi solidária na dor, não na superação.

Passado o momento de se *ouvir o outro*, mantendo o *equilíbrio interno*, deve-se dar a *resposta, o prognóstico*, que "muitas vezes" é dada pelos espíritos ao doutrinador, através da *intuição*. Neste movimento, deve-se operar a *entrega* e a confiança na equipe espiritual, sem deixar de lado, contudo, a responsabilidade do indivíduo. José Moraes me diz que a intuição é importante não apenas para o doutrinador na casa espírita, mas também para psicólogos e médicos, que podem oferecer melhores serviços se estiverem abertos para receber as *influências*

dos bons espíritos, pois "um bom psicólogo é um cara inspirado. O bom psiquiatra é um cara inspirado". Um detalhe não deve ser esquecido, porém: a razão atrapalha.

A doutrinação tem que ser um processo que se desvincule o mais possível da racionalidade. Isso é complicado. Isso é extremamente vivencial. Não dá pra explicar. (José Morais)

Em geral, a resposta gira em torno do que José Morais define como *ajuste*, ou *enquadramento*, que é "o deixar de brigar com a vida, para aceitá-la". Nas sessões, percebo que a etapa do ouvir o outro, seus dilemas e problemas, seu "embate com a vida", é já articulada com a resposta, a busca pelo enquadramento, de modo que os movimentos de ouvir e enquadrar acontecem juntos. Só após o *enquadramento* ou *ajuste* é que se "encaminha o irmão para um hospital espiritual".

A título de ilustração do processo, descreverei o par José Morais/Arabela. Na meia-hora de sessão, em geral ela incorpora entre quatro e cinco vezes. O sinal de que Arabela vai incorporar é que ela estremece todo o corpo ou estala os dedos acima da cabeça. José Morais, então, põe a palma da sua mão aberta sobre a testa dela, sem tocá-la e diz: "seja bem-vindo, meu irmão". Então o espírito se manifesta. Ao final de cada incorporação, Arabela estala os dedos acima da cabeça uma vez, e depois mais duas vezes ao redor da cabeça. Após uma pausa de alguns segundos, ela estremece ou estala os dedos acima da cabeça novamente. José Morais percebe que é outro espírito que chegou e diz novamente: "seja bem-vindo, meu irmão". Ao final da sessão, Arabela estala os dedos mais uma vez. O estalar de dedos me foi explicado como um passe que os espíritos de luz dão em Arabela, e para isto se utilizam de seu corpo.

Acolhimento

José Morais: bem-vindo. / Espírito através de Arabela: eu não quero ficar aqui. / José Morais: não quer ficar aqui?/ Arabela: não. / José Morais: você foi maltratado aqui? / Arabela: bem, maltratado, maltratado não. Mas sei lá, eu sou alcoólatra, sabe? / José Morais: você não é. Você pode estar, mas você não é.

Arabela: mas tem um problema, sabe, é que tem umas pessoas que estão aqui, e que eu acho que elas já morreram, e às vezes eu acho que eu também já morri, eu às vezes acho isso, eu até ouço isso às vezes na minha cabeça. / José Morais: e o que você acha disso? De morrer? O que é morrer pra você? / Arabela: rapaz, eu nem sei explicar bem. Porque eu acho que quando a pessoa fala de morte, quando eu falava de morte eu achava que eu atraíria essa coisa. / José Morais: a morte. / Arabela: eu estava passando por uma situação que um dia eu acordei e eu não sentia mais o meu corpo, sabe? Eu sentia uma formigação nos meus dedos, e eu passei uns tempos

assim, eu não conseguia mexer as minhas pernas, os meus braços, nada. / José Morais: você sabia que nós não somos o corpo? / Arabela: como? / José Morais: nós somos espírito. O corpo é como se fosse uma roupa que a gente veste. Porque o corpo se acaba. O corpo se acaba. / Arabela: será que é isso? Porque essa conversa, de alma e corpo, que o corpo se acaba, faz sentido, sabia? / José Morais: faz. / Arabela: mas a gente pensa o contrário. / José Morais: é. / Arabela: eu, eu... eu sou um cara que estuda, sabe? Eu não sou desprovido de inteligência. / José Morais: claro. Eu sei disso. / Arabela: há pouco tempo eu tava conversando com você, e tava falando meio enrolado, e tonto, e agora tou bem melhor, eu notei isso, foi tão rápido. / José Morais: você não tem mais sinais de alcoolismo.

Ouvir, esclarecer, ajustar

Arabela: sei não o que quero fazer aqui. Eu não sei nem o que é isso aqui. Eu estava bem no meu ambiente natural. / José Morais: o que lhe incomoda aqui? / Arabela: não sei, só sei que eu não queria vir pra cá. / José Morais: o interessante é que você não estava bem, onde estava. / Arabela: porque tem coisas que estão deixando todo mundo meio incomodado. / José Morais: incomodando? Eu acredito que têm incomodado mais você do que às outras pessoas.

Arabela: eu estou me sentindo mal desde que cheguei. / José Morais: nós já vamos resolver isso. Você vai respirar. Inspire o ar bem profundamente, retenha por um tempo, depois expire. E vá se acalmando. Você tem medo? / Arabela: eu tenho medo, sim, tenho. / José Morais: do que você tem medo? / Arabela: agora não. Mas normalmente eu me sinto triste. / José Morais: e se eu lhe disser que você pode ficar num ambiente sereno, onde ninguém vai lhe prejudicar? Onde você vai poder dormir bastante, recompor suas energias, o que é que você acha? / Arabela: eu acho que ia ser bom. / José Morais: isso. Você tá vendo esse quarto? / Arabela: tou. / José Morais: pois é o quarto que você vai ficar.

Arabela: sei não o que fazer da minha vida. / José Morais: você perdeu o controle da sua vida. / Arabela: mas não tem remédio que dê jeito. Eu tou muito infeliz. / José Morais: e se você tivesse a oportunidade de uma vida nova? / Arabela: trocar essa carcaça pelo que? / José Morais: sabia que é possível? Você gostou da ideia. / Arabela: se houvesse possibilidade, né, talvez.

Arabela: eu não tenho ânimo para parar de beber. Porque eu sou um fraco. / José Morais: tem. Você tem ânimo, sim. / Arabela: eu não queria parar de beber. / José Morais: você tem, você não quer. / Arabela: beber faz parte da minha vida. Eu quando chego em casa à noite, eu bebo um pouquinho pra relaxar, e depois pra poder trabalhar à tarde, mas você sabe que às vezes eu sentia que a minha mente estava tão parada, e o meu corpo sem ânimo, então eu tomava um pouquinho, pra ver se, porque se eu tomasse algo eu ficava mais ativo. / José Morais: é o efeito inicial de toda droga. / Arabela: mas depois, começou aquele negócio que eu não conseguia mais me mexer, o meu corpo formigava. E eu fico vendo um caixão, sabe, de vez em quando eu vejo um corpo dentro de um caixão. Eu tava pensando no que você disse sobre a alma e o corpo. Porque que uma pessoa como eu, tendo, assim, inteligência, o que me levou a beber desse jeito? / José Morais: é como você disse, mesmo: fraqueza. Mas veja bem: há sempre possibilidade de retomar o caminho. Sempre. E a oportunidade agora chegou pra você. / Arabela: como assim? / José

Morais: eu lhe falei no início que você não é um alcoólatra. Que você está. A partir de agora, você vai começar uma nova vida. Porque durante muito tempo você deixou a droga dominar a sua vontade.

José Morais: veja, aquela questão da dependência química, é coisa do corpo, ficou com o corpo. / Arabela: como assim com o corpo? / José Morais: com o corpo físico. / Arabela: quer dizer então que eu... / José Morais: exato. / Arabela: mas se eu não tenho mais o corpo, como é que eu sinto o meu corpo? / José Morais: você tem um corpo, que é o corpo espiritual, mas agora você está falando através de um outro corpo, de uma outra pessoa.

(Transcrição de uma prática de doutrinação no GEIU; ano de 2007).

2.2.5 Sobre o tornar-se espírita

Antes de passar à análise dos rituais efetuados no GEIU, vale tecer alguns comentários sobre o cotidiano do centro, que dá o suporte físico, cognitivo e emocional para que os processos de educação emocional, prefigurados na noção de reforma íntima, aconteçam.

Como mostrei, a porta de entrada para o novato em sofrimento é o diálogo fraterno; o que não significa dizer que em muitos casos, o primeiro contato com o Centro se dê na reunião pública. De fato, isso muitas vezes acontece. O que quero chamar atenção é que, é a partir do diálogo que o indivíduo tem a chance de entrar em contato pessoal e direto com as instâncias de formação da pessoa, presentes no centro. É no diálogo onde a mediunidade, a caridade e estudo ganharão sentido pessoal para a pessoa, sendo remetidas ao seu sofrimento pessoal.

Mas a vida ordinária no centro tem muita importância no processo de significar as categorias-chave que são apresentadas no *diálogo*. A todo o momento, o noviço – mas também os já graduados – passarão por certo tipo de regulação. No caso do GEIU, quando é atendido no diálogo fraterno e quando assiste às primeiras palestras públicas, ou quando toma os primeiros passes. No *diálogo*, lhe é ensinado que deve controlar seus ímpetos de raiva e seus momentos de tristeza, substituindo-os por alegria; na palestra ele ouve variadas estórias que relatam as desventuras daqueles que se desesperam, ignorando que a felicidade está no próprio ato de viver, sendo, assim, "presente", pois que se encontra no agora, e não no passado ou no futuro. E na sala de passes, quando ouve cotidianamente: "pense em Jesus".

A todo momento é solicitado, ao novo que chega, demonstrações de que "quer se equilibrar", que quer "levar a sério o tratamento" – a desobsessão; portanto, deve ser assíduo. Também deve ler os livros indicados pela médium e pelos outros membros da casa em geral; assim, ele é levado à biblioteca e incentivado a ler o Evangelho Segundo o Espiritismo e romances espíritas. Também é incentivado a realizar o "evangelho no lar", uma vez por semana, em casa, a não desenvolver sentimentos de revolta, tristeza, raiva, inveja, orgulho, a não se deixar levar por "paixões", a examinar suas condutas e perceber se nelas há algum desvio moral. É dito veementemente para o indivíduo "se conhecer": que ele deve "observar-se" e encontrar os seus pontos mais nevrálgicos, as suas "fraquezas morais", que ele "sabe quais são". E que é nelas que teria de se "trabalhar" para mudar, trocando "pensamentos não elevados" por elevados, e atitudes próprias a quem vive "para a carne" por atitudes de quem vive "para o espírito".

Demonstrando alguma mudança⁹³ os novatos são admitidos na fila para trabalhar, ainda que o chamado ao trabalho – em qualquer coisa, desde distribuir as fichas para o passe até encher os copinhos de "água fluidificada", ou ajudar no sopão mensal, ou mesmo "ajudar Rita enquanto ela evangeliza as crianças" – apareça desde os primeiros dias do novo frequentador ao centro. Nesse bojo, é importante lembrar que assumir um lugar de trabalho no centro é sinal de progressão espiritual, passando o indivíduo a ser modelo de ser espírita.

Comparece neste caminho, o de tornar-se espírita, a reforma íntima, e ela anda ao lado da desobsessão, que aqui, partindo da literatura nativa e dos dados de meu campo, quero entender como um dispositivo.

2.3 A DESOBUSSÃO COMO UM DISPOSITIVO

Para expor com clareza o meu ponto de vista, devo trazer mais uma vez Cavalcanti (1983). Nossa autora descreve o que chama de "sistema ritual espírita"⁹⁴, e caracteriza-o como desmembrado em *duas modalidades de culto*:

⁹³ O leitor deve conferir minhas próprias mudanças, na parte introdutória deste trabalho.

⁹⁴ Para Cavalcanti, a complementaridade entre os mundos visível e invisível, no espiritismo, segue os eixos diacrônico (evolução entre os dois mundos) e sincrônico (comunicação entre os dois mundos). Nesta perspectiva, o

Um "culto externo", equivalente ao "cerimonial, às prescrições de adoração", e um "culto interno", correspondente ao "ato de consciência" (Cavalcanti 1983, p. 50).

O espiritismo defende a segunda forma de culto, em detrimento da primeira, e, neste sentido, "elege como foco de sua ação a pessoa moral" (Cavalcanti 1983, p. 59). Assim, o objetivo principal do culto espírita é

A transformação do indivíduo (no sentido empírico). Esse processo é um meio para alcançar o fim último a que essa religião se propõe: a evolução dos espíritos e, com ela, o progresso da humanidade (Cavalcanti idem:50/51).

Esta *transformação do indivíduo* recebe diferentes denominações nos livros de Allan Kardec: "reforma de si mesmo", "reforma moral", "reforma dos vícios", "reforma da natureza humana", "reforma do espírito", dentre outros termos correlatos (Kardec 1997, 1993, 1995b). Ora, a *obsessão* é um obstáculo a isto que os espíritas denominam de "reforma íntima", pois que é um empecilho à transformação do ser: um "congelamento" da evolução (Cavalcanti 1983).

No espiritismo brasileiro, as categorias "reforma íntima" e "obsessão" adquirem operacionalidade com a ideia de *desobsessão*, criada por Bezerra de Menezes⁹⁵. Bezerra atua numa lacuna do pensamento de Kardec, que diz não deter recursos para ajudar ao obsidiado: Kardec devolve ao indivíduo obsidiado a responsabilidade pela resolução de sua obsessão:

Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porquanto nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os Espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluídica suficiente (Kardec, 1993, p. 368).

As imperfeições morais dão azo à ação dos Espíritos obsessores e que o mais seguro meio de a pessoa se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem. Sem dúvida, os

"sistema ritual espírita" está fundado no eixo *sincrônico*, e tem na *mediunidade* "a categoria cosmológica central de sua estruturação". A noção de pessoa espírita de Cavalcanti está ancorada nestes dois eixos. Para uma revisão crítica da noção de pessoa em Cavalcanti, donde consta uma proposta de "alternação situacional" das dimensões sincrônica e diacrônica, cf. Lewgoy (2000).

⁹⁵ Diz Lewgoy: "O movimento espírita brasileiro, a partir de Bezerra de Menezes, codificou algumas das práticas e concepções sobre o trato de entidades desencarnadas, sempre associando-as a noções da origem cármbica das enfermidades. Isto não representaria uma novidade com relação aos textos de Allan Kardec se não surgisse a ideia de uma desobsessão – ali entendida como uma forma de serviço e de prática da caridade para com os espíritos sofredores – como uma das funções precípuas da prática espírita. Ainda que a comunicação com espíritos situados em diversos graus na escala espírita fosse uma realidade presente nas obras de Kardec, é com Bezerra de Menezes que se inicia uma tradição de diálogos rituais com os espíritos obsessores, a fim de doutriná-los, ou seja, fazê-los desistir do intuito malévolos que os inspirara" (Lewgoy 2000, p. 272).

bons Espíritos têm mais poder do que os maus, e a vontade deles basta para afastar estes últimos. (Kardec, 1993, pp. 370)

No espiritismo de Kardec, quando em obsessão, a saída para o indivíduo é a sua moralização e a prática do bem. Ora, Bezerra não elimina a saída de Kardec⁹⁶ (a moralização do indivíduo) antes articula-a a uma *ajuda externa*⁹⁷: no rito da desobsessão criado por Bezerra, o indivíduo obsidiado é *auxiliado* por um conjunto de atores, a ele superiores hierarquicamente: médiuns, doutrinadores e bons espíritos.

Bezerra cria a chamada *reunião* (ou *sessão*) de desobsessão. Buscando examinar esta prática de cura espírita, Cavalcanti (1983)⁹⁸, Greenfield (1999)⁹⁹, Warren (1984) Lewgoy (2000 e 2003)¹⁰⁰ e Aubrée e Laplantine (1990), descrevem, então, este momento, onde os espíritos, incorporados pelos médiuns, falam pela boca destes últimos e são doutrinados. Neste sentido é que Lewgoy a define:

A sessão de desobsessão consiste num contato dialogado com esses espíritos, com o propósito de *esclarecer-lhos*, convencendo-os a abraçar a ética cristã e desistir do ânimo de vingança, abandonando, finalmente, o obsidiado. Consiste, ao mesmo tempo, na *moralização* do obsidiado, considerado também responsável pela obsessão, por não cultivar uma atitude moral e um conhecimento que o levassem a sintonizar uma faixa vibratória elevada, afastando-se de uma conduta religiosa regida pelos critérios do grupo, abrindo o caminho para a ação do obsessor (Lewgoy 2003, p. 92, grifo meu).

Concordando com Lewgoy e os demais autores acima, assinalo que, não obstante este rito em específico (a reunião ou sessão) seja o *ponto alto da desobsessão*, a literatura espírita – e

⁹⁶ O que Lewgoy (2000) chama de "sistema da dívida".

⁹⁷ Ou, o "sistema da dádiva" (cf. Lewgoy 2000).

⁹⁸ Cavalcanti considera a "sessão de desobsessão" o "ponto alto dentro do grupo espírita", correspondendo ao "máximo de intensidade do contato entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível". P. 123. Ela diz que a comunicação espiritual é "sempre um confronto de livres-arbítrios"; que a obsessão é "a possibilidade última da limitação de um livre-arbítrio por outro" e que a obsessão é "antimediunidade e antiencarnação, congelamento da evolução, ameaça de fim da condição humana". No ritual da desobsessão, diz ela, "essa ameaça é momentânea e repetidamente rechaçada".

⁹⁹ Greenfield lista o que chama de "cinco modalidades de tratamento empregadas pelos médiuns espíritas": desobsessão, passes de mão, cura à distância pelos espíritos-guias, transmissão de receitas de medicamentos ditados por espíritos-guias através da psicografia e cirurgias espirituais. Greenfield 1999, p. 68

¹⁰⁰ Para Lewgoy, "A obsessão é uma categoria espírita que designa uma *enfermidade* espiritual. Consiste no assédio de um *espírito obsessor* sobre um *obsidiado* com propósitos de vingança (em virtude de *dívidas* contraídas em *situações passadas*), ou simplesmente atraído por relações de afinidade, 'extraindo os *fluidos* necessários para continuar sentindo aquilo que sentia quando encarnado'" (Lewgoy 2003, p. 92).

meus dados de campo confirmam isso – situam todas as instâncias rituais do centro espírita como contribuindo para a desobsessão.

A categoria nativa *autodesobsessão* (ou *desobsessão natural*) é emblemática disso: ela amplia a desobsessão para além da reunião acima citada, atribuindo a outras instâncias rituais do centro espírita também a função de efetuar a desobsessão.

Assim, lemos nos livros de Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Franco, a existência de um conjunto de rituais que operam a desobsessão, e Joanna/Divaldo os dividem em duas categorias: a primeira é o que chamam de "recursos do centro espírita": palestra, diálogo fraterno, terapia de passes, água fluidificada, reunião de desobsessão, ESDE, estudo mediúnico, evangelho no lar¹⁰¹, dentre outros possíveis recursos que o centro disponha. Em segundo lugar, arrolam o que chamam de "autodesobsessão" ou "desobsessão natural": prece, "jejum" das paixões, prática da caridade, estudo individual da doutrina.

Saliente, ademais, que, sob esta perspectiva (e os dados do campo assim demonstram), sem desconsiderar a importância dramática da reunião de desobsessão, esta não se constitui componente único para a desobsessão - ademais, o "tratamento desobsessivo" pode inclusive ocorrer sem o seu concurso. Em princípio, é possível de ser efetuado pelo indivíduo ao engajar-se na "prática do bem" (principalmente se esta prática ocorre no interior do centro espírita): este é o exemplo da estória de obsessão (e consequente desobsessão) do espírito "máscara de ferro" a Divaldo Franco, realizada sem o auxílio de sessões de desobsessão, e relatada por Hélidon na palestra pública no GEIU.

Assim, defendo que, no espiritismo, a desobsessão não se circunscreve a uma sessão: ela está mais próxima de um dispositivo, um *complexo de práticas e ritos*, conformado, aliás, pelo que Cavalcanti denomina de "culto externo" (que é o que Divaldo Franco denomina de "recursos do centro espírita") e "culto interno" (a reforma íntima, que aparece sob a categoria de "autodesobsessão" ou "desobsessão natural"). Desta feita, a reforma íntima, rito interno, é componente do dispositivo da desobsessão, este último, mais amplo, englobando outros ritos.

¹⁰¹ O evangelho no lar é algumas vezes um serviço que o centro espírita dispõe para os adeptos. Espera-se que o indivíduo, após algumas visitas da equipe do centro à sua casa, se disponha a dar continuidade a este rito sozinho.

2.4 EDUCANDO OS AFETOS ATRAVÉS DO PASTORADO

Apresentado o centro e seu cotidiano, seus rituais e como concorrem para atualizar o princípio da reforma íntima, já tenho condições de enveredar por uma leitura mais analítica deste processo. O esquema da doutrinação já foi suficientemente analisado por Cavalcanti (1983 p.123/131). A estrutura narrativa da sessão de desobsessão também já foi examinada, por Lewgoy (2000); este autor demonstra que a desobsessão "atualiza a teodicéia espírita" (2003):

Sua concepção de Mal e consequente ajuste exegético e moral da Perfeição Divina à Imperfeição do Mundo – aonde sua visão de mundo e noção de pessoa são encenadas e reelaboradas (Lewgoy 2003).

Lewgoy deixa claro que a doutrinação não é um diálogo, e sim um monólogo. Em sua busca por ouvir e compreender o outro, os espíritas apresentam este outro – o espírito obsessor – como sempre enfermo, daí a necessidade de ser, nos termos nativos, *corrigido, ajustado, enquadrado*. A relação que se estabelece na cena desobsessiva não é uma relação igualitária, elemento necessário para um real diálogo.

Porém, em meu trabalho, quero lembrar a ênfase que os espíritas dos Irmãos Unidos dão à ideia de diálogo (ainda que, em senso estrito, não o realizem), em oposição a técnicas de cura mais diretivas e que têm lugar em centros espíritas não adesos, como o centro Bezerra de Menezes: é o caso da apometria¹⁰², que será objeto de análise no capítulo cinco desta tese. Como buscarei apontar, se comparada à apometria, de fato, a reunião de desobsessão do GEIU ganha o tom de diálogo.

Sem negar a interpretação de Lewgoy, eu a complementaria apontando que a reunião de desobsessão não só foge do diálogo humanista (que serve como base para sua legitimação), mas parece reeditar um antigo dispositivo cristão para forjar pessoas afeitas a crenças: o pastorado.

¹⁰² Apometria é uma prática terapêutica alternativa, de natureza espiritualista, consistente no desdobramento e na dissociação dos múltiplos corpos de que seria constituído o ser humano, mediante uma sequência de pulsos ou comandos energéticos mentais. Segundo contam os adeptos, a apometria foi introduzida no Brasil pelo farmacêutico e bioquímico porto-riquenho, Luis Rodrigues, que a chamava de "Hipnometria". Na década de 1960, foi sistematizada pelo Dr. José Lacerda de Azevedo (1919-1997), no Hospital Espírita de Porto Alegre, que lhe trocou o nome para "Apometria". Contam também que o termo apometria significa "tratar à distância". Tratarei da apometria no capítulo cinco deste trabalho.

Foucault (2006) aponta como o cristianismo, articulando metáforas gregas e hebraicas sobre o pastor que guia suas ovelhas, constitui um dispositivo capaz de instituir uma dependência afetiva, cognitiva e volitiva entre líder/pastor e liderados/ovelhas, e também entre as ovelhas entre si. O pastorado cria um paradoxo, fundado na responsabilidade do pastor sobre cada ovelha e sobre o rebanho, que implica na salvação destas, mas também do próprio pastor. Foucault explica:

O pecado da ovelha é também imputável ao pastor. (...) ajudando seu rebanho a encontrar a salvação, o pastor encontrará também a sua. Mas, salvando suas ovelhas, corre o risco de se perder; se quiser salvar a si mesmo, deve necessariamente correr o risco de estar perdido para os outros. Se ele se perder, é o rebanho que ficará exposto aos maiores perigos. (Foucault, 2006: 368)

Foucault (2006) sublinha ainda a força e a complexidade dos vínculos morais associando o pastor a cada membro de seu rebanho, que não dizem apenas respeito à vida pública dos indivíduos, mas também aos seus atos, nos ínfimos detalhes.

Fundando-se numa concepção do Mal inscrito no corpo, na *carne*, capaz de fazer a pessoa agir de modo contrário aos planos divinos, cabe ao pastor desvendar as *inclinações carnais* antes mesmo que ela, a carne, force o pecado, de modo a realizar a *direção de consciência* que garanta a salvação da ovelha, do rebanho e de si mesmo.

Assim, no pastorado cristão, o *exame de consciência* terá o intuito de permitir a pessoa abrir-se inteiramente ao seu diretor: revelar-lhe as profundezas da alma. A *direção de consciência* se constituirá em uma ligação permanente: a ovelha não se deixará conduzir apenas no caso de precisar enfrentar algum passo perigoso; ela se deixa conduzir a cada instante. Assim, para o cristianismo, diz Foucault (2006) há um vínculo entre a obediência total e o conhecimento de si, articulado e mediado pela confissão a alguém.

Na minha interpretação, esse mecanismo, que continua operante em outras denominações cristãs (Rios, Paiva et alii, 2008), se atualiza tanto no diálogo fraterno quanto na desobsessão, desvendando as inclinações animalizadas (más emoções) e direcionando vivos e mortos.

Rios, Paiva et ali, 2008, investigando o modo como católicos e evangélicos lidam com a socialização da sexualidade juvenil, identificaram a premissa de *acolhimento incondicional*

como condição para o aconselhamento pastoral entre os clérigos e lideranças leigas daquelas denominações, na lida com a sexualidade dos jovens. Não obstante, também observam que a categoria *acolhimento* serve muito mais como *estratégia para fazer falar*. Muito rapidamente, processos de controle diretivos, mais ou menos estigmatizantes, tomam a cena do aconselhamento, de modo a não só reconduzir a ovelha ao rebanho e à norma, mas sobretudo informar à coletividade sobre os perigos e sanções que cabem aos desviantes (Cf. também Rios, Oliveira et alii, 2008).

Não seria essa forma de lidar com as inclinações carnais – acolhimento/diagnóstico emocional/direção – o que é dramatizado nas seções de desobsessão (e de forma mais ampla, na literatura nativa espírita)? São apresentados obsessores, que relatam suas dores; estas são relacionadas a descaminhos dos planos evolutivos traçados por Deus; faladas a faltas, imediatamente os entes são convencidos a voltarem para a ordem, sendo reconduzidas à tão propalada reforma íntima, sob pena de mais sofrimento.

Nesse contexto, como no pastorado, mais importante que as palavras proferidas é “*desemboscar tudo o que de fornicação secreta possa se ocultar nos mais profundos víncos da alma*” (Foucault, 1987: 28). Mais uma vez, vemos o modo de operar do diálogo fraterno se distanciar do humanismo, que localiza na *fala*, e não numa força inconsciente, seja ela a carne ou o desejo, a “verdade” da pessoa (Rios e Nascimento, 2007).

Nessa linha, chama atenção o relato de Arabela sobre o poder da intuição (maior, inclusive, que a vidência ou a audiência) para a realização de diagnósticos, seja no diálogo fraterno ou na desobsessão, especialmente no desmascaramento de espíritos que tentam se passar como mais evoluídos do que realmente são.

Eu não lhe diria que a vidência é por onde eu me baseio, no diagnóstico da situação. De jeito nenhum, porque ela pode me enganar; existem entidades que se apresentam fisicamente pra você, de uma forma muito bondosa, e você, se estiver cansada, meio estressada, você pode cair. A audição também pode me tapear, porque às vezes a entidade até diz coisas boas, e até diz “não, você está enganada, equivocada, não é essa a minha intenção”, e eu, se não estiver muito bem, posso até me deixar levar. Pela intuição, não tem como.

A vibração emitida por um espírito, mesmo que ele coloque um jeito meio piedoso, uma voz bondosa, a vibração dele não vai mudar, ele não consegue tapear isso. Por isso é que eu digo que a minha intuição não se engana. Agora, eu digo isso hoje pra você. Talvez no início, há

alguns anos, não, a vidência era o ponto forte. Porque no início eu não sabia como é que a coisa se processava. Então, hoje, é assim: a intuição em primeiro lugar, e aí as outras coisas somam.

É claro que a vidência é importante, porque às vezes você está assim perdido e tem um detalhe da vidência, por exemplo, pessoas que estão acompanhadas por um espírito meio trôpego, com uma garrafa na mão, quer dizer, você já tem ideia de que provavelmente aquela pessoa que chegou tem algum problema com bebida. Nesse ponto a vidência é bem rápida, dá pra pegar rápido. Mas em outros casos, de problemas existenciais, de depressão, angústia, não, é através da intuição (Arabela).

A fala de Arabela parece apontar para uma interpretação das emoções do “paciente”. Mais que qualquer outro sinalizador de ordem sensível (físico ou perispirítico), é a leitura das emoções (emoções que no discurso nativo aparecem sob os termos energia, vibração etc.), feita por uma médium experiente como ela, que serve de instrumento para diagnosticar o lugar do espírito na escala evolutiva. Longo aprendizado que exige exímio controle das próprias emoções. Como assinala José Morais, o médium – ou o doutrinador – não pode se deixar contagiar pela torrente emocional da pessoa em sofrimento (encarnada ou desencarnada), caso contrário não conseguirá ofertar ajuda e também cairá – vide o relato transcrito páginas acima, quando a emoção trazida pelo espírito que relatava um incêndio contamina a mesa mediúnica.

Por fim, vale retomar mais uma vez Foucault (2006) e lembrar de dois recursos para que o Pastorado se cumpra: a *confissão*, fortemente presente no catolicismo contemporâneo e a *exomologêsis*, que como sugerem Rios, Paiva et alii (2008) se atualiza na atualidade como o *testemunho público*, comum nas tradições evangélicas. Pode-se dizer que no kardecismo os dois processos para desemboscar a carne se atualizam. O Diálogo Fraterno muito se assemelha à confissão católica – tanto o é que, dado ao segredo e confidencialidade que o norteia, não pude observar o ritual, obtendo informações pela boca dos que o executam. A desobsessão ganha o tom de testemunho, onde um a um, os espíritos tomam o púlpito, que são os corpos dos médiuns, e contam suas dores e arrependimentos. Dali, seguem, enquanto penitentes para os hospitais e escolas espirituais, em busca de alívio para os sofrimentos expressados em público.

Por fim, convém ainda destacar, que no ideário cristão, e mais fortemente no católico – e muitos autores já indicaram o sincretismo entre catolicismo e espiritismo francês, na configuração do “espiritismo à brasileira”¹⁰³, a bem-aventurança não está neste mundo. Como

¹⁰³ Cf. especialmente Stoll 2003 e Lewgoy 2000.

nos lembram Rios, Parker e Terto Jr. (2009) as técnicas de si cristãs, aqui retomadas como viabilizadas pela reforma íntima, tem o telos postergado para o outro mundo. Dizem os autores:

Finalmente a última transformação – para Foucault (2006: 370) talvez a mais importante: “todas estas técnicas cristãs de exame, de confissão, de direção de consciência e de obediência têm uma finalidade: levar os indivíduos a trabalhar na sua própria “mortificação” neste mundo”. Neste contexto, a mortificação ou penitência, enquanto forma de relação para consigo mesmo, assume o sentido de “renúncia a este mundo e a si mesmo: uma espécie de morte cotidiana. Morte que é considerada por dar a vida no outro mundo” (Rios, Parker e Terto Jr., 2009).

De certa forma, é isso o solicitado, ainda que em outros termos, a espíritos, tanto encarnados como desencarnados: que assumam que estão *mortos* e continuem como *penitentes* a se *mortificar*, de modo a alcançar orbes superiores no plano espiritual. Talvez a mudança de inflexão resida não propriamente no Combate da Castidade (Foucault, 1987), na disciplina de emoções e desejos, mas no primado da caridade, mediunidade e estudo como meios da salvação, estratégias para o “vigiar e orar” (Mateus, 26, 41) que mantém a carne sobre controle.

Interessante que, nesse contexto de mortificação, a obsessão é, talvez, a mais importante moeda de troca dos centros espíritas. Os centros e médiuns existem para desfazê-las; estar obsessiado aponta para uma baixa vibração (descontrole emocional) que, por conseguinte, sinaliza um baixo grau evolutivo. Assim, não é à toa que a qualquer sinal de desordem (descumprimento do padrão espírita de ser no mundo) de alguém (pessoa ou instituição) surge logo a “acusação” de se estar obsessiado. Do mesmo modo, *tratar de alguém* é estar sempre se oferecendo ao perigo de contaminação, de retorno a um padrão vibratório inferior. Afinal, para um espírita, ninguém ajuda outro por mero acaso, está-se sempre resgatando dívidas passadas com um outro alguém, num enredamento kármico sem limites muito claros. Nessa linha, o vínculo paradoxal do pastorado é acrescido em força no kardecismo, quando pecado se transforma em karma que pode gerar processos obsessivos. O vigiar e orar bíblico, atualizado na noção de reforma íntima, enquanto técnica de si (Foucault, 1994) é mesmo a única salvação.

PARTE II DOS FIOS PARTIDOS: ESPIRITISMOS HETERODOXOS



Ashtar Sheran, Comandante-Em-Chefe da Confederação Galáctica e das Armadas Celestiais. Imagem do site Nave Alfa <http://navealfaportugues.blogspot.com/2010/02/nave-alfa-portugues1-fevereiro-2010-nos.html>. Acessado em fevereiro de 2010.

CAPÍTULO 3: DESATANDO UM NÓ: OS RAMATISIANOS

Neste capítulo, introduzo o leitor a uma outra face do campo espírita de Natal, o campo não adeso à Federação. Minha intenção é formar um primeiro quadro da Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes, de modo a ambientar o leitor sobre o segundo cenário de minha pesquisa de campo.

Na verdade, o Bezerra é um centro guarda-chuva que abriga outro centro, o Humberto de Campos, e dois grupos, o Ramatís e o Ana Madalena. A pluralidade de práticas e crenças não aceitas pela FERN, em especial as atualizadas no Ramatís e no Humberto de Campos, impede a adesão. Na época da pesquisa, o desejo dos dirigentes do Bezerra em tornar o centro adeso deu ensejo a uma série de conflitos entre seus diversos segmentos, otimizando eventos e falas que me possibilitaram melhor compreender o lugar das emoções na avaliação espírita sobre o legítimo – assim como o falso – combate ao Mal nesta religião.

Na descrição, meu foco é o Grupo Ramatís, mas em adição, apresento mais um grupo, o Atlan. Embora este não funcione nas dependências do Bezerra, é intimamente ligado ao Ramatís, pois os membros deste grupo também participam das reuniões do Atlan, e os temas discutidos neste último retornam para comentários nas reuniões do Ramatís. O Atlan é liderado pelo médium Rogério de Almeida Freitas, também conhecido como Jan Val Ellam. Canalizador de uma vasta literatura, sua obras de certa maneira desenvolvem os temas milenaristas tratados pelo espírito de Ramatís¹⁰⁴. Dado a personalidade forte e beligerante de Rogério, que enfrenta a propalada "pureza doutrinária"¹⁰⁵ do campo espírita mais ortodoxo sem meias palavras, o contato do Ramatís com o Atlan parece incrementar os embates dentro do Bezerra, como buscarei mostrar mais adiante.

¹⁰⁴ Tratarei da presença do espírito de Ramatís no movimento espírita brasileiro mais adiante, neste mesmo capítulo.

¹⁰⁵ O termo "pureza doutrinária" é recorrentemente usado, pelos espíritas mais ortodoxos, para definir a fidelidade a Kardec e ao campo espírita sancionado pela FEB, e também é usado pelos heterodoxos, em tom jocoso, ao se referirem criticamente ao espiritismo "das federações" como dos "caras da pureza doutrinária". Há alguns sites na internet, assim como listas de discussão virtuais trazendo o termo "pureza doutrinária" como sinalizador da fidelidade a Kardec. Ver especialmente <http://espiritismoxramatisismo.blogspot.com/> e www.novavoz.org.br/.

Neste capítulo, inicio apresentando o Bezerra e seus grupos internos, focando na organização do Ramatís e do Atlan. Em seguida, apresento algumas cenas que retratam momentos de embate, atribuídos ao desejo (de parte dos membros do Bezerra) de adesão deste centro espírita à FERN, o que envolve uma necessidade de purificação doutrinária e das práticas.

3.1 A ASSOCIAÇÃO CENTRO ESPÍRITA ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

A Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes, instituição da qual faz parte o Grupo Ramatís, é considerado a maior casa espírita da cidade de Natal, em termos de pessoas atendidas. Conhecido por toda a comunidade espírita norte-rio-grandense, centro de referência em atividades de curas espíritas, definido pelos espíritas de Natal como o seu "hospital espiritual"¹⁰⁶, o *Bezerra*, como é conhecido popularmente, rivaliza com a Federação Espírita do Rio Grande do Norte o reconhecimento popular enquanto lugar primordial de atendimento espírita no Estado.

O Bezerra situa-se na Rua dos Tororós, 382, bairro do Alecrim, em Natal; o fácil acesso a ele, de qualquer lugar da cidade, é dado pelo fato de que a estreita rua onde se situa, cruza a Avenida Bernardo Vieira, uma das mais importantes de Natal, por promover a ligação entre a zona norte – onde estão grande parte dos bairros mais populares e também um dos acessos para as praias do litoral norte e para cidades da Grande Natal – e a Avenida Salgado Filho, artéria principal da cidade, que dá acesso aos bairros do centro e à BR-101, saída para o Seridó e para o estado da Paraíba em diante.

Sendo, assim, muito bem localizado, o Bezerra atende a um público de aproximadamente três mil e quinhentas pessoas por mês (em seis cabines de cura mediúnica, seis dias por semana, em três turnos diários), uma clientela oriunda de toda a cidade do Natal, assim como de cidades vizinhas e até mesmo de regiões mais afastadas, como o Seridó e o Oeste do Estado. Sua clientela é heterogênea: percebe-se tanto a presença de segmentos sociais bastante

¹⁰⁶ Importa salientar que o Bezerra não é um hospital espírita nos moldes do que apresenta Araújo (2007), ou seja, aqui não se trata de uma instituição médica de cura material. A cura que se faz no Bezerra é unicamente espiritual, de modo que os médicos que nesta casa atuam são os espíritos de médicos – em geral norte-rio-grandenses – que após sua morte, se dispuseram a "tomar os corpos" de médiuns para atuar no ambiente do centro espírita, curando, a partir de então, os corpos espirituais dos vivos. Sobre a noção de corpo espiritual, ou perispírito, ver o primeiro capítulo desta tese.

desfavorecidos economicamente, até parcelas de segmentos médios (funcionários públicos, pequenos empresários, médicos, advogados etc.), que lotam os auditórios onde são ministradas as palestras, as cabines de cura mediúnica e as salas de aplicação de passes.

O prédio do Bezerra se compõe de dois pavimentos, sendo um andar térreo e um primeiro andar. No térreo existe uma mesa para recepção, uma pequena cantina, uma livraria, uma cozinha, dois banheiros, uma sala para aplicação de passes e para a desobsessão – esta última, efetuada pelo centro Humberto de Campos – um corredor onde geralmente se põe objetos doados para posterior entrega a comunidades carentes e um auditório de aproximadamente oitenta metros quadrados, com capacidade para cento e vinte pessoas. Há nele, quinze bancos marrons de madeira para a plateia, sendo que cada banco tem capacidade para oito pessoas. Em frente aos bancos há uma mesa de madeira com tampo de granito, para os palestrantes e coordenadores dos trabalhos, situada em uma elevação feita de alvenaria, de forma que os que estão na mesa sejam vistos por todos da plateia. Por detrás desta mesa há três cadeiras de couro azul acolchoado. Há ainda uma espécie de púlpito de granito, ao lado da mesa; na parede em frente à plateia há um quadro com a figura de Jesus, e, na parede à direita, há hoje um retrato de Humberto de Campos, espírito, mentor do centro espírita Humberto de Campos¹⁰⁷. A sala dispõe de sistema de som com microfone e caixas de som espalhadas pelo ambiente.

Subindo-se por uma rampa, chega-se ao andar superior, onde há um segundo auditório do mesmo tamanho do primeiro, porém aqui há cadeiras de plástico ao invés de bancos de madeira para a assistência. Há, da mesma forma, uma elevação para a mesa de palestras e um púlpito. Por trás desta mesa, há um retrato de Bezerra de Menezes. À esquerda do auditório, há 06 (seis) cabines de cura mediúnica, onde, segundo contam os adeptos, atendem os irmãos espirituais (médicos desencarnados) através da mediunidade de trabalhadores do centro e sob a ajuda de auxiliares de cabine, em geral dois por cabine, todos trajando uniformes azuis com o nome do centro gravado no peito¹⁰⁸. Ainda há neste piso, na parte de trás, dois banheiros e a sala da diretoria.

¹⁰⁷ No início de minha pesquisa de campo, em abril de 2007, havia, ao lado do retrato de Humberto de Campos, um retrato de Ramatís. Sobre a retirada do quadro de Ramatís da parede do auditório, tratarei no decorrer deste capítulo.

¹⁰⁸ Na verdade, os uniformes são batas, vestidas por cima das roupas. Portando bolsos com o nome do centro e o rosto de Bezerra de Menezes pintados, os uniformes são usados pelos trabalhadores das cabines de cura.

O Bezerra de Menezes foi fundado por João Cecílio da Costa, militar e maçom natalense, nascido em 1912 e falecido em 2004, e que, segundo contam, desertou da marinha por problemas com sua mediunidade, ingressando no protestantismo e depois em um centro de umbanda onde trabalhou por dezoito anos, até que em uma sessão espírita na casa de amigos, recebeu o *chamamento* do Dr. Bezerra de Menezes, para *fazer um trabalho com curas espirituais dentro do espiritismo*. Respondendo a este chamado, Irmão Cecílio, como era conhecido, fundou em 28 de agosto de 1949 o Centro Espírita Bezerra de Menezes, que funcionou inicialmente na esquina da Rua Mário Negócio com a Avenida Quatro, no bairro do Alecrim, em Natal, sendo, dois anos depois, transferido para o local onde funciona hoje. Ele era mestre de obras da construção civil, e empreendeu junto com colaboradores a ampliação do prédio do centro; também era *portador de diversos tipos de mediunidade*, e durante cinquenta e cinco anos foi o presidente do Bezerra, sendo o único a recepcionar o espírito de Bezerra de Menezes na casa, até seu desencarne no ano de 2004, aos noventa e dois anos de idade. Hoje trabalham no Bezerra cinquenta e dois médiuns – que recepcionam oitenta e três médicos espirituais. Também trabalham centenas de auxiliares de cabine, além de passistas, recepcionistas e palestrantes.

Creio que a razão maior para o caráter *sincrético* – ou *ecumênico*, como chamam os adeptos, de que se revestem as práticas mediúnicas no Bezerra de Menezes se deve à vivência de seu fundador na umbanda, de onde nunca se desvincilhou completamente. Os espíritas do Bezerra de Menezes me contam que João Cecílio *fazia questão* do caráter universalista e aberto da casa, e, por isto, se opunha firmemente a adesão à FERN; era, contudo, muito bem quisto dentro da federação, onde era conhecido e respeitado por dirigentes e trabalhadores, que, afinal, muito frequentemente tratavam de seus problemas de saúde espiritual no Bezerra de Menezes, como, de resto, boa parte dos espíritas da cidade de Natal. João Cecílio apoiou – alguns dizem que fundou – o Grupo Ramatís da casa, inclusive recepcionando o espírito de Ramatís até seu falecimento.

A resistência de João Cecílio em tornar o Bezerra de Menezes um centro *adeso* preservou a relativa independência desta casa até a morte de seu fundador. A partir daí, as três funções mais importantes que ele ocupava foram repartidas entre os trabalhadores da casa: a exclusividade em recepcionar o espírito de Bezerra de Menezes ficou a cargo de Graça Medeiros, a presidência do centro com Amadeu e a direção do mediúnico com Miriam Mafra. A partir daí, o debate sobre a adesão à FERN, nunca esquecido completamente, passou a se fazer mais presente. No período de

minha pesquisa – abril de 2007 a novembro de 2009 – este debate estava em pleno vapor, impulsionado pelo desejo de vários dos membros da diretoria, ligados também à federação, em adequar as atividades do centro ao estilo de trabalho daquela, tarefa necessária ao processo de adesão.

3.2 OS GRUPOS INTERNOS

A Associação Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes é, hoje, uma associação de dois centros espíritas: o Bezerra de Menezes, o maior em número de trabalhadores e também proprietário do espaço físico (o prédio onde se dão todas as atividades), e o Centro Espírita Humberto de Campos, que aluga o espaço físico do Bezerra de Menezes para suas atividades em três noites da semana. Eles detêm cada um, regimento interno próprio; porém, o Humberto de Campos, por utilizar o espaço físico o Bezerra de Menezes, tenta, como pode, se adequar à filosofia de trabalho deste¹⁰⁹.

Ao lado dos dois centros espíritas, existem dois *grupos*: o Grupo Espírita Ana Madalena¹¹⁰ e o Grupo Ramatís. Tanto o centro Humberto de Campos quanto o Grupo Ramatís trazem elementos de crença e de prática claramente dissonantes da linha doutrinária espírita adesa: o Humberto de Campos, por efetuar atividades de desobsessão através de práticas *oriundas da umbanda* e o Grupo Ramatís, por efetuar discussões de assuntos rejeitados pela FERN, quais sejam, os dos livros ditados pelo espírito Ramatís (que trazem "previsões apocalípticas"), os dos livros de Jan Val Ellam (sobre a chamada *Rebelião de Lúcifer* e a *transição planetária*, desenvolvendo elementos dos livros de Ramatís), e assuntos como teosofia, esoterismo, astrologia, ufologia, umbanda e apometria.

¹⁰⁹ Meu trabalho não se debruçou sobre o Centro Espírita Humberto de Campos. Cabe dizer que as atividades deste centro são caracterizadas pelos próprios atores como articulando os ensinamentos de Kardec a práticas oriundas de outras religiosidades, sendo a umbanda citada como uma referência importante. Durante minha pesquisa, houve vários desentendimentos entre a direção do Bezerra de Menezes e os componentes do Humberto de Campos, versando sobre a necessidade de abrandamento das práticas umbandísticas, notadamente as expressões mediúnicas mais vivamente efervescentes: gritos, gargalhadas, choro, visto que "estavam em uma casa espírita".

¹¹⁰ O grupo espírita Ana Madalena tem como objetivo empreender atividade de cura mediúnica em cabine, nos moldes do efetuado no centro espírita Bezerra de Menezes. Os médiuns deste grupo atendem às segundas-feiras à tarde.

Embora o Bezerra de Menezes seja formado por estes vários grupos, é prática corrente que os membros dos grupos menores (do Centro Espírita Humberto de Campos, do Grupo Ana Madalena e do Grupo Ramatís) participem das atividades de *estudo, palestra, aplicação de passes e cura mediúnica em cabine* do Bezerra de Menezes, o que leva a que eles façam parte também do corpo de trabalhadores do centro maior, além de seus grupos específicos; esta dupla pertença é, aliás, repetidamente elogiada pelos atores e tomada como um privilégio que a estrutura desta casa proporciona: o de poder efetuar os rituais específicos de seus grupos e, além disso, atuar nas atividades no Bezerra de Menezes.

3.2.1 O Grupo de Estudos Ramatís de Natal

A formação do Grupo de Estudos Ramatís de Natal¹¹¹ é contada pelos adeptos na interface entre os planos *da matéria* e *do astral*. Assim é que, no *plano da matéria*, dizem que o Grupo de Estudos Ramatís de Natal¹¹² foi fundado em oito de maio do ano de 1988, como *grupo interno* do Bezerra de Menezes, e para tanto contou o apoio de João Cecílio da Costa¹¹³. Os componentes do Ramatís participam em diferentes momentos, de vários trabalhos no Bezerra: Miriam, a médium que recebe Ramatís, é coordenadora do setor mediúnico, e em virtude deste seu cargo, coordena o grupo avançado de estudo mediúnico da 2ª feira. Ela também trabalha em cabine de cura, recepcionando os espíritos de João Machado e de Vulpiano Cavalcanti; Graça Mafra, sua irmã, também trabalha em cabine recepcionando o espírito de José Tavares; Madja trabalha na organização das cabines, além de atuar como *auxiliar dois* na cabine de Marilene (outra componente do Ramatís) e de aplicar passes magnéticos; Marilene trabalha na cabine, como médium; Luiz Antônio faz palestras; Maria do Céu e Eudione são auxiliares de cabine. Os demais frequentam os trabalhos do centro, sem, no entanto, ocupar funções específicas.

Já em relação à existência do grupo *no astral*, seus adeptos dizem que ele também faz parte de um grupo maior: a *Fraternidade da Rosa, do Triângulo e da Cruz*, criada *há tempos*

¹¹¹ Para facilidade de leitura, utilizarei deste ponto em diante os termos "Grupo Ramatís" e "O Ramatís", para designar este grupo. Estas são as duas formas como os adeptos o nomeiam, coloquialmente.

¹¹² Há diversos outros grupos, centros e fraternidades espíritas, em todo o Brasil, que levam o nome de Ramatís. Qualquer pesquisa mais simples em mecanismos de busca na internet listará dezenas desses grupos.

¹¹³ Alguns membros do Ramatís dizem que João Cecílio não apenas apoiou, como foi também um dos fundadores deste grupo.

immemoriais através da união de duas fraternidades menores: a do *ocidente*, simbolizada pela *rosa* e liderada por Akhénaton, e a do *oriente*, simbolizada pelo *triângulo* e pela *cruz* e liderada por Ramatís¹¹⁴.

Os nativos dizem que os patronos do grupo são Jesus, Ramatís, Akhénaton e Ramayon. Em primeiro lugar, Jesus, cujo outro nome é Sananda, e que, também segundo os adeptos, na teosofia é o *diretor do sexto raio, o raio da devação do Logos Planetário*. Este raio é o responsável pela caridade e pelo serviço, idealismo, altruísmo e amor. Em segundo lugar vem Ramatís, o *sintetizador da filosofia e psicologia oriental*, tornando-as simples e acessíveis, através de seus livros, que devem ser lidos em sequencia de publicação. Em terceiro lugar, vem Akhenatón, um dos chefes da Fraternidade da Rosa e da Cruz, e em quarto lugar, Ramayon, que é marciano e o coordenador esotérico do Grupo de Estudos Ramatís de Natal.

Vale nesse ponto que eu apresente, ainda que sinteticamente, a figura espiritual de Ramatís de modo que o leitor possa entender porque ele provoca tanta celeuma dentro do Bezerra e no espiritismo brasileiro.

3.2.1.1 O espírito Ramatís e o movimento espírita

No ano de 1953, é divulgado junto ao movimento espírita da cidade de Curitiba um panfleto intitulado "Conexões de Profecias". Este texto previa um conjunto de catástrofes a acontecer na Terra, o que confirmava o apocalipse de João Evangelista para um futuro muito próximo. Já no ano de 1954, é divulgado outro texto, de treze páginas mimeografadas, intitulado "O Sol". Nele, lemos que a estrela ao redor da qual gira o nosso planeta é habitada por seres caridosos de corpo fluídico, e que suas casas são feitas de mármore verde e de ouro. "Conexões de Profecias" e "O Sol"¹¹⁵ são as primeiras publicizações das mensagens de Hercílio Maes, um médium até então ignorado nos meios espíritas, por não frequentar a federação ou núcleos

¹¹⁴ Esta informação também consta no documento "Rito" do Grupo de Estudos Ramatís de Natal, s/d, p.01, assim como em MAES (1996).

¹¹⁵ Ramatís divide a autoria de "O Sol" com outro espírito, chamado de Monge Voes, e Hercílio Maes divide a psicografia com a médium Guilhermina Drischel.

conhecidos. Recebia suas mensagens sempre sozinho em sua residência, e as atribuía a um espírito hindu, de nome Ramatís.

"Conexões" transcende as fronteiras do Estado do Paraná, sendo recebido com reservas pelo médium Chico Xavier¹¹⁶, mas logo esta parceria, Ramatís/Hercílio Maes, torna-se conhecida do meio espírita brasileiro, pois já no ano de 1955 é lançado o primeiro livro de tiragem nacional com mensagens do espírito oriental sob a mão do médium curitibano, "A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores"¹¹⁷, e em 1956, é publicado o segundo, "Mensagens do Astral"¹¹⁸.

Estes dois livros, segundo contam os espíritas, passaram a ser muito vendidos em livrarias espíritas, praticamente do Brasil inteiro, porém, ao lado do entusiasmo veio a preocupação, e os livros de Ramatís inauguraram um clima de mal-estar: muitos questionam a validade do que diziam, principalmente em relação a específicas previsões sobre o apocalipse, constantes em "Mensagens", falando na existência de um planeta, vindo de fora de nosso sistema solar, em direção à terra, um *astro intruso* que traria devastação e morte para a *humanidade não-crística*. Ramatís estabelecia um momento específico para que o apocalipse se desse: a última década do século XX.

Não obstante as críticas, diferentes Grupos de Estudos Ramatís surgiram em todo o Brasil, e este espírito continua a escrever sob a pena de vários médiuns, de sorte que no ano de 2004, já havia trinta e oito livros publicados sob sua assinatura¹¹⁹.

¹¹⁶ Em 05 de janeiro de 1954, o Conselho Editorial da Revista da Legião da Boa Vontade (LBV) foi a Pedro Leopoldo, Minas Gerais, a fim de obter a posição de Emmanuel, pela psicografia autorizada de Chico Xavier, sobre Ramatís. Em entrevista, Emmanuel, através do médium mineiro, pediu que o movimento espírita aguardasse, pois o tempo diria se as previsões de Ramatís poderiam ou não ser validadas. Esta entrevista foi reproduzida na Revista da Boa Vontade, edição de outubro de 1956.

¹¹⁷ Em 1955 é também publicado "Mensagens do Grande Coração", de Ramatís, psicografado por América Paoliello Marques e Wanda Baptista Gimenez.

¹¹⁸ Algumas passagens de "Mensagens do Astral" já faziam parte do texto "Conexões de Profecias".

¹¹⁹ As obras de Ramatís são: A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores (1955), Mensagens do Astral (1956), A Vida Além da Sepultura (1957; assinado em parceria com o espírito Atanagildo), A Sobrevivência do Espírito (1958; assinado em parceria com o espírito Atanagildo), Fisiologia da Alma (1959), Mediunismo (1960), Mediunidade de Cura (1963), O Sublime Peregrino (1964), Elucidações do Além (1964), Semeando e Colhendo (1965; assinado em parceria com o espírito Atanagildo), A Missão do Espiritismo (1967), Magia da Redenção (1967), A Vida Humana e o Espírito Imortal (1970), O Evangelho à Luz do Cosmo (1974), Sob a Luz do Espiritismo (1999), Ramatís - Uma Proposta de Luz (2003; seleção de trechos das obras anteriores), obras psicografadas por Hercílio Maes; Mensagens do Grande Coração (1955), psicografada por América Paoliello

Os espíritas seguidores¹²⁰ de Ramatís¹²¹ dizem que ele é um mestre espiritual proveniente do sistema estelar de Sírius; que veio para a Terra há quarenta mil anos, em missão de acompanhamento a um grupo de espíritos exilados em nosso planeta nas civilizações da Lemúria e da Atlântida. Dizem que Ramatís trouxe consigo *conhecimentos ocultos* que compuseram a *milenar aumbandhā*, sistema religioso, filosófico, científico, esotérico e setenário – setenário por dizer respeito ao número cabalístico sete.

Há referências na literatura nativa, sobre diferentes encarnações do espírito de Ramatís na Terra, ainda que ele seja, segundo os espíritas me disseram, um espírito já liberto da necessidade de encarnar. Segundo esta literatura, ele foi Thamataê, o venusiano; Násser, num período anterior ao afundamento da Atlântida; Mandreya Ramataiana, há 5.000 A.C, na Índia; o faraó Thutmose III; os sacerdotes Amós de Aton e Mery-Rá, os dois no Egito Antigo; Asclépios, na antiga Grécia; Pitágoras de Samos, discípulo de Anaximandro; o filósofo Aristóteles; Aulus Plautius, tribuno romano, discípulo de Paulo Apóstolo; Gaspar, um dos reis magos; São Francisco de Assis; o projetista do Taj Mahal na Índia; frei Gabriel Malagrida, queimado pela Inquisição em Lisboa, no ano de 1761¹²², dentre outros.

Os espíritas também dizem que Ramatís encarnou na Atlântida há vinte e oito mil anos, e que nesse momento ele conviveu com o espírito que mais tarde seria conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec. Outro encontro com Kardec aconteceu quando este era o sacerdote Amenófis, médico e estudioso do Livro dos Mortos e dos fenômenos do além, ao tempo do faraó

Marques e Wanda Baptista Gimenez. Brasil, Terra da Promissão, Evangelho, Psicologia e Ioga e Jesus e a Jerusalém Renovada (1977), obras psicografadas por América Paoliello Marques. Viagem Espiritual I (1993), Viagem Espiritual II (1995) e Viagem Espiritual III (1995), obras psicografadas por Wagner Borges; O Homem e o Planeta Terra (1998), O Despertar da Consciência (1999), Em Busca da Luz Interior (2001) e Jornada de Luz (2001), obras psicografadas por Maria Margarida Liguori; As Flores do Oriente (2000), psicografada por Márcio Godinho; Chama Crística (2001), Samadhi (2002), Evolução no Planeta Azul (2003), Jardim dos Orixás (2004) e Vozes de Aruanda (2005), obras psicografadas por Norberto Peixoto; Muito Além do Horizonte (2002), psicografada por Jan Val Ellam; O Karma e Suas Leis (2004), Espiritualmente Falando (2005), Práticas Bioenergéticas Volume I - CD (2006), obras psicografadas por Dalton Roque e O Astro Intruso e o Novo Ciclo Evolutivo da Terra (2004), psicografada por Hur-Than de Sidha.

¹²⁰ Os espíritas críticos ao pensamento de Ramatís chamam seus admiradores de ramatisistas ou ramatisianos; porém, estes últimos não se intitulam assim, dizendo-se ou espíritas ou espiritualistas.

¹²¹ Os seguidores de Ramatís escrevem o nome deste espírito de diferentes formas, dentre elas: Ramatis, Ramathys e Rama-tys. Eu adoto neste trabalho a grafia Ramatís em virtude de que é esta a forma como Hercílio Maes, o primeiro médium que, segundo os espíritas, escreveu por Ramatís escrevia este nome, acentuando, assim, a última vogal ("í").

¹²² Os membros do Grupo Ramatís me disseram que o espírito de Ramatís aparece nos centros espíritas "mais abertos" como o caboclo atlante, assim como caboclo das sete encruzilhadas. Também aparece como Pitágoras, desta vez nas mesas mediúnicas espíritas "mais ortodoxas".

Merneftá, filho de Ramsés II. Além disso, quando encarnado no antigo Egito como o grão-sacerdote Merí Rá, Ramatís teve a oportunidade de salvar a vida de um escravo que mais tarde reencarnou na figura de seu médium Hercílio Maes. Também é dito que Ramatís foi Essen, filho de Moisés e fundador da Fraternidade Essênia, e que mais tarde viveu na Hebréia, quando foi Nathan, conselheiro de Salomão. Hercílio Maes supunha que Ramatís também teria sido Platão, segundo me contam os membros do Ramatís.

Também me foi dito que Ramatís foi Fílon de Alexandria, o responsável pela Biblioteca de Alexandria, e que nesta encarnação esteve pessoalmente em contato com Jesus de Nazaré na Palestina, conforme conta Hercílio Maes (2002). Este espírito também participou, segundo os nativos, dos acontecimentos que inspiraram o poema épico hindu “Ramaiana”, onde o casal Rama e Sita simbolizam, de forma iniciática, os princípios masculino e feminino, e que unindo-se Rama e Átis, ou seja, Sita ao inverso, resulta o nome Ramaatís, seu nome em indochinês. Ora, o nome “RAMA-TYS” ou “Swami Sri RAMA-TYS”, é, segundo os espíritas, uma “chave”, uma designação de hierarquia, de dinastia espiritual: Rama é o nome dado à própria Divindade, o Criador, cuja força criadora emana para as criaturas quando pronunciado corretamente. Assim, dizem os adeptos, o nome Ramatís é um mantra, que reúne os princípios masculino e feminino contidos em todas as coisas e seres; ao se pronunciar o vocábulo Ramaatís, saúda-se implicitamente o Deus que se encontra no interior de cada ser.

Foi-me dito que em sua última encarnação na Terra, Ramatís viveu no século X na Indochina; que era filho de Tiseuama, uma vestal chinesa fugida de um templo e de um tapeceiro hindu de nome Rama. Desencarnou com menos de 30 anos de idade, no ano de 933 D.C., em razão de problemas cardíacos. Os adeptos também dizem que Ramatís foi Kut-Humi Lal Singh, *um ser material, mas não encarnado*, o principal inspirador da Sociedade Teosófica¹²³, fundada por Helena Blavatsky. Os nativos dizem que Ramatís é, segundo a teosofia, considerado o Mestre do Segundo Raio, o do Amor-Sabedoria. Falam também que, entre os milenares discípulos de Ramatís, vários reencarnaram no Brasil, e outros ainda reencarnarão, vindos da Europa, que está atingindo o *final de sua missão civilizadora*.

¹²³ A Sociedade Teosófica é uma organização internacional devotada a divulgar os ensinamentos da teosofia, que, segundo seus seguidores, é uma sabedoria ligada ao neoplatonismo, ao gnosticismo e a escolas de mistérios da antiguidade. A Sociedade Teosófica foi criada em Nova Iorque, em 1875, e teve como principais fundadores Helena Blavatsky, Henry Olcott e William Judge.

Ramatís se apresenta aos videntes na figura de uma entidade espiritual envolvida por uma luz amarela com nuanças douradas, circundada por uma franja de filigranas em azul-celeste, tonalizada em carmesim. As cores da aura humana, segundo os adeptos, são campos vibratórios que resultam dos pensamentos e sentimentos, indicando os atributos emotivos e mentais do ser; nesse sentido, o amarelo com franjas douradas revela intelectualidade, o azul claro celeste indica espiritualidade e devoção e o carmesim representa afeição pura. Ramatís tem aparecido à vidência dos médiuns com as vestes religiosas que usava em sua última encarnação na Indochina.



Figura 1: Duas imagens psicopictografadas de Ramatís

Dizem seus seguidores que a principal característica de Ramatís é seu pendor universalista para com todos os esforços da esfera do espiritualismo; sua missão é cooperar na evolução da humanidade terrena, estabelecendo as bases de um pensamento universalista, *sucedâneo da codificação kardequiana*. Assim, Ramatís não é uma entidade exclusivamente devotada aos princípios doutrinários do espiritismo de Kardec, ainda que reconheça-o, segundo os seus

seguidores contam, como a doutrina que melhor atende às necessidades espirituais da atual humanidade terrena.

3.2.1.2 As críticas a Ramatís

A rejeição de uma parte do movimento espírita ao nome de Ramatís é percebido sem mesmo a necessidade de lermos os vários textos críticos existentes a seu respeito e que também envolvem os médiuns que o recepcionam. Percebi isto ao indagar "há livros de Ramatís?" nas livrarias existentes nos prédios das federações espíritas do estado do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco. Não há livros de Ramatís à venda em nenhuma destas livrarias, assim como não há nas livrarias das federações espíritas dos estados de SP e RJ, e na da FEB, no Distrito Federal, para onde telefonei em busca desta informação. Também não há referência alguma a Ramatís no site oficial da FEB.

De concreto, existem algumas tomadas de posição, como a da federação espírita do estado de SP, a FEESP. Segundo Ary Lex, militante espírita¹²⁴, em 1962, após a publicação do livro "O sublime peregrino", onde Ramatís contava a vida de Jesus, a FEESP solicitou à Comissão da Doutrina, da qual o próprio Ary Lex tomava parte, que lhe fizesse um "estudo minucioso e desapaixonado". Ao fim, foi aprovado unanimemente pelo Conselho Deliberativo da FEESP um parecer que dizia, entre outras coisas, que este livro trazia "alguns capítulos perfeitamente aceitáveis", todavia, continha "erros doutrinários clamorosos" que poderiam "semear a confusão" nos meios espíritas. Dentre estes erros, o fato de admitir a influência astrológica sobre o destino das criaturas. Além disso, o livro faria uma distinção entre o "Cristo Planetário", uma entidade arcangélica, e Jesus, o seu "médium mais perfeito". Outro problema seria o uso, por Ramatís, de imagens e expressões católicas, como: arcanjo, satânico, salvação, redenção, sacrifício e por introduzir conceitos orientais na interpretação da vida de Jesus. Temendo "confusões doutrinárias", a FEESP sugere que a leitura deste livro só deve ser efetuada por "pessoas bem esclarecidas na Doutrina", com condições de perceber "graves falhas à luz da codificação", evitando assim "perigosos desvios doutrinários", já que a obra não poderia ser considerada "de teor espírita", por trazer variadas expressões esotéricas e católicas.

¹²⁴ Informações constantes no site <http://duplavista.com.br/arquivo/ramatis>.

Na mesma linha se colocou Herculano Pires, escritor espírita paulista. Escrevendo no extinto jornal Diário de São Paulo entre os anos de 1969 e 1970 uma coluna sob o pseudônimo de Irmão Saulo, empreendia um claro combate às ideias de Ramatís: de um lado, reconhecia seu *valor moral*, e de outro, classificava-o como *espírito mistificador*, um dos "falsos profetas da erradicidade", um espírito "pseudossábio", que se julgava grande missionário, mas trabalhava na tarefa de ridicularizar o espiritismo. Dizia Pires que Ramatís intentava superar Kardec, com suas "novidades confusas":

Perigoso não é o expositor ou autor que só diz tolices, vazadas em linguagem obscura, pobre, cheia de erros gramaticais e ideias pueris. Perigoso, sim, é o que expõe certo número de noções exatas, que usa argumentação brilhante, mas introduz, de permeio, ideias erradas e perigosas. Assim, tais ideias têm grande probabilidade de aceitação. É o que acontece com Ramatís (Herculano Pires, citado por <http://duplavista.com.br/arquivo/ramatis>)

A rejeição a Ramatís, presente na coluna de Herculano Pires, se mantém no meio espírita mais ligado à FEB e às federações espíritas estaduais. Uma expressão desta crítica é o livro de Artur Ferreira (1997). Neste livro, assim como no site que o divulga, e que faz referência a certo "movimento pela pureza doutrinária"¹²⁵, é dito que os admiradores de Ramatís seguiriam o caminho das seitas apocalípticas, e que a infiltração destes indivíduos e grupos no movimento espírita teria como maior incentivador este mesmo espírito. As previsões contidas em Mensagens do Astral teriam alcançado o movimento espírita de *maneira bombástica*, principalmente entre os que *não são muito afeiçoados ao estudo da codificação*; que durante anos falou-se e esperou-se pelos eventos, tratando-se as profecias de Ramatís como se fossem o "autêntico posicionamento espírita" sobre a questão.

Os críticos a Ramatís lamentam a existência ainda hoje dos Grupos de Estudos Ramatís, grupos que *alegam ter contatos com extraterrestres*, ao lado de uma defesa do amor universal e do espiritismo, assim colaborando no *desvirtuamento da mensagem espírita*, além de conduzir os leitores a *estados mentais confusos e alienantes*, e prejudicando a chamada *pureza doutrinária*.

Por seu turno, os admiradores de Ramatís, comentando nos mesmos sites e listas de discussão, argumentam "não entender" a "perseguição contra o nobre Ramatís, um espírito tão útil em seus ensinamentos para o Espiritismo". Alinhavam que a dita perseguição acomete

¹²⁵ Trata-se do site "Espiritismo x Ramatisismo": <http://espiritismoxRamatismo.blogspot.com/>

também a imagem do espírito do conde Rochester, muito mais detalhista em pormenores de rituais, duendes e seres não humanos, em seus livros, e, no entanto, publicado pela editora da FEB.

Bem no início de minha pesquisa, ao conversar com o presidente do Bezerra de Menezes, obtive uma primeira impressão de como o centro via o Grupo Ramatís, e esta relação me pareceu positiva, pois o presidente o listou como "um dos grupos internos de nossa casa; nós somos abertos e abrigamos várias linhas espiritualistas". Com o tempo, contudo, percebi que as relações não eram tão harmoniosas assim, o que me parecia cada vez mais claro ao ouvir meus colegas do Ramatís se referindo aos "caras da pureza doutrinária", de tal forma que, quanto mais eu era identificada como componente deste grupo, mais as disputas internas me eram apresentadas pelos componentes do Ramatís e por outros trabalhadores do Bezerra de Menezes, culminando em um momento, em meados do ano de 2008, quando percebi que o Ramatís era, para alguns, um grupo que nem ao menos existia¹²⁶.

Mas se dentro do Bezerra a presença do Ramatís provocava celeumas, no campo espírita mais amplo as apreensões não eram menos cercadas de opiniões negativas. Assim, na época em que decidi estudar o Grupo Ramatís do Bezerra de Menezes, escutei da parte de amigos e conhecidos do meio espírita que eu teria de *ter cuidado*, pois era perigoso me aproximar de um grupo seguidor de um espírito tão polêmico. A preocupação por parte destas pessoas foi ainda maior quando revelei que o Grupo Ramatís por mim pesquisado mantinha laços com o Grupo Atlan, coordenado por Jan Val Ellam, logo ele, um dos malditos do movimento espírita potiguar, um ser espiritualmente *fascinado*, envolto em uma *psicosfera fluidicamente pesada*¹²⁷, orientado por espíritos das trevas etc.

Assim, quando contei a Arabela que pretendia estudar o Grupo Ramatís, no ano de 2006, ela me pediu que eu me *preparasse*: que não esquecesse de *orar*, e de me manter *sintonizada* com o meu *espírito-guardião*. Disse-me que as percepções que recebia sobre o Grupo Ramatís *não eram ruins*, apenas *diferentes* em relação à energia dos Irmãos Unidos, já que o Bezerra de Menezes trabalhava com *cura*, e a *energia da cura é sempre um pouco mais pesada*. Quando fiz

¹²⁶ Entrarei nos pormenores da disputa ao final deste capítulo.

¹²⁷ Psicosfera: termo nativo, significando a atmosfera espiritual que envolve os seres vivos.

a terceira entrevista com Arabela¹²⁸, no ano de 2007, ela me perguntou *se estava tudo tranquilo no Ramatís*, e eu lhe contei que estava estudando também o Grupo Atlan, e havia entrevistado Rogério. Nesse momento, ela se mostrou bem mais preocupada. Disse-me:

Lá, nesse outro grupo, é outra situação. A coisa pega. Vá, mas vá redobrada de cuidado, não descuide da prece. Eu não gosto de sintonizar com esse tipo de energia, então vou falar rapidamente sobre as entidades que orientam o trabalho desse grupo. Minhas percepções me mostram que é um ambiente povoado de entidades extremamente inteligentes, muito racionais, mas desprovidas de desenvolvimento moral. Só em visualizar eu já sinto como uma facada no estômago. Se você acha que é importante para sua pesquisa, vá, mas saiba desde já o que você vai encontrar. E essas entidades sabem o que você está fazendo, e estão lhe observando, portanto, esse é um conselho que eu lhe dou: o que for escrever, seja o que for, escreva com amor. Esse é o conselho que os bons espíritos estão me dando agora para que eu diga a você. Se você escrever com amor, tudo vai dar certo (Arabela).

Embora dê mais atenção aos escritos de Rogério no próximo capítulo, onde reconstruirei um segundo corpus mitológico espírita sobre a criação e a dinâmica do mundo, vale situar um pouco o grupo tão temido.

3.2.2 A "Sociedade Beneficente e Filantrópica Atlan", ou Grupo Atlan

A "Sociedade Beneficente e Filantrópica Atlan", chamado também de "Grupo Atlan" é definida por seus adeptos como um "coletivo espiritualista". Registrado como Sociedade Civil Sem Fins Lucrativos em dezembro de 1996, o *Atlan*, como também é chamado, se reúne periodicamente (em geral, mensalmente) no auditório de uma escola de ensino fundamental de Natal, e participam destas reuniões todos os membros do Grupo Ramatís. O auditório, que é climatizado, mede por volta de quarenta metros quadrados, e comporta sessenta cadeiras acolchoadas. Em frente a elas, em uma elevação, há uma mesa de madeira com três cadeiras. O ambiente ainda comporta um banheiro. No início da pesquisa, em abril de 2007, o grupo se reunia quinzenalmente. No ano de 2008, as reuniões passaram a ser mensais, e no final da pesquisa, no início de 2009, ocorriam a cada dois meses. Durante dois anos, eu frequentei a estas reuniões. Luiz Matão, componente do Atlan e do Grupo Ramatís, filma todas as reuniões do

¹²⁸ Já mencionei a médium Arabela, do GEIU, no capítulo dois desta tese. Efetuarei uma análise da carreira religiosa de Arabela no capítulo seis deste trabalho.

Atlan e distribui o DVD nas reuniões do Grupo Ramatís; estes DVDs são assistidos pelos membros do Ramatís e discutidos nas reuniões posteriores.

O Atlan é formado por vários médiuns, que recebem mensagens de Javé¹²⁹, de Ramatís e de Lúcifer¹³⁰. Há ainda as presenças virtuais de Yara, médium, e de Márcio e Wladimir¹³¹, espíritos, cujas mensagens constam no site "comunidade ascensão"¹³², que trata sobre a ascensão cósmica e também alimenta as discussões do grupo. O grupo Atlan tem ainda um site na internet¹³³. Após a formação do Atlan em Natal, surgiu um segundo Grupo Atlan, em Campo Grande, MS, na esteira do grupo original e também das muitas palestras que Rogério¹³⁴ profere pelo mundo¹³⁵.

É Luiz Matão quem divulga com três ou quatro dias de antecedência, via *e-mail*, a data da próxima reunião; o dia da semana é sempre segunda-feira e o horário, 20hs. Ele chega uma hora antes para instalar o tripé com a filmadora. O objetivo é filmar a preleção de Rogério; nesse sentido é que a câmera é instalada em frente à mesa de palestras. A audiência começa a chegar às 19h30min, de sorte que às 20hs, quando Rogério iniciar a reunião, todos já estejam instalados para ouvi-lo. Os membros mais antigos do grupo em geral sentam-se mais próximos à mesa de palestras, e há sempre alguém que se senta ao lado de Rogério na mesa. Durante a época de pesquisa, esta pessoa era Ricardo, componente do grupo desde sua fundação. Parte dos membros do grupo aguarda o início da reunião dentro do auditório, conversando, sentados ou circulando pelo ambiente; Luiz Matão traz os livros psicografados por Rogério para vender e em geral fala-se sobre os assuntos que talvez sejam tratados na noite. Pouco antes das 20hs, Rogério chega ao

¹²⁹ No mito da Reintegração Cósmica, contado por Jan Val Ellam, Javé é um dos aliados de Jesus na tarefa de punir os espíritos de Lúcifer e Satã, exilando-os no planeta Terra.

¹³⁰ Lúcifer, ou Yel Luzbel, é um personagem resgatado dos mitos judaico-cristãos para a cena espírita, tomando parte ativa do mito da Rebelião contado por Rogério de Freitas, o Jan Val Ellam, médium potiguar, em seus livros. Tratarei deste assunto no capítulo quatro deste trabalho.

¹³¹ Alguns dos membros do Grupo Ramatís supõem que Wladimir seja o espírito do Conde de Rochester.

¹³² O endereço do site "comunidade ascensão" é: <http://www.nominato.com.br/forum/index.php>

¹³³ O site do grupo Atlan é <http://www.orbum.org>.

¹³⁴ Como já assinalei, Rogério de Freitas é um médium espírita potiguar, que sob o pseudônimo de Jan Val Ellam publicou vários livros tratando do retorno do planeta Terra ao que chama de "cidadania interplanetária", articulando nesse processo um mito de origem intitulado Rebelião de Lúcifer, que culmina na volta de Jesus Cristo ao planeta Terra, a bordo de um disco voador. Tratarei da Rebelião de Lúcifer no capítulo quatro e da carreira religiosa de Rogério de Freitas no capítulo nove deste trabalho.

¹³⁵ Em anexo a este trabalho, constam alguns cartazes de palestras de Rogério de Freitas (Jan Val Ellam) realizadas pelo Brasil e também pelo mundo.

auditório, normalmente acompanhado por mais alguns membros do grupo, que por ele aguardavam no portão da escola em busca de uma conversa prévia, aproveitando a caminhada até a porta da sala de reuniões. Ele esgueira-se pela pequena multidão que se forma ao seu redor e tenta chegar à mesa de palestras, onde permanece ainda alguns minutos em pé, desta vez conversando com os que aguardavam por ele junto à mesa, para mais uma conversa prévia. Ele então se instala na cadeira e Luiz Matão liga a filmadora. Nas próximas duas horas, seu rosto não sairá do foco da máquina. Rogério então comenta algo para Ricardo, que está ao seu lado, arruma o microfone junto ao bolso da camisa e em seguida sorri e diz para a audiência: "e aí? Vamos começar as nossas fofocas?".

As reuniões do Atlan trazem sempre dois momentos: primeiramente, uma fala de Rogério sobre algum assunto compreendido pelo grupo como relevante naquele período, e que traga relação com o tema da Reintegração Cósmica¹³⁶; em um segundo momento, são efetuadas perguntas pela assistência, frequentemente em bloco. Estas perguntas também guardam relação com o tema da Reintegração Cósmica. Rogério responde a todas até o horário acordado pelo grupo para o término da reunião, que oscila entre as 22hs e 22h30min. Não há preces de abertura ou de encerramento nestes encontros.

Ora, Rogério não faz parte do Grupo Ramatís. Mas os membros do Ramatís – mais frequentemente Luiz Matão, Luiz Antônio, Cristina, Popoka, Sérvio Túlio, Francisco Alves e algumas vezes Miriam, Graça e Andréa, frequentam as reuniões do Atlan, grupo do qual ele é coordenador. Ele é Rogério de Freitas, ou Jan Val Ellam, empresário potiguar. É conhecido no meio ufológico brasileiro e relativamente conhecido no meio espírita norte-rio-grandense. Escreveu, com a *colaboração de espíritos amigos*, segundo me disse, uma dezena de livros em que aborda a *rebelião de Lúcifer* e a *transição planetária*¹³⁷.

No Grupo Ramatís são discutidas estas duas temáticas advindas de seus livros, que são articuladas aos conteúdos dos livros de Ramatís. Também são discutidas suas mais recentes preleções, assinaladas nas reuniões do Grupo Atlan. A presença de Jan Val Ellam no Ramatís é clara e frequente, ainda que ele nunca, nos dois anos e meio de minha pesquisa, se tenha feito

¹³⁶ Reintegração Cósmica é um tema tratado nos livros de Rogério de Freitas. Tratarei deste tema no capítulo quatro da presente tese.

¹³⁷ "Rebelião de Lúcifer" e "transição planetária" são elementos que fazem parte da discussão sobre Reintegração Cósmica, constantes nos livros de Rogério de Freitas/Jan Val Ellam.

materialmente presente. Sua atuação, porém, em *termos extrafísicos*, é palpável, de tal forma que para se estudar o Grupo Ramatís de Natal, deve-se referenciar o seu nome. Assim é que, no exame deste coletivo religioso, examino também a presença de Jan Val Ellam no discurso e nas práticas mediúnicas dos seus membros.

O Grupo de Estudos Ramatís de Natal recebe a influência de Jan Val Ellam, desde o final dos anos 1990, quando alguns dos membros do Atlan passaram a frequentar as reuniões do Ramatís; primeiramente, Luiz Matão, depois Luiz Antônio, Sérvio Túlio e Francisco Alves. Foi a partir da iniciativa destes que Jan Val Ellam efetuou algumas palestras no Grupo Ramatís, e de alguma forma os conteúdos expostos no Grupo Atlan passaram a ser partilhados no Ramatís. Algum tempo depois, membros do Ramatís passaram a fazer o caminho inverso: frequentar as reuniões do Atlan. Esse foi o caso de Miriam e Graça, além de Andréa e Gaspar.

Daí em diante, os novatos que ingressaram no Ramatís já tomavam automaticamente contato com os conteúdos discutidos no Atlan, e com o nome de Jan Val Ellam; alguns deles passaram a frequentar estas reuniões sistematicamente, outros não muito frequentemente, mas o fato é que hoje, ao ingressar no Grupo Ramatís, se têm contato imediato com elementos oriundos das discussões implementadas por Jan Val Ellam.

Ora, Luiz Matão, que apresentou Jan Val Ellam ao Ramatís, hoje pergunta algumas vezes aos seus colegas, no decorrer das reuniões do Grupo Ramatís: "será que fui eu o responsável por tanta gente ter saído daqui?" Ocorre que Luiz Matão relaciona a sua presença no Ramatís, ao lado de Jan Val Ellam com suas teses sobre a rebelião de Lúcifer, ao fato de o grupo ter mudado de feição, no tempo. Posso dizer que conversei com várias pessoas, participantes e não participantes do Ramatís, mas nunca ouvi nenhuma que responsabilizasse a presença da discussão de Jan Val Ellam em relação à diminuição no número de participantes deste grupo. Uma destas conversas foi com um médium de cabine do Bezerra de Menezes, ex-participante do Ramatís; ele relatou ter sido membro fundador deste grupo, mas sem entrar em detalhes, me revelou que depois de um tempo sentiu a necessidade de voltar a *estudar a doutrina*, por isso saiu.

O fato é que, na percepção dos mais antigos, mudou a composição do grupo; nos primeiros anos, eles dizem, havia a presença de "uma turma mais jovem, disposta a estudar com afinco"; "a gente combinava qual seria o texto, e no domingo o pessoal chegava com tudo na ponta da

língua, e tinham lido outras coisas pra ajudar, e era muito dinâmico". Hoje, dizem, o grupo está em *outro processo*.

A ufologia já era ponto de debates no Grupo Ramatís desde sua fundação, segundo me contam os adeptos, mesmo porque a presença de extraterrestres¹³⁸ no planeta Terra, a vida no planeta Marte, a fundação das civilizações da Atlântida e da Lemúria por seres de outros planetas, a presença dos capelinos¹³⁹ na constituição das raças adâmicas¹⁴⁰ e de outras raças-raízes que deram início à humanidade, dentre outros temas, se fazem presentes não só nas dezenas de livros da autoria do espírito Ramatís, mas também em um vasto universo literário estudado e discutido pelos espíritas, em alguns casos à revelia da federação; este universo vai desde os notadamente espíritas, como é o caso de "A Caminho da Luz" de Emmanuel, até os tolerados pela FEB, como "Exilados de Capela" de Edgard Armond. Chega também à literatura ocultista, caso por exemplo dos livros de Blavatsky, assim como aos pseudocientíficos, como os de Erik Von Daniken e J.J. Benítez.

Contudo, Jan Val Ellam articula os temas já muito versados sobre as relações entre a humanidade terrena e as humanidades extraterrestres com uma narrativa situada em um tempo e em um lugar, inclusive nomeando os personagens e trazendo-os para muito próximo daqueles que a lerão. Nos escritos de Jan Val Ellam, a trama, chamada de Rebelião de Lúcifer, e que se desenrola por milhões de anos, tem sua ancoragem final na cidade do Natal, e seus personagens não são outros senão os componentes do Grupo Atlan, e, por conseguinte, do Grupo Ramatís.

Ora, a aliança recente do Grupo Ramatís com o Grupo Atlan (e, pois, com o médium Rogério de Freitas), significa, no contexto do Bezerra de Menezes, um acirramento das críticas já desferidas anteriormente ao Ramatís, vindas da parte dos que buscam a adesão deste centro espírita, de modo que os dois anos de minha pesquisa são perpassados pela busca de espaço do

¹³⁸ Os Grupos Ramatís não são os únicos, no âmbito do espiritismo, a cultuarem extraterrestres. Veja-se, por exemplo, o caso do médium de cura Chico Monteiro, estudado por Inácio da Cruz (2007). Monteiro, segundo Cruz, é um "mix de terapeuta holista, escritor, músico, inventor, catalisador de seres angelicais, comunicador, benzedor", e dentre outras práticas, afirma incorporar o espírito do médico alemão Dr. Fritz, assim como andar de disco voador, tendo sido, segundo conta, *abduzido* em uma nave espacial, e, além disso, relata receber dos comandantes Ashtar e Rajneve – extraterrestres – ensinamentos variados. Monteiro narra o episódio de sua abdução em livro (Monteiro 1995). Para a carreira de Chico Monteiro, cf. Cruz (2007).

¹³⁹ Capelinos, como já situei no capítulo um desta tese, são seres oriundos do sistema estelar de Capela, situado na constelação do Cocheiro, local onde, segundo conta Jan Val Ellam, teve início a Rebelião de Lúcifer. Tratarei da Rebelião de Lúcifer no capítulo quatro desta tese.

¹⁴⁰ Já tratei das "raças adâmicas" no capítulo um desta tese.

Grupo Ramatís dentro do Bezerra e pelo paralelo desejo de expulsão deste grupo, demonstrado pela ala identificada à FERN. É o que ilustra o caso dos quadros na parede, que eu gostaria de expor, em seguida, efetuando, ao final, uma discussão mais ampla sobre o movimento espírita brasileiro.

3.3 "ONDE ESTÁ O QUADRO?" OU O GRUPO INEXISTENTE



Figura 1 (acima): Dois quadros: uma imagem psicopictográfica do espírito Ramatís e uma fotografia de Humberto de Campos enquanto vivo, fixados na parede do auditório térreo do centro espírita Bezerra de Menezes, ao lado de um relógio de parede.

Figura 2 (abaixo): Na mesma parede onde anteriormente havia dois quadros, há um novo quadro contendo imagem de Humberto de Campos e a ausência de quadro com a imagem de Ramatís; Fotografias obtidas em maio de 2007 e em março de 2009, respectivamente, por Antoinette Madureira.

Em abril de 2007, quando iniciei minha pesquisa no Grupo Ramatís, havia, no auditório do andar inferior, na parede à direita do púlpito, dois quadros, afixados lado a lado. Um, maior, trazendo uma pintura mediúnica – uma psicopictografia – a óleo, representando o espírito Ramatís, e outro de menores dimensões, porém, enquadrado de forma mais vistosa, em pesada moldura de madeira, pintado em um marrom brilhante; este trazia um retrato também psicopictográfico de Humberto de Campos, quando encarnado.

No final do ano de 2007, o retrato de Ramatís foi retirado deste lugar pela direção do centro, e posto na parede da sala de passes, o que em muito desgostou os membros do Grupo Ramatís, já que o quadro estaria escondido em uma sala, e não mais exposto ao público. Algumas semanas mais tarde, o retrato de Ramatís estava de volta em seu lugar inicial, na parede ao lado da mesa de palestras. Já no mês de novembro de 2008, os dois retratos, de Humberto de Campos e de Ramatís foram retirados da parede, também pela direção do centro, e o de Ramatís foi entregue a uma das dirigentes do grupo, Graça. Alguns dias após, outro retrato de Humberto de Campos foi recolocado em seu lugar original: não mais em moldura de madeira vistosa, mas em dimensão duas vezes maior; o de Ramatís, não. Até o final de minha pesquisa – novembro de 2009 – o retrato de Ramatís não havia voltado ao seu lugar original.

Nos últimos tempos de minha pesquisa, a presença dos membros do Grupo Ramatís nas cabines de cura e nas palestras começou a diminuir; seus nomes apareciam cada vez mais espaçadamente na escala de atividades do centro; paralelamente, estava em curso um processo, iniciado na verdade há alguns anos. Visava a adesão do Bezerra de Menezes à FERN, desejo de parte da diretoria, que já militava nos quadros adesos e trazia frequentemente membros da federação para fazer palestras, e, além disso, havia inaugurado um segundo grupo de estudos da mediunidade, não coordenado por Miriam, a diretora da área mediúnica, e sim pelo presidente do centro; este grupo passou a se reunir em dia e horário diferente daquele do estudo coordenado por Miriam, e nele compareciam membros da federação.

O processo de adesão passava por algumas etapas. Uma delas era a adequação do Bezerra de Menezes ao modelo de estudo e prática espírita da FEB. Durante o ano de 2008, o ano da retirada dos quadros de Ramatís e de Humberto de Campos das paredes, os grupos internos da casa, vale lembrar, o Ramatís, o Humberto de Campos e o Grupo Ana Madalena foram

examinados pela direção do Bezerra de Menezes. Foi quando a presidência do centro solicitou a todos os grupos internos que enviassem com brevidade para análise da diretoria, um relatório onde constasse a filosofia de trabalho do grupo, sua contribuição para o Bezerra de Menezes e sua agenda de atividades¹⁴¹. Era claro para os participantes do Ramatís, como me disseram, que esta avaliação estava permeada pela já mencionada discussão sobre adesão: a direção procurava saber se eles eram *realmente espíritas*, e esta avaliação poderia condicionar a continuidade do grupo no espaço do Bezerra de Menezes.

Em uma das entrevistas que fiz com Miriam, ela considerou o cambiante lugar do Grupo Ramatís no centro, crescente desde o desencarne de João Cecílio, e relacionou-o a um fato novo: a repentina ausência do nome de seu grupo em outro quadro, desta vez o que expõe as atividades do Bezerra de Menezes em várias das paredes do centro. Na tabela que apresenta o dia de domingo, podia-se ler: "manhã e tarde: cabines de cura". Via-se então uma escala de tarefas, e nela, escritos os nomes dos médiuns e dos espíritos médicos presentes nas cabines. Porém, no espaço do domingo à noite¹⁴², lia-se a frase "não há atividades".

É tanto que no quadro de atividades nem consta que a gente existe no centro. Pois é, nem isso somos. Existem outros grupos, e o nosso, existe, mas é como se fosse um favor. "Está ali, mas vai já sair!",, "Nunca nem existiu". Um dia desses foi que eu me toquei. Eu olhei para o quadro e disse: onde é que tá o grupo? É por isso que dizem que não existe mais, se nem o nome tem (Miriam).

Em o retrato de Ramatís sendo retirado, e em o nome do Grupo Ramatís não constando mais como atuante no quadro de atividades, passam a aparecer perguntas sobre sua real existência, vindas do público atendido, e mesmo de outros trabalhadores do Bezerra de Menezes.

O restante do centro não tem a noção do que é o nosso grupo. É tanto verdade isso, que já se disse que o Grupo Ramatís tinha acabado. Já disseram isso pra muitas pessoas, já me perguntaram e eu disse: "não, jamais". Aí responderam "mas fulano disse que o grupo acabou", e eu disse "nunca acabou". (Miriam)

¹⁴¹ Uma cópia do relatório enviado pelo Grupo Ramatís à presidência do Bezerra de Menezes, assim como o Manifesto Pela Defesa do Bezerra de Menezes, produzido pelo grupo contrário à adesão à FERN, se encontram nos anexos deste trabalho.

¹⁴² No domingo à noite, no Bezerra de Menezes, a única atividade é a reunião do Grupo Ramatís. Tratarei desta reunião, chamada pelos adeptos de "cerimonial" ou "rito do grupo" no capítulo cinco deste trabalho.

Miriam busca encontrar nas relações internas do próprio centro as razões do obscurecimento de seu grupo, mas avalia, existem, sim, razões para o grupo continuar, visto que ele *soma* com a casa, ajudando no seu crescimento:

O grupo nunca teve nada contra ninguém, o grupo é um grupo de estudo, pelo contrário, o objetivo dele é dar sustentação, é ajudar na base energética da casa. Mas o nosso grupo não é compreendido, e infelizmente hoje eu também avalio que o próprio grupo não soube conviver com seus pares, e divulgar até o que é (Miriam).

O nome do Grupo Ramatís não foi apagado de uma hora para outra, assim como não foi de uma hora para outra que ocorreu a retirada do quadro do espírito Ramatís da parede. O movimento em direção à supressão do nome de Ramatís e do que ele representa começou a acontecer, torno a dizer, quando do desaparecimento daquele que atribuía sentido às práticas ecumênicas do Bezerra de Menezes, João Cecílio. Alguns trabalhadores do Bezerra de Menezes me contam que o desencarne de *irmão Cecílio* propiciou a que "o sonho antigo de alguns", a banexação do Bezerra de Menezes à FERN enfim se efetivasse. Então, com a crescente aproximação ao universo federado, *algumas coisas foram mudando*, a começar com o atendimento nas cabines, depois, no estudo mediúnico, e então junto aos grupos Ramatís e Humberto de Campos. Quando João Cecílio presidia o Bezerra de Menezes, os trabalhadores lembram, nas cabines se usava éter, gaze, se punha esparadrapos nos lugares onde se faziam as cirurgias espirituais:

Seu João Cecílio mandou Cristina colocar a minha vértebra no lugar, ela colocou. Nesse tempo, pegavam a gente assim, sentavam na cadeira, que era pra encaixar a coluna. Ninguém faz mais isso não. Antigamente a gente botava esparadrapo no paciente, só tirava com quinze dias. Quando caía tudo bem, que ia cortando. Aí depois proibiram. Usava esparadrapo, usava gaze, usava éter. Tudo isso. Proibiram tudo. Eu ainda tenho um vidrinho de álcool na minha bolsa, que eu passo nas minhas mãos (Fankika, médium de cabine).

No tempo de irmão Cecílio, os médiuns tocavam mais nos pacientes, os passes eram mais *enérgicos*, muito parecidos com *massagens*. Mas os esclarecimentos de alguns irmãos mais atualizados na doutrina, que estudavam na federação, vieram ajudar a que as técnicas nas cabines se tornassem menos materiais, e, assim, com o tempo, foi saindo de cena o éter, a gaze, o esparadrapo. Hoje, me dizem os médiuns, não é preciso mais tocar no paciente, e o passe se faz a uma certa distância.

Por outro lado, os *irmãos que vêm lá da federação* apontam o que se deve fazer, e muito bem, na cabine: conversar com o paciente, nisto que é "quase um diálogo fraterno", incentivar a que a pessoa leia o que puder da literatura espírita: o Evangelho Segundo o Espiritismo é um bom começo, e Nossa Lar, de André Luiz, de forma que o passe e diálogo, dizem esses irmãos, é o que se precisa, no tratamento espiritual. Segundo me contam os médiuns, também houve mudanças no estudo mediúnico; hoje é mais exigido o estudo das obras básicas¹⁴³, e foram diminuindo *aquelas outras leituras* orientadas por irmão Cecílio.

Há processos que o grupo já passou e está passando. Há diretores na casa que são predominantemente espíritas, a filosofia que eles apregoam é só espírita. Então eles mudaram toda a formação, todo o formato de estudos. A gente, mais ligado a João Cecílio, ainda conseguiu manter alguma coisa, mas não muito, e isso foi até um erro nosso, porque foi um erro ter deixado modificar tanto sem a gente ter se dado conta e não ter se unido (Miriam).

E agora chegou o momento da gente justificar a necessidade do grupo, a continuidade do grupo. Explicar o porquê de o grupo estar aqui. E hoje a gente se vê na iminência também, dependendo de como a gente vai conduzir esse processo, que está bastante difícil, mas a gente se vê na iminência de o grupo acabar. (Miriam)

O sentido desta aproximação à FERN corresponde àquilo que os estudos antropológicos já apontaram: a substituição das práticas receitistas, da cura pela evangelização, no que já se chamou em embranquecimento do espiritismo, no afastamento do afro¹⁴⁴ e na paralela identificação com o catolicismo¹⁴⁵.

Isto vem efetuar uma crescente desmaterialização, ou antes, descorporificação das práticas espíritas, e um investimento cada vez maior em direção à eterização destas práticas, no que a FEB investe até hoje. Esta busca por "limpar" a herança afro no espiritismo aparece hoje, no debate sobre adesão no Bezerra de Menezes.

O nome de Ramatís é problemático para continuar em um centro adeso, porque ele traz elementos que o espiritismo não quer; aceitá-lo é aceitar a mistura de Kardec com milenarismo, teosofia, catolicismo, ufologia. Ramatís traz estes elementos todos; esta sua característica

¹⁴³ Segundo os espíritas, as "obras básicas" são os três primeiros livros de Kardec, o Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns e o Evangelho Segundo o Espiritismo.

¹⁴⁴ cf. Ortiz (1999), Giumbelli (1997a, 1997b, 2003), Lewgoy (2000).

¹⁴⁵ cf. Stoll (1999, 2002, 2003, 2004).

sincrética ("universalista", nas palavras de seus seguidores) é muito apreciada pelos umbandistas, numa aliança que o espiritismo não quer. Assim, o afastamento de Ramatís é o afastamento das práticas mágicas, do receitismo, da cura; Para complicar mais ainda, o Grupo Ramatís do Bezerra de Menezes se encontra vinculada a um dos malditos do movimento espírita potiguar, Jan Val Ellam.

3.4 MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO, CRISE E DISSIDÊNCIAS

A fragmentação do movimento espírita brasileiro pode ser verificada mais claramente a partir da década de 1980, quando se mostra patente a incapacidade das instituições kárdecastas oficiais de responderem a demandas de segmentos sociais críticos ao seu conservadorismo e dogmatismo (D'Andrea, 2000: 139), o que intensifica o conflito entre os representantes da linha doutrinária mais "fundamentalista" e os espíritas heterodoxos, para quem o espiritismo adeso à FEB não representa a comunidade dos espíritas brasileiros. Neste campo, estratégias de inovação da doutrina surgem continuamente, em interlocuções estabelecidas com outros campos religiosos e além deles.

O que entendo na trajetória do movimento espírita em sua vertente brasileira é que ele se move desde sempre em um conflito entre aqueles grupos que, nos vários momentos históricos (desde a chegada dos primeiros livros de Kardec no Brasil), defenderam a chamada "pureza doutrinária" kárdecasta e aqueles outros, que buscaram empreender um diálogo mais sistemático com diferentes crenças e práticas religiosas e não religiosas.

Assim é que, mesmo a construção da linha doutrinária oficial, a assim chamada "tradição" (Stoll 2002) passou por um processo de adequação ao contexto religioso brasileiro, sob várias frentes, incluindo reiteradas negociações com o aparato policial, com o sistema judiciário, com os meios de comunicação, e, evidentemente, com a Igreja Católica, no sentido inclusive de adequar o discurso e a prática espírita para a ênfase na *caridade*, e se afastar dos códigos vistos como próprios às religiosidades afro-brasileiras (cf. Giumbelli 1997, Ortiz 1999).

Assim é que, como eu já mencionei, a partir dos anos 1980 assiste-se a um processo de fragmentação do movimento espírita, decorrente da sua não capacidade em atender demandas de

segmentos sociais críticos em relação ao “excessivo tradicionalismo e intelectualismo dogmático das instituições kardecistas oficiais” (D’Andrea, 2000: 139).

Uma crise que tem levado, na contemporaneidade, ao surgimento de estratégias de “inovação da doutrina”, através de interlocuções estabelecidas com outros campos, religiosos ou não, e assim é que temos, a partir de iniciativas de “resistência” face ao modelo tradicional de expressão religiosa espírita, o surgimento de tendências que buscam, em síntese, se afastar da leitura católica, e, pois, do modelo de caridade dominante, buscando caminhos alternativos. Meu entendimento é de que há, no Brasil, internamente ao movimento espírita, diversas linhas discordantes da ortodoxia kardecista. Sandra Stoll nos mostra uma delas, assinalada pela carreira religiosa de Luiz Gasparetto. Há ainda a trajetória de Waldo Vieira, médium que trabalhou durante vários anos como parceiro de Chico Xavier, e que depois abandonou o kardecismo de base ortodoxa para fundar o que chamou de Projeciologia, buscando efetuar uma síntese da prática mediúnica com certa leitura da ciência¹⁴⁶.

Eu ofereço outra vertente para este debate. Esta é a desenvolvida pelo Grupo de Estudos Ramatís de Natal. Além dos escritos do espírito Ramatís, o Grupo Ramatís incorpora na fundamentação de sua cosmologia os escritos de Jan Val Ellam, que desenvolve uma prática mediúnica onde aparece como característica central o recebimento de mensagens de extraterrestres. Jan Val Ellam escreve livros cuja temática da *transição planetária* aproxima-se dos temas tratados na obra do espírito Ramatís. Ao lado de outras referências, as comunicações destes extraterrestres orientam os estudos do Grupo Ramatís e conferem sentido às práticas de desobsessão apométrica desenvolvidas pelos médiuns deste grupo.

Para melhor situar a discussão que quero fazer neste trabalho, do mesmo modo que fiz em relação ao espiritismo adesso, apresentarei nos próximos dois capítulos os mitos e ritos que sustentam o fazer religioso do Ramatís e do Atlan, na busca ainda de compreender, a partir do par mediunidade/emoção, o combate ao Mal no espiritismo norte-rio-grandense.

¹⁴⁶ Para Gasparetto, cf. Stoll (1999). Para Waldo Vieira, cf. Stoll (2002) e D’Andrea (1997).

CAPÍTULO 4 UMA TRAMA GALÁCTICA

O Sol há de brilhar mais uma vez
 A luz há de chegar aos corações
 Do mal será queimada a semente
 O amor será eterno novamente.

É o juízo final
 A história do bem e do mal
 Quero ter olhos pra ver
 A maldade desaparecer.

- Juízo Final -
 Nelson Cavaquinho/Elcio Soares

Neste capítulo, retomo a discussão que iniciei no capítulo um desta tese, sobre a cosmologia criada por Chico Xavier, que, por sua vez, complementa a noção de evolução apontada por Kardec, onde o degredo tem lugar fundacional e o burilamento das emoções corre entre um determinismo kármico e um livre-arbítrio, alimentando a ideia de reforma íntima dos humanos.

Alguns anos após o lançamento de "A Caminho da Luz" de Chico Xavier, Edgard Armond¹⁴⁷ escreve "Exilados de Capela", onde conta mais detalhadamente a "saga dos capelinos", e, além disso, explicita o que seria a *transição* apontada por Emmanuel, a acontecer na Terra no século XX. No livro de Armond, é recuperado da angiologia cristã um personagem importante para o desenvolvimento deste mito por outros escritores do campo espírita: é Lúcifer, que junto a "suas coortes", é levado "pelo orgulho e pela maldade" a cair na Terra (Armond 1995).

¹⁴⁷ Edgard Pereira Armond (1894/1982) era militar, maçom e professor. Militante espírita, ajudou a fundar a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), a Aliança Espírita Evangélica e a União das Sociedades Espíritas (USE).

Armond também salienta que as grandes e dolorosas transformações de nosso planeta, a acontecer num futuro próximo, se darão com o auxílio de um outro planeta, de *aura etéreo-astral* 3.200 vezes maior do que a Terra, e que dela se aproxima rapidamente. Este planeta, de pesada densidade, portanto, primitivo, ao se aproximar mais, causará a *verticalização do eixo da Terra*, e com isso,

Sugará da aura terrestre todas as almas que afinem com ele no mesmo teor vibratório de baixa tensão; ninguém resistirá à força tremenda de sua vitalidade magnética; da Crosta, do Umbral e das Trevas nenhum espírito se salvará dessa tremenda atração e será arrastado para o bojo incomensurável do passageiro descomunal. Com a verticalização do eixo da Terra, profundas mudanças ocorrerão: maremotos, terremotos, afundamento de terras, elevação de outras, erupções vulcânicas, degelos e inundações de vastos territórios planetários, profundas alterações atmosféricas e climáticas, fogo e cinzas, terror e morte por toda a parte. (Armond, 1995, p. 55-56).

Porém, neste expurgo, nem todos os espíritos serão levados para o descomunal e primitivo planeta: um quarto dos habitantes da Terra, a saber, os brandos e pacíficos, nela permanecerão e serão os responsáveis por construir uma nova civilização.

Alguns anos antes da publicação deste livro de Armond, são publicados os primeiros livros do espírito Ramatís, pela mediunidade de Hercílio Maes¹⁴⁸; neles, pode-se encontrar vários dos elementos trabalhados por Armond, o que nos faz pensar que, mesmo não a citando, esta literatura tenha fornecido base para Armond escrever o seu livro, juntamente à base de Kardec e Chico Xavier/Emmanuel.

Um destes livros, talvez o mais bombástico, seja Mensagens do Astral, ditado por Ramatís entre 1948 e 1949 e publicado em 1956; nele, temos notícias sobre o antigo exílio na Terra dos espíritos expulsos do sistema de Capela, e que são os anjos revoltados, presentes no livro do Apocalipse, estando aí a origem das histórias sobre Lúcifer (Maes, 1996, p. 187). Ramatís assinala que o "astro intruso", ou "planeta higienizador" já se aproximou da Terra há 6.666 anos

¹⁴⁸ Já tratei de Hercílio Maes, médium espírita curitibano, o primeiro a psicografar Ramatís, no capítulo três desta tese.

atrás, quando operou grandes mudanças, e que agora se aproxima novamente, para através de seu magnetismo realizar a verticalização do eixo da Terra e a atração dos inadequados para sua atmosfera, e então novamente se afastará de nosso planeta. Aqueles que emigrarão para o astro intruso, diz Ramatís, são dois terços da humanidade, contando os encarnados e desencarnados: sendo assim, 13 bilhões de seres.

Os que devem emigrar o farão por padrões, e irão constituir raças particulares no planeta intruso. Assim, os "fanáticos, os intransigentes, os mercantilistas e os orgulhosos" das "doutrinas religiosas" serão reunidos em um grupo distinto. Já os "avaros, desonestos, capciosos e astuciosos" formarão outro grupo; da mesma forma os "cruéis, os impassíveis, os malfeiteiros e semeadores de sofrimento"; também os "luxuriosos, os pervertidos, os desvirtuadores da moral costumeira" e finalmente os "zombeteiros, mistificadores, malbaratadores de bens alheios". Todos trazem mazelas semelhantes entre si e se curarão através do "similia similibus curantur" (Maes, 1996, p. 261-262). Ramatís aponta que a expulsão dos que se põem "à esquerda do Cristo" é imperiosa, porque não há mais como a Terra reabsorver os fluidos deletérios emanados pelos maus sentimentos e atitudes deles, e sendo assim o planeta higienizador não só levará os indivíduos, como os seus fluidos ruins, já que "a Terra já principia a exalar magnetismo deteriorado" (Maes, 1996, p. 285-286).

É assinalada a importância desta *limpeza* para que logre sucesso a "segunda vinda" do Cristo, o Arcanjo Planetário da Terra, no terceiro milênio (Maes, 1996, p. 291). A transição planetária é articulada a importância da ação da Grande Fraternidade Branca e seus mestres, sobre a qual aprofundarei mais adiante, a impulsionarem a ascensão de nosso planeta (Maes, 1996, p. 363).

Os elementos presentes nos livros de Kardec, Chico Xavier/Emmanuel, Armond e Ramatís (através de vários médiuns além de Hercílio Maes) fornecem uma base para a chamada "Trilogia" de Jan Val Ellam, ou Rogério de Freitas, dirigente do Grupo Atlan e presença simbólica constante no Grupo Ramatís. Os três livros da série "Queda e Ascensão Espiritual" intitulam-se "Reintegração cósmica – os anjos decaídos", "Caminhos Espirituais – Livre Arbítrio" e "Carma e Compromisso – Filhos das Estrelas", e também fazem referência aos

escritos de Blavatsky¹⁴⁹ sobre as "raças raízes" (Blavatsky 1973), de Leadbeater¹⁵⁰ sobre a vida no planeta Marte e de Alice Bailey¹⁵¹ sobre o "reaparecimento do Cristo".

4.1 JAN VAL ELLAM: "OS TEMPOS CÓSMICOS SÃO CHEGADOS"

Os livros da trilogia trazem-nos mais uma vez para o palco da criação do planeta Terra, que, a exemplo do que nos diz Emmanuel, aqui também se faz pelas mãos de Jesus Cristo. Entretanto, Jan Val Ellam nos revela que Jesus Cristo é um espírito originário da estrela de Capela, portanto, um extraterrestre, e que a colonização de nosso planeta foi feita por seres extraterrenos de sua equipe.

O elemento central da narrativa é um grande conflito acontecido em tempos imemoriais, chamado de rebelião de Lúcifer, que lança o nosso planeta em uma situação de *isolamento* perante o restante do universo; esta narrativa explica a existência astral – e milenar – do Grupo Atlan, assim como do Grupo Ramatís e vários outros grupos chamados de *ascensos*, situa a centralidade da cidade do Natal, remanescente da Atlântida, o "continente perdido"¹⁵² e finaliza com a promessa do retorno de Jesus, a bordo de uma nave espacial, em um futuro muito próximo.

Jan Val Ellam nos conta que existiu um paraíso no início, em tempos há muito idos. Um paraíso do qual perdemos contato e que dele temos lembranças muito vagas. Este mundo perdido é o sistema estelar de Capela, há muitos bilhões de anos coordenado por Jesus, comandante supremo, governador de vários sistemas de estrelas, com seus respectivos planetas. Jesus, chamado de Mestre por todos em Capela, é o Preposto do Pai para a parte de nossa galáxia que chamamos de Via Láctea. A sede da governadoria de Jesus fica no planeta Orbum. Junto a ele

¹⁴⁹ Elena Petrovna Blavatskaya (1831-1891), mais conhecida como Helena Blavatsky, foi uma escritora, filósofa e teóloga russa, co-fundadora (junto a Henry Steel Olcott) da Sociedade Teosófica.

¹⁵⁰ Charles Webster Leadbeater (1847-1934), escritor e maçom inglês. Uma das mais influentes personalidades da chamada Sociedade Teosófica.

¹⁵¹ Alice Bailey: Alice LaTrobe Bateman, mais conhecida como Alice A. Bailey (1880-1949) foi uma pesquisadora e escritora inglesa. Considerada uma das herdeiras da chamada "escola teosófica" fundada por Helena Blavatsky. Escreveu 24 livros, escritos entre 1919 a 1949, sob a orientação do mestre tibetano Djwhal Khul.

¹⁵² Cabe salientar que tanto Natal quanto Atlan são anagramas da palavra Atlântida.

trabalha Jeová (ou Javé), que pertence a "uma das raças planetárias de um dos mundos artificiais do sistema de Vega", sendo, assim, um "veguiano" (Ellam, 1996, p. 146/9; Ellam 1997, p. 76 e 136/7 e Ellam 1998, p. 17). Jesus visita sempre os mundos que governa, e o faz "*em plena glória e majestade*", em "magníficas naves ou outros meios de transporte cósmicos, inimagináveis para o conhecimento terrestre", sempre cercado por seus assessores, seres alados muito evoluídos (Ellam, 1997, p. 139).

A Terra faz parte desta parte do universo governada por Jesus, e foi sob seu comando que nosso planeta recebeu vida inteligente, a partir da chegada de vários humanoides vindos do espaço¹⁵³. (Ellam, 1996, p. 22). Estas levas de humanoides vieram em espírito, sem corpo físico, e encarnaram em *corpos* nativos da Terra, estes, sim, descendentes de símios. Outros chegaram em suas próprias naves espaciais, e misturaram-se com as populações terrenas (Ellam, 1997, p. 72). Para todos, foi doloroso conviver com os *macacos* (1997, p. 74). Jan Val Ellam assim explica a chegada desses seres:

Há três milhões de anos terrestres A.C., aportaram "as primeiras levas de humanoides (seres especialmente preparados para a vida na Terra, possuidores de grande nível instintivo, mas ainda não dotados da luz da razão)". Há um milhão de anos A.C, chegaram quatro grupos distintos e melhorados, resultantes de experiências genéticas, variando "entre sessenta centímetros e dois metros de altura, possuindo todos pele acinzentada". Esses quatro grupos, de quarenta mil indivíduos, foram ajustados à Terra, e o resultado desse ajuste formou a base de humanoides que se juntou então a seres mais evoluídos que chegaram em um segundo momento para formar a humanidade futura. (Ellam, 1996, P. 134).

Há novecentos e cinquenta mil anos A.C., chegou mais uma leva, em comboios siderais. Estes ainda eram espíritos simples e ignorantes, mas um pouco mais adiantados em relação àqueles que estavam na Terra, e encarnaram nos corpos desses últimos. E há oitocentos mil anos A.C., chegou uma equipe de seres bastante mais evoluídos, de diversas origens planetárias, que depois de adaptações em seus corpos físicos, puderam se ajustar à atmosfera densa da Terra. Estes chegaram em suas próprias naves, e o objetivo deles era ajudar na melhoria da Terra, no que então passou a se chamar de "projeto planeta azul". (Ellam, 1996, P. 134).

¹⁵³ Jan Val Ellam compartilha da posição daqueles que sustentam que a humanidade não tem parentesco algum com os símios. Nos primeiros escritos de Kardec também se encontra esta tese, porém, nos posteriores ele tenta ajustar-se à teoria da evolução de Darwin. Para as dificuldades de Kardec em adequar a sua doutrina aos avanços científicos de sua época, ver Stoll (2003).

A Terra, nesse momento, passou de planeta insignificante a mundo de grande importância¹⁵⁴, pois era chegado o momento de pôr em prática o plano longamente arquitetado pelos engenheiros siderais, da construção de um "portal interplanetário", uma das grandes "bases" de saída desta galáxia rumo ao espaço exterior. Isto, ao ser feito na Terra, transformaria o nosso planeta num planeta-plataforma, fazendo-o ascender a "lugar de confraternização de várias raças planetárias evoluídas" (Ellam, 1996, p. P. 19). A razão da construção neste lugar era a posição estratégica da Terra, exatamente na **esquina da galáxia**. Era este o Projeto Planeta Azul. E, sob a coordenação de Jesus, todos festejavam o momento ímpar. (Ellam, 1996, P. 26 e Ellam 1998, 17 a 32).

Em nossa estória, há seis personagens centrais. Destes, três são do planeta Zian, e pertencem à família Val: Val Ellieh, Val Elliah e Val Ellam. Dois pertencem ao planeta Dan: Yel Luzbel e Yel Liam; há ainda Len Mion, também vinculado ao planeta Dan (Ellam, 1996, p. 36). Há que se dizer que Orbum é o mundo mais desenvolvido de Capela, sendo os planetas Dan e Zian os mais atrasados.

Ora, nos diz Jan Val Ellam que os habitantes do planeta Zian são muito versados no que chama de "busca, codificação e repasse de informações gerais" do resto da Via Láctea para o ministério que poderia ser chamado de *Relações Exteriores*. E em Zian, na época em apreço, havia uma equipe que se deslocava constantemente realizando esta tarefa. Era uma equipe formada por 736 indivíduos, chamados de *família Val*¹⁵⁵ ou *grupo Val*. Estes "deslocavam-se em três grandes naves e, com o tempo e os trabalhos desenvolvidos tornaram-se uma espécie de *equipe especial*" (Ellam, 1998, p. 33/35). Destes, houve cinco indivíduos que se destacaram, tendo os três personagens acima (Val Ellieh, Val Elliah e Val Ellam) bastante importância.

A família Val convivia diretamente com Jesus, e, "devido à necessidade imperiosa deste, de permanecer muito tempo em Orbum", frequentemente convidava "alguns membros desta equipe para que lhe visitassem". Quando isso ocorria, um dos personagens pertencentes à família

¹⁵⁴ Há ainda uma estória mais antiga, ocorrida na Terra há tempos imemoriais, e Jan Val Ellam diz que esta um dia ainda será contada.

¹⁵⁵ O leitor deve perceber que em "Capela", assim como no livro Nosso Lar, de Francisco Cândido Xavier (1983) há "famílias" de espíritos, reunidos por afinidade, que trabalham juntos, formando os seus próprios grupos de atividade. Para uma aproximação à ideia espírita de família no além tumulo, e os pressupostos da *obediência* e do *amor puro*, ver Madureira (2008a).

Val - Val Ellam - sempre levava consigo o seu velho mestre codificador¹⁵⁶ (...). Esse ser – pertencente a uma outra família cósmica – era "muito respeitado e mesmo venerado por todos os capelinos. Era um dos poucos que o Mestre convidava para acompanhá-lo, quando de suas incursões por mundos ainda mais adiantados que o próprio planeta Orbum". [esse ser] "era mestre (...) na chamada *arte da codificação cósmica*", o ato de registrar a presença da divindade nos produtos da criação, em todos os mundos. Algo como *carimbar* em todos os seres e coisas: "*made in Deus*". (Ellam, 1996, p. 38).

O velho codificador era um ser "já possuidor de unidade com o Pai, mas que escolhera, voluntariamente, trabalhar nos mundos em evolução, sem ocupar qualquer cargo ou função de mandatário celeste"¹⁵⁷. (Ellam, 1998, p. 37/38). A família Val, em especial Val Ellam, trabalhava, assim, no que se chamava de *codificação*, junto ao velho mestre codificador do planeta Zian.

Estamos em aproximadamente setecentos e quarenta e dois anos mil antes de Cristo, e é nesse momento que é iniciada uma rebelião, o divisor de águas desta estória. O leitor deve recordar de Yel Luzbel, já referenciado anteriormente. Ele era um espírito muito evoluído. Pertencente à família Yel, natural do planeta Dan, era especializado – assim como todos de sua família¹⁵⁸ - no "estudo e desenvolvimento de padrões mentais de percepção", e mesmo amando muito Jesus, começou a questioná-lo sobre a existência de Deus.

Seus questionamentos fazem eco nas consciências de muitos indivíduos dos vários mundos do sistema, e Luzbel passa a agregar junto a si, um conjunto de espíritos levados também por emoções descontroladas, como a inquietação, a rebeldia e o orgulho. É importante apontar que vários membros da família Val, dentre eles os três já citados, passam a fazer parte ativa deste movimento rebelde. Ora, em suma, os questionamentos de Yel Luzbel eram:

Porque ele não conseguia conceber a Deus? Se Deus não era a Sua própria obra, onde estava Ele? Por que o Mestre Jesus havia sido escolhido pelo Pai para ser o Seu preposto? Como esse *decreto divino* podia ser provado e comprovado? Onde e como conferir a assinatura de Deus nessa concessão de governança de parte do Universo

¹⁵⁶ Atente-se que *codificador* é um termo caro aos espíritas, já que designa precisamente a figura de Allan Kardec.

¹⁵⁷ A estória do "velho codificador" repete o mito de Bezerra de Menezes, de que este teria créditos para definitivamente residir em um mundo mais evoluído, mas não vai por puro amor que têm pelos seus irmãos de jornada no planeta inferior onde habita, e, assim, permanece na Terra, mundo de provas e expiações.

¹⁵⁸ A essa mesma família pertencia Yel Liam, a quem farei referência mais tarde.

ao Mestre Jesus? Por que confiar simplesmente nos altos mandatários do Pai que, de tempos em tempos cósmicos vinham até os mundos-sede dos sistemas governados pelo Mestre atestando e confirmado a excelsa origem e nível espiritual ímpares do Mestre Jesus? (Ellam, 1996, p. 28 - grifos no original)

Luzbel e seus seguidores seguiram propagando seus questionamentos em vários mundos, sustentando que a figura de Deus não existia, sendo este mito criado para que sob este nome alguns seres pudessem exercer a governadoria celeste. Durante sessenta e oito mil anos, vários seguidores de Luzbel propagaram as ideias da rebelião em vários orbes.

Luzbel será conhecido em tempos mais recentes como **Lúcifer**, e a rebelião que inicia leva bo seu nome, rebelião essa que trouxe consequências extremamente danosas para muitos mundos e, em especial, para o nosso planeta, mudando o seu destino para sempre. (Ellam, 1996, p. 31 e 134). É importante assinalar que o primeiro planeta que ostentou a bandeira do movimento rebelde foi Alt'Lam, um mundo do sistema de Antares. Além de Antares, cinco dos sistemas planetários que possuíam vida físico-material "nesta parte do universo" tiveram relação direta com a história da Terra, referente a este movimento: Tau Ceti, Vega, Epsilon Eridani e Capela (Ellam, 1998 p. 85).

Frente à rebelião de Lúcifer, que Jan Val Ellam chama de "rebelião do orgulho", a postura de Jesus foi deixar que os rebelados dessem livre vazão aos seus questionamentos, para não interferir em seu livre-arbítrio. Ainda que soubesse que poderia prender a todos e interná-los em alguma "mansão cósmica de repouso e reflexão", sendo ele o preposto maior de Deus naquela área do universo, e, pois, "puro amor", não deveria fazê-lo. Porém, em seiscentos e dezenove mil anos A.C., os mundos que têm mais da metade de sua população apoiando a rebelião de Lúcifer são isolados da convivência cósmica. É quando são cortados os meios de comunicação e os "circuitos de convivência e deslocamentos siderais" entre estes e os vários sistemas de mundos. Dentre os planetas em isolamento, estava a Terra, um dos planetas mais atrasados, porque só há pouco tempo havia recebido população própria, caracterizando-se por uma "psicosfera" bastante pesada. Foi, então, um dos lugares onde Lúcifer, para "dificultar a penetração das mensagens de luz e renovação espiritual", concentrou sua resistência. E o "planeta azul", destinado que estava, anteriormente, a ser um centro estratégico importante, tem então a maioria de sua população influenciada pelos luciferianos, e dessa forma cai em um vertiginoso processo de estagnação e decadência (Ellam, 1996, p. 134).

Mas a rebelião continuava, e mais dois de seus personagens principais serão apresentados. Do planeta Dan, do seio da família Yel, a mesma de Lúcifer, surge a figura de Yel Liam. Espírito extremamente inteligente, central no desenvolvimento da rebelião. Conta Jan Val Ellam que Yel Liam, ao passar em um dos mundos de Tau Ceti, encontra-se com Len Mion, e, juntos, estes dois passam a incitar e fortalecer os ideais luciferianos em vários mundos de Capela, como Arden, Dan, Zian e Mollen, assim como em mundos de Vega e de Tau Ceti, em especial no mundo morada de Len Mion: Gron Mion. (Ellam, 1998 p. 86). Cabe dizer que estes dois espíritos – Yel Liam e Len Mion – serão conhecidos pelas gerações futuras pelos nomes de Satã e Judas Escariotes. Após milhares de anos de rebelião, Jan Val Ellam aponta as consequências do isolamento, para os habitantes dos planetas rebelados:

Profunda estagnação em nível de desenvolvimento, tanto no campo da evolução moral-espiritual quanto nos aspectos referentes ao progresso mental nas áreas da tecnologia e ciências em geral. Seus habitantes começaram a perder a noção de padrão evolutivo da vida cósmica devido ao isolamento que lhes foi imposto, os que os tornou ainda mais revoltados. Mergulhados cada vez mais em ambientes energéticos densos e de vibração pesada, aqueles seres, acostumados à vivência em condições magnéticas de altíssimo nível, comum aos mundos que frequentemente habitavam, perturbavam-se mais e mais na convivência com apetites e necessidades grosseiras que passaram a caracterizar o triste cotidiano reencarnatório dos rebelados (Ellam, 1996, 34/35).

Algo que também passou a caracterizar as populações dos planetas isolados é o que Jan Val Ellam chama de "vazio existencial", sentimento que se disseminou rapidamente entre os indivíduos, levando-os a um estado de tristeza e sofrimento profundos, e sendo identificado como uma doença, um "câncer vibratório", mas diagnosticado pelo nosso narrador como "ausência de fé"¹⁵⁹. (Ellam, 1998 120/121)

Ocorre que neste momento, onde o tal vírus do vazio se apresentava como uma epidemia, é a família Val a apontada como responsável por sua disseminação, sendo então expulsa do sistema de Antares, a sede do governo rebelde. Esse fato fez com que os Val se rebelem contra a própria rebelião, e em seu orgulho ferido dirigem-se então para a Terra, de onde já tinham conhecimento, pelo fato de terem efetuado em tempos idos alguns trabalhos de pesquisa neste planeta. (Ellam, Trilogia p. 41/45 e 122).

¹⁵⁹ Ele retoma a noção de "vazio" do Livro dos Espíritos e do Evangelho Segundo o Espiritismo e também de Emmanuel em A Caminho da Luz. Vazio ante o plano espiritual que ficou no passado e que dá saudade, e vazio ante Capela, o mundo de origem.

Ocorre que, conforme iam passando os milênios, várias populações dos mundos rebelados se arrepentiam publicamente das críticas feitas à governadoria de Jesus e eram, então, libertadas do isolamento. Porém, havia sempre uma minoria de "renitentes" e "empedernidos rebeldes" que não se rendiam. Esses iam sendo agrupados em mundos ainda mais atrasados (Ellam, 1996, p. 37). Sendo a Terra um destes planetas, ela recebeu, durante muito tempo, levas e levas de exilados de expurgos planetários consequentes à rebelião. Muitos vinham no estado de espíritos desencarnados; outros aportavam em naves espaciais. Foram estes seres que fundaram a civilização atlante.

Também para a Terra foi enviado Lúcifer, junto a suas hostes¹⁶⁰. O processo de envio de espíritos expurgados para a Terra permaneceu por longos tempos, ainda, até que, em cem mil anos A.C. o nosso planeta passou a ser "o último e único planeta rebelado. A partir de então, tudo o que restava das forças conscientes da falange de Lúcifer estava congregado na Terra" (Ellam, 1996, p. 134).

Em sessenta e três mil anos A.C., ocorre o primeiro grande desastre atlante, e com ele, a decadência quase total da civilização planetária. A Terra entra então em um "período de impasse energético jamais percebido pelas hostes da Deidade que perdurou por cerca de vinte e três mil anos". É quando em quarenta mil anos A.C., para efetuar uma "ajuda direta"¹⁶¹ ao desenvolvimento da Terra, aportam aqui "cerca de 5 bilhões de individualidades, sendo alguns poucos em suas próprias naves e a grande maioria em estado de espíritos desencarnados" (p. 135). Eram remanescentes tanto ainda da rebelião de Lúcifer, quanto de outros processos de expurgos de outros mundos, e vieram de Capela, Antares, Epsilon Eridani, Vega e Tao Ceti. Esses últimos que chegaram passaram por um processo de "equalização energética" dos seus corpos espirituais, para que se adaptassem ao ambiente mais primitivo da Terra. Eram rebeldes e inquietos moralmente, mas "detentores de alto nível de conhecimento tecnológico".

O tempo de vida deles era bem maior do que o dos terráqueos, e quase todos foram colocados em Atlântida. Essa era a "segunda tentativa atlante", e realmente nesse período esta civilização conseguiu chegar a níveis de desenvolvimento muito avançados, mesmo para o

¹⁶⁰ A chegada de Lúcifer ao planeta Terra é um elemento importante neste mito, e a ele me deterei mais à frente.

¹⁶¹ A chegada nas naves é chamada por Jan Val Ellam de "ajuda direta". Esta categoria nativa designa a chegada de seres evoluídos em naves espaciais, para auxiliar as humanidades dos vários mundos retardados evolutivamente.

terráqueo de hoje. Suas naves até conseguiam ir a alguns pontos de nosso sistema solar. Foi, porém, há doze mil anos A.C., quando os atlantes estavam se preparando para ir além, que aconteceu a grande e última catástrofe desta civilização, e que Ellam contará em outra oportunidade, mas que tem a ver com o fato de os atlantes não terem nunca desejado a mistura com os terráqueos. O fim da Atlântida assinalou o retorno da Terra à mais absoluta estagnação tecnológica e moral (Ellam, 1996, p. 43/49, Ellam, 1998, p. 134/135)

Nesse momento - há doze mil anos A.C., haviam três grupos de espíritos na Terra: a) a falange de Lúcifer; b) uma segunda falange composta de indivíduos presos à carne, e afeitos à violência e a necessidades materiais, além de desequilibrados em termos de energia psicossexual e envolvidos em explosões psíquicas violentas e animalescas, em suma, seres ligados à desarmonia e ao desamor e c) a falange dos seguidores do Mestre. As duas primeiras digladiavam-se entre si e contra os representantes da corrente fraterna.

A derrocada da Atlântida leva a espiritualidade superior a dar mais uma chance à Terra. É quando, há onze mil anos A.C., se dá a chegada da última leva de exilados, proveniente de expurgos retardados dos sistemas de Capela e Antares. Todos chegam no estado de espíritos desencarnados. Também se dá nesse momento a encarnação de vários emissários do Mestre Jesus "entre os egípcios, hindus, chineses, gregos, celtas, hebreus, sumérios e outros povos mesopotâmicos, e em outros agrupamentos, em especial no oriente" (Ellam, 1996, P. 50 e 135).

Mas a cultura atlante não havia desaparecido completamente. Vários de seus elementos sobreviveram e alimentaram as nascentes civilizações da Índia, do Egito e da Grécia. Além disso, Jan Val Ellam afirma que os grupos de aparência racial distinta na Terra, se conformaram a partir das diferentes origens planetárias dos diversos exilados, os múltiplos acasalamentos ocorridos entre eles e as experiências genéticas efetuadas pelos atlantes. Assim, as distintas culturas humanas têm origem nas diversas origens cósmicas, de onde os agrupamentos de seres extraterrestres vieram. (Ellam, 1996, p. 141-144).

Estes são os grupos remanescentes do desastre atlante: alguns se misturaram a grupos já existentes no continente americano - mas que tinha vindo de fora da Terra - formando os peles-vermelhas americanos, os incas, os índios brasileiros, os maias, os toltecas e os astecas; houveram também atlantes que se uniram a um certo grupo extraterreno proveniente do planeta Ra Am, formando o Egito antigo; outros atlantes guerreararam com exilados do planeta Mathab,

de Antares, e se congregaram na Índia; os conflitos descritos pelos Vedas contam painéis dessa história. Estes formaram os hindus. Alguns outros atlantes se uniram a espíritos provenientes do planeta Zaus-Maha, também de Antares, formando o império persa; mas alguns atlantes se misturaram a um povo que no futuro formou a cultura helênica; outros atlantes ainda se juntaram a remanescentes de exilados da raça amarela vindos de dois mundos de Antares, os planetas Clon e Chlin, formando no futuro a Coréia e a China, respectivamente; houveram ainda descendentes de atlantes que se misturaram com focos de exilados, todos da raça negra, também provenientes de três planetas do sistema de Antares, a saber, Bainim, Beltim e Bo-Im, formando três dos principais grupos étnicos africanos; e houve ainda a raça Lemus, vinda também do espaço, e que se espalhava em duas bases no Pacífico, e um outro grupo que iria ser depois o povo sumério, do qual surgiria mais tarde a civilização mesopotâmica. (Ellam, 1998, p. 211/212)

Também passaram a encarnar na Terra, a partir desse período, até a atualidade, vários "mestres" de Capela, de Vega e de outros "recantos cósmicos", para ajudar o nosso planeta. Alguns destes foram Krishna, Moisés, Zoroastro, Confúcio, Buda, Maomé, Rama, Orfeu, Hermes, Lao-Tsé, Mêncio, Pitágoras¹⁶², Sócrates, Platão, Aristóteles, Antonio de Pádua, Francisco de Assis, Mahatma Gandhi. Todos extraterrestres, sob a coordenação de Jesus. O único que jamais encarnou foi Jeová. (p. 141-5). Ora, há sete mil anos A.C, havia

Quatro troncos raciais no planeta: a raça branca, concentrada nas florestas do continente europeu; a raça negra, na África, a raça amarela na Ásia e a raça vermelha primitiva no continente americano. Todas as demais variedades da Humanidade terrena resultam de misturas, de combinações, de degenerescências ou de seleções dessas quatro raças matrizes.

Diz Val Ellam que nessa época iniciou-se a cultura mais atual dos "deuses" que conviviam com os humanos e que estão presentes nas tradições grega e mesopotâmica. Yel Luzbel e Len Mion eram dois desses chamados deuses que, dos ambientes astrais, dominavam a Terra. É quando, há quarenta mil anos A.C., Jeová assume a direção da Terra, buscando exterminar os sentimentos e emoções desordenadas que assolavam a humanidade: violência, animalidade, orgulho, rebeldia, desamor, intolerância, luxúria, ódio. O seu objetivo era preparar os espíritos humanos para a chegada de Jesus (Ellam, 1996, p. 52). Esta chegada estava programada para acontecer há três mil anos A.C.; ele deveria ter vindo em uma nave espacial para efetuar uma

¹⁶² Que é Ramatís em uma de suas encarnações.

chamada *ajuda direta*. Porém, "devido às condições energéticas reinantes", isto não ocorreu. Então, mais uma vez, "tudo voltou à estaca zero";

O Mestre e sua comitiva não mais viriam à Terra com seus corpos eternos e suas naves maravilhosas para, através de um processo de ajuda direta, abraçar, esclarecer e estimular a todos aqueles espíritos infelizes e equivocados (Ellam, 1996, P. 53-54).

É quando a encarnação de Abraão assinala uma "nova possibilidade de redenção terrestre", ele que é o padrinho espiritual dos encarnados e desencarnados na Terra, desde dois mil anos A.C. Foi ele o espírito encarnado que preparou a vinda de Jesus; porém, do plano astral, todo o processo foi entregue a Jeová, o veguiano, um prelúdio que tomou como base a fundação de uma religião monoteísta: esta foi a centralidade do trabalho de Jeová junto a Abraão. Também são tidos como fundamentais, em termos de assinalar os fenômenos de contato cósmico desta época, os eventos mediúnicos empreendidos por Jeová e sua equipe com alguns "encarnados de melhor nível vibratório"; é o caso de Moisés e os episódios da "sarça ardente" e da entrega dos dez mandamentos no monte Sinai, Ezequiel e a visão das naves, inscrita na famosa descrição da *roda grande entrando dentro da menor*, Elias e sua descrição do *carro de fogo* e o sonho de Jacó, onde ele aparece subindo uma escada e depois lutando com um anjo, que em verdade, era a lembrança onírica de sua abdução. Jeová também ativou nos cérebros ou corpos de algumas pessoas, habilidades como "a estupenda força de Sansão, a lírica habilidade de Davi, insuspeitada num guerreiro inculto, a prodigiosa capacidade intelectual de Salomão". (Ellam, 1996, p. 56-59)

Jan Val Ellam descreve vários séculos de luta entre Jeová e os exércitos de Lúcifer, até que em trezentos anos A.C., se dão as últimas intervenções de seres de outros mundos no contexto terreno, com a conclusão da tarefa de Jeová e sua retirada deste ambiente juntamente com sua equipe. Isto acontece às vésperas da encarnação de Jesus¹⁶³ (Ellam, 1996, p. 71 e 135). A retirada de Jeová para o astral fez com que Lúcifer se sentisse "vitorioso e glorificado, como uma espécie de *príncipe terrestre*" (Ellam, 1996, p. 75). E Jesus encarna na Terra. Em uma passagem emblemática de seu estilo, algo emmanuelino, Jan Val Ellam explica-nos porque Jesus ter tido que encarnar:

¹⁶³ Os extraterrestres permanecem, assim, "sem dar mostras de sua presença durante cerca de dois mil e duzentos anos". Eles voltam a "se apresentar", "a partir de certo momento do séc. XX", já no "planejamento" atual de "reintegração da Terra à convivência cósmica" (1996, p. 71 e 135).

Ele, que não mais podendo vir, devido às condições energéticas do orbe, em Seu estado normal de Ser Cósmico Preposto da Deidade, em toda a Sua Glória e Poder pessoais juntamente com Suas hostes de assessoramento, com suas múltiplas naves siderais para abraçar e contatar objetivamente a toda comunidade planetária através do processo de ajuda direta resolveu escolher e preparar um dos segmentos humanos para, em se despojando de toda a Sua condição majestosa de Preposto do Pai, ali mergulhar como um ser em evolução qualquer, possibilitando, assim, a única maneira disponível de ajuda à comunidade terráquea. É provável que em um futuro próximo, possamos, todos nós, entender o sacrifício e grandeza amorosa do ato do Mestre em Sua decisão de aqui vir nas condições em que veio. O incrível é que, ao juízo do autor terreno da presente obra, e, salvo engano deste, também dos mentores espirituais, o Mestre não tinha que proceder dessa forma, mas assim Ele o fez para diminuir o sofrimento coletivo de todos e apressar o processo de redenção dos seguidores de Lúcifer. (Jan Val Ellam, RE, p. 71)

Cabe dizer que Jesus, mesmo sendo *uno* com Deus, não precisaria vir à Terra *na carne*. Contudo, por amor, teria tomado a decisão de "mergulhar no nível físico-material mais pesado e atrasado dentre todos os mundos daquela época". Ora, para fazer-nos entender este sacrifício, Jan Val Ellam diferencia *ajuda direta* (chegada nas naves) e *indireta* (através da encarnação): no caso da ajuda direta, para o ente superior nada de ruim acontece; ele chega na sua nave com "toda sua condição energético-pessoal", mas no caso da ajuda indireta "o ser se despoja dos seus atributos e conquistas cósmicas e diminui a si mesmo para poder encarnar em corpos menos sofisticados, submetendo-se completamente ao ambiente e às condições que o rodeiam". Foi isto a que Jesus se submeteu (Ellam, 1996, p. 57). É assinalado também que a encarnação de Jesus se dá através de uma "inseminação artificial cósmica", efetuado no corpo de Maria, em virtude de não haver ente masculino ao nível evolutivo dela.

Ora, nos primeiros anos da vida de Jesus, Lúcifer suspeitou de um plano de ajuda indireta que buscava proporcionar a encarnação de uma entidade muito elevada entre os hebreus, e imaginando seria Jeová quem encarnaria, investiu pesado no ataque a este último, que precisou de "energia de altíssima voltagem" fornecida pelos "conselhos celestes". Esta energia o revestiu de uma "couraça magnética" e armas de pesado aspecto, o que atemorizou alguns encarnados que o viram, pensando tratar-se do próprio Deus. Por isso o chamaram de "Senhor dos Exércitos".

Lúcifer investiu também no ataque ao povo hebreu, encaminhando a encarnação de vários espíritos rebelados de seu grupo no seio deste povo, e este é o pano de fundo da história de grandes conflitos ocorridos. Isto significa dizer que tudo que os hebreus sofreram - a diáspora, as perseguições religiosas, a inquisição medieval, o preconceito, o holocausto da II Guerra Mundial

e a "falta de sossego em que até hoje vivem os filhos de Israel" - se deve ao seu pacto com a rebelião de Lúcifer. (Ellam, 1996, p. 61-65)

Porém, depois de alguns anos observando do plano astral os hebreus, Lúcifer percebeu com surpresa a "condição energética" daquele que era chamado de João Batista, ao lado de um outro, de energia muito mais elevada. O encontro destes dois homens atraiu Lúcifer e seus seguidores ao rio Jordão, ao momento do batismo de Jesus. Estes ficaram "chocados e inquietos com a majestosa energia de altíssimo padrão vibratório que dominou o ambiente durante alguns momentos". (Ellam, 1996, p. 72)

Após este incidente, Lúcifer passou a monitorar os passos de Jesus, acompanhando a sua trajetória evangelizadora, até o seu calvário e crucificação. O ponto alto é o momento da morte de Jesus, quando este oferta o seu último olhar, antes da morte, para Lúcifer, dirigindo-lhe palavras em linguagem capelina. É só nesse momento que ele reconhece Jesus como o seu comandante do astral, em tempos imemoriais, e percebe-se pequeno e insignificante, frente ao nível evolutivo do Mestre. Arrepende-se, é abraçado por Jesus – já em espírito, fora do corpo - e jura que trabalhará incessantemente para desfazer todo o mal que fez, resgatando todos o que o seguiram, para o caminho da luz. Jan Val Ellam acrescenta que não tem certeza se Lúcifer, entretanto, aceitou a existência de Deus.

Este trecho é narrado em um tom bem reconhecido pelos espíritas, o estilo do "romance de conversão". Está em "Renúncia", de Chico Xavier/Emmanuel, e em "Laços Eternos", de Zíbia Gasparetto/Lúcius. O relato de Jan Val Ellam do momento em que Lúcifer reconhece Jesus, arrepende-se e pede perdão (Ellam, 1996, p. 83/84) aproxima-se muito, também, de uma passagem da literatura nativa muito referenciada pelos espíritas, que está no livro "Paulo e Estevão", de Chico Xavier/Emmanuel¹⁶⁴.

Com a rendição de Lúcifer no ano vinte e sete D.C., há o término de sua rebelião. Porém, não se entregam outros rebelados. Este é o caso de Satã, que toma o lugar de Lúcifer e passa a ser o comandante-mor das trevas, vindo a praticar "atos mais negativos e mais negros do que os

¹⁶⁴ Nesta passagem, o judeu Saulo, perseguidor dos cristãos (que depois adota o nome de Paulo de Tarso), em caminhada à cidade de Damasco, encontra Jesus, em espírito, "revestido de imensa majestade", e este a ele pergunta: "Saulo, Saulo, porque me persegues?". Saulo, então, reconhece-o como seu senhor, converte-se (pronunciando a frase "Mestre, o que queres que eu faça?") e então fica temporariamente cego. Em um momento depois, Paulo de Tarso passa a ser o maior propagador do cristianismo primitivo.

do seu inspirador", tratando os que se converteram a Jesus como traidores e perseguindo-os. Satã é o grande responsável por todos os importantes conflitos, massacres, guerras e perseguições que se tem notícia na história da humanidade, desde a perseguição dos primeiros cristãos até a guerra fria e a ameaça da destruição nuclear do planeta (Ellam, Trilogia p. 84-86 e 135).

A diferença entre Lúcifer e Satã é que Lúcifer "lutava por uma ideia – conquanto enganada e desvirtuada pelo orgulho e autossuficiência. Lúcifer era um líder, era um rebelde, digamos, um *guerrilheiro político* do cosmos (...). Já Satã tornou-se meramente um chefe de bandidos, um criminoso inveterado, que não lutava por nada mais, senão por vingança e desespero" (Ellam, 1996, p. 86/87).

Ao término da rebelião de Lúcifer, percebe-se que o longo processo de isolamento cósmico, junto com a tendência à postura orgulhosa, embruteceu os terráqueos, encurtando o seu horizonte mental perceptivo, distorcendo o seu senso de realidade, criando posturas mentais estacionárias. Faltava a retidão moral, o ponto fundamental, mais importante ainda do que paz, a mansuetude, o carinho, o amor. É então dada uma nova oportunidade para a reintegração da Terra ao contexto sideral, e grandes vultos passam a reencarnar para alavancar esta ascensão. A Terra continua sem ter condições de nenhuma nave aqui aportar. Mesmo assim, algumas delas chegaram e estacionaram próximas ao planeta, e algumas na Terra mesmo, no fundo dos oceanos, principalmente. Inúmeras estão nestes locais até hoje, aguardando apenas o momento de se fazerem perceber (Ellam, Trilogia 97-100)

É no contexto de "imbecilidade mental" e "idiotice espiritual" do período da inquisição medieval, então, onde a única luz possível era a das fogueiras, que vários extraterrestres encarnam, como emissários de Jesus: São Jerônimo, Santo Ambrósio, São Eduardo Magno, Santo Agostinho, o pensador cristão Boécio, São Bonifácio. Também Carlos Magno, Francisco de Assis, Antônio de Pádua. (Ellam, 1996, p. 100-101 e II, p. 22)

4.2 ESPIRITISMO E EXTRATERRESTRES

Neste ponto do relato, no primeiro volume da Trilogia, chega-se a um momento decisivo. No capítulo Reintegração Cósmica, o leitor entende que está chegando à moral da história, onde

saberemos onde afinal estamos hoje, e o que nos aguarda num futuro muito próximo. E Ellam nos adverte: "Repentinamente, ao olhar mais desavisado", surge a "Codificação Espírita, dizendo que antes de crer era necessário compreender. Estava lançada a chamada fé raciocinada"; a partir daí, tivemos a presença do espiritismo, cabal para o momento atual de reintegração da Terra ao universo.

Explica o nosso autor que os espíritos superiores jamais quiseram transformar todos os terráqueos em espíritas, porque "sabem da intolerância humana" e "não são ingênuos". Quiseram, sim, com o espiritismo, espiritualizar e esclarecer. Mas ao lado disso, o espiritismo trazia também, já em seu nascedouro, o objetivo de atender, de assistir os seres. E assinala a centralidade absoluta dos trabalhos de desobsessão levados a cabo pelo movimento espírita e seus trabalhos de desobsessão, na limpeza do orbe, preparando-o para a reintegração cósmica. A Terra se tornava um "planeta-hospício" ou "planeta-hospital", e o "intercâmbio entre vivos e mortos" empreendido pelo espiritismo é "o que de mais moderno e ético existe em termos de procedimento responsável para esse processo"; este trabalho "desentoca" os irmãos estacionados em "profundíssimas regiões dominadas pelas trevas", e depois os assiste, ajuda-os e aloca-os "em nível existencial paralelo próximo à Terra, para posterior exílio" (Ellam, 1996, p. 109-115). Os resultados obtidos pelo espiritismo com a limpeza astral da Terra aparecem na notícia de que, finalmente, após os anos 1940, os extraterrestres voltam a se comunicar conosco (Ellam, 1996, p. 136).

Diz Ellam que os extraterrestres nada mais são do que *irmãos queridos* dos quais descendem todas as "raças" terráqueas, e às vezes atrapalham os médiuns videntes mais preparados, que os confundem com espíritos de homens terrenos desencarnados. Mas está claro que são eles os coordenadores do processo atual de transição planetária, e é a "raça capelina" que está na ponte de comando. É fundamental assinalar, para nosso relato, algo que Jan Val Ellam reconhece e que relata como sendo incomum e pouco aceito em "reuniões espíritas kardecistas": a revelação de encarnações passadas dos indivíduos.

Foi no ano de 1989 que a espiritualidade maior assinalou o marco inicial do primeiro instante do terceiro milênio. Mais do que um divisor de períodos astrais, este foi o início da "tentativa final", no atual processo da "segunda vinda": ocorre que, em um trabalho de

"desobsessão profunda" desenvolvido por um grupo espírita do qual fazia parte Jan Val Ellam¹⁶⁵ que em 1993, Satã foi finalmente vencido (Ellam, 1996, p. 86 e 136).

Após a vitória do Bem sobre Satã, ficou mais próxima a volta de Jesus, diz-nos Ellam. E ele virá "com toda a Sua majestosa simplicidade de Preposto Maior do Pai Amantíssimo". É preciso lembrar que Jesus sempre viaja a bordo de naves, com assessores, e "é o que ocorrerá quando da sua Grande Vinda, que é o retorno por Ele prometido quando esteve vivendo na Terra com um simples homem" (Ellam, 1997, p. 139).

Assim, Jesus voltará a bordo de uma nave espacial, pilotada por Ashtar Sheran, comandante-em-chefe das armadas celestiais¹⁶⁶. Ele será visto por todos do planeta, e aportará em toda a sua majestade, acompanhado de suas hostes angélicas, do calibre de Gabriel, Rafael, Armando, Zoroastro, Lucas, José, Maria, João, Thiago, Buda, Krishna, Sócrates, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Elias, Enoch, Jonas, Hermes Trimegisto, além de "outras classes de seres", os extraterrestres, irmãos muito amados e protetores da Terra (Ellam, 1998, p. 128, 130 e 166).

A volta de Jesus assinalará o fim da quarentena cósmica. Mas não será o fim do mundo, pois ainda que tenha havido diversas profecias anunciando este fim, elas felizmente não se realizarão, e isto se deve ao "sinal de Jonas" que a Terra recebeu. Ora, a estória do "sinal de Jonas" é contada no Novo Testamento, em Mateus 12, 39-42 e Lucas 11, 29-32, e diz respeito ao mandado que Jonas recebe de Jeová para que avisasse à cidade de Nínive que deveria fazer penitência e se arrepender, caso contrário, seria destruída. Nínive fez o que Jonas mandou e foi salva. O mesmo não aconteceu com Sodoma e Gomorra, que foram destruídas¹⁶⁷ (II 158 a 161). Da mesma forma, algo como o "sinal de Jonas" foi dado à Terra pelo cristianismo e pela doutrina espírita. Além disso, o trabalho incessante dos trabalhadores da seara do Cristo, espíritas e não espíritas desde meados do séc. XX, na limpeza magnética do planeta, através do resgate de hordas imensas de espíritos das regiões umbralinas – já mencionada neste trabalho – levou a Terra a superar o perigo de destruição.

¹⁶⁵ Contarei sobre a única vinculação de Jan Val Ellam a um centro espírita de Natal, ocorrido nos anos de 1990, quando da exposição da carreira religiosa deste médium.

¹⁶⁶ Tratarei de Ashtar Sheran, da Confederação Galáctica e das Armadas Celestiais quando examinar a reunião do Grupo Ramatís.

¹⁶⁷ Jan Val Ellam afirma que esta destruição se deu em virtude da disseminação de um vírus fatal entre a população das duas cidades, que foi o vírus do orgulho.

Ainda que continuem acontecendo catástrofes climáticas, choques de asteroides e de cometas, o "espírito do planeta" voltou a respirar mais aliviado, o "câncer que desagregava e corrompia os corações" foi "extirpado" e não haverão mais guerras mundiais ou fim do mundo. O que haverá é o retorno fraterno de Jesus e a expulsão dos renitentes no mal para mundos que guardem afinidade com suas inclinações grosseiras (idem, p. 162-163).

Ao chegar, o que ele fará é "brilhar a Sua luz para que possamos ver, todos nós, a Luz do mundo". (Ellam, 1996, p. 167) Sua chegada será decisiva para que na metade do séc. XXI não haja mais na Terra mais nenhum espírito "tendente à criminalidade", apenas aqueles "aptos à convivência fraterna", "homens e mulheres de boa vontade". Terminará, assim, o "expurgo planetário", e a Terra "passará a ter um padrão de convivência cósmica que nem os mais arrojados e vanguardistas dos escritores de ficção do tempo presente poderiam imaginar" (Ellam, 1996, p. 169). E nos diz Jan Val Ellam, citando várias passagens da bíblia:

Por fim, nos é informado que haverá um dia neste planeta como nunca houve outro antes. Assim como, ao observarmos um fruto maduro ainda preso à árvore, prestes a cair no chão, sabemos que a qualquer momento este fruto deverá cair, embora não possamos precisar com exatidão o dia nem a hora, tal é a expectativa quanto ao início do processo das visitas preliminares da equipe do Mestre na preparação de Sua Grande Vinda que será vista e percebida por todos os seres viventes. Mas, "quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, somente o Pai" (Mat 24, 36). "Ei-lo que vem com as nuvens. Todos os olhos o verão, mesmo aqueles que o traspassaram", nos diz o Apocalipse. "aparecerá no céu o Sinal do Filho do Homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu cercado de glória e majestade" (Mat 24,30 = Mar 13,26 = Luc 21,27). "E como o relâmpago que parte do Oriente e ilumina até o Ocidente, assim será a Volta do Filho do Homem" (Mat 24,27). "Vigiai, pois não sabeis nem o dia, nem a hora" (Mat 25,13). (Ellam 1996, p. 169).

Jan Val Ellam orienta, frente à estória relatada, o que os terráqueos devem fazer, para se preparam para o "dia da volta": divulgar condutas, comportamentos, atitudes, buscando o seu aperfeiçoamento, já que a Terra está em pleno processo de reintegração cósmica; mas da metade dos espíritos terrenos, os ainda renitentes nas paixões abjetas, será expulsa para outros dois planetas, menos evoluídos. Aqueles, assim, que quiserem permanecer na Terra terão que mudar o seu padrão mental, as suas más inclinações, disciplinando os impulsos de seu psiquismo; devem lembrar que mudar "exige muito esforço mental e domínio dos sentimentos e das sensações", mas que "a soberania espiritual passa, necessariamente, pelo controle das emoções" (Ellam 1997, p. 63).

O indivíduo deve aprender a controlar a si próprio, ante o "chamamento quase irresistível das *coisas e valores do mundo* que convidam ao descontrole pessoal". Deve combater sem trégua os baixos apelos e as inclinações negativas da matéria (Ellam, 1997, 63, 67 e 70). A expulsão dos "irmãos infelizes" transformará então a Terra em um "novo e maravilhoso ambiente astral", assim como era Capela em tempos imemoriais (Ellam, 1997, p. 38).

4.3 "ESQUINA DA GALÁXIA"

Neste ponto do relato, quero me deter sobre as ideias de "esquina", de "base" e de "ascensão", importantes em minha leitura deste mito. O leitor se recorda de que o nosso autor, no início de sua estória, assinala a Terra como um "planeta insignificante", pois que era pouco habitado e, além disso, primitivo em comparação a outros mundos, detendo uma *psicosfera pesada*. Não obstante sua pequenez, a Terra situava-se num *lugar privilegiado*: a *esquina da galáxia*. Reconhecendo a importância estratégica deste lugar é que os engenheiros siderais arquitetaram, segundo Ellam, o plano nomeado de "projeto planeta azul", que objetivava a construção de um *portal interplanetário*, uma das grandes *bases* de saída desta galáxia rumo ao espaço exterior.

A construção desta *base* na Terra a transformaria num planeta-plataforma, fazendo-a "ascender", isto é, evoluir na escala dos mundos, transformando-a então em "lugar de confraternização de várias raças planetárias evoluídas" (Ellam, 1996, p. P. 19). Ora, sabemos que em decorrência da rebelião de Lúcifer, o plano longamente arquitetado para a ascensão da Terra não se realiza, restando ao nosso planeta amargar o lugar de último refúgio para os degredados da rebelião, se transformando então em planeta-prisão¹⁶⁸, tristemente isolado do restante do universo pelos milênios sem fim. Lúcifer é então enviado para a Terra, junto a seus comparsas, e recebido festivamente:

Em todos os céus da Terra [houve] efeitos luminosos numa saudação a *Yel Luzbel, o Senhor da Luz*, que com sua frota de naves aproximava-se do planeta numa espécie de cortejo celeste (Ellam, 1998, p. 165).

¹⁶⁸ A caracterização da Terra como planeta-penitenciária é encontrada em Kardec, em diferentes passagens de seu O Livro dos Espíritos.

Lúcifer era um espírito atrasado em seu planeta de origem, mas seria um dos maiores na Terra, e ajudaria na evolução deste planeta: esta era a promessa que sua chegada encerrava. Neste ponto do relato, repete-se a caracterização anteriormente feita sobre a Terra, desta vez para o lugar onde aportam as "hostes luciferianas", pois as imensas naves da comitiva de degredados ancoram em uma *base*, cujo nome nos é familiar:

Atlan, uma certa base localizada praticamente no que poderíamos chamar de *esquina do continente sul-americano*, foi o local escolhido para a recepção e estadia durante algum tempo para Lúcifer e demais assessores (Ellam, 1998, p. 165. Grifo meu).

Atlan é uma das bases do território atlante, e segundo nos diz Ellam, detém este nome em referência a Alt'Lam, o planeta pioneiro da rebelião luciferiana. Recordando o destino de glórias guardado para a Terra e há muito desperdiçado, cabe aos atlantes, junto aos extraterrestres recém-chegados, realizar esta promessa, levando – finalmente – o planeta à ascensão na hierarquia dos mundos. Porém, mais uma vez a ganância e o orgulho dos seres põem tudo a perder, e os seguidos "desastres atlantes" levam a que este continente – junto com a base Atlan – desapareçam para sempre.

Mas há ainda um ponto a salientar, pois alguma coisa da sina dourada anunciada para a Terra e para a civilização atlante permaneceu, enraizando-se em uma nova *esquina*, em uma nova *base*, em mais uma promessa de felicidades no infindável plano da *ascensão*. Na verdade, é a mesma Atlan, renomeada, que ressurge:

Por mais estranho que possa parecer, muitos milênios depois surgia, próximo a esse local que hoje está submerso a poucos quilômetros do litoral, a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Se bem observarmos, *Atlan* tem as mesmas letras de *Natal*, apenas dispostas de outra forma. Esse anagrama esconde bem mais do que aparentes casualidades. O futuro é que esclarecerá o que, no presente, somente pode ser tratado como uma certa coincidência. (Ellam, 1998, p. 169/170)

A volta de Jesus na nave espacial será vista, segundo nos diz Ellam, em todo o planeta Terra, mas ele, o mestre, não há de esquecer de *uma esquina especial*, onde há muitos milênios se encontrava a base atlante Atlan, e onde hoje se encontra a cidade do Natal.

4.3.1 Natal, a base e os estrangeiros

Rezam velhas crônicas que quando Jerônimo de Albuquerque, no intuito de fundar uma cidade cujo nome lembrasse o natalício de Jesus de Nazaré, aproou por estas bandas, apareceu-lhe no convés da caravela (...) uma criança divinamente bela que lhe apontou o rumo do porto seguro e do seguro abrigo. (...) Havia a tradição de ser ali o paraíso escolhido pelo Senhor para lhe prestarem culto na terra (...).

Para irmos ao perigo iminente, há somente a dificuldade da escolha dos meios de transporte: tubos pneumáticos, aeroplanos, tramways e ascensores elétricos (...). Na véspera estourou pela primeira vez na estação monumental da Praça Augusto Severo o trem da estrada de ferro transcontinental, que, partindo de Londres, passa o Canal da Mancha, percorre a Europa e o norte da Ásia, atravessa o estreito de Behring, corta a América do Norte, galga o cimo dos Andes, desce pelos campos gerais de Mato Grosso e Goiás, segue o Vale do Rio São Francisco, paira sobre a cachoeira de Paulo Afonso – uma fantasmagoria através das luzes de miríades de lâmpadas elétricas – e vem terminar em Natal.

(Manoel Dantas, 1909, "Natal daqui a cinquenta anos").

O mito da rebelião de Lúcifer fala na cidade de Natal, apontando mais claramente para o lugar desta cidade nos últimos anos da segunda guerra mundial, quando até então era uma cidadezinha de menos de 50 mil habitantes, com poucas ruas pavimentadas, onde muito raramente passavam automóveis e onde o interiorano hábito das cadeiras nas calçadas tinha lugar cativo. Um cotidiano subitamente transformado nos idos de 1941, quando é instalada em Natal a maior base militar norte-americana construída fora dos Estados Unidos¹⁶⁹, aproveitando a privilegiada localização geográfica da capital do Rio Grande do Norte, chamada de "esquina do continente".

O imaginário natalense é permeado pela ideia de *esquina do atlântico*, que, cantada em verso e prosa, apresenta uma das faces importantes de Natal: uma cidade cravada em lugar reconhecido há muito como geograficamente excepcional; reconhecido pelos colonizadores portugueses, pelos holandeses e, finalmente, pelos militares brasileiros e norte-americanos, que nela instalaram a *Parnamirim Field*, ou simplesmente "a Base", como a chamaram os natalenses da época. Inaugurada em 1943, Parnamirim Field foi o coroamento de ações que visavam

¹⁶⁹ Smith Jr. diz em seu "Trampolim para a Vitória": "Parnamirim era a maior base em operação no Brasil. Durante a época da guerra, por ali passavam uma média de 800 aviões por dia". (Smith 1993, p. 201).

aproveitar a posição geográfica de Natal para acessar mais facilmente a costa da África e de lá a Itália, ações que se iniciaram no final de 1941 e que se aceleraram nos próximos anos:

Quatro dias após os Estados Unidos entrarem na II Guerra, em 11 de dezembro de 1941, o Esquadrão de Patrulhamento da Marinha dos EUA (The United States Navy Patrol Squadron VP-52) chega a Natal, trazendo nove aeronaves e um potente avião auxiliar. Usando uma base próxima ao Rio Potengi, essa esquadilha começa a desenvolver tarefas antissubmarinas e a fazer o patrulhamento diário da costa brasileira na esquina do atlântico. (Lopes 1997, p.33)

Em 1942, antes mesmo do funcionamento de Parnamirim Field, já se encontravam sediados na cidade o Batalhão de Caçadores, o 16º. Regimento de Infantaria, o 3º Regimento de Artilharia Antiaérea, o 2º Batalhão de Carros de Combate Leve, a Companhia de Transmissão, a 7ª Companhia de Engenharia e o Batalhão de Engenharia de Combate. Embora algumas dessas tropas fossem provisórias e tenham deixado a cidade antes do final da guerra, pode-se imaginar o peso de sua presença no cotidiano local (Lopes 1997).

Em Natal, o contingente militar, antes mesmo da chegada dos militares norte-americanos, havia sido multiplicado por dez, e a chegada das tropas vindas dos EUA traz, já de início, uma profunda transformação espacial para uma cidade que só se comunicava com o resto do mundo pelo mar ou pela via férrea: foram os militares norte-americanos que, em seis meses, construíram a primeira via expressa da cidade, a *Parnamirim Road*, apelidada pelos natalenses de "a pista". Ela tinha seu início na Base de Parnamirim Field e seguia por vinte quilômetros até o porto, atravessando – e comunicando – toda a cidade. Nos anos subsequentes, foram criadas diversas ligações viárias entre *Parnamirim Road* e diferentes pontos da cidade, de sorte que, através dela, Natal foi desenhada em termos urbanísticos. Hoje, a *Parnamirim Road* corresponde a um trecho da BR-101, à Avenida Salgado Filho e ao seu prolongamento, a Rua Hermes da Fonseca (Lopes 1997, p. 36).

O local onde *Parnamirim Field* foi construída era um campo de pouso utilizado antes da guerra por companhias aéreas civis, e também sediava a base aérea da cidade. (Lopes 1997, p.33). Na sua manutenção, entrou mão de obra local: por 15 centavos de dólar ao dia, "todo mundo" queria "trabalhar para os americanos", em serviços de limpeza e de construção civil. (Lopes 1997, p.38/39). Também alguns dos produtos de primeira necessidade passaram a ser adquiridos localmente, movimentando – e inflacionando – o comércio. Alguns historiadores também contam dos inúmeros namoros entre os americanos e as nativas, já que também "todas

as moças" queriam "namorar os gringos". Bailes semanais foram organizados nos poucos clubes da cidade, diversos cursos de inglês surgiram ao mesmo tempo, e com a construção da Parnamirim Road, a burguesia vinda do Seridó se animara a comprar jeeps e caminhões, e com eles passeava pela "pista". Para uma cidade que até então detinha poucas ruas calçadas, este era um desfile inédito.

Ao lado da euforia pelo dólar que circulava rapidamente pelo comércio local e pelas boates recentemente abertas, exatamente para atender ao fluxo dos *gringos*, havia também o clima de guerra a assombrar a cidade que dez anos antes era uma província de apenas três bairros¹⁷⁰. Os mais velhos falam em toque de recolher e blecautes, pois a "base dos americanos" era "lugar visado pelos nazistas". Há uma estória, muito contada, em Natal, de certa senhora que morava no bairro de santos reis na época da segunda guerra, e cuja filha pequena estava doente, e numa noite de blecaute, onde não se poderia acender nenhuma luz, esta senhora acende uma vela e a põe dentro de um baú, tampando-o parcialmente. Após alguns minutos, alguém bate à porta: era um militar, que lhe pede para apagar a luz, já que "algum avião nazista", dentre "os vários" que estariam sobrevoando a região, poderia ver o clarão da vela e bombardear Natal.

As estórias se multiplicam nos registros dos historiadores, assinalando que a presença dos americanos em Natal havia trazido agitação e excitação ao seu clima tranquilo. Contudo, também salientam que conforme a guerra se desenrolava, a noção de *bom estrangeiro* se modificava nas representações dos natalenses. Já em 1944, lembra Lenine Pinto, o "cansaço" da cidade com a permanência dos soldados americanos aparecia, como "aquela coisa do hóspede que passa dos limites do tempo e da confiança", o que era intensificado pelo "temperamento arrogante" e certa "conduta desordeira" dos gringos, o que levava a que o relacionamento entre americanos e brasileiros se tornasse "de certo modo, difícil" (Lenine Pinto 1995, p. 195 e Smith Jr. 1993, p. 103, 184, 149).

O término da guerra não ocasionou uma desocupação imediata da cidade de Natal pelos americanos, e a base de Parnamirim só foi entregue definitivamente ao Brasil em 1º de outubro de 1946, mais de um ano após o fim do conflito, mas então algo havia mudado. Como no conto de García Márquez, sobre o afogado mais bonito do mundo – o gringo morto jogado em uma praia miserável de uma aldeia miserável, mas que contrariando todas as expectativas é acolhido

¹⁷⁰ Cf. Cascudo (1999) e Onofre Jr. (2002).

pelas crianças, admirado pelas mulheres e então velado e pranteado por todos, recebendo os funerais mais bonitos, de tal sorte que após o cortejo final onde seu corpo é atirado às escarpas, a própria cidade é rebatizada em sua homenagem¹⁷¹, também a cidade de Natal, submersa durante três formidáveis anos na multidão de gringos fardados, não seria mais a mesma sem eles.

No mito galáctico que tentei narrar, Rogério recupera dois elementos que remetem ao período da segunda guerra em Natal: a base militar e a relação com os estrangeiros. Ao falar de Atlan, a *base* construída pelos extraterrestres para abrigar Lúcifer e suas hostes, remanescentes de uma guerra, Rogério toca em certa memória coletiva. Ele nos fala de uma província, tomada de assalto por circunstâncias extremas, e que diante delas, de alguma maneira se adapta. Há, assim, um cotidiano que é rapidamente transformado. Porém, isto se desdobra em um peculiar e efêmero registro, pois, ao contrário do que talvez se pense, os natalenses não trazem memórias vívidas deste período. Em um de seus livros, onde evoca a "Natal dos americanos", Lenine Pinto nos conta de seu assombro ao perceber que uma guia de uma das agências de turismo da cidade desconhecia o papel de Natal na segunda guerra mundial.

Ora, esta cidade não foi palco de batalhas, sua população não participou de nenhum "esforço de guerra", e desta maneira é que, para alguns, este capítulo da história de Natal talvez não mereça nada além de algumas poucas pinceladas. De alguma forma, contudo, no mito fundador que ora me debruço, Natal comparece como mais um desdobramento do lugar de origem, a terra da promissão, e então a partir dela é recontada a estória do minúsculo e isolado planeta azul, na esquina da galáxia, invadido por estrangeiros, seres de outros mundos, que trouxeram progresso material e desenvolvimento tecnológico, e também conflito e desagregação.

E ao final, o mito que nos apresenta diferentes "esquinas", forjadas sob a promessa comum de um futuro de felicidades, se conclui com o elogio de um grupo, também especial no lugar de "encruzilhada" que ocupa, e que traz em seus ombros a mesma tarefa, a de conduzir a ascensão de um planeta a um destino triunfante. Em sua estória, Ellam nos fala do lugar especial ocupado pelo Grupo Atlan, do qual fazem parte os membros do Grupo Ramatís.

¹⁷¹ García Márquez, 1998.

4.3.2 "Nós somos os rebelados"

Eu sempre quis ver um marciano – disse Michael. – Onde estão eles, papai? Você prometeu.

– Estão aí – disse o pai.

Colocou Michael nos ombros e apontou para baixo.

Os marcianos estavam ali. Timothy começou a tremer.

Os marcianos estavam ali – no canal – refletidos na água: Timothy, Michael, mamãe e papai.

Da água ondulante, os marcianos ficaram olhando um tempo enorme para eles...

(Ray Bradbury, As Crônicas Marcianas)

Jan Val Ellam nos conta que o Grupo Atlan, do qual ele é coordenador, é formado pelos dois zelotes que foram crucificados ao lado de Jesus (um deles é Val Ellieh e o outro é Val Elliah, do planeta Zian, já citados), assim como por um dos que o seguiam – (Yel Liam, Judas Escariotes), pelo centurião romano responsável pela crucificação – ele próprio, Jan Val Ellam, por vários legionários que executaram a crucificação, e, além disso, por diversos homens e mulheres que acompanharam Jesus na *via crucis*, por membros do Sinédrio e por personalidades romanas e judaicas daquele tempo¹⁷².

Há dez anos, os extraterrestres se comunicam sistematicamente com o Grupo Atlan. (Ellam, 1997, p. 27). Porém, Jan Val Ellam considera "quase inacreditável" que seja o Atlan aquele grupo com o qual Jesus escolheu trabalhar para promover a *ascensão* da Terra, levando-se em conta os grandes equívocos cometidos no passado, por cada um de seus membros. Justo eles, que "um dia estiveram tão próximos ao mestre", e que "por opções tresloucadas, comuns aos

¹⁷² Cabe também dizer que na época da Atlântida, Yel Liam e Val Ellieh faziam parte do grande conselho atlante; no Egito antigo, Yel Liam e Val Ellieh estavam reencarnados como dois dos mais próximos companheiros de Moisés, quando da saída do Egito. Já Val Elliah era um soldado egípcio do exército do faraó e Val Ellam, um dos sacerdotes egípcios que tentaram ajudar o faraó a enfrentar a "mágica" dos hebreus, sem muito sucesso; Val Ellieh, um dos crucificados ao lado de Jesus, alguns séculos depois foi Marco Polo; Val Elliah, o outro crucificado, foi também comerciante em Veneza na época de Marco Polo. Val Ellam era o piloto da nave espacial que trouxe a família Val para a Terra e foi o pai de Marco Polo, e Yel Liam foi Judas Escariotes e depois um alto magistrado no conselho de Veneza (1998, p. 204 e 227).

espíritos dominados pelo orgulho doentio, o traíram" (Ellam, 1998, P. 28). Além disso, o Atlan é também um grupo que não tem uma religião específica – ainda que sejam "estudiosos da doutrina espírita, assim como de outras filosofias religiosas"; então, diz Ellam, soa bem estranho Jesus decidir trabalhar junto a estes indivíduos pela causa comum terráquea. Porém,

E se afirmássemos que foi exatamente com os membros das famílias Val e Yel, dentre outras, que foram exilados nos tempos luciferianos, que o Mestre escolheu trabalhar, como aqueles que lhe estariam mais próximos quando viesse à Terra? (Ellam, 1998, 299).

São os membros do Grupo Atlan, aqueles que buscam dar "o aviso" sobre a volta de Jesus. Eles enfrentaram o medo do ridículo, de se exporem, de serem criticados como perturbados, obsedados, loucos, etc., se revestindo de coragem para divulgar as mensagens recebidas (Ellam, 1998, p. 34 e 38/39). Para empreender tal trabalho, seus participantes foram treinados antes de nascer. Foram reuniões incansáveis, preparatórias ao advento da equipe do Mestre, que no momento certo os habilitou "longa e vagarosamente" para que recebessem as mensagens, e, além disso, promoveu eventos para o próprio grupo se convencer da veracidade dos textos recebidos. (Ellam, 1998, p. 39-40 e 133-134).

4.4 AINDA SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO MITO

Busco dar continuidade ao exame das condições de produção do mito, e desta vez, examino a versão operante nos grupos Ramatís e Atlan. De início, devo mais uma vez lembrar Lewgoy, quando nos fala sobre o significado do ato de ler para os espíritas, assinalando que os "percursos de leitura", quer dizer, "o que eles leem (...) qualificam modos de conceber e vivenciar o ser espírita (...), como uma espécie de sinalização das diferenças internas no Movimento". (Lewgoy 2003 p. 47)

Numa cultura religiosa que – nunca é demais dizer – é letrada, o ato de examinar as condições de produção de um texto inclui examinar também, como diz Lewgoy, "percursos de leitura". Dito isso, devo lembrar que alguns atores de meu campo se encontram na confluência de outras narrativas, ao lado da narrativa espírita; é o caso de alguns membros do Grupo Ramatís, que se mostram profundamente interessados em astronomia e temas afins, como a procura de

vida em outros planetas, estações espaciais, rastreamento de asteroides etc. Esse é também o caso do médium Rogério de Freitas, fortemente interessado em ufologia, tendo inclusive efetuado incursões no sertão nordestino junto a outros ufólogos, sob o objetivo de encontrar indícios de vida extraterrestre. Esta sua inclinação desponta em seus livros, assim como despontam diversas marcas das obras de Kardec, Armond, Ramatís. Da mesma maneira, me arrisco a dizer que se encontram no mito por ele ofertado, ainda outros elementos.

O texto de Jan Val Ellam, ao lado de uma proximidade com as mitohistórias escritas por Wera Krijanowskaia/Rochester e por Chico Xavier/Emmanuel/Humberto de Campos, referencia também o universo da ficção científica. Assim também, a ficção científica perpassa os escritos de Hercílio Maes, publicados entre os anos de 1955 e 1999, que, vale dizer, reeditam no meio espírita a iniciativa de Camille Flammarion (1847-1925), astrônomo, espírita e amigo pessoal de Allan Kardec, que ao final do século XIX escreveu diversos romances tratando de algumas hipóteses da ciência de sua época sobre a vida nos planetas de nosso sistema solar¹⁷³.

É de se pensar que livros como os de Julio Verne (1828-1905) e de Herbert G. Wells (1866-1946) tenham provavelmente influenciado Flammarion. Já no caso de Hercílio Maes, é possível que tenha sido influenciado pela literatura de ficção científica de meados a final do século XX, assim como por séries de TV e de filmes tratando desta temática, e também pelo contexto político da guerra fria e da corrida espacial. Assim também, a ficção científica que se fez nas últimas três décadas do século XX pode ter influenciado a obra de Jan Val Ellam.

O século XX é pródigo na chamada literatura de ficção científica. O avanço tecnológico, as duas guerras mundiais e o posterior cenário da guerra fria e da corrida espacial alimentam diversas preocupações que encontram lugar nesta literatura. Livros, histórias em quadrinhos, filmes e séries de TV passar a tratam de temas como inteligência artificial, futuro pós-apocalíptico, guerra nuclear, expectativa de encontro com seres extraterrestres, e, além disso, retratam o perigo da dominação da sociedade pelo uso da tecnologia, os limites éticos do complexo militar-industrial, a tecnologia espacial usada como arma de conquista, dentre outros.

¹⁷³ Flammarion escreveu os livros *Cosmologia Universal*, *Pluralidade dos Mundos Habitados*, *Lúmen*, *Narrações do Infinito*, *Os Mundos Imaginários e os Mundos Reais*, *As Maravilhas Celestes*, *A Morte e seus mistérios*, *Sonhos Estelares*, *As Casas Mal-assombradas*, *Contemplações Científicas*, *O Mundo antes da Criação do Homem*, *Problemas Psíquicos*, *Deus na Natureza*, *O Fim do Mundo e Urânia*. Neste último, que foi publicado pela Federação Espírita Brasileira em 1951, Flammarion faz considerações sobre a vida nos planetas Marte, Vênus e Júpiter.

Os nomes considerados pioneiros desta literatura são Isaac Asimov¹⁷⁴, Robert Anson Heinlein¹⁷⁵ e Arthur C. Clarke¹⁷⁶. Eles influenciam a cultura pop ocidental, de maneira que o universo das estórias em quadrinhos (H.Q), da televisão e do cinema refletem esta influência. No caso dos HQs, pode-se citar as estórias de Buck Rogers (que também transformou-se em série de televisão)¹⁷⁷, Flash Gordon¹⁷⁸ e Perry Rhodan¹⁷⁹ como exemplos representativos. Na televisão brasileira, pode-se mencionar, além da série Buck Rogers, a série Galáctica, produzida em 1978¹⁸⁰. No cinema, a lista de filmes é grande; um dos primeiros é Metropolis, de Fritz Lang, que em 1929 já apresentava um medo jamais esquecido, relacionando o uso maléfico da ciência e da tecnologia à escravidão e desumanização dos indivíduos. Durante todo o século XX até nossos dias, os títulos de ficção científica levados à tela do cinema mostram os anseios e os receios da sociedade ocidental em função das novas tecnologias e descobertas científicas. Temas como a escravidão, as armas atômicas, o embate entre nações ditas comunistas e o capitalismo (à época da Guerra Fria), assim como dilemas políticos e éticos ligados à exploração espacial, aos avanços da robótica, da cibernetica, da medicina são recorrentes, assim como as consequências de uma possível guerra nuclear, de ameaças biológicas as mais diversas, da falta de alimentos, da superpopulação, da crise energética, da poluição, do aquecimento global, etc. Um tema nunca abandonado, ante todos os dilemas tratados, é a expectativa de encontro com seres

¹⁷⁴ Isaac Asimov (1920/1992) escreve as séries Império Galáctico, Fundação, Robôs, dentre outras, a partir de 1939.

¹⁷⁵ Robert Anson Heinlein (1907/1988) escreve dezenas de livros, dentre eles "O dia depois de amanhã", publicado em 1941.

¹⁷⁶ Arthur C. Clarke (1917/2008) também escreve dezenas de livros, e tem dois de seus romances levados ao cinema, 2001: Uma Odisséia no Espaço(br) (1968) e 2010: O ano em que faremos contato (1984).

¹⁷⁷ Buck Rogers é um personagem de pulp fiction e HQs, criado em 1928. Sua aparição no Brasil data de 12 de novembro de 1936, quando seu HQ passou a ser publicado. Buck Rogers no Século XXV foi exibido no Brasil pela Rede Globo em 1980, aos domingos. Em 1990 foi para a Rede Manchete, onde foi exibido até o início dos anos 1990, na "Sessão Espacial".

¹⁷⁸ Flash Gordon era um personagem concorrente de Buck Rogers, e foi criado por Alex Raymond em 1934. Neste mesmo ano, Flash Gordon começa a ser publicado no Brasil, no tabloide Suplemento Juvenil, com distribuição nacional. Em 1936, o Suplemento Juvenil publica o livro "Flash Gordon no Planeta Mongo", reunindo pranchas publicadas anteriormente neste mesmo tabloide. Em 1938, é publicado o livro "Flash Gordon no Reino das Cavernas", primeiro volume da Biblioteca Mirim. Em 1939, Flash Gordon passa a ser publicado no Globo Juvenil.

¹⁷⁹ Perry Rhodan é uma das mais importantes séries de ficção científica do mundo, publicada desde 1961 na Alemanha. A série Perry Rhodan chegou ao Brasil em 1966, e foi publicada até 1991, tendo sido editados ao todo 536 volumes. Em junho de 2001 a série voltou a ser traduzida no Brasil pela SSPG, a partir do número 650. "Atlan e Árcon" é um dos "ciclos" da série Perry Rhodan. Nesta série, figuram heróis nascidos em um tempo anterior ao tempo das primeiras civilizações terrestres. É o caso do personagem Atlan, o "arconiano", que no universo da série Perry Rhodan, é o extraterrestre que mais influenciou a história da Terra.

¹⁸⁰ A série Galáctica contou com uma temporada de 24 episódios e estreou no Brasil em 1980, pela Rede Globo, aos domingos. Na Rede Manchete foi exibida em 1990, na "Sessão Espacial", junto com Jornada nas Estrelas e Buck Rogers. Na segunda temporada, que estreou em 1980, a série mudou de nome para "Galactica 1980".

extraterrestres. Este encontro ora é retratado a partir da ideia de amabilidade e de ajuda mútua, ora a partir do medo da exploração e do extermínio dos terráqueos pelos alienígenas.

Em relação à temática dos extraterrestres, a ficção científica expõe de alguma maneira iniciativas ocorrida no âmbito da ciência. Tentativas de entrar em contato com seres inteligentes de fora do planeta Terra é elemento importante desde Marconi, que no século XIX via como possível a comunicação via rádio com inteligências alienígenas. Depois dele, várias iniciativas têm lugar: a construção de sondas, como a Voyager, que levou, para os limites de nosso sistema solar, uma carta dos humanos nos apresentando, um mapa com a localização da Terra, uma imagem de dois humanos – um homem e uma mulher – e um disco com músicas, é um exemplo concreto¹⁸¹.

Penso ser necessário, mesmo que rapidamente, indagarmos sobre a influência da cultura pop na conformação de que Abu-Lughod (2003) chama de diferentes "estruturas de sentimento" na modernidade. Considerando, a partir de Cvetkovich (1992), que a cultura de massa e popular do século XIX foi fundamental na constituição de um "discurso do afeto", ela destaca que os "textos melodramáticos"¹⁸² podem operar sobre os espectadores de diversas maneiras.

Ao se debruçar sobre as novelas de TV, Abu-Lughod (2003) diz de sua importância, no sentido de ajudar a conformar uma subjetividade pessoal no Egito. O melodrama televisivo¹⁸³ não é o meu objeto. Porém, é de bom-tom refletir a respeito de nossa exposição, neste último século, a variados produtos da mídia, o que pode refletir na constituição de afetividades.

Em meu ponto de vista, Hercílio Maes e Jan Val Ellam devem ser vistos como acompanhando a cultura de sua época, e o gênero da ficção científica é um dos elementos representativos do momento em que escrevem seus livros¹⁸⁴. Também é um gênero marcado por

¹⁸¹ Sobre a busca por fazer contato com seres extraterrestres na ciência, ver Aranha Filho (1990).

¹⁸² Os "textos melodramáticos" são o objeto de Abu-Lughod nesta pesquisa em específico, onde estuda a representação da *emoção dos personagens*, em novelas de televisão no Egito.

¹⁸³ Abu-Lughod cita Ang (1990, *apud* Abu-Lughod 2003), para afirmar que o melodrama "pode ser caracterizado por sua 'estrutura de sentimento trágica' e uma sensação de que os personagens são 'vítimas das forças que estão além do seu controle'". Nesse caminho é que as novelas egípcias, tratando das atribulações de *boas pessoas* diante de um *mundo corrompido e mau*, são carregadas de mensagens morais. Maniqueístas e lacrimosas, trazem um apelo intenso à emotividade. (Abu-Lughod 2003).

¹⁸⁴ Este não é o meu objeto, mas a crença em extraterrestres no espiritismo e sua relação com a cultura pop a partir do século XX é um tema instigante, inédito e merece ser aprofundado.

elementos afetivos: é frequente o elemento da bravura, perpassando a atuação de heróis e guerreiros, que salvam mundos e povos – e salvam a Terra.

É de se pensar, ao fim e ao cabo, que talvez o espiritismo precise de novos heróis, performando novas estruturas de afeto. Talvez a rigidez militar de Emmanuel, o tribuno romano, ou a curiosidade cristã de André Luiz, o repórter do além, e mesmo a abnegação de Bezerra de Menezes, o médico dos pobres, todos esses que escreveram pela mão de Chico Xavier, o médium mineiro, chamado de homem coração, não mais respondam completamente aos anseios que povoam o movimento espírita que se faz no Brasil hoje. Talvez seja necessário um piloto de disco voador, antigo seguidor de Lúcifer para responder às mesmas perguntas de uma outra forma.

Em minha visão, Rogério expressa anseios que são coletivos, e nesse sentido é que sua versão do mito criado por Chico Xavier não deve ser percebida como uma idiossincrasia. Como tentei mostrar, os personagens que ele nos apresenta e os enredos que narra, fazem parte de uma memória coletiva cristã, espírita e espiritualista; conteúdos como os apresentados em seus livros têm sido atualizados por vários médiuns no Brasil, antes mesmo que ele escrevesse a sua primeira linha. Lembro que há vários grupos Ramatís espalhados pelo país, compartilhando dos mesmos ideários. Talvez a distinção e o apelo que Rogério consegue ter neste Grupo Ramatís residam justamente em ele conseguir indigenizar os panoramas de crenças e imagens em fluxo (Appadurai 1990), ao trazer uma história universal para a esquina do Brasil, e neste sentido reaviva memórias e mobiliza pessoas. Ainda nessa linha, Rogério – assim como Hercílio Maes – expressa, como profeta, anseios emocionais, mas também cognitivos e volitivos que são de uma – ou várias – coletividades, se pensarmos em, talvez, outros grupos espíritas, além dos Grupos Ramatís, desregulados das federações.

Emmanuel, pelas mãos de Chico Xavier, consegue oferecer, ao seu modo, e condicionado pelo seu tempo, um modelo religioso que reverberou e ainda reverbera em parcelas das classes médias científicizadas e psicologizadas, justamente por apelar para o eu individual como possibilidade para sair dos impasses que a condição racial do país dificultava, num engajamento com mais eficácia na evolução espiritual. Retomou a reforma íntima de Kardec e conformou o dispositivo da desobsessão.

Ramatís nos fala de um novo momento no processo de modernização do país e do mundo. Um momento pós-raças, mas ainda bastante racializado; um tempo que atravessou a guerra fria, mas que assiste a corridas armamentistas e ameaças atômicas; de um mundo que saiu dele mesmo e ganhou o espaço; que, via tecnologias construídas para a guerra, encurtou o tempo; um mundo que se guiou sob a égide da ordem e do progresso, mas onde miséria, fome e violência continuam fortemente a assolar a humanidade.

A impressão que me vem, ao ler a trilogia da Reintegração Cósmica, é a de que o demônio precisa voltar, como categoria explicativa para os infortúnios (Mariz, 1997); a cena espírita o havia deposto, despotencializando-o na figura de mero obsessor, facilmente vencido por uma ação pastoral, por um testemunho em mesa mediúnica, e o mito precisou se remodelar. Não que o outro, o do médium mineiro, ainda unanimidade no movimento espírita brasileiro, não faça mais sentido; faz, sim, mas talvez não para todos, ou não o faz completamente. Neste novo mito, o Mal permanece entranhado nas emoções desordenadas, o que, ressalto, para o espiritismo, não é o mesmo que falta de razão. Lúcifer é lúcido, mas também egoísta. Seu descontrole se constitui e se expressa justamente no desafio que faz da ideia de Deus – a ordem. O novo mito expressa (como em Kardec), não a oposição entre espírito/razão/ordem e carne/emoção/desordem, mas de como a associação entre qualidades emotivas desvirtuosas aliadas a uma arguta razão pode levar os universos à derrocada.

Talvez o seu diferencial seja nos dizer que o contágio emocional se apresenta a tal ponto generalizado que não adianta mais focar apenas no indivíduo, pois as questões se colocam ao nível populacional, planetário. "Como salvar mundos?", eis a nova questão. Tecnologias – talvez não mais de si (Foucault, 1994), precisam ser mais potentes. Elas devem ser capazes de fazer a *reintegração cósmica* da *grande transição* que levará a *ascensão planetária*. É dessas tecnologias que tratarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 ESTREITANDO LAÇOS CÓSMICOS, ROMPENDO AMARRAS CARNAIS: RITOS DE ASCENSÃO NO GRUPO RAMATÍS

O Grupo de Estudos Ramatís de Natal funda suas práticas no mito contado no capítulo anterior. Através dos ritos os integrantes do grupo se engajam na guerra dos mundos e atuam na limpeza espiritual do planeta, ajudando a retirar dele os espíritos ainda tendentes ao Mal. Os ritos também contribuem na limpeza interior dos próprios adeptos do grupo, "ascensionando" seus "corpos espirituais" para a "quarta dimensão"¹⁸⁵.

São essas práticas, que em linhas gerais visam a ascensão planetária em um contexto de guerra, que eu examino nesse capítulo, focando, em especial o *cerimonial do domingo* e a *desobsessão apométrica*. Estes ritos assinalam o ethos deste grupo, o que torna mais fácil o entendimento do sentido de sua participação nas atividades do Bezerra¹⁸⁶, em especial na *palestra* e na *cura em cabines*, que descrevo ao final.

5.1 RITUAIS DO GRUPO RAMATÍS

5.1.1 O "cerimonial"

¹⁸⁵ Os membros do Grupo Ramatís dizem que o mundo habitado pelos humanos encarnados já esteve, em épocas remotas, na *primeira* e na *segunda dimensão material*, quando a Terra era um planeta primitivo. Hoje, dizem, nosso mundo se encontra na *terceira dimensão*, a dimensão chamada de *física*, ou *da fisicalidade*. Já os espíritos, habitam o mundo espiritual, ou *da espiritualidade*, que existe da *quarta dimensão* em diante.

¹⁸⁶ Os rituais realizados no Bezerra são as palestras, o estudo da mediunidade, o estudo sistematizado da doutrina espírita, a evangelização infanto-juvenil, a cura em cabines e os passes magnéticos. Dentre estes, os membros do Grupo Ramatís tomam parte das palestras, da cura em cabines e do estudo da mediunidade. No Bezerra também existem diferentes rituais de desobsessão, efetuados pelo centro Humberto de Campos e pelos grupos Ana Madalena e Ramatís. Em conversas informais com trabalhadores do Bezerra de Menezes, me foi dito que a desobsessão efetuada no centro Humberto de Campos traz "influências da umbanda"; já o efetuado pelo grupo Ana Madalena é mais próximo de uma "desobsessão espírita mesmo". Tanto a desobsessão do Humberto de Campos quanto o do grupo Ana Madalena são rituais públicos. Já a desobsessão apométrica efetuada pelo Grupo Ramatís é um ritual privado, que ocorre "com as portas do centro fechadas".

A reunião do Grupo de Estudos Ramatís de Natal, chamado de "cerimonial" ou de "rito do grupo" pelos próprios adeptos, ocorre todos os domingos, das 18h30 às 20hs, no auditório do piso térreo do Bezerra. Os participantes do grupo ocupam a mesa de palestras e os dois ou três primeiros bancos de madeira do auditório e são trazidas para perto da mesa entre cinco e seis cadeiras de plástico da sala de passes, que também acomodarão os adeptos. As coordenadoras – Miriam e Graça Mafra – sentam-se nas cadeiras acolchoadas por trás da mesa de reuniões. O terceiro lugar é em geral ocupado por Francisco Alves ou Luiz Matão.

No lado direito da mesa, ainda nesta elevação, em geral senta-se Sérvio Túlio. Os demais participantes da reunião ocupam as cadeiras de plástico branco retiradas da sala de passes ao lado, e distribuídas em volta da mesa. Os recém-chegados e noviços ocupam os bancos de madeira. Em geral, na primeira cadeira de plástico do lado esquerdo, senta-se Luiz Antonio, que faz parte dos membros mais antigos junto aos citados acima. Os outros lugares ocupados nas cadeiras de plástico são relativamente aleatórios, pois se compõem de pessoas com o mesmo tempo de grupo: Cristina, Eudione, Andréa, Maria do Céu e algum outro participante eventual, que não seja novato, sentam-se nas cadeiras de plástico. A exceção é Popoka, que em geral senta-se em frente a Sérvio Túlio. Na época de minha pesquisa, Madja era a participante mais nova; ela se sentava por detrás de todos, em um dos bancos de madeira; uma de suas tarefas era abrir o portão do centro para aqueles que chegaram atrasados à reunião. Se não há mais cadeiras de plástico disponíveis ao redor da mesa, alguém vai até a sala de passes e traz alguma outra para que todos os antigos se acomodem nestas cadeiras e ninguém fique nos bancos de madeira, a não ser os novatos¹⁸⁷.

É assinalado verbalmente que cabe aos noviços sentarem-se nos bancos de madeira, os assentos mais distantes da mesa onde estão os coordenadores dos trabalhos. É, em geral, Miriam quem explica a razão para isto: é que há *níveis de energia, círculos de luz* criados pelos espíritos protetores dos *trabalhos*, e os círculos mais próximos da mesa onde estão os coordenadores detêm uma *energia mais sutil*. Até o início do segundo mês de pesquisa de campo, eu fui orientada a me sentar em um dos *círculos* mais distantes da mesa, nos bancos de madeira. Porém, ao final deste período fui convidada para participar da reunião tomando lugar num destes

¹⁸⁷ Esta definição de lugares obedece a uma hierarquia, e reproduz a hierarquia do plano astral, pois, segundo os membros do Grupo Ramatís me contaram, este grupo se vincula em termos *extrafísicos* com outros grupos Ramatís, do plano material e do plano astral, e estes todos, por sua vez, estão ligados à Grande Hierarquia da Fraternidade Branca, ou Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz; sendo assim, cada um ocupa um *lugar* nos *círculos hierárquicos da fisicalidade* e também do *astral*.

círculos mais próximos, sentando em uma cadeira de plástico, junto aos relativamente antigos. Ao final da primeira noite neste novo lugar, fui indagada por Graça Mafra se eu havia me *sentido bem* naquele lugar, se não havia ficado *tonta*.

Um desejo frequentemente assinalado, pelos atores de meu campo, é o *sair da animalidade*, isto significando *evoluir*. Para operar esta *evolução*, é apontada a necessidade de se fazer a *reforma íntima*, o que significa a busca pela superação de atitudes mundanas, como a gula, a luxúria, a cobiça, a vaidade, o orgulho, a maledicência, se traduzindo em ações concretas no mundo, ações de fundo caridoso, o que equivale a cultivar emoções e atitude afins ao que compreendem por caridade: paciência, modéstia, abnegação, tolerância. O lema de Kardec "fora da caridade não há salvação" é muito repetido, para ilustrar esta busca.

Porém, no Grupo Ramatís, entende-se que a *ascensão* pode ser realizada – além da reforma íntima - através da feitura dos *mantras*, como o da *grande invocação* e o *gayatri*, além da prática da *meditação*. A prática sistemática desses rituais possibilita a que o indivíduo atue na *abertura dos campos* de energia. Dizem os adeptos que cada Grupo Ramatís detém o seu campo de energia, um círculo próprio, existente no *astral*, no qual os seus membros podem *trabalhar*. Há *momentos* especiais onde os portais desse círculo se abrem; isto acontece no próprio domingo, na hora da reunião, e também nas terças e quintas-feiras, das 22h30 às 23hs, quando é efetuada a meditação individual. Fora desses horários, *fica mais difícil entrar*.

Se os mantras são feitos através da meditação com regularidade, e mais ainda, nos momentos propícios a isso, definidos pelo grupo, o indivíduo adentrará cada vez mais facilmente os círculos de energia, passando a fazer parte da *grande fraternidade branca*¹⁸⁸, e ajudando no

¹⁸⁸ A Grande Fraternidade Branca também é denominada de "Águias no Comando". Os membros do Grupo Ramatis me indicaram a leitura de diversos sites, "para que eu entendesse" o que é a Grande Fraternidade Branca. Nesses sites, são recorrentemente citados os livros de Chico Xavier/Emmanuel "A Caminho da Luz" e o de Edgard Armond "Os Exilados de Capela". Em particular, é citada a seguinte passagem do livro de Xavier; "Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos do nosso Sistema, existe uma comunidade de espíritos puros e eleitos pelo Senhor Supremo do Universo em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias". A Grande Fraternidade Branca seria esta "comunidade de espíritos puros". É então dito que ela é formada por "unidades-hierárquicas (...) inseridas em outras unidades maiores (...). A hierarquia segue um sistema piramidal, onde os mais evoluídos se encontram nos níveis mais elevados (...). A Grande Fraternidade Branca é integrada pela Corte Celestial (Logos, Elohim, Manus, Chohans, Mestres Ascensionados, Arcanjos, Serafins, Querubins, Devas, Anjos, Elementais, que são os Auxiliares e Mensageiros Cósmicos de Deus)". Muitos destes participam também de "outras Hierarquias Superiores e de Conselhos Superiores de Iluminados, até de outras galáxias". Ver www.caminhosdeluz.org, <http://www.naveluz.arq.br/ponteluz/>, <http://web.pib.com.br/nominato/index.htm>.

processo de *ascensão*¹⁸⁹, pois conseguirá *acessar* as condições efetivas¹⁹⁰ para *emitir* as energias certas para o planeta e para os grupos que trabalham a todo o momento na limpeza espiritual deste, em um processo já em curso e que chamam de transição planetária que tem ajuda da Confederação Galáctica¹⁹¹ também. Dentre os diversos autores que tratam dos *mestres ascensos*¹⁹², os nativos citam mais frequentemente a família Romo¹⁹³ e o médium Robson Pinheiro¹⁹⁴.

A reunião do Ramatís é chamada pelos adeptos de *rito* ou *cerimonial*; as etapas deste rito constam de um texto que é distribuído para os membros do grupo¹⁹⁵. É frequente ver os novatos, em seus primeiros tempos, acompanhando a reunião com o texto em mãos. Após algum tempo, percebo que as pessoas já memorizaram o texto e já não olham mais para o papel, ainda que o tragam. Porém, há membros antigos que ainda o trazem, mesmo que só o consultem de vez em quando. As etapas do *rito* trazem *invocações*, *cada uma com o seu significado esotérico*. Essas

¹⁸⁹ Os nativos do Grupo Ramatís de Natal me contam que o seu grupo, assim como outros "grupos ascensos", buscam ajudar a Confederação Galáctica e a Grande Fraternidade Branca no objetivo de alçar o planeta Terra à *quarta dimensão*; é isto o que possibilitará a que o retorno de Jesus se dê com o sucesso desejado. Se todo o esforço destas organizações lograr êxito, quando Jesus voltar, a Terra já terá subido na escala dos mundos, pois terá passado por uma *ascensão vibracional*, saindo da *terceira bio-dimensão física*, lugar que hoje ocupa, e entrando em uma *quarta dimensão*. Este seu entendimento é encontrado nos livros de Rodrigo e Carmen Romo. Ver ROMO, Carmen e ROMO, Rodrigo (2002).

¹⁹⁰ Dentre essas condições efetivas, consta o "chip de kryon", espécie de implante que possibilita a quem o usar, entrar em contato mais facilmente com a confederação galáctica. Para implantar esse chip, o indivíduo deve durante alguns dias efetuar mantras específicos e direcioná-los a Kryon, um espírito de luz ligado à confederação acima citada. Indicado a mim por Cristina, uma das componentes do Grupo Ramatís, o site que, dentre outros, detém estes elementos rituais é o Grupo Kryon (<http://www.kryonportugues.com/>).

¹⁹¹ Confederação Galáctica é um comando militar que tem como figura central Ashtar Sheran, Comandante Supremo das Frotas Interplanetárias, proveniente do Planeta Methária, do Sistema Solar Alpha Centauro. Ele lidera uma divisão aeroespacial chamada de Comando Ashtar, e é conhecido como Arcanjo Miguel. Auxiliando o comando Ashtar, há milhares de mestres ascensos da Grande Fraternidade Branca, denominados de Águias no Comando; sua missão é submissa às ordens de Elohim Órion, mestre do Conselho de Orion, da Grande Hierarquia do Sol Central e da Ordem de Melchizedeck (cf. ROMO, Carmen e ROMO, Rodrigo, 2002). Figuras representando os chamados *emblemas* da Confederação Galáctica podem ser encontrados no anexo 11 (onze) desta Tese.

¹⁹² Os membros do Grupo Ramatís me contam que os *mestres ascensos* são espíritos de luz que ajudam a humanidade a evoluir espiritualmente. Jesus e Maria de Nazaré são mestres ascensos, assim como Ramatís, Ashtar Sheran, Saint-Germain e muitos outros. Imagens psicopictográficas destes mestres podem ser encontradas no anexo 10 (dez) desta tese.

¹⁹³ Rodrigo, Carmen e Dario Romo psicografam livros que tratam de temas como "confederação galáctica", "ascensão da Terra", "comando pleiadiano", e da "aliança de Hitler com os extraterrestres não confederados". Ver ROMO, Carmen e ROMO, Rodrigo (2002).

¹⁹⁴ Mais especificamente os livros de Robson Pinheiro (2006 e 2008).

¹⁹⁵ Uma cópia do "documento do rito" ou "cerimonial do Grupo Ramatís pode ser encontrada no anexo 09 (nove) desta Tese.

invocações são os *mantras*, as *orações*, as *mutras* e a *concentração em agny-yoga*, que descreverei mais adiante.

O ceremonial começa com a leitura do *mantra gayatri*. Assim, às 18h30, Miriam ou Graça Mafra, as coordenadoras do grupo, indicam que está no momento de *se iniciarem os trabalhos*. De forma esquemática o ceremonial se organiza do seguinte modo:

Preparação energética

Leitura do mantra gayatri¹⁹⁶: Os membros do Grupo Ramatís dizem que o mantra gayatri utiliza o *poder do chakra*¹⁹⁷ da garganta para ativar o *chakra da coroa*, e nisso, traz a *sabedoria divina* para aqueles o entoam com devoção e constância. Essa sabedoria divina faz com que se atue mais como alfa e menos como ômega; a energia ômega busca sempre *receber* e a *alfa*, a *dar*, então atuar mais como alfa significa dar mais que receber. É atuar *menos como um buraco negro* que retira a luz dos outros para *ser um sol*, iluminando e dando vida.

Recitação do mantra OM: *om* é a *voz* da *alma*, e expressa a dualidade espírito/matéria¹⁹⁸. Também me disseram que esse mantra é ligado à *magia universal* e invoca o Deus supremo, englobando toda a criação. Através dele, os indivíduos podem *se trabalhar* no plano espiritual e

¹⁹⁶ OM/BHUR BHUVA SWAHA/TAT SAVITUR VARENYAM/BHARGO DEVASYA DHIMAHY/DHIYO YO NAH PRACHODAYAT/OM Shanti, Shanti, Shanti. Tradução: "Ó Tu, que manténs em vida o universo, de quem provém o Todo e a ti retorna novamente/ Revela-nos Tua augusta face, do Sol eterno, espiritual, ali oculto por disco de áurea Luz/ Para que possamos perceber a verdade e cumprir nossos deveres todos, de nossa longa viagem de peregrinos até Teus sagrados pés".

¹⁹⁷ Segundo me contam os integrantes do Ramatís, os lugares de cruzamento das vias nervosas, que comunicam o cérebro ao restante do corpo formam o que chamam de *plexos*; os plexos têm ligação direta com os *chakras*. Já os *chakras* são campos de força situados no *perispírito*, ou corpo espiritual dos humanos, e se ligam a órgãos e glândulas do corpo físico. Assim, cada chakra corresponde a um plexo e a órgãos do corpo: o chakra básico liga-se ao plexo sacro e corresponde ao aparelho genital e ao excretor; o chakra esplênico liga-se ao plexo lombar, e corresponde aos rins; o chakra gástrico ou umbilical é ligado ao plexo solar e corresponde ao aparelho digestivo; este plexo subdivide-se em doze plexos secundários; o chakra cardíaco é ligado ao plexo cardíaco e corresponde à aorta, à artéria pulmonar e ao pericárdio; o chakra umeral é ligado ao plexo braquial e diz respeito às espáduas, aos braços, antebraço e mãos; este chakra é importante na aplicação de passes magnéticos; o chakra laríngeo é ligado ao plexo cervical e diz respeito à capacidade vocal; corresponde à medula e ao pulmão; o chakra frontal corresponde ao plexo carótido e é ligado aos olhos, ouvidos, nariz, glândula pituitária, meninges, mucosas e vasculares; este é o chakra da terceira visão, a do terceiro olho, sobre a testa; o chakra coronário é ligado ao plexo coronário e à glândula pineal; ele tem por função receber as energias dos demais chakras e distribuí-las na função celular de todo o sistema endócrino. Sua localização é no alto da cabeça.

¹⁹⁸ Para *fazer o OM*, o coordenador diz, para todos, em voz alta: "inspirando para o OM", ao que todos inspiram profundamente. O coordenador então inicia o canto OM, expirando, e todos acompanham, também cantando o OM e fortemente expirando o ar dos pulmões. O coordenador então continua: "inspira...", e mais uma vez entoa o OM, acompanhado por todos. Isto é feito por três vezes.

monático (referente a mônada); é um mantra que representa a ligação do homem a Deus. Também assinalam que o mantra OM *pode ser representado tomando como base o ritual eucarístico da missa*; neste, o OM é o momento do recebimento da *hóstia*.

Invocação às falanges do bem¹⁹⁹.

Abertura da reunião

Prece em voz alta: Pedido aos mentores do grupo, Ramatís, Akhénaton e Ramayon, permissão para declarar aberto o trabalho, "com muito amor e paz em nossos corações".

Comentários da semana: Momento onde são relatados as "novidades sobre a ascensão". É sugerido a que todos os presentes falem sobre "o que viram de interessante na semana". São expostos assuntos diversos, mais frequentemente sobre o universo religioso, assim como sobre as últimas notícias sobre objetos voadores não identificados, publicadas nas revistas especializadas e na internet; também são relatadas impressões pessoais dos membros do grupo, acerca destes assuntos. Eventualmente, são relatadas observações de naves espaciais, além de visões mediúnicas sobre o plano astral; neste momento, os membros também comentam assuntos presentes em livros que recentemente leram. Também é frequente a troca de impressões sobre acontecimentos de destaque na imprensa mundial, assim como avaliações sobre os conflitos bélicos do oriente médio. Dentre os assuntos comumente tratados pelos membros do Grupo Ramatís, adquirem centralidade as últimas discussões efetuadas nas reuniões do Grupo Atlan, a partir de preleções de Rogério Freitas/Jan Val Ellam, e que têm como fundamento o mito de Ellam sobre o exílio cósmico e o retorno de Jesus em breve a bordo de uma nave espacial. Porém, este mito é reforçado e realimentado com diversas outras leituras, que tratam do tema dos "mestres ascensos", aqueles que, segundo os nativos, estão ajudando na limpeza fluídica da Terra, e construindo as condições concretas para que o retorno de Jesus se dê na maior brevidade possível. Um dos mestres ascensos mais importantes é Ramatís²⁰⁰.

¹⁹⁹ Doce nome de Jesus/Doce nome de Maria/Enviai-vos vossa luz/Vossa paz e harmonia. Estrela azul do Dharma/Farol do nosso dever/Libertai-nos do mau carma/Ensinai-nos a viver. Ante o símbolo amado/Do triângulo e da cruz/Vê-se o servo renovado/Por ti, ó mestre Jesus. Com os nossos irmãos de Vênus e Marte/Façamos uma oração /Que nos ensine a arte/Da Grande Harmonização.

²⁰⁰ Também são citados nos nomes dos mestres El-Morya, Saint-Germain e Khutumí, e também de mestra Nada e de Mãe Maria.

Meditação: diferentemente da meditação tradicional, onde se "limpa a mente" de ruídos e de palavras e tenta-se respirar de determinada forma, neste grupo a meditação se caracteriza por ser um ato de *emissão, construção e recepção*. Essa parte da reunião se divide em dois momentos: a meditação propriamente dita e os comentários sobre a meditação individual, que cada integrante deve fazer durante alguns dias da semana. Para a meditação coletiva ou individual, são escolhidos coletivamente alguns elementos, notadamente uma cor, que é na verdade, a cor de um raio. Também são escolhidos uma palavra e um receptor²⁰¹.

Estudo das obras de Ramatís: Estudo de alguma obra da autoria de Ramatís pela psicografia de vários médiuns. Nos dois anos e meio de minha pesquisa neste grupo, foram lidos os livros Samadhi, Umbanda e Missão do espiritismo.²⁰² Junto à discussão dos livros de Ramatís, também se comenta leituras paralelas, em geral elementos dos livros de Jan Val Ellam, mas também algumas outras, assinaladas como "importantes para a discussão", e que tratam sobre os "magos negros", espíritos malignos, também chamados de "mestres das trevas", que trabalham em aliança com os *dragões*, estes últimos caracterizados como entidades habitantes dos abismos mais profundos do planeta, criaturas de natureza liminar, nem humana nem animal. Os magos negros e os dragões, segundo os membros do Grupo Ramatís me contaram, são responsáveis por grande parte dos desastres ocorridos à humanidade, como guerras e mesmo catástrofes naturais²⁰³.

²⁰¹ O raio emitido é, em geral, de tonalidade mista, sendo o dourado, o violeta e o rubi muito enfatizados: rosa com dourado, verde com dourado, dourado com rubi, violeta com azul, etc., e a palavra frequentemente enfatiza sentimentos como esperança, amor, força, paz, etc. O receptor pode eventualmente ser o próprio grupo ou o planeta Terra.

²⁰² Há sempre alguém que fica responsável por ler o texto em voz alta; a leitura é entremeada por intervenções do grupo, que muitas vezes enveredam sobre assuntos diversos, nem sempre consonantes com o tema do dia. Estas digressões são relativamente toleradas, mesmo porque em geral os membros do grupo estão fazendo leituras paralelas, de obras referenciadas por este coletivo, como é o caso de livros sobre ufologia, esoterismo, umbanda, magia, e vários desses elementos alimentam a discussão.

²⁰³ A discussão sobre os dragões e os magos negros toma invariavelmente alguma parte da reunião, e alia-se aos debates sobre apometria, já que esta técnica mediúnica é especialmente adequada para desbaratar organizações malignas, responsáveis por grandes e profundos processos obsessivos, de dimensão coletiva, muitas vezes tomado centenas de entidades. São também relatados, por alguns médiuns videntes do grupo, os trabalhos de limpeza espiritual realizados nas regiões umbralinas profundas, e nesse momento, é ressaltada a importância dos *elementais* habitantes do interior da terra e do fundo do mar, e que ajudam as equipes espirituais a realizar a contento o seu trabalho. Atravessam as reuniões, várias referências a pesquisas da área da *física pós-quântica*, que se articulam aos *conhecimentos* dos chamados *alquimistas*. A *sabedoria da antiga Atlântida* e da *Lemúria* é também muito enfatizada, como bolsões de conhecimento e verdade, momentaneamente perdidos, porém recuperados *nos últimos tempos*, por vários grupos que buscam a transformação do planeta, dentre estes, o próprio Grupo de Estudos Ramatís de Natal. São também frequentes discussões sobre os conflitos bélicos da atualidade, em específico àqueles que têm lugar no oriente médio, que também são relatados como fazendo parte da transição planetária; estes temas se

Grande invocação:

GRANDE INVOCAÇÃO: PRIMEIRA ESTROFE - 1936: Que as Forças da Luz iluminem a humanidade/Que o Espírito da Paz se difunda pelo mundo./Que o Espírito de colaboração una os homens de boa vontade onde quer que estejam./Que o esquecimento de ofensas por parte de todos os homens seja a tônica dessa época./Que o poder acompanhe os esforços dos Grandes Seres./Que assim seja e que cumpramos a nossa parte.

SEGUNDA ESTROFE - 1940: Que venham os senhores da Libertação./Que tragam ajuda aos Filhos dos homens./Que apareça o Cavaleiro do Lugar Secreto/E com sua vinda salve./Vem, ó Todo Poderoso!/Que as almas dos homens despertem para a Luz/E que permaneçam em conjunta intenção./Que o Senhor pronuncie a ordem:/Tem chegado ao fim a dor!-/Vem, ó Todo Poderoso!/Tem chegado para a Força Salvador a hora de servir./Que ela penetre em todos os lugares, ó Todo Poderoso./Que a Luz, o Amor, o Poder e a Morte/Cumpram o propósito Daquele que vem./A VONTADE de salvar está presente./O AMOR para concluir a tarefa está amplamente difundido./A AJUDA ATIVA daqueles que conhecem a verdade/Também está presente./Vem, ó Todo Poderoso e funde os três!/Constrói a muralha protetora./O império do mal deve terminar agora!

TERCEIRA ESTROFE - 1945: Do ponto de luz na mente de Deus [O coordenador recita. Todos devem juntar as palmas das mãos em posição de prece, com os polegares apontando para a testa]/Flua luz às mentes dos homens, desça luz à Terra [Todos dizem]./Do ponto de amor no coração de Deus [O coordenador recita. Todos com o polegar apontando o meio do peito]/Flua amor aos corações dos homens, volte Cristo à Terra[Todos dizem]./Do centro onde a vontade de Deus é conhecida [O coordenador recita. Todos com o polegar apontando para a garganta]/Guie o propósito das pequenas vontades dos homens, o propósito a que os mestres conhecem e servem [Todos dizem]./No centro a que chamamos a raça dos homens [O coordenador recita. Todos juntam as mãos no alto da cabeça]

INVOCAÇÃO MAIOR: Da presença sublime em nossos corações [o coordenador recita]/Ó Cristo, ó redentor, recebe a chama ardente do nosso grande amor! [todos recitam]/Da presença real que coroa as nossas mentes [o coordenador recita]/Ó Cristo, ó potentado, acolhe a luz nascente e o poder despertado! [todos recitam]/Do tímido embrião da nossa inteligência [o coordenador recita]/Ó redentor, ó santo, fabrica o teu bordão, manda tecer teu manto! [todos recitam]/Porque queremos fechar para sempre a porta ao mal [o coordenador recita]/Ó Cristo, ó nosso irmão, mostra-nos tua face e estende-nos a mão! [todos recitam]/Que a luz, o amor e o poder do Pai se manifestem por teu intermédio, sobre nós, em nós e por nós, eternizando o plano sobre a Terra! [todos recitam].

Foi-me dito que os versos da grande invocação sinalizam a transição para a *era de aquarius*, sendo um chamamento à *persona* para que esta se *integre à luz*, solicitando aos humanos que *ingressem* em seu *estado alma*. No documento impresso do rito, aparecem registrados os anos de 1936, 1940 e 1945, quando as assim chamadas *estrofes* da grande invocação foram escritas, porém, sem os autores. Os componentes do grupo me apontaram a *autora terrena*, tanto da invocação às falanges do bem quanto da grande invocação: Alice Bailey, escritora esotérica americana, seguidora de Blavatsky; disseram também que esta invocação foi recebida por via mediúnica por Alice Bailey, mas que seus *verdadeiros autores* são os espíritos da Grande Fraternidade Branca, componentes das *hierarquias planetárias*. As primeiras estrofes foram *enviadas à terra* antes da segunda guerra mundial, e a terceira, *enviada* após esta guerra. Os componentes do Grupo Ramatís me disseram que a invocação maior *serves* para *harmonizar o grupo e a humanidade* e para preparar a *ancoragem do Cristo cósmico* no planeta.

AUM: É recitado o mantra AUM que representa o cálice da eucaristia, na missa católica.

Concentração em agny-yoga: consiste em alguns minutos de *mentalização* de todo o grupo, em torno de uma frase mântrica, definida conforme o signo do mês, de forma que a cada mudança da lua e do signo, faz-se a meditação com a frase de agny-yoga correspondente:

Que os discípulos do Cristo afirmem a realidade do Poder Criador do Amor Divino, penetrando em tudo o que existe (capricórnio - 22/12 a 19/01);
 Que a água da vida do Cristo seja dada a todos que têm sede (aquário - 20/01 a 08/02);
 Que a vontade do Cristo Onipotente se manifeste amorosamente na vida da humanidade. (peixes - 19/01 a 20/03);
 Que a humanidade permaneça no Centro da Vontade de Deus, de modo que nada desvie a vontade dos homens da Vontade de Deus (Áries - 21/03 a 20/04);
 Que a Luz que se derrama no olho de Touro ilumine os dirigentes de todas as nações para a transfiguração de uma só humanidade. (touros - 21/04 a 21/05);
 Que o amor crescente entre os homens afirme a realidade da volta do Cristo à Terra. (gêmeos - 22/05 a 21/06);
 Que Deus construa o templo vivo na humanidade e nele habite. (câncer - 22/06 a 21/09);
 Que o Leão da Hierarquia, o Cristo, queime tudo o que bloqueia a evolução da humanidade. (leão - 23/07 a 22/08);
 Que o Cristo interno de todo homem seja protegido, alimentado e revelado. (virgem - 23/08 a 21/09);
 Ressoa a palavra criadora e eleve seus mortos à vida. (libra - 22/09 a 22/10);

Que os guerreiros de Shamballa sejam vitoriosos na batalha pela evolução da humanidade. (escorpião - 23/10 a 21/11);
 Que o Cavaleiro do Lugar Secreto ajude a humanidade a atingir a meta do Plano Divino. (sagitário - 22/11 a 21/12)
(Documento de Introdução ao Rito - Grupo de Estudos Ramatís, s/d, p. 02).

Foi-me dito também que a concentração em agny-yoga trabalha com o *plano mental* dos humanos, pois a *nova era* será essencialmente mental e essa meditação ajuda a aumentar a sensibilidade do chakra cardíaco, promovendo a integração dos três chakras superiores: o frontal, o coronário e o cardíaco.

No chamado "encerramento", é recitado um Pai Nossa e efetuado um pedido aos mentores para "fechar os campos": Enquanto as etapas do rito são efetuadas, dizem os componentes do Ramatís, os *círculos*, ou *campos de energia*, são paulatinamente *abertos* para *este* grupo trabalhar, até culminar no momento acima, o da meditação em agny-yoga. A meditação dura dez minutos. Todos se mantêm de olhos fechados, e são orientados a mentalizar a frase mântrica do dia, correspondendo à lua e o signo. Após este momento, deve-se *fechar os campos*, através da prece Pai Nossa, que é recitada por quem o coordenador escolhe no dia, e o rito se conclui quando este último pede a permissão de Ramatís, Akhénaton e Ramayon para *encerrar os trabalhos da noite*. Há, então, o momento de escolha da palavra, do raio e do receptor da semana que orientarão a meditação individual durante a semana.

Segue-se um momento onde é distribuído um lanche – bolos, lasanhas de soja, pão, café, cappuccino – e conversa-se, em geral sobre os assuntos tratados na reunião, além de outros assuntos diversos. Destaco que, uma vez por mês, em lugar do ceremonial, há o *encontro* do grupo com seu mentor, Ramatís, através da mediunidade de Miriam Mafra. Um conjunto de ritos preparatórios são realizados, e o ponto alto da reunião é a chegada do mentor, que conversa com os presentes sobre os temas de interesse do grupo, atualizando-os sobre os "últimos detalhes" em relação ao retorno de Jesus e à transformação do planeta.

5.1.2 Apometria

Outro ritual importante do grupo é a apometria, que é, segundo os nativos, uma forma alternativa de se realizar a desobsessão. Diferentemente da desobsessão clássica, que já mereceu

diversos estudos antropológicos²⁰⁴, a apometria ainda não recebeu uma considerável atenção. É exceção o estudo pioneiro de Greenfield²⁰⁵. Para este autor, a apometria é um "novo, único e inovador processo de cura" (Greenfield 1999, p. 65); ele enfatiza a sua diferença em relação à cura espírita clássica:

A prática espírita convencional, desde o tempo de Kardec, manda que os médiuns-curadores recebam os espíritos de médicos falecidos e, com os conhecimentos e técnicas que eles trazem do mundo dos espíritos, ajudem a curar os vivos (...). [A apometria] inverteu isso. Em vez de esperar que as técnicas e os tratamentos "avançados" sejam trazidos do mundo dos espíritos pelos médiuns, ele sugere separar os vários corpos do paciente e enviar o corpo astral temporariamente ao plano espiritual para ser tratado por espíritos médicos num hospital espiritual. (Greenfield 1999, p.65)

Greenfield aponta alguns dos elementos de discordância da federação espírita em relação às práticas apométricas: a presença de exus nos rituais de apometria, assim como a retirada dos corpos astrais dos indivíduos do ambiente físico do centro espírita.

Os chefes da Federação Espírita (...) não aceitam o transporte heterodoxo dos corpos astrais de pacientes para o mundo espiritual. Eles não querem nenhum espírito de umbanda dentro do hospital espírita, e eles preferem que os espíritos curadores venham do outro lado para cá, em vez de mandar os pacientes para lá. Por isso e por outras razões, o Dr. Lacerda e seus colegas foram convidados a deixar a casa do jardim do hospital espírita em 1987. (Greenfield 1999, p. 73)

Os membros do Grupo Ramatís, apoiados em Azevedo (1990) me dizem que a apometria é uma técnica de cura oriunda da *aumbandhā*, uma sabedoria secreta muito antiga, sendo originária de uma estrela da constelação de Sírius, e conhecida na Terra desde os tempos da Atlântida, época em que Ramatís foi sacerdote aumbandhā, porém, relegada ao esquecimento por séculos. A apometria também faz parte das tarefas atuais da *transição dimensional* da Terra. Também afirmam que 1867, essa técnica, que "ainda não levava o nome de apometria", foi descrita por um certo "Sr. Peyanne", na Sociedade Espírita de Bordeaux, "sob aquiescência de Kardec". Também é dito que ainda nesse período, Ernesto Bozzano, espírita ligado a Kardec, em

²⁰⁴ Ver Cavalcanti (1983), Laplantine e Aubrée (1990), Warren (1984), Lewgoy (2000, 2003), Camurça (2000), Greenfield (1999), dentre outros.

²⁰⁵ Greenfield examinou os rituais de apometria realizados por José Lacerda de Azevedo no centro espírita Casa do Jardim, em Porto Alegre, no final da década de 1980. Ver Greenfield (1992 e 1999).

sua obra “Fenômenos de bilocação”, criou o termo “desdobramento” para nomear o desacoplamento dos corpos, fenômeno fundamental na realização da apometria²⁰⁶.

Porém, os espíritas do Grupo Ramatís consideram que o criador da apometria é o médico espírita gaúcho José Lacerda de Azevedo, que nos anos de 1960 conhece uma técnica de cura chamada de *hipnometria*, empregada pelo porto-riquenho Luiz Rodrigues. Tomando-a como base, Lacerda a adapta para o trabalho com o plano espiritual, e para nomear a nova técnica, utiliza, *orientado pelos espíritos superiores*, os termos gregos apó (além) e metron (medida). *Apometria* significa, segundo Lacerda, *tratar à distância*, termo mais adequado do que hipnometria, já que não há a presença de sono durante a aplicação da técnica.

Os praticantes da apometria, que se auto-identificam como *apômetras*, caracterizam-na como uma técnica de ação *setenária*, por atuar nos sete corpos humanos. Nem todos os corpos são desdobrados, apenas os espirituais, e a técnica se faz sob um recurso chamado de *impulsoterapia*, um ato de *contagem*, de um a três ou de um a sete. É dito que uma sessão de apometria deve ter a coordenação de uma *pessoa treinada*; essa pessoa efetua uma *imposição* de *pulsos magnéticos*, isto é, ela *conta* pausadamente; cada número dito é chamado de *impulso*, e cada impulso faz com que os corpos dos presentes se afastem temporariamente. Dependendo do objetivo do trabalho, determinados corpos, dentre os cinco espirituais, são remetidos para o astral e tratados pelos espíritos médicos; os corpos podem também ir para efetuar tarefas específicas.

²⁰⁶ Estas informações podem ser encontradas em Azevedo (1990).

Os corpos e seus atributos



Figura 02: Os sete corpos humanos

Na literatura nativa é dito que o fundamento da apometria é a capacidade de desdobramento natural dos humanos, que se dá todos os dias espontaneamente, durante o sono natural, também ocorrendo durante o sono hipnótico e o êxtase místico, e algumas vezes nos grandes choques emocionais, choques circulatórios, desmaios, coma, convalescenças de enfermidades graves, traumas físicos e em consequência do uso de narcóticos.

É dito também que a apometria propicia a evolução espiritual para aqueles que a usam, pois a prática sistemática do desdobramento consciente capacita seus agentes a entrarem cada vez mais fácil e naturalmente no plano astral e transitar por diferentes dimensões deste plano; isso ajuda a que cada um consiga criar proteções psíquicas e amplificar suas capacidades mediúnicas. Na prática da apometria, os agentes criam campos de força magnéticos e atuam

dentro deles. Os corpos são enviados não apenas para o astral, mas também através do espaço-tempo; dessa forma é que, enviando os corpos ao passado, os adeptos dizem conseguir curar *síndromes da ressonância vibratória com o passado*, ou seja, problemas acontecidos em encarnações passadas. A apometria também é indicada na realização de cirurgias astrais.

Porém, seu uso mais frequente é no tratamento de *obsessões profundas*, diferenciando-se do que chamam de *desobsessão simples*, o ritual de desobsessão clássica espírita. A desobsessão apométrica, assim, para os nativos, atua em níveis de complexidade fora do campo de atuação da desobsessão simples; este é o caso do *desmanche de magia negra*, prática rotineira nos rituais apométricos. Em geral, as *obsessões profundas*, tratadas pela apometria, se dão pela atuação dos *magos negros*, as entidades mais perigosas do plano espiritual, que detêm entre suas hostes os temidos *dragões*, seres malévolos e antiquíssimos, habitantes dos abismos umbralinos. São os magos negros os responsáveis pelas *arquepadias* – magias originadas em passado remoto – e pela *goécia*, a magia negra. Nestes casos, através da apometria é possível chegar aos lugares mais profundos do umbral e desmanchar *bases*, ou fortalezas armadas onde se posicionam os exércitos destes magos.

Para efetuar estas práticas os apômetras necessitam da ajuda de espíritos mais ligados à *materialidade*, como os *elementais*, os *exus* e os *orixás*, pois muitas vezes é necessário se remeter os corpos dos encarnados a dimensões remotas e perigosas do umbral e também ao passado distante, e os espíritos de vibração mais *densa*, acima citados, por sua vivência em dimensões de *materialidade pesada*, são bons condutores, nesses casos, guiando e protegendo os encarnados por essas dimensões do astral.

Assim, as entidades que apoiam os trabalhos apométricos são os mentores e guias dos encarnados, equipes médicas (médicos desencarnados), sacerdotes aumbandhã, caboclos, pretos-velhos, índios²⁰⁷, elementais do fogo (salamandras, njamis, uchas, boitatás), do ar (siflos,

²⁰⁷ O trabalho com caboclos, pretos-velhos, índios e povos nativos e protetores específicos de cada país se caracteriza pela proteção, pelos conselhos e orientações, e pelo desmanche de bases no umbral. Eles são poderosos na cura da magia negra, a *goécia*, pois são eles que despolarizam os objetos imantados nos corpos dos encarnados, também chamados de *despachos*: peças envenenadas como anéis, relógios, roupas, ossos, madeiras, agulhas, além de *aparelhos parasitas*, chamados de *chips*, aplicados no sistema nervoso central, nos intestinos e nas articulações dos encarnados. Eles também atuam na limpeza das energias negativas ao final de cada sessão. Ver Saurin (s/d)

sílfides, indras, bóreas), da água (ondinas, nereidas, sereias, náides, uiaras, mães d'água) e da terra (gnomos, duendes, fadas, dríades, elfos, curupiras, sacis)²⁰⁸.

Através da *goécia*, os magos negros objetivam a fundação do reino de terror na Terra. O princípio fundamental desta magia é baixar as vibrações das vítimas, abalar todas as proteções fluídicas e perfurar as camadas protetoras dos corpos, o que se faz com os objetos implantados; eles propiciam a que os magos controlem os encarnados como se fossem marionetes, pouco a pouco prejudicando-os na esfera dos negócios, no trabalho, na família, na esfera afetiva, provocando acidentes e enfermidades graves, e, levando-os ao desespero e ao desencarne, para, por fim, atraí-los e deixá-los presos no umbral.

Para efetuar seus trabalhos, os magos negros utilizam como comparsas um conjunto de espíritos de vibração primária, dependentes do cigarro, do álcool, das drogas e do sexo, assim como *omulus*: espíritos que se alimentam do sangue e das energias de proteínas em decomposição, nos matadouros, nos açouges e nos cemitérios. Dizem os nativos que as entidades das trevas se alimentam das emissões mentais negativas das pessoas, como raiva, ciúme, ódio, desdém e do derrame de sangue, das matanças, das torturas, guerras e assassinatos.

O desmanche dos trabalhos de goécia exige a identificação, a localização, a atração e doutrinação dos magos negros, a captura dos espíritos obsessores – os soldados dos magos – para então se fazer a retirada de larvas, parasitas astrais, ovoides e despachos²⁰⁹ posicionados pelas entidades das trevas nos corpos espirituais do doente. É preciso fazer a recomposição dos tecidos lesados do corpo astral, e, além disso, *queimar* os despachos e demais objetos com energia cósmica, o calor do sol e o fogo. Os apômetras dizem que somente especialistas espirituais da linha de umbanda, pretos-velhos, por exemplo, ou os próprios magos arrependidos conseguem desfazer este tipo de trabalho. Para a conclusão do desmanche, devem-se destruir as colônias de magia negra e capturar todas as falanges do mal.

²⁰⁸ No trabalho com elementais, cada ramo destes tem sua função. No caso dos elementais da água, as ondinhas, sua função é procurar pessoas afogadas e objetos perdidos nas águas. Os elementais do vento ajudam a transportar objetos e plantas e limpar ambientes; os elementais do fogo são hábeis em queimar artefatos negativos e também limpar ambientes. Os elementais da terra – gnomos – ajudam a encontrar plantas curativas, a procurar objetos e pessoas perdidas, a indicar caminhos e trilhas mais adequados, a identificar as melhores cores em trabalhos de cromoterapia, a reconstituir a natureza e a harmonizá-la. Ver Saurin (s/d)

²⁰⁹ *Ovoides* são espíritos que perderam sua forma física original e que hoje detêm uma forma de ovo; encaixados nos corpos dos encarnados pelos magos negros, sua função é intuir o encarnado a desenvolver o *monoideísmo*, ou seja, a fixação em um só pensamento, em geral o de suicídio. Ver Saurin (s/d)

É muito importante que eu explique um elemento, antes de expor a reunião de desobsessão apométrica: como o leitor perceberá, nestas sessões não aparecem os momentos de "desmanche de magia negra", "boéncias" e "arquepadias". Ocorre que, segundo me narraram os membros do Grupo Ramatís, esta parte onde se lida com "energias do astral trevoso" é efetuada em sessões de apometria que ocorrem no período do sono da noite, quando todos já voltaram para suas casas e dormem. Neste momento, todos do grupo se encontram "no astral" e se encaminham para efetuar a parte "mais pesada" da apometria, de sorte que pela manhã, sentem "como se tivessem sonhado" com as batalhas. Esclarecem, contudo, que não se trata de sonho, mas de algo que realmente aconteceu. Por vezes, nas reuniões do Grupo Ramatís, essas atividades efetuadas "aproveitando-se o sono do corpo" são comentadas.

5.1.2.1 A reunião de desobsessão apométrica

Eu não assisti a nenhuma reunião de desobsessão apométrica realizada pelo Grupo Ramatís, pois quando iniciei a pesquisa, ainda não detinha autorização para observar as reuniões privadas. No segundo mês da pesquisa, as sessões de apometria deste grupo foram canceladas. O que relato aqui, sobre a sessão de apometria, é aquilo que muito pacientemente – e repetidamente – Miriam narrou, sob meu pedido, em geral após as reuniões do Ramatís, ou após seus dias de atendimento na cabine de cura, e algumas vezes pelo telefone. Também tive acesso a uma volumosa apostila, escrita por um dos componentes do Ramatís, Yannick Saurin, tratando deste tema; ainda entrevistei os médiuns Andréa e Gaspar, componentes do grupo e participantes das sessões realizadas. Com base nesses relatos, tentei montar um modelo básico de sessão apométrica.

A sessão de apometria começa com uma prece; nesta, se solicita o amparo de toda a hierarquia, os *mestres* que trabalham com este tipo de prática. Os nomes de Ramatís e de Vovó Maria Conga sempre comparecem. Pede-se também o amparo das correntes de pretos-velhos, caboclos e elementais. Em seguida, os *ambientes extrafísicos* são *preparados*, se fazendo as *proteções geométricas*, através da faculdade de *ideoplastificar* (também chamada de *plasmar*, isto significando a capacidade de transformar a matéria espiritual através de *mentalização*). As *formas criadas* variam: em certos dias se plasma duas pirâmides invertidas, juntas pela base.

Tudo se faz através de contagens, e como a apometria é um trabalho *setenário*, as contagens se fazem do número um ao número sete. Então o coordenador diz:

Formação da primeira pirâmide de proteção do grupo; iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; formação da segunda pirâmide de proteção invertida. Iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Juntando as duas pirâmides. Iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7.

Todo o grupo já *está posicionado* dentro dessas pirâmides, diz o coordenador. Em seguida, se põe a cruz crística sobre a pirâmide superior e ao redor das duas pirâmides outra *proteção de nível extrafísico*, a chamada *esfera* de luz. Para isto, o coordenador diz: "Formação da cruz crística. Iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Formação da esfera de luz. Iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Depois, é formado o Cinturão de Órion, mais uma proteção a circundar a esfera de luz e as pirâmides, blindando o *templo extrafísico* edificado, para reduzir ao máximo as *intentonas dos magos negros*. Também se faz isto usando a contagem de um a sete. Em seguida, usa-se o recurso da *água cristalina*, para retirar as bactérias e auxiliar no equilíbrio, higienizando e deixando o ambiente *etéreo, o mais puro possível*. Miriam me diz que esse tipo de água é *diferente da água da Terra*, e que ela foi trazida da estrela de Sirius²¹⁰.

²¹⁰ Os componentes do Grupo Ramatís me dizem que Sirius é o sol do sol da Terra e também o sol da galáxia; que neste sol mora Surya, mestre hierarca, que *servesob o raio azul*. Também afirmam que é em Sirius onde são treinados os grandes avatares, mestres da humanidade, e que o mantra gayatri também é caracterizado como de louvor à divindade de Surya.

duas pirâmides sobrepostas pelas bases
inferior na cor rubi
superior na cor azul

cruz cristica sobre a piramide superior (rubi)

esfera metalizada e magnetizada

anel de aço magnético

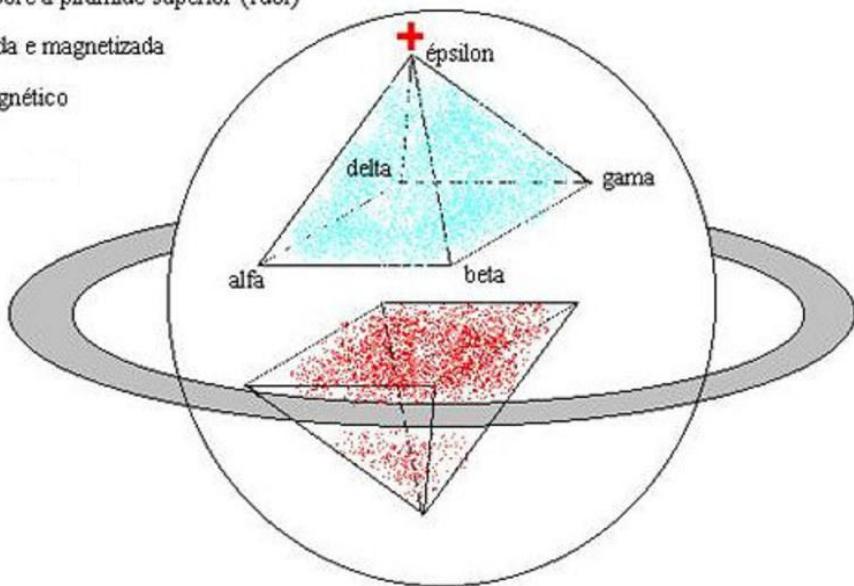


Figura 03 - Ambientes extrafísicos de proteção na apometria

Feitas as proteções, pode-se *abrir os campos* (também chamados de *frequências*) de todos os médiuns presentes; isto se faz também através de contagem. O coordenador diz: "A partir deste momento vamos *desdobrar* o grupo. Iniciando a contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Quando se faz isso, todos os corpos espirituais dos encarnados são *separados e enviados* para o *outro lado*, a chamada *quarta dimensão*. Em geral, vai-se para algum hospital espiritual. Depois que os corpos espirituais já não estão neste mundo, e sim no mundo espiritual, podem-se começar os atendimentos.

No caso do Grupo Ramatís, frequentemente já se sabia de alguns dos problemas que seriam tratados, pois eram casos de pessoas em tratamento espiritual nas cabines de cura, que não conseguiam resultados satisfatórios. Nesses casos, as famílias dos pacientes eram avisadas sobre o atendimento naquele horário, e orientadas a ficar em prece, interligadas psiquicamente com o grupo de apometria. Miriam ressalta que em outros centros, se traz o paciente para o recinto, mas que isto não é imprescindível. A *frequência* do paciente também era *aberta*, à

distância, através de contagem de um a sete, e seus corpos espirituais enviados para a quarta dimensão, para o hospital espiritual onde o grupo de apometria já se encontrava, junto aos médicos e os outros espíritos.

Nesse ponto, estando espiritualmente todos desdobrados na quarta dimensão, paciente e equipe, a *distância* e o *tempo* então passam a não existir mais. É aí, me diz Miriam, que é possível perceber a situação do paciente. O coordenador então diz: "Estamos prontos a receber os nossos guias para orientação, sugestão e prática". Os guias então abrem uma tela extrafísica e mostram aos médiuns videntes qual é o problema a ser resolvido. É quando se define o tratamento: decide-se se é importante desdobrar mais uma vez os corpos para mais outras dimensões no espaço e no tempo e aprofundar o diagnóstico ou se os dados já obtidos são suficientes para iniciar o tratamento. É o coordenador quem toma essa decisão e que também define qual técnica deve ser utilizada naquele dia, para tratar do problema.

Algumas vezes o tratamento consiste numa higienização com o auxílio dos pretos-velhos: se há parasitas, ovoides ou implantes presos nos corpos dos pacientes, os pretos-velhos fazem a retirada destes elementos; depois, os médiuns videntes observam mais uma vez, "porque nem sempre num primeiro momento sai tudo, e você tem que continuar". Se aquele indivíduo tiver obsessores no umbral, ou em alguma encarnação passada, eles serão *arrastados* para o lugar e o tempo onde o paciente estiver e também serão atingidos pelo tratamento, já que se trabalha *em cadeia*, atingindo-se toda a rede do mal, distribuída em qualquer lugar no espaço e no tempo.

Na desobsessão apométrica efetuada no Grupo Ramatís, não se doutrina os espíritos que chegavam, pois, acrescenta Miriam, "o nosso grupo quebrou essas etapas, nós já estávamos lá na frente"; além disso, nesta técnica, diz ela, são os próprios espíritos superiores que evangelizam, fazendo a *parte doutrinária*.

Em um exemplo de apometria, o coordenador diz ao obsessor – que se apresenta: "Vamos ao passado e vejamos o que você fez. Uma vida passada. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Os médiuns videntes observam o quadro apresentado, em busca de encontrar a chave para o problema nesta vida. Se nenhuma informação surgir, deve-se *ir para uma outra vida*. O coordenador diz: "Mais uma vida. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Faz-se isso até os videntes perceberem a chave do problema. É quando o coordenador diz para o obsessor: "Agora você vê o porquê de seu drama. Vamos gravar na sua memória o acontecimento. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6,

7". A partir deste momento, uma *doutrinação rápida e eficaz* se faz necessária; ela é efetuada pelos espíritos superiores.

Também se utiliza da apometria para *projetar o obsessor no futuro*, mostrando a ele o seu aspecto físico e psíquico em vinte, cinquenta ou cem anos depois, mas, *em geral*, a regressão ao passado é suficiente para *restaurar a harmonia*. Os adeptos me falam da necessidade de "ir lentamente ao passado" porque o *choque* para a entidade desencarnada pode ser *terrível* e ela pode *deformar-se*. Para as entidades de *carga muito pesada*, existe a técnica da *redução do poder*. Quando o obsessor chega se diz: "agora vamos reduzir o seu poder com a inversão do *spin*. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Esta técnica paralisa a entidade para que ela seja doutrinada pelos espíritos superiores. Logo após, a entidade é expedida para uma colônia espiritual.

Também há tratamento apométrico contra o vício do álcool, do cigarro e drogas em geral, para o suicídio²¹¹ e até para a suspensão da mediunidade de alguém²¹². Deve-se procurar a causa no presente, e se não encontrar, voltar ao passado. Faz-se a abertura dos corpos extrafísicos, depois o apagamento da memória que se relaciona ao problema. No caso do uso da apometria para o tratamento do alcoolismo, por exemplo, depois do apagamento da memória, se diz: "vamos colocar uma mensagem que você vai repetir automaticamente cada vez que vir imagens ou ouvir algo sobre bebidas alcoólicas". Também se diz: "vamos colocar um aparelho ao nível do tubo digestivo (ou do estômago ou pâncreas os intestinos), que fará você ter insuportáveis enjoos e vômitos se tentar beber de novo. Você vai parar de beber imediatamente". São então formados *aparelhos* pra efetuar essas cirurgias, ainda através de contagens. Diz-se:

²¹¹ Na apometria contra o suicídio, o coordenador diz ao paciente, já desdobrado: "Vamos ao futuro, ver como o suicídio lhe prejudicará daqui a cinquenta e a cem anos. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". É dito que geralmente o paciente se aterroriza. O coordenador continua: "Gravação da imagem. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Voltamos ao presente. Vamos novamente ao futuro, mas agora sem o suicídio, vivendo feliz numa outra vida. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7". Nesse momento, o paciente "se admira e sorri". Continuando: "Gravação da imagem na memória do paciente. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Voltamos ao presente". Pede-se ao paciente para que faça a escolha entre o suicídio a e vida. O coordenador promete que ele terá todo o apoio espiritual e a ajuda incondicional do grupo. Diz: "Vamos tratá-lo". (sempre com as contagens). "Voltamos ao momento do desejo de suicidar-se. Apagamento da dor. Apagamento total de querer suicidar-se. Abertura de todas as memórias espirituais e da programação. Vamos repetir juntos: eu quero viver (repete-se 3 vezes). Meu desejo é forte, meu desejo é mais e mais forte, meu desejo se torna enorme, meu desejo é imenso como o oceano (repete-se 3 vezes). Minha vontade é enorme (repete-se 3 vezes). Todas as minhas negativas desaparecem (repete-se 3 vezes). Fechamento de todas as memórias. Contagem inversa: 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1". Felicita-se o paciente e é anunciado que seu corpo astral será conduzido a uma colônia espiritual para lá continuar o tratamento e a drenagem de todas as suas impurezas. Faz-se uma prece para ele.

²¹² Se o paciente "sofre muito com a mediunidade", pede-se *autorização aos guias* para *suspendê-la*: desdobra-se o encarnado, que incorpora em outro encarnado, um médium. Faz-se o pedido: "Corte da mediunidade com autorização dos guias para preservar a vida de (diz-se o nome da pessoa). Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Corte de todos os chakras em relação com a mediunidade. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7".

Posição feita e ativação. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Aumento da vontade para deixar de beber. Contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Mensagem subliminar: "eu me curo, eu me curo, eu me curo. Eu não quero mais beber. Eu expurgo todas as minhas impurezas e limpo meu corpo. Minha vontade cresce por dez, minha vontade cresce por dez e eu consigo".

Através da apometria, se pode reconstituir espiritualmente o corpo ou a emoção desordenada de uma entidade através de um comando com contagem, por exemplo: "vamos reconstituir a sua mão amputada: contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Vamos fazer desaparecer a sua dor: contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Vamos reconstituir o seu braço queimado: contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Vamos diminuir a sua raiva e seu ódio: contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7".

Ao final, fecha-se a sessão. O coordenador diz: "a partir deste momento vamos reacoplar nossos corpos. contagem: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; vamos deixar as projeções mentais criadas, que elas irão apagar-se". Faz-se então uma prece final.

5.1.2.2 Desobsessão apométrica e "desobsessão simples": o debate

Miriam assinala os elementos que distinguem a apometria, e que são responsáveis pelo seu atual destaque no meio espírita, em relação ao que chama de desobsessão simples. Ela caracteriza a desobsessão simples como uma prática centrada na *parte doutrinária*, por ser voltada para a *doutrinação*, para o *convencimento*. Em virtude disso, sua base é o *diálogo*, o *papo*, e também o *amor*, que são *formas de convencimento*. Na desobsessão simples, os encarnados não precisam criar as *proteções ideoplásticas* (as pirâmides, o cinturão de Órion, etc.), porque são os espíritos superiores que plasmam os *escudos protetores*.

Outra característica da desobsessão simples, segundo ela, é que *tudo é feito aqui, na frequência do médium*: se traz os espíritos *de lá* para incorporar *aqui*, já que os corpos dos médiuns não saem da terceira dimensão. Além disso, a desobsessão simples só pode ser feita no ambiente do centro espírita. Ela é, segundo nossa médium, uma *antessala* pra se poder chegar na apometria, o passo seguinte e mais profundo.

Diferentemente da desobsessão simples, a desobsessão apométrica efetuada pelo Grupo Ramatís *não* é centrada na doutrinação, no diálogo. Na *palavra*, sim, mas *não no diálogo* com o

espírito. A palavra é utilizada no objetivo de *construir as proteções*, as *criações ideoplásticas*. Na apometria, são os encarnados que criam estas proteções, através da *impulsoterapia*, que é a contagem: esta proporciona a condição de os encarnados utilizarem o *poder de suas mentes* para *transmutar a matéria sutil*. Miriam me diz que há a ajuda de toda a hierarquia espiritual, mas *são os encarnados que fazem*. Por fim, também diferentemente da desobsessão simples, a desobsessão apométrica não precisa ser necessariamente desenvolvida num centro espírita.

Elá acrescenta que a apometria foi *aproveitada pelo espiritismo* porque os espíritos menos iluminados estavam utilizando *sofisticados arsenais técnicos* para dominar os encarnados, arsenais fundados na *magia negra* e na *arquepadia*. Isto estava causando *obsessões profundas que a técnica da desobsessão simples não abrangia mais*. Nesse sentido é que para usar apometria, os encarnados devem ter ao seu lado espíritos que já tenham trabalhado com o mesmo arsenal dos mestres das trevas, espíritos que entendam de magia, já que o objetivo é desmanchar os arsenais mágicos dos mestres das trevas.

Há um conjunto de livros que circulam no meio espírita tratando da apometria; esse é um tema que também permeia listas de discussão e sites espíritas na internet, se mostrando um assunto palpitante e polêmico. Nesses escritos, encontramos em grande medida a defesa da desobsessão apométrica, uma *prática avançada* em relação à desobsessão simples; mas há também uma crítica recorrente, assegurando que esta técnica de cura está *em desacordo* com as *recomendações* de *Kardec*. As críticas sustentam que a apometria, calcada em "contagens cabalísticas, mentalizações, correntes mento-magnéticas e psico-telérgicas", além de "outras de nomes muito esdrúxulos e pseudocientíficos" se ajusta às "clínicas alternativas" e não ao espiritismo, da mesma forma que a *terapia de vidas passadas*, a *cromoterapia* e a *cristalterapia*. Também ressaltam que os métodos de libertação dos obsessores não poderiam assentar com o espiritismo, em razão da violência empregada, pois, na apometria, afirmam, as entidades rebeldes não são doutrinadas, e sim expulsas²¹³.

Em resposta os meus interlocutores dizem que, em termos do trabalho com a mediunidade, os espíritas ortodoxos, defensores da "pureza doutrinária", são "rígidos demais". Criticam,

²¹³ Segundo a revista GOIÁS ESPÍRITA Nº 32-2009, parte destas críticas teria sido desenvolvida pelo médium Divaldo Pereira Franco. Ver [http://www.forumespirita.net/fe/artigos-espiritas/apometria-nao-e-espiritismo-\(divaldo-franco-e-outros\)/](http://www.forumespirita.net/fe/artigos-espiritas/apometria-nao-e-espiritismo-(divaldo-franco-e-outros)/) e <http://www.paraespirita.com.br/portal/?q=node/171>. Ver também o blog "Amigos Espíritos": (<http://amigosespiritos.blogspot.com/2009/01/apometria-no-espiritismo.html>).

fundamentalmente, nos ortodoxos, o que chamam de "doutrinação de 15 minutos". Para os ramatisianos, a questão é a da impossibilidade de se resolver o que chamam de "processo obsessivo profundo" em 15 minutos de doutrinação do espírito, tempo normalmente utilizado para uma doutrinação clássica, "se sabemos que os mestres das trevas têm milhares de anos de ação". Para, pois, efetivamente tratar as obsessões milenares, eles defendem a eficácia do trabalho apométrico, fundado na "sabedoria aumbandhã", e que conseguiria libertar, não um, mas populações inteiras das áreas umbralinas mais profundas.

Já os espíritas defensores da técnica clássica da doutrinação asseveram que a eficácia de sua prática estaria no fato de que o momento dos quinze minutos de diálogo entre espírito desencarnado – via médium – e doutrinador, seria, frequentemente, o ápice de um processo anterior que já estaria sendo desenvolvido no plano espiritual; estes quinze minutos, pois, significariam um momento de desfecho do "tratamento" do espírito. Em outros casos, dizem, esta doutrinação acontece muitas vezes com o mesmo espírito, o que significa pensar o tratamento do espírito como composto por etapas sucessivas; as várias doutrinações significando estas etapas. Dizem também que, em geral, quando um espírito é doutrinado, dezenas de outros espíritos, por vezes centenas, se encontram presentes, ouvindo o diálogo travado, e, assim, cada doutrinação atingiria uma coletividade, tomando uma dimensão bem maior do que aparentemente se poderia supor.

5.2 O GRUPO RAMATÍS NO BEZERRA

Todos os dias, no Bezerra de Menezes, há palestras públicas, passes magnéticos e atendimentos nas cabines de cura; este último é o carro-chefe dos serviços espirituais oferecidos por este centro espírita. O atendimento nas cabines se dá das 14 às 18 hs. São seis médiuns de cabine, e cada um destes é acompanhado por um ou dois auxiliares. Em círculo, dão-se as mãos – a palma da mão direita voltada para cima, a da mão esquerda voltada para baixo, *de modo que a corrente de energia flua*. Quando Miriam está na coordenação dos trabalhos, é o espírito recepcionado por ela quem faz a prece de abertura:

Ó Tu, que manténs em vida o universo, de quem provém o Todo e a ti retorna novamente. Revela-nos Tua augusta face, do Sol eterno, espiritual, ali oculto por disco de áurea Luz, para que possamos

perceber a verdade e cumprir nossos deveres todos, de nossa longa viagem de peregrinos até Teus sagrados pés. Doce nome de Jesus, doce nome de Maria, enviai-vos vossa luz, vossa paz e harmonia. Estrela azul do Dharma, farol do nosso dever, libertai-nos do mau carma, ensinai-nos a viver. Ante o símbolo amado do triângulo e da cruz, vê-se o servo renovado por ti, ó mestre Jesus. Com os nossos irmãos de Vênus e Marte façamos uma oração que nos ensine a arte da grande harmonização. Agradecemos a presença do mestre Jesus, de mãe Maria, de Bezerra de Menezes, dos mestres ascensos da Grande Fraternidade Branca, de todos os potentados, caboclos, pretos-velhos e elementais, e pedimos que nos ajudem a realizar com amor e luz os nossos trabalhos. (Prece de Miriam Mafra/espírito João Machado, gravada em 19 de outubro de 2008 e posteriormente transcrita).

Após a prece, é declarado aberto o trabalho, e então todos se encaminham às suas cabines específicas. Neste momento, alguns médiuns já *recepçãoaram* os irmãos – médicos espirituais. Nas cabines, os prontuários são entregues aos auxiliares de cabine que começam a chamar os pacientes. Dependendo da cabine, o número de atendimentos varia entre dez e sessenta. É esperado que cada médium de cabine trabalhe com a ajuda de um ou mais auxiliares, até três, não necessariamente médiuns, mas que auxiliam na organização das fichas dos pacientes, na marcação das próximas consultas, em guardar os pertences pessoais dos pacientes no momento do atendimento e até mesmo na aplicação de passes ou algum medicamento de *ordem perispirítica*²¹⁴ quando solicitado pelo médico. Na ocasião em que a presença do auxiliar de cabine não é possível, o médium dá continuidade ao trabalho sozinho.

Para que o médium atue na cabine, ele deve passar por um *período de preparação*, um rito inaugurado por João Cecílio, onde médiuns de cabine e espíritos de médicos são inicialmente *apresentados* por Dr. Bezerra, espírito, e é indagado ao médium se ele deseja trabalhar com o espírito. Em caso positivo, há um período de aproximação *mental* destes dois seres, o encarnado e o desencarnado, através do ritual de estudo, que se desenrola por meses e às vezes por anos. Em seguida, esta *aproximação* se torna mais *profunda*, pois os médicos passam a se fazer presentes também através da *psicografia*; o *envolvimento* culmina no momento da *primeira psicofonia*: esta ocorre na chamada *cerimônia formal de entrega dos médicos e médiuns à casa espírita e sela o compromisso* do médium com este irmão espiritual, e, vale salientar, com seu *estilo de trabalho*.

Miriam e Graça Mafra, do Ramatís, trabalham nas cabines recepcionando respectivamente os médicos João Machado e José Tavares. As duas médiuns e seus companheiros espirituais

²¹⁴ De atuação no *perispírito*, ou *corpo espiritual* dos humanos.

realizam, quando o caso do paciente pede, apometria nas cabines. Porém, neste caso, o ritual, que em uma sessão clássica de apometria é realizado geralmente em trinta minutos, podendo se estender em até uma hora, é simplificado. Permanecem apenas as etapas de desacoplamento dos corpos do paciente, o seu encaminhamento à quarta dimensão e então o seu reacoplamento. Também não há a verbalização das contagens e dos comandos, sendo tudo efetuado silenciosamente.

Uma mãe e seu filho, uma criança de quatro anos. Dr. João Machado, através da mediunidade de Miriam, explica à mãe que o menino tem um "distúrbio de personalidade". Diz que ela deve fazer preces a Jesus, pois há espíritos obsessores interferindo neste caso. O menino grita. Dr. João diz à mãe: "a tonalidade da nossa voz denota os limites. Veja como ele está histérico". Diz-me que o tratamento será feito com aparelhos espirituais. Ele utilizará também apometria, pois o corpo espiritual do menino precisa ser tratado num hospital do astral. Dr. João estala os dedos algumas vezes, perto da cabeça do menino. (Creio que esta é a contagem, ele está desacoplando os corpos, tal como Miriam me explicou). Ele dá alguns passes, abrindo e fechando as mãos de Miriam enquanto circunda o corpo do menino, sem tocá-lo. Dr. João estala os dedos novamente. Depois diz à mãe do menino: "você deve cortar os desenhos de violência. Ponha ele na natação para tirar as energias negativas". (Diário de campo, julho de 2008).

Nas oportunidades em que eu estava na cabine observando as práticas de cura de Miriam e Graça Mafra, só percebia que elas estavam realizando apometria quando contavam, e apenas nas vezes em que o faziam estalando os dedos ou murmurando, pois, segundo me disseram, a *contagem* pode ser *efetuada mentalmente*, também. Convém ressaltar que há outras práticas efetuadas nas cabines: cirurgias, passes magnéticos e aplicação de medicamentos e *raios* de cores variadas. A apometria é o diferencial das médiuns do Grupo Ramatis.

A presença pública do Ramatís no Bezerra se faz notar ainda, a cada quinze dias, nos domingos à tarde, quando Luiz Antonio, membro deste grupo, faz a palestra no salão do primeiro andar. Desde a prece de abertura o ideário ramatisiano se faz presente:

Querido e amado irmão e Mestre Jesus, querida e amada mãe Santíssima Maria, irmã e avó Ana, irmã Celina, irmão Ismael, irmão Agostinho de Hipona, irmão Adolfo Bezerra de Menezes, irmão João Cecílio da Costa, irmão Humberto de Campos, irmão Paulo de Tarso, irmã Irma de Castro Meimei, irmão João Batista, irmão Lucano, Swami Paramahansa Yogananda, Mahavatar Babaji, Swami Sri Satya Sai Baba, Sri Ramatis, queridos e amados irmãos Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, caboclos, preto-velhos, beduínos do deserto, himalaicos, queridos e amados irmãos de luz do universo, em agradecimento vamos fazer a prece que Jesus nos ensinou, muito tempo antes de ter nascido entre nós. (Prece

de Luiz Antonio, gravada em 15 de março de 2009 e posteriormente transcrita).

Em suas palestras, é comum Luiz Antonio articular a noção ortodoxa de reforma íntima com o conceito heterodoxo de ascensão planetária. Em uma das palestras, das várias que assisti, ele, após contar para os presentes sua trajetória milenar (a qual teve acesso, revela, a partir do que lhe contou João Cecílio), sublinha:

Somos herdeiros de nós mesmos; nossas tendências já estão em nós quando nascemos neste mundo físico, quando aprendemos através da intenção de nossa vontade a sentir, a pensar, a decidir fazer as coisas da forma mais correta possível. Cada caso é um caso. A única solução para o sofrimento humano é aprender a fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem. (Palestra de Luiz Antonio, gravada em 15 de março de 2009).

Continua salientando a necessidade das pessoas ali reunidas acelerarem a "ascensão interna", pois "o processo de mudança planetária já anda a pleno vapor"; ele aponta como sintomas da existência desta mudança na atualidade, os mais recentes conflitos no oriente médio, assim como notícias veiculadas na mídia ufológica impressa e via internet, acerca da presença de extraterrestres no planeta Terra. Arremata dizendo que não se pode esquecer aquilo já salientado nas profecias: Jesus voltará em um futuro muito próximo. Todos devem estar preparados para isto.

5.3 ALINHAVANDO

É importante perceber a razão de o Grupo Ramatís incomodar tanto. Num momento em que o Bezerra quer se tornar adeso à FERN, e independentemente de gravuras afixadas nas paredes do centro, o grupo assume o microfone e, em alto e bom som, propala as ideias impuras da guerra de mundos e ascensão planetária para os frequentadores do Centro. Do mesmo modo, as cabines mais concorridas são justamente as das irmãs Mafra, que, dado ao status que possuem no Bezerra, quando presidem o trabalho não escondem, desde a prece de abertura, seus compromissos com a Grande Fraternidade Branca. Assim também, realizam e não negam a prática banida e temida nos centros adesos, a apometria. Em adição, Miriam recepciona Ramatís. Foi treinada para isso pelo próprio fundador do Bezerra, João Cecílio, que até a sua morte o

recepção²¹⁵. Com quadro ou sem quadro, Ramatís está fortemente presente no Bezerra. Mas este contexto conflituoso onde as práticas do Ramatís se inserem é "café pequeno" frente à tarefa que o grupo se propõe a realizar: ascensionar um mundo inteiro.

Dirigindo-me do contexto às práticas, quero sugerir que, do mesmo modo que Diálogo Fraterno e Desobsessão (simples) são, para os adesos, os principais dispositivos pastorais para fazer a reforma íntima (atualização em técnicas de si dos princípios de caridade/ mediunidade/ estudo que concorrem para a evolução espiritual), para o Grupo Ramatís, Cerimonial e Apometria são os dispositivos para outra reforma, de maior magnitude: a ascensão *planetária*; práticas que podem beneficiar, na perspectiva do grupo, não uma, mas bilhões de almas.

Na minha interpretação, não há para o Ramatís uma negação da reforma íntima, tão pouco do tripé que sustenta o espiritismo adeso – neste ponto eles continuam regulados pela ortodoxia kardecista. O que acontece é que levaram às ultimas consequências as ideias de evolução e de mundo de provas e expiações de Kardec, desenvolvidas de forma dramática por Chico Xavier no mito de capela. Ideias que são desdobradas e reelaboradas incluindo personagens bem conhecidos (Satã, Javé, Jesus, Kardec reencarnado²¹⁶ e outros mais), mas que ganham o colorido e a produção intergaláctica das séries de TV e dos filmes hollywoodianos, ao mesmo tempo que aproximam este mito da cena local, a esquina dos mundos: Natal.

Assim, apoiados nas interpretações milenaristas dos escritos de Ramatís e Jan Val Ellam, os que fazem o grupo Ramatís se engajam na guerra que envolve populações de espíritos por todos os universos. Como podem, e por se considerarem corresponsáveis por tudo de mal que o estado de guerra tem provocado no planeta e nas galáxias, atuam em diversas frentes de batalha: na linha de frente, descendo aos umbrais trevosos na luta contra magos negros nazistas e dragões; na retaguarda, recepcionando médicos que curam os vitimados dos combates; na cúpula, ao entrar nos portais interdimensionais, auxiliando os comandos planetários a traçarem estratégias de combate, criando instrumentais de defesa e de reintegração às forças do Bem nos chakras do planeta Terra, e emprestando suas próprias energias para o planeta ascender para uma quarta dimensão e sair do estado de guerra em que se encontra.

²¹⁵ Tratarei da carreira de Miriam no capítulo sete desta tese.

²¹⁶ Como veremos no capítulo oito, alguns dos adeptos dos grupos Atlan e Ramatís presumem que o médium Jan Val Ellam seja Allan Kardec reencarnado.

Nesse contexto, a perspectiva racializante presente no espiritismo, ainda que projetada para o outro mundo, apartando os espíritos racializados, situando-os na umbanda (que inclusive deve ser combatida), é atenuada, mas não apagada entre os que fazem o Ramatís. Digo isso porque eles, os exus, os orixás, os pretos velhos e índios são admitidos no exército do Bem, mas justamente porque a “essência” de seus pertencimentos raciais lhes da a “força” necessária para combater na linha de frente da guerra santa espiritual. A baixa vibração e animalidade que os caracteriza os permite chegar até as profundezas mais trevosas dos umbrais, onde os espíritos de luz jamais conseguiram alcançar.

De certa forma, é também o estado de guerra, e a dimensão que ela assume no mito contado por Rogério que justificam enfatizar menos as tecnologias de si e mais a tecnologias de poder conforme definidas por Foucault (1994). Enquanto as primeiras fazem apelo aos indivíduos de modo a “efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade”; as segundas “determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito”.

Contra os seres trevosos, dizem, a desobsessão (*simples*) não tem valia. Até porque o pastorado, que subjaz as práticas clássicas que visam a reforma íntima, é um dispositivo que exige um mínimo de solidariedade grupal, exige o compartilhamento da crença de que existe um caminho para a salvação e de que aquele que pede que abra a consciência e que dá a direção, o pastor/doutrinador, possui legitimidade para tal (Foucault, 2006). Me parece que estas prerrogativas não cabem para os Magos Negros e Dragões.

Ademais, inspirados na literatura da ficção científica, os ramatisianos os percebem como portadores de arsenais tecnológicos destrutivos, ainda que invisíveis aos olhos pouco treinados (e espiritualizados) dos encarnados comuns. Assim, outras intervenções são exigíveis. Diferentemente da desobsessão *simples*, onde os seres são chamados ao diálogo que convence (e ainda que tenha apontado como o diálogo da desobsessão e diálogo fraternal não se configurem bem como tal), a urgência da guerra pede mesmo por reprogramação cognitiva e afetiva, apometria, e porque não fazer e beneficiar, não uma única pessoa, mas populações inteiras? O recurso é voltar ao poder soberano (Foucault, 1988) e submeter as forças do Mal às do Bem.

Não posso me furtar a fazer um paralelo entre o que observei entre os espíritas e o que se têm discutido sobre as religiões pentecostais, a partir da ideia da Teologia da Guerra Espiritual (Mariz, 1997). Como os neopentecostais do Brasil contemporâneo, os ramatisianos atuam, pode-se dizer, mais uma vez ante a tão discutida Guerra Santa (Mariz 1997), uma batalha espiritual que também é contra o demônio (vide a presença de Lúcifer, Satã, dragões e legiões de magos e seres trevosos). Concordando com Mariz (1997) em sua leitura dos neopentecostais, na batalha que o Grupo Ramatis realiza, eticiza-se o mundo, ao mesmo tempo em que o mantém mágico, encantado. Diz a autora:

Não discordo da presença de elementos mágicos, que todos os autores analisados até então enfatizam, no pentecostalismo e neopentecostalismo, mas discordo que esses elementos sejam incompatíveis com uma ética civil e vida política como sugerem. Por um lado, concordo com Joanna Overing (1985: 275- 5) quando esta questiona o pressuposto de que responsabilidade moral e um sistema ético não possam se desenvolver dentro de uma concepção do mal como parte de uma ordem cosmobiológica. (...) Além disso, quero chamar atenção para um aspecto menosprezado pela literatura sobre a teologia da guerra espiritual: esta teologia desempenha um papel opositor à cosmovisão mágica e a-ética. Os crentes, por exemplo, explicam que sua atração ao pentecostalismo ou ao neopentecostalismo não apenas pela maior eficiência de seus milagres e magia. Em cosmologia que defendem a guerra espiritual, o culto a seres sobrenaturais não se justifica apenas pelo poder desses seres, ou sua competência em fazer milagres. Esta veneração tem que se basear na superioridade moral destes seres. O sentido moral de um milagre passa a ser mais importante do que a sua ocorrência. (Mariz 1997, p. 6)

Uma distinção, porém, é notória: os que fazem o Ramatís de Natal não localizam o demônio como um ente cultuado por uma religião específica (nem mesmo pelos afro-brasileiros, estigmatizados por católicos, evangélicos e mesmo pelos espíritas adesos); a perspectiva ecumênica ramatisiana parece conseguir manter o demônio como alguém a-religioso. Do mesmo modo, a perspectiva salvacionista consegue ir além e o incluir – o mal só conseguirá ser vencido quando até mesmo o demônio realizar sua própria reforma íntima, vencer a animalidade que parece lhe ser intrínseca, e, além disso, se reencaminhar para o caminho do bem. O que quero assinalar, é que parece que o demônio, ou simplesmente Lúcifer e Satã, não são eles mesmos a personificação do mal, mas seres que não souberam lidar com emoções animalizadas e sucumbiram a um cogito que, antes de levar à verdade, os afastou dela – afinal, os princípios espíritas dizem que estudo (razão que leva a questionamentos) e mediunidade (força para agir

neste e no outro mundo), sem caridade (amor e solidariedade ao próximo) leva mesmo à degenerescência. Em outras palavras o mal não é alguém, mas o descontrole.

Finalmente, o que quero sugerir é que o mito contado por Jan Val Ellam nos fala de emoções. Ele conta como, a partir do descontrole emocional de uma das figuras mais importantes no panteão intergaláctico – Lúcifer/Yel Luzbel – se desenrola o drama humano. Temos em Ramatís/Jan Val Ellam uma narrativa mítica das emoções humanas que se completará quando o Espírito dominar a Carne, não apenas no plano individual, mas, sobretudo, quando um planeta inteiro tiver equilibrado, e seus centros de força vibrarem amor.

Para alcançar tal objetivo (a ascensão planetária), as técnicas de si do Diálogo Fraterno e Desobsessão são pouco eficazes. É preciso técnicas de poder que atinjam populações, nos dispositivos do Cerimonial e da cura como desenvolvidas nas cabines e em reuniões do Grupo Ramatís. Ali, duas técnicas de poder se destacam: em primeiro lugar, meditação/mentalização, que agem no próprio corpo-planeta abrindo seus chacras/portais de modo a que o mundo possa ascender, e em segundo lugar, apometria, um complexo de ações sobre os corpos perispiríticos de modo a possibilitar com que eles trafeguem no espaço-tempo. A partir disso, encarnados se juntam a legiões de espíritos desencarnados para a batalha espiritual. Do mesmo modo, operações regenerativas ou de reprogramação são realizadas, a despeito da vontade dos que estão no outro *front* de batalha, de modo que, com mais eficácia o Bem possa vencer o Mal.

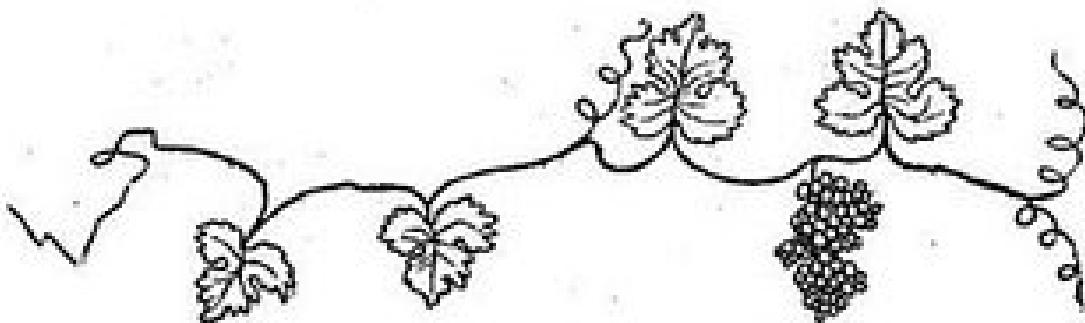
5.4 DADO O NÓ, PUXO MAIS UM FIO

Situados os grupos, mitos e rituais e os modos como atualizam pragmáticas emotivas que distinguem o grupo adeso do grupo não adeso, surge mais uma questão: como mitos e ritos reverberam na pessoa, contribuindo para os seus engendramentos emocionais? Para me acercar desta questão voltarei aos três grupos estudados, olhando-os por outra visada. Assim, na terceira e última parte deste trabalho, reconstituo a carreira mediúnica de três importantes figuras dos grupos investigados: Arabela, Miriam e Rogério. Ao longo da pesquisa percebi que eles são como que oráculos dos grupos dos quais fazem parte. Escutar-lhes falando de suas trajetórias mediúnicas foi perceber como foram, ao longo do contato com escritos e ritos diversos, se conformando para se tornarem aquilo que são: exemplos modelares de pessoas espíritas.

O uso que faço do termo modelar não deve ser entendido como um qualificativo. Na verdade, a qualidade a eles atribuída nas performances de pessoa espírita que apresentam é situada: Arabela, Miriam e Rogério são avaliados pelos grupos aos quais se filiam e pelos outros grupos que interagem entre si, neste campo fraturado que é o campo espírita de Natal.

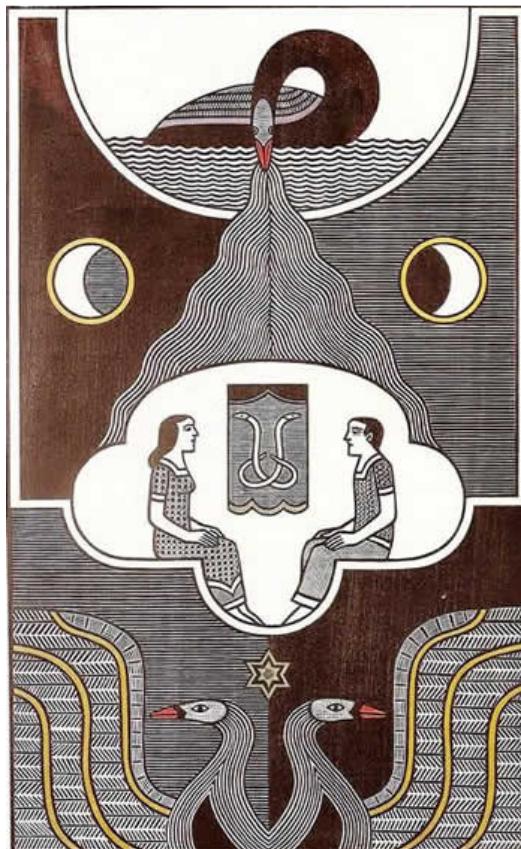
Nesse contexto, os três se alternam em exemplos positivos e negativos do que é ser pessoa espírita, a depender de posições divergentes no campo. Seguindo esta linha, o capítulo 6 é dedicado a Arabela, do Grupo Espírita Irmãos Unidos; o capítulo 7 reconstitui a trajetória religiosa de Miriam, do Grupo Ramatís de Natal, também atuante nas cabines de cura do Bezerra de Menezes; e o capítulo 8 retoma a modelagem mediúnica de Rogério, do grupo Atlan. Ainda sobre as cenas dos próximos capítulos, o derradeiro capítulo 9 é dedicado a discutir comparativamente as três trajetórias à luz das etnografias dos grupos, apresentadas nas duas primeiras partes deste trabalho, colocando-os em perspectiva a partir da inserção que possuem no complexo de crenças e ritos mediúnicos que são ofertados no campo religioso mais amplo e utilizados para que cada grupo se constitua dos modos como os vi se apresentar. Ressalto que o capítulo nove também se constitui em uma primeira síntese conclusiva desta tese.

PARTE III CARREIRAS ENREDADAS: OS MÉDIUNS



Ramo de videira, que, segundo Kardec, foi desenhado pelos espíritos superiores, através de médiuns, para ilustrar a primeira edição de O Livro dos Espíritos.

CAPÍTULO 6 ARABELA



"O Diálogo", xilogravura de Gilvan Samico.
Disponível em http://www.interpoetica.com/corda_samico.htm.
Acessada em 18/01/2010.

Neste capítulo, retomo os processos que concorrem para uma reforma íntima, constituindo um modelo de emocionalidade mediúnica no espiritismo, desta feita a partir de outra mirada. Eu examino a carreira mediúnica de Arabela, médium de vidência, audiênciac, psicofonia, psicografia e desdobramento. Arabela atua nos rituais de diálogo fraterno e desobsessão e é considerada no Grupo Espírita Irmãos Unidos um exemplo de médium, modelo de pessoa espírita.

Conheço Arabela há aproximadamente doze anos. Na época em que fiz meu tratamento de desobsessão nos Irmãos Unidos, não foi ela quem me atendeu ou me acompanhou. Porém, ao dar início ao estudo da mediunidade, passei a manter com ela uma relação de amizade, e a partir do ano de 2003²¹⁷, quando iniciei a pesquisa de campo nos Irmãos Unidos, Arabela não se opôs a ser entrevistada. Foi comunicada que as entrevistas deveriam tratar de sua carreira mediúnica, o que incluía sua adesão ao espiritismo e seu trabalho no centro espírita.

A primeira entrevista que fiz com ela foi em sua casa, no final do ano de 2003; a segunda no ano de 2006 e a terceira em 2007, estas duas últimas efetuadas na praça de alimentação de um Shopping Center de Natal. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Também obtive dados da carreira de Arabela através de conversas informais com ela, no âmbito do centro espírita, antes das reuniões ou ao seu final. Durante os anos de 2003, 2006 e 2007, observei a atuação de Arabela nas sessões de desobsessão dos Irmãos Unidos; todas as sessões foram gravadas, porém, muito poucas estão audíveis, em decorrência do alto nível de ruído da sala (há um ventilador ligado e as comunicações são simultâneas, ou seja, todos os médiuns e doutrinadores falam ao mesmo tempo). Sendo assim, poucas foram transcritas do gravador. Porém, eu tomei nota em caderno de campo de todas as sessões, o fazendo no momento em que se davam e transcrevendo-as ao computador logo ao chegar em casa.

6.1 O ASSÉDIO DOS MORTOS

Arabela é médium dos Irmãos Unidos desde final dos anos 1970. Nascida em Natal, ela tem por volta de quarenta e cinco anos de idade, é oriunda de família católica de classe média e tem curso superior em engenharia têxtil. Filha de pai militar e mãe dona-de-casa, Arabela estudou desde a infância em uma tradicional escola religiosa de Natal.

Ela me disse ser *médium vidente* desde a infância; não lembra exatamente quando começaram as aparições dos espíritos em sua vida, mas recorda um episódio antigo, acontecido quando tinha aproximadamente quatro anos, onde duas crianças iam em seu quarto, à noite, lhe

²¹⁷ Na época, eu concluía a primeira pesquisa que efetuei em centros espíritas (Madureira 2003) e iniciava a coleta de dados de uma segunda pesquisa com mulheres médiuns (Madureira 2004), de onde retiraria alguns dados iniciais para a pesquisa que empreenderia no doutorado.

chamar "para brincar", um menino de pijama e uma menina de camisola, os dois da mesma idade que ela. Havia também o "homem com a medalha", que tentava apertar o seu pescoço, além de muitos outros.

Arabela diz que sempre viu espíritos, "todos os dias, todas as noites de minha vida". Quando era criança, sua mãe lhe repreendia: dizia que "era imaginação", que ela "assistia muita televisão e se impressionava". No meio da noite, no auge do medo, no escuro, pois sua mãe não a deixava acender as luzes, Arabela chamava pelos pais. Seu pai ia, abria o guarda-roupa, olhava debaixo da cama, dizia "veja, o quarto não tem ninguém", mas na maioria das vezes, o espírito estava ao lado dele. E ela lhe respondia: "ele está aí, papai"; e chorava, chorava. Então o pai ficava um pouco com ela, "para lhe acalmar", mas logo ia embora e as entidades continuavam ali. Ela, então, punha o travesseiro sobre a cabeça e chorava por muito tempo, no escuro. E completa: "o que é pior, porque no escuro é mais fácil de vê-los". As visões continuaram sem trégua por vários anos; também permaneceram as sensações de paralisção física, os suores frios, a angústia e o desespero ante as visões dos mortos ensanguentados, em estado de decomposição e assumindo formas demoníacas:

Tem uns que eu sempre vi, eles se fazem passar pelo demônio, sabe, de chifre e rabo? Eles vestem essa forma pra me assustar. Outros têm uma pele escamosa, vermelha, e tem uns que eu acho que são os tais seres intraterrenos que já me falaram existir, porque são pequenos e têm cheiro de bicho, de mato (Arabela).

Em determinados lugares ela os vê com mais frequência e em maior quantidade. Na adolescência, um lugar particularmente povoadão por espíritos de *variados formatos* era a casa de sua colega de escola, Soraya.

Ela morava numa casa antiga, e se eu pudesse mostrar a você, eu cruzava assim no meio da sala, com cinquenta, sessenta, setenta entidades, passando por dentro de mim. Minha cama pulava, eram eles pulando, então eu não dormia, eu passava a noite todinha acordada. Tinha zebra, girafa, porco, tanto porco, tanta girafa, tanta zebra, sem falar de, sabe esse tipo assim, metade touro e metade homem? Tipo minotauro. É às vezes a metade touro não era bem um touro. Parecia um búfalo, parecia qualquer coisa. (Arabela)

Arabela conviveu com as *entidades* sem saber ao certo que *fenômeno* era esse até entrar no espiritismo, levada por um *longo processo obsessivo* cuja característica foi o de uma *doença sem*

explicação, causada, depois soube, pela influência do espírito de uma freira, que a estava obsidiando.

6.2 DA FREIRA TUBERCULOSA A MARIA NÃO-SEI-DO-QUÊ

Passou a ter febre alta todos os dias, que remédio algum fazia baixar, crises de choro e riso e momentos de ausência: tomava o ônibus e ficava na janela, olhando para o céu, enquanto o ônibus andava por horas, até o cobrador perguntar se ela não iria descer. Foi a neurologistas, psiquiatras, neuropsiquiatras e um parapsicólogo. Eles *não encontraram nada de errado*. Fizeram diferentes exames, até mesmo de quociente intelectual, de sorte que *os recursos da época foram tentados*. Na dúvida, receitaram-lhe calmantes.

Foi um amigo de seu pai que indicou o centro espírita, como *último recurso* para tratar sua doença misteriosa. E assim, Arabela entrou aos Irmãos Unidos pela primeira vez, aos quatorze anos de idade. Neste primeiro dia, recebeu uma *fichinha* para o *atendimento*, e aguardou. Enquanto estava na sala de espera, sentia *muita, muita emoção*:

Frio e calor, uns arrepios sobre a pele, meu cabelo com a sensação de que estava eletrizado, sons e ruídos dentro de meu ouvido, como quando se está sintonizando um canal.

Lembra de que quando fizeram a prece de abertura dos trabalhos da noite, ela "nunca sentiu tanto a presença de Deus quanto naquele momento, algo que não conseguia sentir na igreja católica, nem mesmo sabia o que era isso". Quando chegou a sua vez para o *atendimento*,

Entrei numa sala para falar com duas pessoas; uma senhora, era dona Lourdes, médium vidente, e um rapaz, que eu depois passei a conhecer, era José Moraes. Dona Lourdes me disse que eu precisava de um tratamento, e então olhou para este homem que estava com ela, e disse: "Ela é média". Eu nunca vou esquecer que ela falou isso. "É média e é vidente". (Arabela)

Esta senhora encaminhou-a para tomar um passe; Arabela diz que na época *não fazia ideia* do que seria um passe; "nada do que eles disseram eu entendi". Mandaram que fosse para uma sala, *tomar este passe*. Ela atravessou um corredorzinho, tinha uma cortina, mandaram entrar; sentou-se numa cadeira, e uma *mulher meio gorda*, toda de branco, descalça, pôs as mãos em sua

cabeça, "porque nessa época se tocava o corpo da pessoa, o passe se fazia tocando", e esta mulher começou a passar as mãos com muito vigor pelos seus braços e pernas, e a levantou, e passou as mãos nas suas costas, até suas pernas, e Arabela, com a "respiração ofegante, e sentindo aquele jogo de emoções muito fortes", se "acalmou",

Completamente, como eu acho que nunca até aquele dia tivesse me acalmado, da forma como eu me acalmei. Que eu fiquei serena, e até feliz. Como que um peso do tamanho não sei nem dizer de que tivesse saído de cima de mim. Quando isso aconteceu, na mesma hora em que isso aconteceu, ela tocou no meu ombro e me mandou ir com Deus. Aí eu digo: é aqui o meu lugar. Não entendi nada, mas é aqui. (Arabela)

Arabela relata ter *se encontrado* nos Irmãos Unidos. Em sua narrativa, apresenta o elemento da leveza, da calma, muito frequente nas narrativas de conversão, designando o impacto inicial que a religião abraçada deixa no noviço. O tom dado por Arabela neste primeiro passe aproxima-se do de Curió, informante de Miriam Rabelo, em sua primeira manhã, após seu ingresso no barco das iaôs:

Aí, no outro dia, eu lembro que já acordei com a mesa de frutas. Já estavam. Aí... relaxei, [estava] bem, bem leve o corpo, me sentindo outra pessoa, como a pessoa que vai pra uma mesa de cirurgia e, quando volta, volta sem nada, sem sentir dor nenhuma. (Fala de Curió. Rabelo, 2008).

Após anos sendo tratada como doente, Arabela diz ter ficado, à época, muito *agradecida* aos Irmãos Unidos, porque foi, enfim, *resguardada*. Neste centro espírita, "finalmente soube o que tinha", soube que "não era louca nem doente", que "era normal". Nos Irmãos Unidos, foi conferido um lugar ao seu *problema*, não mais tratado como problema, e sim como *dom*. Sendo acolhida, não mais chamada de louca, ela *sentiu* imediatamente o quanto a *energia* dos Irmãos Unidos era *boa*.

No discurso emotivo de Arabela, quando se refere ao GEIU, comparecem as noções de *confiança* e de *cuidado*²¹⁸. Ela se sentiu cuidada e localizada em um lugar de normalidade. Porém, assim como Curió, que ainda passará por diferentes momentos de aflição até que o ritual de entrega de seu orixá se conclua, as aflições de Arabela não cessam, antes se mantêm em um

²¹⁸ Para a confiança, cf. Koury (2002), que articula esta emoção à noção de *pertença*, assim como Overing (1999), em seu trabalho sobre amor e cuidado entre os Piaroa. Também é importante o trabalho de Baier (1995), onde defende uma *teoria moral* fundada na "confiança apropriada".

equilíbrio tênué, como veremos. O momento de inicial empatia com a religião necessita ser permanentemente afiançado, a aliança permanentemente confirmada.

A empatia com o centro espírita, que se dá neste primeiro dia, deve ser intensificada com o passar do tempo, na medida de seu engajamento a uma atividade mediúnica que se coadunará com o que Arabela entende como *o mais certo para a sua vida*, e ao mesmo tempo a afastará do que ela comprehende *não acrescentar*, e por isso, rejeitará. É importante salientar que as escolhas de Arabela se dão no âmbito do movimento espírita, como será demonstrado.

Após o inicial atendimento nos Irmãos Unidos, Arabela fez um tratamento de seis semanas, e ficou *aparentemente curada da doença*. Quando o seu pai perguntou ao tal colega de trabalho que frequentava essa reunião, o que havia com a filha, este respondeu que ela estava acompanhada por uma freira que havia morrido esclerosada e tuberculosa.

Findo o *tratamento*, ela deveria continuar a frequentar o centro, porém, sua mãe não o permitiu. Arabela afirma que em decorrência desta negativa, começaram as *incorporações em casa*. Em uma delas, sua amiga Soraya, "a mesma da casa cheia de bichos", estava na casa de Arabela para estudar. Alguns minutos antes do almoço, nossa médium sentiu *um enjoo*, e foi para o quarto.

Aí eu peguei a janela assim, botei a cabeça meio fora, pra inspirar um pouco o ar, como que eu tivesse asfixiada. A última coisa que eu me lembro é que eu senti uma fraqueza nas pernas, e escureceu tudo. Quando eu retorno, eu tou sentada, num quarto, numa cadeira, só tinha essa cadeira, e tem um senhor, risonho, com a cara boa, me dando um copo d'água: "minha irmã, beba". Não esqueço nunca. Aí eu olhei. Eu tava trocada, com um vestido longo, que eu tinha, amarelo, de crepe, de alcinha, meio decotadinho, que era o vestido que eu usava pra sair.

Eu tava muito cansada. Tão cansada que não tive nem vontade de perguntar nada. No outro dia, meus pais me contaram o que aconteceu. Que eu fiquei muito agressiva, e queria me arrumar, e queria me pintar, e queria sair, e queria beber, e me pai não conseguia me dominar. Tentava fazer com que eu me sentasse, parasse com aquilo, e eu com uma força descomunal. Dizia que o meu nome era "Maria", "Maria não sei do quê". Maria alguma coisa.

Minha amiga tinha indicado esse endereço, e esse senhor, ele trabalhava num centro espírita. E para que eu fosse com eles de carro, eles me disseram que a gente ia tudo pra um bar, porque, como é que iam me tirar? Porque eu queria ir pra uma festa, dançar, beber. Foi completa posse do corpo, eu fiquei quatro horas sabe Deus como, porque eu não tenho noção (Arabela).

Esta foi a primeira, mas não a última vez que Maria não-sei-do-quê a fez perder os sentidos:

Então a gente começou a receber orientações desse senhor, de que eu precisava frequentar o centro espírita, que a minha mediunidade era muito ostensiva, e talvez depois de uns quatro episódios dessa incorporação assim, eles me levaram. Eu fiz outro tratamento, estava obsidiada por este espírito feminino, essa Maria, aí fiquei boa e não deixei mais de ir para os Irmãos Unidos (Arabela).

6.3 O MEDO

Arabela relata o quanto era *amedrontador* ficar sob a posse deste espírito. Porém, este era um espírito que, segundo ela, conseguia se aproximar de seu *campo energético*, por conhecer as *imperfeições* da própria médium, que em encarnações passadas esteve *no desequilíbrio*, trabalhando para *as trevas*, participando de *tramas e prejudicando pessoas*, e, importa salientar, utilizava de *energia sexual* neste intento. Maria representa o que ela não quer ser, mas se vincula ao que ela já foi. Para mantê-la longe, Arabela é advertida, nos Irmãos Unidos, da necessidade de manter o *padrão mental elevado*, sempre *pensando coisas boas*, para sintonizar só com os *espíritos de luz*.

Ela então passa a frequentar assiduamente este centro espírita, a *se sentir melhor* a cada dia, e aguardar o dia em que estivesse *curada* também das visões. Conforme o tempo passava, contudo, percebia que *não tinha jeito*, os espíritos não desapareceriam de sua vida, assim como o *medo* que sente deles. Experimentado desde a infância, o pavor ante os mortos continua presente, ainda que procure *conviver com isso*:

Se eu ainda tenho medo? Muito! Pergunte a qualquer médium vidente, se ele realmente vê, ele morre de medo! Não tem como um médium que é vidente, que vê mesmo, me convencer de que não tem medo. Tem, sim. Eu tenho, até hoje. Eu não entro em uma sala escura sem pôr a mão antes e acender o interruptor de luz. Eu acendo a luz antes e depois entro. Não entro na escuridão de jeito nenhum. [Porque?] porque é mais fácil de ver as entidades, no escuro (Arabela).

Porém, *com o passar do tempo*, ela relata ter *trabalhado o medo*, através do *estudo* e do desenvolvimento do que chama de *segurança mediúnica*:

Eu estou sempre vendo os espíritos; já pensou se eu me assustasse do jeito de antes? Eu passava o dia louca, dando pulo. O que eu faço hoje é não olhar nos olhos deles e fazer uma prece pra que eles sejam levados ao centro, e pronto, o dia segue (Arabela).

Na época da pesquisa, quando eu relatava às pessoas de minha convivência que abordaria o medo dos mortos no espiritismo, eram comuns duas observações. Em uma delas, me inquiriam: "Mas o que você vai dizer de novo? Todo mundo tem medo de quem já morreu". Outras pessoas me diziam: "Mas que bobagem. Todos sabem que os espíritas não têm medo de quem já morreu, e nem medo de morrer".

Porém, meus dados de campo demandavam um olhar mais detido sobre este tema, pois apontavam, em primeiro lugar, para uma constante: os espíritas com os quais eu conversei e que se definem – e são tidos em seus grupos – como médiuns videntes descrevem um recorrente medo dos desencarnados, como a fala de Arabela salienta; ainda que, vale dizer, a intensidade deste medo varie. Em segundo lugar, e talvez mais importante, há uma *distinção*, dentre os *medos* em relação a *quem já morreu*. Ora, mesmo revelando trazer um enorme medo dos espíritos em geral, Arabela considera importante salientar que existem medos *legítimos* e *outros* que *não faz sentido a pessoa ter*. Assim, *o além* do qual se deve ter medo é *um certo além*.

Tem uns que eu ainda estremeço, quando vejo, porque, fazer o que? Mas me seguro. Veja, nas noites de quinta-feira, no centro, eu vejo sempre alguns frades de batina marrom. Tem um que traz um livro enorme e fica folheando. Eu sinto um leve calafrio, porque, mesmo que eles sejam da galera do bem, eles não são muito elevados, mas eu tenho plena consciência de que não é pra ter medo deles.

Outras vezes, no meio da noite, vou à cozinha e lá tem aquela senhora ao lado da pia, e ela olha pra mim. Meu Deus, eu fico gelada, mas espíritos assim só querem ajuda, eles não vão me fazer mal, então o que eu faço é entrar em prece, e dizer a mim mesma que não devo ter medo dela, mas é um exercício, isso (Arabela).

Também não relata medo ao sentir a presença de um índio portando arco e flecha, que é seu espírito guardião. Depois de vários anos em contato com ele, o reconhecimento da presença do "seu índio" passa, além da visão, por outro tipo de percepção que explicou através da metáfora da onda do mar. Disse-me:

Hoje eu não sinto medo quando o meu índio chega, e eu sinto a presença dele da mesma forma que, sabe quando você está tomando banho de mar e de repente, sem você esperar, vem uma onda enorme pelas suas costas e lhe cobre completamente? Pois muitas vezes é assim comigo,

principalmente quando eu preciso de ajuda, quando eu preciso fazer ou falar algo muito importante: o meu índio chega e me envolve do jeito de uma onda grande do mar, e, algumas vezes, depois que passou tudo é que eu vejo que ele acabou de falar pela minha boca, e aquele meu problema está resolvido, eu tinha falado a coisa certa. Eu não, ele (Arabela).

As piores visões do além, as mais *aterrorizantes*, para ela, são as dos espíritos que trazem em seus corpos elementos que remetem à morte, se mostrando sujos de terra, ou ensanguentados, ou em estado de decomposição, com "os vermes a lhe comerem". Também relata como muito perturbadoras as visões que remetem à violência e à sexualidade.

Uma vez eu estava muito cansada, meio estressada, acho que não rezei direito, fiquei vulnerável. Pois quando eu olhei do lado, tinha um homem, todo amarrado e amordaçado, e os espíritos que tinham trazido este homem pra eu ver, eles estupraram este outro na minha frente. Eu fiquei aterrorizada, eu passei a noite rezando, com muito medo, medo de dormir, medo de quando sair do corpo, no sono, encontrar com eles (Arabela).

Arabela performa medo a partir destas imagens; também o faz a partir das circunstâncias onde sua mediunidade se ancorou e recebeu legitimidade: o grupo espírita Irmãos Unidos. Ora, nos Irmãos Unidos não há lugar para entidades animalizadas, como as encontradas na casa de sua amiga, ou para sensações "desequilibradoras", como as advindas do álcool e da sexualidade, bastante presentes na *energia* de "Maria não-sei-do-quê", o espírito que vestiu o seu vestido de crepe amarelo e que queria sair para beber e namorar, o espírito que lhe fazia enveredar por uma *conduta amoral*. Nos Irmãos Unidos, o medo e a correspondente rejeição do universo da animalidade e do destempero sexual são legítimos²¹⁹.

6.4 DO EXCESSO À BRANDURA: "ACERTANDO O TOM"

Como mostrei no capítulo anterior, Arabela participa, nos Irmãos Unidos, do diálogo fraternal e da sessão de desobsessão. No diálogo fraternal e na desobsessão, faz par com José Moraes: no diálogo, os dois como atendentes; na desobsessão, ela como médium e ele como

²¹⁹ Nisso, o espiritismo contrasta com outras religiosidades, onde o culto aos animais e a entidades relacionadas à mundanidade é expressivo. Em relação aos animais, um exemplo é o xamanismo urbano, onde em algumas vivências e workshops o fiel é incentivado a encontrar seu "animal de poder". A esse respeito, veja-se Magnani (1999, p. 122); já em relação à sexualidade, veja-se o panteão do universo afro-brasileiro.

doutrinador. O diálogo fraternal tem como objetivos a aconselhamento dos encarnados, assim como o desligamento do vínculo entre encarnado e desencarnado; ele é visto nos Irmãos Unidos como o primeiro momento da desobsessão. Já a sessão de desobsessão tem como objetivo a doutrinação dos espíritos e é visto neste centro como o segundo momento da desobsessão.

Os objetivos dos dois rituais é a cura, através da conversão. Nesse sentido é que através deles, se busca levar ao indivíduo (vivo ou morto) os valores da confiança, da fé, da esperança (em si mesmo, em Deus, no futuro, na vida etc.), para que *elevando seu padrão mental* (com *pensamentos otimistas*), se *equilibre* e assim consiga *se melhorar*, libertando-se das *máis influências, sintonizando com as forças do bem e evoluindo*²²⁰. Meu objetivo aqui é perceber como os dois rituais são significados por Arabela, afetivamente.

Arabela trabalha na desobsessão desde seus primeiros tempos no centro, e seu aprendizado se deu com João Ferreira, fundador desta casa e *grande doutrinador*. Foi ele quem lhe ensinou o "como fazer" em relação a *dar passividade* aos espíritos, desde a primeira vez em que ela participou da mesa junto com os outros médiuns, poucos dias após entrar no centro. Numa noite, faltou um médium de incorporação. Ela tinha catorze anos e estava na plateia, assistindo a sessão mediúnica, que "naquele tempo era pública":

Nesse dia, alguém olhou pra mim e disse: "aquela ali incorpora". Eu não sabia como esse fenômeno ocorria, eu não tinha domínio, eu não sabia fazer. "Ah, minha irmã, venha pra cá". E me levaram pra mesa. Eu não queria ir, fiquei apavorada, porque eu fiquei com medo, eu tinha muito medo de sentir o que eu sentia. E assim eu me sentei. Aí, eu lembro que seu João colocou a mão na minha testa, e eu senti quase como uma convulsão. Minhas pernas saltavam da cadeira. E ele: "relaxe, minha irmã". Eu não me entregava. Porque eu tava com medo de sentir aquilo. Mas foi ele quem me ensinou, seu João. Nesse dia foi assim: eu não podia continuar pulando daquele jeito, então não lutei mais, soltei. Comecei a trabalhar. (Arabela)

Nas sessões subsequentes, para combater o seu medo do transe, João Ferreira lhe ensinou a técnica da *piscina*:

²²⁰ Tanto o espírito atendido na mesa de desobsessão quanto o encarnado atendido na mesa do diálogo fraternal *sofrem* e fazem o *mal* (a si ou aos outros) por causa de sua imperfeição: é esta que os leva aos vícios, às máximas inclinações, etc. Neste sentido, Cavalcanti nos lembra: no espiritismo, a metáfora da mediunidade é a mesma da encarnaçāo: o indivíduo encarna por ser imperfeito, e a encarnaçāo é oportunidade para que ele se melhore. Assim também, a mediunidade só tem sentido porque o mundo é imperfeito, sendo uma oportunidade para que ele se liberte – sempre incompletamente – do mal (Cavalcanti, p. 97).

Ele me dizia: "amoleça o corpo, imagine-se flutuando, boiando numa piscina"; dizia pra eu soltar meus pensamentos, não pensar em nada, e me entregar, ele falava assim: "confie, nada vai acontecer com você, não pense em nada, só confie em nós e nos espíritos" (Arabela).

Daí pra frente, seu João a *adotou*.

Ele me levava pra todo canto. Se ia fazer uma visita a alguém com problemas, lá ia eu junto. Ele atendia as pessoas e eu olhando, ouvindo o que ele dizia. Hoje, tudo que eu sou, tudo, eu devo a ele, porque ele me treinou, sabe? (Arabela).

Ela foi, assim, durante muito tempo, *papagaio de pirata* de seu João. Estava sempre ao seu lado, *prestando atenção*. No diálogo fraterno, ela o acompanhava. João Ferreira lhe ensinou que para incorporar, tudo o que se deve fazer é *entrar em prece* e se colocar *entregue*. Aprendeu com seu João que, para ser uma boa médium, deve cultivar bons pensamentos, afastando as ideias desequilibradoras, não esquecer da prece e sustentar um padrão mental elevado, procurando *trabalhar* a raiva, a tristeza e a inveja, substituindo-as por alegria e confiança. Assim, conservaria o padrão mediúnico adequado. Seu treinamento mediúnico se deu, então, pelas mãos dele, ainda que seja, até hoje, médium inconsciente, e *não lembre de quase nada* do que acontece quando incorpora. Por outro lado, Arabela salienta: mesmo inconsciente, sempre *se mantém no controle* de tudo o que acontece com seu corpo na incorporação, não deixando que os espíritos "se exaltem".

Ela diz que a primeira parte do corpo com a qual *perde o contato* é a língua, que começa a *querer falar sozinha*. Depois vêm os braços, que passam a se movimentar sem o seu controle. Então percebe a primeira impressão do espírito que incorporará, que pode ser de raiva, tristeza, desespero ou dor. Como já sabe *organizar mais ou menos esta sensação*, ela permanece *calma* esperando a hora de dar *passividade*, e quando o coordenador dos trabalhos declara aberta a sessão, ela *soltar*. Deixa a língua *assumir a vida própria dela*, os braços *irem* e aí *apaga totalmente*.

Ao final, não sabe quanto tempo passou, se um minuto ou várias horas. Quando volta *do branco*, percebe a entidade da forma como saiu, e em geral sente *um bem-estar muito grande*. Ainda *por um tempinho*, permanece *atordoada*, então aos poucos *vai se ajeitando*. Em geral sente muita fome após o trabalho, porque *doa ectoplasma*; se conseguir meditar algumas horas

antes, o trabalho *rende com maior facilidade*. Se não está *equilibrada*, não consegue se conectar muito facilmente com as entidades.

Algum tempo depois de se fixar nos Irmãos Unidos, Arabela viveu uma experiência importante para a demarcação definitiva de seu estilo mediúnico, em outro centro espírita, o de Waldemar Matoso. O fundador deste centro, que também é seu presidente, é um médium famoso na cidade de Natal: os espíritas da cidade contam que *seu Waldemar*, que já tem por volta de oitenta anos de idade, é "especialista em desobsessão profunda". Eu tive a oportunidade de conversar informalmente com frequentadores da federação, dos Irmãos Unidos e do Bezerra de Menezes, e há uma fala recorrente apontando para o fato de que em suas sessões mediúnicas, *seu Waldemar* "mexe com coisa muito pesada", que "chama os espíritos trevosos", e que "isto é muito perigoso", mas "ele sabe fazer porque trabalha há tempos nesta área". Ele é respeitado na federação, porém, o seu centro permanece não-adeso. No centro de Waldemar, Arabela participou de *sessões mediúnicas diferentes* das que fazia nos Irmãos Unidos:

Eu ficava num quarto absolutamente escuro, sentada numa cadeira e seu Waldemar e sua equipe sentados em cadeiras ao meu redor. Ele fazia a prece e dizia qual era o assunto da sessão, o problema a ser solucionado. E então pedia que eu dissesse o que via. E na minha tela mental se abriam panoramas, mostrando lugares e pessoas (Arabela).

Conforme Arabela descrevia o que estava vendo, Waldemar perguntava: "e agora?":

E nessa hora, outras coisas apareciam. Outro lugar, outras entidades. E aí mais um tempo e ele dizia: "pronto, agora já estamos em tal e tal lugar, em tal e tal endereço", e eu descrevia de novo, e talvez tivesse alguém da equipe dele anotando, eu não sei, mas eu sei que via tudo muito claramente, e eles todos ficavam impressionados, porque eu dava nomes e dizia como eram as pessoas e entidades que eu via, e tudo correspondendo às informações que eles já tinham, tudo batia, sabe? (Arabela)

Ela relata ter se motivado com essas sessões, porque era muito jovem, e nessas ocasiões se sentia importante:

Talvez pela primeira vez na vida havia uma pessoa, aliás, várias, me ouvindo falar e dando muito crédito ao que eu dizia, eu achava bem legal, eu tinha quinze anos, e eles me pareciam muito sérios, todos eles ali, bem estudiosos do fenômeno (Arabela).

Porém, nestas sessões, nem sempre ela se sentia bem:

Porque também eu via muita coisa feia, e como tava completamente escuro, breu total, então eu via só o mundo espiritual, e com muita nitidez, e às vezes era bem horrível, porque parecia que eu estava lá mesmo e não mais aqui, porque eu perdia completamente o contato com este mundo. Eu me sentia interagindo só com o outro lado, e com entidades, assim, seres monstruosos, eu me apavorava, mesmo sabendo que seu Waldemar estava ali comigo (Arabela).

O trabalho incluía incorporação de entidades, e ela percebe que também esta prática se dava de uma forma *diferente*:

No Waldemar, quando eu incorporava, era uma posse quase absoluta do meu corpo, acho que lá eu nem conseguia controlar direito o que o espírito dizia, eu acordava me acabando de chorar, parecia outra pessoa. Morria de vergonha, muito diferente dos Irmãos Unidos (Arabela).

Após algumas sessões, ela abandonou este trabalho, pois notou que "não ia dar muito certo", já que "não se sentia bem", e acrescenta:

Nos Irmãos Unidos a gente fazia outra coisa, era uma outra estória, tinha mais a ver comigo, e eu acho que um mesmo médium, numa casa é de um jeito, e em outra casa, é outro médium, completamente diferente. E até hoje eu gosto mais de mim quando estou aqui, neste centro que é a minha casa (Arabela).

Permanecendo então nos Irmãos Unidos, e imprimindo o estilo que João Ferreira lhe ensinou, trabalha até hoje neste centro. Em minha pesquisa, eu acompanhei por três anos o trabalho de Arabela na desobsessão dos Irmãos Unidos. Incorporada, ela não altera o seu tom de voz. Articula as palavras pausadamente, mantendo um ritmo constante; não fala palavrão, não chora, não ri. Corresponde ao estilo de sobriedade mediúnica espírita mencionada por Cavalcanti:

Não importa qual seja a vontade do espírito comunicante, o corpo deve ser controlado, seus impulsos regrados, domados (Cavalcanti 1993, p.130).

Identificando-se com o código de brandura e temperança que encontrou nos Irmãos Unidos, Arabela rejeita o estilo do que se fazia no centro de Waldemar Matoso, onde o ato de incorporar se mostrava carregado por uma excessiva carga dramática, um exagero, em sua

opinião, sendo legítimo circundá-lo pelos signos do medo e da vergonha²²¹. O perigo é o de cair no estilo de transe escandaloso, colérico e sedutor, presente, por exemplo, na jurema estudada por Carvalho (1994b); escorregar ante este *esbanjamento de sentidos* sinaliza para performances corporais características das religiões afro-brasileiras, e isto nossa médium não quer. Os primeiros tempos de mediunidade, quando ela *desmaiava, se deixando ficar* à mercê dos espíritos, assim como a experiência no centro de Waldemar são emblemáticos desta ameaça.

Ao acionar o medo para falar de sua rejeição ao trabalho do centro de Waldemar, nossa médium nos fala, em primeiro lugar, da rejeição a um estilo de transe que, no entendimento espírita mais ortodoxo, expõe o estado de natureza, de *animalidade*: é um transe eivado pelo *destempero*, pelo *excesso*. Neste sentido é que Arabela defende um estilo de transe caracterizado pela civilidade, um transe sóbrio e comedido.

O trabalho de Waldemar é, como eu já apontei, conhecido no meio espírita de Natal, por tratar de desobsessão profunda, este, que é um *trabalho perigoso*. Porém, não creio que o *perigo* que se diz residir no trabalho de Waldemar esteja no fato de ele trabalhar com as trevas, pois faz-se isso ordinariamente nos centros espíritas: mexer com os obsessores é mexer com as trevas; fazer desobsessão é tratar com as trevas. As falas de Arabela e de Rogério – que apresentarei mais à frente – me levam a crer que o que caracteriza o trabalho de Waldemar Matoso como *perigoso* é sua ênfase na *experimentação* e não na *doutrinação*. Ainda que o trabalho seja de desobsessão, a tônica da *caridade* não é enfatizada, e sim a de uma *ciência*. Assim, em minha visão, a rejeição ao trabalho efetuado no centro de Waldemar Matoso fala-nos de uma querela antiga, contudo, ainda atual no espiritismo: a querela entre científicos e místicos²²². O que demonstra a rejeição de Arabela também ao trabalho de Waldo Vieira²²³, avaliando que ele seria "um médium extremamente capaz", porém, a ruptura de sua parceria com Chico Xavier teria assinalado o "grau de orgulho" onde Vieira se encontrava; isso o teria "afastado de sua missão" e o inserido em um "grave processo de fascinação", uma "obsessão profunda".

²²¹ Neste sentido é que pode ser entendido o relato de Cavalcanti, assinalando a presença da vergonha dos médiuns de seu campo, antes da "conversão". Vergonha da mediunidade desordenada, vergonha do corpo em anarquia. (1983, p. 137).

²²² Mencionei a discussão sobre experimentação e sua relação com a acusação de cientificismo no espiritismo brasileiro na introdução a este trabalho. Acerca da querela entre científicos e místicos no espiritismo brasileiro, ver Giumbelli 1997 e Lewgoy 2000.

²²³ Waldo Vieira, antigo parceiro de Chico Xavier, e que se afasta do médium mineiro, seguindo carreira sozinho e criando uma paraciência, a projeciologia, logo reintitulada de conscienciologia. Para a carreira de Waldo Vieira, ver D'Andrea 1999, assim como Stoll 2000.

6.5 EU JÁ ERA UMA PESSOA EQUILIBRADA, SÓ NÃO TINHA ENCONTRADO O MEU CAMINHO

Ainda que relate do aprendizado com João Ferreira, Arabela pondera que em sua vida, *mesmo antes do centro*, já trazia um comportamento *equilibrado*; que *nunca teve* o hábito de dizer palavrão, ou de ser *indelicada* com quem quer que fosse. Também era *uma menina comportada e calada*. Lia muito, desde pequena, passava *as noites lendo*, pois só assim sua mãe lhe deixava manter a luz acesa. Lia, em geral, literatura brasileira, que *era o que o seu pai tinha em casa*. Houve uma época em que uma vizinha lhe emprestou *um monte de livros*, e ela os leu todos. Diz não ter dificuldades para conversar sobre qualquer assunto, hoje, por *ter lido muito*. As leituras que mais aprecia na atualidade são as do *universo da autoajuda*, que lhe auxiliam no diálogo fraternal e também em *sua vida em geral*. Lê especialmente Louise Ray e Deepak Chopra.

O hábito da leitura não é estranho ao segmento social no qual Arabela nasceu, o das classes médias urbanas, mas também responde a um pré-requisito básico do espiritismo, já apontado por Lewgoy (2000): o adepto deve ser capaz de ler e de se mover por dentro da complexa literatura nativa existente, e tomar parte em diferentes rituais de leitura, ora silenciosos, ora em grupo, já que "o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada", pressupondo "limiares mínimos de 'letramento' para a participação em seu cotidiano" (Lewgoy 2000, p.09 e 11). Ao *gostar* e ser *habituada* a ler, pois, Arabela não tem grandes problemas em se ajustar ao caráter letrado desta religião. Outro ponto que merece destaque é o seu contexto familiar, marcado pela *obediência* e pela *disciplina*. Como eu já apontei, Arabela nasceu em família católica praticante. Além disso, seu pai era militar da aeronáutica, "muito rígido" com os filhos:

Eu me lembro que se ele pusesse um de nós de castigo, nem pensar que a gente podia sair antes da hora. Ao mesmo tempo ele conseguia ser muito doce. Na verdade, mamãe era ainda mais rígida do que ele, porque ele ainda tinha doçura, e mamãe queria que a gente fosse tudo corajoso, porque ela é uma mulher corajosa, batalhadora, então ela sempre foi dura. Por isso é que nunca, jamais, mamãe me acudia no meio da noite quando eu me apavorava com os espíritos, porque ela queria que eu enfrentasse os meus medos sozinha. Papai era que ia (Arabela).

A obediência e a disciplina, presentes no convívio familiar de Arabela, também fazem parte do ethos espírita, e comparecem na carreira mitológica de Chico Xavier, sendo a obediência um dos votos monásticos²²⁴ simbolicamente abraçados pelo médium mineiro, segundo aponta Sandra Stoll (2000). Isto se alia também à já conhecida "obediência à hierarquia moral" no centro espírita, salientada por Cavalcanti (1988), que nos apresenta, através dos dados de seu campo – dois centros espíritas cariocas – a preocupação constante dos dirigentes e dos próprios adeptos em geral, em reprimir atitudes de questionamento em relação às normas estabelecidas para os trabalhos a serem desenvolvidos, em relação à linha doutrinária tradicional e em relação à hierarquia existente no centro. Indivíduos que de alguma forma questionam estes elementos são, de forma categórica, diagnosticados como “espiritualmente doentes”, “desequilibrados”, “obsidiados”, e encaminhados ao “tratamento de desobsessão” (Cavalcanti 1988, p. 66, 69, 92).

Assim é que há alguns elementos da vida de Arabela, nos contextos familiar, social e religioso, que combinam – ou, antes, correspondem – a um ethos da contenção e da civilidade, atualizado no espiritismo kardecista. Esses elementos são importantes no relato de nossa médium, em relação ao seu processo de adesão religiosa. Eles atravessam as diferentes estórias que nos conta sobre sua vida, desde as primeiras visões espirituais, passando pelos problemas de saúde, por sua chegada aos Irmãos Unidos e o enlace final, que é a rejeição ao transe efervescente experienciado no Waldemar Matoso.

Arabela nos oferece um relato atravessado por uma cuidadosa escolha entre o que *gosta* e *não gosta*. Ela nos fala, pois, de um *desgosto*, ante as sensações de descontrole, arrebatamento e caos sentidas nas experiências efetuadas por seu Waldemar, ante o reencontro com o seu passado sexualmente degenerado na figura de Maria não-sei-do-quê e ante as visões perturbadoras de um *além* da animalidade, do erotismo, da desfiguração e da não civilização.

O *desgosto* ante os elementos rejeitados implica em um *gosto* previamente forjado, implicando no fato de Arabela reconhecer no espiritismo elementos que se encaixam em seu anterior universo de valores, não provocando, afinal, um desinvestimento interior absoluto; nesses termos é que se pode compreender o sentido de sua narrativa, apontando para um

²²⁴ Junto à *castidade* e à *pobreza*. (cf. Stoll, 2002)

renascimento na nova religião²²⁵ sem o abandono de metáforas anteriores, que passam a ser relidas a partir do novo vínculo religioso, num exemplo clássico de *alternação* (cf. Berger e Luckmann 1974).

Assim é que podemos compreender as falas de Arabela, assegurando *já ser, mesmo antes, uma pessoa equilibrada*, só não tinha *ainda* encontrado o *seu caminho*, caminho esse que encontrou ao chegar aos Irmãos Unidos. É emblemática a fala onde diz:

Os bons espíritos encontraram uma forma de me ajudar, porque dessa forma eu fui parar num centro espírita, eu tinha sofrido tanto até aquele momento, você tá entendendo? Foi aquele escândalo necessário, como dizem. Foi necessário eu ficar doente, pra que meus pais me levasssem. Se eu talvez não tivesse adoecido, eu ia continuar perturbada, tomando remédio, indo pra médico; entende a importância dessa freira na minha vida? Foi muito grande. Então hoje eu vejo com mais clareza o que eu não vi na época: realmente, a freira tuberculosa surgiu na minha vida para que eu pudesse chegar até aqui (Arabela).

6.6 "TÃO FELIZ": CRESCIMENTO, CONFIANÇA E ALEGRIA

Trabalhando há mais de vinte anos nos Irmãos Unidos, Arabela considera ter conseguido crescer muito, chegando a um *ponto muito legal* de desenvolvimento. Utilizando-se da categoria nativa *ferramenta* para designar seus dons mediúnicos, ela assevera o quanto é gratificante ver esta ferramenta em boa qualidade: seu corpo hoje está pronto para incorporar *na hora e lugar certos* – apenas na sessão de desobsessão no centro espírita. Já o fato de não dizer palavrão, não se debater nem falar alto, não gargalhar ou chorar descontroladamente, não bater na mesa ou tratar o doutrinador com desrespeito, ela acha que tem a ver com o nível de *equilíbrio* do grupo do qual faz parte. Lembra como era *importante* que João Ferreira lembrasse a todos os médiuns em desenvolvimento, na hora mesmo que estavam incorporados, para controlar seus próprios corpos, e *mesmo os inconscientes obedeciam*. Esta é uma atitude que os atuais doutrinadores dos Irmãos Unidos dão continuidade.

²²⁵ A respeito do renascimento, veja-se o *rebirth* religioso de William James (*apud* Austin 1990), que se estabelece através de um processo de cultivo de si (uma Bildung), em cuja prática se constitui um outro a partir de si-mesmo, mantendo-se, contudo, a identidade originária. Sobre a Bildung, cf. Duarte 2006.

Como mencionei no capítulo dois, a longa experiência no centro espírita lhe levou a uma *ampliação* em suas capacidades; hoje, consegue *diferenciar* as *energias* dos espíritos e não confundi-los mais, assim como falar *a coisa certa* no diálogo fraternal, o que em muito difere de sua época de neófita, quando não percebia com nitidez certas dimensões do outro mundo. Arabela fala entusiasmadamente sobre sua *intuição*, a ferramenta mediúnica que comprehende como a mais fundamental, e a que mais se ampliou: é ela – e não a vidência ou a audiência – que dá o ponto final na identificação do tipo de problema trazido pela pessoa no diálogo fraternal. Arabela conseguiu *amolar* a intuição quando incorporou em seu cotidiano a técnica da *prece*, que a mantém sintonizada com a "faixa adequada" no "dial dos espíritos". Intuição e prece formam, assim, o par quase perfeito:

Eu não lhe diria que a vidência é por onde eu me baseio, no diagnóstico da situação. De jeito nenhum, porque ela pode me enganar; existem entidades que se apresentam fisicamente pra você, de uma forma muito bondosa, e você, se estiver cansada, meio estressada, você pode cair. A audição também pode me tapear, porque às vezes a entidade até diz coisas boas, e até diz "não, você está enganada, equivocada, não é essa a minha intenção", e eu, se não estiver muito bem, posso até me deixar levar. Pela intuição, não tem como.

A vibração emitida por um espírito, mesmo que ele coloque um jeito meio piedoso, uma voz bondosa, a vibração dele não vai mudar, ele não consegue tapear isso. Por isso é que eu digo que a minha intuição não se engana. Agora, eu digo isso hoje pra você. Talvez no início, há alguns anos, não, a vidência era o ponto forte. Porque no início eu não sabia como é que a coisa se processava. Então, hoje, é assim: a intuição em primeiro lugar, e aí as outras coisas somam.

É claro que a vidência é importante, porque às vezes você está assim perdido e tem um detalhe da vidência, por exemplo, pessoas que estão acompanhadas por um espírito meio trôpego, com uma garrafa na mão, quer dizer, você já tem ideia de que provavelmente aquela pessoa que chegou tem algum problema com bebida. Nesse ponto a vidência é bem rápida, dá pra pegar rápido. Mas em outros casos, de problemas existenciais, de depressão, angústia, não, é através da intuição (Arabela).

Sua *intuição* é hoje uma *ferramenta amolada*, o que lhe deixa feliz; isto me faz lembrar de Wacquant e seu estudo sobre o boxe, onde os relatos dos boxers aparecem permeados pela ideia de prazer, em que pese o boxe ser uma prática notadamente dolorosa:

O prazer de sentir o corpo desabrochar, adelgaçar-se, "fazer-se", pouco a pouco, pela disciplina que lhe é imposta (Wacquant 2002, p.88)

Aliás, a *alegria* é elemento frequente nas falas de Arabela, e comparece ao lado de *trabalho duro, sacrifício e doação*, mais precisamente quando ela me conta de sua carreira mediúnica, que hoje envolve um conjunto de práticas, no âmbito do centro espírita, mas também fora dele. Ora, além do diálogo fraternal e da desobsessão, faz parte da rotina de Arabela o *atendimento externo*: ela ordinariamente vai *visitar* doentes em hospitais e residências e *conversar* com pessoas que estão com problemas, numa espécie de diálogo fraternal fora dos Irmãos Unidos. Em geral, essas pessoas são *conhecidas* de outras já atendidas por ela no diálogo do centro; estas, por sua vez, indicam o seu nome a outras pessoas, que também se tornam atendidas por Arabela, de sorte que há aproximadamente quinze anos, ela efetua esta prática, que muitas vezes lhe toma mais tempo do que o centro espírita.

Ela, assim, divide seu tempo entre o centro espírita, os atendimentos externos e sua rotina profissional, pois trabalha numa empresa de assessoria, assim como pessoal, já que precisa também "organizar a casa e dar alguma atenção ao marido". Na primeira entrevista que fiz com Arabela, em 2003, indaguei sobre "como conseguia" dar conta de tanta atividade; ela me respondeu com uma estória sobre Chico Xavier, que assinalava a importância do "ser feliz".

Nos últimos tempos da vida de Chico, quando ele estava muitíssimo doente, um repórter veio entrevistá-lo, e perguntou: "Chico, como você está?" E eu me lembro que Chico responde: "tão feliz". Ele disse "tão feliz". E todo mundo ficou assim, sem entender, porque ele estava sentindo muita dor. Mas, sabe, eu sempre acreditei sinceramente que ele estava sendo sincero, que ele era feliz, mesmo psicografando a noite toda, e atendendo pessoas, ainda mais doente. Porque essa é uma atitude possível; eu acho que a felicidade é um estado de espírito, independente das ocorrências da vida, do mundo. É possível ser feliz, sempre (Arabela).

Ao citar esta estória, Arabela complementa a explicação com um adendo sobre sua própria vida e os problemas advindos da mediunidade: o tema da felicidade, da alegria, comparece e confere sentido a *tudo o que já passou*.

Você sabe, até eu conhecer e entender que o que eu tinha era mediunidade, foi muito sofrimento. Sem ter nem a ideia do que era, eu sofria simplesmente. Quando eu entendi que o que eu tinha era só mediunidade, foi a maior alegria da minha vida! Eu era normal! É por isso que eu digo que a mediunidade sempre foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque o fato de eu perceber que eu era normal, você quer coisa mais linda e maravilhosa que essa? Sair de problemas, de inseguranças, de medos, e ter a certeza exata de que você sobrevive! Então o que é que eu posso achar que isso é? Maravilhoso (Arabela).

Há alegria no próprio cansaço físico – que, no entanto, desaparece, logo que se sai da cabine, logo que termina a sessão de desobsessão. Há ainda o componente da renúncia e a incompreensão das pessoas em geral, que não entendem sua forma de viver.

Esse meu trabalho, às vezes eu fico muito cansada, mas eu sempre termino melhor do que comecei, quer dizer, sempre me reconforta e me refaz. Agora, tem uma dosezinha de renúncia, porque às vezes você tem que ter muita paciência para ouvir as pessoas. Na verdade, a parte mais dura é porque tem muitas pessoas que não entendem você, pensam até que você tá representando, que aquilo não pode ser, acham que não tem como alguém ser feliz desse jeito que eu vivo. Então, essas pessoas te testam um pouco, pra ver o teu nível de paciência, acontece isso às vezes. Que não é assim muito legal não, mas a gente continua (Arabela).

Arabela é a médium mais procurada dos Irmãos Unidos, para atendimento, os frequentadores do centro recorrentemente elogiam seu *alto astral* e sua *imensa paciência, tolerância e carinho* com que trata cada um em especial. Sempre sorridente, ela diz empreender uma busca pessoal constante por alegria e felicidade. Por isso é que, além de ler Kardec e Chico Xavier e Divaldo Franco, ela lê os livros de autoajuda, que, aliás, indica para as pessoas que atende no diálogo. Os de Deepak Chopra, que falam no "poder do agora" são um exemplo:

Deepak Chopra diz que a felicidade deve ser vivida no agora, pois o agora é única coisa que nós temos. O passado já passou, não há como mudá-lo. O futuro é mistério. Só o que existe realmente é o hoje. Por isso é que a gente deve amar hoje, deve fazer coisas boas hoje. O "hoje" é um presente de Deus para nós, por isso é que se chama presente (Arabela).

Os de Louise Ray, como o "Você pode curar sua vida", também são "importantes", pois falam no poder do "pensamento positivo":

Devemos pensar positivo. Louise Ray teve um câncer de mama e se curou com a ajuda do pensamento positivo (Arabela).

Essas leituras "complementam" o que ensina a doutrina espírita, em sua avaliação, e ajudam a que ela seja quem é hoje. Ora, no GEIU, é sabido que ela já sofreu o diabo por ser médium, mas assim como Chico Xavier, que era "tão feliz", é dito que ela "passa" alegria para as pessoas. Porém, na última entrevista que fiz com Arabela, no final do ano de 2008, ela me advertiu, ainda ao telefone, antes de nos encontrarmos pessoalmente: "eu tenho coisas novas pra lhe dizer", e depois, sentadas em um café de um *Shopping Center* de Natal, no início da entrevista, me disse:

Você vai ter outras coisas pra escrever, porque eu quero lhe contar que de um ano pra cá muita coisa mudou na minha vida. Você sabe que eu faço muito atendimento, mas percebi que tinha que mudar meu ritmo e passar a pensar um pouco mais em mim, que eu não estava pensando, eu acho. Eu nem estava mais dando conta da minha vida, então eu fiz uma autoavaliação e diminuí um pouco, pra me resguardar, pra eu conseguir respirar. Quando fui me dar conta era tanta gente pedindo minha atenção, que se eu deixasse do jeito que tava, eu não ia mais ter vida, porque todos os dias ia ter alguém pra eu atender. Já tava sufocante, o assédio das pessoas, como se já não me bastasse o assédio dos desencarnados, desde que eu me entendo por gente. Eu vi que tinha que pensar um pouquinho em mim. Porque eu não tava muito feliz, não. Eu pensei: Isto é certo? O que estou fazendo comigo? (Arabela).

Tanto as primeiras entrevistas de Arabela, que destacam a aflição no trânsito entre os espíritos, quanto a última, que ressalta a aflição no trânsito entre as pessoas, sublinham a necessidade do *ser feliz*. De início, o ser feliz, mesmo com o assédio dos mortos. Ao final, o ser feliz, mesmo com o assédio dos vivos. Suas falas, ordinariamente ressaltando a necessidade da alegria e da superação da dor, lembram-me Sahlins (2003) e sua *tristeza da doçura*²²⁶ no ocidente: "É preciso", diz Arabela,

Mesmo com todos os problemas, é preciso e é importante ser feliz. Veja só a vida de Chico [Xavier], ele era feliz, e todo mundo sabe que ele trabalhava no centro e atendia até a última pessoa, e ele tinha angina, ele era quase cego, era perseguido pelos espíritos, acho que ele tinha até um problema renal, mas era feliz! E porque a gente que tem saúde, e tem família, e tudo, porque a gente não é? A gente deve ser feliz sim, porque a gente pode ser, é só querer (Arabela).

As falas de Arabela apontam para uma noção de felicidade como um *compromisso* firmado pelo indivíduo *consigo mesmo*. A alegria é, assim, uma bandeira, um dever moral do indivíduo. Esta noção só é possível na modernidade tardia, onde o corpo não é mais só o invólucro que abriga a alma, e também a natureza não é mais só extensão, contemplação e temor: pode-se modificá-los, transformá-los, aperfeiçoá-los, o corpo e a natureza, para deleite dos humanos, que podem fazê-lo, pois são senhores deste mundo e de si mesmos (Thomas 1988). Aliás, não só é possível, como é urgente fazê-lo (Bruckner 2002). Esta é uma felicidade fundada na noção de transformação e de progresso da humanidade (Delumeau 1997 e 2003).

²²⁶ Para Sahlins (2003), nós, humanos do Ocidente, sob as premissas judaico-cristãs, somos "sofredores em busca da felicidade". Nesta busca, nós elaboramos e desenvolvemos práticas que objetivam o bem-estar corporal; a felicidade é, então, alcançada através de sensações prazerosas, e através também da evitação da dor e do sofrimento. Esses elementos atenuam a "tristeza da doçura" de um sujeito desejante marcado pela falta; neste movimento, o consumo surge para "adoçar" o amargor da vida. Ver também Campbell (2001).

Sou inclinada a pensar que a ênfase das falas de Arabela na felicidade como construção pessoal pode ter sido impulsionada não apenas por sua inserção no espiritismo²²⁷, mas também pelas leituras de autoajuda que relata fazer. Neste sentido é que ela ajusta estas leituras – estas outras metáforas – à tradição espírita, que as engloba.

Ao final, Arabela defende o seu espiritismo, aquele assinalado pelo código da brandura e da temperança, próprio do modelo de caridade, própria da pessoa espírita marcada por Chico Xavier. Ao mesmo tempo, rejeita outro modelo de espiritismo, o de seu Waldemar, cuja guerra contra o Mal é *importante*, para nossa médium; este modelo, porém, carrega um problema: empreende uma guerra legítima em front desprotegido, pois carente de caridade. É o caráter científico, racional, das práticas efetuadas por Waldemar, que são o seu calcanhar de Aquiles. Sem a aliança com a caridade, esta é uma guerra perdida, desde seu início. Assim é que Arabela não abandona a tradição espírita; antes, incrementa-a, buscando para isso elementos da uma "terapêutica do bem estar", e de uma "ênfase na alegria", presentes no universo da autoajuda: estes são seus combustíveis para sua guerra contra as trevas.

²²⁷ E, neste sentido, deve-se lembrar do crescimento, dentro do espiritismo brasileiro, da influência de Divaldo Franco, médium espírita baiano, cujos livros trazem para este campo certa leitura psicologizante, como aponta Lewgoy (2008): "Face a Chico Xavier, sua proposta [de Divaldo Franco] se mostra mais psicologizante, aproximando-se discretamente de uma influência da Nova Era por sua substituição de uma ênfase cristã dolorista, ainda presente em Chico, pela busca do bem-estar, da autoestima e da felicidade como valores emergentes no espiritismo" (Lewgoy 2008). Também assinala que "A antiga ética do karma como sacrifício e aceitação do destino parece estar suavemente acomodando-se aos imperativos de bem-estar e autoestima, característicos da religiosidade pós-moderna." (Lewgoy 2008).

CAPÍTULO 7 MIRIAM



"Hands of Light", aquarela de Georgeanne Jud
Disponível em <http://gajud.com>. Acessada em 18/01/2010

Eu sabia da existência do Grupo Ramatís antes mesmo de *aderir* ao espiritismo; ocorre que no início da década de 1990, minha mãe, que já frequentava a FERN, ingressou também no centro Bezerra de Menezes, e em seu segundo ano foi, segundo o médium João Cecílio lhe disse, indicada por Dr. Bezerra para atuar como *auxiliar um* em uma das cabines de cura deste centro. Depois de algum tempo ela passou a me falar *daquele grupo esquisito, o Ramatís, que tem umas loirinhas, as irmãs*. Um grupo que se reunia com irmão Cecílio para fazer *uns rituais* onde clamavam por *uma chama violeta* e repetiam *eu sou, eu sou*. As tais *loirinhas* eram Miriam Mafra e sua irmã, Graça Mafra. Ainda antes do ano de 1997, ou seja, antes de entrar para os Irmãos Unidos, eu tive um contato com Miriam: meu filho estava com sinusite, e eu o levei para consultar no Bezerra de Menezes, na cabine de cura de Miriam, que trabalhava com João Machado, médico espiritual. Impressionou-me o fato de que aquela moça tão bonita se

dispusesse a passar toda a tarde em pé naquela cabine apertada. Era *uma abnegada*, pensei à época.

Mais de dez anos depois, no início de 2007, eu estava à porta do Bezerra para falar com Miriam e lhe dizer do meu desejo em pesquisar o seu grupo, o Ramatís. Ela fazia um atendimento, e após alguns pacientes, chegou a minha vez. Vestindo seu uniforme azul de médium de cabine, Miriam pôs as mãos nos bolsos e me olhou muito séria: "diga". Eu me apresentei, falei atabalhoadamente meu nome e o "sou antropóloga, faço pós-graduação" e então enveredei pela pesquisa. Ela me olhava e eu continuava a explicar sobre os meus objetivos; nesse ponto, ela me interrompeu adiantando que "não via nada demais" em meu estudo sobre mediunidade, e indagou sobre o que eu já havia lido sobre esse tema.

Esta é uma pergunta frequente no meio espírita, e revela a preocupação por saber se o pesquisador já leu Kardec e as obras de André Luiz, mas o encaminhamento da pergunta de Miriam me pareceu diferente, pois ela alinhavou: "o que você já leu do que foi escrito na *universidade* sobre mediunidade?". Eu não estava preparada para aquilo, pensei rápido e respondi: "eu li Sandra Stoll, Bernardo Lewgoy, Maria Laura Cavalcanti, Emerson Giumbelli". Não era bem o que ela queria, depois eu entendi; os tais escritos acadêmicos que Miriam falava eram os da área de medicina "alternativa" e da física quântica. Eu então disse a Miriam o que achava que ela ia querer ouvir: que eu estava ali "mais para aprender". Ela me olhou de soslaio e percebi que eu havia errado duas vezes; *talvez esse grupo fosse mesmo diferente*, pensei, pois Miriam não gostou de me ouvir dizer que estava ali para aprender com ela.

Durante dois anos eu pesquisei o Grupo Ramatís, frequentando suas reuniões nos domingos à noite e acompanhando as práticas de seus componentes no cotidiano do Bezerra de Menezes. A figura de Miriam mostrou-se central desde o início, não só pelo fato de ser a única médium a recepcionar Ramatís neste centro, mas também porque sua cabine de cura, onde recepciona os espíritos de João Machado e de Vulpiano Cavalcanti, é uma das mais concorridas.

Fiz uma entrevista aberta com Miriam, no início do ano de 2008, o segundo ano da pesquisa; esta entrevista aconteceu em seu local de trabalho – ela é assistente social de um hospital da cidade de Natal – e durou duas horas. Porém, durante todo o tempo da pesquisa, tive um conjunto de outras oportunidades para conversar informalmente com ela. Em geral, eu aproveitava o tempo após as reuniões do Grupo Ramatís; como Miriam sempre tinha "quinze

"minutinhos" disponíveis para mim, eu empregava esse tempo para montar os detalhes de sua carreira mediúnica. Além disso, efetuei com ela algumas entrevistas rápidas por telefone. Registrei suas práticas na cabine de cura durante um período de quatro meses; nesse período, também observei outras cabines. No início, observei apenas os dias em que os médiuns do Grupo Ramatís trabalhavam – domingos à tarde, quartas e sextas-feiras à noite; no último mês, observei também as cabines de outros médiuns, não ligados ao Ramatís. Miriam foi uma figura fundamental também em relação a esta parte da pesquisa, pois foi através de sua autorização que pude entrar nas cabines e tomar nota das práticas efetuadas, nos dias em que ela trabalhava. Em outros dias, minha observação foi autorizada por Amadeu, presidente do Bezerra.

7.1 SOBRE OS LAÇOS, OU "ABRIGANDO ENERGIAS"

Para eu conseguir expor o material etnográfico sobre a carreira de Miriam da forma como gostaria, no sentido de afirmar minha hipótese, preciso efetuar um preâmbulo sobre a noção de "abrigar energias", fundamental no trabalho de cura do Bezerra de Menezes²²⁸, por dar conta da ideia de *vínculo*, de *laço*. Foi Miriam, que ao me relatar sua trajetória no Bezerra, ressaltou este dado. Ela me conta que em várias oportunidades, recepcionou²²⁹ diferentes entidades:

É claro que a gente recepciona mensagens de vários espíritos, mas é um processo assim: você recepciona naquele momento, e pronto, aquilo se extingue. Passou aquele momento, acabou, não tem vínculo. É diferente de você estar por muito tempo abrigando aquela energia.
(Miriam, grifo meu)

²²⁸ Como eu já apontei no capítulo cinco do presente trabalho, no centro espírita Bezerra de Menezes, para que o médium atue na cabine, ele deve passar por um *período de preparação*, um rito inaugurado por João Cecílio, onde médiuns de cabine e espíritos de médicos são inicialmente *apresentados* por Dr. Bezerra, espírito, e é indagado ao médium se ele deseja trabalhar com o espírito. Em caso positivo, há um período de aproximação *mental* destes dois seres, o encarnado e o desencarnado, através do ritual de estudo, que se desenrola por meses e às vezes por anos. Em seguida, esta *aproximação* se torna mais *profunda*, pois os médicos passam a se fazer presentes também através da *psicografia*; o *envolvimento* culmina no momento da *primeira psicofonia*: esta ocorre em uma *cerimônia formal de entrega dos médicos e médiuns à casa espírita* e sela o compromisso do médium com este irmão espiritual, e, vale salientar, com seu *estilo de trabalho*.

²²⁹ *Recepçinar* e *canalizar* são sinônimos de *incorporar*, no espiritismo. Porém, Miriam me explica seu entendimento de que *incorporação* é doar o corpo para a entidade; já *recepção* e *canalização* são, para ela, *processos menos invasivos*; estas duas últimas denominações são suas preferidas, e descrevem melhor sua prática mediúnica.

Devo enfatizar: para Miriam, recepcionar esporadicamente espíritos diversos é diferente de receber um mesmo espírito durante um longo tempo, pois esta segunda prática constitui *laços*, e deve ser realizada com cuidado: não se constrói laços com qualquer um.

Para tanto, ela lembra: antes de escolher o médium que "abrigará a sua energia" na cabine de cura, os espíritos observam muito bem os encarnados, procurando neles *afinidades* consigo. Após esta escolha, indicam a Dr. Bezerra os nomes de seus eleitos. Ao relatar este rito, os médiuns com quem conversei recorrentemente apontam: a relação entre médiuns e espíritos é "como um namoro, um casamento", e o intermediário é sempre Dr. Bezerra; é ele quem estabelece o primeiro contato entre as duas partes. É ele quem *apresenta* as duas partes, e *indaga* ao médium se ele deseja trabalhar com o espírito. Caso este concorde, há um período de *aproximação mental* através do ritual de estudo. Esta etapa pode se desenrolar por meses e até anos.

A *aproximação* então se torna mais *profunda*, já que os médicos passam a se fazer presentes também através da *psicografia*. O *envolvimento* culmina no momento da *primeira psicofonia*: esta ocorre na chamada *cerimônia formal* de *entrega dos médicos e médiuns à casa espírita* e *sela o compromisso* do médium com este irmão espiritual, e, vale salientar, com seu *estilo de trabalho*. Examinar este ritual é importante, pois, para que melhor compreendamos a relação de Miriam com seus parceiros, Ramatis, João Machado, Vulpiano Cavalcanti e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mas vamos ao relato:

E num certo dia eu estava auxiliando João Cecílio e nós tínhamos terminado o atendimento, era um sábado. Ele sentou; depois do atendimento a gente sempre sentava pra relaxar um pouco, a gente conversava algumas coisas e ele me passava ensinamentos, orientação, e ele disse: "olhe, minha filha, tem aqui uma pessoa que quer muito trabalhar com você. Acha que você é a pessoa adequada pra trabalhar com ele". Aí eu disse: "olhe, a única coisa que eu tenho a dizer pra essa pessoa, esse espírito é: se eu puder ser útil, tudo bem, porque eu não sei quase nada, eu sou muito incipiente em tudo isso aí, mas eu estou pronta. Se ele achar que eu sirvo pra que a gente chegue junto, eu estou aqui". Aí foi quando ele fez a *captação* de João Machado, ele disse: "sou João Costa Machado", e historiou a vida dele, "eu sou psiquiatra, fundador disso aqui, e nós temos que trabalhar voltados pra isso aqui. Você me aceita?". Eu digo: "aceito". Então, nós fomos, assim, foi atemporal, porque todo o grupo já tinha feito a sua escolha, e já tinha tido a *cerimônia*. Foi separado, foi bem especial, e, assim, bem sem alarde, porque ele é dessa forma, ele é muito sutil, ele não gosta de muitas pompas, ele é muito humilde nesse sentido, aí começamos a trabalhar (Miriam. Grifo meu).

O pedido de João Machado a Miriam, através de Bezerra, acontece depois que toda a *turma de médiuns daquele ano* já havia *recebido formalmente* os seus parceiros espirituais, no *Cerimonial de entrega de médicos* que acontece sempre em meados de fevereiro neste centro espírita e que é relatado como o ápice de um processo que se desenrola por algum tempo e que se inicia quando Dr. Bezerra *abre os campos de força* dos médiuns para que eles possam trabalhar nas cabines, inicialmente como "auxiliar nível três". Com o passar dos anos, chega-se a "auxiliar dois" e finalmente "auxiliar um", para, então, talvez chegar a receber um médico. Vários médiuns me relataram sobre este *processo*:

Aí Dr. Bezerra abriu meus campos de força, que ficam aqui [mostra as pontas dos dedos]. Eu fui pra Dr. Bezerra e vi quando ele fez assim: ele faz um sinalzinho de cruz, em cada dedo da gente, abrindo os campos, que é pra gente doar energia pro paciente, que eles trabalham com os fluidos vitais; aí, pronto, ele abriu, aí foi quando eu comecei a trabalhar (Virginia).

Aí eu comecei a estudar e de cara fui ser auxiliar três, né, ficar chamando? [chamando os pacientes para entrarem na cabine] (Kelly).

Com os *campos abertos*, pode-se exercer a função de auxiliar três e deve-se passar a *estudar a mediunidade e a doutrina espírita*; além disso, os médiuns devem também estudar o *corpo humano*, sobre a localização dos órgãos, as funções vitais, sobre doenças e tratamentos, pois, como me dizem os médiuns,

Como é que eu vou trabalhar numa cabine se não sei onde estão os órgãos do corpo? (Zenaide)

O estudo é necessário, contam, porque os espíritos precisam encontrar nos *registros cerebrais* dos médiuns o *conteúdo* adequado para seu desempenho. Assim se capacitando, alguns desses trabalhadores são, então, *escolhidos* por algum médico, para serem seus *parceiros*, o que lhes será comunicado por Dr. Bezerra; se *aceitarem* a tarefa, passarão a ser *médiuns de cabine*.

Tem um momento que eles pedem a Bezerra. Aí Bezerra diz pra gente: tem um médico que está pedindo pra junto com você caminhar. Mas ele respeita a nossa vontade. Numa aula, uma das aulas, ele [Luís Gomes, o médico] veio; Socorrinho [médium vidente] até viu. Ele chegou e segurou nas minhas mãos e disse: "você aceita trabalhar pra Cristo junto comigo? Ajudar os nossos irmãos nas curas das suas doenças?". Aí eu disse: "aceito". Que tudo é feito a nível mental. Socorrinho até relatou, ela disse: "minha irmã, diga o que Luís Gomes pediu a você". Aí foi quando eu relatei pra todo mundo do estudo, chorando muito, com o coração a ponto de explodir. Mas desse dia até eu passar a trabalhar na cabine mesmo, foi um ano (Zenaide).

Eu trabalho com José Fernando de Almeida, um espírito que desencarnou há uns oitenta anos, aproximadamente, no Ceará, em Quixeramobim (...). Dr. Bezerra chegou e disse: "olhe, tem um irmão que tá próximo a você", naquele período; existe um período aqui na casa que os irmãos se apresentam e escolhem um médium. Dependendo da energia, essas coisas todas. Então Dr. Bezerra me chamou e disse: "olhe, tem um irmão que está autorizado a trabalhar aqui com a gente, e ele está próximo a você, ele tá querendo trabalhar com você, a gente quer saber de sua disponibilidade de fazer isso" (Kelly).

Que Dr. Bezerra me chamou e disse que tinha irmão José Tavares que queria trabalhar, e que tava já muito fluidicamente casando com a minha energia. Porque já existia o elo fluídico entre eu e ele (Graça Mafra).

O médico escolhe seu parceiro por *afinidade fluídica*; em geral, se conhecem de *outras existências*, ainda que o de cá não se lembre. Usando o termo *casamento*²³⁰, os médiuns me dizem que este só se efetivará se houver um prévio *namoro*: espírito e o médium *estudam juntos*. Às vezes por anos. Assim, o estudo, que era uma atividade só do médium, passa a ser uma atividade da dupla que está se formando, e é assim que, pouco a pouco, os irmãos invisíveis vão se fazendo presentes nas aulas, assinando as psicografias, aparecendo para aqueles que os podem enxergar.

E nós ficamos em estágio, em estágio trabalhando algum tempo (Graça Mafra).

Essa cabine, além de estudar, os irmãos espirituais vêm, e começa como um namoro. Eles vêm estudar conosco. Vêm ativamente (Zenaide).

E aí a gente começou a trabalhar junto, na verdade a gente já começa a trabalhar junto num período antes de toda aquela reunião, aquela cerimônia. Eu continuei meus estudos, ele começou a se fazer presente nas aulas, na psicografia. Ele já assinava as psicografias, dando orientações, falando comigo (Kelly).

Com o estudo/namoro, os elos fluídicos com seus parceiros vão se *fechando*, as energias se *harmonizando*, até que não se tenha muito claro onde começa uma e termina a outra, as energias do encarnado e do desencarnado. É o momento onde este ciclo se conclui: a dupla está pronta para a *cerimônia*, que acontece em dois momentos: no lado *espiritual, extrafísico*, e no lado *material, físico*.

A cerimônia é assim: primeiro existe a cerimônia a nível extrafísico. Então eu me lembro tudo o que aconteceu no plano extrafísico, eu

²³⁰ Em outros contextos religiosos há uma relação de casamento com os espíritos. Ioan Lewis (1977, p. 64/76) nos aponta diferentes manifestações deste fenômeno.

presenciei tudo, me lembro com detalhes, porque eu tive como se fosse um sonho, e aí eu cheguei pra irmão Cecílio e disse: "eu sonhei que a gente já recebeu o médico". Aí ele começou a dar risada, ele disse: "é, vocês já receberam, foi no plano extrafísico". Aí eu: "ah, legal" (Kelly).

Realizada a cerimônia extrafísica, acontece então a cerimônia no plano físico. Este é um momento singular no Bezerra de Menezes: avisado com antecedência após as palestras das reuniões públicas, nesta noite comparecem todos os trabalhadores das atividades mediúnicas, além de seus familiares, amigos e do público em geral. Nesta noite se formará uma turma do mediúnico, que se diferenciará de outras turmas anteriores por um *mantra* específico, trazido por Dr. Bezerra e recitado por todos daquela turma. Nesta noite, também, haverá o *acoplamento* final tão esperado: os médiuns darão pela primeira vez *passividade* para que seus médicos falem por suas bocas. Nesta noite, farão finalmente o juramento, ante todos os presentes ali, se comprometendo a trabalhar fielmente com Jesus e com seu parceiro espiritual.

Em 1991, 18 de fevereiro de 1991, foi feita a entrega solene desse médico, não somente a mim mas a todos os médiuns que aqui estavam, que por sinal trabalham comigo ainda na sexta-feira à noite (Graça Mafra).

É uma cerimônia mesmo, com uma plateia, os irmãos, as pessoas tomam à frente, é feita a leitura do evangelho normalmente, aí a gente faz um juramento, cada grupo recebe um mantra, cada grupo recebe, cada ano é um mantra diferente. Aí depois o grupo todo vai realizar o mantra juntos, e aí, um a um, os irmãos vão dando a sua comunicação através de seus médiuns, aí existe um juramento, que pra cada grupo é um também, quer dizer, existe um juramento que a gente faz, e Dr. Bezerra autoriza então a gente, a partir daí, seguir a parceria. É tudo muito simples [e você, a primeira vez que teve psicofonia dele foi nesse dia?]. Sim. A primeira vez que ele se fez presente na psicofonia foi nessa cerimônia. Se ele veio antes ele não disse. Mas eu acredito que não, porque a energia dele é uma energia muito diferente pra mim, sabe? (Kelly).

É como se fosse um casamento espiritual, é mais ou menos assim, você se compromete, é um juramento que você faz diante da plateia que aqui está e diante também dos irmãos desencarnados, tipo a equipe de Bezerra que aqui faz parte do dia da entrega de médicos; é um dia que tem um campo energético diferente. É como se você tivesse um laço, é tipo um laço que você fechou. A sensação que você tem é que é uma coisa que se juntou, que se acoplou mais ainda, que já tava junto, mas se uniu mesmo. A energia, a minha energia na outra, pra trabalhar em conjunto. É uma junção dessas duas energias, esse juramento que a gente faz (Graça Mafra).

Esta digressão é importante neste momento do trabalho pelo fato de que, em meu entendimento, é a *aliança* realizada entre Miriam e seus parceiros – os espíritos Ramatís, João

Machado, Vulpiano Cavalcanti e o Caboclo das Sete Encruzilhadas (uma das facetas de Ramatís) – a *chave* para o seu discurso emotivo: fundado no *amor*, em sua relação com Ramatís, na *calma*, com João Machado, na *coragem*, com Vulpiano Cavalcanti e no *poder*, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

É minha hipótese a de que, ao desenvolver suas peculiares parcerias com estes espíritos, vale dizer, em termos nativos, "abrigando estas energias", Miriam recolherá destas relações mediúnicas o combustível em termos emocionais para responder ao contexto adverso que se apresenta ao Grupo Ramatís – e que se acirrou na época de minha pesquisa. Quero dizer que Miriam *faz* algo com estas emoções; que elas *servem* para que em termos *práticos* (Lutz e Abu-Lughod 1990) nossa médium *localize* e *afirme* o lugar de seu grupo e de seu espiritismo no âmbito do centro espírita Bezerra de Menezes. Ramatís é o primeiro, pois é ele quem a conduz para o espiritismo, substituindo Jesus Cristo. É com ele que inicia o relato da carreira de Miriam.

7.1.1 O "amor completo": de Jesus a Ramatís

Miriam é médium de clarividência, psicografia e incorporação. Nasceu no interior do Rio Grande do Norte, em uma família de classe média *católica praticante, mas aberta para outras coisas*. É a caçula de doze irmãos; quando completou quatro anos de idade, sua família se mudou para Natal. Durante toda a vida, Miriam se sentiu *diferente* das outras pessoas, disse-me, por algumas *coisas estranhas* que lhe aconteciam: ela tinha *premonições*, pressentia fatos que iriam acontecer; nas relações com as outras pessoas, *sabia* quando alguém estava mentindo, ou *querendo lhe prejudicar*. Percebía as *coisas do mundo* sob *outro prisma*, e isso foi lhe *dificultando a vida*, o que se agravou na adolescência, quando se sentiu ainda mais *estranya* do que o normal.

Próximo à sua casa havia um convento de freiras. Miriam passou a assistir às missas na igreja deste convento e a cantar no coral, e depois de algum tempo foi convidada a frequentar os encontros vocacionais deste grupo. Junto com as freiras, conheceu vários conventos, em Natal, Recife e Fortaleza. Aos dezesseis anos evangelizava comunidades carentes, junto com outros jovens e com as irmãs da igreja; era muito devota, estudiosa e obediente, e cultivava o desejo de

vestir o hábito. Por volta dos dezoito anos de idade, já se encontrava em situação de pré-noviciado, e as freiras muito a incentivavam a seguir o matrimônio sagrado com o Cristo.

Hoje, "olhando para trás", Miriam salienta: gostava das viagens, adorava o clima dos conventos, mas dizia para si mesma: "aqui ainda está me faltando alguma coisa". Trazia uma busca interna, por algo, que não sabia o que era exatamente, e por algum tempo, diz, achou que este caminho seria mesmo vestir o hábito, o que deixava sua família temerosa: este não era o desejo de seus pais. Ao final, entre a pressão das freiras para que aceitasse o noviciado e a da família para que não o fizesse, deixou para definir no último dia do derradeiro encontro vocacional, e ante à pergunta da irmã "como é, você vai voltar?" ela respondeu negativamente, e então passou a seguir um outro caminho, o de leiga engajada na igreja.

Pouco tempo depois, uma colega sua que frequentava alguns centros espíritas de Natal a convidou pra conhecer uma senhora que botava cartas: "estou precisando ir na casa de *fulana*, ela bota *uma carta muito boa*". Miriam *não foi lá para botar carta*, pois na época *nem sabia direito o que era isso*. Mas a senhora das cartas ficou *lhe olhando muito*, percebeu *algo diferente* nela, e a presenteou com o seu *primeiro livro realmente interessante*, um livro de *psicometria*, "que é a faculdade de você sentir os objetos e ser transportado pros registros akáshicos daquela pessoa que o tocou", segundo me disse. Era um livro de Ramatís.

E me fascinou aquele ser, Ramatís, era como se fosse alguém que fazia parte de mim, que estivesse em mim. Esse foi o meu primeiro contato com ele (Miriam).

As primeiras referências que Miriam recebeu do espiritismo foram, conforme me contou, através deste livro de Ramatís. Mas ainda não seria nesse momento o seu *enlace* com ele. Na época, ela frequentou os centros espíritas Victor Hugo e Teresa d'Ávila; neste último, teve o primeiro contato com João Cecílio. Já ao Bezerra de Menezes, foi para tratar uma irmã, portadora de hemiplegia, doença degenerativa congênita. Sentiu *como se já conhecesse* o Bezerra. Alguns anos depois, então estudante do curso superior de serviço social da UFRN, sofreu um acidente, *previsto* em um *sonho* que teve alguns dias antes:

Então no dia em que o carro bateu, na mesma posição que eu fiquei dentro do carro, eu recordei todo o sonho que eu tinha tido (Miriam).

Foi quando ela percebeu que *precisava de ajuda, pois não estava legal*; foi então se consultar no Bezerra de Menezes; o médico espiritual lhe avaliou, lhe receitou passes e disse: "olhe, você tem que tratar do seu *processo mediúnico*". Foi quando se consultou com Dr. Bezerra e este fez a sua ficha cármbica através da mediunidade de João Cecílio. Começou então, por sugestão de Dr. Bezerra, a *estudar muitas coisas, não só Kardec*,

Porque o centro é bem ecumênico, então toda a minha base foi dessa forma, lendo Blavatsky, além de coisas da umbanda, da rosa-cruz, da chama violeta de Saint-Germain, tudo isso a gente estudava, esses conhecimentos que *migravam para cá* e que a gente *necessitava*; João Cecílio incentivava isso na gente (Miriam).

Bezerra também definiu que ela deveria trabalhar na cabine como auxiliar; inicialmente auxiliar três, depois dois e por último auxiliar um; falava na tribuna também, lendo o evangelho e comentando; depois de algum tempo *assumiu a cabine* para trabalhar com o espírito João Machado e depois com o de Vulpiano Cavalcanti. No período de preparação para *assumir a cabine* como médium e não mais como auxiliar²³¹, Miriam começou, em casa, a fazer exercícios para a psicografia, faculdade que percebeu exercer com facilidade, e, quando terminava, o espírito assinava; muitas vezes, assinava *Ramatís*.

Ela me conta que nesses textos psicografados, Ramatís desenvolvia o tema da transição planetária, presente também em seus livros e nos escritos de Rogério; o fato é que foi através do intercâmbio mediúnico doméstico que este espírito passou a se fazer presente em seu cotidiano, no entanto, nunca pela psicofonia, já que quem o recepcionava desta maneira era irmão Cecílio. Porém, quando este adoeceu em decorrência da idade avançada, Miriam foi convidada por Bezerra de Menezes a suceder o velho médium na tarefa:

Foi quando certo dia ele, João Cecílio, chegou pra mim e disse: "Miriam, Bezerra me diz que você deve se preparar, começar a estudar com afincô as obras de Ramatís; comece a ler *mediunidade de cura*. Logo eu vou ter que me desvincular da potencialidade de recepção, porque eu estou ficando fragilizado" (Miriam).

Alguns dias antes, Ramatís já havia avisado numa comunicação: "está surgindo um novo canalizador", sinalizando o aparecimento de mais alguém para recepcioná-lo no Brasil, já que, segundo a nossa médium, *havia poucos nessa época no País*.

²³¹ Analisarei a preparação para a cabine de cura e a relação de Miriam com João Machado e Vulpiano Cavalcanti no decorrer deste capítulo.

Mas eu não entendi que era comigo. Aí nesse outro dia João Cecílio disse pra mim: "olhe, Ramatís lhe escolheu pra fazer a canalização dele". Aí eu morri, morri mesmo, porque você olha a potencialidade de João Cecílio, quem eu sempre vi como um pai, e que era médium inconsciente, e que durante mais de quarenta anos tinha aprofundado conhecimentos, que saía do corpo fácil, fácil, e eu ainda não estava nesse patamar (Miriam).

Antes da primeira recepção de Ramatís, Miriam lembra, havia todo o grupo, aguardando o seu desempenho, que deveria ser próximo do de João Cecílio.

Aí você fica assim de saias curtas, porque eu pensava: "de onde eu vou tirar o cabedal de conhecimentos pra dar todas as respostas científicas que o grupo precisa?"; É tanto que quando foi marcada a primeira canalização de Ramatís eu disse: "minha nossa senhora". Eu tremi na base (Miriam).

Ramatís é descrito pelos espíritas como um dos mestres centrais da Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz, um dos mais importantes no *processo atual de transformação do planeta*, além de ter diversos centros espíritas levando o seu nome no Brasil, e livros publicados, e grandes médiuns o recepcionando, então, antes de recepcioná-lo pela primeira vez, não era à toa a preocupação de Miriam. Ela havia estudado os *conteúdos afins à personalidade de Ramatís* e às suas *preocupações*, mas trazia o medo imenso de, na hora, a coisa *não engrenar*.

Eu já trabalhava há muito tempo com João Machado, e nunca suei. E com Ramatís, pirei, porque morria de medo de dizer algo errado; de perguntarem algo que eu não tinha dentro de mim. Mas aí, quer saber? Eu pensei: eu não tenho, mas Ramatís deve ter, e ele que se vire! Então depois eu falei com Ramatís, eu disse: "ah, meu filho, você não vai me deixar na mão, não". Foi muito assim. Eu falei pra ele: "olhe, por favor, você vá logo procurando alguma coisa na minha cabeça, nos meus arsenais, vá vendo o que você pode acessar e vá se arranjando, porque eu também tenho limite". (Miriam.)

E então, para *abrigar a energia* de Ramatís, ela "amadureceu no carbureto", segundo conta, deixando de lado a timidez para enfrentar este desafio:

Porque logo que eu entrei no centro, eu era tão tímida, nem falava, tinha medo de errar, e de determinadas pronúncias, que todo mundo tem, mas eu era tão acanhada, caladinha, e hoje não tenho mais vergonha, nada, nada. No dia que ele marca para vir, eu estou a postos. Fico ansiosa do mesmo jeito, mas é outra coisa (Miriam).

A recepção que Miriam faz de Ramatís é *mental*, diferente da que faz com João Machado e Vulpiano; com estes últimos, a conexão mediúnica se dá de perispírito a perispírito; é mais

físico: nossa médium sente-lhes a presença em seu *corpo*. Já com Ramatís, a *coisa* acontece com *mais amplitude*: o seu *corpo físico* permanece onde está, e é a sua *mente*²³² que será transportada para outro lugar, outra dimensão²³³, e nesse outro lugar ela *acessa a mente* de Ramatís. Nesse momento, a sensação é de *amor incondicional*:

Quando ele vem na forma do mestre [Ramatís], a sensação que me passa é de amor completo. Tudo o mais, todos os outros problemas, são muito ínfimos diante do universo imenso, e dessa consciência tão vasta que está à nossa frente. O saber, e o amor e a filosofia ali estão, em amplitude enorme.

Na hora que o grupo faz perguntas, o mestre sabe individualmente o que cada um quer e aonde quer chegar, pois ele conhece a todos intimamente.

A sensação é como se a gente estivesse aqui bem no alto, eu e ele, e todas as perguntas e indagações estivessem aqui. [aponta para o chão, circulando em sua volta]. A visão que você tem daqui é do todo. Mas esse aqui, que tá aqui embaixo, eu sei que ele faz parte do que está em cima. E tudo se mostra na sua singularidade (Miriam).

Às vezes ela tem dificuldade de *verbalizar* o que o mestre diz, como se a mente de Ramatís se movimentasse na *velocidade da luz*, e a *quantidade de energia vibracional* que ela consegue *decodificar* no seu *cérebro* para *repassar* é pequena, comparada à energia dele. A mensagem dele vem direto na *matéria mental*, e ela deve verbalizar, mas ao mesmo tempo existem vários caminhos de resposta,

E às vezes a resposta dele vem por um caminho, aí a maioria não entende, e eu tenho de ver com ele pra refazer toda a resposta novamente, e aí ele responde de novo, e isso é em fração de segundos que acontece, porque o tempo que me vêm as respostas não é o mesmo tempo que vocês estão vivendo (Miriam).

Um conjunto de circunstâncias encaminhou Miriam a aderir ao espiritismo, contudo, seu relato deixa transparecer a centralidade da figura de Ramatís. Ele já lhe era familiar: na primeira vez em que viu o seu retrato psicopictografado, sabia que *já o havia visto anteriormente*. Foi dele o primeiro livro espírita que nossa médium leu, e o fez antes de ler Kardec.

Miriam nos oferece uma interpretação de sua trajetória religiosa onde a busca é aspecto central. A resposta para esta busca, ela pensou ter encontrado junto ao convento onde quase

²³² Que, na verdade, me diz Miriam, é um outro corpo, o *corpo mental*.

²³³ A *quarta dimensão*.

ingressou como noviça: Miriam iria casar-se com Jesus. Porém, este não foi um sonho possível; "havia uma pressão grande demais", ela me diz, entre "a família e as freiras da Igreja". Uma conjuntura não muito favorável para se tecer uma decisão tão importante, e ela lembra de que, além de tudo "era tão jovem, uma menina, meio perdida, sabe?". Ao final, Miriam abandona o caminho do matrimônio sagrado, que, *depois viu*, "não era pra ser mesmo".

Mas sua busca continuou, fora dos muros do convento, até a senhora das cartas lhe mostrar o retrato daquele *ser* que lhe fascinou, que parecia fazer parte dela, e que ela diz ter *amado* assim que o viu. Ramatís levou Miriam para o centro espírita, e foi, durante muito tempo, o seu único modelo, englobando as referências anteriores. Ela me diz:

Amar Jesus foi depois. Primeiro eu amei Ramatís. Desde o início eu amava muito Ramatís, então depois é que eu fui realmente aprender a amar Jesus, porque primeiro eu amava o outro (Miriam).

O amor por Ramatís é também o amor pelo seu grupo. Nas falas de Miriam, comparecem a importância do "grupo", do que chama de "nosso grupo", que, segundo ela, é um dos sustentáculos energéticos do Bezerra, e que detém um portal específico no astral, para trabalhar a cura do planeta Terra, sua ascensão à quarta dimensão, e que é um espaço especial, fundado por João Cecílio, trazendo como mentores alguns espíritos tão importantes quanto Akhenatón, Nefertiti, Ramayon, aliás, toda a Fraternidade Branca, que se encontra ligada ao Grupo Ramatís de Natal através de seu mentor principal. Assim, o amor por Ramatís é também o amor pelo *seu grupo*, o lugar onde o seu peculiar espiritismo faz sentido.

7.1.2 Do poder: o Caboclo das Sete Encruzilhadas

Existem distinções entre as várias recepções do próprio Ramatís, pois que este espírito se apresenta de diversas facetas: ele *vem* na maioria das vezes como *Mestre Ramatís mesmo*, mas também se apresenta para a mediunidade de Miriam como o *Caboclo das Sete Encruzilhadas*²³⁴.

²³⁴ Segundo os adeptos da umbanda, Caboclo das Sete Encruzilhadas é a denominação da entidade espiritual que fundou esta religião, e que apresentou-se inicialmente pela mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes. Para o surgimento da umbanda e a carreira de Zélio de Moraes, cf. Giumbelli (2002).

Quando ele vem como o Caboclo, a sensação é de *domínio*, de *poder*. Ele lhe passa a sensação de grandeza, de endeusamento²³⁵; ela me diz:

Quando Ramatís vem como o Caboclo das Sete Encruzilhadas, eu sinto como se eu tivesse todo o conhecimento sobre as coisas. Eu sei que não sou eu, mas a sensação é de transformação, de domínio.

A sensação que eu tenho, quando ele se aproxima, é como se ele pudesse transformar os elementos da natureza, de tudo, daquilo que nos compõe. Porque pelo conhecimento que ele tem, ele tem essa possibilidade. E aí, nesse momento, você é um deus, você se sente como se fosse um deus, acima do bem e do mal, acima dos conceitos.

Quando eu estou com o caboclo, eu manipularia o átomo, manipularia o seu destino também (Miriam).

Sendo através do *mestre mesmo*, ou do Caboclo, Miriam se sente ligada a Ramatís por laços que, avalia, *talvez remontem a outras encarnações*. "Abrigando a energia" deste espírito já há alguns anos, Miriam tem, contudo, a tarefa de recepcionar mais dois *irmãos*, os médicos João Machado e Vulpiano Cavalcanti, com os quais atua na cabine de cura, e que se identificam entre si no fato de que ambos foram inicialmente rejeitados por outros médiuns. Ora, neste centro, por vezes ocorre de algum espírito vagar de médium em médium procurando ser escolhido pelo seu *par ideal*, cuja energia corresponderá à sua, aquele com o qual terá *harmonia de fluidos*. Assim também, João e Vulpiano não se adequaram, de início, a nenhum médium.

Os dois são personagens importantes da história recente do Rio Grande do Norte. Médicos, envolvidos em preocupações sociais, João Machado e Vulpiano Cavalcanti são reconhecidos por em vida trazerem personalidades progressistas, expressas de diferentes maneiras em suas práticas profissionais e políticas. Examinemos o que nos conta Miriam.

7.1.3 O apômetra: João Machado, a heresia e a calma

Todo ano tem a avaliação dos médiuns pra que recepcionem novos médicos espirituais. E nesse período iam trazer Dr. Ivo e uns três ou quatro médicos, e tinha João Machado, que também ia entrar nessa época. Então foi feita essa avaliação e foi feita a distribuição. Só

²³⁵ Ramatís ainda se apresenta para a mediunidade de Miriam, segundo os componentes do Grupo Ramatís me disseram, como Khutumí, uma das encarnações deste mestre, quando ele foi *um mestre hierofante da ordem rosacruz ligado a Blavatsky*. Miriam não me relatou suas percepções de Khutumí. É também frequente que Ramatís se apresente como o grego Pitágoras, isto *nas casas espíritas mais tradicionais*.

que ficou um, que foi João Machado, que não se adaptou com nenhum dos outros médiuns, ele não foi aceito por ninguém (Miriam).

Miriam me explica que João Machado não se adequou aos médiuns porque nenhum deles dominava a sua proposta: ele lida com *centros de força, desacoplando e acoplando os corpos sutis* dos encarnados em tratamento, prática não-ortodoxa no espiritismo, por caracterizar *apometria*²³⁶, ritual rejeitado pela FEB, assim como pela FERN. Mas não por Miriam, que, interessada pelo assunto e treinada por João Cecílio, se preparou para este momento.

Essa parte de centros de força sempre me fascinou, então eu procurava já ler até por orientação de irmão Cecílio, ele dizia "leia isso, leia aquilo". Então, no dia em que ele me falou de João Machado, pra perguntar se eu gostaria de recepcioná-lo, ele disse assim: "olhe, tem um médico que está na equipe, mas o tratamento dele é diferenciado, não é só cirurgia. Ele trabalha com centros de força, ele trabalha com outro tipo de conhecimento e ele ainda não encontrou um médium adequado". E eu já estudava isso, acho que por isso deu certo. (Miriam.)

Miriam passa então a trabalhar com Dr. João:

Aí começamos a trabalhar, dividindo a cabine com uma colega, num dia só na semana. Aí às vezes só tinha um único paciente para mim e João, e ela virava e dizia: mas você vai atender, mesmo assim? E ele dizia: "vamos, não tem problema nenhum". Aí começou com um paciente, aí daqui a pouco, multiplicou-se, multiplicou-se, hoje já tá do jeito que tá, já chegou domingo que a gente atendeu oitenta, noventa pessoas. (Miriam.)

Não só a sua cabine é *diferenciada*, por tratar com campos de força; também é diferenciada a cabine que surgirá alguns anos mais tarde, a de Dr. José Tavares, cuja médium, sua irmã, Graça, também componente do Grupo Ramatís, *trabalha na mesma linha* e dá continuidade ao particular processo desobsessivo que é a apometria, *técnica "alternativa"*, de "cunho desobsessivo", que "complementa o tratamento clássico".

Eu e João, fomos nós que iniciamos no centro esse processo desobsessivo meio diferenciado, porque além da terapia e da psicoterapia que João faz na cabine, pois ele é psiquiatra, ele também trabalha com centros de força. Na verdade, como eu já lhe disse, eu já estudava chakras e sistema de forças, antes da cabine. A apometria é aquele recurso que veio ampliar o atendimento (Miriam).

²³⁶ Como eu já apontei, os espíritas contam que o termo apometria significa *tratar à distância*; é uma prática de cura mediúnica que se caracteriza, em termos nativos, por *desacoplar* os corpos espirituais do corpo físico dos enfermos e *enviá-los* para o plano dos espíritos, tratando-os, e ao final trazendo-os de volta e *reacoplando-os*. Os adeptos da apometria argumentam que esta prática não necessita ser desenvolvida em centros espíritas.

Durante a pesquisa, eu observei os rituais de cura efetuados em oito cabines, e entrevistei quinze médiuns de cabine. As cabines de João Machado/Miriam Mafra e de José Tavares/Graça Mafra foram as primeiras que observei, e a elas retornoi diversas vezes, em geral aos domingos à tarde e nas quartas e sextas-feiras à noite. Também observei as atividades de cura desenvolvidas nas cabines dos outros seis médiuns. Em todas as oito cabines, as técnicas de cura desenvolvidas são as cirurgias espirituais, o passe magnético e a aplicação de medicamentos, também de ordem espiritual, além de *raios* de cores variadas.

Porém, Miriam e Graça Mafra me explicaram que os irmãos com os quais trabalham aliam as técnicas acima, como eu já disse, à apometria. Considerando sua importância para estas médiuns, em minhas posteriores observações em outras cabines incluí algumas perguntas sobre apometria, a serem efetuadas à dupla médium/irmão desencarnado: perguntava se a dupla conhecia a apometria, se esta técnica era utilizada em sua cabine e de que forma. Caso a resposta fosse negativa, indagava se havia interesse em implantá-la no futuro. Algumas respostas foram:

Não. Apometria a gente não tem permissão pra fazer, não. Porque apometria é mais para o lado do espiritualismo. Porque o espiritismo, a doutrina mesmo, ela não se atém assim a rituais, essas coisas, não. É só trabalho através da energia. As nossas energias vêm através das nossas mãos. Quando Dr. Bezerra abre os campos de força, os espíritos vêm e ficam ao nosso lado, passando através dos nossos fluidos a energia. São eles trabalhando. Eu sou a condutora, mas quem age em mim são eles. São eles que agem (Virginia).

João Machado é que utiliza às vezes da apometria, porque a médium tem que ter conhecimento pra isso (Ivaneide).

O médico que trabalha na cabine que eu estou não usa apometria. Apometria não. Porque como é que você vai fazer um desdobramento, uma regressão sem saber a técnica? Apometria o médium tem que ter conhecimento. Como vai desacoplar os corpos? Como vai acoplar esses corpos? A mediunidade é uma responsabilidade. É muito sério. Quem trabalha com apometria é José Tavares que era psiquiatra, porque isso é uma coisa que já vem de outro grupo, o Ramatís (Zenaide).

Com a exceção de Miriam e Graça Mafra, dos treze restantes, só uma médium me confirmou fazer apometria; duas não se sentiram à vontade para responder, uma me disse "admirar muito a técnica" e os demais médiuns, nove (sete mulheres e dois homens), rejeitaram esta prática, considerando-a "antidoutrinária" e vinculando-a a "aquele grupo, o Ramatís". Suas respostas me fizeram perceber que a apometria é uma prática que caracteriza os médiuns do

Grupo Ramatís no centro espírita Bezerra de Menezes²³⁷, e a reação positiva ou negativa à técnica vincula-se a uma avaliação do lugar deste grupo no centro.

A apometria também é uma técnica que caracteriza João Machado, espírito, médico psiquiatra quando encarnado, considerado à frente de seu tempo, por seu "tratamento alternativo" para as doenças mentais. Seguindo a mesma filosofia de quando vivo, ele adota em seu consultório espiritual (a cabine de cura) um "tratamento alternativo" para a obsessão. Não devemos esquecer que a obsessão é, para os espíritas, o fundamento dos distúrbios mentais em geral. Assim é que João Machado continua, após a morte, a tratar dos distúrbios mentais, agora chamados de obsessão, e que serão tratados a partir de uma prática de cura "alternativa", "heterodoxa", a apometria.

Penso não ser à toa que este espírito, para desenvolver um trabalho de cura mais heterodoxo, opta pela médium mais heterodoxa, uma da coordenadoras, aliás, do grupo heterodoxo por excelência, o Grupo Ramatís. Devo falar um pouco de João Machado.

João da Costa Machado, nascido em 27 de maio de 1912, era médico psiquiatra. Foi aluno de Ulysses Pernambucano, precursor da psiquiatria social no Brasil. Chegou ao Rio Grande do Norte na década de 1930. Na busca por combater a usual identificação de doença mental com degenerescência racial, fundou a "Sociedade de Assistência a Psicopatas de Natal" sob o objetivo de efetuar *ações educativas* para a população, esclarecendo a articulação entre condicionantes sociais e doença mental (Azevedo 2003).

Criou o Hospital Colônia de Psicopatas, que hoje leva o seu nome, e que, nos moldes de uma colônia agrícola, objetivava desenvolver o tratamento por uma técnica vista como inovadora para a época, a laborterapia (terapia pelo trabalho). A centralidade deste hospital revela-se em sua cerimônia de inauguração, realizada no dia 15 de janeiro de 1957, e que teve a presença do então presidente da República Juscelino Kubitschek. João Machado também idealizou os hospitais-dia, base para os atuais CAPS (Centros de Atendimento Psicossocial). Ele faleceu em 1965 (Azevedo 2003). Muito se fala em Natal sobre João Machado: um homem à frente de seu

²³⁷ Tendo a pensar que talvez haja algum sentido na aproximação dos termos *apometria* e *Ramatís*, no movimento espírita brasileiro, pelo fato de que em diversos grupos de apometria que encontrei na internet, o nome de Ramatís aparecia como patrono ou mentor dos grupos.

tempo, de brilhante inteligência, envolvido pessoalmente com um ideal, a humanização do tratamento dos doentes mentais.

João Machado, em espírito na cabine de cura, tem uma atuação, nas palavras de Miriam, "diferenciada". Mas ele também representa a tranquilidade. Segundo conta nossa médium, Dr. João aprendeu a ser alguém equilibrado, a desenvolver autocontrole, quando vivo, frente ao seu trabalho no hospício:

Dr. João, ele trabalhava num manicômio, você sabe. Ele tinha de ser alguém equilibrado, porque ele não podia se contaminar com a loucura dos outros, senão não dava pra trabalhar. Ele tinha que se manter sereno (Miriam).

Ela me conta que João é brando, doce. Conversa muito com os pacientes. Mantém-se calmo mesmo quando há ainda quarenta pessoas a ser atendidas e a tarde já se vai ao meio. Mesmo quando os assistentes faltaram e a equipe do plano físico só conta com a médium presente. Mesmo quando houve a intervenção por parte da diretoria, no final do ano de 2008, e a sua cabine de cura, a mais procurada pelos pacientes do centro, diminuiu sua atividade, deixando de atender todos os domingos para atender quinzenalmente. Mesmo quando "tudo conspira contra".

Na cabine, João Machado traz um senso de humor sutil; não brinca muito, ainda que sempre sorria. Ela enfatiza: "ele é calmo, mesmo no olho do furacão". Miriam recepciona a energia de João mansamente, pois, me diz, ele é suave ao acoplar em seu perispírito, "quase não dá pra sentir". Ao me explicar do porque de ele ter lhe escolhido, ela não titubeia: não foi nada aleatório. João Machado fundou a escola onde Miriam se graduou como assistente social.

Foi ele quem fundou o serviço social no Rio Grande do Norte. Que se chamava serviço social familiar e etc., foi João da Costa Machado um dos maiores impulsionadores, e ele foi professor e tudo, de lá, e veja que interessante, ele procurou uma assistente social para parceira (Miriam).

O trabalho contínuo fez com que a conexão entre médium e espírito se estreitasse, e então Miriam aprendeu algumas coisas com ele, e, vale dizer, ele com ela:

Depois de João Machado, com o passar do tempo, as nossas conexões, elas foram se fundindo, se tornando tão equilibradas, que daqui a um

pouco só quem me conhecia ou conhece a forma dele consegue diferenciar. Então a gente foi fazendo aquele casamento perfeito.

Ao longo do tempo eu fui adquirindo algo com ele, e também fui repassando algo pra ele, nós fomos nos remodelando, as nossas personalidades.

Antes de João eu era mais ingênua, falava sem pensar; hoje não, estou mais centrada, reflexiva. Eu fui adquirindo dele o equilíbrio, a calma mesmo diante de todos os conflitos. Já ele, foi tendo essa expansividade, da afetividade, que eu sou muito afetiva, e passei isso pra ele.

Interessante, que algo que eu possuía e que ele possuía a gente foi trocando. Então um foi aprendendo com o outro a melhorar, porque se um não for se adaptar ao outro, não é parceria, né? É posse (Miriam).

7.1.4 Com o "médico de Moscou": Vulpiano e a bravura

Quando Miriam já trabalhava há mais de dois anos com João Machado, aparece Vulpiano Cavalcanti; da mesma forma que João, ele não havia encontrado nenhum médium que se adequasse à sua *energia*, com um agravante: o nível de rejeição. Os médiuns que se aproximavam da energia de Vulpiano simplesmente abandonavam o centro espírita; sumiam e não voltavam mais. Sendo recusado repetidamente por vários potenciais parceiros, a peregrinação de Vulpiano só termina quando suplica ajuda a Dr. Bezerra, e, este pede a Miriam que dê uma chance ao irmão sedento em trabalhar na *seara do Cristo*.

Aí acontece que Vulpiano teve uma experiência no centro, que todo médium que ele se aproximou pra trabalhar, não durou muito tempo na casa. Então ele já tinha passado, se não me engano, por três médiuns. Aí João Cecílio disse: Miriam, Vulpiano tá aperriado, tá querendo trabalhar e não consegue, os médiuns não ficam muito tempo com ele (Miriam).

Além de trabalhar com João Machado na cabine, Miriam se preparava para recepcionar Ramatís, o que lhe tomava horas de *estudo*, fora do centro, sobre os *conteúdos* atinentes à *personalidade* de Ramatís. Afora isso, Miriam tinha também sua vida profissional e pessoal. Como abrir mais uma cabine? A não ser que este médico novo dividisse a cabine com Dr. João. Mas Miriam não sabia o quanto a *energia* de Vulpiano lhe seria *estranha*, em comparação com a de João.

Aí irmão Cecílio disse: "você aceita trabalhar com ele?" Eu disse: "tá certo, aceito, no domingo a gente divide os horários". Aí primeiro vinha ele, depois vinha João. Ai, ai, ai, os primeiros momentos, primeiras semanas pra mim foram dolorosos. A parte com Vulpiano.

A sensação é que tinha um peso enorme, enorme, eu não conseguia falar direito, eu ficava toda dolorida, aquela pressão, aquela energia que me aprisionava, me pressionava, eu me sentia incomodada desde os primeiros momentos de canalização, quando ele ia se aproximando de mim.

Porque é assim: quando a gente vai canalizar, eles têm já uma aproximação com a nossa própria energia, pra adaptação, pra que haja sintonia, então eles vêm vindo, vindo. Mas eu ficava rezando, pedindo a Deus pra que terminassem os pacientes dele pra me... [respira profundamente] É como se alguém tivesse me apertando, eu dizia: "rapaz, pelo amor de Deus, a gente tem que chegar a um acordo aqui".

Então, quando eu comecei com Vulpiano, essa sensação ia me machucando, me aprisionando. (Miriam.)

Quem é essa figura, responsável por diversas deserções de médiuns no Bezerra, e cuja *energia* aprisiona a nossa médium? Assim como João Machado, Vulpiano faz parte da história de Natal.

Vulpiano Cavalcanti de Araújo, médico-cirurgião, cearense de Fortaleza, chegou em Natal na década de 1930, depois de trabalhar em Mossoró e Areia Branca. Era dirigente do Partido Comunista do Brasil, o que lhe valeu repetidas prisões, interrogatórios e torturas. Foi companheiro de luta de Luiz Ignácio Maranhão Filho, notório militante comunista potiguar, "desaparecido" pela ditadura (como se costuma dizer), em 1974²³⁸.

Reavivar a memória da esquerda norte-rio-grandense é algo que os atuais militantes de partidos como PT, PCB e PCdoB tentam realizar, no estado do Rio Grande do Norte. De vez em quando, lemos em alguns jornais e revistas locais, a referência a Vulpiano Cavalcanti como "o médico comunista". Diz-se de sua capacidade de cirurgião, de seu destemor na direção do partido, comentam-se suas variadas passagens pelas câmaras de tortura. Não é raro encontrar quem o defina como "um verdadeiro herói do povo brasileiro" (Miranda Sá, 2006). Que ele lutava pelos princípios socialistas, pela nacionalização do petróleo, na defesa da Petrobras. Que nas infindáveis sessões de tortura, teve todos os seus dedos de "cirurgião emérito" quebrados, para que não pudesse mais fazer cirurgias (Miranda Sá, 2006 e Tecido Social, 2003).

²³⁸ Para a trajetória política de Luiz Maranhão, cf. Góes (2000) e Studart (2006).

Os torturadores o conheciam como o *médico de Moscou* (Carvalho, 2001); a imprensa o chamava de representante de Luís Carlos Prestes no Nordeste. Definido como "um revolucionário sem ferocidade, meigo, atencioso, muito educado"²³⁹, também é muito salientado o seu irônico senso de humor.

Uma vez, ouvi de Luiz Maranhão Filho (...), como Vulpiano se comportava nas prisões. Não perdia o humor, brincava com os companheiros de cativeiro, gozava os algozes. Submetido a torturas terríveis, inimagináveis, ferozes, (...) todos os presos falavam alguma coisa, inventavam alguma coisa para despistar e atender à ferocidade dos torturadores. Menos Vulpiano. Ele não diz nada. Não tenta nem despistar. Recusa-se a falar. Ironiza os bichos da tortura²⁴⁰.

São várias as estórias contadas sobre ele, articulando medicina, política e humor. Em uma delas, lemos:

Médico, comunista histórico e veterano de prisões e intermináveis sessões de torturas, o médico cearense Vulpiano Cavalcanti opera concentradamente uma senhora em Mossoró. A sala de cirurgia é na Casa de Saúde Santa Luzia. Vulpiano Cavalcanti tenta eliminar um cisto no ovário da paciente, quando inadvertidamente o médico e político Duarte Filho irrompe a sala (...). Imaginava que a cirurgia estivesse concluída. "Vulpiano, prepare-se: tem um monte de soldados aí fora para lhe prender" (...). Sob mais uma acusação relativa à sua posição político-ideológica, Vulpiano nem pestaneja com o novo e rotineiro incidente. Mas a mulher, consciente à mesa de cirurgia, entra em pânico. "Doutor Vulpiano, assim eu vou morrer, é?!" – "Fique tranquila. Quem está com problema aqui sou eu. A senhora escapa tranquilamente" - serenou o velho comunista, com seu inesgotável bom-humor. Mas em seguida foi preso. De novo. (SANTOS, 2009)

Numa outra estória, Vulpiano Cavalcanti recebe uma intimação da Polícia Federal, pois teria sido encontrada uma lista de participantes de um congresso de comunistas e o seu nome constava nela. Conta Roberto Furtado, antigo militante do PCB em Natal, que Vulpiano responde - em um tom candidamente sarcástico - às perguntas da polícia, que foi à sua casa lhe interrogar:

Primeira pergunta: – O senhor esteve no congresso comunista? Ao que Vulpiano respondeu: – Infelizmente, não! Segunda pergunta: – O senhor é o presidente do Comitê do Partido Comunista? Ao que ele respondeu: – A ditadura não fechou o partido? A polícia acabou indo embora sem conseguir nada (COSTA, 2004).

²³⁹ A palavra de Dorian - Vulpiano Cavalcanti, um homem de aço. in: <http://www2.uol.com.br/omossoroense/170408/conteudo/especial.htm>

²⁴⁰ A palavra de Dorian - Vulpiano Cavalcanti, um homem de aço. in: <http://www2.uol.com.br/omossoroense/170408/conteudo/especial.htm>

Miriam diz que o mal-estar que ela sentia no início do trabalho com Vulpiano arrefeceu. Contudo, a energia dele continua sendo *forte*. Quando ele chega, *chega*. É meio *um furacão*. Direto ao ponto no atendimento, em suas conversas pergunta o essencial. Não *enrola*; é rápido, prático, eficiente. Tem um senso de humor peculiar: constantemente contando piadinhas e fazendo graça, é, no entanto, um pouco irônico, quase ríspido.

7.2 OS QUATRO CAVALEIROS E A GUERRA DE MIRIAM

Os diferentes lugares onde estabelecemos relações em nossas vidas – família, escola, trabalho – nos ajudam a compor nossa identidade. Também na relação que estabelecemos com o sagrado, são acionados processos identificatórios, já que encontramos também nessa esfera diferentes figuras de poder, que então movimentam nossa constituição identitária. Nesse movimento, vale situar a importância do olhar do outro, situando-nos em diversos lugares.

No espiritismo não há, como no candomblé, por exemplo,²⁴¹ matrizes específicas que sirvam a processos de classificação dos humanos. Contudo, creio que a noção de "identidade mítica"²⁴², criada por Augras (1983) para dar conta da adscrição, nos serve como baliza para compreender o fenômeno da "entrega" dos espíritos de médicos aos médiuns no centro espírita Bezerra de Menezes.

Ora, é o olhar de João Cecílio sobre Miriam que o impulsiona para que ele oferte a ela João Machado, Vulpiano, Ramatís/Caboclo. É também interessante perceber que nossa médium, ao receber de João Cecílio a informação de que *abrigará a energia* destes espíritos, passa a *atuar* no sentido de facilitar esta relação: também orientada pelo seu tutor, ela passa a estudar os conteúdos atinentes às personalidades das ditas entidades. Ela então lê os livros de Ramatís e

²⁴¹ Como ensinam Bastide (1978), Motta (1982), Augras (1983), Segato (1995).

²⁴² Augras (1983) cria a noção de identidade mítica, referindo-se aos processos psicossociais subjacentes à crença de que, da filiação homem/orixá, os indivíduos herdariam características físicas, de personalidade e modos de estar-no-mundo (cf. também Rios 1997). Rios (2004) lembra que, na verdade, a identificação é múltipla, envolvendo não só o primeiro santo, mas todos os outros que o indivíduo traz, naquilo que se chama, no candomblé, "carrego de santo"; e sublinha: "a identificação desse(s) Orixá(s) pessoal(ais) será feita, em última e legitimada instância, pelo pai ou mãe de santo, fundamentada em características físicas e psicológicas que remetam a algum(s) dos deuses, e confirmada no jogo dos búzios (Rios 2004, p. 181). Ainda diz: "essa herança se dá no plural, pois além do Orixá de cabeça, acredita-se que a pessoa herde características dos vários dos Orixás que compõem o "enredo" ou "carrego" de santo da pessoa" (Rios 2004, p. 181).

busca saber sobre sua "história milenar"²⁴³, se acerca de informações sobre João Machado (psiquiatra, professor da escola de serviço social, fundador do hospital colônia, visto como alguém "à frente de seu tempo", "tranquilo" etc.) e sobre Vulpiano (médico, comunista, combativo, "irônico" etc.).

As leituras efetuadas e a prática mediúnica junto a estas entidades vão ajudando Miriam a "se montar" como médium. Em meu entender, ela incorpora diversas características dos diversos espíritos ao seu lado, compondo uma identidade híbrida, adequada aos vários momentos em que atua no centro espírita, e não só na cabine de cura.

Creio ser possível dizer que João Cecílio talvez tenha identificado em Miriam, sob a categoria nativa *afinidade*, alguns elementos que mais fortemente caracterizam João Machado, Vulpiano, Ramatís e o Caboclo. Talvez, penso, ele tenha *lido* em Miriam certas *potencialidades* para então *abrigar* o "pendor universalista" de Ramatís²⁴⁴, o "poder" do caboclo, a "abertura para inovações" e a "tranquilidade ante os problemas" de João Machado e a "bravura" de Vulpiano.

Ora, João Cecílio é o tutor de Miriam, é ele quem inicia o seu treinamento. Mas ele sabe que sua própria encarnação está no fim, e teme que o Grupo Ramatís, o grupo que ele fundou, sustentáculo energético do centro, seja desbaratado, caso o Bezerra passe a ser adeso. Então o velho médium, antes de morrer, oferta a Miriam o que chamo de *quatro cavaleiros*. Neste movimento, ele passa a tutela de Miriam a estes quatro espíritos, seus representantes, para que, cada um ao seu modo, continue o seu treinamento, dando continuidade ao que ele criou.

Quando fiz as entrevistas com Miriam, eu não perguntei o que ela havia aprendido com nenhum dos espíritos. Espontaneamente, ele me disse ter herdado "a calma ante o furacão" em sua relação com João Machado. Quanto aos outros, ela não me contou o que poderia aprender com eles, e, na época, eu não detinha suficiente maturidade ante o meu objeto para indagar.

²⁴³ Há diversos livros e também sites na internet, tratando sobre as numerosas existências de Ramatís.

²⁴⁴ Como eu já apontei, os admiradores de Ramatís dizem que uma das maiores características deste espírito é seu "pendor universalista", significando com isso o "respeito a todas as religiões". Pelo que entendi em minhas conversas com os membros do Grupo Ramatís, isso também significa "abrir as portas" do espiritismo para "contribuições" as mais diversas, vindas das mais diferentes tradições religiosas. Essa era uma postura de João Cecílio, fundador do grupo, que a meu ver, traz este "pendor universalista" da umbanda, a religião à qual se vinculava antes da conversão ao espiritismo.

Então, olhando hoje para os dados, só posso presumir que Miriam, em sua prática junto a estes outros espíritos – ou *energias* – tenha acionado discursos emotivos que, na verdade, no período final de minha pesquisa, vão lhe *servir* em termos concretos, frente ao contexto adverso por que passa o seu grupo. A meu ver, ela *faz* algo com estas emoções (Lutz e Abu-Lughod 1990). Minha hipótese pode ser melhor examinada se alinhavo aqui alguns dados finais, de meus últimos tempos em campo.

Nos meses finais de minha pesquisa, houve diversas reuniões da diretoria do Bezerra, onde o enfrentamento com o Grupo Ramatís era uma constante. Miriam ia a todas estas reuniões, enquanto diretora do mediúnico, e aos domingos, relatava-as aos membros de seu grupo. Da mesma maneira, ao receber algum dentre os diversos pedidos, solicitações e avaliações da diretoria, que passaram a se fazer constantes, ela os partilhava com o grupo.

Juntamente com sua irmã, Graça Mafra, e com a médium que recebe Dr. Bezerra, Graça Medeiros, tomou a decisão de reunir todos os médiuns de cabine para expor a situação de "divisão do centro", e em certa tarde de sábado, antes da abertura dos trabalhos, durante meia hora Miriam argumentou junto aos seus colegas médiuns, da necessidade de unirem forças para manter o Bezerra não-adeso. De não aceitarem "interventores", vindos da FERN, para mudar o caráter ecumênico e universalista do centro espírita que João Cecílio fundou. Pois a federação sempre quis, desde que ele era vivo, "ditar as regras" neste, que é o maior centro espírita da cidade, disse ela. Que a adesão à FERN significaria, também, o término das cabines de cura: aquele que era o diferencial do Bezerra, seu coração, seria fatalmente atingido, e este centro passaria a ser – como grande parte dos centros espíritas adesos à FERN são, hoje, segundo disse – um lugar de estudo das obras de Kardec, e não mais de cura mediúnica.

Na reunião posterior do Grupo Ramatís, ela contou sobre os "nomes que estão do nosso lado", assinalando-lhes. Além disso, disse ter procurado a opinião de Bezerra de Menezes, espírito, sobre este assunto, através da médium que lhe recepciona, mas não só. Também procurou um advogado.

O empenho de Miriam²⁴⁵ me fazia pensar. Sua diligência – e veemência – em concretamente defender a não-adesão do Bezerra, o trabalho de cura e o Grupo Ramatís soava-

²⁴⁵ E não só dela, pois os dirigentes "do outro lado" também se articulavam muito abertamente.

me estranhamente fora do lugar, pois eu me habituara ao padrão de afetos de profunda rejeição a conflitos²⁴⁶, existente no GEIU. Já no Bezerra, estes me pareciam ser tratados muito mais abertamente. Penso que o contexto mais, digamos, "permeável a conflitos" do Bezerra tenha oportunizado a Miriam sua atitude combativa. Mas penso que não somente este contexto é responsável por sua postura.

Em primeiro lugar, salta aos olhos a defesa que faz de seu grupo. Em suas falas, ao defender o Bezerra, salienta a importância do Grupo Ramatís. Ora, a sua aliança com Ramatís, espírito, não é casual. Eles devem se conhecer de outras eras, ela diz, pois que reconheceu o rosto deste hindu assim que viu seu retrato pela primeira vez. Com Ramatís, Miriam experimentou o amor completo. Ao guerrear pelo seu espiritismo ecumênico, ela guerreia por Ramatís, o que significa também lutar pelo seu grupo. Para Miriam, é legítimo que Ramatís tenha um lugar no espiritismo. Na verdade, ela luta pelo seu deus e pelo seu povo. Ao se identificar com João Machado, e atuar na cabine abrigando sua energia, ela leva à frente a apometria, a técnica que a identifica aos hereges no espiritismo, mas mais do que isso, João é moço bem-criado, sofisticado, educado "no Recife", o seu *cavaleiro de fina estampa*²⁴⁷, com quem aprendeu, segundo me contou, a se manter calma no olho do furacão. Talvez Miriam recolha de Vulpiano a bravura, a coragem, e assim as acionando, pragmaticamente falando, estas emoções lhe sirvam para procurar na justiça dos homens a defesa do seu grupo e do seu espiritismo. Talvez, também, o caboclo tenha lhe ensinado a perceber o quanto de poder detém em suas mãos. Com o caboclo, ela talvez tenha aprendido a "manipular o átomo" a "mudar os destinos".

Não é à toa que João Cecílio entrega a Miriam diferentes espíritos sinalizando heresia. Ramatís, o herege por excelência. O caboclo, uma das facetas de Ramatís, espírito cultuado na umbanda e rejeitado pelo espiritismo adeso. João Machado, implantando a apometria na cabine. Vulpiano Cavalcanti, rejeitado por todos os médiuns, o comunista, um signo em muito

²⁴⁶ Como já citei anteriormente, Maria Laura Cavalcanti assinala, que, no espiritismo, "o próprio fato da manifestação de descontentamento, oposição, irritação por parte de quem abre a discussão tende a ser lido como indício de "inferioridade", de "imperfeição". A reação do superior, idealmente paciente e firme, reafirma sempre a sua *superioridade moral* e consequentemente as posições estabelecidas. Todo desvio ou diferença pode ser lido como sintoma de inveja, ciúmes, mesquinhez, egoísmo, em suma, sentimentos reprováveis traduzíveis como sinais de inferioridade moral/espiritual: todo conflito potencial é assim neutralizado, subjazendo a esse movimento o reconhecimento e reafirmação do lugar que cabe a cada um, segundo o mérito individual, na hierarquia do centro que reproduz em escala reduzida o universo" (Cavalcanti 1983, p. 58/59, grifos da autora).

²⁴⁷ Aqui, me reporto à canção de Chabuca Granda, interpretada, entre outros, por Caetano Veloso (1994).

combatido pelo espiritismo²⁴⁸. Arrisco-me a dizer que é na confluência das *energias* destas entidades que a nossa médium deixa a timidez de lado e se arvora ao direito de defender o seu grupo e o seu espiritismo. O que Miriam aprende com seus diferentes tutores serve para que em termos *práticos* ela afirme o lugar do Grupo Ramatís no Bezerra de Menezes. Pensando bem, João Cecílio foi feliz em escolher justo estes para Miriam.

²⁴⁸ A postura de reacionarismo, anticomunismo e de histórica defesa do Estado Militar presente no movimento espírita brasileiro é atestado por alguns autores, dentre eles Miguel (1990) e Lewgoy (2004b).

CAPÍTULO 8 ROGÉRIO



Capa da Revista UFO nº 126; edição de outubro de 2006.

Hoje é a quinta vez que assisto à reunião do Grupo Atlan, desde que fui convidada pelos membros do Ramatís para tomar parte neste coletivo também. Como sempre faço, cheguei meia hora antes do horário marcado para o início da reunião, que seria às oito horas da noite. Aqui há sempre muito mais gente do que no Ramatís. Cumprimento Luiz Matão, Luiz Antonio, Sérvio Túlio, Francisco Alves, sentados nas primeiras cadeiras, as mais próximas da mesa de palestras. Sento-me em uma das últimas filas, para observar melhor o grupo. Agora é Rogério quem chega, acompanhado de mais algumas pessoas. Está atrasado em relação ao horário acertado para o início da reunião, mas isto é frequente neste grupo. Porém, não é comum em reuniões espíritas. Ele atravessa a pequena multidão formada por aqueles que se mantêm em pé no estreito corredor, e logo se senta em uma das cadeiras por trás da mesa de palestras. Alguém arruma o microfone no bolso de sua camisa, Luiz Matão liga a câmera filmadora, e após alguns minutos, o médium sorri e diz: "E então, vamos retomar as nossas fofocas? O que vocês querem conversar?". Esta forma de abrir a reunião me deixou intrigada desde a primeira vez aqui, quando em vão aguardei que alguém fizesse a clássica "prece de início dos trabalhos", mas isto não acontece no Atlan. Não há também a "prece do final", assim como não há "leitura e comentário do evangelho", aliás, de livro algum. Parece-me ser sempre uma conversa sobre temas religiosos, escolhidos aparentemente ao acaso, porém, ao observar detidamente, vejo que alguns do auditório trazem caderninhos, ou papéis dobrados nos bolsos, e então pedem a palavra e leem o que imagino que são perguntas previamente escritas, dirigidas a Rogério. Outros redigem as tais perguntas na hora. Estas perguntas alimentam a reunião. Hoje se falou de Antigo Egito, dos Vedas, do Antigo Testamento, da Teosofia e de um livro da autoria de Rochester, Allan Kardec e Ramatís, psicografado por Rogério, de nome "Muito Além do Horizonte". Rogério fala da necessidade de os humanos "se amarem, se respeitarem". Repete os "princípios da cidadania planetária", espécie de texto-manifesto que se encontra no site do Projeto Orbum, na internet. Articula a noção cristã de amor a algumas das ideias fundadoras da democracia moderna, como igualdade e justiça. Assim, relembra que "todos" são "cidadãos planetários", formando "uma só família ante o cosmos", sendo "inconcebível" a "falta de indignação diante do estado de miséria material e espiritual de grande parcela dos irmãos e irmãs planetários". Afirma que se deve "construir a paz e a concórdia" em nosso planeta, uma "utopia" alicerçada no "amor" e na "caridade". Não poderia faltar, também, o tema mais palpítante aqui, o da volta de Jesus no disco voador. "Quando ele chegará, afinal?", alguém sutilmente pergunta. Rogério ri e não

responde diretamente. Primeiro, faz uma digressão até muitos milhões de anos atrás, quando "muitos dos membros deste grupo moravam num planeta no sistema solar de Capela e se envolveram na Rebelião de Lúcifer". E todos caíram no "erro do orgulho, da ganância, da maldade, do ódio, esquecendo-se da caridade". Então se põe a insultar os humanos e também os extraterrestres. Entre estes últimos, seu alvo maior é Javé, o mesmo Javé do antigo testamento, o "senhor dos exércitos", que, aliás, assessorou Rogério nos últimos tempos e que "ao final, demonstrou não trazer o mínimo respeito pelos humanos". Os ETs, esses seres com os quais ele conversa há mais de vinte anos, "eles não têm sentimentos". O médium se mostra indignado, e afronta os espíritos: "fiquem sabendo que esses seres, eles são superiores do que a gente em termos tecnológicos, mas eles nem têm senso de humor, eles não entendem as nossas almas. É tão engraçado, eles são uns cretinos, uns ridículos". Relembra que foi Javé o espírito que lhe "usou" para dar a notícia da chegada de Jesus, e tudo estava errado: "Eu não confio mais em Javé, ele não merece o meu respeito". Profundamente irritado, segue desfiando impropérios aos espíritas, aos governantes da Terra, à humanidade, a "todos esses caras estúpidos, imbecis, idiotas, ridículos, abestalhados", e conclui dizendo que um dia, antes de desencarnar, irá escrever a "história de sua desimportante vida". Ela se chamará "autobiografia de um cretino". Eu saio da reunião mais uma vez desnorteada. Como definir este estilo de doutrinação? Caridade ensinada aos tapas? (Diário de Campo, 22 de julho de 2007)

Continuo a situar emoção e constituição de pessoas no espiritismo. Aqui, examino a carreira mediúnica de Rogério de Freitas, médium natalense. De início, exponho alguns elementos de sua carreira mediúnica, desde a *revelação* sobre o seu passado, recebida por variadas fontes, passando por seu *treinamento* no centro espírita de Waldemar Matoso, e, enfim, a *tarefa* que passa a empreender, após a saída do centro de Matoso, desta vez sob a assessoria do grupo Atlan. É uma narrativa eivada pela trajetória mítica do santo, e segue de perto o padrão descrito por Stoll (2003), em relação à trajetória modelar de Chico Xavier. Logo após, apresento o elemento que talvez mais vivamente explique a relevância do nome deste médium para o movimento espírita da cidade do Natal: trata-se da profecia que ele carrega, a de que Jesus Cristo voltará para a Terra a bordo de um disco voador. Em seguida, falo sobre a relação de *desregulação* deste médium com o movimento espírita, e, por fim, descrevo o *modelo de*

afetividade oferecido, e mesmo *ostentado* por Rogério, modelo constituído pelo signo do *destemor*.

8.1 SEGUINDO OS PASSOS DO "MALDITO"

Antes de iniciar a pesquisa, eu sabia da existência de *um autor espírita potiguar chamado Jan Val Ellam* através de seu primeiro livro, que li, como já comentei, no final do ano 2000. Porém, não sabia de sua relação com o Grupo Ramatís até a época de minha pesquisa. Em abril de 2007, após um convite de membros do Grupo Ramatís, eu pedi permissão a Rogério para observar as reuniões quinzenais - que por vezes foram mensais – do Grupo Atlan. Ele assentiu, prometendo-me também uma entrevista, "assim que sua agenda vagasse". Assim, eu frequentei as reuniões de seu grupo até novembro de 2008, e ao final do ano de 2007, fiz a primeira entrevista com Rogério, em sua sala na Casa da Indústria de Natal. A segunda, fiz em meados de 2008 neste mesmo lugar e a terceira, em 08 de setembro de 2009, ao final de uma reunião do Grupo Atlan. As entrevistas e as reuniões me permitiram montar um esboço biográfico de nosso médium, mais precisamente de sua carreira religiosa.

Rogério é médium de psicografia, psicofonia e vidênciaria e é fundador da Sociedade Beneficente e Filantrópica Atlan, chamado pelos seus adeptos de Grupo Atlan. Graduado em administração de empresas, trabalhou quinze anos na Caixa Econômica Federal, onde ocupou funções gerenciais; é hoje diretor executivo da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Rio Grande do Norte e também diretor de um grupo português que detém empreendimentos turísticos no litoral do Rio Grande do Norte.

Interessado por ufologia e muito conhecido pela comunidade ufológica brasileira, já investigou casos de ataques de ETs a humanos no sertão nordestino, trabalhando com a ufóloga Irene Granchi, que hoje é presidente de honra do conselho editorial da revista UFO. É criador do Projeto Orbum, que tem como objetivo "articular ufologia e espiritualidade" e que traz como escrito básico a "declaração dos princípios da cidadania planetária", onde se encontra a intenção

de se construir na Terra "um comportamento fraterno, para além das fronteiras geopolíticas, religiosas e étnicas"²⁴⁹.

É também colaborador das revistas brasileiras "Comciência", "UFO", "O quê?" e da portuguesa "Clássicos e Modernos". Tem participação em dois programas de rádio veiculados semanalmente, aos domingos à noite: o "Projeto Orbum", da Rádio Boa Nova, de São Paulo (SP), acessado através do link www.radioboanova.com.br, e o "Conversas sobre a Espiritualidade", da Rádio Poty, de Natal (RN). Tem treze títulos publicados, assinados sob o pseudônimo Jan Val Ellam: estes são a trilogia "Reintegração Cósmica" (1996), "Caminhos Espirituais" (1997) e "Carma e Compromisso" (1998), além de "O Sorriso do Mestre" (1998), "Nos Céus da Grécia" (1998), "Recado Cósmico" (1999), "Nos Bastidores da Luz" (2000), "Muito Além do Horizonte" (2001), "Jesus e o Enigma da Transfiguração" (2002), "Fator Extraterrestre" (2004), "A Sétima Trombeta do Apocalipse: a volta de Jesus" (2005), "O Testamento de Jesus" (2006) e "Nos Bastidores da Luz II" (2006). Publicou ainda, em 2005, utilizando o nome Rogério de Almeida Freitas, "Inquirição Poética" e "Teia do Tempo", este último em coautoria com o astrônomo José Renan de Medeiros, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Conta, segundo me disse, com um grande volume de obras em andamento e algumas prontas, apenas aguardando "autorização dos mentores" para serem publicadas. Além do Brasil, algumas de suas obras foram publicadas em Portugal, África do Sul, Austrália, Angola, Moçambique, Inglaterra e Rússia.

Ele também é fundador da Editora Zian, que publica parte de seus livros. Faz regularmente conferências internacionais, abordando as temáticas da *reintegração cósmica* e da *cidadania planetária*. No exterior já proferiu palestras em Portugal, França, Inglaterra, Angola, Moçambique, Cabo Verde e África do Sul. Segundo o conselho editorial da Zian editora, a obra de Rogério de Freitas

Proporciona releitura de temas histórico-religiosos e propostas político-filosóficas relacionadas à adaptação da humanidade aos desafios do século XXI. Analisa a doutrina cristã dos Anjos Decaídos e as profecias bíblicas de Daniel e do Apocalipse, bem como a doutrina espírita dos Exilados de Capela e a visão espiritualista de Atlântida, todas sob o enfoque da teoria de reintegração cósmica. Inédita nas correntes de pensamento espiritualistas e religiosas do globo, tal teoria propõe o gradativo retorno da humanidade ao convívio oficial com civilizações extraterrestres a

²⁴⁹ Para o manifesto completo, ver <http://www.orbum.org/manifesto/>.

partir da segunda volta de Jesus, que Ellam avista ocorrer em algum momento de 2005 a 2012, possivelmente ainda na década de 2000. Ver <http://www.orbum.org>.

É o Grupo Atlan quem gerencia a renda advinda da venda de seus livros, voltando-a à caridade, e é no ritual de encontro deste grupo com o seu médium que a autoridade e o poder deste são legitimados: Rogério apresenta ao grupo o contexto de disputas religiosas em que todos estão inseridos, um contexto cósmico, planetário, interestelar. Nesta oportunidade, ele também os ensina sobre a importância da revelação que carregam, reforça a estória milenar que os une e a promessa deixada por seu mestre maior, Jesus. Enfatiza a postura de enfrentamento que terão de manter ante a situação de perseguição a que são submetidos pelo movimento espírita e reitera a necessidade de persistir com coragem, humor e alguma ironia, ao divulgar a revelação e seu fundamento doutrinário.

8.1.1 Sobre o calvário: a revelação

Rogério vem de uma família católica praticante. Foi batizado na Igreja, fez primeira eucaristia, casou na Igreja, estudou a vida inteira em um colégio Marista, mas me disse ter sido sempre "sem eira nem beira" em termos religiosos, até que em 1978, aos dezenove anos de idade, *alguns fatos incomuns* passaram a ocorrer com ele. Pessoas desconhecidas lhe abordavam e o questionavam sobre se acreditava em *espíritos* ou em *seres de fora*, ou então lhe diziam que ele *se preparasse*, pois estava *atrasado* com o *compromisso espiritual* que teria assumido antes de nascer. Em uma das vezes, estava na cidade de Niterói, na casa de familiares, e certo dia foi a uma loja de animais de estimação; lá, ao entrar, foi *encarado* pelo dono da loja, que perguntou-lhe o nome. Ante a resposta, o homem fez ar de perplexidade, pegou um papel e começou a escrever. A partir do nome, fez uma série de cálculos. Ao fim, disse-lhe que ele, Rogério, "era aquele de quem estavam à espera".

Noutra ocasião, estava no aeroporto do Rio de Janeiro, aguardando um voo, e fumando, quando um senhor ao seu lado lhe disse: "Meu filho, me desculpe, mas não faça isso". Ele achou que o homem se referia ao cigarro, e o apagou, ao que o senhor lhe respondeu: "Não, não é isso. Você acredita em *espíritos*?" E continuou: "Os *espíritos* dizem que você está atrasado em sua missão, e que é orgulhoso, porque não quer envolver-se". Outra vez, no enterro de um tio, a amiga de uma prima, que tinha vindo para assistir ao velório, perguntou-lhe se podia lhe

transmitir uma mensagem dos espíritos. Ela então "sentou-se, pegou um caderno e escreveu treze páginas." O conteúdo da mensagem dizia, mais uma vez, que ele estava atrasado com a missão que teria no mundo. Na época, conta Rogério,

Eu via tudo aquilo e ficava no meu canto, não falava pra ninguém. Nessa altura, parece que se ligou uma tecla no meu cérebro, pensei que ia enlouquecer. (Rogério)

Esta foi uma época em que passou também a ver os espíritos; de início como luzinhas coloridas a dançarem em sua sala de estar quando assistia ao telejornal da noite. Depois de um tempo, passou a ver formas humanas, alongadas, muito altas; estes últimos diziam ser extraterrestres, mas havia espíritos da Terra também. Alguns passaram a lhe acompanhar, sem se identificar, a não ser um em especial, de presença constante ao seu lado, que, ao ser indagado sobre o seu nome, respondeu: "me chame de irmão Adolfo". Ele, então, passou a ter visões que ocorriam em estado de vigília:

Como se abrisse uma tela aqui e um filme fosse passando, e eu tou aqui conversando com você e faz de conta que tem uma tela atrás de você e uma banda minha conversa com você e outra banda presta atenção aqui. Não é alguém chegar pra você e dizer: "olha, numa vida passada você foi uma cigana que ficava passeando pela Hungria, Romênia", não. Você vê o troço, percebe que aquela figura daquele filme era você, e ainda mais uma voz lhe explicando, pá-pá-pá. É um negócio meio estranho. (Rogério).

Ao saberem de suas visões, diversos amigos o chamaram a frequentar centros espíritas, que então visitou, mas sem se vincular a nenhum; assistia às palestras e ia embora. Em uma de suas visitas, uma mulher o interpelou na porta: "você sabe que está acompanhado por uma entidade? Sabe quem é?", ao que ele respondeu: "Sim, é o meu irmão Adolfo". A mulher então lhe esclareceu: "mas é Bezerra de Menezes". Rogério diz que achou tudo isso muito engraçado, porque não entendia o fato de alguém tão importante lhe acompanhar:

Uma figuraça dessa do espiritismo ter o saco de conviver por meses ao meu lado, sentindo as baforadas do meu cigarro, não faz o mínimo sentido (Rogério).

Trabalhava como gerente da Caixa Econômica Federal, e qualquer assinatura sua *eram milhões para cá e milhões para lá*, por isso precisava *ter cabeça*. Mas ia atendendo os clientes e via os espíritos ao lado deles. Uma vez, havia uma *senhora chata*, que chegava ao banco e,

depois de verificar sua conta, vinha lhe dizer que o saldo estava errado. Certo dia, esta senhora chegou já para reclamar e então algo de extraordinário aconteceu.

Vi dois espíritos ao seu lado e um deles me disse: "Sopre!" E enquanto falava com a mulher eu ia soprando. Pois umas mãos pegaram o meu sopro no ar, transformando-o numa massa branca, e as mesmas mãos bateram nas costas dela. Na hora em que a mão bateu nas suas costas, ela reclamava do governador, da Caixa, de tudo. Parou e disse: "Dr. Rogério, alguém bateu em mim?" Eu respondi que não. No dia seguinte, quando chegou ao banco, essa senhora veio me falar: "Eu sofro de uma doença há anos, fui operada de coluna e nada, e alguém me bateu aqui, ontem, e eu fiquei boa. Pela primeira vez em muito tempo, dormi sem dor" (Rogério).

Rogério ri dizendo que os espíritos usaram a cliente mais chata do banco para demonstrar a ele que *eram do bem*. Mas ainda que *visitasse* centros espíritas e tivesse muito *respeito* pela doutrina, não se sentia *apto* nem *disposto* a trabalhar numa casa espírita, e nem buscava saber exatamente o que aquelas entidades desejavam dele. Diz que durante muitos anos, os espíritos lhe "suportaram carinhosamente as criancices":

Tiveram toda a paciência cósmica possível, mas eu tinha dificuldade em aceitar, não queria conversa, e sim cuidar das minhas coisas. Inutilmente, pensava que se me envolvesse com eles, acabaria estragando o meu projeto de vida (Rogério).

Aos vinte e sete anos de idade, foi chamado para assistir a uma sessão mediúnica, e quando o espírito incorporou no médium, disse que queria falar apenas com um dos presentes. E era com Rogério. O espírito disse-lhe:

Te prepara, que nós estamos tentando falar com você há... (e estala os dedos, contando o tempo). Você está atrasado no seu trabalho, e nós vamos ter que abrir alguns centros memoriais na sua alma, para que você perceba algumas vidas passadas suas, para ver se isso apressa a sua decisão nessa vida, para trabalhar conosco (Rogério).

Dito isso, uma *tela mental* se abriu e Rogério foi apresentado ao seu passado: "A primeira vida que abriu foi da época em que fui soldado romano e crucifiquei Jesus". Ele conta que o pelotão do qual fazia parte teve o *azar* de cumprir um *dever ingrato* naquele dia.

Eu era oficial do dia quando recebi Jesus já com os espinhos, depois de açoitado. Cobia-me levar os prisioneiros para os crucificar. A mãe pediu para vê-lo. Antes de a mãe o ver, entrei lá, ele levantou o rosto. Nunca vi tanta ternura num olhar. Aquilo desconcertou-me completamente (Rogério).

Depois de lhe mostrar que ele teria sido o soldado que crucificou Jesus Cristo, o espírito salientou: antes de nascer, Rogério deixou um papel assinado em branco consentindo que os espíritos fizessem o que fosse necessário para que ele realizasse uma determinada tarefa. E completou: "olha, você não nos perguntou que tarefa seria essa, mas nós vamos dizer". E Rogério respondeu: "não, eu não quero saber". Mas um episódio o fez mudar de ideia e abraçar um longo trabalho em um centro espírita de Natal.

8.1.2 "Batalhas nas trevas": o treinamento

Certa noite, um grande amigo, "espírita de carteirinha, daquele chato, cri-cri, pernilongo", o levou de surpresa ao centro de Waldemar Matoso, médium muito conhecido no meio espírita potiguar, por seu trabalho nas esferas da assistência social e da desobsessão. Na ocasião, os *espíritos* estavam *pedindo* pra que os dois médiuns fossem *postos em contato*. A partir deste encontro, ele foi chamado a desenvolver o que se constituiu em sua única experiência de trabalho em centro espírita, como me contou na primeira entrevista que fiz com ele, em 2007:

Lá em Waldemar era desobsessão, mas não era essa desobsessão que se faz normalmente nas casas espíritas, era muito além do que você pode entender, era desobsessão profunda. E, veja, a gente utilizava uma médium absolutamente inconsciente, o que dava margem para que se fizesse qualquer experiência. Mas era muito barra-pesada, eu nem posso falar muito, porque ele me pediu segredo; só o que posso dizer é que esse trabalho envolvia outros seres, porque as entidades com as quais a gente lidava não eram pessoas humanas, eram outras criaturas. E o teor da coisa envolvia trevas, um negócio bem denso mesmo. A gente ficava no meio de altas batalhas travadas no plano espiritual, e eram entidades malévolas, mestres das trevas, coisa que eu não quero nem falar. Mas o trabalho acabou, e eu saí do centro de Waldemar, mas o fato é: isso que fazíamos feria o que o ortodoxismo espírita dita como o mais certo (Rogério).

Ele efetuou as sessões de "desobsessão profunda" com Waldemar Matoso durante dois anos, e só após sua saída deste centro, se pôs a publicar os livros que psicografa. Buscando compreender o lugar das práticas mediúnicas – efetuadas neste centro espírita – na composição de seu estilo mediúnico, em termos afetivos, eu solicitei a Rogério, nas duas últimas entrevistas, mais detalhes deste período. Contudo, ele se manteve reticente sobre este ponto; disse-me ter efetuado um *pacto de silêncio* com Waldemar, de quem até hoje é amigo, não se sentindo à vontade para expor o que definiu como "prática mediúnica espírita não-convencional". Porém,

não me explicou exatamente onde, em sua visão, estavam os elementos anticonvencionais. Na última entrevista, em meados de 2009, ele me deu mais alguns poucos detalhes deste trabalho, descartando a prática da psicofonia, ou incorporação, neste ritual de desobsessão:

Antoinette: Então você lá no centro de Waldemar, você me disse na primeira entrevista, que vocês lidavam com magia negra...

Rogério: Opa, eu não lhe disse isso. Magia negra, não. Eu lhe disse que a gente lidava com trevas. Trevas.

Antoinette: Como assim, trevas?

Rogério: Olhe, eu não tenho permissão para falar tudo, eu fiz um pacto com Waldemar, eu não posso lhe dar os detalhes, mesmo. É isso que eu lhe disse, a gente estava lá mexendo com batalhas, com guerras lá no plano espiritual que ninguém nem sabe que existe.

Antoinette: Batalhas?

Rogério: É, é isso. E veja só, as entidades fizeram questão de confirmar tudo o que os outros já me diziam antes, sobre eu ter sido o cara que crucificou Jesus, aquilo tudo que você já sabe. Eles confirmaram tudo, tudo.

Antoinette: Como é que acontecia a desobsessão? Você disse que Waldemar tinha uma médium muito boa, então os espíritos vinham e era ela quem incorporava?

Rogério: Não, de jeito nenhum, não era assim, de médium incorporar. Eu não posso contar, mas não tinha essa técnica de incorporar em médium, essa coisa.

Antoinette: Mas não tinha a participação de médiuns?

Rogério: Sim, mas não incorporando. Tudo se fazia com a participação do médium, o médium era fundamental, mas a gente não fazia como se faz normalmente nos centros espíritas.

Antoinette: Então, vocês faziam viagens astrais? Era através de viagens astrais?

Rogério: Não, não.

Antoinette: Mas então se fazia desdobramento de corpos, do perispírito?

Rogério: Eu não posso contar. Mas não tem nada a ver com sessão de desobsessão, essa bestirinha que se faz nos centros. Era um trabalho nada, nada ortodoxo. Era outra coisa.

É importante reter aqui a ideia de *batalhas* no astral, de guerras entre mundos, as quais nosso médium relata ter tomado parte ativa, sentindo-se de tal forma envolvido, que afirma ter estado "no meio", no *front*. Sua presença ativa nessas batalhas astrais, em seus dois anos de

mediunato no centro de Waldemar, aparece depois como elemento recorrente nos livros psicografados por ele, quando conta de sua "trajetória milenar" desde que era "auxiliar do codificador no sistema de Capela", tendo integrado a Rebelião de Lúcifer.

Penso ser possível dizer que esta noção – a *guerra* – nos aproxima do modelo afetivo que Rogério construiu em sua carreira mediúnica, que em minha interpretação, funda-se no *destemor*. Também devo apontar, neste momento, a *desregulação* que norteia as práticas mediúnicas de nosso médium. Contida no que ele chama de prática desobsessiva "não ortodoxa", esta desregulação revela, a meu ver, o sentido das variadas críticas a que Rogério, representando certo modelo de mediunidade, tem sofrido, no movimento espírita potiguar. Em terceiro lugar, vale examinar, na descrição de suas práticas no centro de Waldemar Matoso, o elemento do *segredo*, característico da atuação do mago. Voltarei a estes três pontos.

8.1.3 "Quem está lhe pedindo é o crucificado do meio": a tarefa

Bem no início de seu trabalho no centro de Matoso, Rogério foi apresentado ao que entende ser a sua tarefa mais importante. Ele estava em um evento em Brasília, onde iria proferir um discurso diante de outros membros da caixa econômica e então,

No momento em que ia falar, os espíritos me dominaram, e eu me visair do corpo, depois ouvi os aplausos e quando voltei a mim, completamente desesperado, sem controle da situação, as entidades disseram que tinham feito aquilo para que eu aprendesse a confiar nelas (Rogério).

À noite, no quarto do hotel, entre três luzinhas acesas pelas entidades, Rogério, já sem paciência nenhuma, lhes perguntou: "me digam, por favor, que diabos é que eu tenho de fazer?" As três luzinhas se transformaram em três figuras que disseram:

Olha, o problema é: o que você vai fazer corre por fora de qualquer ortodoxismo espírita ou de qualquer religião. Se prepare, porque você vai ter problemas. Bem, nós estamos pedindo que você comece a escrever (Rogério).

Ele deu *umas boas gargalhadas*, porque nunca havia escrito coisa alguma, exceto a redação do vestibular, e então a sensação de desespero o dominou quando o espírito concluiu:

"Quem está pedindo para você fazer esse trabalho é o crucificado do meio". Ao narrar essa estória, Rogério me diz:

Pois é, eu só estou fazendo isso, esse trabalho que me toma horas de sono, que expõe o meu nome, que me traz problemas com as pessoas, porque a forçação de barra foi essa. O crucificado do meio estava pedindo (Rogério).

Mas ele ainda não se dispôs a escrever. De volta a Natal, uma das filhas pediu-lhe para comprar uma cartolina. Quando chegou à papelaria, um letreiro apregoava: "Compre cadernos reciclados e ajude a uma creche". Rogério comprou trinta e sete e guardou-os numa estante. Dois ou três meses depois, chegou à sala de casa, cheia de espíritos, que lhe pediram: "pegue os cadernos". E ele, "por pura provocação ou por curiosidade, não sei", pegou um, e os espíritos: "Pegue todos os cadernos e numere-os". Era para numerar não só os cadernos, como todas as páginas de cada um; depois disto, ditaram-lhe títulos para cada um dos cadernos, e ele os escreveu. Após quatro noites nesta tarefa, disseram-lhe: "Vá para o caderno dezessete e escreva a partir da página oitenta". Ele se sentou, mas não sabia o que escrever; então,

Abriu-se aquela tela na minha frente, como uma tela de cinema. E eu passei a relatar no caderno o filme que eles passaram para mim. Escrevi, escrevi, e quando estava num ponto bem interessante, eles fecharam a tela: "agora vá dormir". Eu fui, mas fiquei curiosíssimo sobre a continuação da estória. Na outra noite, mandaram que eu abrisse outro caderno, e começaram a passar outro filme para mim, e eu continuei a escrever (Rogério).

E continuou, escrevendo sem parar, pelas madrugadas. Iniciava às onze e meia da noite e ia até às três da manhã, quando dormia para poder acordar às sete e ir trabalhar. Um dia, viu que havia terminado um dos cadernos: era o livro "Reintegração Cósmana". O trabalho no centro de Waldemar também estava no fim: o ano de 1993, segundo Rogério, assinalou a retirada do espírito de Satã de nosso planeta; esse, que foi o coroamento do trabalho de "desobsessão profunda" efetuado neste centro, significou segundo nosso médium, o "fim das trevas organizadas do plano espiritual da Terra". Com a retirada de Satã, o *Mal* neste planeta perdeu o seu *comando central*, que foi completamente *desbaratado*. A partir daí, ficou *mais fácil o retorno de Jesus*. Rogério então se retirou do centro de Waldemar Matoso e centrou a atenção nos seus cadernos; após um ano psicografando, detinha cem volumes escritos. Mas relutava em publicar as estórias, *polêmicas demais*, e além do mais, o seu nome seria exposto, mas os espíritos insistiam; então, ele me diz, "Por covardia moral, numa tentativa de preservar minha

então profissão de gerente de banco, passei a publicar os livros sob um pseudônimo". Pseudônimo que os próprios espíritos sugeriram: Jan Val Ellam, um nome utilizado, segundo lhe contaram, há muito tempo, quando habitava um dos planetas do sistema solar de Capela.

8.2 ENTRE KARDEC E FLAMMARION

No ano de 1993, no livro Kardec Redivivo, Rogério é apontado pelo espírita gaúcho Denizard de Souza como a reencarnação de Allan Kardec. Este assunto tomou relevo nacional no ano de 1998, quando concedeu várias entrevistas comentando este assunto, inclusive no programa "Mistério", de Walter Avancini, na extinta TV Manchete. Foi também, em 25 de junho de 2004, entrevistado por Jô Soares, na Rede Globo de Televisão. Nessas oportunidades e em algumas outras, quando foi interpelado por vários jornais do estado do Rio Grande do Norte, não confirmou a veracidade da informação de que seria Allan Kardec. Porém, não negou. Apenas indicou da necessidade de todos aguardarem algum tempo, já que em um futuro próximo, estas e outras informações seriam esclarecidas.

A referência a Kardec, em suas palestras e nos livros de sua autoria é recorrente. Isto aparece até mesmo em relação à sua metodologia de intercâmbio com o plano invisível: diz procurar seguir o "manual de voo mediúnico" da equipe que assessorou o chamado Espírito da Verdade, quando da "codificação espírita" empreendida por Allan Kardec, salientando que todo o conjunto de preceitos e aconselhamentos quanto à conduta mediúnica constante no Livro dos Mídiuns também é válido para o intercâmbio seguro com os seres cósmicos ou extraterrestres. Assinala que "o próprio Kardec", no início de seu interesse pela temática espiritual, escreveu numerosas passagens a respeito de "outras humanidades celestes", mas que a partir da segunda metade do século 19, frente às "forças conservadoras da época", preferiu privilegiar em seus livros mais importantes a temática espiritual no contexto terreno, deixando o "ser celeste, cósmico ou extraterrestre" constar mais detidamente em alguns artigos publicados na Revista Espírita, lançada em 1858.

Diz nosso médium que com o conceito de "ser celeste", Kardec assinalava a saga dos seres humanos como se desenvolvendo através de várias encarnações, e, além disso, sustentava que muitos dos extraterrestres são seres mais evoluídos que os humanos. Para demonstrar a

importância do conceito acima, Rogério traz à baila o discurso lido por Nicolas Camille Flammarion, escritor espírita, astrônomo e amigo pessoal de Kardec²⁵⁰, quando da cerimônia de sepultamento deste último, onde Flammarion faz uma distinção entre vida celeste e vida espiritual:

Tu foste o primeiro, mestre e amigo, que desde meus primeiros passos na carreira astronômica testemunhou a mais viva simpatia por minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes. Pois que, de meu livro A Pluralidade dos Mundos Habitados, fizeste a pedra angular do edifício doutrinário que tinhas arquitetado em tua mente. Muitas vezes conversamos sobre essa vida celeste. Agora, alma, já sabes por uma visão direta em que consiste ela - a vida espiritual, para a qual voltaremos, embora dela nos esqueçamos enquanto aqui estamos. (Flammarion in Kardec, 1995a).

Rogério lembra que o conceito de ser celeste presente na obra de Kardec suscita várias implicações, não tratadas com profundidade pelo movimento espírita. Uma destas implicações é a possibilidade de comunicação mediúnica com extraterrestres; ele lamenta que esta possibilidade não seja nem aventada pela grande maioria dos espíritas, e que "certamente" Kardec não a tematizou por "problemas no contexto social da época", sendo, entretanto, "uma de suas preocupações centrais". Hoje, cento e cinquenta anos depois, diz, essa questão se transforma numa heresia, contrária à "pureza doutrinária" construída pelo espiritismo, e afasta os "canais" – os médiuns – que recebem "notícias de fora", isto é, de fora do planeta Terra, da convivência mais ampla com o movimento espírita. Rogério é ufólogo há muito tempo, mesmo antes de publicar seus livros, e em suas leituras espíritas, efetuadas antes de conhecer o centro de Waldemar Matoso, identificava-se com os escritos de Camille Flammarion, tratando da vida em outros planetas. É seu ofício de ufólogo que faz com que se identifique, não com todo o espiritismo, mas com o espiritismo de Flammarion.

²⁵⁰ Flammarion (1847-1925) escreveu os livros Cosmologia Universal, Pluralidade dos Mundos Habitados, Lúmen, Narrações do Infinito, Os Mundos Imaginários e os Mundos Reais, As Maravilhas Celestes, A Morte e seus mistérios, Sonhos Estelares, As Casas Mal-assombradas, Contemplações Científicas, O Mundo antes da Criação do Homem, Problemas Psíquicos, Deus na Natureza, O Fim do Mundo e Urânia. Neste último, que foi publicado pela Federação Espírita Brasileira em 1951, Flammarion faz considerações sobre a vida nos planetas Marte, Vênus e Júpiter.

8.3 O "MUNDANO" E A MORAL ESPÍRITA

Em entrevistas dadas por Rogério a jornais e revistas no Brasil e exterior, afirma não ser "homem de fé", e que religião é "coisa de mundos subdesenvolvidos". Enfatiza não ter nenhum vínculo religioso e não acreditar em nada, nem mesmo nos espíritos; assinala a "absoluta necessidade" de "não deixar de ser mundano", e diz não apreciar "certos tipos de proximidades", então jamais seria um médium que "atende pessoas", em diálogo fraternal, por exemplo. Desta maneira é que, em comparação a diversos médiuns, oradores e intelectuais do movimento espírita, ele se define como *antimodelo*:

Eu não acredito em nada, tanto é que não tenho fé religiosa, desde criança. Na verdade, eu lido com fatos: não é que eu acredite em espíritos, o que acontece é que eu os vejo. Só por isso sei que eles existem. (Rogério)

Eu sou o médium mais sem sentido do mundo. O que serve para mim não serve como regra mediúnica. Na verdade, eu nem sei como os espíritos suportam a minha companhia vibratória, porque não sou doce, e um médium tem que ser doce, se entregar totalmente, e eu me tornei um aparelho da espiritualidade meio contra a vontade. Na verdade, eu nem tinha simpatia por esse negócio de mediunidade.

Essa coisa de atender pessoas, não sei. Nunca gostei de ser invadido. Não gosto de muita proximidade. Até em relação às pessoas que eu amo bastante eu tenho uma relação de uma distância prudente, porque acho que é assim que as coisas funcionam melhor (Rogério).

Contudo, ao contrário do que talvez se pudesse pensar, ele não se distancia do espiritismo; na verdade, há referências a esta religião em toda sua carreira mediúnica, a começar por Bezerra de Menezes, a primeira entidade que se apresentou a ele, o incentivando a seguir um destino há muito traçado. Citando constantemente Kardec, Chico Xavier e Emmanuel, Rogério referencia figuras centrais, fundadoras do cânone espírita. Aliás, sua preocupação com o movimento espírita é constante. Por exemplo, ao ser indagado pela imprensa sobre a decisão de não declarar como de sua autoria os livros que publica, ele responde:

Poderia simplesmente dizer que sou eu o autor disso tudo, mas estaria faltando com a verdade. Tenho que me referir aos reais autores, espíritos desencarnados e extraterrestres, o que me deixa em situação desconfortável tanto com os espíritas quanto com os ufologistas (Rogério).

Percebo, pelas muitas estórias que conta, sobre sua aproximação com o que chama de "vultos do espiritismo", isto é, indivíduos importantes neste meio, para os quais busca explicar sobre o teor de sua profecia. É o caso desta fala:

Eu posso dizer que os grandes vultos do espiritismo foram, sim, alertados sobre a volta de Jesus. Eu vou contar um fato para vocês, sem citar nomes. Aqui em Natal, em uma certa oportunidade, me encontrei com um dos vultos do espiritismo. Começamos a conversar a uma hora da manhã em certo hotel. Esse vulto disse: "Olha, eu quero fazer algumas perguntas. Vamos logo desmascarar essa questão porque os meus guias já estão aqui comigo". De certa forma essa pessoa perguntava: "Como é essa história de Jesus voltar? Ele vai voltar?". E eu respondi: "Desculpe, eu não pensava que vinha para uma inquisição", e perguntei: "Você está vendo os meus guias? Eu espero que você esteja percebendo que os seus guias são os mesmos meus". "Pois então vamos perguntar aos espíritos para desmascarar esse assunto", falou a personalidade. Eu falei: "Por favor, pergunte". Essa pessoa perguntava e colocava a mão no rosto e dizia: "Isso não é possível", Disse umas quatro ou cinco vezes que aquilo não era possível. Então no final disse: "Você está me obsedando". Ou seja, eu estava obsedando essa pessoa. O que é que pode ser dito? O que se pode fazer com alguém que não quer escutar? (Rogério, reunião do Grupo Atlan, 2007)

Porém, talvez o mais importante aqui, seja o fato de que Rogério não abandona o modelo de moralidade espírita exemplificado por Chico Xavier e sancionado pela FEB, não se aliando, por exemplo, à busca pelo gozo proposta por Gasparetto em seu "espiritismo da prosperidade"²⁵¹. Quando em muitos momentos, brada que é "mundano", ele não defende – como se poderia pensar – a "carne"; muito pelo contrário, ele rejeita o *excesso* e segue ensinando a piedade e a bondade junto com a moral vigente, se distinguindo e afastando dos "moralmente pervertidos" pelo álcool, sexo e outros "vícios desequilibrantes". Desta maneira, suas ideias genéricas sobre "justiça social", "igualdade" e "democracia" não se traduzem em uma postura liberalizante em termos comportamentais. É veementemente assinalada a urgente necessidade de *moralização* da humanidade, na *correção* de certos *desvios de conduta*. É o que as falas a seguir apontam:

O sexo, a alimentação e a luta pela sobrevivência terminam cegando as nossas frágeis forças íntimas.

²⁵¹ Stoll analisa, em sua tese de doutorado (1999), a carreira de Luiz Gasparetto, médium de psicopictografia, e assinala a sua novidade em relação ao modelo de Chico Xavier; Gasparetto, segundo Stoll, propõe um modelo de conduta mediúnica espírita alternativo ao dominante, fundado não na noção de caridade, mas na de prosperidade, e enfatizando, na tarefa da evolução individual, o elemento do prazer. A autora intitula este caminho de "modelo da prosperidade" ou "espiritismo de nova era" (Stoll 1999, p. 208), acrescentando que ele traz para o campo espírita "práticas e ideias do universo 'neoesotérico', da 'autoajuda' e elementos da mística umbandista" (Stoll 1999, p. 210).

Chico Xavier e Divaldo Franco são homens que nunca constituíram família e colocaram toda sua energia para servir a Jesus, através do espiritismo. Eles podem ofertar um quantum energético mediúnico que equivale a umas dez milhões de vezes mais que um homem do meu tipo pode ofertar. Eu lido com energia psicossexual. Como alguém tão sujo ou poluído pelas questões do mundo pode pretender ter uma conversa cem por cento clara com os espíritos?

Se alguém foi literalmente viciado em sexo, ele se ilude a ponto de achar que na espiritualidade também vai fazer sexo, que lá tem orgasmo e atitudes sexuais, quando isso não existe. Nos níveis mais inferiores vinculados a Terra, aí sim, a ilusão é tão profunda que os espíritos que se comprazem nesses níveis mais primários pensam que até fazem sexo, ou pensam sentir orgasmo, mas isso é puramente ilusório.

Em níveis espirituais mais sutis, tipo a cidade Nossa Lar, descrita por Chico Xavier no livro Nossa Lar, já não há o quesito do concurso sexual, pois os espíritos já não têm a polaridade que tiveram em vida, as forças sexuais da sua alma já se expressam no campo da ternura, do carinho e da cumplicidade, promovendo na alma um circuito vibratório elétrico, muito superior aquilo que na Terra nós chamamos de orgasmo.

O sexo vulgar faz mal a alma, seja lá em que tipo for expresso. Alguns afirmam que a homossexualidade é doença, mas não é. No sentido do espírito é desnecessária, como também a atitude sexual heterossexual é desnecessária para a alma. A sensação sexual, às vezes, incomoda o psiquismo espiritual.

Qual é o problema do sexo? São dois: um no sentido direto e o outro no sentido indireto. No sentido direto: se a alma deixa o corpo e ainda continua viciada nas sensações orgasmáticas, seja homossexual ou heterossexual, o problema é feio, o espírito vai sofrer. No sentido indireto: se através das suas expressões sexuais você fez alguém gostar de você, quando o seu interesse era puramente sexo, e esse alguém vai ser infeliz ao longo da vida, porque você não pode dar a devida guarida amorosa, isso é um problema espiritual sério para você.

Eu sei que eu tenho uma alma e eu cuido dela. Como? Ligo a televisão no canal 4 e está passando um filme de drama. Se eu o assisto, se eu entrar em sintonia com ele, dez minutos depois estou alguém dramático, a vida para mim é terrível, fico triste. Mudo de canal e é um filme de terror. Dez minutos depois eu já acho que tem um espírito atrás de mim, já começo a escutar barulhos estranhos. Mudo de canal, um filme com fortes conotações sexuais. Dez minutos depois eu já estou completamente excitado. São programas que vendem desassossego, e nós perdemos a nossa sensibilidade a tal ponto, que são raros os seres humanos que se comprazem em assistir filmes agradáveis e suaves. (Rogério; falas gravadas em reuniões do Grupo Atlan).

Quero sugerir que Rogério, em seu mito da Rebelião de Lúcifer, busca constituir o seu próprio espiritismo, nas beiradas de várias referências, vindas da ficção científica, da teosofia, da cientologia e da umbanda, reificando, porém, os ideais de moralidade espíritas.

8.4 A VOLTA DE JESUS EM UM DISCO VOADOR

Foi no contato com os extraterrestres que Rogério traçou sua carreira mediúnica. Contou-me que os ETs *abrem painéis* em sua mente, como *cenários de cinema*, e ele, *meio dentro e meio fora do filme a ser exibido*, vai relatando o que vê e ouve, escrevendo da forma como o filme é contado. A previsão sobre o retorno de Jesus Cristo à Terra em uma nave espacial apresenta-se desde as primeiras mensagens recebidas, e consta também dos textos recebidos por médiuns do Grupo Atlan²⁵². Segundo as mensagens recebidas, nos próximos quarenta anos a partir do ano 2000 os extraterrestres entrarão em contato com os humanos do planeta Terra com muita constância; isto pelo fato de que o *problema de isolamento* da Terra ante o *contexto cósmico mais geral* já foi *resolvido*, tendo sido *reaberto* o seu *contato com o restante da humanidade celeste*, no *atual processo de reintegração cósmica*.

Segundo Rogério, a indicação clara de que Jesus chegará a bordo de uma nave está no livro do apocalipse, onde é dito que ele voltará *sobre as nuvens*, em uma *Jerusalém celeste*. Os seres extraterrestres se apresentarão de forma humanoide, fisicamente semelhante aos seres humanos, e sua chegada será vista por todos do planeta, não importando o local onde estejam; isto assinalará um período de limpeza espiritual que já está em curso na Terra desde pelo menos os anos 1980, e que pretende, até o ano 2050, manter neste planeta só os espíritos tendentes ao bem. Os outros, levados pelas paixões mais mundanas, já estão sendo retirados para planetas inferiores.

Em contato com as entidades extraterrestres desde o ano de 1986, e recebendo mensagens, a partir de 1990, que falavam da chegada de naves e de Jesus "em um futuro muito próximo", Rogério solicitou a estas entidades, "até para dar mais substância psicológica ao trabalho", que lhe dessem algum "sinal físico, objetivo, e não só aqueles decorrentes do processo mediúnico". Ainda que "não garantissem nada", os ETs sinalizaram que dariam algum sinal até a virada do milênio; frente a esta promessa, no dia dezessete de novembro de 1999, Rogério foi avisado mediunicamente de que naquela madrugada "aconteceria algo muito importante". Conta que na ocasião, "como não levo normalmente muito a sério estas coisas, escutei, gravei e deixei pra lá".

²⁵² As psicografias dos demais médiuns do Grupo Atlan, além das de Rogério, constam na página eletrônica deste grupo na internet.

Porém, no dia dezoito de novembro deste mesmo ano, trabalhando como gerente do Hotel Ocean Palace, situado na via costeira de Natal, ocorreu o *sinal*. Neste dia, haviam acontecido reuniões entre técnicos, engenheiros e cientistas espaciais ligados à NASA e às Agências Espaciais Brasileira e Europeia, no hotel, a respeito da Base de Lançamento de Alcântara, no Maranhão. O fato é que, durante a madrugada, na área externa do hotel, um dos cientistas deste grupo vivenciou, junto a Rogério e a alguns outros funcionários, um contato imediato com uma nave, frente a frente. Rogério, ao relatar que teve *a graça* deste contato, assinala:

Pela primeira vez eu tive a oportunidade de não mais lidar com fatos que eu acreditava que eram verdade; a partir daquele instante, eu, pode ser que ninguém mais na terra tenha certeza disto, mas eu tive a certeza que de fato ali eles estavam (Rogério).

Foi nessa ocasião que os ETs sugeriram a ele que, em sete anos a contar de então, ocorreria um acontecimento grandioso para a humanidade, ainda não especificado neste momento, mas que com o tempo e outras mensagens chegando, se clarificaram: a chegada indubitável das naves e o retorno de Jesus em toda a sua majestade. Nos dias 08 e 11 de janeiro de 2000, ele avistou luzes em movimento no céu, "uma espécie de revoada final deles, dando uma despedida para um retorno breve". O relato sobre estas luzes constou de uma matéria publicada no Diário de Natal, um dos dois jornais de maior circulação da cidade, que assinalava na ocasião o fato de que algumas pessoas nos litorais norte e sul de Natal disseram ter visto luzes em "movimento não linear e não ordinário" nos céus.

Isto foi tema de várias matérias e os amigos de meu grupo sabiam disto. É um fato que (...), para a gente, em especial para mim mesmo que vivo sobre e em torno desta situação é um fato singularíssimo; eles cumpriram o que disseram e em breve eles devem retomar para os primeiros eventos do processo de reintegração cósmica, o final do isolamento da terra no que se refere à convivência com o cosmo. (Rogério)

Sete anos após este acontecimento, durante o ano de 2006, Rogério, orientado pelos espíritos que o assessoraram, divulgou uma informação sobre a aguardada chegada das naves, estabelecendo algumas datas para este acontecimento; ele foi entrevistado sobre esta previsão pela revista UFO, e, na ocasião, disse que o contato direto e massivo de toda a humanidade com os extraterrestres, incluindo a chegada de Jesus, em retorno à Terra em seu "estado natural de autoridade celeste", ocorreria no dia 18 de novembro de 2006, e, caso não ocorresse nesta data específica, havia ainda uma data limite: 30 de abril de 2007. Disse também ter sido avisado pelos

espíritos sobre uma possível devastação no oriente médio, promovida por explosões de ordem nuclear, biológica ou química; estas ocorreriam mais especificamente nas terras da Palestina, entre os dias 03 e 05 de outubro deste mesmo ano; um ataque, contudo, que poderia ser evitado, "podendo, ou não, ocorrer". Questionado pela Ufo sobre o fato de ter especificado datas, Rogério lembrou de que os espíritos o haviam solicitado algo muito específico e muito sério, algo que jamais haviam feito até então:

Este é justamente um dos aspectos do meu drama pessoal. Se eu estivesse veiculando "um aviso" (...) que viesse a se cumprir num prazo longínquo, seria ótimo para o meu psiquismo, pois minha responsabilidade pessoal seria suavizada. Entretanto, tudo o que tem acontecido comigo desde 1986, promovido por esses seres e entidades espirituais que trabalham conjuntamente, entendam ou não os segmentos mais ortodoxos do meio espírita e ufológico o que isso significa, tem o condão de me fazer perceber que o momento há muito tempo vaticinado finalmente assume lugar nos dias atuais. (Rogério)

Nesta entrevista, ele também explicou a dimensão das naves a chegar, e, para tal, trouxe a imagem da "Jerusalém celeste" presente no apocalipse bíblico: uma "cidade voadora", medindo cerca de dois mil quilômetros de diâmetro, lembrando que a lua cheia, situada a cerca de trezentos e oitenta mil quilômetros da Terra, apresenta um diâmetro próximo de quatro mil quilômetros. Ora, não havendo apenas uma, mas inumeráveis cidades voadoras desse tipo, isso levaria à realização do dito bíblico do "escurecer o sol", ou "transformar o dia em noite". Além disso, estando estacionadas a meio caminho entre a Lua e a Terra, as naves estariam também em pontos onde nenhum míssil terrestre jamais pudesse alcançar, sendo impossível às nações belicamente poderosas conseguirem efetuar algum ataque com vistas a abatê-las. Também dizia ele, na data da entrevista, que as naves já estariam estacionadas próximo aos anéis do planeta Saturno, só aguardando o momento para se deslocarem à Terra.

Afirmou que, após o primeiro contato, deveriam se intensificar as comunicações dos ETs com a nossa humanidade, para ajudá-la no processo de reintegração cósmica, apontando a importância do "expurgo planetário", processo já em andamento, e que consiste na retirada da Terra de todos os espíritos tendentes ao mal, expurgo este, a ser concluído até o ano de 2050, quando então, afirmou, só haverá na Terra seres tendentes ao bem. Após a entrevista dada à UFO, violentas críticas surgiram, no meio ufológico, e, dentre elas, destacam-se as de Ubirajara Rodrigues e Carlos Reis, colaboradores da mesma Revista UFO, que foram respondidas por Rogério, também na UFO, em números posteriores.

Entre os dias 03 e 05 de novembro de 2006, não houve ataque algum no oriente médio; na época, Rogério explicou que o ataque fora evitado a tempo pelos ETs; No dia 17 de novembro, um dia antes da prometida chegada das naves, Ademar José Gevaerd, Editor da Revista UFO, escreveu uma carta à comunidade ufológica brasileira, e a encaminhou via correio eletrônico para várias listas virtuais de ufologia, divulgando a hora exata do acontecimento, tal como Rogério havia neste mesmo dia lhe informado: 17h30min²⁵³.

Porém, nem as naves nem Jesus chegaram em 18 de novembro de 2006. A partir deste momento, passou a ocorrer no meio ufológico algo que já havia ocorrido no meio espírita: o surgimento de variadas críticas ao trabalho de Rogério, como demonstra o texto constante no editorial da revista UFO, de janeiro de 2007:

Acabou de forma frustrante a polêmica gerada pelas afirmações do autor e conferencista espiritualista Jan Val Ellam, publicadas sob forma de entrevista em nossa edição 126, de outubro. Ellam garantiu que os UFOs chegariam em revoada ao planeta Terra e seriam vistos por todos os habitantes do globo em algum dia entre a segunda quinzena de novembro e o fim de abril de 2007. Mas, ao chegar o início do prazo, o próprio autor das previsões antecipou a data para dia 18 de novembro, um sábado, estabelecendo até mesmo a hora do grande encontro cósmico: 17h30, horário de Brasília. Foi uma grande agitação, com milhares de pessoas – inclusive cépticos – dirigindo-se a locais de boa visibilidade para esperar pela prometida “reintegração da Terra ao convívio de outras espécies do universo”, nas palavras de Ellam. Poucas horas de observação do céu bastaram para que se desse como fracassado seu anúncio, e o autor passasse a ser severamente criticado por tê-lo feito. Não foi desta vez, enfim, que a humanidade encerrou seu isolamento cósmico. Mas uma lição clara se pode tirar desse episódio, a julgar pelo comportamento de quem aguardava o tão esperado contato: a vontade de que isso ocorra muitas vezes leva as pessoas a abandonarem a razão, agindo apenas pela crença – muitas vezes cega ou nublada – de que o contato se dará a qualquer custo. (Revista UFO no. 129. janeiro/2007)

Porém, Rogério lembrou que o prazo ainda não estava vencido, havia a data limite, final de abril; ocorre que o dia trinta de abril de 2007 chegou, passou, e as naves – e Jesus – não chegaram. Mais uma vez leu-se na revista UFO:

30 de abril de 2007. Não ocorreu o que foi vaticinado por Jan Val Ellam, ou Rogério Freitas. Nenhum sinal de naves alienígenas chegando aos montes foi detectado. Nenhuma frota de discos voadores foi vista em lugar algum da Terra. E, menos ainda, Jesus parece estar à frente de um aludido contato oficial e definitivo entre nossa espécie e outras, como afirmou Jan Val Ellam. Certamente, tal encontro um dia se dará, não resta dúvida. Caminhamos para uma situação de contato direto, algum dia,

²⁵³ Para uma cópia da carta de Ademar Gevaerd, ver, dentre outras listas de discussão, a lista "Voadores", do site Yahoo Grupos. Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/voadores/>

com seres inteligentes de outros pontos do universo. Mas não em 30 de abril de 2007. (Revista UFO no. 134. Junho/2007)

Neste dia trinta de abril de 2007, uma segunda-feira, eu compareci à reunião do Grupo Atlan, onde Rogério explicou o não ocorrido; a explicação, dada também à comunidade ufológico-espiritualista, teve como base, segundo ele, um teste de confiança que os ETs lhe ofereceram. Ele teria de provar aos seres cósmicos a sua capacidade de "pôr o próprio pescoço", melhor dizendo, a própria credibilidade em jogo; ao fazê-lo, passou no teste. A partir daí, estava apto a tarefas bem mais importantes. O Grupo Atlan continuou a se reunir; porém, Rogério avisou a todos que, mesmo mantendo as reuniões, buscaria se recolher e por algum tempo não exercer atividades mediúnicas, nem mesmo dar continuidade à escritura dos livros em andamento.

Porém, alguns meses após este acontecimento, ele voltou a escrever, e no ano de 2008, mais uma data lhe foi ofertada pelos espíritos, desta vez profetizando unicamente o aparecimento de naves, sem a certeza da vinda de Jesus. A data desta chegada seria o dia catorze de setembro de 2008. Segundo me contaram os membros do Grupo Ramatís, havia mais cinco médiuns entre brasileiros e estrangeiros que, juntamente a Rogério, haviam recebido mensagens do mesmo teor, relatando o primeiro encontro a acontecer com extraterrestres. A nova data foi divulgada via internet e circulou por algumas listas de ufologia e espíritas. Porém, como as naves mais uma vez não chegaram, no programa do Projeto Orbum de 02 de novembro de 2008²⁵⁴, Rogério se desculpou às comunidades espírita e ufológica. Explicou, neste programa, que o problema havia sido com os espíritos, em especial Javé, a entidade que mais proximamente lhe assessorou nos últimos anos. Ele então registra sua decepção com Javé, e dirige a ele um discurso recheado de indignação. Vale transcrever alguns trechos:

A equipe de Javé me informou algumas horas antes, que no dia 14 [de setembro] não existia mais condição de haver o tal contato, e quando explicaram o porque, disseram apenas: faz parte do processo.

O problema é que diversos médiuns se expuseram, então agora não apenas eu, mas várias outras pessoas que disseram a mesma coisa, têm que pedir desculpas por equívocos que não cometaram.

E aqui estamos percebendo a mesma estratégia do Sr. Javé, que não muda. Da mesma forma que ele, Javé, pedia a Abraão que sacrificasse o seu filho, e Abraão passou dias e dias sofrendo com essa história, e

²⁵⁴ Pode-se efetuar a cópia ("download") dos programas de Rogério de Freitas na internet em www.radioboanova.com.br e <http://www.orbum.org>.

só no último instante, só com o filho de Abraão deitado sobre a pedra sacrificial, é que alguém em nome de Javé detém o processo, e nós hoje estamos vendo, mais de mil anos depois, a mesmíssima atitude desse ser. É como se ele não se preocupasse muito com nada, com o que nós chamamos de sensibilidade humana.

Eu estava escrevendo alguns livros do Sr. Javé, com algumas informações importantíssimas, mas diante disso eu peço desculpas, mas eu deletei todos os livros que estava escrevendo sobre o Sr. Javé, e também quebrei as cópias que eu tinha em cd, porque eu não consigo mais me suportar como ser humano, estando a serviço de algo que eu não aplaudo, que eu não comprehendo, e peço desculpas.

Os livros que eu deletei agora, seguramente venderiam muito. Mas eu me recuso a continuar com isso, eu simplesmente os deletei e somente voltarei nesta vida a falar e escrever sobre o Sr. Javé no dia em que na minha condição humana, eu tiver consciência necessária para saber o que eu estou fazendo.

Javé implica em disciplina, em dominação, em subjugação, em querer que nós nos submetamos a isso ou àquilo, então eu não trato mais com ele.

Eu não me permito mais ser utilizado por esse ser, por essas equipes que ao longo de mais de vinte anos venho convivendo, e que vêm invadindo a minha intimidade, eu não consigo mais me submeter a esse processo de subjugação.

Infelizmente, Javé não merece mais o meu respeito, não merece mais a minha confiança, e seria de minha parte algo que eu consideraria um crime diante de meus valores pessoais, continuar a transmitir notícias as quais eu não sei a procedência, não sei se isso serve ou não ao progresso da humanidade. (Rogério, Programa Orbum, 02 de novembro de 2008. Ver <http://www.orbum.org>).

Javé é chamado pelos espíritas, citando o antigo testamento, de "senhor dos exércitos", significando a agressão, a violência, a guerra aberta. Penso que ele traduz o particular combate ao Mal de Rogério; ele sinaliza o seu estilo mediúnico, e era, segundo conta, um de seus mais próximos assessores. Nas falas acima, lemos, em suma, que ele se sente usado por Javé; que este espírito o manipulou, levando-o a se expor inutilmente, assim como a outros médiuns; que havia, naquela tarde mesmo, deletado todos os livros já recebidos de Javé, e também quebrado os CDs onde gravara as cópias. Desculpa-se reiteradas vezes e diz não trabalhar mais com Javé, pois este não merece a sua confiança nem o seu respeito, e o caracteriza como alguém que domina, subjeta e manipula os outros seres.

Mas creio poder dizer que algo mais aconteceu nos últimos anos, incitando a indignação de Rogério. Pelos acontecimentos que permearam o Grupo Ramatís no período de minha pesquisa, e que relatarei em seguida, creio que a relação de aproximação e rejeição de Rogério ao

movimento espírita deve ser examinada, pois sustento que esta relação também é responsável pela maneira como ele tece suas preleções e performa sua indignação. A decepção não é só com Javé.

8.5 "SÃO TODOS UNS CRETINOS": ANTE JAVÉ E OS ESPÍRITAS, O DESTEMOR

Esta gente pequenina em viagem intergaláctica
 Vem saber nossa gramática ou mudar nossa doutrina?
 Beber nossa gasolina que já é pouca demais?
 Desmantelar nossos cais, engrenar nossos motores?

Será que estas armadas das mansões celestiais
 Vêm aqui nos trazer paz ou aumentar nossas dores?
 Esses discos voadores me preocupam demais!

Zé Ramalho

Após a publicação de seu primeiro livro, Rogério foi algumas vezes convidado, segundo me contaram os membros do Grupo Ramatís, para proferir palestras em dois centros espíritas de Natal, o Bezerra de Menezes, quando João Cecílio ainda era vivo, e a Casa do Caminho²⁵⁵. Assim como o Bezerra de Menezes, a Casa do Caminho não é adesa. Não obstante, também me contam que, após pouco tempo, as palestras cessaram. Nunca proferiu, contudo, palestras na FERN e em nenhum outro centro espírita a não ser nos dois acima citados.

No período em que escrevo estas linhas, mantém-se a clara e furiosa rejeição da FERN e de parte do movimento espírita potiguar, mesmo não-adeso, ao nome de Jan Val Ellam. Esta rejeição atinge também os grupos a ele ligados – o Atlan e o Ramatís. O combate da FERN ao nome deste médium aparece em uma carta, enviada em 30 de junho de 2003, por uma das presidentes desta entidade a Gerson Simões Monteiro, presidente da USEERJ – União das

²⁵⁵ A "Sociedade Espírita Casa do Caminho", centro espírita não-adeso, situa-se atualmente na Rua Capitão-Mor Gouveia, bairro de Lagoa Nova, Natal – RN.

Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro.²⁵⁶ Nesta, ela expõe sua preocupação pelo fato de que a figura de Rogério teria se tornado muito popular no meio espírita carioca, e que isto seria atestado pelo número de palestras que proferia em diversos centros espíritas da cidade do Rio de Janeiro. Considerando suas ideias "polêmicas", e que "feriam a pureza doutrinária", a presidente solicita ao seu colega carioca *ter cuidado* nos desdobramentos que a atuação de Rogério no Rio poderia ocasionar ao movimento espírita brasileiro como um todo. Esta carta obteve duas respostas; uma delas, do próprio Rogério, endereçada à USEERJ, e uma outra, de um dos dirigentes do Grupo Atlan, também endereçada a esta entidade. O que considero mais significativo, ao observar o teor da carta da presidente da FERN é que ela não assinala Rogério e os grupos que seguem suas ideias como charlatões: não se afirma que ele diz invencionices ou que busca enganar as pessoas, mas que aciona um universo simbólico estranho ao universo normatizado e sancionado pelo espiritismo adeso. Rogério e seus seguidores são apontados como desregulados. Corroborando com o que quero dizer, Mariz e Machado ressaltam:

Nas diferentes pesquisas que já desenvolvemos, nenhum de nossos entrevistados acusou o espiritismo e as religiões afro-brasileiras de superstição, de truques ou charlatanismo (...). Rejeitam-se estas religiões por serem demoníacas, mas não por serem mentirosas ou falsas. Nesse sentido, todos acreditam nas experiências sobrenaturais e extraordinárias que nelas ocorrem. (Mariz e Machado 1998, p. 25).

A rejeição da FERN aos grupos ligados a Rogério parece, pois, se dar a partir da defesa do que os dirigentes desta entidade chamam de "pureza doutrinária"²⁵⁷. Inserido nesse contexto de busca de pureza por parte da FERN, durante os anos de minha pesquisa de campo o centro espírita Bezerra de Menezes esteve, segundo me contavam alguns de seus trabalhadores, "dividido" entre aqueles empenhados por transformá-lo em centro adeso à FERN – isto significando a expulsão do Grupo Ramatís, e de outro lado, aqueles que desejavam a continuidade da independência do centro: neste caso, o Ramatís continuaria a fazer parte dos quadros do Bezerra. A presença de membros da FERN em vários cargos de direção neste centro se fez sentir em diferentes momentos em que a diretoria do Bezerra solicitou aos grupos internos (Ramatís, Ana Madalena e Humberto de Campos) relatórios de trabalho, atas de reuniões e

²⁵⁶ Uma cópia da carta em questão encontra-se em anexo neste trabalho.

²⁵⁷ Lewgoy já apontou, como expressão atual do movimento espírita brasileiro, o que chama de "Movimento das Reformas, que prega uma volta a Kardec, uma depuração das influências católicas no kardecismo, como a representada pelo Culto do Evangelho no Lar (cuja proposta é substituí-lo por "estudo", termo que não conotaria adoração) e, finalmente, uma minimização do uso de imagens nos centros espíritas" (Lewgoy 2008). Para as propostas deste movimento, ver o site www.novavoz.org.br/.

documentos "comprovando a relevância de seus grupos" para os trabalhos desenvolvidos pelo centro. O processo culminou em meados de 2008, quando o Grupo Ramatís sentiu que talvez houvesse chegado o momento de seu temido desligamento do Bezerra.

Na noite de domingo do dia dois de novembro de 2008, dia de finados, os membros do Grupo Ramatís não puderam entrar no Bezerra de Menezes para fazer sua reunião, pois o responsável por abrir o portão do centro foi para casa com a chave do cadeado e não voltou mais. O grupo afinal se reuniu na calçada da casa espírita: o laptop de Luiz Matão foi posto no capô de seu automóvel e todos ouviram a transmissão on-line do programa Projeto Orbum; ouviram Rogério se desculpando pela decepção sentida por todos os que aguardavam a chegada dos discos voadores no último dia catorze de setembro, e nada viram nos céus. E então, diante do sentimento de surpresa presente nas falas de todos com o fato de Javé ter "enganado a tanta gente" e "abandonado o seu médium à própria sorte", fico sabendo de mais um detalhe sobre o que me foi relatado como a "mais recente tentativa de expulsão" do Grupo Ramatís: as coordenadoras do grupo me dizem ter contatado com um advogado para defender o direito de o Ramatís continuar a funcionar no ambiente do Bezerra. Há uma espécie de tristeza e incerteza no ar, pois não se sabe se o grupo continuará a se reunir. O contexto em que Javé "abandona Rogério à própria sorte" é o mesmo contexto onde se dá a tentativa de expulsão do Grupo Ramatís do Bezerra de Menezes.

Ainda que a FERN jamais tenha aceitado o nome de Rogério, nem jamais tenha vendido seus livros em sua livraria, e ainda que as iniciais críticas ao Grupo Ramatís no Bezerra de Menezes datem de alguns anos atrás, quando da morte de João Cecílio, me parece que o fato de a profecia de Rogério não se ter realizado intensifica estas circunstâncias já desfavoráveis. Assim, as críticas atingem também os grupos que o seguem, que se já eram chamados de "bando de lunáticos", "obsidiados" e "fascinados" anteriormente, se viram ainda mais questionados quando nem Jesus, nem Javé, nem os discos voadores irromperam pelos céus. Em minha interpretação, isto era claro na expulsão do Grupo Ramatís.

Também em minha interpretação, a intensificação do tratamento irritadiço em relação a Javé, por parte de Rogério, também traduz este especial momento. Ora, nos dois anos em que frequentei as reuniões do Grupo Atlan, Rogério ridicularizou os ETs com os quais trabalhava, pois dizia ter percebido que boa parte deles era formada por "cretinos estúpidos". Desmoralizava

os extraterrestres que ainda não haviam evoluído moralmente, por apenas investiram na ciência e na tecnologia: estes eram "imbécis", "ridículos", "hipócritas". Ressaltava sua desobediência e revolta em relação a "estes seres", ainda que permanecesse dia a dia ao lado deles, e os livros continuassem a ser escritos. Em suas falas, buscava se mostrar acintosamente rebelde:

Sou completamente consciente. Quando quero parar de psicografar, paro e acabou-se. Eu nunca fico sob o domínio das entidades.

Os ETs? Alguns deles tiram a minha paciência. Aí eu olho bem pra eles e digo: ô cara-pálida, aprenda comigo. Você está aí, todo charmoso, um ser extraterrestre, íntimo do Deus criador deste universo, pá-pá-pá, e eu sou um verme. Tá. Mas engracado, eu não me acho tão estúpido quanto você é, porque você é ridículo. Eu acho que você tem raiva da humanidade (Rogério).

Rogério desrespeita as entidades com as quais opera, salientando que "não deve nada a espírito algum", com a exceção do "crucificado do meio". Nisso, ele performa indignação. Ora, a indignação é uma emoção rejeitada pelos espíritas; segundo contam, a indignação "cria uma psicosfera pesada, atraindo espíritos inferiores". Isto está de acordo com o que ensina Maria Laura Cavalcanti (1983); ela lembra: o confronto é algo que os espíritas não querem, pois as manifestações de descontentamento, oposição e irritação são vistas como sintomas de inferioridade e imperfeição neste meio. Assim, também, todo potencial conflito deve ser neutralizado (Cavalcanti 1983, p. 58/59). Nesse sentido, o indivíduo que deseja demonstrar elevação deve fazê-lo através da sobriedade, jamais evidenciando irritação. Ao sistematicamente performar um discurso irritadiço, Rogério alimenta o modelo do rebelado – e do desregulado, que busca incessantemente oferecer.

Mas então, após a não chegada de Jesus e das naves, há um tensionamento em uma conjuntura já adversa: irrompe uma grande quantidade de críticas ao nosso médium, vindas inclusive do meio ufológico, onde ele gozava uma posição de privilégio e respeito. Era preciso manter seu grupo unido e sua verdade viva. É essa conjuntura tormentosa para o nosso médium e para os grupos que o seguem, que irá permitir a que melhor nos aproximemos do modelo emotivo oferecido por Rogério. Coroando sua postura já irritadiça, é o violento confronto de Rogério com Javé o elemento que clarifica e evidencia a chave de sua performance discursiva, que ao meu ver, é fundada no *destemor*.

Para desempenhá-la, Rogério recupera o cabedal afetivo que aprendeu em sua prática com o reino das sombras, no centro espírita de Waldemar Matoso. Neste centro, ele foi treinado a confrontar as entidades das trevas em um adestramento emocional onde penso que o elemento do *enfrentamento*, mais do que o da caridade, era a pedra de toque. Assim é que lança mão do *destemor*, do *confronto* aberto, da *agressão*, ao demonstrar sua decepção com Javé, e, não nos esqueçamos, com o espiritismo.

Ao fim e ao cabo, Rogério se enfurece, pois não apenas os espíritos que lhe assessoravam e que lhe prometiam a inclusão da terra na comunidade cósmica, assim como a legitimação de suas previsões ante todo o planeta, não cumpriram o que prometeram, "abandonando-o à própria sorte". No mesmo sentido, se acirra a perseguição da FERN em relação aos grupos que o seguem, e a tentativa de expulsão do Grupo Ramatís é emblemática disso. Assim, quando em suas falas Rogério performa indignação, raiva e coragem, e em nenhum momento abandono, desamparo ou fraqueza, ele o faz ante Javé e também ante o espiritismo tido como legítimo. Ele usa o *destemor* como idioma emocional para falar da situação dos grupos a ele ligados, mais precisamente o Ramatís, e, nesse movimento, nos oferece, também, o seu modelo de pessoa espírita.

8.6 MAGO E PROFETA

Para entender a figura de Rogério e o modelo de mediunidade que oferece, devemos nos deter no lugar que ocupa, no interior do complexo religioso que tento apresentar. Seu afastamento em relação a instituições espíritas é um elemento importante: anteriormente frequentando centros espíritas, ele, porém, não se vincula organicamente a nenhum. Sua aproximação ao centro de Waldemar Matoso é bastante instrumental: ele vem para ofertar serviços mediúnicos, e nesta oportunidade toma contato com uma disciplina mediúnica específica. É importante relembrar que Waldemar Matoso é um médium muito respeitado no meio espírita potiguar, contudo, não é incomum se escutar, "pelos corredores" de centros espíritas, algo em torno do "disseram por aí" que "seu Waldemar mexe com coisas estranhas". A mediunidade de Rogério foi modelada em rituais desobsessivos efetuados neste centro espírita, rituais que, além de não serem públicos, eram, segundo o nosso médium, *perigosos*, por tratar

com o mundo das trevas, com entidades malignas, com o próprio Satã; rituais envoltos em mistérios e segredos: ele não pôde me contar o que exatamente se fazia, nas tais desobsessões profundas. Além disso, após a saída do centro de Waldemar, ele adotou uma sistemática de trabalho caracterizada por isolamento e mistério: psicografa sozinho, pelas madrugadas, em um quarto nos fundos de sua casa, e recorrentemente enfatiza: ainda que tenha dado diversas entrevistas sobre sua carreira mediúnica, jamais revelou a ninguém a totalidade dos fatos que aconteceram consigo e que o levaram à tarefa que ora se propõe a executar.

Aqui, Mauss nos socorre, evidenciando a *atitude de reserva*, uma das características comumente apontadas sobre os magos: o mago "age de modo privado", cultivando o *segredo* e a *incerteza* e constituindo uma aura de *mistério* sobre o ato mágico e sobre si próprio. (Mauss 2003, p. 60 e 70/71). Seus atos são "anormais", eivados por "forças desconhecidas" (Mauss 2003, p. 65). Alimentando o mistério, a imagem dos mágicos é constituída "por uma infinidade de *dizem*" (Mauss 2003, p. 70, grifo de Mauss). Assim é que o rito mágico é usualmente "privado, secreto", tendendo "no limite ao rito proibido", e considerado sempre como "irregular, anormal e, pelo menos, pouco estimável" (Mauss 2003, p. 60/61).

Também é significativa, por circundar o universo da magia, uma passagem fundamental, de uma das mais importantes encarnações de nosso médium, e que é sempre repetida: ela tem lugar no calvário de Jesus Cristo. Ainda é Mauss quem nos esclarece. Ele nos diz que, sob o signo da estranheza e da anormalidade é que certos profissionais são alçados à categoria de mágicos. É o caso do médico, do ferreiro, do pastor de rebanhos, do barbeiro, do coveiro. O que confere a eles "autoridade mágica" é o fato de que suas especialidades se distinguem do "comum dos mortais", por curarem, por se exporem ao perigo, por se colocarem em contato com a natureza, por operarem com resíduos corporais e com cadáveres (Mauss 2003, p. 66). Mauss, porém, assinala a centralidade do *carrasco*. Este é, em relação à associação da magia a profissões, "o maior de todos os mágicos":

Há uma profissão que distancia seu homem talvez mais que qualquer outra, ainda mais por ser exercida em geral por um único indivíduo ao mesmo tempo para toda uma sociedade, mesmo bastante ampla: é o carrasco. Ora, os carrascos, precisamente, têm receitas para reencontrar ladrões, pegar vampiros etc.; são mágicos (Mauss 2003, p. 66).

Retomo, pois, a passagem fundamental da trajetória milenar de Rogério, a do calvário, para lembrar que, sendo o carrasco que executou Jesus Cristo, o seu ato, ao mesmo tempo individual e coletivo, traz consequências para toda uma sociedade – como bem ressalta Mauss – e, aliás, para toda a humanidade, segundo ressaltam os nativos. Ao crucificar Jesus, ele fez com que se cumprisse a profecia da imolação do cordeiro de Deus, lavando com sangue o pecado original dos humanos. Ele foi o *medianheiro* – que é o real significado de *médium* - deste ato mágico, que, aliás, funda o cristianismo.

Devo assinalar que também são eivados de uma atmosfera mágica os dois grupos que o acompanham – Atlan e Ramatís. Pois assim como os ventríloquos, malabaristas, saltimbancos, corgundas, zarolhos e cegos, assim como os ciganos e estrangeiros, também os hereges carregam "o temor e a malevolência públicos", sendo vistos como "detentores de poderes especiais", e tidos, assim, como mágicos (Mauss 2003, p. 65 a 69). Trazendo os signos da desregulação e da heresia, a característica de mágicos lhes cai bem: "a heresia faz a magia: os cátaros, os valdenses, etc., foram tratados como hereges"²⁵⁸; esta é uma magia "atribuída coletivamente a grupos inteiros". (Mauss 2003, P. 67 e 68). Outro elemento emblemático em nosso médium é a *mudança de nome*. Assim como o fez Allan Kardec²⁵⁹, Rogério publica os seus livros sob a alcunha de Jan Val Ellam, pois que os espíritos lhe revelam sua "verdadeira natureza". A partir daí, ele inicia uma "parceria permanente" com seus aliados sobre-humanos, os extraterrestres, e passa a se ver e a ser visto como "eleito" (Mauss 2003, p. 77/79).

Contudo, ele não busca efetuar prodígios da ordem do maravilhoso, desarraigados de uma moral. Em oposição ao mago, o fundamental de sua missão não é a magia, mas uma "verdade religiosa de salvação" (cf. Weber 1992); ele, assim, se apresenta como profeta, pois traz revelações e mandamentos (Weber p. 303 e 307), oferecendo "uma doutrina sistematizada, capaz de conferir sentido unitário à vida e ao mundo" (Bourdieu 1992, p. 60/61). Por outro lado, diferentemente do sacerdote, sua verdade de salvação não se encontra instituída, pois ela é uma verdade "de tipo novo" (Bourdieu 1992).

²⁵⁸ Em Mauss (2003), aquele que está à margem é instituído de poder mágico. Retomando esta questão, Turner (2005) também aponta o fato de as marcas do periférico instituírem poderes. Ver também Lewis (1971).

²⁵⁹ Que antes de sua própria "revelação", chama-se Leon Hippolite Denizard Rivail.

Enquanto profeta, o médium dos grupos Atlan e Ramatís busca reordenar as crenças antigas e a ordem sacerdotal vigente, dessacralizando o sagrado e sacralizando o sacrilégio²⁶⁰, discorrendo sobre temas que o sistema religioso vigente rejeita ou sobre os quais não é capaz de se expressar – por exemplo, o tema "espiritismo e ufologia", operando em suas lacunas e particularmente em suas fraturas, operando, nas palavras de Bourdieu, uma "transgressão revolucionária" (Bourdieu 1992, p. 58/60-73/74). Surgindo como profeta em um tempo de fragilidade do movimento espírita, ele deve, para o sistema simbólico vigente, ser suprimido (Bourdieu 1992, p. 62). As cartas oriundas da FERN para a USEERJ assinalam o descontentamento do movimento espírita com a atuação do médium desregulado e o desejo de enfraquecer e mesmo eliminar o perigo de heresia que ele representa.

²⁶⁰ Vale apontar, junto com Bourdieu, que, frequentemente, a igreja já foi a seita profética: "Toda seita que alcança êxito tende a tornar-se Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com as suas hierarquias e seus dogmas,e por essa razão, fadada a suscitar uma nova reforma". (Bourdieu 1992, p. 60). O que faz com que Brandão assinale: "Se alguma coisa é realmente estável no mundo da religião, essa coisa é a dialética de sua constituição, onde a Igreja conquista o sistema e gera a seita que vira a Igreja que produz a dissidência". (BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 113).

CAPÍTULO 9 ARREMATANDO O BORDADO: A PESSOA ESPÍRITA

Neste capítulo, dou continuidade à análise das carreiras mediúnicas de Arabela, Miriam e Rogério, já iniciadas no momento mesmo em que fui narrando suas trajetórias nos três capítulos anteriores. Ele está organizado de modo que inicio fazendo uma discussão sobre o processo de torna-se pessoa, onde apresento a importância de se abordar trajetórias de vida em estudos antropológicos como este. Do mesmo modo, apresento as balizas teórico-metodológicas para a construção das biografias mediúnicas aqui oferecidas.

Sigo discutindo a noção de Eu espírita, colocando-a em perspectiva desde a ideologia do individualismo. Recorrendo às discussões estabelecidas nos dois primeiros capítulos deste trabalho, recupero a importância das crenças, situadas pelo mito de capela e dos rituais que concorrem para a reforma íntima, como ancorados numa noção de Eu que tem na figura de Chico Xavier sua expressão e modelo de conduta. Adeno a discussão, apontando que, se há uma representação de unidade, conformando uma "tradição" (Stoll 2002) no espiritismo brasileiro, constituída em larga medida a partir do modelo – católico – de pessoa espírita de Chico Xavier (Stoll 1999 e 2002 e Lewgoy 2000 e 2004b), por outro lado, ao olharmos para o palco mais amplo, onde diferentes grupos disputam espaço, observamos uma *seara* fraturada e que se atualiza numa pluralidade de modelos de ser espírita, ainda que gravitando em torno daquele apresentado e representado por Chico Xavier.

Discuto, então, as narrativas dos médiuns sobre sua adesão ao espiritismo; sugiro que é o "ethos privado anterior" que media, não só a confissão religiosa do sujeito, mas também a escolha, no caso examinado, por estilos de ser espírita, dentre aqueles ofertados no interior do campo espírita (Berger e Luckmann 1974 e Duarte 2003). Finalizo retomando as três trajetórias apresentadas acima como modelos de pessoa cultuados nos grupos onde se inserem. O que sustentarei ao longo da discussão é que Rogério, Miriam e Arabela são, em minha interpretação, *janelas* de seus grupos. Através deles, os grupos olham para dentro de si, assim como veem o mundo lá fora e são vistos por ele.

9.1 A NOÇÃO DE EU: A PESSOA

Marcel Mauss, seguindo pistas lançadas por Durkheim (1996) em suas discussões sobre representações coletivas e individuais, abre o campo do que hoje se tem chamado Antropologia da Pessoa, refletindo sobre a categoria Eu (Mauss 2003), sobre as técnicas corporais (Mauss 2003) e a expressão dos sentimentos (Mauss 2001). Estas três instâncias, essencializadas na biofisiologia e na psicologia ganham, então, novas possibilidades reflexivas desde o quadro das Ciências Humanas.

No que tange à noção de pessoa, talvez a grande inflexão trazida por Mauss (2003) é a de que a ideia de um Eu autônomo não é universal: cada cultura produz uma noção de Eu que lhe é própria, sendo esta uma categoria central do entendimento humano, e, por conseguinte, basilar quando se quer compreender os processos que concorrem em determinado grupo. Em adição, Mauss esboça o caminho para que se chegue à noção de Eu individualista – alguém que possui interioridade, consciência e autodefinição – esboço retomado por vários estudiosos, em especial por Dumont (1985) e Foucault (2006).

Parece incontornável o papel da sociedade e da cultura no processo de humanização de homens e mulheres. Sem a cultura, diz Geertz (1989), nos tornamos (se é que nos tornamos algo sem ela!) seres monstruosos. Sahlins (2004), tanto quanto Enriquez (2001) discutiram as teorias sobre a relação entre indivíduo e sociedade nas tradições teóricas de seus países e línguas. Ambos apontam as falhas das teorias do “superorgânico” (Sahlins, 2004) ou da “heteronomia” (Enriquez 2001). Nestas, o indivíduo é percebido como um autômato, que agiria em completo acordo com as prescrições culturais; do mesmo modo, também levantam a falácia que é pensar num ser humano que se constitui completamente independente dos aparatos culturais, sobre a égide de uma razão transcendente e dos cálculos.

Retomando George Mead²⁶¹, Sahlins (2004) apontará para a possibilidade de singularização pessoal como relacionado ao trabalho que o *self* realiza sobre o *mim* e o *eu* – constituindo novos repertórios de ação; ou, em seus próprios termos, aponta a importância das *contingências*, ou *conjunturas*, que possibilitam o surgimento dos acontecimentos sobre os quais

²⁶¹ George Mead (2002) apresenta um modelo para a ação humana no mundo, onde o “mim”, enquanto instância de regras sociais internalizadas no contato com o “outro”, oferecerá os recursos necessários para a que o “Eu” aja e o “Si-mesmo” reflita e reconstrua a identidade do indivíduo (cf. Mead, 2002).

a pessoa precisará atuar. Elas induziriam redescrições nas/das estruturas conceptuais (mim) que permitem o sentido, no momento mesmo da transformação dos acontecimentos em eventos. Enriquez (2001), ao seu turno, aponta para a possibilidade de *autonomia*, entendida como capacidade conquistada pelo indivíduo de ser sujeito de sua vida, refletindo sobre as forças heterônomas que marcam (e possibilitem) o estar no mundo.

Neste contexto, não podemos deixar de lembrar, junto com Geertz (1989), que a religião é um sistema cultural. Rede de símbolos e significados de/para ação e entendimento. De certo, como qualquer cultura, a religião é heteronomizante: ela prescreve o que pode e deve ser feito e o que pode e deve ser dito. Oferece modelos idealizados de humanização – ainda que, muitas vezes, quando os sujeitos se olhem no espelho que esta lhes oferece, se sintam falhando no processo de alcançar o ideal proposto; por que a idealização se oferece como um conjunto fechado e completo de traços, não há como alcançar o modelo completamente. Do mesmo modo, as próprias contradições de “se viver uma vida” exigem o aparecimento do novo, que vai fundar e se fundar numa certa disposição para a autonomia, ou autonomização.

No processo de formação subjetiva, a presença do outro é fundamental. Na interação social, as categorias sociais, atualizadas por quem há mais tempo delas se utiliza, têm a chance de ser experimentadas em seus efeitos concretos (Mead 2002; Sahlins 2004; Rios 2004). Um bom recurso para investigar esse processo de constituição subjetiva é examinar as narrativas dos sujeitos sobre suas próprias trajetórias de vida, que devem ser lidas como *textos culturais*: eventos que se organizam a partir das estruturas conceptuais oferecidas pela cultura de determinada coletividade (Sahlins, 2004; Bruner, 1990).

Convém ressaltar: a perspectiva que aqui adotei não foi a dos trabalhos que objetivam a elaboração de histórias de vida - que na própria situação de coleta de dados tem como diferencial possuir um roteiro de entrevista mais flexível, abordando a trajetória de vida do sujeito ao sabor de sua própria narrativa, isto é, contada e recontada com base em várias perspectivas, eleitas pelo próprio entrevistado (cf. Marre, 1991; Parker, Herdt e Carballo, 1995; Terto Jr. 1997 e 2000; Víctora, Knauth e Hassen, 2000). Nessa abordagem metodológica, caberia ao entrevistador facilitar o desvelamento da(s) história(s) do sujeito entrevistado.

Na abordagem adotada, eu possuía um foco, a educação e performance emocional, e buscava facilitar a sua emergência a partir de fragmentos da vida dos sujeitos, ainda que sem

perder de vista as articulações que esse campo das experiências individuais realiza com outros âmbitos.

Como propõem Bruner (1990), Terto Jr. (2000) e Rios (2004), considerei o papel da narrativa na articulação e interpretação das experiências pelos sujeitos. Parti da ideia de que o sujeito, em suas elaborações discursivas, constrói e reconstrói múltiplas narrativas na perspectiva de dar sentido ao mundo e a si próprio. Nesse processo, muda, acrescenta, apaga vivências, se contradiz. Ao longo das entrevistas, reinventa a si, sua história e ao mundo, a fim de se apresentar em um todo coerente e em dependência da própria relação que estabelece com o entrevistador.

Tomando essa perspectiva, Rios (2004) sugere que os efeitos de sentido das entrevistas que oferecem o recurso para a construção de biografias, como as aqui apresentadas, devem ser buscados no próprio intervalo entre entrevistador e entrevistado, que *atualizam no encontro* as respectivas formações ideológicas (cf. Pêcheux e Funchs, 1990) onde se inserem; cada um deles efetuando, reciprocamente, suas antecipações imaginárias. Assim, cada questão colocada pelo entrevistador deve ser concebida como uma interpelação ideológica, na medida em que insta o entrevistado a se constituir como sujeito de enunciados relacionados a dadas formações discursivas. Mas se o sujeito não teria como fugir das determinações ideológicas inerentes ao ato de enunciar, teria, até certo ponto, a possibilidade de escolher os elementos linguísticos para a sua enunciação, ainda que, tanto os elementos linguísticos a serem utilizados, como o próprio sujeito, seriam sempre determinados ideologicamente (Bakhtin, 1997).

Conforme Terto Jr (2000: 5), “as narrativas ajudam-nos a reconhecer que somos indivíduos únicos”; elas, ao mesmo tempo, e por terem sua condição de existência na confluência entre indivíduo(s)-cultura(s), podem ser tomadas como narrativas coletivas. Além de histórias pessoais, elas podem ajudar a contar a história dos grupos/comunidades nos quais os sujeitos se inserem (Terto Jr, 1997 e op. cit.).

9.2 O EU ESPÍRITA

Como busquei mostrar ao longo deste trabalho, o lugar das emoções no espiritismo só pode ser examinado com propriedade, localizando esta religião num ideário mais amplo, que a engloba e condiciona. Assim, é possível dizer que o espiritismo compartilha da conduta moral ocidental e cristã de que nos fala Elias (1993a e 1993b), e que é constituída a partir do séc. XVI, no interior do processo de construção de uma *civilidade* caracterizada por uma nova *sensibilidade*, pautada no *medo* e na *repugnância*, e efetivada através de um processo de *docilização* das *maneiras* e dos *afetos*, do abrandamento dos *instintos*, da sublimação das *paixões* e da exclusão das atividades humanas mais *animalescas* do "palco da vida comunal"; uma conduta que investe na elevação do patamar da *vergonha* e na expansão de sentimentos de *delicadeza*, em relação a períodos históricos precedentes.

Nesse caminho, a vida afetiva no ocidente torna-se "cada vez mais estável, uniforme e generalizada" (Elias, 1993b: 193/194). Neste sentido, é na busca por uma *universalização dos afetos* – pela constituição de uma *common measure*, ou "medida comum" (Duarte 2006) neste campo – que investe a burguesia (cf. também Foucault, 1988). Pode-se, assim, dizer que é sob um "sistema de significação" (cf. Duarte, 1999), o da "cultura ocidental moderna", que se estabelece a civilidade tematizada por Elias (1993b), uma civilidade cuja base é a constituição da chamada "ideologia do individualismo" (Dumont 1985).

Foucault (2006)²⁶² recuperando o projeto e as intuições de Marcel Mauss (1974) sobre a construção da noção de Eu individual/individualista própria ao ocidente, apresenta o *Dispositivo do Pastorado*, tratado no capítulo dois deste trabalho, como importante ingrediente neste processo de individualização do Eu. Esse dispositivo é considerado pelo autor como fundamental para que as diretrizes do cristianismo se cumpram em seus seguidores, para a formação de subjetividades afeitas às crenças e práticas do grupo. Foucault (2006) foca em dois importantes pilares desta técnica de si: o *exame* e a *direção de consciência*. Ainda que para a direção de consciência, um ideal de Eu precise existir, ele não explora outra dimensão importante do processo, o modo como *o pastor*, ele mesmo, se oferece como modelo de conduta.

²⁶² Diz Foucault (2006): "Meu trabalho daqui em frente conduz ao problema da individualidade - ou, deveria eu dizer, da identidade em conexão com o problema do 'poder individualizante'.".

Trazendo a discussão sobre modelos de conduta para o espiritismo, Cavalcanti (1983) percebe a presença, nesta religião, de um peculiar arranjo entre livre-arbítrio – dando conta das relações entre os dois mundos, o visível e o invisível – e determinismo – dando conta da trajetória dos espíritos em suas várias encarnações. No capítulo um, mostrei como a partir dessas duas noções, e frente às questões raciais que incrementavam o debate sobre o futuro do Brasil, o espiritismo brasileiro constitui o dispositivo da desobsessão, o que incrementa a ideia de reforma íntima de Kardec. O determinismo evolutivo condicionado pelas raças se compõe, via livre-arbítrio, no tripé estudo-mediunidade-caridade, com a centralidade no último. Cavalcanti (1993) sugere que esse arranjo oferece para os adeptos um ideal de pessoa, fundado em certo "padrão de virtudes", balizado pela caridade.

Stoll (2003) observando a atuação de Gasparetto, um médium à margem do kardecismo adeso, chama atenção para a existência não de um, mas de dois "modelos éticos" no espiritismo brasileiro, ambos atravessados pela ideia de santidade: o de Chico Xavier e o de Luiz Gasparetto. Chico Xavier é o renunciante, que através de uma vida monástica – pois rejeita a sexualidade e os bens materiais – personifica um tipo ideal de espírita muito próximo do catolicismo e de seu "discurso de virtudes": se aproxima da santidade cristã. Ser espírita, nos moldes marcados pelo médium mineiro, significa sofrimento, renúncia, pobreza – mortificar a carne para renascer no outro mundo. Já Gasparetto é o santo que se alinha ao discurso da autoajuda e à ideologia da prosperidade; ser espírita neste modelo significa o prazer, a felicidade, a autorrealização. Stoll (2003) aponta que estes dois modelos éticos, "diametralmente opostos" convivem e se tensionam no espiritismo que se faz em nosso país na atualidade.

Lewgoy (2000) toma como ponto de partida o trabalho de Cavalcanti; porém, considera que a forma como esta autora emprega a noção de pessoa restringe a leitura, na medida em que não confere um lugar à autonomia do indivíduo, afastando, assim, da análise, os domínios da experiência, da performance e da prática. Nesse movimento, segundo Lewgoy, não é dado um lugar também às possíveis instabilidades e historicidades dos sistemas de crenças.

Sua análise vai em outra direção: ele comprehende que há, no Brasil, um modelo mítico em operação, que é o modelo de Chico Xavier; comprehende que também é a partir deste que se pode visualizar certa noção de pessoa espírita, e que a pessoa espírita encarnada por Chico Xavier divide-se entre "um *ethos* católico de santidade, graça e caridade na relação com o outro e um

modelo meritocrático e militar na relação consigo próprio" (Lewgoy 2003, 177). Lewgoy avalia que este modelo é concebido e vivenciado de diferentes maneiras pelos espíritas, na medida de sua articulação com outras dimensões da vida social. Tendo em vista que seu objeto é o espiritismo como cultura letrada, ele considera que as diferentes formas de se apropriar da leitura no espiritismo – o que os espíritas leem – podem sinalizar as diferenças internas no movimento espírita, consonantes com diferentes maneiras de "jogar com a noção de pessoa" de Chico Xavier.

9.3 FRATURAS E SÍNTESES

Lewgoy (2006) chama atenção para o fato de que à margem da representação de unidade nos discursos oficiais e falas do espiritismo institucional, as singularidades etnográficas apontam para atravessamentos e sincretismos “aparentemente fora de ordem”. Como os médiuns que escolhi para protagonizar suas próprias carreiras mediúnicas ao longo desta tese, os espíritas estudados pelo autor também circulam pelo campo religioso mais amplo, e do mesmo modo, atualizam divergências na interpretação da doutrina, “sem contar”, diz Lewgoy, “as diversas ênfases particulares em termos de rituais e ambientação” (Lewgoy 2006a, p. 154). Também sublinha a influência *new age* e sua ênfase na cura e no bem-estar em detrimento da moralização através de palestras doutrinárias.

Movimentação que se torna ainda mais expressiva quando se amplia a visada, saindo da escuta de um único grupo – uma fala que se organizaria, a partir de seu próprio ideário, a respeito de si e do campo espírita mais amplo – e se transita por diferentes grupos a falar de si e dos outros. Ou ainda, ao se percorrer as carreiras dos médiuns e com elas o mesmo campo mais amplo, buscando pelo modo como ao longo da trajetória da vida religiosa o sujeito espírita se constitui.

Concordo com Lewgoy (2006a): o que faz ter uma ideia, desde longe, de uma coesão de crenças e ritos é o cultivo, pelo espiritismo institucional, de uma “identidade forte”, que funciona como um vetor “centrípeto”, em oposição a outro modelo identitário “mais aberto, poroso, sincrético e subjetivante”. A incidência do que Lewgoy denomina *poderes centrais* possibilita a “unificação da Babel”:

Um efeito da crença na unidade profunda de seu sentido e na importância religiosa concedida à harmonia como valor sobre o conflito, e não propriamente a realização prática desses ideais. Não é desprezível o peso de uma postura inclusiva e integradora das diferenças dentro do movimento espírita, produto da influência de um ethos comunitarista católico. (Lewgoy 2006a, p. 155)

Nessa mesma linha, sugere Giumbelli (1997a), e os meus dados expressam isso com propriedade,

As fronteiras identitárias do espiritismo só se mantêm por esforços de delimitação e diferenciação sempre renovados, dirigidos tanto para o interior dos grupos espíritas quanto para o conjunto dos atores sociais com os quais eles entretêm relações (Giumbelli 1997a, p. 284).

Nesse contexto, onde um modelo se apresenta como *o modelo*, diferentes sínteses se dão. O Grupo Ramatís é exemplar, neste âmbito. Ele recupera elementos de diversas ordens, e nessa mistura sincrética aproxima-se tanto da umbanda como de correntes do neoesoterismo²⁶³. Não obstante, não se diz uma proposta original ao ponto de se oferecer como uma nova religião: a “mistura” que realiza, se faz e se completa no espiritismo: é esta religião que engloba todo o resto.

Efetuando uma comparação entre os grupos através de sua relação com a FERN e o campo espírita mais amplo, pode-se dizer que no GEIU há a proteção, o aval e a legitimação da federação, ainda que o centro se ressinta da vertiginosa queda no número de trabalhadores ocorrida nos últimos dez anos. O Grupo Ramatís talvez seja o grupo mais fragilizado dentre os três, pois o próprio centro onde realiza seus ritos sinaliza que não o deseja, além do fato de que o espírito protetor do grupo passa por críticas por parte do movimento espírita, desde há muito. O Grupo Atlan é o mais independente: tem um lugar laico pra fazer suas reuniões, e ainda que o seu médium seja criticado, o número de adeptos não diminuiu, nos dois anos e meio em que frequentei suas reuniões.

Acompanhando as posições da FEB e da FERN, no GEIU o espírito de Ramatís e seus seguidores são tratados com cuidado. O nome deste espírito é ocasionalmente citado e os dirigentes e palestrantes não dizem aos trabalhadores que não devem lê-lo, ou que seus escritos

²⁶³ Para neoesoterismo, cf. Magnani (1999).

trazem invencionices. Porém, é salientado seu caráter *polêmico e muitas vezes antidoutrinário*, sendo *preferível* se ater às leituras *recomendadas* como *mais confiáveis*, isto é, Kardec, Chico Xavier e um conjunto de obras que se aliam à *pureza doutrinária*.

O nome de Rogério também é pronunciado com respeito e cuidado neste centro espírita, com o agravante de que seus livros estão no rol dos *não recomendados*, ainda que não sejam proibidos, já que, dizem, "pode-se ler qualquer coisa no espiritismo, desde que se mantenha o espírito crítico". Não recomendam sua leitura pois, além de ser *polêmico e antidoutrinário* como Ramatís, haveria *indícios* de que este médium passa atualmente por um processo obsessivo profundo, chamado de *fascinação*. Ele estaria fora da consciência normal, sendo *manobrado* por *entidades perigosas*, que *se passam por extraterrestres*, e sob este comando ele teria formado *um grupo de fanáticos* – o Atlan. É dito também que o objetivo das entidades que dirigem este grupo é a *desestabilização do espiritismo*, sua *derrocada*. Alguns dirigentes do GEIU o conhecem pessoalmente, mas dizem *preferir manter distância*, para não se envolver com *aquela energia*.

Já os componentes do Grupo Ramatís avaliam que aqueles espíritas que chamam de "ortodoxos", ou seja, os que seguem mais detidamente as prescrições e interdições da FERN, é que são os obsidiados; além disso, dizem, falta a estes últimos "mais estudo": "se estudassem", não criticariam Ramatís nem Rogério, pois "perceberiam sua coerência e sentido".

Do mesmo modo que no campo religioso afro-recifense, da leitura de Rios (2000), os adeptos dos grupos que investiguei são sabedores de uma variedade de entidades espirituais que podem ser acessadas e cultuadas de diferentes formas, a depender dos processos em jogo (cf. Brandão e Rios, 2001). Se no campo afro há uma ortodoxia ritual e doutrinária, assim como no espiritismo que aqui apresento, ela é mais um efeito de sentido do que uma prática compartilhada por todos: Brandão e Rios (2001) apontam que há a presença impura da jurema nas casas de Xangô ditas tradicionais; mesmo que invisível, já que pode destituir o terreiro de seu lugar de pureza (Dantas 1988), esta forma de cultuar os eguns/espíritos está presente nos próprios filhos de santo, já que eles a realizam em suas residências. Ademais, saber executar diferentes formas de culto incrementa o capital religioso do Pai ou Mãe de Santo, de modo que muitos deles adicionam nos seus currículos religiosos a passagem por mesas brancas kardecistas (Rios, 2000).

Lá, entre os afros, como aqui, entre os espíritas, pessoas e centros, mesmo os adesos, como Arabela do GEIU, se utilizam, ou já praticaram, formas puras e impuras (aos olhos da "tradição")

de vivenciar a mediunidade, o que obviamente não impede que, de acordo com a perspectiva de cada grupo, estas formas sejam apreendidas em diferentes hierarquias de sentido e valor. E já que chamei as religiões afro-brasileiras para iluminar a dinâmica do campo espírita, talvez não seja forçoso dizer que a presença da umbanda ou de suas entidades racializadas – representantes de certos padrões emotivos e acenando para "patamares evolutivos", também apareça mediando as relações entre os diferentes centros espíritas, assim como media os campos afro e espírita.

Esta discussão aponta para o debate que proponho, tomando como base empírica as três carreiras mediúnicas apresentadas nos capítulos anteriores. Ao aceitar o espiritismo, meus informantes se deparam com uma noção de pessoa em ação, a noção, direi, clássica para o espiritismo brasileiro, que é o "modelo da caridade" (Stoll 1999), exemplarizado por Chico Xavier. Mas eles se apropriam e vivenciam diferentemente este padrão, mesmo porque, e como já mostrei em capítulos anteriores, ele é ressignificado por instâncias míticas e rituais que apreendem a própria figura de Chico em dramas emocionais diferenciados: no GEIU, seu exemplo traduz-se na busca pelos adeptos por efetivar a reforma íntima, através de um paciente controle dos afetos, que deve ser acompanhado de perto pelas instâncias de controle do centro: o diálogo fraterno é uma dessas instâncias; nele, através do pastorado, se ajuda o indivíduo a manter-se em evolução, uma ajuda que tem lugar em um conjunto de rituais onde, cada um a seu turno, ajudam a efetuar a necessária – e permanente – desobsessão, já que estamos, segundo os espíritas, sempre incompletamente a salvo do Mal que existe dentro de nós.

No Ramatís e no Atlan, o próprio Chico, enquanto autor/medianeyro de "A Caminho da Luz", é englobado num mito guerreiro e apocalíptico. Aqui, os ritos nos falam de um galgar evolutivo que necessita de constantes confrontamentos (batalhas), onde, para que se efetive a reforma íntima, também almejada, é preciso mobilizar emoções não muito louváveis, mas necessárias para desbaratar as hostes satânicas, que desde as regiões trevosas do umbral, se infiltram entre os encarnados comprometendo suas evoluções, e onde meditações, mentalizações formadoras de mundo, desdobramentos espirituais e atendimentos em cabines de cura são instrumentais para fazer do mito ação.

9.4 DAS ADESÕES

Os médiuns, ao narrarem sua chegada ao espiritismo, oferecem um peculiar momento de epifania: é quando dizem que "se encontraram" e que aquele seria o "seu lugar". Ao mesmo tempo, há a representação de que o tornar-se espírita é um compromisso racionalmente firmado e continuamente renovado; para ilustrar este ponto, afirmam com ênfase que, antes de encarnar, haviam *planejado trabalhar* nos grupos onde atualmente se situam. Nisso, defendem a noção de escolha, de opção individual, realizada previamente à atual encarnação, ainda quando habitavam o plano espiritual, sendo a epifania a confirmação desta escolha. Desta feita, elementos como família, profissão, cidade onde moram são coadjuvantes do acontecimento primordial: sua chegada ao espiritismo, a "realidade absoluta", que dá sentido a tudo o mais (Durkheim 1996, Eliade 2001).

Devo também lembrar que, ao efetuarem a leitura de sua carreira religiosa, os médiuns recuperam-na a partir da perspectiva do hoje, sob o olhar atual do adepto, e é sob este olhar que encontram uma infinidade de sincronicidades a costurar os diferentes momentos de suas vidas, levando-os ao ápice de um caminho que já estava moldado. Ora, quando lemos os trajetos dos três médiuns antes mesmo de eles chegarem à plural seara espírita, tendemos a concordar com a perspectiva que utilizam: eles deveriam mesmo estar nos grupos onde se situam, não tanto porque isso estava inscrito nos planos divinos, mas porque eles, desde antes da adesão, já compartilhavam ideários que reverberam quando do contato com os espiritismos que findam por abraçar. Essas escolhas pessoais são possíveis porque, com lembra Duarte (2003), a cosmovisão moderna, englobante de uma infinidade de ethos confessionais e não confessionais, sinaliza essa possibilidade. Nesse contexto,

As mensagens religiosas relativas ao controle comportamental ou ‘ethos privado’ parecem funcionar para os sujeitos sociais mais como ‘justificações’ (paradoxais, porque inconscientes) de suas adesões pessoais; seja sob a forma de uma substituição/alternação da adesão religiosa na direção de uma melhor adequação ao estilo de vida abraçado, seja sob a forma de um questionamento ou desobediência pontual aos preceitos de uma religião já assumida (Duarte, Jabor, Gomes e Luna 2004, p. 13).

Em outras palavras, de acordo com Duarte (2003), nas sociedades modernas, a aproximação dos atores a determinada religião e a rejeição de outras, assim como o

estabelecimento de críticas a valores específicos de sua religião, ou ainda o afastamento completo em relação a instituições religiosas, é frequentemente balizada pela disposição de ethos privado, abraçada desde antes da adesão por estes atores. É partindo dessa ideia, de que a alternação (Berger e Luckmann 1974) ou adequação entre estilos de vida (familiares e pessoais) e estilos religiosos possibilita, também, questionamento e desobediência aos preceitos da religião assumida, que interpreto a trajetória dos meus interlocutores privilegiados.

Arabela, Miriam e Rogério tornaram-se, de diferentes maneiras, trabalhadores da mediunidade no espiritismo. Vincularam-se e se desvincularam a diferentes casas espíritas, e hoje os três são referências em seus grupos, ocupando lugares centrais na hierarquia. Eles são representativos da discussão que busco oferecer, pois representam os seus núcleos e evidenciam, a meu ver, três modelos de Eu espírita.

Sugiro que as diferentes adesões a grupos e ritos foram importantes para que estes médiuns ancorassem situacionalmente seus discursos emotivos, conferindo um lugar aos seus espiritismos, e aquilo que miticamente sustentam sobre a guerra contra o Mal. Nesse contexto, o modo de se fazer a desobsessão é espelho da visão de mundo do grupo.

A modelagem emocional requerida para e por se fazer o ritual como preconizado nos grupos se atualiza na esfera pública, oferecendo modelos de ser espírita regulados pelos grupos aos quais pertencem – ainda que, para alguns deles, desregulando-os daquilo que é apresentado como clássico – o espiritismo adeso.

9.5 MODELOS DO EU: BRANDURA, CORAGEM E DESOBEDIÊNCIA

Considero que há, no espiritismo, um modelo emotivo dominante; este se alicerça num esforço disciplinar para domesticar e conferir recato ao indivíduo, constituindo-se como uma determinada forma de vivência das emoções. Considero que há, também, um processo de questionamento envolvendo este modelo, levando ao surgimento de modelos emergentes. Meu trabalho também buscou entender em que medida estes elementos se expressam nas carreiras religiosas dos médiuns e na experiência cotidiana mediúnica.

Junto com Cavalcanti (1983), lembro que há, no espiritismo, um conjunto de emoções claramente proscritas – o ciúme, a inveja, o orgulho, a vaidade, a cobiça, a luxúria, o egoísmo. Há também emoções muito valorizadas – a alegria, a bondade, a modéstia, a compaixão. Os médiuns de meu campo, dos dois centros espíritas examinados, estão de acordo na rejeição e na valorização destas mesmas emoções. Contudo, há em seus relatos outras emoções, desta vez registradas diferentemente. Elas traduzem proteção/cuidado, desamparo/abandono, e falam do contexto de disputa por legitimidade onde se inserem seus grupos. Relatadas a partir do contato com os espíritos, estas são as emoções do medo e da coragem/destemor, assim como da confiança, da alegria e da raiva.

Neste trabalho, quero sugerir que nas maneiras como os médiuns agenciam estas últimas emoções, eles sinalizam sua busca por instituir e reinstituir o lugar de seu grupo e a legitimidade de seu espiritismo na guerra espírita contra o Mal. Ao mesmo tempo, em seus discursos emotivos, os médiuns encontram diferentes maneiras de lidar com o modelo de pessoa da tradição espírita.

Arabela foi modelada em um grupo adesão por João Ferreira e pelas leituras de Kardec, Chico Xavier, Divaldo Franco e do universo da autoajuda. Submeteu-se a/e atua no diálogo fraternal e na reunião de desobsessão clássica, ritos caracterizados como fundados em um diálogo, onde deve prevalecer o controle emocional, sinalizado por corpo e fala contidas – ainda que o relato verse emoções inferiores. Ela parece construir sua adesão através da proteção e do cuidado que o centro espírita Irmãos Unidos lhe proporcionou, o que lhe foi revelado quando o grupo conferiu um lugar de normalidade às suas aflições. De fato, Arabela parece ser a mais protegida pelo espiritismo, dentre os três médiuns examinados, e é isso que parece lhe permitir narrar com tranquilidade performances contemporâneas de fragilidade e medo. Para entendermos a adesão de Arabela ao GEIU e o estilo emotivo firmado por ela, é importante sua passagem pelo centro de Waldemar Matoso. Ainda que naquele centro permanecesse a positivação daquilo em que em outros contextos não religiosos era percebido como descontrole (suas capacidades mediúnicas), e que neste outro centro elas fossem ainda mais enaltecidas, lá Arabela "não se sentia bem". Acordava "se acabando de chorar". Lá se saía do preconizado pela doutrina, se realizavam ritos heterodoxos, entendidos como *experiências* com entidades de formas estranhas, seres malévolos, ela "se sentia mal". Resolveu abandonar o centro. O discurso emotivo de Arabela, na desobsessão e no diálogo fraternal, remete à austeridade, que ganha matizes de

brandura e sobriedade, códigos encontrados no GEIU. Nesse contexto, o reconhecimento que ganha daqueles com quem convive se dá não só por suas capacidades mediúnicas, bastante enaltecidas, mas, sobretudo, por não se deixar levar pelo orgulho e vaidade, e por se conservar obediente aos preceitos do seu grupo. Esse reconhecimento lhe proporciona *alegria* e *confiança*.

Miriam foi modelada por João Cecílio e por leituras de Ramatís, Blavatsky, Alice Bailey, chama violeta. Ela se identifica com o centro espírita Bezerra de Menezes, mas não com a Federação. Admira e dá continuidade ao espiritismo de irmão Cecílio, médium vindo da umbanda, caracterizado por deter um amplitude de leituras e de práticas mediúnicas, e constrói sua adesão através do matrimônio sagrado com Ramatís e com o que Ramatís representa, que é a presença da umbanda e do neoesoterismo dentro do espiritismo. Desprotegida em relação ao contexto mais amplo do centro espírita, já que o seu grupo é continuamente avaliado e sua importância questionada, é sob o amparo de seus quatro cavaleiros – Ramatís, João Machado, Caboclo das Sete Encruzilhadas e Vulpiano Cavalcanti que Miriam pode responder a este contexto, e já que este é mesmo um contexto de guerra declarada, talvez por isso ela não performe fragilidade e medo. Talvez por isso o discurso emotivo de Miriam, na desobsessão apométrica e no ceremonial, remeta a uma atitude de *autonomia*. Ela cria realidades e se arvora ao direito de fazer o que faz dentro mesmo do centro espírita. Nas práticas do Grupo Ramatís ela se sente maior e manipula os destinos; lá, lhe atribuem poder, possibilitando que performe coragem. Porém, ela não se põe como desregulada, pois está inserida em um centro espírita, detendo um cargo de destaque, uma cabine de cura, coordenando o estudo mediúnico e o seu grupo em particular. Ainda que este último se caracterize pelo signo da heresia, por se submeter aos ditames institucionais de uma casa espírita ela sabe não deter completa autonomia sobre sua conduta e suas práticas, adequando-as – ainda que sob variados ajustes – ao que a tradição espera de um espírita.

Rogério se diz autodidata, ou modelado diretamente pelos espíritos extraterrestres; não obstante, percebe-se as contribuições de Waldemar Matoso e das leituras de Allan Kardec, Camille Flammarion, Blavatsky, além de leituras da área da ufologia e da ficção científica para a configuração de seu estilo mediúnico e de pessoa espírita. Profeta portador de uma verdade, que é questionada pelos próprios espíritos extraterrestres que a revelaram, ele performa aquilo mesmo que rejeita e que originou a guerra dos mundos propalada por ele e seus seguidores do Atlan e do Ramatís: o descontrole emocional, amplificado por uma arguta inteligência. Como

Lúcifer, ele questiona o próprio Jeová sobre os seus planos para o universo e o planeta azul. Frente a um contexto de descrédito generalizado sobre sua palavra e para manter seu grupo unido e sua verdade viva, Rogério desrespeita as entidades com as quais opera, salientando que "não deve nada a espírito algum", com a exceção do "crucificado do meio". Ele performa raiva e enfatiza atitudes de desobediência e de enfrentamento.

9.6 ÚLTIMOS FIOS: EMOÇÕES NOS ESPIRITISMOS

Ao longo desta obra, busquei indagar sobre o que emoção quer dizer acerca das diferentes formas como, no campo espírita, se empreende o combate ao Mal. Considerando três grupos que se constituem a partir de um complexo de crenças e ritos oferecidos no campo espírita de Natal, busquei examinar a adesão de grupos e pessoas a diferentes estilos de ser espírita, todos gravitando ao redor do modelo de pessoa veiculado e enaltecido pelo órgão que regula as práticas espíritas no Brasil, a Federação Espírita Brasileira.

Em adição, explorei os mecanismos que contribuem para constituir as emoções corretas nos indivíduos, conforme modelos idealizados apresentados pela Federação, assim como por grupos dela desregulados. Nesse contexto, analisei dois corpus mitológicos: aqueles do espiritismo adeso, que se expressa na literatura recomendada, fundada nos escritos de Kardec e Chico Xavier; e aquele que se apresenta entre o encontro das obras de Ramatís e Jan Val Ellam, literatura apócrifa ao espiritismo federado.

O primeiro corpus é fundado na ideia de evolução espiritual, que se faz entre determinismo (kármico-racial) e livre arbítrio. Um verdadeiro dilema que se atualiza na noção de reforma íntima, e alimenta o pensamento dos que fazem o GEIU; o segundo estabelece um contexto generalizado de guerra e descontrole emocional afirmando a ascensão planetária como saída do caos à ordem e alimenta o pensamento dos Grupos Ramatis e Atlan.

Também descrevi os mecanismos para estas ideias chegarem às pessoas e as constituírem discursivamente e emotivamente afins a modelos idealizados de ser espírita. Assim, analisei as técnicas de si da reunião de desobsessão clássica e do diálogo fraternal do GEIU e as técnicas de poder (Foucault, 1994) do ceremonial e da desobsessão apométrica do Ramatís.

Dos grupos às pessoas, venho mostrando neste capítulo como três médiuns exemplares podem ser pensados como janelas de seus grupos; como através deles, os grupos olham para dentro de si, assim como vêm o mundo lá fora e são vistos por ele, constituindo-se em modelos de pessoa espírita. Mais uma vez, sublinho que o uso que faço do termo modelar não deve ser entendido como um qualificativo. Na verdade, a qualidade que se lhes atribui na performance de pessoa espírita que apresentam é sempre situada: Arabela, Miriam e Rogério são continuamente avaliados pelos grupos aos quais se filiam e pelos outros grupos que interagem neste campo fraturado que é o campo espírita de Natal. Nesse contexto, os três se alternam em exemplos positivos e negativos do que é ser pessoa espírita, a depender de posições divergentes no campo.

Através de Arabela, os adesos veem Chico Xavier da abnegação, brandura no trato com os outros; veem a sobriedade mediúnica. Veem a reforma íntima que se cumpriu nela e é realizada por ela via os ritos do diálogo fraternal e da reunião de desobsessão. Através dela, enxergam um mundo que já está bem perto da regeneração, o qual se faz quando mediunidade e estudo se articulam pela caridade em performances de cuidado pelos irmãozinhos encarnados e desencarnados.

No olhar do Ramatís e do Atlan, Arabela é vista como uma pessoa com forte poder mediúnico e extrema capacidade de abnegação, mas falta-lhe "mais estudo" para não só compreender e desenvolver todo o seu potencial mediúnico, mas também compreender que a guerra espiritual em curso exige arsenais de embate mais potentes do que aqueles utilizados pelos espíritas clássicos para promover a evolução espiritual, uma vez que a batalha não é mais do espírito contra a carne no íntimo dos seres; mas se estabelece num plano onde populações se digladiam.

Através de Miriam, o grupo Ramatís vê um Chico Xavier da abnegação ao lado de um Ramatís (espírito) herói-civilizador, que se arvora ao apocalipse prometido pelo cristianismo, onde o Mal será destruído para constituir um novo mundo. Em Miriam, veem a sobriedade mediúnica, mas que necessita de operações de fórmulas rituais para potencializar sua missão civilizatória. Veem a reforma íntima que se cumpriu nela e é realizada por ela via os ritos heterodoxos das cabines de cura/apometria, da meditação e da mentalização. Através dela, enxergam um mundo de provas e expiações em vias de viver o apocalipse que o fará chegar a mundo de regeneração. Enquanto protagonista de uma guerra cósmica que se realiza também no

interior do Centro Bezerra de Menezes, percebem a existência de uma armada do Mal com planos de acentuar o descontrole emocional do planeta; nesse contexto sua mediunidade é apreendida como uma tecnologia de poder que articula caridade e estudo em performances guerreiras contra os seres malignos, encarnados e desencarnados. Olhando para Miriam, o grupo vê que o caminho da reforma íntima leva à autonomia expressa pelo EU-SOU da chama violeta.

No olhar dos adesos, Miriam e os que fazem o Grupo Ramatís, *não são ruins*, mas cometem excessos (rituais) desnecessários, se desregulando da ortodoxia kardecista, que se afirma não ritualista. De certa forma, o fato de Mirim atuar nas cabines de cura do Bezerra restitui-lhe o lugar da caridade, possibilitando-lhe certa positividade frente aos adesos. A qualidade de sua ação mediúnica na cura confere à médium uma aura de status e poder no campo espírita mais amplo, o que inclusive ajuda a que ela proteja a si mesma, seu grupo e seu mentor, frente às disputas internas no Bezerra. No Bezerra, as crenças e ritos do Ramatís, que têm em Miriam sua maior expressão, é a "pedra no sapato" para a regulação do centro à federação. A suspeita sobre uma possível obsessão (pelo próprio Ramatís) de Miriam paira no ar, mas é neutralizada pela sua obra caritativa nas cabines, sob a égide de João Machado, médico renomado, que lhe foi entregue pelo próprio Bezerra de Menezes quando irmão Cecílio, fundador do centro, ainda o recepcionava.

Para os seus seguidores, Rogério é o Kardec redivivo, o continuador de Ramatís, um mago-profeta incompreendido por sua época. O poder de sua mediunidade, com a de Miriam, é posta a serviço da guerra santa espiritual. Em Rogério e no modo como circula no meio espírita, o Atlan e o Ramatis veem a guerra santa, há milênios em curso. Nela, o próprio Rogério é o carrasco do cristo, o anunciador, o codificador e o cavaleiro que vence a guerra santa atingindo o próprio demônio (Satã) com sua lança. A não concretização de suas profecias não destitui sua imagem frente aos seus seguidores do Atlan e do Ramatis; pois numa lógica circular onde tudo é explicado pelo próprio mito, a hora da grande revelação, se ainda não chegou, em breve chegará. Num contexto de guerra, batalhas podem ser postergadas, como formas estratégicas de melhor se chegar aos fins almejados – e o que é um ou dez anos num tempo contado em casas de bilhões?

No olhar adeso, Rogério é extremamente inteligente e racional, mas desprovido de desenvolvimento moral. Ele é o exemplo ruim de pessoa espírita, onde há muito estudo e mediunidade e nenhuma caridade. Não há como firmarem dentro do quadro da caridade a

odisseia apocalíptica que sustenta os pensamentos e as práticas do profeta. No olhar adeso, ele está sofrendo daquilo que ele mesmo diz combater, uma obsessão profunda, a fascinação, por espíritos de arguta inteligência e descontrole emocional.

Neste contexto, como já aludi no capítulo dois, a obsessão é a mais importante moeda de troca dos centros espíritas. Os centros e médiuns existem para desfazê-las, nos diversos sentidos que assumem em cada centro. Do mesmo modo, estar obsediado aponta para uma baixa vibração (descontrole emocional) que, por conseguinte, sinaliza um baixo grau evolutivo. Assim, não é à toa que a qualquer sinal de desordem, sinalizada pelo descumprimento do padrão espírita de ser pessoa no mundo firmado por um dado grupo, surge logo a “acusação” de se estar obsediado.

É pela obsessão que as pessoas chegam aos centros. Ela é a grande categoria explicativa para dar sentido à aflição e manter as pessoas adesas. Como já apontei, a obsessão fala do tripé espírita já apontado por Cavalcanti (2003): mediunidade-estudo-caridade. Para identificá-la, o sinal é como no olhar de cada grupo os três ingredientes se relacionam (em Arabela, no olhar dos não adesos, falta estudo; em Rogério, no olhar dos adesos falta caridade).

A identificação da obsessão se dá sob intuições e vidências, onde entidades espirituais, racializadas, de baixa vibração são percebidas acompanhando os indivíduos. Exploro esta última dimensão no momento mesmo em que concluo este trabalho e analiso suas condições de produção, inquirindo pelas marcas de minha própria inserção nos centros, no processo de coligir dados.

VASSOURAS, CIGANAS E EXTRATERRESTRES

Vinha
caminhando a pé
quando ao longe avistei
uma cigana de fé.

Ela parou
e leu minha mão
e disse
toda a verdade

Mas eu
só queria saber
aonde fica
o martírio das almas

Mas eu
só queria saber
aonde mora
a pomba gira das almas.

(Ponto de Pomba Gira Cigana na umbanda)

É frequente a assertiva de que a escolha do objeto de estudo nada mais é que uma busca do pesquisador por entendimento de si, e talvez seja mesmo, mas não é na linha da autoanálise que quero inscrever meu trabalho. Ainda que volte a recorrer às emoções vividas ao longo de minha trajetória no espiritismo (que, como já apontei, antecede a minha carreira como aprendiz de antropóloga) para dar o último ponto da tapeçaria que há cinco (ou mais) anos venho tecendo, faço isso como estratégia metodológica que se desdobra em duas linhas confluentes:

Os dados aqui analisados e discutidos surgiram ao longo de um processo em que afetações recíprocas foram condição para que eu percebesse as modalidades de emoção constituídas nos grupos;

Portanto, o desenho metodológico pede por um mecanismo para explicitar e analisar as minhas implicações (Lèvy, 2001), de modo que o leitor possa melhor situar a densidade e qualidade de minhas interpretações (Peirano 1995, Augras 2000 e Silva 2000b) a partir dessa trajetória de pesquisa situada (Haraway 1995), que foi unicamente minha, mas que pode ser partilhada (Clifford 2002; Geertz 1987 e 1998) e se constituir em matéria para discussões teóricas no estudo do espiritismo e/ou das emoções.

Assim, convido o leitor a, no momento mesmo em que concluo a tese, partilhar comigo a análise de mais uma carreira mediúnica nos espiritismos, a minha própria. Trajetória que, ouso

dizer, foi traçada pela égide do encontro com a Cigana, quando apenas queria entender o martírio das almas – como alude o ponto da pomba gira em epígrafe.

10.1 MAIS UM CARREIRA MEDIÚNICA, OU "ERA UMA VEZ UMA CIGANA..."

No início de 2007, retornei ao GEIU para dar continuidade à pesquisa de campo. Durante algumas semanas, fui inquirida de várias maneiras pelos trabalhadores mais antigos, que desejavam saber do meu lugar atual no centro espírita, e, para tanto, eu me pus a explicar repetidamente que voltara, não mais procurando tratar-me de algum distúrbio espiritual ou vincular-me aos trabalhos da casa, e sim para efetuar a pesquisa.

Dentre as poucas "caras novas" que encontrei, havia uma médium em especial, Cláudiana, que estava, pela primeira vez, trabalhando em mesa de desobsessão, e que sempre "puxava" conversa comigo, antes das reuniões. Em uma destas conversas, disse ter visto ao meu lado um preto-velho, de cabelos muito branquinhos, fumando um cachimbo. "Ele é bom", acrescentou, "não tenha medo". Neste retorno, participei de início do grupo de estudos da mediunidade, nas quintas-feiras à noite, e após um mês, fui autorizada a também frequentar a "segunda parte", isto é, a desobsessão, momento em que os médiuns incorporam os espíritos e estes são doutrinados. Foi designado para mim um dos lugares à mesa, junto aos médiuns e doutrinadores.

Porém, no segundo mês da pesquisa, Cláudiana veio conversar comigo ao final de uma das reuniões, e, apreensiva, me advertiu de que eu estava acompanhada pelo espírito de uma cigana, uma "mulher de baixa moral", que queria me levar "pra beber, pra usar drogas, pra fazer sexo". Eu lhe respondi que talvez não estivesse dando certo a influência do espírito em mim, em relação às drogas. Quanto ao sexo, perguntei em tom de brincadeira se deveríamos fazer votos de castidade. Ela não levou na brincadeira. Recomendou-me que eu não confundisse as coisas, pois fazer sexo "não era nada de mais"; o problema é que eu não devia "fazer coisas próprias de gente de baixa moral".

Paralelamente a esta advertência de Claudiana, aconteceu comigo uma situação absolutamente sui generis: eu comecei a perder os sentidos na mesa de desobsessão, e, segundo Arabela, eu iria incorporar. O fato é que, após sentar à mesa, eu sentia uma pressão física muito forte em meu abdome, e alguma coisa abria a minha boca. E a minha boca tentava falar. Então eu abria os olhos e via que não havia ninguém ao meu lado abrindo a minha boca, mas mesmo assim ao fechar os olhos a mesma sensação vinha. Isto se desenrolou por umas duas semanas, mas eu não incorporei; precisava me manter acordada para tomar notas da reunião, e, além disso, senti medo, de desmaiar, de perder o controle sobre mim. As médiuns me disseram que eu "não me entreguei", e talvez eu não tenha me entregue mesmo à sensação que sentia.

Certa noite, havia quatro médiuns na mesa e três doutrinadores. E havia eu. Tentando prestar atenção à reunião, mas sentindo as sensações e não incorporando. Foi quando, ao meu lado, Claudiana incorporou. E, Márcia, doutrinadora, me perguntou: "você não vai doutrinar, não?". Eu me virei para Claudiana, se contorcendo ao meu lado e pensei: "e agora?" Eu já havia observado que os doutrinadores punham a mão direita sobre a cabeça do médium incorporado, sem tocá-lo, e diziam: "seja bem-vindo, meu irmão". E assim eu fiz: "seja bem-vindo, meu irmão". Ao que Claudiana respondeu: "estou sentindo dor". E eu conversei com o espírito, ouvi suas lamentações, de que estava com dor no peito, e então, ao modo dos doutrinadores, afirmei: "mas aqui estará melhor". E ele me respondeu: "já me sinto melhor". E eu: "aqui é um bom lugar, vão tomar conta de você". E por aí a conversa foi. A médium ainda "incorporou" mais duas vezes, e eu doutrinei.

Porém, após esse dia, Claudiana voltou a me advertir, acerca da cigana que eu trazia ao meu lado. Disse que já havia falado com Arabela e ela teria dito que iria pensar no que fazer para me ajudar. E mais uma vez me avisou: "A cigana disse a mim, que iria lhe destruir, acabar com a sua vida, lhe jogar na lama".

O fato é que na reunião após esta conversa, o diretor mediúnico, José Moraes, me comunicou que eu deveria sair da mesa onde ficam os médiuns e os doutrinadores e tomar uma das cadeiras encostadas às paredes, pois havia tido uma intuição à tarde em casa, de que minha participação bastante efetiva nos trabalhos poderia atrapalhar a minha pesquisa. Que eu ficasse, pois, apenas como ouvinte, não mais participando dos trabalhos mediúnicos.

10.2 SOBRE A OVELHA DESGARRADA: ESPÍRITOS E RECONVERSÃO

Tendo a pensar que as imagens acionadas pelos espíritas do GEIU para me qualificar se relacionam aos diferentes momentos de minha presença neste centro espírita. Nesse sentido é que houve um conjunto de "entidades" com as quais me relacionaram: nos primeiros tempos, antes da conversão, eu estava obsidiada por espíritos que varriam meu apartamento. Depois, recém-convertida, fui associada à moça sorridente de olhos puxados e ao hindu de turbante e de torso nu; tempos depois, quando pretendia estudar Wicca, fui vinculada à feiticeira branca de olhar lascivo. Após um afastamento de dois anos, quando de meu retorno a este centro espírita para continuar a pesquisa, identificaram-me inicialmente ao preto-velho bondoso. Enfim, ao tomar assento na mesa de desobsessão, fui associada à cigana libertina.

Não há formalmente um panteão de divindades no espiritismo, mas há representações sobre o significado de certas entidades, identificadas pelos espíritas como eivadas de certas características de ordem moral. O caso do preto-velho é ambíguo. Esta entidade, ainda que faça parte do panteão da umbanda – juntamente com os ciganos, a outra categoria a mim relacionada – era tolerado nas casas espíritas que estudei. Visto como pacífico e servil, mas também de grande força mágica, ele carregava, neste centro, junto a outras entidades não espíritas, como os índios, a função de protetor dos trabalhos mediúnicos. O preto-velho não é situado pelos espíritas no plano hierárquico das entidades de mais luz, mas também não é localizado como espírito ligado a trevas. O mesmo parecia não ocorrer no caso da cigana²⁶⁴, o que não é difícil de entender, pois os ciganos são tidos frequentemente nas representações populares como forasteiros, bandoleiros, sequestradores de crianças, ladrões etc.

Isto era ainda agravado pelo fato de que no caso da entidade a mim identificada, ela era um espírito feminino. Assim como a feiticeira branca que levei ao centro espírita quando me inclinei a estudar a Wicca, e que trouxe dor física para Arabela, a cigana vista por Claudiana junto a mim falava de uma mesma representação, envolvendo o feminino demoníaco. Não é forçado dizer que entidades como bruxas²⁶⁵, pombas-giras²⁶⁶ e ciganas são localizadas, no espiritismo, sob uma

²⁶⁴ Sobre os Ciganos, ver Fonseca 1995, Coelho 1995, Cortesão & Pinto 1995, Fraser 1997, Pieroni 2000, dentre outros.

²⁶⁵ Sobre *bruxa* enquanto uma categoria de acusação, cf. Pitangui 1985.

²⁶⁶ Sobre a pombagira, Exu feminino considerado de moralidade duvidosa, cf. Augras 1989, Contins 1983, Contins e Goldman 1985, Meyer 1993, Prandi 1996, dentre outros.

representação comum que associa feminino, terror e morte, tal como, nas religiões afrobrasileiras, se localiza as Iyami Osoronga, descritas por Pierre Verger (1994)²⁶⁷. Do mesmo modo, todas elas estão inscritas num modelo racializado de ler moralidade associada às emoções.

Penso que este conjunto de imagens significou um esforço empreendido pelos espíritas do GEIU para me atribuir um lugar em seu espaço de saber e de práticas, adequando-me a um sistema onde devia haver, também para mim, papéis a serem desempenhados, processo do qual eu própria participava, na medida em que acenava com uma disposição em tomar assento nos rituais, ainda que agenciasse e negociasse espaços de movimentação (cf. Junker, 1991; Polsk, 1997; Humphreys, 1997, e Silva, 2000a e 2000b). O fato a salientar é que minha imagem esteve sempre provisória e situacionalmente ancorada.

Mais uma vez recorro ao campo religioso afro-brasileiro de modo que ele possa, no recurso comparativo, iluminar minhas vivências no campo religioso espírita. Rios (1997) nos conta que, em seu longo período de pesquisa no xangô, candomblé, umbanda e jurema do Recife, os pais e mães de santo lhe ofereceram diferentes hipóteses em relação a qual seria o seu orixá-de-cabeça. A primeira mãe-de-santo que *jogou*²⁶⁸ para ele, disse-lhe que ele seria *filho*²⁶⁹ de Iemanjá ou Oxum, orixás *iabás*, isto é, femininos. Para além de discussões sobre sexo-gênero e erotismo que a adscrição dos orixás provoca entre nativos e acadêmicos (cf. Segato, 1995; Teixeira, Birman, 1995 e Rios 1997 e 2004), o autor lembra que no panteão afro-recifense, Iemanjá é atribuída a pessoas de ambos os性os e de diferentes orientações sexuais, que, na interação social, se mostram polidas, observadoras e sempre prontas a escutar, mas que, na verdade, não são aquelas em que se possa confiar plenamente. Elas não são propensas a guardar segredo; pelo contrário, diz o povo de santo, trazem o caminho da fofoca. Rios (1997) questiona se a mãe de santo não estaria falando, através da figura de Iemanjá, de sua posição profissional.²⁷⁰ Afinal, não é tudo

²⁶⁷ As Iyami são feiticeiras sagradas, poderosas mães ancestrais, potências profundamente respeitadas e temidas. Sempre encollerizadas, elas "representam os poderes místicos da mulher em seu aspecto mais perigoso e destrutivo" (Moura 1994, p. 11).

²⁶⁸ A identidade mítica dos indivíduos, no candomblé, é dada pela filiação homem/orixá, que os pais e mães de santo identificam e o jogo de búzios confirma.

²⁶⁹ De acordo com o candomblé, "cada pessoa está relacionada a um orixá enquanto filho espiritual. Isso porque o processo de criação individual, repete, em certa medida, o processo de criação do mundo. Cada pessoa recebe na constituição de seu ser elementos que a relaciona com os orixás" (Rios 1997, p. 52).

²⁷⁰ Segato (1995) identificou um caráter normalizador na figura de Iemanjá: "Iemanjá encarna o motivo da ordem, do respeito às hierarquias, às normas e às formalidades; ela representa o privilégio atribuído (na maternidade genética), mas não conquistado (na criação afetiva dos filhos). O povo tem por ela respeito, antipatia e desconfiança". (op. cit.: 410). "Através da figura de Iemanjá, que encarna o establishment, as regras institucionais

aquilo que se atribui a Iemanjá o que usualmente os antropólogos fazem? (cf. também Silva, 2000a).

O autor observou uma continuidade de tentativas de apreensão de suas características (físicas, profissionais e performáticas) e interpretação em termos de categorias orixás; uma tentativa de situá-lo na ordem do mundo e do terreiro. Assim, sem perder Iemanjá (e a antropologia) como segundo santo, em alguns momentos, Xangô e Oxalá, devido ao porte físico, calma e propensão a intelectualidade, se apresentavam para a intuição dos adeptos; em outros momentos, a possibilidade de ele ter um santo metá (seres híbridos de sexo-gênero) remeteu ao próprio objeto de investigação: a homossexualidade.

Na explicação para essas ligações entre orixá-pessoa, entretanto, diziam os informantes de Rios (1997 e 2004) que não é o santo que causa o modo de ser da pessoa, mas antes o fato é que pessoa e orixá são feitos de mesma matéria e isso provoca afinidades (Augras, 1983). Não obstante, sugerem Augras (1983) e Rios (1997, 1998 e 2004), a adscrição dos santos se faz a partir de uma apreensão intuitiva de características que são classificadas a partir de uma lógica política²⁷¹ (Segato, 1995). Assim uma mesma pessoa pode ser classificada por diferentes agentes do sagrado em uma variedade de classe-orixá, como foi o caso do autor.

O período entre 1997 e 2007 foi significativo para minha vida pessoal e profissional. Excetuando-se uma ausência de dois anos, entre 2004 e 2006, eu frequentei ainda que descontinuadamente o GEIU, e os meus colegas espíritas acompanharam e leram diversos traços diacríticos: o fato de ter cortado o meu cabelo curto e depois tê-lo deixado crescer, o uso do *megahair*, as diversas etapas de cobrir e descobrir o corpo através do uso de variados estilos de

são afirmadas legítimas e devem ser reconhecidas como tal, mas não são, necessariamente, justas e não se deve acreditar nelas. Oscila entre defender formalmente a retitude e a maturidade (representadas por Ogum) e, na hora de agir, rende-se à ambição e aos métodos imorais (representados por Xangô)". (op. cit.: 413). Vale ainda lembrar que em comunidades como o candomblé, é a fofoca um dos principais mecanismos para manter o controle social, a norma e a ordem (Rios, 2004).

²⁷¹ As classes que obedecem ao princípio político, como contrário ao monotético, se constituem de acordo com uma série ou ‘cadeia complexa’, na qual o atributo definidor muda de um elo para o seguinte: ‘não há consistência no tipo das associações, e a variável significativa que faz com que um item seja incluído numa classe, mude para outro sem (...) que exista um ‘núcleo da classe’. Isto se dá de forma que não haverá um traço empírico único presente em todos os membros de uma mesma classe, e ‘uma classe não poderá mais, portanto, ser definida necessariamente pela presença invariável de certos atributos comuns’ (Segato, 1995:177). Uma primeira característica desse tipo de classificação é a que confere aos tipos um aspecto dinâmico, já que são aprendidos a partir de instâncias muito variáveis. De fato, a nossa competência na concepção das classes completa-se constantemente a partir de cada novo espécime que conhecemos, pois em cada instância de adscrição a própria classe (ou ideia do orixá) se refaz. (Segato, 1995:182).

roupas, assim como a curiosidade por leituras não recomendadas pelo meio espírita mais ortodoxo, e, enfim, a pós-graduação em antropologia, examinando exatamente o espiritismo, solicitava dos adeptos diversas e sempre renovadas avaliações sobre mim. As entidades ao meu lado, assim, demarcavam o que meu comportamento já havia sinalizado: o meu lugar havia mudado na hierarquia da evolução espiritual, o que significava também mudanças na hierarquia de posições no centro espírita.

Tal como avaliam os informantes de Rios (1997), os espíritas me disseram não ser "por acaso" que os espíritos se ligam aos indivíduos encarnados; assim, não foi por acaso que eu trazia alternadamente o hindu, a bruxa, o preto-velho e a cigana. Eles foram "atraídos por mim", pelas minhas inclinações, ou, antes, pelo que expressava em meu comportamento.

Conforme o tempo passava e eu "mudava", meus novos "padrões vibratórios" (e as entidades que os representavam) me eram atentamente relatadas pelos médiuns. É importante dizer que, colado a estes relatos, há o componente de *resposta* que os espíritas ansiosamente aguardavam, de minha parte: era fundamental saber, utilizando os termos de Rios (1997), de como eu iria "jogar" com a revelação oferecida. Ora, os informantes deste autor relatam que quando o sacerdote, ao jogar os búzios, "dá" o orixá para o indivíduo, ele "oferece um modelo" a este, cabendo ao indivíduo, por seu turno, decidir o que fazer com o santo que lhe foi dado. Vale ler o trecho:

O sacerdote, no momento do jogo, decodifica, a partir de um conjunto de traços (concebidos como uma herança) o orixá da pessoa, dentre os traços a orientação sexual, melhor, a forma de expressá-la (feminilização ou masculinização dos traços fisionômicos, de ação, gestual, etc.) que, entre outras coisas informariam se a pessoa seria filha de um santo aboró, yabá ou metá. Feita a identificação, um modelo é oferecido à pessoa, um modelo já bem próximo de como o "outro" vê o consulente, uma vez que o leque de deuses e "qualidades" [existente no candomblé] permite uma descrição bem próxima do real. Oferecido o modelo (de comportamento, interações, sexualidade, etc.) este pode ou não ser usado pela pessoa, valendo ressaltar que os usos em relação a ele podem ser vários, pois entra em jogo a questão do agenciamento das características identitárias (Rios 1997, p. 122).

O processo de identificação do orixá, quando aceito pela pessoa gera um dispositivo identificatório que faz com que a pessoa reforce características comumente atribuídas à divindade, reforçando a identificação (Augras, 1983 e Rios, 1997). Não obstante, a pessoa pode

não aceitar a adscrição e se retirar do terreiro, em busca de um orixá que lhe seja mais interessante (Rios, 2004).

No espiritismo, o ato do médium em revelar aos outros fiéis sobre os espíritos que estes últimos "carregam" é prenhe de expectativas. O que o adepto fará com a informação que lhe foi ofertada? Como "jogará" com os dados novos – e continuamente renovados – sobre suas companhias espirituais? Em meu campo, a presença de entidades "de pouca luz" junto aos fiéis é lida desde já como perturbadora. Neste caso, os espíritas oferecem a cura: a conversão através dos ritos desobsessivos. No caso do GEIU, eu era uma filha pródiga que voltava à casa trazendo elementos algo estranhos; na dúvida sobre minha adesão, era preciso que eu fosse, através de uma nova desobsessão, reconvertida.

10.3 EXUS, CABOCLOS E BEDUÍNOS DO DESERTO: NO GRUPO RAMATÍS

No mês de abril de 2007, eu também cheguei ao centro Bezerra de Menezes para iniciar a pesquisa de campo, e sabia que o primeiro passo seria falar com o presidente do centro, Sr. Amadeu. Ele me recebeu com amabilidade, e me falou da existência dos vários grupos do centro. Disse que existiam os trabalhos nas cabines de cura, que existia o centro Humberto de Campos, que utilizava o espaço do Bezerra de Menezes em algumas noites; que, além disso, existiam os grupos Ramatís e Ana Madalena. Mas me avisou que eu teria de obter a aprovação de Dr. Bezerra de Menezes, espírito, para efetuar a pesquisa, através da médium que o recepciona hoje, Dona Graça; ela teria ficado com essa tarefa no lugar de Irmão Cecílio, quando este desencarnou, há alguns anos atrás. Dessa forma, numa quarta-feira à noite eu fui ao centro para falar com Dr. Bezerra. Com mais de uma hora de espera, fui chamada. Na cabine de cura já estava, segundo me disseram, Dr. Bezerra, incorporado em Dona Graça. Havia também mais três trabalhadoras; eu entrei no meio de um atendimento e me mandaram que ficasse num cantinho da parede.

Notei que, mesmo antes de entrar nesta cabine, eu já estava sentindo mal, com uma imensa vontade de chorar, e um grande aperto no peito. Tentei, porém, me controlar. Depois do atendimento, todos na cabine olharam para mim, mas eu já chorava copiosamente no canto da parede. Dr. Bezerra me deitou na cama do atendimento e me deu um passe. Eu então fui me

acalmando aos poucos, e posso dizer que me senti muito bem. Sentei-me, e só então consegui dizer o que vinha fazer ali – a pesquisa sobre mediunidade. Dr. Bezerra me ouviu atentamente e me deu permissão: "você pode ver e participar do que quiser. Entrar onde quiser". E disse às trabalhadoras: "Ela é médium. Trouxe uma irmãzinha para a cabine". Uma delas respondeu: "quem sabe não irá ainda trabalhar com a gente aqui?". Eu agradeci a Dr. Bezerra. Despedi-me e saí.

Alguns dias após o episódio com Dr. Bezerra, tomei assento nas reuniões do Grupo Ramatís. Informando aos componentes deste grupo acerca de minha pesquisa desde o primeiro dia, durante algumas semanas ainda eu esclareci repetidas vezes, a pedido de alguns adeptos, sobre as preocupações centrais que me moviam. Minhas intervenções sobre os assuntos tratados eram avaliadas detidamente por alguns, ao ponto de dizerem "quero ver você responder a esta questão, vamos ver como se sai".

Com o passar do tempo e a minha permanência no grupo, sempre gravando as reuniões e anotando em caderninhos durante boa parte delas, percebi que a busca por identificar quem eu era, o que fazia ali e o que pensava foi dando lugar a uma solicitude que denotava certa preocupação com o que eu iria realmente escrever. Assim, trataram de me explicar com extremo cuidado os detalhes dos ritos, me entregaram em *cd-rom* inúmeros textos para que eu lesse, indicaram-me livros, enviaram-me material *de estudo* por e-mail, sugeriram-me um conjunto de sites na internet, para que eu pesquisasse sobre *os temas centrais abordados por Ramatís*, etc. Em determinada noite, Miriam me entregou as minhas diferenciais no grupo²⁷²; por sua vez, Andrea, uma das médiuns do Ramatís, frequentemente me lembrava: "você sabe que já faz parte da Grande Fraternidade Branca, não é?".

Era preciso repreender sobre espiritismo, porque quanto mais eu lia e anotava os rituais, mais havia para anotar. As entidades com as quais os ramatisianos lidavam diferiam sobremaneira daquelas que eu encontrava no GEIU. Luiz Antonio incluía ciganos e beduínos do deserto em sua prece. Eudione, sempre de lenços coloridos nos cabelos, apelidada de "cigana", me perguntava sobre os livros que eu havia lido sobre ciganos, assunto pelo qual se sentia

²⁷² O meu raio, o "sexto", de cor "rubi dourado", o nome da minha mestra, "Nada", o meu anjo, "Hahahiah", o meu número de sorte, "cinco", o meu salmo, o "nove", a influência do meu anjo, "ocultismo, revelações de mistérios, sonhos" e a "ação": "arte de cura física e mental, medicina, psicologia", informações fornecidas a Miriam pelo próprio Ramatís.

atraída. Fui convidada a assistir as reuniões do Grupo Atlan, também, e lá encontrei meus colegas do Ramatís, ansiosamente ouvindo sobre a importância dos extraterrestres e de Javé e de Lúcifer e de como a comitiva de Jesus já se encontrava em nosso sistema solar, pronta a desembarcar na terra, o que ocorreria a qualquer momento. Reunindo ainda atabalhoadamente os elementos destas crenças, eu me dispus a entrevistar Rogério, ao final de 2007. Ora, pelo meio da entrevista, Rogério me falava sobre sua vidência, e comentou, algo displicente:

Eu às vezes vejo ciganas que deveriam estar passeando pela Romênia, mas estão aqui dentro da minha sala (Rogério).

Eu me lembrei imediatamente da cigana de que me falava Claudiana. Ansiosa sobre sua interpretação daquele fato, indaguei ao final da entrevista: "você falou de uma cigana da Romênia, eu não entendi", e ele me respondeu que falou porque viu uma cigana comigo; só não sabia se ela era um espírito que me acompanhava ou se era eu mesma, em outra encarnação, sendo aquela então uma imagem do passado. Perguntei então sobre o que significava eu trazer a cigana, ao que ele respondeu: "Nada, oras. Não significa nada".

Como não significa nada, se no GEIU significava tanto? Que discrepância avaliativa era aquela? Durante quase toda a pesquisa eu matutei sobre esta pergunta. Só no processo de afastamento do campo é que consegui refletir com mais clareza. Era preciso decantar a experiência vivida, assentar as ideias. Não é repetição barata dizer que refletimos realmente no *a posteriori* do campo. É quando, de alguma forma, maturamos as ideias, ainda que muitas delas – e o meu trabalho é repleto disso – permaneçam pairando sem solução, apenas povoando as páginas de dados tão interessantes.

Desse modo, foi já quando escrevia este trabalho que entendi por que a Cigana, ainda que falasse de apreensão sobre a minha posição na ordem do mundo, não importava para Rogério. Para ele, a cigana ao meu lado não oferecia problemas, pois a preocupação deste médium é mais com as forças cósmicas em andamento e menos com a vida de um indivíduo. Ademais, espíritos “marginalizados” por vibrarem denso, como uma (pomba gira) cigana, racializados por tanto, podem ingressar positivamente nesta guerra, o importante é escolher um dos lados, do Bem ou do Mal.

Parece-me que minha cigana, ou eu mesma (em outra encarnação), era *do bem*, e, portanto, não merecia maiores preocupações. De certa forma, circular no Ramatís e no Atlan já afirmara meu lugar, o de divulgar, em outros contextos, a boa nova codificada pelos evangelistas e por Kardec, Chico Xavier, Ramatís e Jan Val Ellam.

Para além de pretos velhos, ciganas e outras entidades que me acompanharam pelo campo, importa ressaltar o fato de que, se afetei as pessoas a ponto de tentarem me localizar, através das entidades, na ordem do mundo e conforme esta é pensada em cada centro, eu também fui afetada. E já que os momentos em que me *descontrolei* em cenas mediúnicas são especialmente sugestivos, teço a seguir mais algumas considerações sobre isso.

10.4 DO "DEIXAR-SE AFETAR"

Em um texto de 2003, Marcio Goldman nos conta que, efetuando pesquisa de campo em Ilhéus, na Bahia, em certo sábado à noite, se dispôs a ajudar em um despacho de assentamentos, e, em seu carro, foi com dois ogãs e duas filhas-de-santo até um rio, onde foi jogada a caixa de objetos rituais; então as filhas-de-santo lançaram os gritos de seus orixás. Neste momento, conta, ele ouviu ao longe o som de instrumentos de percussão. Nada disso seria incomum se o lugar do despacho não estivesse completamente deserto. Algumas horas mais tarde, após conversar com um de seus informantes sobre os tais tambores, Goldman é levado a admitir, não sem certo desconforto, que aqueles tambores não eram deste mundo (Goldman, 2003, 446/447).

Diz também que, ao relatar posteriormente este evento a Tânia Stolze Lima, esta ponderou que ele "estava mesmo fazendo trabalho de campo", e mais: que ele e as pessoas do terreiro "escutavam os tambores pelas mesmas razões" (Goldman, op.cit, p. 448). Ora, Goldman, neste texto, relata – dentre outras coisas – o quão este evento foi revelador no sentido de indicar que ele foi *afetado*: ele ouviu os tambores – dos mortos – porque estava ali, envolvido, partilhando do mesmo lugar – emocional? Cognitivo? – dos adeptos do candomblé, os nativos, atores de sua pesquisa. E mais ainda, talvez Goldman tenha ouvido os tambores dos mortos porque conseguiu, de algum modo, por alguns instantes, experimentar outro mundo, aquele que os nativos de sua pesquisa experimentam cotidianamente.

A modalidade do "ser afetado", este certo modo de engajamento etnográfico que, pensando em termos de gradação, talvez se situe entre o "deixar-se levar" de que nos fala Cavalcanti (2003, p. 119) e a experiência do "go native" de Wacquant (2002) é analisado sob uma outra perspectiva por Favret-Saada (2005). Neste texto, ela narra a sua pesquisa de campo sobre feitiçaria efetuada no Bocage francês, em fins dos anos 1960. Para o que nos interessa aqui, importa ressaltar o exame que faz do processo que a levou a *aceitar ser afetada*, e a ocupar então um lugar neste sistema de feitiçaria.

Favret-Saada nos conta que, após um ano em campo, não podia dizer que havia caminhado muito na coleta de dados para o seu objeto. Por outro lado, relata também a curiosa ocorrência de seguidos eventos pessoais, de acidentes de carro a doenças. Relacionando-os ao movimento de ida ao campo, resolve aceitar, nos termos nativos, que está enfeitiçada, e é a busca pelo desenfeitiçamento que a leva a participar de uma centena de sessões mágicas, onde sua participação é ativa, tendo sido identificada como *alguém capaz de desenfeitiçar*.

Relata que, nessas sessões, era impelida a falar "não sei o quê", e que este falar era impelido por "alguma coisa" – e ela quase pergunta, acerca desta alguma coisa, que seria, "digamos, o afeto não representado". Este, digamos, afeto, a levava a dizer o que dizia, mesmo sem saber por que dizia justamente determinadas coisas e não outras.

Ora, se isto ocorria em "termos verbais", por outro lado, em "termos não-verbais" ela passava por distúrbios provisórios de percepção, "uma quase alucinação, ou uma modificação das dimensões", tudo isto "submersa num sentimento de pânico, ou de angústia maciça" (Favret-Saada 2005, p. 159). E continua, articulando os dois termos, verbais e não-verbais: "suponhamos que não lute contra esse estado, que o receba como uma comunicação de alguma coisa que não saiba o que é. Isso me impele a falar, mas da forma evocada anteriormente (...) ou a calar-me". (Favret-Saada 2005, p. 159)

Este não foi um processo tranquilo, é bom que se diga. Favret-Saada nos confidencia que o fato de tomar muitas notas, ao chegar em casa após as sessões, se devia muito à necessidade de acalmar sua angústia por ter-se "pessoalmente engajado" (Favret-Saada 2005, p. 158). Porém, alinhava, sem este engajamento a pesquisa não teria sido desenvolvida – não nos termos em que efetivamente foi. Deixar-se afetar, diz ela, abriu uma específica modalidade de comunicação com os nativos, "desprovida de intencionalidade". Uma comunicação verbal e não-verbal – como já

apontado – e balizada pelas regras do próprio sistema mágico que resolveu experimentar (Favret-Saada 2005, p. 159).

Nossa autora sustenta que há, na antropologia, uma atitude, ou de ignorar, ou de negar os afetos e a modalidade de ser afetado (Favret-Saada 2005, p. 155), porém, esclarece, a modalidade etnográfica do deixar-se afetar, não significa de nenhum modo concordar com o nativo (Favret-Saada 2005, p. 160). No seu caso, também não significou entrar em comunhão afetiva com este, em uma espécie de fusão, de identificação com o outro. Não significou tampouco compreender os afetos do nativo, algo impossível de ser realizado. Por outro lado, proporcionou a que ela mobilizasse e modificasse o seu próprio "estoque de imagens", o que a capacitou a pensar sobre este peculiar encontro etnográfico.

O trabalho de Favret-Saada nos ajuda a refletir sobre uma das mais importantes variedades da comunicação humana, aquela caracterizada precisamente pelos aspectos não verbais e involuntários da experiência do humano. Concedendo "estatuto epistemológico" a "essas situações de comunicação involuntária e não-intencional", Favret-Saada constrói sua etnografia, entendendo, por fim, a feitiçaria como um dispositivo terapêutico, e que, tal qual a terapia, ajuda as pessoas a resolverem seus problemas (Favret-Saada 2005, p. 158/159).

Porém, para perceber a feitiçaria sob este dispositivo, ela nos diz que foi além da análise do simbolismo, isto é, além da análise das sessões rituais de desenfeitiçamento propriamente, buscando compreender um conjunto de elementos que desbordam estas sessões, pois que acontecem antes e depois delas, sendo estes elementos tanto discursos "de conveniência" e "espontâneos" quanto práticas que não fazem parte especificamente do ritual, e, assinala, nada disto podia ser compreendido através da observação. Para fazê-lo, havia que deixar-se afetar (Favret-Saada 2005, p. 161).

Partindo de Favret-Saada, mas voltando a minha experiência de pesquisa, tendo a pensar que talvez haja diferentes formas, algumas delas mais adequadas do que outras, de o pesquisador ser afetado, e que esta diferenciação depende sempre das circunstâncias do trabalho de campo. Nos Irmãos Unidos, sabia-se que eu estava ali como pesquisadora, e não mais como trabalhadora ou paciente. Penso que isto levou a que as pessoas indagassesem sobre *onde eu pensava que estava*. A cigana apareceu como uma forma de me colocarem *no meu lugar*. Ora, os espíritas dizem que não se chega a uma casa espírita por acaso: quem chega, vem em busca de auxílio,

ainda que não saiba disto. Isto é ainda mais veemente para aquele que passou algum tempo afastado. Assim, eu não deveria me pôr – ainda – no lugar de um doutrinador, ou de um médium; meu lugar era hierarquicamente abaixo: eu deveria me tratar, a cigana ao meu lado indicava isto. Eu não poderia orientar ninguém, não poderia ser medianeira de ninguém, pois era eu a desequilibrada; eu, que já havia sido trabalhadora do centro, e agora voltava com o objetivo de estudar a todos; era eu que precisava ser olhada, não eles. Assim, as modalidades do ser afetada que manifestei – a de médium e a de doutrinadora – não eram adequadas para o grupo naquele momento, e sim outra, a de paciente, doente, necessitada.

Já no Bezerra, o fato de que, mesmo antes de dizer a que vinha – buscar aprovação para a pesquisa – ter demonstrado clara fragilidade – eu realmente chorei sem controle – me colocava em um lugar afetivo adequado: eu procurei o centro espírita para desenvolver a pesquisa, sim, Dr. Bezerra soube-o assim que tomei fôlego para falar; porém, antes disso, eu já havia me posto em meu lugar: o de doente. Assim, ficou claro para o grupo que, sim, minha pesquisa iria ocorrer, mas isto não era o mais importante; o elemento fundamental, diferencial até mesmo para a pesquisa acontecer a contento, era que *eu havia encontrado o meu caminho*: "quem sabe ela não irá ainda trabalhar com a gente aqui?".

10.5 A GUERRA ESPÍRITA OU O "MARTÍRIO DAS ALMAS": DE VOLTA ÀS VASSOURAS

Findo este trabalho perguntando se não é o *martírio das almas*, aludido na cantiga da pomba gira em epígrafe, o mesmo processo de *reforma íntima*, de *limpeza* dos corpos, dos seres, dos mundos, proclamado como caminho para a salvação no espiritismo. Através do *martírio*, enquanto exemplares e dolorosas mortificações da carne para a defesa da fé, os santos católicos ganham ingresso certo para uma vida plena no outro mundo. No catolicismo, o purgatório é lugar para as almas que cometem pecados mais brandos realizem o martírio necessário para chegar ao paraíso. Pomba gira das almas, conforme os umbandistas, habita, guarda e comanda o purgatório, que na versão espírita do outro mundo talvez fosse uma parte intermediária dos umbrais mais trevosos.

Como na cantiga, em minha trajetória de espírita, eu procurava (desde mesmo o episódio das vassouras invisíveis que limpavam a minha casa), pelos processos que concorrem para a reforma íntima. A Cigana parece ter querido me dar as respostas, se insinuando e cruzando meu caminho, se apresentando e me apresentando aos médiuns, provocando afetações recíprocas entre eu e meus interlocutores. Ao final, quando voltei para a análise de minha carreira mediúnica, percebi que foi ela quem me deu a chave para compreender que no espiritismo, antes de tudo, a reforma íntima (igualmente ao martírio das almas que fornece um bom lugar no outro mundo) é a *educação emocional* possibilitada pela desobsessão.

Assim, relendo minha própria trajetória no espiritismo à luz da etnografia dos grupos estudados e das carreiras dos médiuns, pude perceber como faz sentido dizer que essa religião articula, pela desobsessão, uma noção de mundo fundada na evolução e uma noção de pessoa onde mediunidade tem caráter central: a desobsessão atualiza o instituto da reforma íntima.

Trocando em miúdos, e voltando para uma das questões primordiais de meu objeto de estudo, "emoções e combate ao Mal no espiritismo", quero sugerir que, se nos grupos estudados – como era de se esperar – este combate se diga e se faça a partir mesmo da desobsessão, esta é mais do que uma sessão onde os espíritos incorporam nos corpos dos médiuns. Quero sugerir que a desobsessão pode ser pensada como um *dispositivo*, na medida em que é capaz de estabelecer articulação entre um conjunto de ideias e os acontecimentos do mundo, gerando sentidos sobre os seres e as coisas, de acordo com um *regime de poder* que este dispositivo institui, estabelecendo *posições identitárias* e criando *subjetividades* afeitas ao *sistema simbólico*, colocando-o, portanto, *em ação*.

O dispositivo da desobsessão está fundado na premissa de que existem dois mundos (material e espiritual) em relação, onde habitam seres que se encontram em grau variado de evolução. O lugar do ente na escala evolutiva é sinalizada nos corpos (espirituais e/ou físicos) pela *densidade de vibração*, que reverbera em emoções. Para evoluir, os seres devem praticar a caridade que os leva a crescer moralmente e ficarem menos densos e mais virtuosos emocionalmente. O espiritismo também afirma a possibilidade de contato entre os dois mundos via mediunidade, um mecanismo natural inscrito nos corpos dos seres encarnados. A mediunidade, quando não controlada pela religião que professam, vai se estabelecer pela afinidade das baixas vibrações em que entidades dos dois mundos se encontram, que por sua vez

serão expressas no descontrole emocional do médium – isto se configurando como uma obsessão. Nos centros, é ensinado aos médiuns como dar passividade às entidades espirituais, mesmo às menos evoluídas, sem a necessidade de cair em total descontrole, e de modo a que, quando os trabalhos mediúnicos terminem, o indivíduo não apenas se mantenha no padrão evolutivo aceitável, mas, porque naquele momento praticou a caridade, até, talvez, ascenda um pouco mais na escala.

Em outras palavras, o que se faz nos centros é, a todo tempo, de forma menos ou mais dramatizada, desobsessão: o *controle da mediunidade para colocá-la a serviço da caridade*. Fundado nessas premissas, o dispositivo da desobsessão vai incidir em diferentes dimensões corporais – cor de pele, posturas, gestos, roupas, arrumação dos cabelos, adereços, tom de voz etc. – que, por conseguinte, sinalizam – em termos nativos, vibram – sob certa emotividade. Estes indicadores são constantemente interpretados para aferir o grau de evolução da pessoa e, tautologicamente, reafirmar as diferentes premissas acima elencadas. Este processo, pode-se dizer, é *educação emocional*.

O grupo adeso executa a educação emocional, preconizada pela e para a reforma íntima, recorrendo às técnicas de si instituídas pelo pastorado cristão. Estabelecendo laços paradoxais entre doutrinadores e doutrinados, entre encarnados e desencarnados, entre seres mais evoluídos e menos evoluídos, chama-os à fala para desemboscar as emoções carnais e orientar as consciências para o progresso evolutivo, o que deve ser demonstrado nos corpos, em emoções virtuosas.

Já os não adesos estudados, mudando a inflexão quanto aos motores do processo, ou, em outras palavras, percebendo que forças estranhas (Satã, dragões etc.) vêm impedindo que a natural evolução se cumpra, ressituam o dispositivo da desobsessão em um plano onde coletividades são afetadas por uma guerra generalizada, qualitativamente diferenciada daquela abordada pelos adesos. Ora, assim como os adesos, os membros do Ramatís e do Atlan dizem tratar com seres de baixa moral, mas inteligentíssimos. Porém, com estes últimos (Satã, os magos negros, os dragões) as *técnicas de si*, usualmente utilizadas pelos adesos, não possuem eficácia; em seu lugar entram *técnicas de poder*, configurando o que fazem como uma guerra.

Neste campo religioso, onde diferentes modos de educação emocional são postos em ação, e talvez por que olhados no confronto mesmo que estabeleciam, as questões raciais, que vêm

marcando o espiritismo desde sua criação na França, ganham expressão analítica: é a partir de apreensões racializadas dos corpos que o dispositivo da desobsessão se atualiza e se completa, num entendimento deste e do outro mundo cingidos num processo civilizatório/evolutivo, onde os corpos (físicos e espirituais) acenam, na e pela linguagem das emoções, para o lugar do ente na ordem dos mundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABU-LUGHOD, Lila (1999). Veiled Sentiments. Honour and poetry in a bedouin society. Los Angeles, University of California Press.
2. ABU-LUGHOD, Lila (2006). Writing Against Culture. In MOORE, H. & SANDERS, T. (2006) Anthropology in Theory, issues in Epistemology. London: Blackwell.
3. ABU-LUGHOD, Lila (1993). Writing Women's Worlds: Bedouin Stories. Berkeley, University of California Press.
4. ANG, Ien (1990). Melodramatic Identifications: television fiction and women's fantasy. In: BROWN, Mary Ellen. (ed.) Television and Women's Culture – the politics of the popular. London, SAGE.
5. APPADURAI, Arjun (1990). Disjunção e diferença na economia cultural global. In: Featherstone, Mike (org). Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis, Vozes.
6. ARANHA FILHO, Jayme M. (1990). Inteligência Extraterrestre e evolução. As especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno. Mestrado. PPGAS/MN/UFRJ
7. ARAÚJO, Eveline Stella de. (2007). Médicos, médiuns e mediações: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFPR. Curitiba, Paraná.
8. AUBRÉE, Marion (1996). Transe: entre libération de l'inconscient et contraintes socioculturelles. In: GODELIER, M. & HASSOUN, J. (orgs.) Meurtre du Père, sacrifice de la sexualité: approches anthropologiques et psychanalytiques. Paris, Arcanes, p. 173-92.
9. AUBRÉE, Marion (1994). De l'Histoire au Mythe - La dynamique des romans spirites au Brésil, (in) J.B. Martin (org.) : Le Défi magique, éd. P.U.L., Lyon, (1994), p. 207-217 (vol. 1).
10. AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. (1990). La Table, Le Livre et l'esprits. Paris: J.C. Lattes.
11. AUGRAS, Monique. (1989). De Yíá a Pomba Gira: Transformações e Símbolos da Libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.) Meu Sinal Está no Teu Corpo: Escritos sobre a Religião dos Orixás. São Paulo. EDICON/EDUSP.
12. AUGRAS, Monique. 1983. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes.

13. AUGRAS, Monique. (2000). *O terreiro na academia*. In: MARTINS, C. & LODY, R. (orgs.) Faraímará – o caçador traz alegria: Mãe Stella, 60 anos de iniciação. Rio de Janeiro: Pallas.
14. AUSTIN, John L. (1990). Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação (tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre, Artes Médicas.
15. AZEVEDO, Juliana Rocha de (2003). João da Costa Machado: um psiquiatra potiguar humanista à frente de seu tempo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN.
16. BAIER, Annette (1995). Moral Prejudices: Essays on Ethics. Cambridge: Harvard University Press.
17. BAKHTIN, M., (1997). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC
18. BARROS, Rui Sá Silva (1999). Tomando o céu de assalto: Esoterismo, ciência e sociedade (1848-1914: França, Inglaterra e EUA). Dissertação de Mestrado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Fev/(1999)
19. BASTIDE, Roger. 1971 (1960). As Religiões Africanas no Brasil. SP: Pioneira.
20. BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. (1974). A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes.
21. BIRMAN, Patrícia (1982). O que é umbanda. São Paulo: Brasiliense.
22. BIRMAN, Patrícia (1995). Fazendo estilo criando gêneros. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
23. BOURDIEU, Pierre (1992). A Economia das Trocas Simbólicas. Coleção Estudos. 3.ed, São Paulo, Perspectiva.
24. BRADBURY, Ray (1980). As Crônicas Marcianas. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
25. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1980) Os deuses do povo. São Paulo: Brasiliense.
26. BRANDÃO, Maria do Carmo. e RIOS. Luís Felipe. (2001). O catimbó-jurema em Recife. In: R. Prandi (org.), Encantaria Brasileira. Rio de Janeiro: Pallas.
27. BRANDÃO, Maria do Carmo. e RIOS. Luís Felipe. (2002). El campo religioso afro-recifense contemporâneo: nuevos modelos religiosos y políticas de identidade. In: J. Monter (ed.), Integración social y cultural. Espanha: Universidade da Corunã.
28. BRANDON, Ruth. 1983. The Spiritualists: The Passion for the Occult in the Nineteenth and Twentieth Centuries, New York: Alfred A. Knopf, Inc.
29. BRAUDE, Ann. 2001. Radical Spirits: Spiritualism and Women's Rights in Nineteenth-Century America. Bloomington: Indiana University Press. ISBN 0253215021.

30. BRITTEN, Emma Hardinge. 1884. *Nineteenth Century Miracles: Spirits and their Work in Every Country of the Earth*. New York: William Britten.
31. BROWN, Diana (1974). Umbanda: politics of an urban religious movement. Tese de doutorado.
32. BRUCKNER, Pascal (2002). A Euforia Perpétua: Ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro, DIFEL.
33. BRUMANN, Christoph (1999). *Writing for Culture - Why a Successful Concept Should Not Be Discarded*. Current Anthropology Volume 40, Supplement, February (1999).
34. BRUNER, J. (1990). Actos de significado. Lisboa: Edições 70.
35. BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. (1994). Raízes do Brasil. 26ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio.
36. BUESCHER, John B. 2003. The Other Side of Salvation: Spiritualism and the Nineteenth-Century Religious Experience. Boston: Skinner House Books. ISBN 1-55896-448-7.
37. CALIMAN, L. (2006). *Dominando Corpos, Conduzindo Ações: genealogias do biopoder em Foucault*. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. (orgs.). Clio-Psyché – Subjetividade e História. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas.
38. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. (1961). Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica. SP: Pioneira.
39. CAMURÇA, Marcelo A. (2000), *Entre o cár mico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo*. Rhema. Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico St. Antônio, vol. 6, nº 23: 113-12.
40. CAMPBELL, Colin (2001). A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro, Rocco.
41. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2002). *Imagens de sofrimento e caridade no Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade*. RBSE Vol. 1 · Número 1 · Abril de (2002) ISSN 1676 (p. 88 a 96)
42. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2007). *Contação de causos e negociação da Verdade entre os Ave de Jesus*. 31º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS (2007). 22 A 26 DE OUTUBRO, Caxambu-MG.
43. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2008). *Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus*. Religião e Sociedade. 28(1): 146-175. Rio de Janeiro.
44. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2000). When Sadness Is Beautiful: A Study Of The Place Of Rationality And Emotions Within The Social Life Of The Ave De Jesus. University Of St. Andrews - School Of Philosophical And Anthropological Studies - Department Of Social Anthropology. (Tese de Doutorado).

45. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2004). *Quando O Final Dos Tempos Chegar: o uso de uma linguagem apocalíptica e negociação de significados entre os ave de Jesus.* In: MUSUMECI, Leonarda. *Antes do Fim do Mundo – Milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina.* RJ, Editora da UFRJ.
46. CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2005). *Investigações sobre o Amor Materno: sobre significados, experiências, afetos e práticas corporais na maternidade. Algumas notas para pesquisa.* *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção.* Volume 4 · Número 11 · Agosto de 2005.
47. CASCUDO, Luís da Câmara (1999). *História da Cidade do Natal.* 3 ed. Natal: IHGRN.
48. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (2003). *Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca.* In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas Urbanas – Desafios do trabalho antropológico.* RJ, Jorge Zahar.
49. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (1983). *O mundo invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo.* Rio de Janeiro, Zahar.
50. CHINELLATTO, Thais Montenegro (1989). *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester* (Dissertação de mestrado). Escola de Comunicações e Artes, USP.
51. CLIFFORD, J., (2002). *A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX.* Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
52. COELHO, Francisco Adolfo (1995). *Os Ciganos de Portugal.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.
53. CONTINS, Márcia & GOLDMAN, Márcio. (1985) *O caso da Pombagira. Religião e violência: Uma análise do jogo discursivo entre umbanda e sociedade.* *Religião e sociedade*, v. 11 no. 1, Rio de Janeiro.
54. CONTINS, Márcia. (1983) *O caso da Pombagira: Reflexões sobre crime, possessão e imagem feminina.* Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Museu Nacional.
55. CORTESÃO, Luíza & PINTO, Fátima (Orgs) (1995). *O Povo Cigano: cidadãos na sombra.* Porto, Edições Afrontamento
56. COSTA, J. F. (1995). *A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II.* 1^a edição. São Paulo: Escuta
57. COSTA, J. F. (1999). *Ordem Médica e Norma Familiar.* Rio de Janeiro: Edições Graal.
58. CRUZ, Inácio Manuel Neves Frade (2007). *Doutor Fritz Andou de Disco Voador: hibridizações e sincretismos na terapia espiritual de Chico Monteiro* (Dissertação de mestrado). Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião.
59. CVETKOVICH, Ann (1992). *Mixed Feelings: Feminism, Mass Culture and Victorian Sensationalism.* New Brunswick, N.J., Rutgers University Press.

60. DAMASIO, Sylvia. (1994). Da Elite Ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Brasil. RJ: Bertrand Brasil.
61. DaMATTA, Roberto (1987). Relativizando: uma introdução à antropologia social. RJ, Rocco.
62. D'ANDREA, Anthony (1997). *Entre o Espiritismo e as Paraciências: o caso da Projeciologia e a Experiência Fora do Corpo, Religião e Sociedade*, 18.
63. D'ANDREA, Anthony (1996). O Self Perfeito e a Nova Era: Individualismo e Reflexividade em Religiosidades Pós-Tradicionalis, Rio de Janeiro, Dissertação, Iuperj.
64. DANTAS, Beatriz Góis (1988). Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal.
65. DANTAS, Manoel, 1996 (1909). Natal daqui a cinquenta anos. Natal, Fundação José Augusto.
66. DAUSTER, Tania. 1986. *A Invenção do Amor: Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas.* In: S. Figueira (org.), Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 99-112.
67. DE SOUZA, V. S. (2008). *Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugenico brasileiro dos anos 1910 e 1920.* Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul/dez (2008).
68. DELUMEAU, Jean (1997). Mil anos de felicidade: uma história do paraíso. São Paulo, Companhia das Letras.
69. DELUMEAU, Jean (2003). O que sobrou do paraíso? São Paulo, Companhia das Letras.
70. DOUGLAS, Mary (1976). Pureza e Perigo. SP, Perspectiva, 1976.
71. DOUGLAS, Mary (1970). Natural Symbols. Londres, Barrie & Rockcliff, The Cresset Press.
72. DUARTE, Luiz Fernando Dias (2003). *Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira.* Comunicação apresentada ao Seminário Religião e Sexualidade: Convicções e Responsabilidades, Rio de Janeiro, (2003).
73. DUARTE, Luiz Fernando Dias (1981). *Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos.* Boletim do Museu Nacional – Nova Série, n. 36.
74. DUARTE, Luiz Fernando Dias (1983). *Três ensaios sobre pessoa e modernidade.* Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional – Nova Série, n. 41.
75. DUARTE, Luiz Fernando Dias (1986). Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

76. DUARTE, Luiz Fernando Dias (1987). *Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas*. In, Leite Lopes, J. S. (Org.), Cultura & identidade operária, Rio de Janeiro, Marco Zero/Ed. UFRJ, pp. 203 a 226.
77. DUARTE, Luiz Fernando Dias (1999). *O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais, org. Heilborn, M. L., pp. 21-30. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
78. DUARTE, Luiz Fernando Dias (2006). Notas de aula. Disciplina "Família e natureza na cultura ocidental moderna". UFRN, PPGAS.
79. DUARTE, Luiz Fernando; JABOR, Juliana; GOMES, Edlaine; LUNA, Naara (2004). *Família, Reprodução e Ethos Religioso: uma pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra.
80. DUMONT, Louis (1985). O Individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco
81. DURKHEIM, Émile. (1996). As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo, Martins Fontes.
82. ELIADE, Mircea. 2001. O Sagrado e o Profano. SP, Martins Fontes.
83. ELIAS, Norbert. (1990). O Processo Civilizador I – Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
84. ELIAS, Norbert. (1993). O Processo Civilizador II – Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
85. ENRIQUEZ, E., (2001). *O papel do sujeito humano da dinâmica social*. In: MACHADO, M.; CASTRO, E.; ARAÚJO, J. & ROEDEL, S. (Orgs.), Psicossociologia. Análise social e intervenção. (pp. 27-44). Belo Horizonte: Autêntica.
86. FAVRET-SAADA, Jeanne (2005). *Ser afetado*. (Tradução de Flavia Siqueira). Cadernos da Campo, n. 13, ano 14, 2005 – São Paulo: USP/FFLCH. (Texto original: FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Aff ecté”. In: Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, 8. pp. 3-9).
87. FONSECA, Isabel (1995). Enterrem-me em Pé. A longa Viagem dos ciganos. São Paulo: Companhia das Letras.
88. FOUCAULT, Michel (1994). *As técnicas de si*. In: Espaço Miguel Foucault. disponível no site <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>, acessado no dia 23 de setembro de 2007.
89. FOUCAULT, Michel (1988). História da sexualidade I: a vontade de saber. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal.
90. FOUCAULT, Michel (1984). História da sexualidade II: O uso dos prazeres. 10.ed. Rio de Janeiro, Graal.

91. FOUCAULT, Michel (2005). História da sexualidade III: o cuidado de si. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal.
92. FOUCAULT, Michel (1987). *O combate da castidade*. In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (Orgs.) Sexualidades ocidentais. São Paulo: Editora Brasiliense.
93. FOUCAULT, Michel (2006). "Omnès et singulatim" para uma crítica da razão política. In: Ditos e escritos - Volume IV : Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro : Forense Universitária.
94. FOUCAULT, Michel (1995). *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
95. FRASER, Angus (1997). História do Povo Cigano. Lisboa: Editorial Teorema.
96. FREYRE, Gilberto. (1966). Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 14ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.
97. FREYRE, Gilberto. (1990). Sobrados e Mocambos. Rio de Janeiro, Record.
98. FREYRE, Gilberto. (1990a). Ordem e Progresso. Rio de Janeiro, Record.
99. GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel (1998). *O Afogado Mais Bonito do Mundo*. in: A Incrível e Triste História da Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada. Rio de Janeiro, Record.
100. GEERTZ, Clifford (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
101. GEERTZ, Clifford (2001). Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
102. GEERTZ, Clifford (2005). Obras e vidas – o antropólogo como autor. 2. ed. Editora da UFRJ.
103. GEERTZ, Clifford (2004). Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
104. GEERTZ, Clifford (1998). O saber local. Novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.
105. GIUMBELLI, Emerson (2002). *Zélio de Moraes e as origens da umbanda*. In: SILVA, Vagner Gonçalves (org.), Caminhos da Alma: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus.
106. GIUMBELLI, Emerson (1997a). O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo. RJ: Arquivo Nacional.
107. GIUMBELLI, Emerson (2003). *O "Baixo Espiritismo" e a História dos Cultos Mediúnicos*. In: Horizontes Antropológicos. Julho/(2003), vol.9, no.19: 247-281. ISSN 0104-7183.

108. GIUMBELLI, Emerson (1997b) *Heresia, Doença, Crime ou Religião: o Espiritismo no Discurso de Médicos e Cientistas Sociais*. Revista de Antropologia. vol.40, no.2: 31-82. ISSN 0034-7701
109. GIUMBELLI, Emerson (1995). *Em Nome da caridade: assistência social e religião nas instituições espíritas*. Vol.I. Projeto Filantropia e Cidadania. Núcleo de Pesquisa – ISER. Rio de Janeiro.
110. GÓES, Maria Conceição Pinto (2000). A apostila de Luiz Ignácio Maranhão Filho: católicos e comunistas na construção da utopia. Rio de Janeiro, Revan/UFRJ.
111. GOLDMAN, Marcio (2005). *Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia*. Cadernos da Campo, n. 13, ano 14, 2005 – São Paulo: USP/FFLCH.
112. GOLDMAN, Marcio (2003). *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. Revista de Antropologia v.46 n.2, SP.
113. GREENFIELD, Sidney (1999). Cirurgias do além: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais. Petrópolis, Vozes.
114. GREENFIELD, Sidney (1992). *O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais*. Religião e Sociedade, nº 16/1-2.
115. HARAWAY, Donna (2004). "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: Cadernos Pagu no.22 Campinas Jan./June (2004)
116. HARAWAY, Donna (1995). *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n 5.
117. HUMPHERRYS, L., (1997). *The sociologist as voyeur*. In: GELDER, K. & THORNTON, S. (eds.) The Subcultures Reader. London: Routledge.
118. JUNKER, B., (1991). *Situação do trabalho de campo: papéis sociais para observação*. In: A importância do trabalho de campo: introdução às Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Lidor.
119. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2005). A Antropologia das Emoções no Brasil. RBSE • Vol. 4 • nº 12 • dezembro de 2005.
120. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2002). *Confiança e sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença*. in: RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção Vol1, N.2, Ago/(2002) (p.151–181).
121. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1986). “Trabalho e disciplina, Os homens pobres nas cidades do Nordeste”. In, Hardman et all, Relações de Trabalho & Relações de Poder. Mudanças e permanências. Fortaleza, Imprensa Universitária, pp. 134 a149.
122. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1988). “Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça”. In, Motta, Alda Brito da et all. Nordeste o que há de novo?. Natal, Ed. Universitária, pp. 147 a 150.

123. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1993). "Luto, pobreza e representações da morte". In, Ximenes, Tereza, org., Novos paradigmas e realidade brasileira. Belém, UFPA/NAEA, pp. 281 a 292.
124. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1996). "Cultura e Subjetividade. Questões sobre a relação Luto e Sociedade". In, Mauro Guilherme Pinheiro Koury e outros (Orgs), Cultura & Subjetividade. João Pessoa, Editora Universitária, pp. 29 a 46.
125. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1998). Imagens & Ciências Sociais. João Pessoa, Ed. Universitária.
126. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1999). "A dor como objeto de pesquisa social". Ilha, Revista de Antropologia, nº 0, pp. 74 a 84.
127. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2001). Imagem e Memória. Ensaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro, Garamond.
128. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.1, n.1, pp.95 a 107, <http://www.rbse.rg3.net>.
129. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002a). "Confiança e sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença". Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.1, n.2, pp.171 a 205, <http://www.rbse.rg3.net>.
130. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003). Sociologia da emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, Vozes.
131. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003a). "Rasguei o teu Retrato. A Apropriação da Fotografia como Expressão de Sentimento". Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.2, n.5, pp.188 a 222, <http://www.rbse.rg3.net>.
132. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003c). "O local enquanto elemento intrínseco da pertença". In, Leitão, Cláudia, Org., Gestão Cultural. Significados e dilemas na contemporaneidade. Fortaleza, Banco do Nordeste, pp. 75 a 89.
133. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2004). Introdução à sociologia da emoção. João Pessoa, Manufatura / GREM.
134. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2005b). "Pertença, Redes de Solidariedade e Medos Corriqueiros. O bairro de Varadouro da cidade de João Pessoa, Pb pelos seus moradores". Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, n. 10, pp. 42 a 59. <http://www.rbse.rg3.net>.
135. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2005c). "Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos". Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, n. 11, pp. 148 a 156. <http://www.rbse.rg3.net>.
136. LAQUEUR, Thomas (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

137. LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion (1990). La table, livre et les esprits: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil. Paris: J. C. Lattès.
138. LÉVY, André. (2001) Ciências Clínicas e Organizações Sociais: sentido e crise do sentido. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC.
139. LE BRETON, D. (2009). As Paixões Ordinárias - Antropologia Das Emoções. Petrópolis: Vozes.
140. LE BRETON, David. (2006). Sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes
141. LEWGOY, Bernardo (2008). *A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial.* Religião & Sociedade. Vol.28 no.1 Rio de Janeiro Julho/2008
142. LEWGOY, Bernardo (2000). Os Espíritas e as Letras: Um Estudo Antropológico Sobre Cultura Espírita e Oralidade no Espiritismo Kardecista. (2000). SP: FFLCH-USP (Tese de Doutoramento).
143. LEWGOY, Bernardo (2004a). *Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita.* Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 255-282, jul.-dez.
144. LEWGOY, Bernardo (2004b). O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: Edusc.
145. LEWGOY, Bernardo (2006a). *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista - Antigas e novas configurações.* Civitas, Porto Alegre v. 6 n. 2 jul.-dez. (2006) p. 151-167
146. LEWGOY, Bernardo (2006b). *Incluídos e letrados. Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no censo de 2000.* In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, p. 173-188.
147. LEWGOY, Bernardo 2001. *Chico Xavier e a Cultura Brasileira.* In: Revista de Antropologia. SP: USP, 2001, V. 44 nº 1.
148. LEWGOY, Bernardo (2003). *O Mal à Moda Espírita: as estruturas narrativas da desobsessão.* In: Debates do NER – IFCH/UFRGS/PPGAS. Porto Alegre, ano 4, n. 4, julho de (2003).
149. LEVY R, ROSALDO M, editores. (1983). Ethos.11(3).
150. LEWIS, Ioan. (1977). Extase Religioso. SP: Perspectiva.
151. LOPES, Edmilson Jr (1997). A Construção Social da Cidade do Prazer. Urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal (RN). Tese de doutorado. IFCH, Campinas, Unicamp.

152. LUTZ, Catherine & ABU-LUGHOD, Lila (orgs.) (1990). Language and the Politics of Emotion. Cambridge: Cambridge University Press.
153. LUTZ, Catherine e WHITE, Geoffrey. (1986). *The Anthropology of Emotions*. Annual Review of Anthropology, 15:405-436.
154. LUTZ, Catherine. (1988). Unnatural Emotions: Everyday Sentiments in a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory. Chicago: The University of Chicago Press.
155. MACHADO, Ubiratan. (1997). Os Intelectuais e o Espiritismo. 2.ed. Lachâtre, Niterói, RJ.
156. MADUREIRA, Antoinette de Brito (2003). Gênero, religião e serviço social ou a moça boazinha que tem pena dos pobres: assistentes sociais e a prática da caridade em casas espíritas kardecistas de Natal - RN. Relatório de Pesquisa. DESSO/UFRN.
157. MADUREIRA, Antoinette de Brito. (2004). Caridade e Mediunidade em Centros Espíritas de Natal. Relatório de Pesquisa. Curso de Especialização em Antropologia – Práticas Culturais Contemporâneas. DAN/CCHLA/ UFRN. Natal, junho/(2004).
158. MADUREIRA, Antoinette de Brito (2008a). Famílias no além-túmulo: sexo e controle das emoções no espiritismo. Congresso ALA. Costa Rica.
159. MAGNANI, José Guilherme Cantor (1999). Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel.
160. MAGNANI, José Guilherme Cantor (1999). O Xamanismo Urbano e a Religiosidade Contemporânea. Religião e Sociedade, 20(2): 113-140. Rio de Janeiro.
161. MARIZ, Cecília Loreto e MACHADO, Maria das Dores Campos (1998). *Mudanças recentes no campo religioso brasileiro*. In: Antropolítica. Niterói, n. 5, p. 21-43, 2. sem. (1998).
162. MARIZ, Cecília Loreto (1997). *A Teología da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografía*. in: VII Jornadas sobre Alternativas Religiosas en Latinoamérica - Asociación de Cientistas Sociales de la Religión en el Mercosur. 27 al 29 de Noviembre de (1997). Ponencias publicadas por el Equipo NAyA - <http://www.naya.org.ar/>
163. MARIZ, Cecília Loreto (2006). *Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*. In: TEIXEIRA, F. e MENEZES, R. (org.). As religiões no Brasil:continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes.
164. MARIZ, Cecília Loreto 2001. *Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger*. In: Religião e sociedade. 21(1), p. 25-39.
165. MARRE, J., 1991. *História de vida e método biográfico*. In: Cadernos de Sociologia. Porto Alegre, v.3, no.3, p.89-141, jan./jul.

166. MAUSS, Marcel (1981). *A Expressão Obrigatória dos Sentimentos*. In: Sérvulo A. Figueira (org.), Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. pp. 56-63.
167. MAUSS, Marcel (2001). Ensaios de Sociologia. 2.ed. São Paulo, Perspectiva (Coleção Estudos).
168. MAUSS, Marcel (2003). Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify.
169. MAUSS, Marcel (1974). *Relações Reais e Práticas entre Psicologia e Sociologia*. In: Sociologia e Antropologia (vol. I). São Paulo: E.P.U./EDUSP. pp. 177-206.
170. MEAD, George H., (2002). The philosophy of the present. New York: Prometheus Books.
171. MENEZES, J. A. (2002). *Cuidado de Si e Gestão da Vida: da ética grega ao biopoder*. Revista do Departamento de Psicologia da UFF. 14 (2), p. 95-109.
172. MEYER, Marlyse (1993). Maria Padilha e toda sua quadrilha: de amante de um rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda. São Paulo, Duas Cidades.
173. MIGUEL, Sinuê (1990). *Espiritismo e política: o compasso dos espíritas com a conjuntura dos anos 1930/1940*. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 10, n.15, p.39/70, Jan/Jun.2009.
174. MOTTA, Roberto (2004). *Transe do Corpo e Transe da Palavra em Religiões Brasileiras*. Trabalho apresentado ao Fórum de Pesquisa 26, "Religiões de Transe no Brasil Contemporâneo: Problemas de Interpretação" da 24a Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Olinda, junho de (2004).
175. MOTTA, Roberto Mauro Cortez. 1977. *As Variedades do Espiritismo Popular na Área do Grande Recife: ensaio de classificação*. In: Boletim da Cidade do Recife. no. 02, Recife , pp 97-114.
176. MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org) (1994). As Senhoras do Pássaro da Noite. São Paulo, Editora da USP/Axis Mundi
177. ONOFRE JR. (2002). Guia da Cidade do Natal. Natal (RN), EDUFRN
178. ORTIZ, Renato (1999). A morte branca do feiticeiro negro. 2.ed. São Paulo: Brasiliense.
179. PARKER, R. (1991) Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller.
180. PARKER, R.; HERDT, G.; CARBALLO, M., (1995). *Cultura sexual, transmissão do HIV e Pesquisas sobre AIDS*. In: CERESNIA, D.; SANTOS, E.; BARBOSA, R.; MONTEIRO, S. (orgs) AIDS: Pesquisa social e educação. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO.

181. PÊCHEUX, M., (1990). *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (org.) Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP
182. PÊCHEUX, M. & FUCHS, C., (1990). *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas* In: GADET, F. & HAK, T. (org.) Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux.Campinas, UNICAMP.
183. PEIRANO, M., (1995). A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
184. PIERONI, Geraldo (2000). Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas. Os Degredados no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Fundação Biblioteca Nacional
185. PITANGUI, Jaqueline 1985. *O Sexo Bruxo*. in: Religião e Sociedade 12/2. RJ, ISER/CAMPUS. outubro/1985
186. POLSK. N., (1997). *Research method, morality and criminology*. In: GELDER, K. & THORNTON, S. (eds.) The Subcultures Reader. London, Routledge.
187. PRANDI, Reginaldo 1991. Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo, Hucitec-EDUSP
188. RABELO, Miriam (2008) *A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica*. MANA 14(1): 87-117.
189. REDDY, William M. (1997). *Against Constructionism: The Historical Ethnography of Emotions*. in: Current Anthropology Volume 38, Number 3, June (1997)
190. RESENDE, Claudia Barcellos (2002). *Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções*. In: Mana v.8 n.2 Rio de Janeiro out. (2002)
191. PRANDI, Reginaldo (1996). *Pombagira e as faces inconfessas do Brasil*. in: Herdeiras do Axé. São Paulo, Hucitec. Capítulo IV, pp. 139-164
192. RIEFF, Ph. (1968) The triumph of the therapeutic: uses of faith after Freud, New York, Harper & Row.
193. RIOS, Luís Felipe (1997). Loce, Loce, Metá Rê Lê! Homossexualidade e transe(tividade) de gênero no candomblé-de-nação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE), para obtenção do grau de Mestre em antropologia. Orientadora: Profª. Dr.^a Maria do Carmo Tinoco Brandão. PPGA/UFPE, Recife.
194. RIOS, Luís Felipe (1998). *O cabaré de Júlia Galega: uma abordagem do corpo-lúdico nas festas de jurema*. In: Repertório: teatro e dança. N.º 1. Salvador: Ed. Universitária.
195. RIOS, Luís Felipe (2000). *A fluxização da umbanda carioca e do candomblé baiano em Terras Brasilis e a reconfiguração dos campos afro-religiosos locais*. In: Ciudad

- Virtual de Antropología y Arqueología. Congresso Virtual (2000). [http://www.naya.org.ar/congreso\(2000\)/ponencias/Luis_Rios.htm](http://www.naya.org.ar/congreso(2000)/ponencias/Luis_Rios.htm) (11/09/2002).
196. RIOS, Luís Felipe (2008). *Corpos e prazeres nos circuitos de homossociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro.* Ciênc. saúde coletiva, 13(2): 465-475.
197. RIOS, Luís Felipe (2004) O Feitiço de Exu - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblestas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Tese de doutorado (Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
198. RIOS, L. F. e NASCIMENTO, Í. F. (2007) *Homossexualidade e Psicoterapia Infantil: possibilidades e desafios para a construção dos direitos sexuais na clínica psicológica.* Revista de Psicologia Política. 7 (13) Recuperado em 6 de outubro de (2008) de www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticlephp?id=36&layout=html&mode=preview.
199. RIOS, Luís Felipe, PARKER, Richard e TERTO JUNIOR, Veriano 2009. *Sobre as inclinações carnais: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal.* (no prelo)
200. RIOS, Luis Felipe; AQUINO, Francisca Luciana; MUÑOZ-LABOY, Miguel; OLIVEIRA, Cinthia; PARKER, Richard. *Católicos, fidelidade conjugal e AIDS: entre a cruz da doutrina moral e as espadas do cotidiano sexual dos adeptos.* In: Debates do NER. Vol. 1, No 14, (2008).
201. RIOS, Luís Felipe; PAIVA, Vera; MAKSDUD, Ivia; OLIVEIRA, Cinthia; CRUZ, Claudia Maria da Silva; DA SILVA; Cristiane Gonçalves; TERTO JR; Veriano; PARKER, Richard. *Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens.* In: Psicologia em. estudo. v.13 n.4 Maringá ago./dez. (2008)
202. RODRIGUES, José Carlos. O Corpo na História. 1ª reimpressão. RJ, Fiocruz, 2001.
203. ROSALDO, Michelle Z. 1984. "Toward an Anthropology of Self and Feeling". In: Culture Theory: Essays on Mind, Self, and Emotion. Richard A. Shweder and Robert A. Levine, eds. Pp. 137-157. Cambridge: Cambridge University Press.
204. ROSALDO, M. 1980. Knowledge and Passion: Ilongot Notions of Self & Social Life. Cambridge: Cambridge University Press
205. SAHLINS, Marshall (2003). *A tristeza da doçura: a antropologia nativa da cosmologia ocidental.* Teoria e Sociedade n. 11.2, julho/dezembro de (2003). UFMG, Belo Horizonte.
206. SAHLINS, Marshall (2004). *Experiência individual e ordem cultural.* In: Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
207. SAHLINS, Marshall (1990). Ilhas de História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

208. SANTANA, I. H. B. (2009) Entre o Panthéon e a Delegacia de Polícia: a atuação de psicólogos jurídicos em casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
209. SANTOS, J. L. (1997) Espiritismo, uma religião brasileira. São Paulo, Moderna.
210. SCHWARCZ, Lila. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
211. SEGATO, R., (1995). Santos e daimones. Brasília: Editora UnB.
212. SILVA, Vagner Gonçalves (2000a). O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP.
213. SILVA, Vagner Gonçalves (2000b). *Observação participante e escrita etnográfica.* In: FONSECA, M. (org.) Brasil Afro-Brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica.,
214. SIMMEL, Georg. (1964). *Faithfulness and Gratitude.* In: K. Wolff (org.), The Sociology of Georg Simmel. New York/ London: Free Press. pp. 379-395.
215. SIMMEL, Georg. (1993). A Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes.
216. SMITH JR, Clyde (1993). Trampolim para a Vitória. UFRN, Natal, Editora Universitária
217. SOARES, Luís Eduardo. 1979. *O Autor e Seu Duplo: A Psicografia e as Proezas do Simulacro.* In: Religião e Sociedade. v. 4 (p.121/140).
218. STEFANO, Waldir. *Relações entre eugenio e genética mendeliana no Brasil.* Octavio Domingues: In: Martins, E. A.; Martins, L. A. C. O; Silva. C. C.; FEREERIA, J. M. H. (Eds.). Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º. Encontro. Campinas. AFHIC, (2004). Pp. 486-495
219. STEPAN, Nancy. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. Rios de janeiro: Editora Fiocruz, (2005).
220. STEPAN, Nancy Leys (2004). Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN e ARMUS (orgs). Cuidar, Controlar, Curar: Ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. RJ, Fiocruz. Coleção História e Saúde.
221. STOLL, Sandra Jacqueline (1999). Entre Dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em antropologia da USP. São Paulo.
222. STOLL, Sandra Jacqueline (2003). Espiritismo à brasileira. São Paulo, Edusp/Orion.
223. STOLL, Sandra Jacqueline (2004). Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. Estudos Avançados 18 (52).

224. STOLL, Sandra Jacqueline (2008). "Pessoa, memória e bio-grafia: o espiritismo e a escrita da morte". in: Simpósio 21 – Narrativas sobre morte, post-mortem, corpo e espírito. II Congresso Latino-americano de Antropologia. Universidade da Costa Rica, 28-31 julho/(2008).
225. STOLL, Sandra Jacqueline (2002). Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, vol.45 n.2.
226. STUDART, Heloneida (2006). Luiz, o Santo Ateu. Natal: Editora da UFRN.
227. TEIXEIRA, M., 1987. Lorogun: identidades sexuais e poder no candomblé. In: Moura, M. Candomblé, desvendando identidades. Rio de Janeiro: EMW.
228. TERTO JR, V., (1997). Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e AIDS no Brasil. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.
229. TERTO JR. V., 2000. As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e Aids. In: Sexualidade, gênero e sociedade. Número 14 – Dezembro de 2000. Rio de Janeiro: IMS.
230. THOMAS, Keith (1988). O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras.
231. TURNER, Victor W. 1974. Liminaridade e "Communitas". In: O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura. Petrópolis, Vozes.
232. VAN GENNEP, Arnold 1978. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.
233. VANCE, Carole (1995). A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis: revista de saúde coletiva. V. 5, n.º 1. Rio de Janeiro: IMS-UERJ/Relume-Dumará.
234. VANCE, Carole (1989). Social Construction Theory: Problems in the History of Sexuality. In: ALTMAN, D. et alii. (ed.) Homosexuality, Which Homosexuality? Londres: Gay Men's.
235. VELHO, Gilberto. 1991. Indivíduo e Religião na Cultura Brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crença. In: Novos Estudos CEBRAP 31, p. 121-129. outubro/1991.
236. VERGER, Pierre (1994). Grandeza e Decadência do Culto de Iyami Osoronga (minha mãe feiticeira) entre os Yoruba. in: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org). As Senhoras do Pássaro da Noite. São Paulo, Editora da USP/Axis Mundi.
237. VÍCTORA, C.; KNAUTH, D. E HASSEN, M., 2000. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial.
238. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (2002). O nativo relativo. Mana vol.8 n.1 RJ, abril (2002).

239. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. 1977. "Romeu e Julieta e a Origem do Estado". In: G. Velho (org.), Arte e Sociedade: Ensaios de Sociologia da Arte. Rio de Janeiro: Zahar. pp.130-169.
240. WACQUANT, Loïc (2002). Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
241. WARREN, Donald (1984). A terapia espírita no Rio de Janeiro. Religião e sociedade, Rio de Janeiro, 11(3): 56-83, dezembro, 1984.
242. WEBER, Max (2000). Economia e Sociedade - Fundamentos da Sociologia Compreensiva. 4.ed. Brasília, Editora da UNB.
243. WEBER, Max (1989). "A objetividade do conhecimento nas ciências sociais". In: G. Conh (org.), Weber. São Paulo: Ática.
244. WEBER, Max (2004). A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras.
245. WILLIS, P., (1997). Theoretical confessions and reflexive method. In: GELDER, K. & THORNTON, S. (eds.) The Subcultures Reader. London: Routledge.

OBRAS RELIGIOSAS

246. ARMOND, Edgard (1995). Os Exilados da Capela. 30.ed. SP, Editora Aliança.
247. AZEVEDO, José Lacerda (1990). Espírito/Matéria. SP, Editora Pallotti.
248. BLAVATSKY, Helena Petrovna (1973). A Doutrina Secreta Vol. I - Cosmogênese. Editora Pensamento.
249. CARVALHO, Vera Lúcia Marinzeck (1993). Violetas na Janela (espírito Patrícia). São Paulo, Petit.
250. COSTA, Vitor Ronaldo (2008). Desobsessão e Apometria. RJ, O Clarim.
251. CUNNINGHAM, Scott (2002). Vivendo a Wicca: Guia Avançado para o Praticante Solitário. São Paulo: Gaia.
252. DENIS, Léon (1985). O Problema do Ser, do Destino e da Dor. 13.ed. Rio de Janeiro, FEB.
253. DOYLE, Arthur Conan (1990). História do Espiritismo. Brasília, FEB.

254. ELLAM, Jan Val (1996) Reintegração Cósmica. (Trilogia Queda e Ascensão Espiritual Livro 1). 2.ed. Navegar Editora.
255. ELLAM, Jan Val (1997) Caminhos Espirituais - Livre Arbítrio (Trilogia Queda e Ascensão Espiritual Livro 2). Editora Zian.
256. ELLAM, Jan Val (1998) Carma e Compromisso - Filhos das Estrelas (Trilogia Queda e Ascensão Espiritual Livro 3). Editora Zian.
257. FEB – FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (1996). "Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade". Folheto de campanha de divulgação do espiritismo da FEB. Aprovado pelo Conselho Federativo Nacional em 1996.
258. FERREIRA, Arthur Felipe (1997). Ramatís, sábio ou pseudo-sábio? Capivari, Editora Opinião E.
259. GARDNER, Gerald (2003). A Bruxaria Hoje. São Paulo: Madras.
260. GODINHO, J. S (2009). Apometria: A Nova Ciência da Alma. SP, Holus.
261. GODINHO, J. S (2008). INICIAÇÃO APOMÉTRICA - Terapêutica Medianímica. SP, Holus.
262. GODINHO, J. S (2002). Mediunidade e apometria. SP, Holus.
263. KARDEC, Allan (1995a). Obras Póstumas. 27.ed. Brasília, FEB.
264. KARDEC, Allan (1996). O Evangelho segundo o espiritismo. São Paulo: Petit.
265. KARDEC, Allan (1997). O Livro dos Espíritos. 79.ed. Brasília, FEB.
266. KARDEC, Allan (1993). O Livro dos Médiuns, ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores. 60. ed. RJ, FEB
267. KARDEC, Allan (1995b). O céu e o inferno ou a justiça divina segundo o espiritismo. 40.ed. Brasília, FEB.
268. LEAL, Wallace (1975). Katie King. São Paulo, Editora O Clarim.
269. MAES, Hercílio (2002) O Sublime Peregrino (espírito Ramatís). RJ, Editora do Conhecimento.
270. MAES, Hercílio (1996). Mensagens do Astral. (espírito Ramatís). RJ, Freitas Bastos.
271. MONTEIRO, Chico (1995). Eu viajei num disco voador. Miraí, Editora Mirahí.
272. PINHEIRO, Robson. (2006). Legião: um Olhar Sobre o Reino das Sombras (Espírito Angelo Inácio). SP, Casa dos Espíritos.
273. PINHEIRO, Robson. (2008). Senhores da Escuridão (Espírito Angelo Inácio). SP, Casa dos Espíritos.

274. PRIETTO, Claudiney (2001). Wicca: a Religião da Deusa. São Paulo: Gaia.
275. RANIERI, Rafael (1997). O Abismo. (espírito André Luiz). 12.ed. Guaratinguetá, Editora da Fraternidade.
276. ROMO, Carmen e ROMO, Rodrigo (2002). Confederação Intergaláctica II: a Cosmogênese dos Criadores. SP, Madras.
277. ROMO, Rodrigo (1999). Eu Sou: a Fonte da Consciência Cósmica. SP, Madras.
278. SAURIN, Yannick. Apostila de apometria. (Digitado). s/d.
279. SAURIN, Yannick. Dicionário de apometria. (Digitado). s/d
280. SCHUBERT, Suely Caldas. (1994). Obsessão/Desobsessão: profilaxia e terapêutica espíritas. 9. Ed. RJ: FEB
281. XAVIER, Francisco Cândido (1938). Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (pelo espírito Humberto de Campos). Brasília, Federação Espírita Brasileira.
282. XAVIER, Francisco Cândido (1983). Nosso lar (pelo espírito André Luiz). Brasília, Federação Espírita Brasileira.
283. XAVIER, Francisco Cândido (1999). A Caminho da Luz. (pelo espírito André Luiz). 24.ed, Brasília, FEB.
284. WANTUIL, Zéus. 1994. As Mesas Girantes e o Espiritismo. 3 ed. Brasília, FEB.
285. WORM, Fernando. (1996). A ponte: diálogos com Chico Xavier, São Paulo, Lake.
286. (Anônimo). "Rito" do Grupo de Estudos Ramatís de Natal, s/d.

PERIÓDICOS

287. MIRANDA SÁ. Vulpiano Cavalcanti: um médico-herói. In: "Nós, do RN", suplemento do Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte Ano II - Nº 17 - Abril de (2006).
288. <http://diariodonordeste.globo.com/2001/11/27/050050.htm> Fortaleza, Ceará - terça-feira, 27 de novembro de 2001. Acessado em 20 de novembro de 2009.

289. "O Mossoroense", Jornal de circulação diária. *A palavra de Dorian - Vulpiano Cavalcanti, um homem de aço.* in: <http://www2.uol.com.br/omossoroense/170408/conteudo/especial.htm> Acessado em 20 de novembro de 2009.
290. ANISTIADOS POLÍTICOS - A trajetória da luta pela reparação simbólica dos danos morais sofridos pelos cidadãos torturados durante a ditadura militar in: Tecido Social - Correio Eletrônico da Rede Estadual de Direitos Humanos – Rio Grande do Norte. Nº 016 – 15/12/03. in: http://www.dhnet.org.br/tecidosocial/anteriores/ts016/anist_politic_traj_luta.htm. Acessado em 20 de novembro de 2009.
291. COSTA, Tácito. O advogado que enfrentou a ditadura. Entrevista com Roberto Furtado. In: Preá, Revista de Cultura. Natal, RN - Nº 8, Setembro, (2004).
292. LBV – Legião da Boa Vontade. "Entrevista de Chico Xavier". In: Revista da Boa Vontade, outubro/1956.
293. Revista UFO, janeiro de 2007.
294. SANTOS, Carlos. Vulpiano e a paciente aflita. In: Só Rindo. http://www.carlosescossia.com/2009_06_01_archive.html. Acessado em 20 de novembro de 2009.

SITES NA INTERNET

295. Site do Grupo Atlan na internet: <http://www.orbum.org>.
296. Rádio Boa Nova (www.radioboanova.com.br).
297. Grupo Kryon: <http://www.kryonportugues.com/>. Acessado em 18/12/2009.
298. Site espiritismo versus ramatisismo: <http://espiritismoxramatisismo.blogspot.com/>
299. Cf. "Blog Amigos Espíritos" (<http://amigosespiritos.blogspot.com/2009/01/apometria-no-espiritismo.html>)
300. www.caminhosdeluz.org
301. <http://www.naveluz.arq.br/ponteluz/>
302. Comunidade Ascensão: <http://web.pib.com.br/nominato/index.htm>
303. Mago da luz: www.magodaluz.com.br

304. Lista "Voadores", do "yahoo grupos":
<http://br.groups.yahoo.com/group/voadores/messages/79819?threaded=1&m=e&tidx=1>

COMPACT-DISC

305. VELOSO, Caetano (1994). Fina Estampa. In: Fina Estampa. Gravadora Polygram.

APÊNDICE I CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES CITADOS

1. Amadeu: Presidente da Associação Espírita Adolfo Bezerra de Menezes.
2. Andréia: Médium; membro do Grupo Ramatís; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
3. Arabela: Médium; membro do GEIU.
4. Armando: Médium de cabine de cura do centro espírita Bezerra de Menezes.
5. Cláudia: Médium; membro do GEIU.
6. Cristina: Membro do Grupo Ramatís; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
7. Eduardo: Doutrinador; membro do GEIU.
8. Eudione "cigana": Auxiliar de cabine de cura do Bezerra de Menezes; membro do Grupo Ramatís.
9. Fankika: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
10. Francisco Alves: Membro do Grupo Ramatís e do Grupo Atlan.
11. Gaspar: Médium; Membro do Grupo Ramatís; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
12. Graça Mafra: Coordenadora do Grupo Ramatís. É Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
13. Graça Medeiros: Recepiona o espírito de Bezerra de Menezes e é médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
14. Hélidon: Orador; presidente do TEDCC; ministra palestras no GEIU.
15. Henrique: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
16. Inácia: Médium; membro do GEIU.
17. Ivoneide: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
18. Jeane: Médium; recepciona o espírito de Lúcifer. Membro do Grupo Atlan.
19. José Morais: Doutrinador, orador e Diretor do Departamento Mediúnico do GEIU.
20. Kelly: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
21. Luiz Antônio: Orador do centro espírita Bezerra de Menezes. Membro do Grupo Ramatís e desobsessão profunda Grupo Atlan.
22. Luiz Matão: Comercializa os livros psicografados por Rogério de Freitas. Membro do Grupo Ramatís e do Grupo Atlan.
23. Madja: Auxiliar de cabine de cura e membro do Grupo Ramatís.

24. Manoel Pereira Junior: Presidente do Grupo Atlan.
25. Márcia: Doutrinadora; membro do GEIU.
26. Maria do Céu: Auxiliar de cabine de cura do Bezerra de Menezes; membro do Grupo Ramatís.
27. Marilene: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes e membro do Grupo Ramatís.
28. Miriam Mafra: Coordenadora do Grupo Ramatís; diretora do mediúnico; recepciona o espírito Ramatís e é Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
29. Núbia: Médium; membro do GEIU.
30. Olavo: Médium; membro do GEIU.
31. Pinheiro: Doutrinador; membro do GEIU.
32. Popoka: Médium; membro do Grupo Ramatís; frequenta as reuniões do Grupo Atlan.
33. Rogério: Médium; psicografa livros de diversas entidades, terrenas e extraterrestres. Membro do Grupo Atlan.
34. Ricardo: Membro do Grupo Atlan.
35. Rita: Oradora e evangelizadora; membro do GEIU.
36. Sérvio Túlio: Membro do Grupo Ramatís e do Grupo Atlan.
37. Swami: Médium em desenvolvimento; membro do GEIU.
38. Tércia: Médium; membro do GEIU.
39. Virgínia: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.
40. Waldemar Matoso: médium natalense, fundador e presidente do Centro Espírita Evangelho no Lar (CEEL), edificado em 1972, e situado à Rua Apodi, Nº 414, Tirol, Natal-RN.
41. Yannick Saurin: Membro do Grupo Ramatís e do Grupo Atlan.
42. Zenaide: Médium de cabine de cura do Bezerra de Menezes.

APÊNDICE II GLOSSÁRIO

1. Adeso: termo nativo espírita que significa "associado ao campo federativo espírita", este último significando a FEB (Federação Espírita Brasileira) e as diferentes federações espíritas estaduais. Um centro espírita se torna, em termos nativos, "adeso" ao campo federativo espírita brasileiro quando se associa a uma das federações espíritas estaduais, que por sua vez são associadas à FEB (Federação Espírita Brasileira). Para a história da FEB, cf. Giumbelli (1997a). Cabe salientar que o termo adesão também se refere à conversão, no espiritismo brasileiro. A esse respeito, ver Cavalcanti (1983).
2. Alice Bailey: Alice LaTrobe Bateman, mais conhecida como Alice A. Bailey (1880-1949) foi uma pesquisadora e escritora inglesa. Considerada uma das herdeiras da chamada "escola teosófica" fundada por Helena Blavatsky. Escreveu 24 livros, escritos entre 1919 a 1949, sob a orientação, segundo dizia, do mestre tibetano Djwhal Khul.
3. Allan Kardec: Pedagogo francês (1804-1869), criador da doutrina espírita, ou espiritismo.
4. André Luiz: Nome atribuído pelo médium Chico Xavier a um dos espíritos mais frequentes em sua obra psicografada. No movimento espírita, há quem sustente que, em sua última encarnação, André Luiz teria sido o médico brasileiro Oswaldo Cruz. Segundo uma outra opinião dos espíritas brasileiros, André Luiz teria sido o também médico Carlos Chagas.
5. Apometria: Prática terapêutica alternativa, de natureza espiritualista, consistente no desdobramento e na dissociação dos múltiplos corpos de que seria constituído o ser humano, mediante uma sequência de pulsos ou comandos energéticos mentais. Segundo contam os adeptos, a apometria foi introduzida no Brasil pelo farmacêutico e bioquímico porto-riquenho, Luis Rodrigues, que a chamava de "Hipnometria". Na década de 1960, foi sistematizada pelo Dr. José Lacerda de Azevedo (1919-1997), no Hospital Espírita de Porto Alegre, que lhe trocou o nome para "Apometria". Os adeptos contam que o termo apometria significa "tratar à distância".

6. Bezerra de Menezes: Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900). Médico, militar, escritor, jornalista, político e expoente do movimento espírita no Brasil. Eleito presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889, vice-presidente entre 1890 e 1891 e novamente presidente em 1895. Bezerra de Menezes é o criador da chamada "desobsessão".
7. Blavatsky: Elena Petrovna Blavatskaya (1831-1891), mais conhecida como Helena Blavatsky, foi uma escritora, filósofa e teóloga russa, co-fundadora (junto a Henry Steel Olcott) da Sociedade Teosófica.
8. Caboclo das Sete Encruzilhadas: Segundo os adeptos da umbanda, Caboclo das Sete Encruzilhadas é a denominação da entidade espiritual que fundou esta religião, e que apresentou-se inicialmente pela mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes. Para o surgimento da umbanda e a carreira de Zélio de Moraes, cf. Giumbelli (2002).
9. Camille Flammarion: (1847-1925). Astrônomo, espírita e amigo pessoal de Allan Kardec, que ao final do século XIX escreveu diversos romances tratando de algumas hipóteses da ciência de sua época sobre a vida nos planetas de nosso sistema solar.
10. Coven: Também chamado de coventículo ou conciliáculo, é um termo nativo wiccano, significando "coletivo de bruxos e bruxas".
11. Diálogo fraternal: O diálogo fraternal, também chamado de atendimento fraternal, é uma das portas de entrada de novos fiéis ao centro espírita; caracteriza-se por ser uma entrevista individual, e é realizada em ambiente privado da casa espírita. Neste momento, o indivíduo fala sobre seus problemas e é aconselhado. Para uma suficiente caracterização do diálogo fraternal realizado em centros espíritas, cf. Cavalcanti (1983, pp. 65), que também o diferencia do ritual da consulta, na umbanda.
12. Divaldo Pereira Franco: Nascido em Feira de Santana, na Bahia, em 1927, é professor, médium e orador espírita. Fundou em 1952, em Salvador, a instituição assistencial espírita Mansão do Caminho. Publicou até este momento, 240 títulos psicografados em português. Dentre estes, há 80 versões para outros idiomas. Diz escrever sob a inspiração de 211 espíritos. Dentre eles, destacam-se os nomes de Joanna de Ângelis (sua mentora), e também Manoel Philomeno de Miranda, Victor Hugo, Amélia Rodrigues, Ignatus, Vianna de Carvalho, Carlos Torres Pastorino, Bezerra de Menezes, Rabindranath Tagore, João Cléofas, Eros e Simbá, dentre outros.

13. Desobsessão: É o tratamento da obsessão, e envolve um conjunto de rituais realizados dentro e fora do centro espírita.
14. Doutrina espírita: Também chamada de espiritismo. Corrente de pensamento surgida em meados do século XIX, que se estruturou a partir de diálogos estabelecidos entre Allan Kardec e (segundo dizem os espíritas) espíritos de pessoas falecidas, a manifestar-se através de diversos médiuns.
15. Edgard Pereira Armond: médium espírita brasileiro (1894/1982).
16. Emmanuel: Nome dado pelo médium espírita brasileiro Chico Xavier ao espírito a que atribui a autoria de boa parte de suas obras psicografadas. Apontado por Chico Xavier como seu orientador espiritual. Há também um livro homônimo de Chico Xavier que leva a assinatura de Emmanuel, publicado em 1938. A obra mediúnica atribuída a Emmanuel é composta por dezenas de livros, muitos deles traduzidos para diversos idiomas. São romances históricos, livros de aconselhamento espiritual, obras de exegese bíblica, etc.
17. Ernesto Bozzano: (1862-1943). Pesquisador espírita italiano. Publicou cinquenta e duas obras, tratando de telepatia, clarividência, psicocinese, aparição de fantasmas e manifestações dos mortos. Mantinha correspondência com o físico inglês William Crookes e com o fisiologista francês Charles Richet. No V Congresso Espírita Internacional, ocorrido em 1934 em Barcelona, foi eleito presidente de honra.
18. Espiritismo: Veja-se "doutrina espírita".
19. Espiritualismo moderno: movimento religioso surgido entre as décadas de 1840 a 1920, inicialmente em países de língua inglesa. Destacam-se como precursores as figuras de Emanuel Swedenborg (1688-1772), Franz Mesmer (1734-1815) e Andrew Jackson Davis (1826-1910). Para mais detalhes sobre este movimento, cf. Brandon (1983), Braude (2001), Britten (1884) e Buescher (2003), dentre outros.
20. Fenômeno de Hydesville: Fenômeno mediúnico ocorrido ao final do século XIX nos Estados Unidos. Para mais sobre o fenômeno de Hydesville, cf. Doyle 1990, Wantuil 1994, Aubrée e Laplantine 1990.
21. Francisco Cândido Xavier, ou Chico Xavier: médium espírita mineiro (1910-2002). Psicografou centenas de livros atribuídos a numerosos espíritos e se tornou um dos maiores expoentes e divulgadores do espiritismo no Brasil.

22. Henry Steel Olcott (1832-1907), escritor, teósofo, advogado, jornalista e co-fundador da Sociedade Teosófica.
23. Hippolyte Leon Denizard Rivail: pseudônimo de Allan Kardec.
24. Javé: O Nome de Deus para os judeus. Este nome também se escreve sob o tetragrama YHVH (יהוָה). No mito da Reintegração Cósmica, contado por Jan Val Ellam, Javé é um dos aliados de Jesus na tarefa de punir os espíritos de Lúcifer e Satã, exilando-os no planeta Terra.
25. Katie King: Segundo contam os espíritas, é o nome atribuído a um espírito aparecido pela primeira vez em Londres, em 1871, em sessões de materialização dirigidas por William Crookes, utilizando-se da mediunidade de Florence Cook, e posteriormente, em 1874-1875, em sessões com os médiuns Jennie Holmes e Nelson Holmes, em Nova York. Para a literatura nativa sobre Katie King, ver, por exemplo, Leal (1975).
26. Leadbeater: Charles Webster Leadbeater (1847-1934), escritor e maçom inglês. Uma das mais influentes personalidades da chamada Sociedade Teosófica.
27. Lúcifer: Lúcifer, ou Yel Luzbel, é um personagem resgatado dos mitos judaico-cristãos para a cena espírita, tomando parte ativa do mito da Reintegração Cósmica contado por Jan Val Ellam.
28. Marilusa Vasconcelos: Psicóloga e médium espírita paulista, nascida em 1944. Tem 61 livros psicografados. Segundo conta, seu orientador é o espírito do poeta Tomás Antonio Gonzaga, que participou da Inconfidência Mineira. Fundou em 1985 a Editora Espírita Radhu, sigla para renúncia, abnegação, despreendimento e humildade.
29. Mavesper Cy Ceridwen: Bruxa e sacerdotisa wiccana brasileira; dedica-se à pesquisa de tealogia comparada (estudo da Deusa) e organiza eventos neopagãos pelo país. É presidente da Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca).
30. Mesas girantes: Fenômeno de natureza mediúnica difundido na Europa e nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX, e que consistia no movimento, sem causa física aparente, de mesas e outros objetos, em torno dos quais reuniam-se pessoas de diferentes segmentos sociais. Para mais detalhes deste fenômeno, cf. Wantuil (1994).
31. Obsessão: segundo o espiritismo, é a interferência prejudicial exercida por um espírito sobre outro, sejam eles *encarnados* (i.e. indivíduos vivos) ou *desencarnados* (i.e.,

falecidos). O tratamento da obsessão é chamado pelos espíritas de *desobsessão* e envolve um conjunto de rituais, realizados dentro e fora do centro espírita.

32. Obsessor: o indivíduo (vivo ou morto) que obsedia outro indivíduo, por variadas razões, impingindo sofrimento a este último. Para os espíritas, a obsessão pode ser de morto para vivo, de vivo para morto, de morto para morto, de vivo para vivo e também pode se constituir em auto-obsessão, quando o indivíduo torna-se o alvo de si mesmo, levado por culpa, ódio, inveja ou outros sentimentos perturbadores.
33. Orbe: termo nativo espírita, significando os planetas com sua população de espíritos encarnados e desencarnados.
34. Passista: função de quem *aplica passes* em centros espíritas.
35. Passe: Prática amplamente difundida entre os espíritas, que consiste, na imposição das mãos feita por um indivíduo, que recebe o nome de passista, sobre outro, que se acha geralmente sentado à sua frente, num ambiente à meia-luz. Segundo os espíritas, o ato teria o poder de *canalizar* "fluidos" ou "energias" benéficos, oriundos do próprio passista, de bons espíritos, ou ainda de ambas as fontes somadas.
36. Perispírito: Segundo os espíritas, é o elemento intermediário entre corpo e espírito. É um *corpo espiritual* dotado de "centros de força", detendo a função de "modelar" o *corpo físico*, de forma que cada centro de força corresponderia a uma glândula e estaria intimamente ligado ao sistema nervoso, através do qual conduziria ao corpo as deliberações do espírito, e a este transportaria as impressões sensoriais. Desempenharia, também, o papel de elo entre o espírito comunicante e o espírito encarnado nos fenômenos mediúnicos.
37. Poltergeist: Do alemão polter, "ruído", e geist, "espírito": espécie de evento sobrenatural que se caracteriza pelo deslocamento de objetos e estabelecimento de diversos tipos de ruídos.
38. Psicosfera: para os espíritas, é a atmosfera invisível, espiritual, que envolve os seres vivos.
39. Quarta dimensão: Segundo os espíritas, o mundo habitado pelos humanos encarnados já esteve, em épocas remotas, na *primeira* e na *segunda dimensão material*, quando a Terra era um planeta primitivo. Hoje, dizem, nosso mundo se encontra na *terceira dimensão*, a

dimensão chamada de *física*, ou *da fisicalidade*. Já os espíritos, habitam o mundo espiritual, ou da *espiritualidade*, que existe da *quarta dimensão* em diante.

40. Ramatís: Ramatis, Ramatís, Rama-tys ou Swami Sri Rama-tys é o nome atribuído pelos espíritas a um espírito hindu, encarnado pela última vez na Indochina do século X D.C. Os médiuns Hercílio Maes, América Paoliello Marques, Maria Margarida Liguori, Wagner Borges, Jan Val Ellam, Norberto Peixoto, Dalton Roque e Hur-Than de Shidha são alguns dos que afirmam comunicar-se ou terem se comunicado com Ramatís. Para seus discípulos e admiradores, Ramatís coordena a "Fraternidade da Cruz e do Triângulo", equipe extrafísica de espíritos oriundos do cristianismo e de tradições religiosas do Oriente, comprometida em difundir uma espécie de síntese de conhecimentos religiosos ocidentais e orientais. Sigo aqui a forma como Hercílio Maes, o primeiro médium a escrever por Ramatís, escreveu o seu nome: com a última vogal acentuada ("í").
41. Roustaing: Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), advogado e espírita francês. Entre 1858 e 1861 período travou contato com o fenômeno das mesas girantes e das comunicações com os espíritos, estudados à época por Allan Kardec, envolvendo-se com o movimento espírita francês. Publicou "Os Quatro Evangelhos".
42. Sociedade Teosófica: Organização internacional devotada a divulgar os ensinamentos da teosofia, que, segundo seus seguidores, é uma sabedoria ligada ao neoplatonismo, ao gnosticismo e a escolas de mistérios da antiguidade. A Sociedade Teosófica foi criada em Nova Iorque, em 1875, e teve como principais fundadores Helena Blavatsky, Henry Olcott e William Judge.
43. Terceira dimensão: Segundo os espíritas, o mundo habitado pelos humanos encarnados já esteve, em épocas remotas, na *primeira* e na *segunda dimensão material*, quando a Terra era um planeta primitivo. Hoje, dizem, nosso mundo se encontra na *terceira dimensão*, a dimensão chamada de *física*, ou *da fisicalidade*. Já os espíritos, habitam o mundo espiritual, ou da *espiritualidade*, que existe da *quarta dimensão* em diante.
44. Waldemar Matoso: médium natalense, fundador e presidente do Centro Espírita Evangelho no Lar (CEEL), edificado em 1972, e situado à Rua Apodi, Nº 414, Tirol, Natal-RN.

45. Wicca: Religião neopagã, que, segundo seus adeptos, é fundamentada em cultos da fertilidade que se originaram na Europa Antiga. Gerald B. Gardner é considerado pelos nativos da Wicca, aquele que "impulsionou" o renascimento do culto, entre as décadas de 1940 e 1950. Cunningham (2002), Gardner (2003) e Prietto (2001).
46. William Crookes: (1832-1919). Químico e físico inglês. Por volta de 1870, envolveu-se com o movimento espiritualista, e passou a realizar sessões mediúnicas em sua residência. Entre os médiuns que estudou estavam Kate Fox, Florence Cook e Daniel Dunglas Home. Dizia, através da mediunidade de Florence Cook, materializar o espírito de Katie King.
47. Zilda Gama (1878-1969), médium espírita mineira, dizia psicografar livros do espírito de Victor Hugo.

ANEXOS

ANEXO 1

DOCUMENTO "ORIENTAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS" DO GEIU

ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

As orientações apresentadas a seguir foram definidas na Reunião realizada no dia 04Mar2007, cuja temática específica se relacionava às atividades mediúnicas do GEIU.

Deverão nortear todas as atividades e serem entendidas como de fundamental importância para o sucesso e o adequado desenvolvimento dessas mesmas atividades, sendo, portanto, seguidas por todos, indistintamente, que delas participem.

1. Objetivando preservar o necessário vínculo e equilíbrio fluídico da equipe e dos trabalhos mediúnicos, o trabalhador que faltar às atividades por três vezes consecutivas (em qualquer período) e/ou por cinco vezes alternadas (no período de seis meses) deverá passar por um processo de rearmonização fluídica ao longo de seis reuniões de estudo (sem ausências), somente voltando a participar das atividades mediúnicas após esse ajuste.
2. Os trabalhadores participantes da reunião mediúnica que não estejam exercendo a função de médium ou doutrinador, deverão estar vinculados a uma dupla médium/doutrinador, em observação do trabalho ai realizado, e procurando, através de pensamentos equilibrados, da prece e do amor atuante, contribuir para o atendimento fraterno do desencarnado, ao tempo em que se instrui sobre o próprio trabalho de que esta participando e apreende verdadeiras lições de vida;
3. A curiosidade fomentadora de comentários acerca do trabalho e das comunicações realizadas - por exemplo: buscando identificar destinatários dessas mensagens ou pessoas envolvidas – constituir-se num comportamento nocivo aos objetivos do trabalho e ao princípio da Caridade Cristã que devem nortear todas as atividades de um modo geral e em especial as mediúnicas. Dessa forma, cada participante deverá envidar esforços no sentido de superar inclinações nesse sentido, considerando objeto de sigilo total e irrestrito tudo que ocorre durante as referidas reuniões;
4. Objetivando preservar o interesse coletivo, durante os estudos, cada participante deverá se policiar para evitar o uso de exemplos de casos pessoais, ainda que pertinentes ao assunto em estudo, hipótese em que o exemplo não deverá identificar pessoas (falar do

milagre mas não do santo). Por outro lado, cada participante deverá ater-se sempre e estritamente ao tema em estudo, evitando brincadeiras sem propósito, gracejos descabidos ou excessivos e outros comportamentos que ensejem a quebra da sintonia necessária ao estudo. Devemos sempre lembrar que não somente os encarnados participam desses trabalhos, mas também desencarnados, muitos dos quais em desvairio, em desequilíbrio e que são levados ao estudo para, através do conhecimento dos ensinamentos de Jesus, entenderem sua problemática, perceberem o real sentido da vida, obterem conforto e esclarecimento;

5. Atualmente o estudo se desenvolve através da apostila da FEB, do livro "Lições para a Felicidade" de Joanna de Angelis, e do CD de meditação do Dr. Brian Weiss. A meditação acontece nas primeiras quintas feiras de cada mês, e nas demais semanas, são alternados os estudos da mediunidade e das 'lições para a felicidade'. Essa sistemática deverá continuar até a conclusão do livro (Lições para a Felicidade), quando outra sistemática e material de estudo da mediunidade e de formação de médiuns será desenvolvida, a critério da Coordenação Mediúnica.

O controle desses critérios fica ao encargo da Coordenação Mediúnica, que providenciará tudo o que se torne necessário a que eles sejam seguidos criteriosamente.

É de fundamental importância que todos os participantes entendam e percebam que tanto o estudo como a atividade mediúnica, qualquer que seja a função exercitada, tem por objetivo o esclarecimento e o consequente crescimento espiritual de todos, encarnados e desencarnados, procurando se dedicar a essas atividades dentro dessa dimensão de importância e de aprendizado transformador. Somente dessa forma estaremos contribuindo para o pleno atingimento dos reais objetivos da tarefa.

Natal, 05 de março de 2007.

Alessandro Nunes Saraiva
Presidente

José Morais Ferreira
Coordenador Mediúnico

ANEXO 2

**CARTA CONTENDO A RESPOSTA DO GRUPO RAMATÍS À SOLICITAÇÃO DA DIRETORIA DO
CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES ACERCA DO "TEOR DE SUAS REUNIÕES"**

Natal, 22/12/2008

Caro irmão, Deus te abençoe!

De acordo com a solicitação feita pela Presidência do CEABEM, envio-te a planilha de estudo do grupo Ramatys para o ano de 2009, até o mês de agosto de 2009, momento em que será escolhido pelos integrantes outra obra espírita ou espiritualista a ser estudada.

Desde já convidamos o irmão para participar junto com o grupo dos temas estudados, sua participação será muito significativa para a construção e troca de saber efetivada a cada domingo. Anamastê.

GRUPO DE ESTUDO RAMATYS

FUNDADO EM 08/05/1988

FUNCIONAMENTO: AOS DOMINGOS NO HORÁRIO DE 18h30min as 20h00min.

INÍCIO: 18:30 – Abertura com prece a Jesus as falanges do bem da fraternidade do Triângulo da Rosa e da cruz;

De 18h45min as 19h00min horas – Momento de troca informações quanto as leituras realizadas na semana pelos integrantes do grupo,bem como das impressões obtidas por estes quando das vibrações realizadas nas terça e quinta-feira (das 22:30 até 23:00 hora) por todos habitantes do planeta.

De 19h00min até às 19h40min horas - Exposição do tema estudado por um dos integrantes do grupo conforme obra escolhida pelo grupo para aprofundamento;

De 19h40min até às 19h55min horas – Prática de meditação de agny-yoga em benefício dos habitantes do planeta e assistência espiritual da espiritualidade aos irmãos necessitados ;

De 19h55min as 20h00min horas – Realização do OM e Encerramento com Pai Nossa.

PLANILHA DE ESTUDO DO GRUPO – ANO 2009

OBRA: A MISSÃO DO ESPIRITISMO

DATA	TEMA	EXPOSITOR	COORDENADOR
04/01/09	CAP.I A MISSÃO DO ESPIRITISMO -da pág. 17 até a 24.	LUIZ ANTONIO	G. MAFRA
11/01/09	CAP. I - da pág. 25 até a 32.	FCO ALVES	EUDIONE
18/01/09	CAP. I – da pág. 33 até a 39.	SÉRVIO TÚLIO	POPOCA
25/01/09	CAP. II- ESPIRITISMO E RELIGIÃO- da pág. 41 até a 44.	GRAÇA MAFRA	MATÃO
01/02/09	CAP. II – da pág. 44 até a 48.	POPOCA	LUIZ ANTONIO
08/02/09	CAP. III – ESPIRITISMO E O EVANGELHO – da pág. 49 até 51	EUDIONE	SÉRVIO
15/02/09	CAP. III – da pág. 52 até a 55	ANDRÉA	FCO ALVES
22/02/09	CAP.IV – O ESPIRITISMO E O CATOLICISMO – pág. 56 até a 62	MATÃO	MIRIAM
01/03/09	CAP. IV – da pág. 63 até a 67	GILBERTO	ANDRÉA
08/03/09	CAP. IV – da pág. 68 até a pág. 72	LUIZ ANTONIO	EUDIONE
15/03/09	CAP. IV – da pág. 73 até a pág. 77	SÉRVIO	MATÃO
22/03/09	COMUNICAÇÃO DE RAMATYS	MIRIAM	G. MAFRA
29/03/09	CAP. IV – da pág. 78 até a pág. 81	FCO ALVES	SÉRVIO
05/04/09	CAP. V – O ESPIRITISMO E O PROTESTANTISMO pág. 83/87	G. MAFRA	POPOCA
12/04/09	CAP. V - da pág. 88 até a pág. 92	MATÃO	FCO ALVES
19/04/09	CAP. VI – O ESPIRITISMO E A TEOSOFIA – da pág. 93/98	FCO ALVES	MIRIAM
26/04/09	CAP. VI – DA PÁG. 98 até a pág. 103	LUIZ ANTONIO	ANDRÉA
03/05/09	CAP. VII – O ESPIRITISMO E O BUDISMO – da pág. 105/112	SÉRVIO TULIO	MATÃO
10/05/09	CAP. VIII – O ESPIRITISMO E A PSICANÁLISE - pág.113/120	Miriam	FCO ALVES
17/05/09	COMUNICAÇÃO DE RAMATYS	MIRIAM	G. MAFRA
24/05/09	CAP. IX – O ESPIRITISMO E A UMBANDA – SÍNTESE	ANTOINETTE	Sérvio
31/05/09	CONTINUAÇÃO DO TEMA ANTERIOR	ANTOINETTE	Sérvio
07/06/09	CAP. X – O ESPIRITISMO E A BIBLIA – da pág. 191/195	LUIZ ANTONIO	Eudione "cigana"
14/06/09	CAP. X – da pág. 196 até a pág. 199	POPOCA	ANDRÉA

21/06/09	CAP. X – DA PÁG. 200 até a pág. 203	GILBERTO	G. Mafra
28/06/09	CAP. XI – O ESPIRITISMO EM FACE DA HOMEOPATIA – da pág. 205 até a pág. 210	SÉRVIO	FCO Alves
05/07/09	CAP. XI – da pág. 210 até a pág. 214	G. MAFRA	Miriam
12/07/09	CAP. XI – da pág. 215 até a pág. 221	FCO ALVES	LUIZ ANTONIO
19/07/09	CAP. XI – da pág. 221 até a pág. 224	POPOCA	MATÃO
26/07/09	MENSAGEM DE RAMATYS	MIRIAM	G. Mafra
02/08/09	AVALIAÇÃO DOS TEMAS ESTUDADOS PELO GRUPO E ESCOLHA DE NOVA OBRA PARA ESTUDO.	MIRIAM	Sérvio
09/08/09	APROFUNDAMENTO DOS TEMAS ABORDADOS	G. MAFRA	Eudione "cigana"
16/08/09	NOVO TEMA A SER ESCOLHIDO PELO GRUPO	MIRIAM	FCO Alves

ANEXO 3

MANIFESTO DIVULGADO EM FORMA DE PANFLETOS ENTRE OS TRABALHADORES E O PÚBLICO ATENDIDO PELO CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES, NO MÊS DE NOVEMBRO DE 2008.
TEXTO IDEALIZADO PELO GRUPO DESCONTENTE COM A PROPOSTA DE ADESÃO DO CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES À FERN

"MANIFESTO EM DEFESA DO CENTRO ESPÍRITA ADOLFO BEZERRA DE MENEZES"

Porque o Bezerra de Menezes NÃO DEVE se vincular a uma única corrente filosófica ou instituição que imponha a adesão a uma única corrente filosófica

Mais conhecido como “o Bezerra de Menezes”, o CENTRO ESPÍRITA ADOLFO BEZERRA DE MENEZES – CEABEM foi fundado em 1949, por iniciativa de um grupo de médiuns, dentre os quais João Cecílio da Costa, sob a inspiração e orientação do espírito Adolfo Bezerra de Menezes.

Seguindo a linha condutora do lema do seu mentor espiritual – “Fora da Caridade não há Salvação” – o Bezerra de Menezes tem, desde seu início, prestado permanente assistência espiritual e moral a todos que o procuram. Por isso, pode-se dizer, sem nenhuma dúvida, que a história da mediunidade de cura no Rio Grande do Norte se confunde com a história do Bezerra de Menezes.

De fato, há 59 anos, dos quais 55 sob a condução, nos assuntos administrativos, de João Cecílio – ou Irmão Cecílio, como era mais conhecido – o Bezerra de Menezes, sob a luz dos ensinamentos de Jesus e com a supervisão, na espiritualidade, do Irmão Bezerra e sua equipe de médicos espirituais (médicos de almas), atende àqueles que procuram o alívio para seus males espirituais.

Mas o Bezerra de Menezes não é somente um hospital espiritual. É, também, uma escola onde se pode harmonizar o desenvolvimento espiritual nas suas duas características. Se, pela prática da caridade, se desenvolve o lado moral da evolução, é pela prática do estudo que se desenvolve o lado intelectual, mantendo-se, dessa forma, o necessário equilíbrio na marcha evolutiva daqueles que fazem o Bezerra de Menezes.

Por sua natureza de hospital-escola espiritual, voltado para a medicina da alma e o desenvolvimento moral, o Bezerra de Menezes tem, necessariamente, **um caráter universal e pluralista**, necessitando, para a prática de cura espiritual, de conhecimentos universais e variados, produzidos pela ciência do espírito como um todo – a ciência espírita, a espiritualista, a ciência oriental e os conhecimentos produzidos pela ciência convencional.

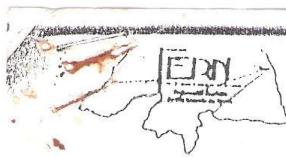
E é justamente a natureza universalista e ecumênica do Bezerra de Menezes que determina a necessidade de contínua ampliação, diversificação e renovação de filosofias e saberes que dão apoio ao cumprimento de sua principal missão, que é a prática da medicina espiritual da alma. Por serem essas características tão próprias do Centro, é que há a necessidade de que nele existam e funcionem grupos de estudos e outros centros espíritas com práticas e filosofias afins, mas que retratem fielmente o Bezerra de Menezes como celeiro da diversidade, marca que fez o Centro ser reconhecido e respeitado pela sociedade natalense.

São essas as razões que fundamentam nossa manifestação pela **não-vinculação do Bezerra de Menezes a uma única corrente filosófica ou instituição** que imponha a **adesão a uma única corrente filosófica**, por entendermos que, se tal fato vier a ocorrer, **limitará o caráter de hospital espiritual e escola que diariamente presta assistência a todos que o procuram desde sua fundação até o presente**.

Natal, novembro de 2008.

ANEXO 4

CARTA DA FERN A GERSON SIMÕES MONTEIRO, PRESIDENTE DA USEERJ – UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. NATAL, 30 DE JUNHO DE 2003



Federação Espírita do Rio Grande do Norte
(Adesa à Federação Espírita Brasileira)
CNPJ > 08.427.296/0001-33

Natal, 30 de junho de 2003

Prezado Gerson,

Saudade e paz, em nome de Jesus!

Em resposta ao fax que me enviou no último dia 26 tenho a lhe informar:

- a) O Sr. Rogério de Almeida que usa o pseudônimo Jan Val Ellan não é espírita e nem se auto-proclama como tal;
- b) O referido senhor não participa do Movimento Espírita em nosso Estado, mantendo um grupo (ATLAN) de estudos particular, em Ponta Negra, sem qualquer vínculo com as Casas Espíritas;
- c) Ele possui simpatizantes nô nocio espírita mas não profere palestras ou desenvolve qualquer atividade. Seus simpatizantes distribuem mensagens ou divulgam seus livros;
- d) Jan, segundo informações de companheiros que já o ouviram pessoalmente ou em entrevistas, afirma que Jesus virá do Novo, que o Espiritismo não pode se considerar o Consolador Prometido, que o Cristo voltará Ele mesmo e o fará em disco voador e com a presença de Ets;
- e) Por essas informações, o Jan se considera portador de "novas revelações" e tem se apresentado como um crítico da Doutrina e do Movimento Espíritas.

Como podemos perceber, trata-se de mais um "profeta" em busca de destaque e divulgação de suas idéias pessoais. Lastimamos que tenha encontrado guarida em Casas Espíritas do nosso amado Rio de Janeiro e esperamos que o bom senso prevaleça sobre mais essa investida do personalismo.

Desejamos a todos os que fazem o Movimento Espírita desse Estado, muita paz, bom senso e espírito de discernimento. Que Jesus e Kardec permaneçam na base para que possamos desenvolver a contento nossas atividades em atendimento aos compromissos com a Doutrina Espírita.

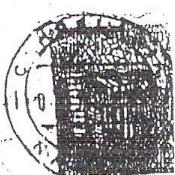
Outrossim, informo-lhe que no mesmo dia (26) fiz ligações para a USEERJ e para sua residência, sem sucesso.

Fraternamente,

Lúcio Vaz
Presidente



Federação Espírita do Rio Grande do Norte
(Adesa à Federação Espírita Brasileira)
CNPJ: 08427296/0001-33



Ao Sr.

GERSON SIMÕES MONTEIRO

Presidente da União das Sociedades Espíritas
do Estado do Rio de Janeiro
Rua dos Invalídos, 182 - Centro
CEP: 20231-020 - Rio de Janeiro - RJ



ANEXO 5

**CARTA DE ROGÉRIO DE FREITAS, O JAN VAL ELLAM, À FERN EM NATAL, 22 DE
OUTUBRO DE 2003**

Natal, 22 de outubro de 2003.

Prezada Sra.

Presidente da Federação Espírita/RN

Peço-lhe permissão para dirigir-me à senhora, apesar de não conhecê-la, com o respeito e a ternura que costumo ofertar aos meus irmãos em curso de evolução, independente de tudo mais.

Estive recentemente no Estado do Rio de Janeiro, onde um determinado senhor ali residente, lamentando o episódio, entregou-me a cópia de uma carta (em anexo) que teria sido pela senhora endereçada aos seus confrades daquele Estado. Na referida carta, na qual o "confrade Gerson" foi saudado através da expressão "saúde e paz em nome de Jesus", penso que o "sujeito", ou melhor, o "réu", nela descrito com expressões pouco caridasas, por mais desqualificado que pudesse parecer, pelo simples fato de ser "alguém", mereceria tratamento mais caridoso à luz do ideal cristão de fraternidade.

Ao final da mesma, após os comentários algo distantes da fraternidade e da tolerância apregoadas por Jesus e Kardec, a senhora ainda afirma: "Que Jesus e Kardec permaneçam na base para que possamos desenvolver a contento nossas atividades em atendimento aos compromissos com a Doutrina Espírita".

Não sei exatamente a que "base" a senhora se refere, pois não creio que seja altitude edificante utilizar os nomes de Jesus e de Kardec — além dos ditos "compromissos com a doutrina" por eles secundada neste mundo — para justificar agressões à honra alheia. Mesmo que, no meu caso, fosse merecedor do tom jocoso e do escárnio ali entrevistados, ainda assim, seria credor da misericórdia dos seguidores de Cristo e de Kardec que devem tratar a todos com tolerância e sentimento fraternal, se realmente pretendem honrar os exemplos que dizem seguir.

Não foi, contudo, motivado pelas afrontas a mim dirigidas que tomei a decisão de lhe endereçar estas linhas, pois há muito treino a sensibilidade para não me deixar molestar pelos julgamentos alheios já que deles não posso cuidar. Cuido, sim, em não expressar julgamentos sobre quem quer que seja, pois é sobre esse aspecto que deverei prestar contas à minha própria consciência como também aos ditames das leis divinas que a tudo registram.

Portanto, tenho como norma não responder às afrontas sofridas, pois creio que quanto mais as sofra, ainda assim, deve ser pouco diante dos débitos que devo ter por administrar e, medindo o meu próprio tamanho, não ouso julgar a quem quer que seja e tento praticar o receituário do perdão, quando necessário é perdoar, pois também dele sou necessitado para pacificar a consciência diante do meu próximo. Por isso, a ninguém julgo, mesmo aos que me agredem e, apesar de ter recebido, ao longo dos últimos anos, notícias de comentários pouco dignos dirigidos à minha pessoa vindos da parte de alguns poucos membros dessa Federação, sempre os relevei à conta das imperfeições que marcam a todos nós.

Creia-me se puder, prezada senhora, que jamais pretenderia aborrecê-la, ou a qualquer outro ser humano, com questões de cunho pessoal e não é esse o objetivo que me move. Mas a sua carta, que foi distribuída em diversas cidades (Resende, Volta Redonda, Rio de Janeiro e São Paulo, dentre outras), transformou-se em instrumento de desdita, injúria e difamação para diversas pessoas que tiveram "o azar" de um dia me convidar para realizar palestras nas suas comunidades. Acredite, essas pessoas estão tendo que dar explicações de

toda ordem, além de estarem sofrendo, em suas sensibilidades, afrontas descabidas que somente podem ser fruto do mais exacerbado sentimento de fundamentalismo religioso que fala em Deus, Jesus e Kardec, mas trata o próximo com cores próprias e distantes do ideal de fraternidade, o que é profundamente lamentável.

São atitudes como essas que semeiam e propagam o câncer moral que tem vitimado o Espiritismo. Contudo, não as posso julgar pois somente o Pai Celestial sabe o "porquê" de cada um agir desta ou daquela maneira. Lamento apenas as suas atitudes pois repetem o que de mais detestável pode ser percebido na falsa prática do sentimento religioso: o comportamento hipócrita e intolerante tão comum no passado mas inconcebível nos dias atuais, ainda mais no seio do Espiritismo. E, sinceramente, não esperava que atitudes desse naipe partissem da presidência de uma Federação Espírita que pretende velar pelo legado dos Espíritos.

Vivemos um tempo em que a hipocrisia religiosa, produto da cegueira espiritual, não mais encontra guarida nos corações verdadeiramente vinculados à alguma causa nobre e por isso estranho atitudes desse tipo da parte de alguns membros dessa Federação, que sei, sempre esteve envolvida com os objetivos elevados que devem nortear os que se pretendem servidores na seara de Jesus.

É, portanto, devido ao que a sua carta causou e está causando a tantas famílias, que tomo a liberdade de escrever-lhe, pelo que de antemão me desculpo, na tentativa de algo esclarecer sobre o assunto, para que algumas explicações possam ser lidas por todos os que, sem que o quisessem, estão tendo os seus nomes envolvidos nesse triste episódio que tem causado tanta calúnia, injúria e difamação.

Devo dizer que não sabia que havia sido instaurado um processo de julgamento sumário nessa Casa cristã, o qual, pelo visto, já deve ter sido concluído, pois mesmo sem chance de defesa para o réu — aspecto que mesmo nas leis terrenas é observado — o veredicto de "profeta em busca de destaque", dentre outras expressões pouco caridosas, já foi emanado por parte dessa Federação e, pelo visto, posto que estrategicamente distribuído em muitas cidades, talvez com a orientação criminosa e anônima de ser "afixado" na consciência dos que fazem o movimento espírita, pois, conforme escrito, "*lastimamos que tenha encontrado guarida em Casas Espíritas do nosso amado Rio de Janeiro e esperamos que o bom senso prevaleça sobre mais essa investida do personalismo*".

Prezada senhora, rogo-lhe prudência. Não pelo que a meu respeito possa a senhora pensar e nem mesmo pelo que a prevalência do que a senhora julga ser "bom-senso" venha a estabelecer como sendo o eticamente recomendável junto aos seus confrades — se é que existe alguma ética em atitudes desse naipe — mas sim, pelo que a sua carta está a semear na sensibilidade das pessoas.

Houve um tempo em que "os nomes dos bandidos" eram afixados em postes para serem conhecidos por todos. É de todo lamentável que uma Federação Espírita a isso se proponha em pleno século XXI, ainda mais usando os nomes de Jesus e de Kardec para tanto. Sinceramente, deplorável!

Permita-me esclarecer-lhe o seguinte. Não tenho estatura moral para ser espírita pois estou longe de praticar os elevados preceitos no campo da moral e da ética que devem reger a conduta dos que assim se afirmam como também de dedicar-me à assistência fraternal aos mais necessitados da maneira que deveria. Muitos o fazem e realmente são abnegados servidores na seara de Jesus. Mas sou alguém "muito pequeno" e não tenho conseguido firmar-me nesse mister como gostaria. Por conseguinte, não posso me considerar espírita.

Mesmo que o quisesse e o pudesse pretender, teria que fazer cessar o trabalho que, certo ou errado, procuro fazer a pedido dos Espíritos.

Por causa disso, mesmo tendo tido uma formação católica — pala qual tenho muito carinho — não pude também ser católico pelo simples fato de ser “alguém” envolvido pelos Espíritos.

Sendo, pois, duramente criticado somente pelo fato de, apesar de jamais ter procurado algo nesse sentido, ser “envolvido pelos Espíritos” e não conseguir satisfazer os ditames dos tribunais federativos, mesmo que o desejasse, não poderia me considerar espírita. Pude, então, nesse processo, gozar do privilégio de perceber a minha pequenez moral e espiritual para algo pretender ser. Desisti, portanto, muito cedo, de tentar ser alguma coisa.

Ademais, não sabia que teria que pedir autorização a alguns membros dessa Federação para “ser alguma coisa”. Mas sei que, o que agora afirmo, para a senhora nada ou pouco deve valer, o que comprehendo, pois é do seu direito pensar conforme o seu bom-senso, o que respeito. Contudo, é o que posso dizer-lhe.

Estranho é também observar que, além das injúrias proferidas pelo veredito dessa Federação — se é que outros membros dessa Casa têm alguma responsabilidade com a carta criminosa e irresponsavelmente distribuída, que além de semear o veleno da intolerância ressalta a triste e ultrapassada postura de patrulhamento e de perseguição religiosa totalmente anacrônica — outras inverdades são inescrupulosamente citadas a título de “argumentação”, o que atesta a má-fé e/ou a ignorância em relação ao assunto tratado.

Jamais afirmei ou escrevi que o Espiritismo não é o Consolador prometido, o que estranho por completo nos termos da acusação a que devo ter sido submetido pelos seus “companheiros” e/ou pela senhora, não sei ao certo. Segundo o que a senhora escreveu, utilizando-se do depoimento oculto de terceiros, foi afirmado que *“segundo informações de companheiros que já o ouviram pessoalmente ou em entrevistas, afirma que Jesus virá de novo, que o Espiritismo não pode se considerar o Consolador Prometido, etc.”*

Prezada senhora. Não sou escritor apesar de, por injunções outras, já ter nove livros publicados sobre os quais repousa a minha responsabilidade editorial como o autor terreno que estraga as mensagens vindas dos amigos espirituais. Fiz e faço, na medida em que me permitem as circunstâncias profissionais, algumas poucas palestras e jamais disse ou escrevi que o Espiritismo não era o Consolador Prometido. Muito ao contrário! Tenho dito e afirmado isso nos livros e nas palestras. Além disso, semanalmente, através de dois programas de rádio, em Natal e outro em São Paulo, “ao vivo”, respondo perguntas de pessoas que residem em vários Estados e jamais isso afirmei. Não sei, exatamente, levada por que circunstâncias ou por que motivações essa Federação, desonrando tudo o que é receituário fraterno ofertado pelos Espíritos, na base do “alguém disse”, comecei tão leviana distorção.

Nada do que faço é escondido ou com subterfúgios. Realmente, tenho tido o imerecido privilégio de contar com a presença de algumas pessoas dessa Federação nas reuniões que modestamente o grupo de estudo a que pertenço promove a cada semana, em Natal, nas quais “entra quem quer e sai quem quer”, sem nenhum tipo de constrangimento. O que faço, digo e escrevo é público e, portanto, não há como essa Federação enganar-se a respeito, a não ser se seus pares estiverem motivados por intenções outras, o que seria lamentável, pois atentaria contra a doutrina que dizem “seguir”, o que, diante dos fatos já não seria surpreendente.

Não creio que Jesus e Kardec tenham doado as suas sensibilidades pessoais para deixar como legado uma doutrina que viesse servir a esse tipo de atitude. E usar o nome deles para referendar agressões à honra alheia é postura que somente repete, em pleno século XXI, o que outros movimentos religiosos fizeram ao longo da História, manchando honras pessoais e ceifando vidas. Realmente, não tinha idéia que estava em curso um outro processo inquisitório, no seio do movimento espírita e nem muito menos que uma seção deste tribunal estava instaurada em Natal. Lamentável, sob todos os aspectos!

Disfamar a honra alheia, injuriar pessoas e distribuir tais venenos utilizando-se do "correio do movimento espírita" é atentar contra tudo o que é digno e que foi preceituado pela doutrina espírita. O que será que os Espíritos mentores dessa Casa pensam a respeito de atitude desse porte? Alguma vez já lhes foi isso perguntado?

Quanto a afirmar que Jesus virá de novo, isso sim, o tenho dito, a pedido dos Espíritos. Se nisso há discordância, creio que essa pode ser produto das idéias e dos conceitos dos que estão à frente do movimento espírita, mas não, pelo que penso — e posso estar completamente equivocado, o que sempre tenho admitido, pois percebo a minha pequenez para lidar com informações desse porte — em relação ao que Kardec disse e escreveu, ou mesmo em relação ao que, na atualidade, os Espíritos afirmam.

Nesse campo, prezada irmã, creio ser de boa prudência que os que fazem essa Federação, independente dos conceitos a que estão apegados e que julgam corretos, perguntem preferencialmente através da "mediunidade inconsciente" de alguém que a isso possa se propor, o que os Espíritos têm a dizer a respeito desse assunto. Os que assim tem feito têm se surpreendido com as informações que chegam do outro lado.

Quanto a confundir o advento do Consolador prometido, que sem sombra de dúvidas é o Espiritismo — e isso está inclusive escrito nos livros que modestamente tento produzir — com a outra promessa feita pelo Cristo de aqui retornar quando os tempos fossem chegados, é uma outra questão que, caso existisse alguma prudência ou zelo moral da parte dos que dizem seguir Jesus e Kardec, deveria ser melhor analisada.

Assim lhe digo, prezada senhora, porque tenho percebido que, a exemplo do que foi afirmado na sua carta, outros irmãos e irmãs do movimento espírita, também costumam confundir duas promessas absolutamente distintas do Cristo (o advento do Consolador e a Sua volta em tempos futuros) em um só evento que foi o surgimento da Codificação Espírita que, de fato, responde pelo cumprimento da primeira promessa.

O pior, e mais grave, é que os que defendem esse ponto de vista, o fazem afirmando que teria sido Kardec quem afirmou que Jesus não retornaria no futuro, pois o surgimento do Espiritismo já seria o cumprimento de tal promessa. Simplesmente lamentável! Kardec jamais disse ou escreveu qualquer coisa que a isso se assemelhe. Ele sempre distinguiu nos seus escritos um evento do outro.

Não citarei aqui tudo o que Kardec escreveu sobre o tema pois desnecessário seria diante do que, suponho, seja o seu conhecimento a respeito da obra de Kardec, que a senhora afirma, serve de base para as suas atitudes. Porém, quem assim pensa, tem todo o direito de pensar e mesmo discordar de Jesus, de Kardec ou de quem quer que seja. O que não é lícito é distorcer as idéias e os ideais de outrem para que possam concordar com os que nos são próprios. De toda forma, apenas para recordar-lhe, Kardec deixou registrado no livro A Gênese, no capítulo XVII, assunto - o Segundo Advento do Cristo: "Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra em um corpo carnal, nem que personificará o Consolador. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu

Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados".

Ora! Se o próprio Kardec diz que Jesus, quando da Sua volta, "não personificará o Consolador", referindo-se ao fato de que Ele viria em um tempo ainda por vir, ou seja, depois da codificação feita por Kardec, como e em nome de quê e de quem, alguns segmentos do movimento espírita ousam distorcer tão preciosa questão referente às promessas do Cristo? Como pode alguém, em nome de Jesus, afirmar que o Espiritismo foi ou é o cumprimento da Sua promessa de aqui retornar? Como pode alguém que se pretenda espírita dizer que Kardec isso afirmou? Quem pode ter estatura moral e espiritual para tanto?

Tenho realmente dito que, conforme penso — e isto é um direito meu que não pode ser cercado pela senhora e nem pelos chamados "companheiros" (favor observar e praticar as orientações ofertadas pelos Espíritos constantes nas questões 833 a 842 relativas à Liberdade de Pensamento e Liberdade de Consciência, do Livro dos Espíritos) — o tema referente à Segunda Vinda do Cristo vem sendo criminosamente distorcido pelo personalismo, af sim, dos que se julgam donos de verdades conceituais distorcendo, por má fé ou mesmo por ignorância em relação ao assunto, a opinião e o legado daqueles a quem dizem seguir.

Pelo visto, parece que o espírito de Kardec, já desencarnado, por volta dos anos 1888 e 1889, também pensava dessa maneira, já que ditou uma série de mensagens que foram posteriormente enfeixadas em opúsculo denominado "Ditados de Allan Kardec", e que foi posteriormente editado pela Federação Espírita Brasileira, quando do concurso singular do seu então presidente, Dr. Bezerra de Menezes, que muito prestigiou a mensagem do espírito de Kardec, à época dos fatos.

E o que dizia a mensagem do codificador, já liberto dos limites impostos pelo cérebro terreno e, portanto, conhecendo de forma mais ampla o que estaria mais próximo da verdade, a não ser uma desesperada convocação para que não faltasse o combustível da humildade aos olhos dos espíritas a fim de que pudessem observar a chegada inesperada do Cristo, quando os tempos fossem chegados.

Prezada senhora. Se o espírito de Kardec transmitiu essa mensagem depois de ter realizado a codificação, e se referiu a uma chegada inesperada do Cristo ainda por acontecer, é óbvio que ele estava se referindo ao futuro. E também é óbvio que, se ele assim o fez, é porque desde aquele tempo alguns irmãos espíritas já estavam distorcendo, não só a sua obra que continha as orientações dos Espíritos, mas a promessa do Mestre dos Mestres de retornar dando cumprimento a um processo que, infelizmente, parece estar longe de ser compreendido pelas próprias autoridades religiosas que pretendem administrar o Seu legado. Lamentável, sob todos os aspectos.

De nada adianta tirar fotografias ao lado do túmulo de Kardec distorcendo-lhe o legado a título de impor o jugo das próprias opiniões o que, infelizmente, está sendo irresponsavelmente feito em larga escala por alguns que se auto proclamam defensores das idéias de Kardec. E o pior: podem estar distorcendo a intenção e a estratégia do próprio Cristo, em relação ao que Ele esperaria do Espiritismo como base de apoio para o "porvir" ao qual se referia o codificador. Diante disso, a questão que se impõe é: como pode o "porvir" apontado por Kardec acontecer se o movimento espírita trata de aniquilar qualquer semeadura que não esteja de acordo com o "pensamento" de alguns dos seus dirigentes, apesar de em nada contrariar a doutrina espírita? Além do fato de que alguns reagem com

fúria farisaica, diante de qualquer aparente novidade, como se o progresso das idéias tivesse que ficar refém da vã pretensão intelectual de algumas poucas pessoas.

Infelizmente, parece que alguns continuam a se portar como os tais "sepulcros caiados" — belos por fora mas podres por dentro — aos quais Jesus se referia, e se não cuidarem nem isso mais poderão aparentar porque o brilho do falso preciosismo doutrinário, pela ausência de combustível adequado, com o tempo, deixa de existir, revelando a preocupante intimidade dos que assim se portam.

Cego sou e a ninguém pretendo guiar. Tenho por norma não impor o jugo do que penso sobre quem quer que seja, apesar de não abrir mão do direito de me expressar livremente e não posso ser condenado por isso. Caso o fosse, não creio que seria por esse tribunal tão irresponsavelmente instaurado.

De toda forma, espero que os que fazem essa Casa saibam que "linchamento moral" é crime hediondo sob à ótica das leis espirituais e não creio que os mentores que os tentam assistir concordem com esse tipo de postura e muito menos haveriam de "assinar embaixo" da sua assinatura na carta tão levianamente concebida.

A senhora escreveu que tenho me apresentado como crítico da Doutrina. Jamais, cara senhora e seja quem tenha sido o "companheiro" que isso lhe afirmou — caso exista — praticou crime moral de injúria e de difamação.

Jamais critiquei a doutrina espirita pois tenho com essa doutrina compromissos outros que se situam em plano diverso daqueles que alguns poucos dirigentes de federações, associações, confederações — e sabe-se mais o quê — afirmam ter, apesar de desonrarem com as suas posturas o legado de Kardec. Digo "alguns poucos" porque tenho o privilégio de conhecer verdadeiros espiritas que se dedicam à causa maior do Mais Alto sem que se pretendam júizes da honra alheia.

Saiba, cara senhora, que procuro honrar, com o meu estudo e respeito espiritual, a todos os legados doutrinários que estão afinados com a luz do esclarecimento e do progresso moral para os habitantes deste mundo. E nesse contexto incluo a doutrina budista e a espirita, dentre outras. Peña que, sendo eu tão imperfeito não consiga praticá-las como gostaria, e vendo a minha pequenez, como já dito, não me arvoro como budista ou espirita, apesar de desejar sé-lo em toda plenitude, mas não sob a perspectiva da ótica dos que administram esses legados no mundo dos encarnados, pelo menos no caso dos que pretendem "administrar" o Espiritismo.

Quanto às críticas que faço, af sim, diante de algumas posturas de certos segmentos do movimento espirita, é uma outra questão, o que, convenhamos, com atitudes desse naípe, não poderia ser diferente.

Enquanto existirem "cartas, posturas e atitudes" como a que infelizmente vemos a todo instante nas agressões mútuas entre as diversas organizações que se pretendem "doras" do movimento, destruindo a honra uns dos outros e usando o nome de figuras veneráveis para atestar posturas desse tipo, não poderei a tal aplaudir.

Tenho, portanto, o direito de me expressar sobre essas questões e o faço abertamente procurando jamais ofender a honra de quem quer que seja. Como já disse, podemos até discordar uns dos outros no campo das idéias mas não podemos julgar nem ofender a quem quer que seja pois isso não nos cabe. Afinal, quem dentre nós tem estatura moral para tanto?

Assim, discordar do que penso, cara senhora, ou do que digo e escrevo, é direito inalienável da senhora e dos "companheiros", o que respeito. Mas o ato de qualificar-me

publicamente como isso ou aquilo, é crime que atenta contra a boa moral, a educação, a ética e os bons costumes, em especial dos que se pretendem espiritualizados.

Injúrias e difamações costumam dar margem a diversos tipos de processo. Quanto às que me foram dirigidas e tiveram o condão de perturbar a vida de algumas pessoas que nada têm a ver com o julgamento com o qual fui privilegiado, terão, de minha parte, a acolhida caridosa que sempre me obrigo a dar diante de atitudes desse naípe.

Quanto às expressões "discos voadores" e "extraterrestres", citadas pela senhora, pena que os membros de alguns dos segmentos do espiritismo não tenham escutado as palavras de Camille Flammarion, quando das últimas homenagens endereçadas a Kardec, referindo-se às inúmeras conversas que ele e seu mestre e amigo haviam tido sobre as outras "humanidades celestes". Em outras palavras, sobre os seres que habitavam as muitas moradas da casa do Pai. Dizia mesmo Flammarion, que Kardec tomara dos seus estudos sobre a "Pluralidade dos Mundos Habitados" e o transformara em "pedra angular" do edifício por ele construído. Leia e reflita, cara senhora, sobre o que disse Flammarion e sobre o que disseram os Espíritos quando das respostas às indagações feitas pelo codificador, constantes no Livro dos Espíritos (172, 173, 181 e 182), que falam sobre os seres que habitavam outros mundos. Na época não existia o termo "extraterrestre", mas creio que se existisse, talvez aquele a quem a senhora diz seguir, utilizasse tal expressão quando da confecção do seu Pentateuco, referindo-se aos espíritos que estavam encarnados em outras circunstâncias planetárias.

Diante dos fatos, realmente não sei se o que Kardec escreveu foi lido, refletido e compreendido por alguns que, como a senhora, se afirmam espirítas?! E qual o pecado em levantar esta questão? Pode não ser agradável aos olhos do orgulho intelectual dos que se sentem equivocadamente agredidos, mas nem assim, deveriam se permitir agredir a quem quer que fosse pois esse questionamento não pode ser considerado um atentado contra a doutrina, a não ser sob a perspectiva da imaturidade espiritual que permite confundir interesses pessoais com os da doutrina que dizem honrar com as suas atitudes.

Kardec sofreu todo tipo de agressão por parte das forças católicas e protestantes da época que usaram as mesas desculpas e justificativas tenebrosas — atualmente utilizadas por alguns segmentos do movimento espirita — para agredir a quem não se permite concordar com os dogmas impostos, sabe se lá por ordem de quem. Nem por isso agrediu. Somente defendeu os seus pontos de vista e criticou idéias, jamais ofendeu a honra de alguém. Quem o pretende seguir e utilizar o seu nome como base para suas atitudes deveria, no mínimo, tentar imitá-lo nesse mister.

Em 1862, quando de suas viagens divulgando o Espiritismo pelas cidades francesas, aquele a quem a senhora afirma seguir, advertiu amoroosamente os que se diziam espiritas, mas agiam algo esquecidos dos ideais que afirmavam abraçar, que o lema "fora da caridade não há salvação" não poderia ser equivocadamente entendido somente no sentido da assistência material, mas sim, nas atitudes de tolerância, respeito e compaixão para com idéias diferentes, até porque ele mesmo — Kardec — já sofrera e continuava sofrendo patrulhamentos criminosos de toda ordem. Como podem, hoje, os ditos seguidores de Kardec agirem dessa maneira?

Prezada senhora e irmã em Cristo. Concluindo, diria ainda mais uma vez que realmente não tenho estatura moral para ser verdadeiramente "espirita" pois sou alguém que muitas vezes ultrapassam em muito as duas "timidas qualidades" que talvez trago comigo na alma: a de ter boas intenções e a de procurar ser caridoso para com o meu próximo, não me permitindo desaboná-lo com o pouco de ternura que possa de minha parte sentir pelo

meu semelhante. E como, pelas muitas mazelas que ainda me marcam a sensibilidade espiritual, deixei-me levar por alguns caminhos da vida que me fizeram tratar de assuntos outros que não estão sendo bem vistos por alguns irmãos e irmãs de jornada evolutiva na seara espírita, resvolvi, em respeito ao livre-arbítrio e às opções dos que fazem o movimento espírita local e nacional, permanecer na minha rota solitária pois, pelo visto, não seria mesmo bem recebido por alguns que afirmam seguir Jesus e semear a Sua paz neste mundo.

Nem a senhora, nem os tais "companheiros" que teriam lhe teriam fornecido os elementos de acusação a meu respeito, imaginam o que a sua carta causou à honorabilidade de diversas pessoas que "amorosamente buscam a verdade", e que jamais esperaram se ver envolvidas em conflitos e intrigas de toda ordem, provocadas pela incúria da presidência dessa Casa. Elas estão pagando um preço muito alto, nas comunidades em que vivem, devido ao teor da sua carta. Espero que a senhora tenha consciência quanto ao que fez, ao menos para que as atitudes futuras da presidência dessa Federação se pautem em bases outras verdadeiramente cristãs e respeitosas para com o próximo.

Há nisso tudo uma certa dose de ironia que somente poderá ser compreendida no futuro. Que seja!

Quanto ao que resta da minha sensibilidade pessoal, prezada senhora, já nesse aspecto da questão não reside nenhum problema pois, como já o disse, não me é dado cuidar do que pensam ao meu respeito, dos julgamentos feitos em relação à minha honra, mas sim, do que posso pensar a respeito de alguém. Dessa forma, não posso julgá-la ou qualificá-la sob a égide de nenhum epíteto, apenas lamento a sua atitude para com quem deveria merecer, no mínimo, misericórdia. Mas se nem disso sou credor aos olhos dos que fazem essa Federação, paciência, nada posso fazer a não ser lamentar o episódio, estimando que esse seja o último de uma série de atitudes pouco qualificadas junto aos ensinamentos de Jesus, dos Espíritos e de Kardec.

Amar o "Rio de Janeiro", como a senhora expressou em sua carta, parece ser fácil. Difícil é realmente amar o próximo, independente do que ele possa ser qualificado conforme os valores apontados pelos "juízes do mundo".

Peço a delicadeza moral da parte da senhora de pelo menos encaminhar cópia desta carta aos "companheiros" que lhe forneceram os elementos de acusação, ao seu confrade da cidade de Resende e onde mais a sua sensibilidade pessoal achar que deve dar-me o direito de algo expressar em relação ao julgamento que teve lugar nos corações dos que assim se permitiram ser instrumentos de tamanha levianidade espiritual.

Aqui encerro o que julgo ser do meu direito rogar aos que fazem a diretoria dessa Federação um pouco de prudência quanto às atitudes para com a honra alheia. Mas no caso de serem instaurados outros julgamentos relativos à minha pessoa, peço misericórdia, não para com o veredito, mas sim, para que a penalidade seja imposta com mais observância quanto aos aspectos das leis terrenas, já que, no que se refere às espirituais, ofertadas pelos Espíritos Codificadores, estas, infelizmente, há muito parecem ter sido esquecidas.

Lembro ainda que pretender exercer o monopólio moral para classificar e julgar outras pessoas é atitude, sob todas as óticas, das mais lamentáveis.

Sejamos, pois, caminhantes que jamais se detêm na verdadeira busca do autoconhecimento e na prática responsável do Ideal Fraterno.

Rogério Freitas.

ANEXO 6

**CARTA DE MANOEL PEREIRA JUNIOR, PRESIDENTE DO GRUPO ATLAN, A GERSON
SIMÕES MONTEIRO, PRESIDENTE DA USEERJ – UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SEM DATA.**

Ilmo Sr Gerson Simões Monteiro
Presidente da Umião das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro.

Esteja conosco a paz.

Tive a oportunidade de ler um fax enviado à sua pessoa, pela senhora [REDACTED], sobre Rogério Freitas (Jan Val Ellam), o que foi, para mim, motivo de não grata surpresa, pelas distorções ali apresentadas.

Há aproximadamente sete anos faço parte do Grupo Atlan. Durante esse tempo tenho acompanhado, de perto, o trabalho de Rogério, e percebi que alguns pontos levantados na carta vão de encontro ao que tenho presenciado nas reuniões, palestras e livros, ao longo desses anos.

Para não me alongar peço licença para ir direto aos pontos que considero como principais.

Quanto a Doutrina:

O que eu tenho escutado, através da mediunidade de Rogério, é que a doutrina espírita é eterna, por estar baseada em postulados cósmicos, que valem, tanto aqui neste planeta — cujos seres ainda são primitivos por não saberem conviver em harmonia uns com os outros —, como alhures.

Quanto ao Consolador:

Sempre foi ressaltado que o Espiritismo é o Consolador prometido, mas, Rogério diz que, o próprio Kardec afirmou no livro A Gênese, no capítulo XVII – 39 e 45, respectivamente (fato averiguado por mim ao pesquisar no livro), que a chegada do Consolador é um evento, e, a chegada do Cristo, é outro.

Quanto ao Movimento:

Suas críticas se referem ao radicalismo praticado em nome do purismo doutrinário (podemos constatar a veracidade disso em atitudes como as da nossa referida irmã); ele comenta sobre as desavenças entre os Centros Espíritas e que, está na hora de uma reformulação, não só dos espíritas, mas, também, de toda a humanidade.

Caro irmão, a nossa principal intenção, através desta, não é agir como advogado de defesa de Rogério, porque a obra que esta sendo escrita através dele é pública, e todos podem ter acesso a ela. Mas, sim, convidá-lo para conhecer um pouco o trabalho do Ellam, para que possam ser constatadas algumas distorções nas informações fornecidas pela irmã, que foram passadas à frente pela entidade reapresentada pelo senhor. Sei que o Movimento Espírita é feito por pessoas bem intencionadas — porém imperfeitas, como todos os outros seres humanos, portanto, falsoveis —, que possuem o sentimento de justiça e zelo pela verdade, por serem impulsionadas pela intenção da prática do amor. Esses requisitos asseguram a reparação das notícias dissonantes, em todos os locais onde elas circularam.

Ao longo de toda a nossa história — principalmente nas religiões — encontramos injustiças e incompreensões, motivadas, ou por interesses escusos ou por interpretações precipitadas, truncando informações e retardando o esclarecimento planetário. Aprendi, influenciado pelo próprio Kardec, que, antes de acreditar ou desacreditar, compreender.

Alguns segmentos do Espiritismo já comprehendem a importância do trabalho do Ellam. O bom senso sugere que, não podemos descartar a validade de um trabalho, polêmico, antes de analisá-lo e tirarmos as nossas próprias conclusões.

Será que não estaria na hora do Movimento Espírita, como um todo, pesquisar de onde foi tirada a informação de que Jesus não voltaria? Pelo que conheço da obra de Kardec imagino que não foi de lá. A meu ver, isso deve ser encarado com muita seriedade,

porque, se o Movimento Espírita estiver equivocado — em relação a esse ponto —, a onda que está sendo gerada por esse movimento está indo de encontro aos interesses de Jesus e de Kardec, se distanciando do verdadeiro propósito do Espiritismo.

Sabemos que a condição humana é um fator limitante e muitas vezes não percebemos o óbvio, no momento oportuno. Por isso, não podemos correr determinados riscos, por sabermos que, planos traçados, pacientemente, na espiritualidade, são deturpados, na materialidade.

Fomos informados que existem médiums inconscientes que estão recebendo mensagens sobre a volta do Mestre Jesus. Vocês poderiam fazer essa experiência e utilizarem algum médium inconsciente, para perguntar sobre essa volta. Talvez vocês tenham uma resposta.

Que todos nós possamos ascender a luz dos nossos corações, para que o bom senso e o discernimento se façam presentes nas nossas mentes.

Fraternamente,

Manoel Pereira Júnior
Presidente do Grupo Atlan

OBS:

- Seguem em anexo o manifesto do Projeto Orbum e o prefácio do livro de Jan Val Ellam, Nos Bastidores da Luz livro I, escrito pelo diretor da Rede Boa Nova de Rádio – São Paulo, Jether Jacomine Filho.
- O Jan Val Ellam, todos os domingos das 19:00 às 20:00 horas, participa do programa Projeto Orbum, na Rádio Boa Nova. Pode ser assistido através do site www.radioboanova.com.br. Os programas anteriores poderão ser assistidos of line.
- Qualquer comunicação conosco pode ser feita através do endereço atlan.rn@ig.com.br, será um prazer receber comunicados.
- Colocamos-nos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que esteja ao nosso alcance.
- Visite a nossa página www.atlanbr.com.br
- Desejamos que esse incidente venha a se transformar em uma parceria pela causa do nosso Mestre. Como dizem os nossos irmãos da espiritualidade: “há muito trabalho a ser feito e poucos candidatos para fazê-los”.

PROJETO ORBUM
FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

"DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA."

Princípios:

EXERÇA PLENAMENTE a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários. Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

SE SOMOS UMA FAMÍLIA, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

EXISTE UMA FORÇA política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

RESPEITAR AS FORÇAS políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial - imprescindíveis para a evolução terrestre - mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

NA VERDADE, SOMOS todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo. Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

SE VOCÊ CONCORDA com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o

compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

PROPAGUE ESTA IDÉIA, em especial para as novas gerações.

SONHE E TRABALHE por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

ESTA É UMA MENSAGEM DE FÉ e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

Grupo Atlan.

ANEXO 7

CARTAZES DE PALESTRAS DE ROGÉRIO DE FREITAS (JAN VAL ELLAM)

Vamos para a praia?

seminário com :

Jan Val Ellam

Tema:

O outro lado da Rebelião Luciferiana:
Gnosticismo Sethiano
+ um estudo sobre Javé, Lúcifer e Jesus +

Hotel Wembley Inn – Ubatuba – SP

de 05 a 07 junho de 2009

Programa

Dia 05, sexta-feira
20h – recepção e jantar

Dia 06, sábado
20h – manhã livre, almoço e Seminário das 14h às 20h

Dia 07, domingo
das 9h às 12h — Seminário

CUSTO*:

R\$450,00 p/ pessoa em aptº individual	* Hospedagem com pensão completa
R\$360,00 p/ pessoa em aptº duplo	+ seminário
R\$333,00 p/ pessoa em aptº triplo	
crianças até 05 anos não pagam	

Hotel quatro estrelas
(www.wembleyinn.com.br)
localizado na praia das Toninhas

Formas de pagamento:
à vista: 5% de desconto
Em 2 vezes (15/05 e 04/06)

Vagas Limitadas

Inscrições e reservas:
eventosorbum@gmail.com
atendimento@zianeditora.com.br
ou pelos telefones:
(11) 3721.5488
(11) 8169.4243 (Carlos Cruz)

Apoio: 

Encontro com
JAN VAL ELLAM
no Rio de Janeiro

**Carma, Psiquismo,
Influência Divina
e a Política do Amor na
Construção do Novo Homem**

09/05/2009, SÁBADO
das 15h às 19h30

LOCAL:
Teatro do ISERJ
Rua Mariz e Barros, 273
Praça da Bandeira – Rio de Janeiro

Investimento: R\$20,00

Informações e inscrições:
em São Paulo: 11 3721.5488 (Carlos)
no Rio: 21 9955.8804 (Krysamon)
Conta para depósito da inscrição:
Banco do Brasil Agência: 0635-1
Conta corrente: 7912-X
Zian Editora
CNPJ: 04.588.773/0001-91
Após efetuar depósito, enviar cópia do comprovante para: eventos@orbum.org

Venha participar da palestra

O Meio Ambiente e o Futuro do Planeta



16 de Junho
às 19h

LOCAL: Auditório Franco Montoro
Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
Palestrante: JAN VAL ELLAM

ACESSE: WWW.ECOJUREIA.COM.BR

JAN VAL ELLAM

Pseudônimo de Rogério de Almeida Freitas, executivo, escritor com diversas obras publicadas no Brasil, conferencista internacional, tem falado a públicos da África, Europa, Brasil, Canadá e Estados Unidos.

É autor da "Declaração de Princípios da Cidadania Planetária". Suas obras focalizam o passado histórico espiritual da humanidade terrena. Como escritor, já editou vários livros: Reintegração Cósmica – Recado Cósmico – Nos Céus da Grécia – Extraterrestre – A 7ª Trombeta do Apocalipse, entre outros.

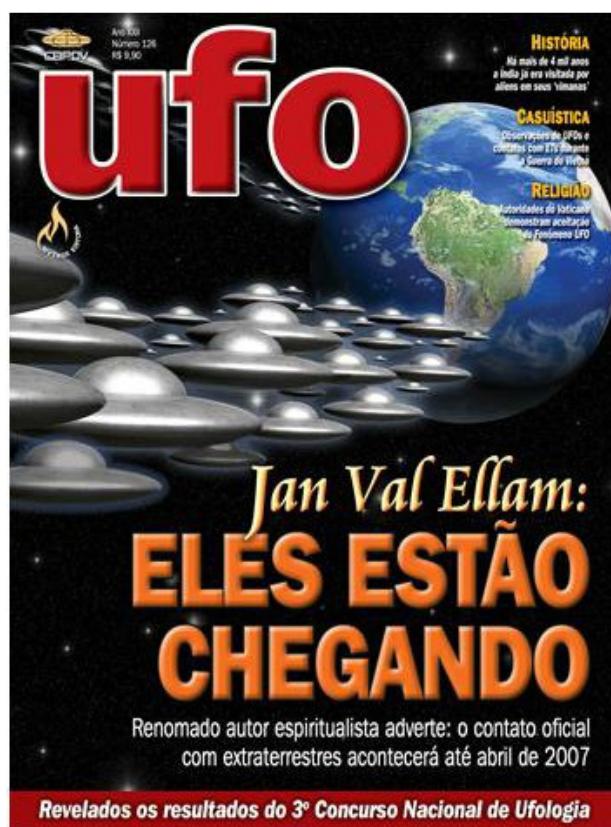
Apoio
Liderança do PT



ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA

ANEXO 8

ROGÉRIO DE FREITAS (JAN VAL ELLAM) NA REVISTA UFO



ANEXO 9

CERIMONIAL DO GRUPO RAMATÍS DE NATAL

**GRUPO DE ESTUDO RAMATIS DE NATAL
FRATERNIDADE DO TRIÂNGULO E DA CRUZ
- CERIMONIAL -**



SIGNIFICADO:

A Fraternidade do Triângulo e da Cruz foi criada com a fusão de dois grandes grupos: Do Oriente por Ramatís (Triângulo e da Cruz) e do Ocidente por Akhenaton (da Rosa).

CERIMONIAL:

É o conjunto de ritos.

PATRONO DO GRUPO:

Jesus, Ramatis, Akhenaton e Ramayon.

COMPOSIÇÃO

- 01- Grande Invocação**
- 02- Mantras**
- 03- Estudos das obras ramatisianas**
- 04- Agny-Yoga (meditação)**

01- GRANDE INVOCAÇÃO

Veio do Alto, durante a 1^a e a 2^a Guerra Mundial, para auxiliar o despertar da compreensão humana. Com a transição que se aproxima passaremos da era de peixes para a de aquário - serve esse idílio à humanidade, para a libertação do egocentrismo, rumo ao EU superior.

02- MANTRAS

PALAVRAS SAGRADAS: ajudam a liberar a consciência dos conflitos mundanos e trazê-la para um plano transcendental. A constante repetição vai acalmando a mente e abrindo caminho para um estado espiritual elevado através da ativação dos centros pSíquicos dos chakras. A pronúncia correta é muito importante para que os mantras se mostrem eficazes, uma vez que estão em idioma sânscrito, a língua sagrada dos hindus.

AUM - representa o estado de Consciência Universal. Como, "o nome de Deus em som", atua nos três planos: mental, emocional e físico (intenção, idéia e forma).

OM - verso da literatura Hindu - Ó TU. É o som básico, constituído de três letras: A, U e M. Atua no plano monático.

GAYATRI - é uma oração universal, que pede a concessão de um claro intelecto para que a Verdade possa ser refletida nele sem distorções. Sai Baba ensina que ele pode ser pronunciado por homens e mulheres de todas as religiões e crenças, pois apela o glorioso poder que emana do Sole dos Três Mundos: - Bhur: a terra; - Bhuvah: a Atmosfera e Swaha: aquilo que está além da atmosfera, descrito como céu; - para que impulsione, desperte e fortaleça a inteligência e leve o homem ao êxito. Aconselha-se sua prática durante o banho, para purificação do corpo, antes das refeições, para purificação dos alimentos e nas três divisões do dia (amanhecer, meio dia e anoitecer), podendo ser entoados três, sete, nove, ou onze vezes (tradicionalmente são cento e oito vezes).

GAYATRI MANTRA

OM
BHUR BHUVA SWAHA
TAT SAVITUR VARENYAM
BHARGO DEVASYA DHIMAH
DHIYO YO NAH PRACHODAYAT

Oh Divina Mãe! Afasta a escuridão de nossos corações e ilumina nosso Ser Interno
 Oh Gloriosa Luz que ilumina os três mundos,
 Que teu esplendor e tua graça iluminem o nosso intelecto te rogamos!

Obs: No final da recitação do Gayatri dizer:

OM Shanti, Shanti, Shanti.

(pedindo paz para o corpo, a mente e o espírito)

03- ESTUDOS DAS OBRAS RAMATISIANAS

Ramatís - Mestre do Oriente, sintetizou a psicologia, o conhecimento filosófico e a sabedoria oriental de forma simples e reflexiva para o entendimento dos ocidentais.

04- AGNY-YOGA

AGNY é um arcanjo que trabalha na formação do plano mental.

Obs.:

- 1º **plano** - Vontade e poder
- 2º **plano** - Amor e Sabedoria (nossa sistema solar)
- 3º **plano** - Inteligência ativa
- 4º **plano** - Harmonia através do conflito
- 5º **plano** - Conhecimento concreto (nossa mente)
- 6º **plano** - Devoção, Idealismo (emocional)
- 7º **plano** - Ordem e Organização.

GRUPO DE ESTUDO RAMATÍS
FUNDADO EM 08-05-1988
NATAL - RN

Ó Tu, que manténs em vida o universo, de quem provém o Todo, e a ti retoma novamente. Revela-nos Tua augusta face, do Sol eterno, espiritual, ali oculto por disco de áurea Luz, para que possamos perceber a verdade, e cumprir nossos deveres todos, de nossa longa viagem de peregrinos até Teus sagrados pés.

**OM
BHUR BHUVA SWAHA
TAT SAVITUR VARENYAM
BHARGO DEVASYA DHIMAH
DHIYO YO NAH PRACHODAYAT**

OM Shanti, Shanti, Shanti.

OM

INVOCAÇÃO ÀS FALANGES DO BEM

Doce nome de Jesus,
Doce nome de Maria,
Enviai-nos vossa luz,
Vossa paz e harmonia!

Estrela azul do Dharma,
Farol do nosso dever,
Libertai-nos do mau carma,
Ensinaí-nos a viver!

Ante o símbolo amado,
Do triângulo da cruz,
Vê-se o servo renovado
Por ti, Ó Mestre Jesus!

Com os nossos irmãos de Vênus e Marte,
Façamos uma oração:
Que nos ensine a arte
Da Grande Harmonização!

A GRANDE INVOCAÇÃO

Primeira estrofe (1936)

Que as Forças da Luz iluminem a humanidade.
Que o Espírito da Paz se difunda pelo mundo.
Que o Espírito de colaboração una aos homens de boa vontade onde quer que estejam.
Que o esquecimento de ofensas por parte de todos os homens seja a tônica dessa época.
Que o poder acompanhe os esforços dos Grandes Seres.
Que assim seja e que cumpramos a nossa parte.

Segunda estrofe (1940)

Que venham os Senhores da Libertaçāo.
Que tragam ajuda aos Filhos dos homens.
Que apareça o Cavaleiro do Lugar Secreto.
E com sua vinda salve.
Vem, ó Todo Poderoso!
Que as almas dos homens despertem para a Luz
E que permaneçam em conjunta intenção.
Que o Senhor pronuncie a ordem:

Tem chegado ao fim a dor!
 Vem, ó Todo Poderoso!
 Tem chegado para a Força Salvador a hora de servir.
 Que ela penetre em todos os lugares, ó Todo Poderoso.
 Que a Luz, o Amor, o Poder e a Morte
 Cumpram o propósito Daquele que vem.
 A VONTADE de salvar está presente.
 O AMOR para concluir a tarefa está amplamente difundido.
 A AJUDA ATIVA daqueles que conhecem a verdade
 Também está presente.
 Vem, ó Todo Poderoso e funde os três!
 Constrói a muralha protetora.
 O império do mal deve terminar agora.

Terceira estrofe (1945)

Do ponto de Luz na mente de Deus,
 Flua luz às mentes dos homens,
 Desça luz à Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
 Flua amor aos corações dos homens,
 Volte Cristo à Terra.

Do centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
 Guie o Propósito das pequenas vontades dos homens,
 O propósito a que os Mestres conhecem e servem.

No centro a que chamamos a raça dos homens,
 Cumpra-se o plano de Amor e Luz,
 e mure-se a porta aonde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder,
 Restabeleçam o Plano de Deus na Terra.

Invocação Maior

Da presença sublime em nossos corações,
 Ó Cristo, Ó Redentor,
 Recebe a chama ardente do nosso grande amor!

Da presença real que coroa as nossas mentes,
 Ó Cristo, Ó Potentado,
 Acolhe a luz nascente e o poder despertado!

Do tímido embrião da nossa inteligência,
 Ó Redentor, Ó Santo,
 Fabrica o teu bordão, manda tecer teu manto!

Porque queremos fechar para sempre a porta ao mal,
 Ó Cristo, Ó nosso irmão,
 Mostra-nos tua face e estende-nos a mão!

Que a Luz, o Amor e o Poder do Pai
 Se manifestem por teu intermédio
 Sobre nós, em nós e por nós,
 Eternizando o plano sobre a Terra!

AUM...

CONCENTRAÇÃO EM AGNY-YOGA

- 01 - Que os discípulos do Cristo afirmem a realidade do Poder Criador do Amor Divino, penetrando em tudo que existe.
- 02 - Que a água da vida do Cristo seja dada a todos que têm sede.
- 03 - Que a vontade do Cristo Onipotente se manifeste amorosamente na vida da humanidade.
- 04 - Que a humanidade permaneça no Centro da Vontade de Deus, de modo que nada desvie a vontade dos homens da Vontade de Deus.
- 05 - Que a Luz que se derrama do olho de Touros ilumine os dirigentes de todas as nações para a transfiguração de uma só humanidade.
- 06 - Que o amor crescente entre os homens afirme a realidade da volta do Cristo à Terra.
- 07 - Que Deus construa o templo vivo na humanidade e nele habite.
- 08 - Que o Leão da Hierarquia, o Cristo, queime tudo que bloqueia a evolução da humanidade.
- 09 - Que o Cristo interno de todo homem seja protegido, alimentado e revelado.
- 10 - Ressoa a palavra criadora e eleve seus mortos à vida.
- 11 - Que os guerreiros de Shamballa sejam vitoriosos na batalha pela Evolução da humanidade.
- 12 - Que o Cavaleiro do Lugar Secreto ajude a humanidade a atingir a meta do Plano Divino.

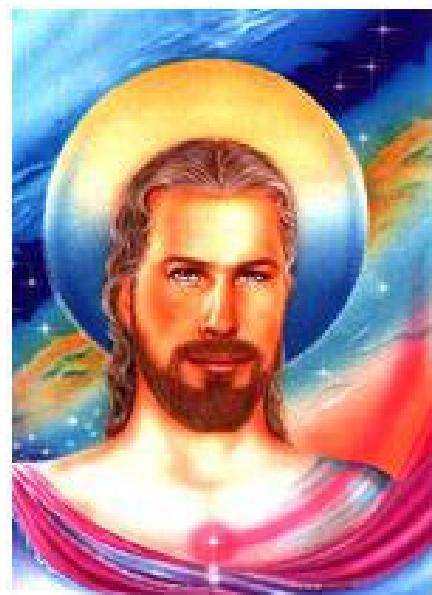
ANEXO 10

MESTRES ASCENSOS

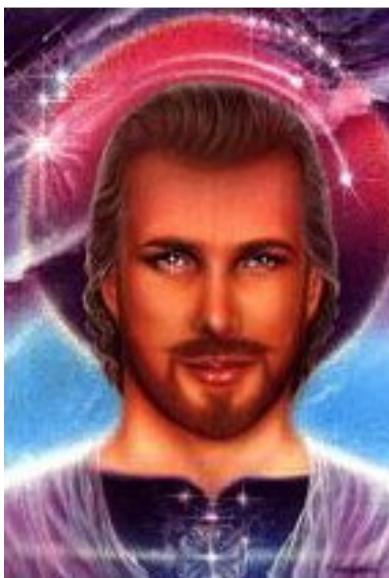
MESTRES ASCENSOS



Ashtar Sheran, Comandante-em-chefe da Confederação Galáctica (Armadas Celestiais), o piloto da nave que, segundo alguns adeptos, trará Jesus em sua *segunda vinda*.



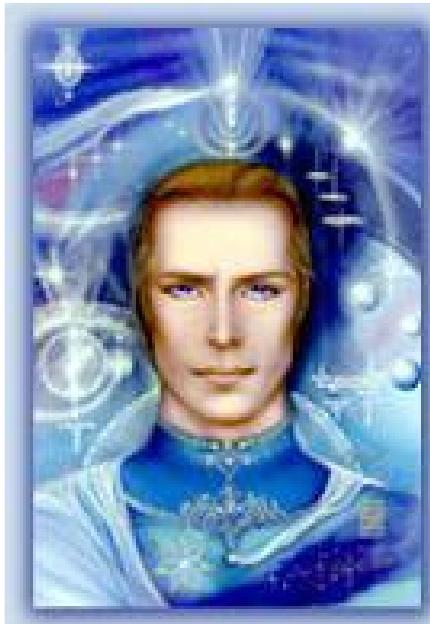
Mestre Sananda (Jesus), Comandante-em-chefe do planeta Terra



Mestre Saint-Germain, Mestre da Chama Violeta



Ramatís, Mestre da Fraternidade da Rosa, do Triângulo e da Cruz



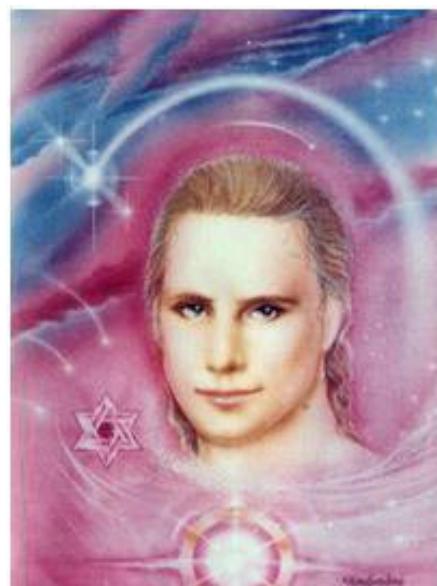
Shtareer



MÃe Maria



Mestra Nada



Mestre Elohin Órion



Mestre El-Morya



Mestre Khutumí

ANEXO 11

EMBLEMAS DE IDENTIFICAÇÃO DO COMANDO GALÁCTICO INTERESTELAR

EMBLEMAS DE IDENTIFICAÇÃO DO COMANDO GALÁCTICO INTERESTELAR

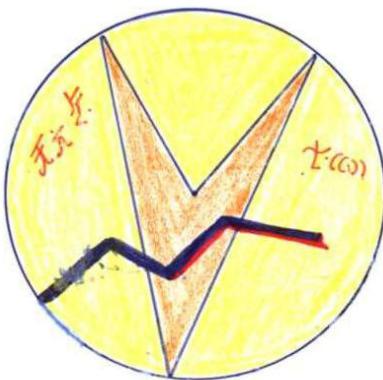


CONFEDERAÇÃO
 ASHTAREER & SHITAREER
 22/09/2003
 Foz do Iguaçu

Emblema do Comando Estelar



Emblema do Almirantado e dos Criadores Crísticos



Emblema da Federação Intergaláctica



Emblema dos Embaixadores da Federação Intergaláctica